



ISBN 978 989 8607 08 9



# LIVRO DE ATAS – ANAIS 26º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

- Lomba da Maia – 28 setembro a 2 de outubro 2016

**ÍNDICE GERAL ATAS:**

1. [HISTORIAL](#)
2. [TEMAS](#)
3. [COMISSÕES](#)
4. [INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO](#)
5. [SESSÕES CULTURAIS](#)
6. [ROTEIRO CULTURAL](#)
7. [LISTA DE PARTICIPANTES](#)
8. [HORÁRIO DAS SESSÕES](#)
9. [VÍDEO DA LOMBA DA MAIA](#)
10. [HISTÓRIA DA LOMBA DA MAIA](#)
11. [DISTÂNCIAS ENTRE LOCAIS DO COLÓQUIO E LOCAIS DE HOTEL](#)
12. [HOTÉIS](#)
13. [ALMOÇOS E JANTARES](#)
14. [DISCURSO DE PRESIDENTE DA AICL NA SESSÃO DE ABERTURA](#)
15. [BIODADOS DOS PATRONOS](#)
16. [ÍNDICE ALFABÉTICO DE PARTICIPANTES  
BIODADOS, SINOPSES E TRABALHOS FINAIS](#)

**[HISTORIAL DA AICL E DOS SEUS 26 COLÓQUIOS DA LUSOFONIA,  
REPRESENTANTE DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE](#) (atualizado em  
24/06/2021)**

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental (Porto, Bragança, Seia, Fundão e Montalegre), Açores (ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros locais: Belmonte (Portugal), Itália, Goa (Índia), Santiago de Compostela (Galiza), Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França, ilha de Santa Maria e outros países e ilhas açorianas. Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, *"I had a dream..."* para explicar como já realizámos vinte e quatro Colóquios da Lusofonia.

Criados em 2001, passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e, cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado - a - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, para - juntos - atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Aliás, desde a primeira edição abolimos os axionimos, ou títulos apensos aos nomes esse sistema português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos realizado o 21º Colóquio numa praia...

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia.

**NO 1º COLÓQUIO 2002 AFIRMOU-SE** Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

*“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.*

*Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.*

*A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilíngue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”*

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora.

Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico

eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.

A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

*“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é, sem dúvida, a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É, até, irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem.*

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas. Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário. É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo. Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo português, e todas as principais línguas: espanhol, chinês, russo, árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”*

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

**EM 2002...**patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas - Anais em DVD - CD no ato de acreditação dos participantes.

**NO 2º COLÓQUIO [2003] DISSE-SE** *Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais.*

*Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão.*

*Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge, pois, apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.*

*A atual crise portuguesa não é meramente económica, mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.*

Os cursos superiores estão ainda desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem aheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem

excesso de licenciados, mas sim falta de empregos. Mas será que falam português?

**NO 3º COLÓQUIO [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se** *Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Este Colóquio, como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.*

**EM 2004, lançamos a** campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

**NO 4º COLÓQUIO [EM 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevi**

*"O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade", defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa "tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas" e é tanto mais plausível porque "o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli", afirma Hull. "A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua portuguesa".*

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As

razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o Tétum e vários dialetos. O objetivo destas iniciativas é *“aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades”*.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que *“foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor”*, e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

*“O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum”*.

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar *“De momento está salvaguardado através do enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”*. Por

isso *“não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado e a crescer nos restantes países”*.

**EM 2006, NO 6º COLÓQUIO** No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios.

Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado, mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcandorar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número

de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congêneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja, verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do Colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A República Popular da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal.

A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa

pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação.

Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

**EM 2007, NO 8º COLÓQUIO** buscou-se um tema ainda mais polémico e a **necessitar de debate:** “*O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.*” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... A própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que

pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam, mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca. São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios [anuais] da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década e meia tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança (como base entre 2003 e 2010), Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (em 2013 e 2014), Fundão (2015) e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso (2014) e, na ilha Graciosa em 2015

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspectiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

**...nesse mesmo ano 2007 no 8º colóquio** Atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

**em 2008 no 10º colóquio**

Inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se proposadamente para dar "**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**". Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de

Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

**em 2009 nos 11º e 12º**, Definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu em 2011.

**em janeiro de 2010** Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar em linha - online - para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

**também em 2010, o 13º colóquio deslocou-se ao BRASIL**, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a AÇORIANÓPOLIS, essa décima ilha açoriana que é Florianópolis no Estado de Santa Catarina.

**em 2010, Bragança, no 14º colóquio**, Na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema "Ode ao Boeing 747" em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo). Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquio, no portal, disponível apenas para os associados.

**em 2011, no 15º colóquio**, Uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos. Ali se lançou o livro *Crónica Açores* vol. 2 de Chrys Chrystello.

**nesse ano de 2011, no 16º colóquio**, Fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além de se apresentar a **Antologia bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum

da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão *a posteriori* do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

**em 2012 no 17º colóquio na lagoa**, reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

**em outubro 2012, no 18º colóquio**,

Levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações, mas com fraca adesão de público.

**Na Lagoa e na Galiza (2012)** Difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico. Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**.

**Na Maia (2013) no 19º colóquio**, Lançaram-se vários novos projetos, a Antologia no feminino (9 Ilhas 9 escritoras), um cancionário, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP.



### Em Seia (2013) no 20º colóquio,

Criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos. Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello.

Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

**2014, o 21º colóquio** Teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos, Porto Formoso. Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º Colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato. Lançamos no 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho.

### Em 2014, no 22º colóquio em Seia,

Tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos e dançarinas de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

### Fundão 2015

Anunciaram-se inovações interativas para o preenchimento das fichas de inscrição e a preparação de pequeno volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas.

### 24º Graciosa 2015 conclusões

- Aceitar a proposta do associado José Soares de admitir Dom Carlos Filipe Ximenes Belo - nos termos do artigo 10, nº 3 do Regulamento Interno da AICL, que complementa os Estatutos Oficiais - como SÓCIO HONORÁRIO com efeitos imediatos a partir deste 24º colóquio.
- Iremos dar seguimento a vários projetos de cooperação informais com o IILP que aqui se fez representar pela sua Diretora Executiva Marisa Mendonça.
- Iremos fazer uma proposta à Academia Caboverdiana de Letras (ACL) para aderir à AICL
- Estudar e tentar viabilizar propostas de realização de próximos colóquios em Goa (associado José Paz), no Grão-Ducado do Luxemburgo (associado António Callixto) e em Santiago de Compostela (associado Alexandre Banhos com Fundação Meendinho)
- Regressar com os colóquios à Graciosa, o mais tardar, até 2018, dado ter-se tratado de um excepcional colóquio com enorme participação local.
- Aceitar a proposta do associado José Soares de obter apoios para a publicação de um livro já completado por Dom Ximenes Belo sobre um missionário açoriano no Oriente
- Propor ao Governo Regional a concessão de apoio específico para a publicação das restantes obras de Dom Ximenes Belo sobre os demais missionários açorianos no Oriente
- Reformular de imediato o Prémio AICL Açorianidades para contemplar a reimpressão do autor homenageado nesse ano, em vez de buscar novos autores, depois os objetivos de o Prémio terem falhado nestas suas primeiras edições
- Aceitar a proposta do júri do Prémio AICL para que Norberto Ávila seja o autor a homenagear em 2016

### 25º Montalegre abril 2016 - CONCLUSÕES E AGRADECIMENTOS

- Queremos expressar o nosso agradecimento público à **Câmara Municipal de Montalegre**, na pessoa do seu Presidente, Prof. Manuel Orlando Fernandes Alves e do seu Vice-Presidente, Dr David José Varela Teixeira, Dra. Fátima Fernandes Vereadora da Educação, Joana Abreu da Eventos Montalegre, ao João Ribeiro Afonso do Pavilhão Multiusos e seu incansável jovem assistente Pedro Lestra Pires no apoio cibernético (som, imagem, computação), ao incansável, gentil e sempre prestimoso condutor João, ao **EcoMuseu do Barroso** na pessoa da Eng.ª Gorete Carneiro (nossa coordenadora local), à nossa guia Luísa do EcoMuseu, ao Padre Fontes incansável guia de parte do nosso passeio cultural, à Maria João e outras colaboradoras que nos assistiram

no Secretariado Executivo, à **UTAD** (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), à **Tertúlia João Araújo Correia** na pessoa da sua coordenadora Dra. Helena Gil e demais membros participantes, ao **Embaixador Eugénio Anacoreta Correia** da CPLP e do Observatório da Língua Portuguesa, à embaixada da **República Democrática De Timor-Leste** em Lisboa, na pessoa do seu secretário Bonifácio Belo, aos nossos convidados de honra dramaturgo **Norberto Ávila** (homenageado AICL 2016) e ao Prémio Nobel da Paz 1996 **Dom Carlos Filipe Ximenes Belo**, (e ao grupo **Tane Timor** e ao Daniel Braga pela música timorense) pelo lançamento do seu livro e nosso projeto comum *Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira*, ao **José António Cabrita** (pelo lançamento do seu livro *Na lonjura de Timor / Iha dook rai timor*, à transportadora aérea **SATA**, ao **Governo Regional dos Açores**, à logomarca **Açores certificado pela Natureza**, ao **Geoparque Açores**, à **Direção Regional da Cultura** dos Açores, à **Direção Regional de Turismo** dos Açores, à **AGLP** (Academia Galega da Língua Portuguesa), à **Helena Chrystello** e ao nosso adjunto **José Soares**, ao **Grupo da Escola de Música Tradicional do Larouco**, ao **Rancho Folclórico da Venda Nova**, à família Pedreira que encenou a magnífica exibição do 25 de abril e ao **Grupo Terra Morena** (Xico Paradelo (voz e bombo); Bernardo Marques (voz, viola, acordeão, harmónica) e Heitor Real (voz, viola elétrica, baixo eletroacústico) e a todos os demais aqui não especificamente mencionados mas de alguma outra forma envolvidos na concretização de um dos melhores colóquios de sempre.

• Todas as componentes culturais (locais ou não) foram um sucesso, começando logo no primeiro dia com a pianista Ana Paula Andrade e a violinista Carolina Constância do Conservatório Regional de Ponta Delgada que nos deram a conhecer mais poetas açorianos musicados e trechos do Cancioneiro Açoriano; a que seguiu, a Escola de Música Tradicional do Larouco remetendos para as nossas origens célticas.No segundo dia, apesar dos chuviscos e da frescura do dia, a maioria pode ainda deleitar-se com a riqueza da visita a Vilar de Perdizes, à Senhora das Neves, Paço e aldeia sendo nosso Guia o Padre Fontes e a Luísa que da parte da tarde nos acompanhou na visita ao Mosteiro, forno do povo e Ecomuseu de Barroso (Espaço Padre Fontes).Ao terceiro dia tivemos o Rancho Folclórico da Venda Nova logo de manhã e a presença de Dom Ximenes Belo no lançamento do seu livro e numa curta alocução dia 24 durante a memorável sessão do 25 de abril (<http://www.cm-montalegre.pt/showNT.php?id=3175>).Além da sessão dedicada a Bento da Cruz tivemos outra dedicada a João Araújo Correia, duas sessões das 3 Academias da Língua representadas nestes colóquios, uma outra da AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa), a assinatura de um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa aqui representado pelo Embaixador Anacoreta Correia, duas

sessões dedicadas à Açorianidade sendo os intervalos pautados com vídeos das nove ilhas dos Açores.

- Tivemos ainda a participação de três oradores - autores - açorianos além do homenageado Norberto Ávila (Brites Araújo, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara). As 18 regiões e países representados são: Alemanha, Açores, Austrália, Bangladeche, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, França, Galiza, Goa, Índia, Itália, Luxemburgo, Malaca, Portugal, Macau, e Timor-Leste, incluindo 13 académicos representando três academias de língua portuguesa e membros de 13 universidades e politécnicos.

- Neste colóquio surgiu a hipótese de sermos recebidos em Goa pela Sociedade Lusófona de Goa do Professor Aurobindo Xavier caso se obtenham apoios para a deslocação da comitiva oficial.A hipótese da Páscoa 2018 em Compostela não foi debatida dada a ausência do nosso associado Alexandre Banhos da Fundação Meendinho que se propunha apoiar a sua realização em conjunto com a AGLP.

- A hipótese da Universidade de Perugia na Itália também não foi equacionada dada a ausência da associada Paula Limão daquela Universidade.Aventou-se a hipótese de convidar a CPLP a fazer a sua reunião anual (Comissão temática de promoção e difusão da língua portuguesa da CPLP) em conjunto com um dos próximos colóquios nos Açores ou aqui em Portugal, pelo que iniciaremos as diligências necessárias

- Igualmente foi solicitado que fizéssemos consultas para adesão da AICL à CPLP

- Foi decidido a AICL efetuar um lançamento na Casa dos Açores no Porto do livro de Dom Ximenes Belo com apoio da Tane Timor em data a acordar

- Foi decidido em unanimidade voltar a Montalegre (com base no atual protocolo existente) entre 2018 e 2021 dada a excelente memória que este 25º colóquio deixou em todos

- Foi anunciada a presença no 26º colóquio na ilha de São Miguel do outro Prémio Nobel da Paz de 1996, Dr José Ramos-Horta, tendo sido decidido convidar com base nos apoios obtidos DARRELL Kastin (escritor de renome e descendente de açorianos) bem como o angolano Ondjaki (Nдалu de Almeida). Nesse colóquio iremos convidar o Presidente do Governo Regional para fazer a abertura formal do evento e tentar lançar o CD de autores açorianos musicados pelo trio Bruma da EBI Maia

Em 2018 no Pico iremos fazer um concerto especial com as partituras do Padre Áureo da Costa Nunes e convidaremos autores picoenses ainda vivos

\*\*\*\*\*

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década e meia, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e

esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma?

Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

- *“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)”* - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, Professor Visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral.

Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos. A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais.

O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009). A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova

Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo.

Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos.

Onde está então a diferença?

Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios... A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

#### **Solução - síntese:**

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade,

que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Refletamos sobre o que disse Martin Luther King: " *O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...*"

**Leia o nosso MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO** <https://www.lusofonias.net/aicl/aicl-manifesto-2012.html>

## 1. TEMAS 26º COLÓQUIO

### 1. TEMA 1 AUTORES E TEMAS

- 1.1. Homenagem a ANTERO DE QUENTAL na celebração de 125 anos do seu falecimento (174 do seu nascimento)
- 1.2. Autores do concelho (Gaspar Frutuoso, Ruy Galvão De Carvalho, José Oliveira San-Bento, Cristóvão De Aguiar, Daniel De Sá, Onésimo T Almeida, Maria De Fátima Borges, Mário Moura, José Carlos Teixeira, Sacuntala De Miranda, etc.
- 1.3. Personalagens ilustres Da Lomba Da Maia: Amâncio Da Câmara Leite, Jonas Medeiros Negalha (1933-2007), Elias Medeiros Negalha, Agnelo Clementino, Serafim Clementino De Medeiros, Manuel (Eddy) De Melo, Eng.º Clemente Clementino De Medeiros, José Arruda, Anthony De Sá, Manuel Sá Couto, João Augusto Soares Brandão "O Popularíssimo, Amâncio Da Câmara Leite
- 1.4. Ribeira Grande: o concelho, história, etnografia, geografia, tradições e cultura

### 2. TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA

- 2.1. Língua portuguesa no mundo
- 2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários científicos
- 2.3. Língua Portuguesa língua de identidade e criação. A língua e a Galiza
- 2.4. Língua Portuguesa na comunicação social e no ciberespaço
- 2.5. Língua Portuguesa, lusofonia e diásporas
- 2.6. Língua portuguesa, ensino e currículos. Corpus da lusofonia.
- 2.7. Política da língua
- 2.8. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.9. Ortografia, desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.10. Outros temas lusófonos

### 3. TEMA 3 AÇORIANIDADES (TEMAS PERMANENTES)

- .3.1. Arquipélago Da Escrita - Literatura De Matriz Açoriana AUTORES Açorianos
- .3.2. AÇORIANOS em Macau e em Timor: D. Arquimínio, da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa

Nunes eD. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.

3.3. Revisitar a literatura de autores estrangeiros sobre os Açores, por exemplo: · Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores or Western Islands, London: · Bullar, Joseph / Henry (1841): A Winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London: John Van Voorst; · Henriques, Borges De F. (1867): A Trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard. · Orrico, Maria, "Terra de Lúdia". · Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" E "Regresso à Ilha", Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim", Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (cap. sobre os Açores, Faial), Updike, John. "Açores", Harper's Magazine, March 1964, pp. 11-37

## 4. TEMA 4 TRADUTOLOGIA

- 4.1. Tradução De Literatura Lusófona
- 4.2. Tradução De E Para Português

## 2. COMISSÕES DO 26º COLÓQUIO

### 2.1. COMISSÃO EXECUTIVA DO 26º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios  
 VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores  
 ADJUNTO DA DIREÇÃO José Soares, Jornalista  
 VOGAIS: Alberto Ponte, Presidente da Junta de Freguesia da Lomba da Maia e Lígia Ferreira, Junta de Freguesia da Lomba da Maia

### 2.2. SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores  
 ADJUNTOS:  
 João Costa Simões Chrystello, ENTA – Escola de Novas Tecnologias dos Açores, Ponta Delgada  
 Tiago Anacleto-Matias, Parlamento Europeu, Rolf Kemmler, UTAD José Soares, Jornalista açor-canadiano

### 2.3. COMISSÃO CIENTÍFICA 26º COLÓQUIO DA LUSOFONIA - COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL - outubro 2015 - outubro 2017

- Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal e AGLP
- Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil e AGLP

- Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
- Professora Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
- Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro
- Professora Doutora Maria, da Graça B Castanho, Univ. dos Açores
- Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
- Dr Norberto Ávila, dramaturgo, Lisboa, Portugal
- Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL, Académico Correspondente da AGLP
- Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL

### 3. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO DE SINOPSES E TRABALHOS FINAIS

#### INSTRUÇÕES - 1

**[NB: ORTOGRAFIA: DADO HAVER INÚMERAS ORTOGRAFIAS OFICIAIS DESDE 1911, A AICL CONVERTEU E UNIFORMIZOU, A PARTIR DE 2007, TODOS OS ESCRITOS POSTERIORES A 1911 PARA O AO1990, ÚNICA GRAFIA ACEITE NAS ATAS / ANAIS]**

1. ■ A sinopse da comunicação a apresentar tem de ser enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados na Ficha de Inscrição
2. ■ Não deve exceder 300 palavras e nela deve constar, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
3. ■ Tem de ser escrita em português. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas atas/anais.
4. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) (não queremos CV mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor)

#### Importante:

5. ■ Deve enviar TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (VER FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no DVD de Atas/Anais do Colóquio. ■ O não-envio dos trabalhos finais dentro das datas pode levar à exclusão do orador e à não-publicação no DVD de Atas/Anais do Colóquio. ■ **Cada orador dispõe de exatamente de apenas 15 minutos** para fazer a apresentação com alguns minutos de debate no fim da sessão (uma pergunta por orador). P.F. sejam tão breves nas questões quanto possível.

#### Notas sobre o material a enviar ao COMITÉ CIENTÍFICO:

*Escreva de modo a persuadir um especialista da sua área de que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com*

*cultura científica que não seja necessariamente um especialista na área de candidatura. O objetivo da sua candidatura é convencer os avaliadores de que as ideias propostas são suficientemente importantes e relevantes para que sejam apresentadas. Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.*

*Critérios formais: **qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte** (O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato pretende desenvolver o seu trabalho. Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato poderá vir a ter e a originalidade do seu contributo)*

*Critérios informais de apreciação pelo comité científico:*

0. *tratamento de tema e subtema interessante e atraente para uma audiência genérica e para os sócios da AICL em geral*
1. *Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...*
2. *Ter interesse e estar conforme aos principais objetivos dos colóquios*
3. *Prometer ser uma mais-valia para uma audiência genérica com latitude até 3 ou 4 temas especializados*

#### INSTRUÇÕES 2

1. *Formato: Microsoft Word 2003 /20072. Tipo de letra (Font): ARIAL 9 (espaçamento 1.5)*
- 3.1. **Número de páginas do trabalho a ler: 4-5 páginas para não exceder os 15 minutos.**
- 3.2. **Número de páginas do trabalho final: 10-12 páginas incluindo notas de rodapé, de fim e gráficos.**
4. *Título: negrito.5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado,6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.*
- 7 *Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: EM ITÁLICO, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e., como Sager afirma (1998:70-71) ARIAL tamanho 8 (espaçamento 1)*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. *Livro: Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.*
2. *Artigo sobre livros: Bessé, Bruno. (1997) 'Terminological Definitions'. In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology Management. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company.*
3. *Artigos de jornal/revista: Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta Vol. 36-1, 128-134.*

4. Internet: Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice'. Disponível em <http://europa.eu.int/comm/translation/theory/gambier.htm> em \_\_/\_\_/\_\_

**NOTAS:** SEMPRE RODAPÉ.

**GRÁFICOS E TABELAS:**

Numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título/número no texto

**sessões culturais**

- Roteiro cultural 30 setembro **14.00 Passeio Lomba da Maia: Igreja, mercearia Antiga, Miradouro do Ti Domingos sobre a Praia da Viola, Capela Velha e Mostra de Artesanato**
  - **15.00 Chá Porto Formoso**
  - **16.00 Passagem pela Caldeira Velha (SE NÃO CHOVER)**
  - **17.00 Fábrica De Licores Mulher De Capote. Cidade Da Ribeira Grande (Incl. Miradouro Do Palheiro, Poças)**
- 17.30 MUSEU DA EMIGRAÇÃO, beberete oferecido pela Câmara Municipal da Ribeira Grande.**

**4. LISTA DE PARTICIPANTES**

NOME	INSTITUIÇÃO, REGIÃO, PAÍS	PARTICIPANTE OU TEMA
1. ALEXANDRE LUÍS 23	UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) /LABCOM.IFP COVILHÃ, PORTUGAL	ALGUMAS PÁGINAS SOBRE AS MISERICÓRDIAS NO IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS
ANA COSTA LOPES 28	ESE, INSTº POLITÉCº VISEU, PORTUGAL	IMPRESSÕES EM JEITO DE COMEMORAÇÃO: OS 90 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE AS ILHAS DESCONHECIDAS NOTAS E PAISAGENS DE RAÚL BRANDÃO (EM COAUTORIA COM ANABELA SARDO)
2. ANA PAULA ANDRADE	CONSERVATÓRIO DE PDL, AÇORES	RECITAIS
3. ANABELA NAIA SARDO 27	ESTH - ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E HOTELARIA, INSTº POLITÉCº GUARDA, PORTUGAL	IMPRESSÕES EM JEITO DE COMEMORAÇÃO: OS 90 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE AS ILHAS DESCONHECIDAS NOTAS E PAISAGENS DE RAÚL BRANDÃO (EM COAUTORIA COM ANA COSTA LOPES)
4. ANNA KALEWSKA 1	UNIVERSIDADE DE	LUDWIK IDZIKOWSKI

	VARSÓVIA, POLÓNIA	(VARSÓVIA, 24.08.1891 – GUADALUPE, GRACIOSA, 13 de julho de 1929) – PIONEIRO DA TRAVESSIA DO ATLÂNTICO ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA DO NORTE POR VIA AÉREA
5. ANTÓNIO CALLIXTO 18	EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA, TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU (1986-2012, LUXEMBURGO)	UNIÃO EUROPEIA, A BABEL ORGANIZADA DOS NOSSOS DIAS.
6. BRITES ARAÚJO 2	NAV. ESCRITORA, AÇORES	O LIVREIRO DE SANTIAGO, O CORVINO CARLOS GEORGE NASCIMENTO
7. CARLA SOFIA LUÍS 24	UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) /LABCOM.IFP COVILHÃ, PORTUGAL	ALGUMAS PÁGINAS SOBRE PEREGRINAÇÃO DE BARNABÉ DAS ÍNDIAS DE MÁRIO CLÁUDIO
8. CAROLINA CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRIO DE PDL, AÇORES	RECITAIS
9. CAROLINA CORDEIRO 26	ESCRITORA, AÇORES	A INDELÉVEL PRESENÇA DO MUNDO NOS ESCRITOS DE DANIEL DE SÁ
10. CHRYS CHRYSTELLO	AUSTRÁLIA,	ORGANIZAÇÃO
11. CONCEIÇÃO CASTELEIRO	LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL CONVIDADA
12. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA	ESC. SEC DAS LARANJEIRAS, PDL, AÇORES	PRESENCIAL
13. CONCHA ROUSIA16	AGLP, BIBLIOTECÁRIA-ARQUIVISTA DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA, GALIZA	PORTA PARA O EXTERIOR, DOCUMENTÁRIO SOBRE A GALIZA
14. EDUÍNO DE JESUS 33	ESCRITOR AÇORIANO CONVIDADO. PRESIDENTE LISBOA DA "ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUEENTAL" - CASA DOS AÇORES EM LISBOA	HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUEENTAL: ANTERO E O DIVINO PARADOXO
15. EMANUEL MELO	CANADÁ	PRESENCIAL
16. FÁTIMA MADRUGA	MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, PORTUGAL	PRESENCIAL
17. FILINTO ELÍSIO 36	ACADEMIA	SESSÃO DAS ACADEMIAS Os

ATAS do 26º colóquio da lusofonia, lomba da maia 2016

	CABOVERDIANA DE LETRAS	<i>fazeres estéticos insulares no quadro da lusofonia: o caso de Cabo Verde</i>
18. FRANCISCO MADRUGA	EDITOR CALENDÁRIO DE LETRAS, VNGAIA P	PRESENCIAL
19. HELENA ANACLETO-MATIAS (19)	ISCAP, IPP PORTO, PORTUGAL	DE "UNHOLY GHOSTS" [DE RICHARD ZIMMLER] A "COSSACOS INVISÍVEIS" - UMA TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS
20. HELENA CHRYSTELLO	VICE-PRESIDENTE DIREÇÃO AICL E EB 2,3 MAIA, AÇORES,	ORGANIZAÇÃO
21. HENRIQUE CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRIO REGIONAL PONTA DELGADA	RECITAL
22. JOÃO C. S. CHRYSTELLO	ENTA - ESCOLA NOVAS TECNOLOGIAS DOS AÇORES	PRESENCIAL, ORGANIZAÇÃO
23. JOÃO MALACA CASTELEIRO 8	ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, PORTUGAL	SESSÃO DAS ACADEMIAS
24. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA 34	VICE-PRESIDENTE INSTº CULTURAL DE PDL, ASS.ANTIGOS ALUNOS LICEU ANTERO DE QUINTAL, AÇORES	HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUINTAL: OS LIVROS DE ANTERO
25. JOHN BAKER	UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA	PRESENCIAL
26. JOSÉ ANDRADE 13	ALRA (PARLAMENTO AÇORES), ASS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUINTAL E ASS ANTIGOS ALUNOS CONSERVº REG. PONTA DELGADA, AÇORES	A(s) CIDADE(s) DE ANTERO. (HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUINTAL)
		DOIS LIVROS COM MÚSICA DENTRO.
27. JOSÉ do COUTO RODRIGUES 4	PORTUGUESE HERITAGE PUBLICATIONS, CALIFÓRNIA, EUA	PHPC - A EDITORA DA COMUNIDADE PORTUGUESA DA CALIFÓRNIA. UNTAMED DREAMS - FACES OF AMERICA SONHOS INDOMÁVEIS - ROSTOS DA AMÉRICA
28. JOSÉ F VENTURA	AÇORES	PRESENCIAL

29. JOSÉ RAMOS-HORTA 6	PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, EX-PRESIDENTE DA RDTL E EX-PRIMEIRO MINISTRO, TIMOR-LESTE,	CONVIDADO DE HONRA, SESSÃO DAS ACADEMIAS
30. JOSÉ SOARES	JORNALISTA, CANADÁ, AÇORES	PRESENCIAL, ORGANIZAÇÃO
31. KATHARINE F. BAKER 21	TRADUTORA, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA	TRADUZIR PARA INGLÊS O CICLO DE POESIA "AÇÓRICO ROTEIRO ABREVIADO" [A BRIEF AZOREAN TOUR], DO LIVRO PERCURSO DE POETA (POETIC TOUR) DE NORBERTO ÁVILA
32. LUCIANO PEREIRA 30	ESE, DEPTº CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INSTº POLITÉCº SETÚBAL,	A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS OU A INFINITA PAIXÃO DE NORBERTO ÁVILA
33. MÁRCIA SOUTO	ROSA DE PORCELANA EDITORA, CABO VERDE	PRESENCIAL
34. MARGARETE SILVA 20	TRADUTORA FREELANCE, PORTUGAL	A TRADUÇÃO COMO VEÍCULO TRANSMISSOR DE UMA LÍNGUA
35. MARIA DA GLÓRIA OLIVEIRA 29	PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	AS MARCAS LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A CONTRIBUIÇÃO DOS AÇORIANOS PARA A FORMAÇÃO DO GAUCHÊS.
36. MARIA JOÃO RUIVO 33	ESC. SEC ANTERO DE QUINTAL, ASSOCIAÇÃO ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUINTAL, AÇORES	HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUINTAL: O ENSINO DE ANTERO
37. MARIA JOSÉ DE SOUSA	IILP CABO VERDE	PRESENCIAL
38. MÁRIO MELEIRO (AICL) 9	INSTº POLITÉCº DA GUARDA, PORTUGAL	VOCABULÁRIO CLÁSSICO NO LÉXICO DE RICARDO REIS
39. MARISA MENDONÇA 7	DIRETORA EXECUTIVA IILP CPLP, C. VERDE MOÇAMBIQUE	SESSÃO DAS ACADEMIAS, CPLP E IILP
40. NORBERTO ÁVILA 38	DRAMATURGO CONVIDADO/HOMENAGEADO, AÇORES	AUTOR HOMENAGEADO, APRESENTA A PEÇA QUEM ESCREVEU «AS HISTÓRIAS DE HAKIM» pelo GRUPO DE TEATRO O FIGURINO
41. PAULO MENDES 12	PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AIPA - CABO VERDE	DE CAIS DE PARTIDA PARA O CAIS DE CHEGADA - OS MIGRANTES NOS AÇORES"

ATAS do 26º colóquio da lusofonia, lomba da maia 2016

42.	PEDRO PAULO CÂMARA 25	APRODAZ – CASA DO POVO DE FETEIRAS, ESCRITOR, AÇORES	ORPHEU: "O ESTRANHO CASO DE VIOLANTE DE CYSNEIROS"
43.	PERPÉTUA SANTOS SILVA	ESE, IP SANTAREM	PRESENCIAL
44.	RAFAEL CARVALHO	CONSERVATÓRIO DE PDL, AÇORES	RECITAL
45.	RAUL LEAL GAIÃO	INVESTIGADOR, LISBOA, PORTUGAL	AÇORIANOS EM MACAU: D. PAULO JOSÉ TAVARES
46.	RICARDO LACERDA / 14	PRODUTOR REALIZADOR, AÇORES	DOCUMENTÁRIO TIMOR IDA NEBE FA'AN PULSA
47.	FRANCISCO ROSAS /15		
48.	ROLF KEMMLER	UTAD, ALEMANHA	PRESENCIAL, ORGANIZAÇÃO
49.	SANTA INÊZE SOARES	INSTº CULTURAL PORTO ALEGRE, BRASIL	PRESENCIAL,
50.	TIAGO ANACLETO-MATIAS (	PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS, BÉLGICA	PRESENCIAL, ORGANIZAÇÃO
51.	URBANO BETTENCOURT 10	ESCRITOR, AÇORES	GERMANO DE ALMEIDA MEMÓRIAS E RISO
52.	VILCA MARLENE MERÍZIO 17	INSTITUTO DE GENEALOGIA DE SANTA CATARINA, BRASIL	QUANDO O DESCONHECIDO É SOBEJAMENTE FAMILIAR: SE OS CARVALHOS FALASSEM DE CONCHA ROUSIA
53.	XIMENES BELO (D. CARLOS) 37	PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, TIMOR-LESTE,	UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR, PE. CARLOS DA ROCHA PEREIRA"
54.	RUI FARIA	AÇORES	TEATRO
55.	GRUPO DE TEATRO CAMARÁRIO O FIGURINO	AÇORES	TEATRO
56.	GRUPO BRUMA	PORTUGAL	RECITAL POETAS AÇORIANOS
57.	ANÍBAL RAPOSO	AÇORES	RECITAL
58.	VÂNIA DILAC	AÇORES	RECITAL
59.	ZECA MEDEIROS	AÇORES	RECITAL
60.	RANCHO DA LOMBA DA MAIA	AÇORES	RECITAL FOLCLORE
61.	GRUPO DE JOVENS DA LOMBA DA MAIA	AÇORES	RECITAL
17 pessoas		GRUPO TIMOR FURAK E GRUPO LE ZIAVAL, TIMOR-LESTE	RECITAIS

### 5. HORÁRIO DAS SESSÕES

**DIAS 28 SETº A 2 OUTº 2016 - SESSÕES GRATUITAS E ABERTAS AO PÚBLICO. PASSEIOS, ALMOÇOS E JANTARES APENAS PARA PRÉ-INSCRITOS. ORADORES DISPÕEM DE APENAS 15 MINUTOS NA MAIOR PARTE DAS SESSÕES**

### 28 setº 4ª Fª PONTA DELGADA BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL DE PONTA DELGADA<sup>1)</sup>

17.30	Saída EcoBeach Resort / Quinta De Santana, passagem no aeroporto João Paulo II rumo à Biblioteca
19.00  Sessão 0	Interlúdio musical de Viola da Terra por Rafael Carvalho do Conservatório Regional de Ponta Delgada seguido de 2-3 DANÇAS DE TIMOR (GRUPO TIMOR FURAK E LE ZIAVAL - DIRETAMENTE DE DÍLI Apresentação literária por Urbano Bettencourt do livro "Um missionário açoriano em Timor (Pe. Carlos da Rocha Pereira) de Mons. Ximenes Belo. SESSÃO DE AUTÓGRAFOS COM O AUTOR
ORADOR 10 E 37	

### 29 setº quinta-feira – Teatro Ribeiragrandense

15.30  partida	ECOBEECH RESORT E QUINTA DE SANTANA
16.00  Sessão 1.1	VÍDEOS RIBEIRA GRANDE 00.30, LOMBA DA MAIA 07.48', APRESENTAÇÃO AICL 09.00', AÇORES CERTIFICADO PELA NATUREZA 01.30 + HINO DA LUSOFONIA 1.40'
16.20  Sessão 1.2	Assinatura protocolos (SATA e Academia Cabo-Verdiana De Letras)
16.30  Sessão 2	Abertura – DISCURSOS (8) – ENTIDADES OFICIAIS (1. Professor Avelino Menezes, Secretário Regional da Educação e Cultura em representação do Governo Regional, 2. Dr Alexandre Gaudêncio, Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, 3. Alberto Pacheco Ponte, Presidente da Junta de Freguesia da Lomba da Maia, 4. Chrys Chrystello, Presidente da Direção da AICL), 5. Dr José Ramos Horta (Prémio Nobel Da Paz 1996), 6. Dra. Marisa Mendonça (Diretora Executiva do IILP CPLP), 7. Dr Filinto Elísio (Academia Cabo-Verdiana De Letras), 8. Dr Norberto Ávila (Escritor Convidado e Homenageado pela AICL em 2016)
17.15  Sessão 3	TIMOR LIVRO APRESENTAÇÃO DO LIVRO PE. CARLOS DA ROCHA PEREIRA, UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR DE MONS. XIMENES BELO POR Urbano Bettencourt
17.30  Sessão 4.	RECITAL DO CANCIONEIRO AÇORIANO E DE POETAS AÇORIANOS MUSICADOS POR ANA PAULA ANDRADE (PIANO) CAROLINA CONSTÂNCIA (VIOLINO)
18.00  Sessão 5.1	TIMOR Orador 14/15 RICARDO LACERDA / FRANCISCO ROSAS, DOCUMENTÁRIO TIMOR IDA NEBE FA'AN PULSA
18.15  Sessão 5.2	TIMOR DOCUMENTÁRIO TIMOR IDA NEBE FA'AN PULSA DE RICARDO LACERDA E FRANCISCO ROSAS
18.30   Sessão 5.3	RECITAL DANÇAS DE TIMOR (GRUPO TIMOR FURAK E LE ZIAVAL - DIRETAMENTE DE DÍLI

<sup>1</sup> A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada no centro da cidade de Ponta Delgada, é facilmente acessível a pé desde o Largo da Matriz ou Portas da Cidade. Fica junto à Igreja do Colégio (Museu de Arte Sacra), no jardim Antero de Quental e imediações do largo do Colégio (largo do Marquês de Pombal).



ATAS do 26º colóquio da lusofonia, lomba da maia 2016

19.00   Sessão 6	HOMENAGEM A NORBERTO ÁVILA POR GRUPO DE TEATRO O FIGURINO «AS HISTÓRIAS DE HAKIM»
19.30   regresso	REGRESSO AO HOTEL: ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
20.00  Jantar	RESTAURANTE ECOBEACH RESORT
21.30  Sessão 7 <b>RECITAL</b>	MÚSICA DO MUNDO E DOS AÇORES ANÍBAL RAPOSO, VÂNIA DILAC, ZECA MEDEIROS

**30 sexta-feira 30 – ESCOLA (EBI) DA MAIA E RIBEIRA GRANDE**

09.00  09.15	SAÍDA DO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
10.20  Sessão 8.1 ESCOLA EB 2,3 DA MAIA	(7): 1. PRESIDENTE DO CONSELHO EXECUTIVO DA EBI MAIA, DR MANUEL SIMÃO, 2. PRESIDENTE AICL CHRYS CHRYSTELLO, 3 PATRONOS DA AICL, PROFESSOR MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, 4. MESTRE CONCHA ROUSIA DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA E 5. DR FILINTO ELÍSIO DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS, 6. DR JOSÉ RAMOS HORTA EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, EX-PRIMEIRO-MINISTRO E PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, 7. DRA. MARISA MENDONÇA, DIRETORA EXECUTIVA DO IILP (INSTITUTO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA DA CPLP)
10.45  Sessão 8.2	ENCONTRO COM OS ESCRITORES: 1. EDUÍNO DE JESUS, 2. NORBERTO ÁVILA, 3. URBANO BETTENCOURT, 4. BRITES ARAÚJO, 5. PEDRO PAULO CÂMARA, 6. CAROLINA CORDEIRO
11.10  Sessão 8.3 <b>TEATRO</b>	VÍDEO HOMENAGEM NORBERTO ÁVILA <b>REPRESENTAÇÃO</b> (POR ALUNOS) DEDICADA A NORBERTO ÁVILA
11.30  Sessão 8.4 <b>RECITAL</b>	"A BRUMA" INTERPRETA POETAS AÇORIANOS MUSICADOS
11.45  Sessão 8.5 <b>RECITAL</b>	DANÇAS DE TIMOR (GRUPO TIMOR FURAK E LE ZIAVAL - DIRETAMENTE DE DÍLI
12.15	PAUSA
12.30   Almoço	RESTAURANTE O CORDEIRINHO
14.00   Sessão 9.1	PASSEIO LOMBA DA MAIA (IGREJA, MERCEARIA, MIRADOURO DO TI DOMINGOS, CAPELA VELHA, MOSTRA DE ARTESANATO), CHÁ PORTO FORMOSO, CALDEIRA VELHA, FÁBRICA DE LICORES MULHER DE CAPOTE. CIDADE DA RIBEIRA GRANDE (MIRADOURO DO PALHEIRO, POÇAS)
17.30   Sessão 9.2	PASSEIO MUSEU DA EMIGRAÇÃO_A CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE OFERECE UM BEBERETE COM PRODUTOS LOCAIS AOS CONGRESSISTAS
18.30   regresso	REGRESSO AO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
20.00  jantar	RESTAURANTE ECOBEACH RESORT

21.30  Sessão 10 Hotel <b>RECITAL</b>	FADO COM MÁRIO FERNANDES E À GUITARRA ALFREDO GAGO DA CÂMARA
22.00 Sessão 11 Hotel <b>RECITAL</b>	DANÇAS DE TIMOR (GRUPO TIMOR FURAK E LE ZIAVAL - DIRETAMENTE DE DÍLI - GRUPO TIMOR FURAK - LE ZIAVAL

**1 outubro – sábado 1 – SALÃO DA JUNTA DE FREGUESIA DA LOMBA DA MAIA**

09.00  09.15	SAÍDA DO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
09.45  Secretariado	MOSTRA LIVROS AICL - CALENDÁRIO DE LETRAS
Sessão 12 <b>AÇORIANIDADES 1</b>	MODERADOR <b>LUCIANO PEREIRA OU CONCHA ROUSIA</b> <u>CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</u>
10.00  Orador 25	PEDRO PAULO CÂMARA, <i>ORPHEU: "O ESTRANHO CASO DE VIOLANTE DE CYSNEIROS</i>
10.15  Orador 2	BRITES ARAÚJO, <i>O LIVREIRO DE SANTIAGO, O CORVINO CARLOS GEORGE NASCIMENTO</i>
10.30  Orador 3	RAUL LEAL GAIÃO. <i>AÇORIANOS EM MACAU: D. PAULO JOSÉ TAVARES</i>
10.45  Orador 4	JOSÉ do COUTO RODRIGUES, <i>PHPC – A EDITORA DA COMUNIDADE PORTUGUESA DA CALIFÓRNIA</i>
11.00  Orador 5	DARREL KASTIN, <i>ESCREVER SOBRE A HERANÇA E A GENÉTICA DA AÇORIANIDADE (trabalho lido por ELIS FIGUEIREDO KASTIN)</i>
11.15  Debate	<b>PAUSA VÍDEO AÇORES ANTIGO</b>
11.40  Sessão 13 <b>FOLCLORE</b>	ATUAÇÃO GRUPO FOLCLORE DA LOMBA DA MAIA (LARGO DA JUNTA ou sala de atos se chover)
Sessão 14 Nobel	MODERADOR <b>CHRYS CHRYSTELLO</b> <u>ORADOR TEM 30 MINUTOS</u>
12.00  Orador 6	JOSÉ RAMOS HORTA, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996
12.30  Debate	15 MINUTOS COM O NOBEL
12.45  Sessão 15 <b>RECITAL</b>	CANTIGAS AO DESAFIO
13.15  Almoço	RESTAURANTE O CORDEIRINHO
Sessão 16 <b>ACADEMIAS</b>	ACADEMIAS, MODERADOR <b>CHRYS CHRYSTELLO</b> <u>CADA ORADOR TEM 20 MINUTOS</u>
15.15  Orador 7	MARISA MENDONÇA, DIRETORA EXECUTIVA DO IILP - CPLP
15.35  Orador 6	JOSÉ RAMOS HORTA, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996
15.55  Orador 8	JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, DE LISBOA
16.15  Orador 36	FILINTO ELÍSIO C DA SILVA, ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS, OS FAZERES ESTÉTICOS INSULARES NO QUADRO DA LUSOFONIA: O CASO DE CABO VERDE
16.35	<b>PAUSA VÍDEO</b>
<b>16.45  Sessão 17</b>	<b>RECITAL DO CANCIONEIRO AÇORIANO E DE POETAS AÇORIANOS</b>

ATAS do 26º colóquio da lusofonia, lomba da maia 2016

<b>RECITAL</b>	MUSICADOS POR ANA PAULA ANDRADE (PIANO) CAROLINA CONSTÂNCIA (VIOLINO), HENRIQUE CONSTÂNCIA (VIOLONCELO),
Sessão 18 <b>Língua, Literatura</b>	<b>MODERADOR ANABELA SARDO OU LUCIANO PEREIRA CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</b>
17.15  Orador 9	MÁRIO MELEIRO, <i>VOCABULÁRIO CLÁSSICO NO LÉXICO DE RICARDO REIS</i>
17.30  Orador 10	URBANO BETTENCOURT, <i>GERMANO ALMEIDA MEMÓRIAS E RISO</i>
17.45  Debate	<b>PAUSA</b>
Sessão 19 <b>AÇORIANIDADES 2</b>	<b>MODERADOR LUCIANO PEREIRA OU RAUL GAIÃO CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</b>
18.00  Orador 12	PAULO MENDES, <i>DE CAIS DE PARTIDA PARA O CAIS DE CHEGADA - OS MIGRANTES NOS AÇORES</i> "
18.15  Orador 13	JOSÉ ANDRADE, DOIS LIVROS PARA O DIA DA MÚSICA. <i>AQUI PORTUGAL – OS PRIMEIROS ANOS DA TELEFONIA NOS AÇORES, REEDIÇÃO COMEMORATIVA DO 75º ANIVERSÁRIO DA RÁDIO PÚBLICA DOS AÇORES. BANDA DA RELVA &amp; FILARMÓNICAS DOS AÇORES, EDIÇÃO COMEMORATIVA DO 150º ANIVERSÁRIO DA FILARMÓNICA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES</i>
18.30  Debate	<b>PAUSA</b>
18.45  Sessão 20 <b>RECITAL</b>	GRUPO DE JOVENS DA LOMBA DA MAIA
19.15   regresso	REGRESSO AO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
20.30  Jantar	RESTAURANTE ECOBEACH RESORT

**2 outubro domingo 2 SALÃO DA JUNTA DE FREGUESIA DA LOMBA DA MAIA**

09.00	SÁIDA DO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
09.45  Secretariado	MOSTRA DE LIVROS AICL E CALENDÁRIO DE LETRAS
Sessão 21 <b>GALIZA</b>	<b>MODERADOR JOSÉ SOARES OU FRANCISCO MADRUGA CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</b>
10.00  Orador 16	CONCHA ROUSIA, APRESENTA <i>DOCUMENTÁRIO SOBRE A LÍNGUA NA GALIZA</i>
10.10  Vídeo	DOCUMENTÁRIO GALIZA, <i>PORTA PARA O EXTERIOR</i>
11.00  Orador 17	VILCA MERÍZIO, <i>QUANDO O DESCONHECIDO É SOBEJAMENTE FAMILIAR: SE OS CARVALHOS FALASSEM (CONCHA ROUSIA.)</i>
11.15  Debate	<b>PAUSA VÍDEO</b>
Sessão 22 <b>TRADUÇÃO</b>	<b>MODERADOR TIAGO ANACLETO-MATIAS OU HELENA CHRYSTELLO CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</b>
11.30  Orador 18	ANTÓNIO CALLIXTO, <i>UNIÃO EUROPEIA, A BABEL ORGANIZADA DOS NOSSOS DIAS.</i>

11.45  Orador 19	HELENA ANACLETO-MATIAS, <i>DE "UNHOLY GHOSTS" [DE RICHARD ZIMMLER] A "COSSACOS INVISÍVEIS" - UMA TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS</i>
12.00  Orador 20	MARGARETE SILVA, <i>A TRADUÇÃO COMO VEÍCULO TRANSMISSOR DE UMA LÍNGUA</i>
12.15  Orador 21	KATHARINE F BAKER, <i>TRADUZIR PARA INGLÊS O CICLO DE POESIA "AÇÓRICO ROTEIRO ABREVIADO" [A BRIEF AZOREAN TOUR], DO LIVRO PERCURSO DE POETA (POETIC TOUR) DE NORBERTO ÁVILA</i>
12.30  Debate	<b>PAUSA</b>
Sessão 23 <b>OUTRAS</b>	<b>MODERADOR ROLF KEMMLER OU CONCHA ROUSIA CADA ORADOR DISPÕE DE 15 MINUTOS</b>
12.45  Orador 23	ALEXANDRE LUÍS, <i>ALGUMAS PÁGINAS SOBRE AS MISERICÓRDIAS NO IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS</i>
13.00  Orador 24	CARLA SOFIA LUÍS, <i>ALGUMAS PÁGINAS SOBRE PEREGRINAÇÃO DE BARNABÉ DAS ÍNDIAS DE MÁRIO CLÁUDIO</i>
13.15  Almoço	RESTAURANTE O CORDEIRINHO
15.15  Sessão 24 <b>RECITAL</b>	RAFAEL CARVALHO E A VIOLA DA TERRA, acompanhado de César Carvalho e Carolina Constância
Sessão 25 <b>AÇORIANIDADES 3</b>	<b>MODERADOR BRITES ARAÚJO OU HELENA CHRYSTELLO CADA ORADOR TEM 15 MINUTOS</b>
15.45  Orador 1	ANNA KALEWSKA, <i>LUDWIK IDZIKOWSKI (VARSÓVIA, 24.08.1891 – GUADALUPE, GRACIOSA, 13 de julho de 1929) – PIONEIRO DA TRAVESSIA DO ATLÂNTICO ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA DO NORTE POR VIA AÉREA</i>
16.00  Orador 26	CAROLINA CORDEIRO, <i>A INDELÉVEL PRESENÇA DO MUNDO NOS ESCRITOS DE DANIEL DE SÁ</i>
16.15  Orador 27/28	ANABELA NAIÁ SARDO E ANA COSTA LOPES, <i>IMPRESSÕES EM JEITO DE COMEMORAÇÃO: OS 90 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE AS ILHAS DESCONHECIDAS NOTAS E PAISAGENS DE RAÚL BRANDÃO</i>
16.30  Orador 29	MARIA DA GLÓRIA OLIVEIRA, <i>AS MARCAS LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A CONTRIBUIÇÃO DOS AÇORIANOS PARA A FORMAÇÃO DO GAUCHÊS.</i>
16.45  Orador 30	LUCIANO PEREIRA, <i>A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS OU A INFINITA PAIXÃO DE NORBERTO ÁVILA</i>
17.00  Debate	<b>PAUSA VÍDEO</b>
Sessão 26 <b>ANTERO AÇORIANIDADES 4</b>	<b>HOMENAGEM A ANTERO NOS 125 ANOS DA SUA MORTE MODERADOR URBANO BETTENCOURT OU HELENA CHRYSTELLO</b>
17.30  Orador 33	JOSÉ ANDRADE, <i>"A(s) CIDADE(s) DE ANTERO"</i>
17.40  Orador 13	JOÃO PAULO CONSTÂNCIA, <i>"ANTERO esboço de uma abordagem para os</i>

	<i>alunos de hoje</i> "
17.50  Orador 34	MARIA JOÃO RUIVO, "ANTERO esboço de uma abordagem para os alunos de hoje"
18.00  Orador 35	EDUÍNO DE JESUS, "ANTERO E O DIVINO PARADOXO"
18.30  Debate	<b>PAUSA VÍDEO</b>
18.45  Sessão 27	CONCLUSÕES ENCERRAMENTO PRESIDENTE DA AICL, CHRYS CHRYSTELLO
19.15	REGRESSO AO ECOBEACH RESORT E QUINTA DE SANTANA
20.30  JANTAR	RESTAURANTE ECOBEACH RESORT

### MODERADORES

- SESSÃO 12 (AÇORIANIDADES 1) LUCIANO PEREIRA
- SESSÃO 14 / 16 (NOBEL) (ACADEMIAS) CHRYS CHRYSTELLO
- SESSÃO 18 (LÍNGUA E LITERATURA) ANABELA SARDO
- SESSÃO 19 (AÇORIANIDADES 2) LUCIANO PEREIRA
- SESSÃO 21 (GALIZA) JOSÉ SOARES OU FRANCISCO MADRUGA
- SESSÃO 22 (TRADUÇÃO) TIAGO ANACLETO-MATIAS
- SESSÃO 23 (OUTRAS) ROLF KEMMLER
- SESSÃO 25 (AÇORIANIDADES 3) HELENA CHRYSTELLO
- SESSÃO 26 (AÇORIANIDADES 4, ANTERO) URBANO BETTENCOURT

**16 PAÍSES E REGIÕES REPRESENTADOS (ORADORES E PRESENCIAIS):**  
**AÇORES 19, TIMOR-LESTE 18, PORTUGAL 15, EUA 6, CABO VERDE 4,**  
**BRASIL 3 (SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL), CANADÁ 2,**  
**ALEMANHA 1, AUSTRÁLIA 1, BÉLGICA 1, GALIZA 1, LUXEMBURGO 1,**  
**MOÇAMBIQUE 1, POLÓNIA 1**

#### convidados

Prémio Nobel da Paz 1996 José Ramos Horta  
 Prémio Nobel da Paz 1996, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo  
 Norberto Ávila, autor homenageado 2016  
 Eduíno de Jesus, homenagem a Antero de Quental  
 Darrell Kestin, autor convidado da diáspora  
 Marisa Mendonça, Diretora Executiva do IILP/CPLP  
 Filinto Elísio Correia e Silva, Academia Cabo-verdiana de Letras  
 José Couto Rodrigues, Califórnia,  
 Paulo Mendes, AIPA Ass. dos Imigrantes nos Açores  
 José Andrade, AAALAQ, deputado do Parlamento açoriano  
 João Paulo Constância, Instº Cultural de Ponta Delgada, AAALAQ,  
 Maria João Ruivo, AAALAQ

Ricardo Lacerda/Francisco Rosas\_IDA NEBE FA'AN PULSA (O Vendedor De Pulsa) (documentário Timor)  
 Grupos de Danças de Timor: Timor Furak e Le Ziaval

### 6. VÍDEO DA LOMBA DA MAIA

### 7. HISTÓRIA DA LOMBA DA MAIA

#### O CASTELO

O castelo é uma fortificação, estrutura arquitetónica com funções defensivas e residencial geralmente em posição dominante no terreno, para facilitar o registo visual das forças inimigas e comunicações a grandes distâncias.

O castelo clássico com praça de armas era cercado pelas edificações adossadas às muralhas, sendo o topo percorrido por um adarve e protegido por ameias e o acesso pelo Portão de Armas (principal), havendo a "Poterna" ou "Porta da Traição" para a eventual retirada dos defensores.

As muralhas, reforçadas por torres, eram elementos defensivos, com matacães e ameias. A defesa ampliada por barbacãs, fossos e valas (secos ou inundados) para dificultar a aproximação e proteger contra os trabalhos de sapa dos invasores. A torre de menagem era um pequeno castelo dentro da cidadela. Os portões defendidos por pesadas portas levadiças com uma grade nas ombreiras do portão bloqueando a passagem. Diversos castelos portugueses foram erguidos sobre castros pré-romanos, em locais ocupados até à invasão islâmica. Aquando da Reconquista cristã foram aproveitadas alargadas e reforçadas. Lá residia uma população escassa. A restante nos campos vizinhos só recolhia em caso de ataque. A estrutura arquitetónica do castelo sofreu mutações e em meados do séc. XIV com as armas de fogo, tornou-se necessário modificá-los. Já se utilizavam trons (bombardas) desde o tempo de D. Fernando. Foi preciso criar um novo espaço defensivo, a fortaleza, que levou ao abandono da maioria dos castelos no território.

Nos Açores existem fortalezas, mas chamam-se, por exemplo, Castelo de São Sebastião (Porto de Pipas séc. XVI), Castelo de São João Baptista (Praia Formosa, Santa Maria) e são uma construção torreada, seguindo um modelo defensivo tardo-medieval.

Existe um "castelo" na Lomba da Maia, na aparência do tipo doméstico micalense com a típica cozinha e forno, quarto de dormir e falsa. Não tem torreões, ameias ou ponte levadiça, nem tampouco paliçadas ou fossos. Não se lhe conhece nome nem pendão. Foi assim batizado numa visita do vizinho escritor da Maia, Daniel de Sá, por lá se avistar, dia e noite, um insaciado castelão teclando obstinadamente lusofonia.

Por isso, todos os anos, o roteiro lúdico-cultural dos Colóquios da Lusofonia passa pela Lomba da Maia para verem o artesanato, provarem o vinho "abafado"

local e para os conferencistas espreitarem a janela do "castelo" e se aperceberem de que é possível organizar eventos internacionais como os nossos congressos por detrás daquela janela bem menos imponente que uma torre de menagem, mas com vista de frente para as vacas alpinistas, à direita para o imenso Mar Oceano e para a ponta oeste da ilha com o maciço das Sete Cidades.

Longe de tudo e todos. Em plena costa norte. Agreste e fresca, pejada de ventos enregelantes de nordeste (o afamado vento "mata-vacas") e os ciclónicos chuvosos ventos de suão. Calma pelo bucolismo das suas encostas, das ubíquas e pachorrentas vacas leiteiras e do extenso panorama de terra e mar.



A rivalidade bairrista entre a Lomba e a Maia é secular, ainda patente nas conversas quotidianas do século XXI, e jamais estará restabelecida da incapacidade em mudar o nome para Nossa Senhora do Rosário e da enorme desfeita real de 1699 quando perdeu a sua eterna luta de rivalidade com a vizinha Maia.

*"...o rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele ano de 1699...a Lomba da Maia, sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia." (in Mário Moura: a criação de uma paróquia")*

A Lomba da Maia (20,5 km<sup>2</sup>) fica a 21 km da sede do concelho (Ribeira Grande), virada para o mar, latitude 37.83 (37°44') N, longitude 25.35 (25°21') W e uma altitude de 339 metros. Foi elevada a freguesia em 1876, antes da construção da sua imponente igreja de face altiva ao mar, arrogante na sua distância e altura.

Deve o nome a um dorso geográfico, que a caracteriza como uma lomba<sup>2</sup>. Designação utilizada na toponímia açoriana para designar as elevações alongadas encaixadas entre os talwegues de cursos de água adjacentes. A povoação, com importante atividade pecuária, foi habitada, provavelmente, no primeiro quarto do século XVI, infelizmente, há poucos registos históricos a assinalá-lo.

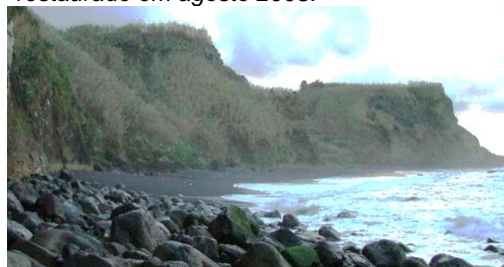
*A Lomba da Maia é o principal aglomerado urbano, centrado na lomba que dá o nome à localidade. Tem como núcleo principal uma malha urbana relativamente densa em torno da Igreja. Prolonga-se por arruamentos maioritariamente de orientação norte-sul, paralelos às ribeiras, para norte (Rua da Igreja) e para sul.*

*Na parte alta há o lugar de Trás do Outeiro. Mais a sul do Pico do mesmo nome, há o Burguete entre os vales da Ribeira da Faia, a oeste, e da Ribeira do Cavalo, a leste. Tem uma estrutura linear norte-sul, com as habitações alinhadas ao longo da estrada que sobe ao longo da margem direita da Ribeira da Faia.*

*O Pico do Burguete é um cone vulcânico sobranceiro à costa da Lomba, com 321 m de altitude no seu ponto mais alto, dissimétrico com a vertente norte mais inclinada, formado por piroclastos basálticos.*

*Motivo de orgulho é a Praia da Viola para sossego e relaxamento. Sugere-se a descida a pé pelo trilho da Ribeira do Preto. Há outro, junto à praia, que data da época dos moinhos que maceravam o milho, sustento de toda a freguesia e vizinhas. A Junta de Freguesia e a Câmara da Ribeira Grande que adquiriram em 2016 os velhos moinhos em ruínas esperam poder reconstruí-los e dar-lhes serventia turística.*

*De carro basta descer até ao fim da Lomba, ao Miradouro do Tio Domingos restaurado em agosto 2008.*



PRAIA DA VIOLA

<sup>2</sup> Cf. Lomba na Enciclopédia Açoriana.



MIRADOURO DO TI DOMINGOS



TAPETE DE FLORES EM PROCISSÃO



IGREJA DE 1877



1950



1960

*A igreja paroquial é dedicada a N.ª S.ª do Rosário e no interior poderá admirar talha dourada. A festa da padroeira é celebrada no último domingo de agosto, com procissão e arraial com a duração de uma semana de festejos. Nos últimos anos, a afluência de emigrantes e visitantes tem aumentado substancialmente e vive-se um outro espírito na freguesia, as pessoas empenham-se em embelezar tudo. No domingo de festa, as ruas por onde passa a procissão são decoradas com tapetes de flores.*

Foi durante muitos anos uma fonte de emigração para os EUA e Canadá. Também aqui há artesãos locais com trabalhos típicos para exibirem orgulhosamente aos forasteiros, nomeadamente na Festa do Linho em agosto. Aparte a visita anual dos conferencistas da Lusofonia, a Lomba retorna às notícias e aos ecrãs apenas aquando do Rali SATA que aproveita as excelentes picadas em terra junto ao Clube de Golfe da Achada das Furnas.

### 1. HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

**A Lomba da Maia** é uma freguesia rural açoriana do concelho da Ribeira Grande, com 1 152 habitantes (2011), o que corresponde a uma densidade populacional de 56,3 hab/km<sup>2</sup>. Situa-se na região central da costa norte da ilha de São Miguel numa das mais importantes áreas de criação de bovinos de leite dos Açores, confronta a norte com o mar, a leste e oeste respetivamente com as freguesias de Fenais da Ajuda e Maia (ambas do concelho da Ribeira Grande) e a sul com a freguesia das Furnas (concelho de Povoação). Para além da localidade da Lomba da Maia, a freguesia inclui o lugar do Burguete. O topónimo *Lomba da Maia* deriva da localidade se encontrar situada sobre uma *lomba* sobranceira à freguesia da Maia.

A região onde se localiza a freguesia, com uma importante atividade pecuária, foi provavelmente povoada no primeiro quartel do século XVI a partir da localidade da Maia, hoje a freguesia da Maia, cuja existência é anterior a 1522, ano em que a Maia já tinha um desenvolvimento considerável.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Ponta Delgada

No final do século XVI, Gaspar Frutuoso refere que o povoado da “*Lomba da Maia parte da Lomba Nascente com a Grotinha da Fonte e da banda do poente com a Grota da Cruz*”. O cronista menciona, ainda, a existência de uma ermida de invocação a Nossa Senhora do Rosário, na Lomba Grande.

No que concerne ao templo e a este lugar pouco se sabe. Primitivamente, terá sido construído no primeiro quartel do século XVI, presumindo-se que o povoamento terá ocorrido por volta de 1520, pois, após o terramoto de 1522, frei Mont'Alverne refere o seguinte: “*O povo julgando já ser o dia do Juízo Final foi admoestado pelo clero que tomassem por advogado da ilha a Virgem Santíssima do Rosário e na Lomba da Maia se fez também uma casa em seu louvor*”.

O primitivo templo deu origem à atual igreja paroquial, construída em 1877, também ela dedicada a Nossa Senhora do Rosário. É um templo de singela fachada e interior de três naves.

Foi a partir da Maia, onde era relativamente fácil o desembarque, que o povoamento se foi estendendo para leste, com as habitações a localizarem-se sobre as *lombas* sobranceiras às principais ribeiras, a partir das quais era fácil o abastecimento de água. Em consequência, o território da freguesia da Maia, nele se incluindo a Lomba da Maia, ocupava inicialmente toda a faixa costeira desde a ponta onde foi fundada até à Ribeira da Salga, já para além dos Fenais da Ajuda (que então se chamavam Fenais da Maia). Para o interior da ilha, o território da Maia chegava até ao vale das Furnas<sup>4</sup>.

Inicialmente o território da Maia, aqui entendido na aceção mais geral da faixa norte da ilha entre a Ponta da Maia e a Ponta da Ajuda, pertencia ao concelho de Vila Franca do Campo. Com a elevação da Ribeira Grande à categoria de vila, a 4 de agosto de 1507, aquela situação manteve-se, pois, o território do novo concelho foi então definido como sendo o que se situava até à distância de uma légua do seu pelourinho, o que excluía a Maia. Assim, a Maia (e por consequência a Lomba da Maia) continuou a pertencer a Vila Franca do Campo até 1820, ano em que território vilafranquense da costa norte foi incorporado no concelho da Ribeira Grande<sup>5</sup>.

A partir de 1916 a Lomba da Maia passou a fazer parte da Ouidoria católica de Fenais de Vera Cruz (Fenais da Ajuda), o que alimentou por muitos anos o desejo de autonomização da parte oriental do concelho da Ribeira Grande como um novo concelho, com sede na Maia.

Com o crescimento da população, as diversas localidades foram inicialmente transformadas em curatos sufragâneos da Igreja Paroquial do Espírito Santo da Maia e depois progressivamente transformados em freguesias autónomas, num processo que prosseguiu até ao século XX e que ainda não se completou, como

o prova a discussão em torno da possível elevação a freguesia do lugar da Lombinha da Maia.

O lugar da Lomba da Maia foi elevado à categoria de paróquia autónoma em 1876, livre da sua anterior pertença à Maia. No território da paróquia ficou incorporado o Burguete, até ali também lugar da Maia. A elevação a freguesia ocorreu por decreto de 7 de novembro de 1907, o qual fixou a atual configuração territorial das freguesias da Lomba da Maia e da Maia<sup>6</sup>.

A igreja paroquial da Lomba da Maia, construída em 1877, é dedicada a Nossa Senhora do Rosário, orago da paróquia católica da localidade. O seu interior, com três naves separadas por esbeltas colunas talhadas em basalto, é decorado com belos altares em talha dourada. A festa em honra da padroeira é celebrada no último domingo de agosto, com procissão e arraial a que em geral se segue uma semana de festejos.

Entre o património mais notável da freguesia conta-se:

- A Igreja de Nossa Senhora do Rosário;
- Ermida de Santa Ana, antiga igreja paroquial, hoje capela funerária da freguesia;
- *A praia da Viola, conhecida estância balnear, com uma alta cascata e os restos das antigas azenhas;*
- *O Miradouro do Tio Domingos, com uma soberba panorâmica sobre a costa norte de São Miguel;*
- *A Herdade de Nossa Senhora das Graças, construída em 1920 e antigo local de produção de chá, hoje uma pequena hospedaria dedicada ao turismo rural.*

O progresso chegou em 1973, a 3 de novembro, quando foi inaugurada a eletricidade da Lomba da Maia, graças à Junta de Freguesia: Amâncio da Câmara Leite - José Augusto Soares Raposo - António José do Couto - e o regedor Estêvão Cordeiro do Rego. Estiveram presentes: o Governador do Distrito, substituto, coronel Soares Ferreira, eng. Deodato Chaves Magalhães de Sousa (Presidente do Conselho de Administração da Empresa Insular de Eletricidade), dr. Jorge de Melo Gamboa (Presidente da Assembleia Geral da Empresa), eng. Fernando António Monteiro da Câmara Pereira (Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande) e os presidentes de Junta das freguesias do Concelho da Ribeira Grande. O primeiro PT (Posto de Transformação) da

<sup>4</sup> [http://www.amigosdamaia.com/files/MAIA-DANIEL\\_DE\\_SA.doc](http://www.amigosdamaia.com/files/MAIA-DANIEL_DE_SA.doc)

<sup>5</sup> [Daniel de Sá, A Vila que o não foi.](#)

<sup>6</sup> Departamento Regional de Estudos e Planeamento dos Açores (DREPA), *Aspetos demográficos - Açores 1978*, Angra do Heroísmo: DREPA, 1981: pp. 19-20.

energia elétrica ficou colocado no jardim onde hoje se planta o linho, em frente às escolas primárias<sup>7</sup>.

Entre outras, a Lomba da Maia alberga as seguintes instituições:

- *Paróquia de Nossa Senhora do Rosário; com ATL e várias atividades*
- *Junta de Freguesia da Lomba da Maia com atividades de lazer e de apoio à Terceira Idade;*
- *Casa do Povo da Lomba da Maia, com o seu Centro de Convívio de Idosos da Lomba da Maia;*
- *Escola Básica Professor Amâncio da Câmara Leite (educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico), incluída na Esc. Básica Integrada da Maia;*
- *Um pavilhão polivalente (no local do antigo campo de futebol)*
- *Secção Destacada n.º 3 da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande.*
- *Caixa de Crédito Agrícola*
- *Um posto de venda de combustíveis*
- *Um restaurante e três cafés*
- *Uma loja de ferragens, dois supermercados e várias lojas mais pequenas, e uma mercearia “à moda antiga” que em breve passará a núcleo museológico*

A freguesia da Lomba da Maia tem aprovada, por despacho publicado no *Diário da República*, II série, n.º 144, de 25 de junho de 2003, a seguinte heráldica:

- *Brasão: escudo de prata, com uma vaca de negro malhada, entre duas rocas de azul com estrigas e maçarocas de vermelho; em campanha, monte de verde. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: «LOMBA da MAIA».*
- *Bandeira: azul. Cordão e borlas de prata e azul. Haste e lança de ouro.*



<sup>7</sup> Fonte: Jornal “Açores” de 3 de novembro de 1973 - Partilhado por Sá Couto

## 2. BENEMÉRITOS E FILHOS ILUSTRES:

- *Amâncio da Câmara Leite, professor de primeiras letras, muito contribuiu para o desenvolvimento cultural da localidade, no ensino da música, do teatro e no apoio à criação de grupos de jovens vocacionados para o efeito. Foi durante vários mandatos presidente da Junta de Freguesia. É patrono da escola do primeiro ciclo designada Escola Básica Professor Amâncio da Câmara Leite.*

- *Jonas de Amaral Medeiros Negalha (1933-2007), professor, poeta, escritor, filósofo, diplomado em literatura (1972) e filosofia (1976), membro da União Brasileira de Escritores viveu no Brasil e faleceu em S. Paulo. A sua obra é contestada por vários intelectuais.*

- *Elias de Medeiros Negalha, radicado em Lisboa e autor de Os Meninos da Rua: Prevenção da Delinquência Juvenil (S. Paulo, 1993) obra considerada de elevado mérito pedagógico.*

- *Agnelo Clementino serviu o Exército Português e fundou um grupo de Escuteiros. Em 1940 emigrou para Santo Domingo, malograda experiência para centenas de micalenses com contratos de trabalho. Um ano depois, estavam cheios de fome, maltratados e abandonados pelo Governo Português. Escreveu uma carta aberta ao Diário de Notícias de Nova Bedford, apelando à ajuda para emigrarem. Alguns regressam à terra natal e Agnelo emigra para a Venezuela onde trabalha como empregado doméstico. Por intermédio do irmão Manuel, consegue carta de chamada para a Califórnia onde inicia lides radiofónicas na KTIM de San Rafael (1947). Fadista amador e tocador da guitarra, Agnelo supera a falta de discos e preenche o programa com originalidade. Durante 30 anos dirigiu um programa diário em língua portuguesa com mais de cem mil ouvintes. Importou filmes portugueses, projetados em mais de 12 cidades e contratou artistas portugueses como Amália Rodrigues. Angariou centenas de milhares de dólares para as mais diferentes causas. Faleceu em San Rafael em 1977.*

- *Serafim Clementino de Medeiros emigrou muito novo para as Bermudas. Na cidade de Hamilton, alia-se ao seu conterrâneo Mariano Raposo e a outros emigrantes e funda a Associação Benemérita Vasco da Gama em 1936. Foi Tesoureiro até 1943, já esta agremiação contava com 125 sócios.*

- *Manuel Eduardo (“Eddy”) de Mello (n. em 1937) emigrou para as Bermudas com a família aos 11 anos. É o seu próprio empresário musical e produz gravações dos principais artistas locais. Trouxe aos palcos Ray Charles e Amália Rodrigues. Foi presidente do Clube Desportivo Vasco da Gama (1967-84) e serviu de intérprete comunitário. Diretor de um programa em língua portuguesa por mais de 30 anos,*

*serviu no Centro Cultural Português, e foi membro do comité para a residência permanente nas Bermudas. Foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique (1979) e em 1988 foi condecorado pela rainha da Inglaterra com um Certificado e Medalha de Honra pelos serviços prestados à comunidade portuguesa e ao entretenimento. Em 2004 foi reconhecido com o prémio “Bermuda Arts Council’s Lifetime Achievement Award” pela sua contribuição em prol das artes.*

*- Eng.º Clemente Clementino de Medeiros nasceu na Rua do Rosário. Filho de António e Rosa Clementino Craveiro, desde novo demonstrou qualidades de bom estudante e enorme habilidade mecânica. Construiu vários engenhos em miniatura. Foi o primeiro aluno universitário da freguesia, formando-se em engenharia na Universidade de Coimbra. Na Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada foi Chefe das Obras Públicas até a sua morte (aos 50 anos). Construiu a estrada das Pedras do Galego (Furnas) que tinha sofrido enormes derrocadas porque os traços anteriores não conseguiam desviar as águas da estrada. Foi responsável pelas modificações na estrada da Ribeira Grande ao Nordeste, incluindo a ponte da Ribeira do Preto na Lomba da Maia. Foi benfeitor da Casa do Trabalho (Nordeste), empreendimento de valor para a preservação do artesanato regional. A mãe explorou uma mercearia na parte inferior da casa. Em Ponta Delgada comprou lotaria, e com os 300 contos do prémio (1931) adquiriu a fábrica da chicória na Ribeirinha, que o pai geriu por muitos anos.*

*- José Arruda – O Tio José Arruda do Burguete merecia o enorme respeito da freguesia. Depois da 2ª Grande Guerra, criou a feira de gado da Achada das Furnas. Por mais de 20 anos os lavradores do Nordeste a Porto Formoso, e do sul, traziam gado para vender na estrada às quartas-feiras no verão. O local tornou-se o maior mercado de gado da ilha, melhorando a vida dos lavradores que nunca falhavam as feiras semanais. Mais tarde foi transferida da estrada para uma propriedade privada.*

*- Anthony de Sá, nasceu em Toronto, filho dum açoriano da Lomba da Maia. É autor de Barnacle Love (Random House, 2008) que interjeta o sonho emigrante com a desilusão e realidade amarga da experiência do açoriano num mundo onde o leitor caminha do isolamento e sossego da ilha para o multiculturalismo e alvoroço da cidade. Decorrendo de experiências e vivências do autor, caracteriza sucinta, mas sugestivamente o ‘emigrante’, dando-lhe uma feição universalista. Os curtos contos de ficção têm sido publicados em jornais e revistas literárias norte-americanas. Frequentou a Humber School for Writers (Toronto) onde chefia o departamento de Inglês e dirige escrita criativa.*

O primeiro livro foi um sucesso, traduzido para português pela editora D. Quixote (2009). Vive com a mulher e três filhos em Toronto e esteve como nosso convidado no 13º Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil.

*- Manuel Sá Couto, (Lomba da Maia, 9-2-1952-13-5-2014) influente figura política micaelense, militante e dirigente socialista, vereador eleito pelo PS na Câmara Municipal da Ribeira Grande e saudoso professor de Filosofia na Escola Antero de Quental, uma referência local de vulto que sempre se bateu pelos valores e princípios por que lutava com a frontalidade e o espírito desassombrado que lhe era característico, sendo um defensor intransigente, não só da Lomba da Maia, mas também do concelho da Ribeira Grande*

*- João Augusto Soares Brandão (1844-1921), aos 11 anos rumou ao Brasil, onde se tornou num ator de comédia, conhecido como Brandão, o Popularíssimo. João desembarcou da sua supliciada viagem em 1855, no cais Pharoux, na atual Praça 15 de Novembro, Rio de Janeiro...em 1860 resolveu ser ator...contava 16 anos quando entrou para um grémio amador...” Seu filho, o ator Brandão Filho, também atingiu notoriedade. O livro “Popularíssimo, o ator Brandão e seu tempo” de Marco Santos publicado em 2007 foi apresentado no Colóquio da Lusofonia em Santa Catarina, Brasil. Em 1983, os conterrâneos fizeram uma homenagem, na Lomba da Maia, indicando 1845 no monumento como data de nascimento. O filho, o também comediante Brandão Filho, garantia 19 de junho de 1844 como data de nascimento. Na certidão de batismo de Brandão aparece a data de 27 de setembro de 1844. “João, filho de José Soares Brandão, casado, e de Francisca Carreira, solteira sui juris, naturais da Paróquia da Senhora Mãe de Deus da vila da Povoação, nasceu em vinte e sete de setembro de mil oitocentos e quarenta e quatro e foi batizado em cinco de outubro da dita era por mim, José Ignácio Moniz, cura, e foi padrinho José Jacintho de Medeiros, tesoureiro paroquial do Divino Espírito Santo da Maia e testemunhas o sacristão João Muniz e seu filho Venâncio Muniz que comigo assinarão este termo em dia, mês e ano ut supra.”...*

Na Lomba da Maia, infelizmente, poucos sabem quem foi o ator Brandão cuja estátua está junto à ponte da Ribeira do Preto.

Em junho 2009, escrevi a sugerir ao Presidente da Junta local:

*“... Que sejam batizadas Ruas da Freguesia em homenagem a ilustres da Lomba da Maia. Mais se sugere que nas placas toponímicas se acrescente uma pequena nota sobre os homenageados. Por último, deverão convidar-se os homenageados vivos e os descendentes dos falecidos. Ass.) AICL*



Como nada disto se concretizasse, em protesto, decidi passar a chamar Maia Hump à Lomba da Maia. Desisti de homenagens, seguiria a minha toponímia: a Rua do Rosário seria a Rua Sá Couto, a minha Rua da Igreja seria Rua da Lusofonia, etc. A Junta de Freguesia acabaria em 2015 por construir e dedicar a Manuel Sá Couto uma pequena praça no lado norte do Largo da Igreja.<sup>8</sup>



VISTA GERAL

## 8. DISTÂNCIAS ENTRE OS LOCAIS DO COLÓQUIO

distância entre hotéis:

De Quinta de Santana, Campo Do Santana, Ribeira Grande  
Para Santa Barbara EcoBeach Resort, Estrada Regional nº1, 1º Morro de Baixo,  
9600-219 Ribeira Grande  
**3 min** (1,6 km) através de EN1-1ª

Distância para o Teatro na sessão de abertura dia 29  
De Teatro Ribeiragrandense, Rua Nossa Senhora da Conceição, Ribeira Grande  
Para Santa Barbara EcoBeach Resort, Estrada Regional nº1, 1º Morro de Baixo,  
9600-219 Ribeira Grande  
**6 min** (3,2 km) através de EN1-1ª

Distância do aeroporto para o Hotel  
De Aeroporto de Ponta Delgada João Paulo II, Aeroporto de Ponta Delgada, 9500-749 São Miguel, Açores  
Para Santa Barbara EcoBeach Resort, Estrada Regional nº1, 1º Morro de Baixo,  
9600-219 Ribeira Grande  
**18 min** (22,8 km) através de EN1-1A

<sup>8</sup> (Texto original de Chrys Chrystello in **Crónica Açores: uma circum-navegação** vol. 2, *De Timor A Macau, Austrália, Brasil, Bragança Até Aos Açores 2012*) e outros detalhes da Wikipédia

Distância do Hotel á escola EBI da Maia sessão dia 30  
De Escola Básica Integrada da Maia, Ramal São Pedro  
Para Santa Barbara EcoBeach Resort, Estrada Regional nº1, 1º Morro de Baixo,  
9600-219 Ribeira Grande  
**22 min** (19,3 km) através de EN1-1ª

Distância do local das palestras ao Hotel dias 1 e 2  
De Lomba da Maia  
Para Santa Barbara EcoBeach Resort, Estrada Regional nº1, 1º Morro de Baixo,  
9600-219 Ribeira Grande  
**24 min** (23,4 km) através de EN1-1ª

hotéis - RESERVAS HOTÉIS 1.SANTA BÁRBARA ECO BEACH RESORT,SANTANA, Ler <http://blog.lusofonias.net/?p=37319> \_  
leia aqui uma descrição de uma estadia: <http://www.nit.pt/article/11-01-2015-critica-as-maravilhas-do-santa-barbara-resort>  
Detalhes+imagens <http://wp.me/p4qWt9-8ZY> [VER MAPA AQUI](#)  
Villas T1 (2 PAX): 80 € quarto/noite e Villas T2 (4 PAX): 65 € quarto/noite.  
peqº almoço incluído, necessária a ocupação dos 2 quartos 2.QUINTA DE SANTANA, Apartº T1 (2 PAX, 50€/noite; T2 (4 PAX) 85.00€/noite, inclui pequeno almoço buffet-

9. ALMOÇOS E JANTARES  
**ALMOÇOS NO RESTAURANTE O CORDEIRINHO NA LOMBA DA MAIA €9.50**  
dias 30, 1 e 2. Telefone Rodrigo 296446573



Restaurante Bar "O Cordeirinho"

Ementa almoços dias 30, 1 e 2

**Almoço dia 30-09-2016**

- **Entrada** (Pão e queijo fresco)
- **Sopa** (creme de alho francês)
- **Filetes de abrótea Acompanhamento** (jardineira de legumes, salada verde e molho tártaro)-**Bifinhos de porco grelhado**
  - **Acompanhamento** (batata frita, arroz e salada)

-**Sobremesa** (Mouse de chocolate caseira)

-Café **Almoço dia 01-10-2016**

- **Entrada** (Pão e queijo fresco)

- **Sopa** (caldo verde)

- **Bacalhau Aveludado Acompanhamento** (salada verde)-**Costeleta de Porco Grelhada**

- **Acompanhamento** (batata frita, arroz e salada)

-**Sobremesa** (gelado)

-Café **Almoço dia 02-10-2016**

**Entrada** (Pão e queijo fresco)

- **Sopa** (sopa de couve)

- **Veja assada** (forno de lenha)

- **Acompanhamento** (batata á padeiro e salada verde)-**Carne de novilho assada na telha** (forno de lenha)**Acompanhamento** (batata assada, arroz e salada)

-**Sobremesa** (arroz doce)

-Café Bebidas (água, sumo, cerveja ou vinho da casa 0.3 ml por pessoa)

**ECO BEACH RESORT CLUB A €15.00/pessoa NO SANTA BARBARA BEACH**

**CLUB** Almoço dia 29, Jantares dias 28, 29, 30, 1, 2

Telefone Sandra Correia 296470360



**EMENTA ECOBEACH**

**Jantar Dia 28/9**

Creme de alho francês Filetes de abrotes com molho tártaro e batata salteada Strogonoff de porco com arroz salteado e passas Saladas mista Molho vinagrete

Maionese de alho Salada de fruta

**Almoço Dia 29/9/16**

Sopa - Sopa do mar Vegetariano - Tagliatelle de legumes da horta Peixe -  
Ensapado de bacalhau Carne - Frango de Caril Acompanhamentos- Batatinha  
salteada- Arroz de passas- Saladas verdes Sobremesa - Semifrio de banana e  
chocolate **Jantar Dia 29/9/16**  
Sopa de peixe Bacalhau com broa Lombo de porco recheado de farinha com  
batata a murro  
Saladas verdes Molho vinagrete Molho de maionese Panacotta de frutos vermelhos  
**Jantar Dia 30/9/16**  
Creme de cenoura Bifinhos a regional com batata frita e arroz  
Escabeche de atum com batata gratinada de ervas Salada mista  
Molho vinagrete/maionese de alho Trate de maçã **Jantar Dia 1/10/16**  
Canja de galinha Lasanha Arroz de marisco  
Salada mista Molho vinagrete - maionese de alho Tarde de coco **Jantar Dia 2/10/16**  
Caldo verde Espetada de novilho com batata chips  
Bacalhau de natas  
Salada mista  
Molho de vinagrete/maionese  
Duo de gelado com delicia de chocolate

#### **10. DISCURSO DO PRESIDENTE DA AICL NA SESSÃO DE ABERTURA:**

Exmo senhor \_\_\_\_\_ representando o governo Regional dos Açores

Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande Dr Alexandre Gaudêncio

Sr. Alberto Pacheco Ponte Presidente da Junta de Freguesia da Lomba da Maia Dramaturgo Norberto Ávila autor açoriano homenageado no ano de 2016

Professora Doutora Marisa Mendonça, Diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa da CPLP

Dr José Ramos-Horta, Prémio Nobel da Paz 1996, Ex primeiro-ministro e ex-Presidente da República Democrática de Timor Leste a quem agradeço imensamente a bondade de aqui se deslocar propositadamente para este 26º Colóquio, reatando laços pessoais que datam de 1973

Demais representantes do Governo Regional, da Assembleia Regional, das autarquias, convidados, associados da AICL; meus senhores e minhas senhoras, cumpre-me antes de mais agradecer o patrocínio da Junta de Freguesia da Lomba da Maia onde vivo há doze anos e da Câmara Municipal da Ribeira Grande e os generosos apoios da SATA, do Governo Regional através do generoso apoio da Direção Regional do Turismo, e apoio da Direção Regional da Cultura.

Esta é a terceira vez que ostentamos o selo de qualidade da marca Açores, Certificado pela Natureza.

Completam-se por estes dias dez anos exatos sobre o nosso primeiro Colóquio nos Açores, sob a designação de Encontros Açorianos da Lusofonia, exatamente aqui neste belo Teatro.

Vinte colóquios e dez anos depois, regressamos à sede do meu concelho de residência.

Neste lapso, tal como no resto da minha vida nunca deixei de ser ilhéu. Nasci numa pequena ilha chamada Portugal, isolada da Europa durante o Estado Novo, depois vivi em Timor, em Bali, na insula de Macau (antes da abertura das Portas do Cerco, 1980), na Austrália, e em Bragança, ilhoa do nordeste transmontano, até um dia descer das asas do milhafre e vir para a ilha do Arcanjo São Miguel.

Durante essa dilatada diáspora logrei manter a herança cultural e linguística portuguesa.

Durante séculos podia imaginar-se que estas nove ilhas pertenciam a um mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Havia mesmo quem alvitrasse que neste arquipélago nada se passava de relevante, salvo erupções, terramotos e fomes. Já era assim durante o Estado Novo, olvidados que estavam da importância destas ilhas na História. Raramente se ouvia falar dos Açores.

Em *Os Construtores do Império*, de Rodrigo Leal de Carvalho, logo nas primeiras páginas, fala-se, com uma certa ironia, nas «*nossas ilhas adjacentes, tão verdes e lindas, que eles [ministros salazarentos] ainda não conheciam, mas onde, todos e cada um projetavam deslocar-se na primeira oportunidade*» (p. 10).

Esqueciam que enquanto o país era anexado pelos Espanhóis em 1580 aqui resistimos independentes até 1583. Antes disso, fomos o celeiro das praças-fortes de África, quando não éramos saqueados por piratas, corsários e outros. Daqui partiram homens e mulheres rumo à colonização do Brasil. Durante estes 500 anos, viajaram milhares de açorianos para se fixarem nos EUA, Canadá, Bermudas e Havai. Quando aqui aterrei confessei o meu quase desconhecimento sobre o arquipélago. O pouco que aprendera no liceu era insuficiente ou estava esquecido. Depois, vieram as telenovelas aqui filmadas e as companhias aéreas de baixo-custo e, subitamente, os Açores são o centro do mundo e do turismo que pasma como o clima muda constantemente e tanto chove como faz sol... as tais quatro estações num só dia que tanto apregoam... as lagoas, as crateras e as baías são um assombro e os montes sempre verdes estão pejados de vacas alpinistas.

Aqui encontrei uma nova matéria depois de Bragança, e uma nova pátria, depois de Timor e da Austrália, considerando-me hoje um ilhanizado ou açorianizado.

Não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da próspera e culta mítica Atlântida, mas no livro de banda desenhada de Blake e Mortimer “O Enigma da Atlântida”, S. Miguel é uma das suas portas de saída.

Um nevoeiro histórico ensombra a data do descobrimento dos Açores: muitas são as dúvidas e poucas as certezas. Gaspar Frutuoso, cronista do séc. XVI, escreve que Gonçalo Velho Cabral, arribou a Sta. Maria em 1432 e a S. Miguel doze anos depois. Damião Peres, cita Diogo de Silves, marinheiro do Infante D. Henrique, a chegar cá em 1427.

A carta régia de 5 de abril de 1443 atesta o desenvolvimento registado nos primeiros anos de povoamento, pois nela se isentam os seus habitantes por cinco anos do pagamento da dízima e portagem dos géneros vindos do arquipélago para o Reino.

O Infante D. Henrique terá encarregue Gonçalo Velho de dirigir o povoamento de Sta. Maria, com seus sobrinhos, Nuno e Pedro.

Sobre o povoamento da Terceira, está comprovado que o flamengo Jácome de Bruges foi nomeado capitão desta ilha, em 1450.

O povoamento da Graciosa, esteve a cargo de Pedro Correia e Vasco Gil Sodrê, cerca de 1500.

Quanto ao Faial e Pico, foram doados, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Na sua companhia teriam vindo muitos flamengos, dentre os quais se destacou Wilhelm Van der Haagem (Guilherme da Silveira), que passou às Flores e desta para a Terceira e S. Jorge, promovendo, desse modo, o povoamento.

A lha do Corvo foi ocupada por extensão do povoamento das Flores.

Sabe-se, portanto, que o povoamento das ilhas açorianas se deveu a portugueses e flamengos, o que se explica pela intervenção de D. Isabel, condessa da Flandres e mulher de Filipe de Borgonha, junto de seu irmão o infante D. Henrique, primeiro donatário dos Açores. Nos primeiros tempos houve ainda um certo número de mouros e judeus. Mais tarde haveria o influxo de italianos, castelhanos, franceses, ingleses, escoceses, norte-americanos, etc.<sup>9</sup> O elemento flamengo, não obstante o seu grande número, depressa seria absorvido, pelo elemento nacional.

Em 1589 e 1597 as armadas inglesas devastaram e pilharam as ilhas, especialmente o Faial. Decorridos os 60 anos de domínio filipino, e aclamado D. João IV, as ilhas aderiram ao movimento restaurador, passando a ser governadas por um capitão-general em Angra do Heroísmo. A revolução de 1820 teve repercussões sobretudo na Terceira onde em 1829 na Praia se travou uma grande batalha entre miguelistas e liberais, com a vitória destes. Em 1832 chega

aos Açores D. Pedro IV, aí formando um governo sob a presidência do marquês de Palmela e de que fazia parte Mouzinho da Silveira, coadjuvado por Almeida Garrett. As grandes reformas deste último foram todas promulgadas nos Açores, que passaram a ser uma província deixando de ser Capitania-Geral. Em 1836, dividiram-se as ilhas em três grupos denominados Distritos Administrativos. Após o 25 de abril de 1974, instituiu-se o regime político-administrativo autónomo sendo o arquipélago uma Região Autónoma. Em 1976 foram eleitos os primeiros deputados para a Assembleia Regional dos Açores e o seu primeiro Governo Regional.

Durante as duas guerras mundiais o arquipélago abandonaria a neutralidade do país e desempenharia papel de relevo para os países aliados. Dos grandes vultos nascidos nos Açores, citarei apenas dois Presidentes da República: Manuel de Arriaga (1840-1917) e Teófilo Braga (1843 -1924), Antero Tarquínio de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta que será homenageado neste colóquio por ocasião dos 125 anos da sua morte), e ainda Canto da Maya (1890 -1981 escultor), Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor), António Dacosta (1914 -1990 pintor).

Antes de terminar relembro onde estamos. A Ribeira Grande que celebrou os seus 500 anos em 2007 foi fundada em meados do século XV na “*margem direita da foz da ribeira que lhe deu o nome...sufragânea de Vila Franca, onde mais eram os casebres de “pau-a-pique”, cobertos de colmo, onde se abrigavam os pobres, do que as casas de pedra e telha onde habitavam já à volta do largo de Santo André, alguns homens mais abastados ou mais nobres*”, segundo narra Gaspar Frutuoso. Foi elevada à categoria de Vila por Foral de El-rei D. Manuel I, em agosto de 1507 com uma área de “*uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho*”. A Igreja Matriz foi construída de 1507 a 1526 e em 1563 a vila tinha 794 fogos e 2 583 almas...

” ... Em 1526-1527 a peste assolou o povoado, com os homens a arrancarem, o teto das casas e vivendo longe delas durante um ano. O continuado crescimento, di-lo Frutuoso, foi subitamente parado devido à grave crise sísmica e vulcânica do verão de 1563, a que se seguiu a catastrófica enxurrada do inverno seguinte. No Pico das Berlengas surgiu a enorme cratera que é hoje a Lagoa do Fogo. A vila rejuvenesceu, após quatro décadas de reconstrução, pois os seus habitantes não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza. Reconstruíram, limpando as terras, recompondo os moinhos e as casas, repararam os templos, erguendo a nova ermida de N. Sra. de Guadalupe, depois incluída na Igreja de São Francisco onde hoje forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna<sup>10</sup>. A nova vila cresceu, de ruas mais largas e

<sup>9</sup> (cf. Frutuoso, Luís Ribeiro, etc.).

<sup>10</sup>GASPAR FRUTUOSO *Saudades da Terra, Livro IV, VII, 1981.*

*mais direitas, com casas mais amplas e templos mais vastos e mais sólidos. Cresceu para as povoações vizinhas, sendo pioneira da indústria têxtil na região e sede da primeira central geotérmica portuguesa e a 29 de junho de 1981 foi elevada a cidade.*

É por isso, com muito prazer, que a escolhemos para ser o palco da abertura do 26º colóquio da lusofonia. Lembro excertos da descrição do concelho feita em 2008 pelo saudoso escritor local, Daniel de Sá,

*Ao viajante, basta ir por aí acima e ver. O bailado das gaivotas na indizível lagoa do Fogo. A cascata de água quente da Caldeira Velha. As fumarolas, ditas Caldeiras da Ribeira Grande. Os rochedos das Lombadas, com uma nascente de água mineral. A assombração do Monte Escuro onde a terra não teve tempo de disfarçar as mãos de fogo dos vulcões. A ponta do Cintrão, arrojado cabo em miniatura; o miradouro de Santa Iria, de onde de repente se descobre como a ilha continua a desdobrar-se em dedos de terra entrando no mar...foi nos montes à volta que se deu a última e maior refrega entre as tropas absolutistas e os liberais, que haviam desembarcado na Achadinha. Está logo à frente o Porto Formoso, [e a vizinha praia dos Moinhos]; e São Brás, rutilante; e a Maia, numa fajã vulcânica onde o sol falta menos vezes e o tempo é mais ameno do que na vizinha Lomba da Maia; e os Fenais da Ajuda, cuja elegante ponta anuncia, a nascente, que o concelho acaba pouco mais adiante, na Lomba de São Pedro.*

A mensagem final é que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Falemos Português independentemente da nossa cidadania. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico.

Falta-lhe o gosto por bem falar e escrever e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Detestamos em Portugal, o rigor e a exigência para facilitarmos a pressa e a santa ignorância, lemos pouco e mal pois habituamo-nos a alucinar diariamente frente ao pequeno ecrã da televisão do nosso contentamento... somos culturalmente derrotistas, pessimistas, desorganizados, conservadores, masoquistas e rimo-nos de nós mesmos ao falarmos do país pequeno e atrasado.

À falta de ambição, iniciativa e criatividade preferimos o novo-riquismo parolo e deleitamo-nos com a futilidade e as aparências. Enquanto isso acontece, a língua portuguesa no mundo está a ser diariamente enriquecida pelos idiomas e dialetos locais. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil.

Também hoje, a mudança está a acontecer. Aqui alertamos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes colóquios, também cada um de nós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a

necessidade de manter viva a língua de todos nós, sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno. Urge, pois, apoiar uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos nacionais e nos internacionais dotá-los com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

É imperioso reinventar o gosto pela leitura hoje relegada para preocupação elitista que se não compadece com jogos de consola e outras formas de entretenimento que raramente introduzem conhecimentos.

Finalizo avisando que nestes curtos dias não teremos tempo para visitar tudo, mas os Açores são assim, devagar primeiro para nos enamorarmos antes de regressarmos sempre até à núpcia final

## 11. BIODADOS DOS PATRONOS DA AICL

### 15.1. Concha Rousia, Galiza, AGLP, AICL, Patrono Desde 2011



MACAU 2011

LAGOA 2012 -

VILA DO PORTO, STA Mª 2011

Gruta de Camões

**CONCHA ROUSIA** (CONCHA Rodríguez PÉREZ), Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza) Psicoterapeuta e escritora. Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008. Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Membro da Associação Galega da Língua desde 2004. Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição. Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa. Em 2011 fez parte da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.

Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, out.º 2011. Atualmente ocupa o cargo de Bibliotecária-arquivista da Academia Galega da Língua

Portuguesa, É vice-secretária da Comissão Executiva da Academia Galega da Língua Portuguesa, do Conselho de Redação e Administração do Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP)

**PUBLICAÇÕES:**

**Se os carvalhos falassem**, 2016, poesia, Através Editora, Santiago de Compostela

**Blasfêmeas, mulheres de palavra. Antologia de poesia contemporânea, 2016.** Editora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, será apresentada no o VII Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada. O e-book será publicado no site do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade e ficará disponível para consulta e impressão. Este trabalho é uma homenagem ao trabalho de Hilda Hilst e ali publico vários poemas.

**Mudança de Narrativa Linguística na Galiza**, 2016. Capitulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório. **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012. Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.

**As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (portal atualmente inativo) Arcos de Valdevez, Portugal.

"**Dez x Dez**" 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza). "**Cem Vagalumes**" Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.

**Herança**. Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.

**Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.

**Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.

Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.

**Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza. IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Ed. Folheto, Leiria, Portugal.

Volume 7 da Coleção "**Poesia do Brasil**", correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Escrever nas Margens**. Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza. **150 Poemas para Rosalia**. Antologia poética. 2015, Galiza. Tem publicado **poemas, contos, crônicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e

em brasileiras como Momento Lítero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade. **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.

**Um dia**, publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género. **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008. Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos, Coloquios da Lusofonia, 2010

- **Se Os Carvalhos Falassem**, 2016, Através Editora, Santiago de Compostela, Galiza. **Blasfêmeas. Mulheres de Palavra**, antologia de poesia contemporânea, 2016. Editora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e será apresentada no o VII Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada. O e-book será publicado no site do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade e ficará disponível para consulta e impressão. Este trabalho é uma homenagem ao trabalho de Hilda Hilst. Onde publica vários poemas. **Mudança de Narrativa Linguística na Galiza**, 2016. Capitulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório. **PRÉMIOS** Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza. Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.

GANHADORA DO **CERTAME LITERÁRIO FEMINISTA DO CONDADO**, 2006, GALIZA. COM O ROMANCE "A LÍNGUA DE JOANA C



MONTALEGRE 2016

**15.2. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL), AGLP, AICL, PATRONO DESDE 2007**



**EVANILDO CAVALCANTE BECHARA** nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.



GALIZA 2012

Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado *Fenômenos de Intonação*, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.



MAIA 2013

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa* artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994. Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da

Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).



HONG KONG 2011

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005). Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia. Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista Littera (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista Confluência (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados. Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de dissertações de

Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.



MACAU 2011

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88; Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75; Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.



SEIA 2014

o Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para



o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005. A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete. Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação. Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos: A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954), O Futuro em Românico (1962), A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964), A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964), Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M<sup>a</sup> Rodrigues (1980), As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss. É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL. Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.** É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.

ESTEVE PRESENTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 LAGOA 2008, 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAÚ 2011 E VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012 E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA, S, MIGUEL 2013 E SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM S. MIGUEL 2014, E SEIA 2014, FUNDÃO 2015.



MOINHOS 2014

**15.3. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AGLP, AICL, PATRONO DESDE 2007**



SEIA 2013



MOINHOS 2014

**JOÃO MALACA CASTELEIRO**

licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa. É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É Professor Convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de Mestrado. Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986. A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como A Língua e a Sua Estrutura, A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade. Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa

do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumi funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991. Assumi também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento. Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998. A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.



macau 2011



MAIA 2013 É

**patrono dos Colóquios da Lusofonia** desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado **ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA** em outubro 2012.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL. TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007.**



Graciosa 2015

**15.4. JOSÉ CARLOS GENTILI, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, AICL, PATRONO DESDE 2016**

**JOSÉ CARLOS GENTILI**, Natural de Porto Alegre, RS, Brasil, 1940. Curso básico no Colégio Farroupilha, antigo educandário alemão - Deutscher Hilfsverein. Estudos na área da Economia Política e Matemática Superior. Bacharel em Direito, exerceu o magistério superior na Faculdade de Direito de Anápolis. Advogado militante e empresário na área da atividade agropastoril e biogenética bovina. Curso básico de inglês na Georgetown University; diplomado pela International Police Academy e Border Patrol Academy (USA). Escritor, historiador, polígrafo, conferencista. Poeta, prosador, atualmente, preside a Academia de Letras de Brasília. Membro de inúmeras academias literárias e partícipe do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Grão-Mestre AD VITAM da maçonaria brasileira. Grau 33º.

Obras: **Ensaio:** Cultura de Alpendre (ensaio); **Poesia:** Tempos de Versos, Quintal do Universo, Galo do Apocalipse, Voo Sideral, Vastidão do Nada, Aldeia do Bispo. **História:** A Igreja e os Escravos. Os Bicentenários da Inconfidência Mineira, Izabel Maria-Duqueza de Goyaz, Patrimônio da Capela, Agonia da Solidão, Fiat Lux - Villa do Acarape Precursora da Liberdade.

**Matemática:** Análise Matemática Superior. **Maçonaria:** Um Quarto de Hora, Projeto Amanhã, Jubileu de Prata e O Olho Que Tudo Vê. **Direito:** Os Bancos de Dados e o Código de Defesa do Consumido



LAGOA 2008

BRAGANÇA 2008

Esteve presente no 10º colóquio em Bragança 2008, e 11º colóquio na Lagoa, Açores, 2009, sendo admitido como Patrono da AICL em 17/6/2016 por proposta do Professor Malaca Casteleiro.



BRAGANÇA 2008

LAGOA 2009 MIRANDA DO DOURO 2008

**15.5. VERA DUARTE, PRESIDENTE DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS, PATRONA DESDE 2016**



Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina (Mindelo, 2 de outubro de 1952) é uma jurista e escritora de Cabo Verde

Estudou Direito na Universidade Clássica de Lisboa. De volta a Cabo Verde, foi juíza conselheira do Supremo Tribunal da Justiça e Conselheira do Presidente da República. Em 1995, recebeu o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa, em reconhecimento à sua luta na defesa dos direitos humanos. Integrou a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e a Comissão Internacional de Juristas. Estreou na literatura em 1993, com o livro de poemas *Amanhã Amadrugada*, 2. ed. Praia: IBNL, 2008. Seu primeiro romance, *A Candidata* (2003), recebeu o Prémio Sonangol de Literatura. Foi ministra da Educação e do Ensino Superior. Entre outros livros publicou

**Poesia**

- 1993 - Amanhã amadrugada
- 2001 - O arquipélago da paixão
- 2005 - Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança
- 2010 - Exercícios poéticos

**Romance** 2003 - *A candidata*

**Ensaio** 2007 - Construindo a utopia

12. **ÍNDICE ALFABÉTICO - PARTICIPANTES INSCRITOS:**

1. ALEXANDRE LUÍS
2. ANA COSTA LOPES
3. ANA PAULA ANDRADE
4. ANABELA NAIÁ SARDO
5. ANNA KALEWSKA
6. ANTÓNIO CALLIXTO
7. BRITES ARAÚJO
8. CARLA SOFIA LUÍS
9. CAROLINA CONSTÂNCIA
10. CAROLINA CORDEIRO
11. CHRYS CHRYSTELLO
12. CONCEIÇÃO CASTELEIRO
13. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA
14. CONCHA ROUSIA
15. DELMINDA RODRIGUES
16. EDUÍNO DE JESUS
17. EMANUEL DE MELO
18. FÁTIMA MADRUGA
19. FILINTO ELÍSIO
20. FRANCISCO FERNANDES MADRUGA
21. GRUPOS DE DANÇA TIMOR FURAK- LE ZIAVAL
22. HELENA ANACLETO-MATIAS
23. HELENA F D COSTA SIMÕES CHRYSTELLO
24. HENRIQUE CONSTÂNCIA
25. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO
26. JOÃO MALACA CASTELEIRO
27. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA
28. JOHN BAKERJOSÉ ANDRADE
29. JOSÉ DO COUTO RODRIGUES
30. JOSÉ F VENTURA
31. JOSÉ RAMOS HORTA
32. JOSÉ SOARES
33. KATHARINE F BAKER
34. LUCIANO PEREIRA
35. MÁRCIA SOUTO
36. MARGARETE SILVA
37. MARIA DA GLÓRIA OLIVEIRA
38. MARIA JOÃO RUIVO MARIA JOSÉ DE SOUSA
39. MÁRIO MELEIRO
40. MARISA MENDONÇA

41. NORBERTO ÁVILA
42. PAULO MENDES
43. PEDRO PAULO CÂMARA
44. RAFAEL CARVALHO
45. RAUL LEAL GAIÃO
46. RICARDO LACERDA- FRANCISCO ROSAS
47. ROLF KEMMLER
48. SANTA INÊZE DA ROCHA SOARES
49. TIAGO ANACLETO-MATIAS
50. URBANO BETTENCOURT
51. VERA DUARTE PINA
52. VILCA MARLENE MERÍZIO
53. XIMENES BELO (DOM CARLOS FILIPE)

13. **SINOPSES E BIODADOS DE PARTICIPANTES**

Na página seguinte...---->



Montalegre 2016

1. ALEXANDRE LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM. IFP, COVILHÃ E AICL ([ALUIS@UBI.PT](mailto:ALUIS@UBI.PT))



**Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá.** É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraldes Freire*. Obteve os graus de mestre em História Moderna e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, igualmente na Universidade de Coimbra.

- Professor Auxiliar e Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. Investigador do LabCom.IFP (UBI) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa; da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia* (IPG); Sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Da lista das suas últimas publicações, destacam-se: *Portugalidade* e *Portuguesismo* à Luz de uma Crónica de Alexander Ellis 2015,

- Afonso de Albuquerque e a Construção do Estado / Império Português da Índia, *XXIII Colóquio da Lusofonia*. 2015

- A Marinha de Guerra e a Consolidação da Independência Portuguesa: D. Dinis e a contratação de Manuel Pessanha, *XII Simpósio de História Marítima*, 2015, A Imagem de Portugal promovida pela Instrumentalização Salazarista do Lusotropicalismo, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2014, *Revista de Letras*, n.º 13, série 2, Vila Real, Centro de Estudos em Letras, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, A Última Grande Conquista do Rei D. João II: o Tratado de Tordesilhas (1494), *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*. 2014,

- *O Portugal Messiânico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocêncio VIII em 1485*, Covilhã, LusoSofia: press, Universidade da Beira Interior, 2013

*Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas*, Fundão, Ed. Grafisete, 2013A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415), Covilhã, Universidade da Beira Interior, apoio FCT, 2012O Papado Perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula *Romanus Pontifex* (1455), Lisboa, Documenta, apoio FCT, 2012, Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481), Alfragide, Caminho, 2011,

**TEMA** ALGUMAS PÁGINAS SOBRE AS MISERICÓRDIAS NO IMPÉRIO MARÍTIMO PORTUGUÊS, ALEXANDRE ANTÓNIO DA COSTA LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, LABCOM.IFP E AICL, ALUIS@UBI.PT Pela sua natureza, percurso e raio de difusão, as Misericórdias ou Santas Casas da Misericórdia surgem, indubitavelmente, como “*uma das mais genuínas expressões da identidade, da cultura e da história de Portugal e da lusofonia*”, conforme é sublinhado pelo Padre Vítor Melícias, designadamente no primeiro volume da ampla e fundamental obra *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*.

Comungando desta opinião, pretendemos, com o presente trabalho de síntese, lançar um breve olhar não só sobre o processo de propagação das Misericórdias pelos espaços ultramarinos administrados pelos Portugueses, em resultado da Expansão Marítima, mas também em torno do relevo assumido por tais instituições (embora, como bem se sabe, nem todas alcançaram o mesmo nível de êxito ou de importância) no âmbito do funcionamento da sociedade colonial lusa e da unidade do Império, onde formaram uma das estruturas características. Efetivamente, importa assinalar, citando palavras de Isabel dos Guimarães Sá e que constam do primeiro volume da *História da Expansão Portuguesa* dirigida por Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, que “*em 1570 era já patente que o sistema português de criação de comunidades coloniais integrava a formação de misericórdias como uma das suas principais componentes institucionais*”.

As Misericórdias lusitanas, ao subsistirem há várias centúrias, podem orgulhar-se do facto de comporem instituições vivas e enriquecidas por uma experiência de longa duração, que expressa uma parte relevante da intervenção social e cultural dos Portugueses. Diga-se que esta singular persistência no tempo resulta, em boa medida, do prestígio que souberam conquistar ou manter junto das comunidades, isto é, do sucesso alcançado na hora de firmar e/ou conservar o seu lustre junto da população. Na verdade, o bom nome que exibe a entidade «Misericórdia» não só não está ao alcance de muitas outras estruturas, como pode eventualmente ser explicado, conforme é apontado por Fernando da Silva Correia no célebre *Dicionário de História de Portugal*, coordenado por Joel

Serrão, através de algumas facetas reunidas por esta instituição de assistência aos necessitados:

“[...] *pela sua eficácia e caráter humano e conciliador da sua ação e pela constante adaptação desta à vida social das épocas que se têm sucedido e aos diversos lugares, aproveitando os ensinamentos científicos e técnicos e reunindo à sua volta pessoas escolhidas, de ideologias múltiplas, mas tolerantes e justas, na obra de bem fazer*” (s.d.: 312).

Convém mencionar que, tal como realça Maurício Simões, “*as Misericórdias [...] foram talvez as mais completas e representativas confrarias de caridade cristã*” (1999: 32). Adite-se que, em relação ao caso luso, tais instituições não podem, por exemplo, ser encaradas como equivalentes às suas homónimas italianas. Com efeito, “*as misericórdias portuguesas tinham preocupações totalizantes, procurando abarcar todas as obras de misericórdia*”, ao passo que “*as suas congéneres se concentravam apenas numa ou duas dessas obras, mas nunca em todas ao mesmo tempo*” (Sá e Lopes, 2008: 26).

Importa também esclarecer que, pela sua natureza, trajeto e raio de difusão, as Misericórdias ou Santas Casas da Misericórdia aparecem, incontestavelmente, como “*uma das mais genuínas expressões da identidade, da cultura e da história de Portugal e da lusofonia*”, conforme lembrava, em 2002, o Padre Vítor Melícias (2002: 7). Assim, é desaconselhável escrever uma história de Portugal sem conceder a devida atenção à singular influência exercida ao longo de mais de 500 anos pelas Misericórdias, envolvendo épocas marcadas por vicissitudes e contextos políticos, sociais, económicos e religiosos bastante variados. De igual modo, não é despiciendo afirmar que se tornam pouco produtivos os esforços quer para entender e conservar a identidade, quer para aprofundar as aptidões destas prestigiadas instituições quando não floresce o bom senso de fazer uso dos conhecimentos oriundos dos estudos concretizados pela história.

Felizmente, no quadro doméstico, em resultado da ação de distintos fatores e estímulos, temos vindo a assistir, principalmente desde os anos 90 do século passado, a um renovado interesse pela história das Misericórdias. Tal fenómeno, suportado em larga escala pela comunidade historiográfica, onde pontificam os nomes de Isabel dos Guimarães Sá, Maria Antónia Lopes, Maria Marta Lobo de Araújo, Ivo Carneiro de Sousa, José Pedro Paiva, entre muitos outros, reflete-se no fomento de uma apreciável onda de estudos sobre a temática em apreço, incluindo diversas teses de doutoramento e de mestrado apresentadas e defendidas em provas públicas nas universidades nacionais.

Como é compreensível, esta vaga de trabalhos académicos, de monografias, que beneficia, amiudadamente, do apoio fornecido por destacadas unidades de investigação, como é, a título exemplificativo, o caso do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, acaba por alimentar um

importante processo e filão de lançamento de novas perspetivas, de releitura da historiografia precedente sobre as Misericórdias, bem como de reinterpretação de algumas das fontes de mais fácil consulta, catapultando também a publicação de documentos (lembramos, em particular, a obra *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, composta por vários volumes e editada no início deste século).

A questão da documentação constitui um ponto fulcral, até porque, não raramente, nos deparamos com situações em que as datas rigorosas da fundação de Misericórdias se tornam extremamente difíceis de apurar, isto devido a circunstâncias como o sumiço verificado no passado dos documentos que poderiam ajudar a deslindar o mistério.

Outrossim, é importante salvaguardar que, em nome do rigor histórico, o trajeto das Misericórdias deve ser metodologicamente inserido em horizontes bastante vastos, por forma a travar certos exageros que, por vezes, são ditos a seu respeito, outorgando-lhes inclusivamente peculiaridades inexistentes. Veja-se, por exemplo, o modo como devem ser encarados os privilégios e doações outrora atribuídos pelos monarcas a estas confrarias. Na realidade,

“*deverão ser inscritos numa relação do rei com as autoridades locais e os particulares, que incluía por regra a concessão de vantagens materiais, políticas e sociais a grande parte dos agentes em presença e não apenas às misericórdias. Basta um olhar de relance pela legislação emitida a favor do Hospital de Todos os Santos – de tutela régia, mas não confraternal – para se perceber que o modo de ação da Coroa era uniforme e não fazia das misericórdias instituições excecionais no panorama geral*” (Sá, 2002: 21).

Afinal, “*isentar, beneficiar e privilegiar eram o normal do modus operandi régio*”, como muito bem refere Isabel dos Guimarães Sá (2002: 21). Mas tamanha evidência não esconde, conforme também salienta a mesma investigadora, a conclusão que se segue: “[...] *a implantação relâmpago de misericórdias com D. Manuel, bem como a atribuição a estas de um leque de competências alargado, transforma-as nas confrarias mais poderosas de Portugal ao longo da Idade Moderna*” (2002: 21). Como é óbvio, as Comemorações do quinto centenário da fundação da Misericórdia de Lisboa (1498-1998), estabelecimento que exerceu um papel matricial no contexto do amplo rosário de confrarias de Misericórdia que subsequentemente se foi constituindo, seguidas recentemente de variadas iniciativas comemorativas em relação a outros casos, ajudaram a impulsionar o interesse pelas matérias concernentes a estas notáveis instituições. Outro tanto se deve aferir do empenho que tem vindo a ser desenvolvido no sentido de se melhorar a preservação, o conhecimento e a inventariação do património arquivístico lusitano. Por fim, importa adiantar o cenário caracterizado por um certo revigoramento operado por várias das atuais Misericórdias, desde logo em

relação à sua capacidade de intervenção em diversos planos da assistência e da cultura nacionais.

Concretizando um pouco mais o que tem sido vincado sobre as vantagens resultantes do conhecimento do percurso das Misericórdias, é incontornável que a história de domínios como, por exemplo, o da saúde ou das doenças no nosso País, da arte, da religiosidade popular, da pobreza e do combate contra a exclusão, da caridade, da assistência e da economia social ou do sistema penal e prisional em Portugal e noutros recintos do mundo lusófono, com destaque para o território brasileiro, “*está em boa parte contida naquela memória e saber coletivo que se transmitiu no seio das misericórdias ou se encontra guardado nos seus preciosos arquivos*”, recorrendo novamente às esclarecedoras palavras do Padre Vítor Melícias (2002: 7).

Como já se indicou, são vários os trabalhos académicos que têm prontamente sublinhado a relevância das Misericórdias no tocante à história da caridade e da pobreza em Portugal. Numa primeira fase, a ereção destas instituições de influência cristã resultou expressivamente da sugestão régia. Contudo, pouco depois, esse tipo de «empurrão» tornou-se, de certa forma, dispensável, já que as comunidades perceberam rapidamente o que estava em jogo e o que poderiam conquistar ao abraçarem com determinação este projeto assistencial. Com efeito, as Misericórdias, que recebiam da parte dos monarcas importantes privilégios e esmolas (dado o interesse régio na sua proliferação, em nome, por exemplo, do robustecimento da supremacia da Coroa), viram o seu surgimento no terreno provir numerosas vezes da própria iniciativa das populações locais (da nata das localidades), desejosas não só de acudir aos mais vulneráveis, mas também, entre outros aspetos, de obter uma série de ganhos políticos, materiais e de imagem (para muitos, integrar uma Misericórdia ilustrava a pertença à elite dos poderosos) e, no fundo, de ser premiadas com a extensão da sua malha de influência. Por outro lado, não se deve igualmente menosprezar o facto de, no universo do além-mar, muitas das criações terem, em boa escala, dependido do ritmo e/ou da fase por que passavam a colonização e a exploração económica do território onde se vieram a fixar. Em rigor, circula em alguns estudos

“*o pressuposto de que a expansão das Misericórdias nos espaços ultramarinos seguiu, pelo menos, dois modelos distintos, um no Brasil e costa africana – onde a sua criação só ocorreu depois da organização e valorização do espaço, como aconteceu com a Santa Casa cabo-verdeana da Ribeira Grande, em Santiago, ou com a de São Salvador da Bahia, no Brasil –, e outro nas ilhas atlânticas, Norte de África e Oriente – onde as Misericórdias acompanharam o processo de instalação dos portugueses [...]*” (Abreu, 2004: 838).

O fenómeno da implantação de Misericórdias como a de Lisboa, no dealbar da Época Moderna, não pode ser desligado da dinâmica reformista que então marcava a assistência no nosso País, numa altura em que Portugal via, à

semelhança da Europa, o número de pobres crescer de maneira alarmante. Explícite-se que as riquezas exógenas, ou seja, oriundas da Expansão Marítima, tendiam a atrair à «capital» portuguesa pessoas de outras zonas, as quais transportavam consigo a expectativa de melhorar a sua qualidade de vida. No entanto, como só uma pequena parcela era, em rigor, favorecida em termos de conforto, visto que a esperança na obtenção do bem-estar não passava frequentemente de uma miragem, muitos acabavam, incontornavelmente, por engrossar as fileiras dos miseráveis que já circulavam na cidade. Isto é, na época caracterizada pelos Descobrimientos e Conquistas, que glorificavam Portugal e a sua monarquia, aumentava igualmente a pobreza, devido sobretudo à irregular distribuição ou má aplicação da riqueza, aos casos de viuvez, orfandade, doenças e abandono a que as operações associadas ao processo expansionista davam lugar. Ora, perante este complicado quadro socioeconómico, Dona Leonor, que também se celebrizou na história pela fundação do Hospital Termal das Caldas, cuja edificação arrancou em 1485, optou por constituir em Lisboa, corria o verão de 1498 e a rainha exercia a regência do Reino na ausência de D. Manuel, então em Castela (onde permaneceu diversos meses com o propósito de ser jurado herdeiro dos famigerados *Reis Católicos* nas Coroas de Castela e Aragão), uma instituição de solidariedade social, fundada no preceito das obras de misericórdia e, conseqüentemente, adaptada ao nível dos desafios em apreço<sup>11</sup>. Assim, por intermédio deste tipo de instituição assistencial, intentava-se suavizar o impacto negativo das fortes desigualdades sociais que medravam na sociedade e cuidar dos mais desfavorecidos e dos doentes. Por conseguinte, tal como recorda Isabel dos Guimarães Sá, “*quando D. Manuel voltou, nesse outono, encontrou a misericórdia de Lisboa fundada*” (2008: 25). A autora acrescenta que “*não sabemos de quem foi a ideia, se os dois irmãos tinham projetado a sua fundação antes do rei partir, ou se este foi apanhado de surpresa e a ela aderiu. O certo é que a partir de então se foram fundando misericórdias um pouco por toda a parte onde havia portugueses*” (2008: 25).

Refira-se que, depois do seu regresso de Espanha, D. Manuel escreveu a numerosas cidades e vilas do País apelando à criação das suas próprias Misericórdias. Como salienta João Paulo Oliveira e Costa, “*do ponto de vista de D. Manuel I, estas confrarias ajustavam-se perfeitamente à sua conceção dos deveres do príncipe, bem como às necessidades da conjuntura*” (2005: 136). Para este entendimento, terão contribuído, entre outros elementos, as noções franciscanas que serviram de alicerces à educação do *Venturoso*. De resto, seria interessante averiguar ou aclarar de que forma e até que ponto a «febre»

<sup>11</sup> A respeito do papel que terá exercido o espanhol Frei Miguel de Contreiras na criação da Misericórdia de Lisboa, Isabel dos Guimarães Sá salienta que “*a sua contribuição real*” “*é desconhecida*”. A autora escreve igualmente que, “*de concreto, sabemos muito pouco acerca desta figura*” (1997: 49).

manuelina pelas Misericórdias está alinhada com a ideologia imperial e messiânica apadrinhada pelo rei, voltada para a proteção dos mais vulneráveis.

A Misericórdia de Lisboa figura, portanto, como a primeira que foi fundada no Reino, sendo objeto de um número assinalável de diplomas régios que definiam e modelavam a sua ação. Mas, como já se adiantou, não ficou isolada por muito tempo, dado que, logo em 1500, “a chancelaria de D. Manuel dá-nos conta da existência nesse ano das Misericórdias de Santarém, Évora e Setúbal”, realça Isabel dos Guimarães Sá (2002: 22). No século que se segue, vive-se uma fase de inequívoco crescimento e consolidação institucional das Misericórdias, com a sua irradiação a evoluir num período que foi também especial para a construção do Estado Moderno e para a solidificação do Império Português. O desenvolvimento das Misericórdias torna-se particularmente evidente quando se olha para o acréscimo do seu número, para a sua riqueza patrimonial, para o quantitativo de irmãos e de assistidos que as compõem e delas são beneficiários (cf. Xavier e Paiva, 2005: 7). Naturalmente, com o decorrer dos anos e graças à sua propagação, estas instituições tiveram o importante efeito de estender e aprimorar as redes de solidariedade.

Como se percebe, por influência do rei *Venturoso* e de outros agentes, entre os quais os homens bons das cidades e vilas, as Misericórdias passaram por um processo de rápida difusão pelo espaço nacional, originando a revitalização daquilo que a Era Medieval conhecia como a “*espiritualidade da beneficência*” (Abreu, 2004: 840). Com efeito, aquando do desaparecimento de D. Manuel I, monarca que liderou um reinado (1495-1521) em que se registaram vários acontecimentos marcantes, entre os quais a chegada de Vasco da Gama à Índia das especiarias, o achamento do Brasil por Pedro Álvares Cabral e a conquista de várias “*cabeças*” do Oriente por Afonso de Albuquerque (*Cartas de Afonso de Albuquerque...*, I, 1884: 381), e em que se procedeu ao incremento de um valioso naipe de reformas, observa-se nitidamente que as Misericórdias compunham já uma realidade instalada no País e no correspondente Império Marítimo (cf. Sá e Lopes, 2008: 34), embora com densidade desigual. É sabido que, por essa altura, Portugal não era um reino qualquer. As dimensões físicas do tabuleiro onde ia jogando as suas cartas eram realmente gigantescas. Com efeito, os Portugueses, graças à criação, à inovação e ao emprego resolutivo de técnicas decisivas (construção naval de vanguarda, navegação à bolina, náutica astronómica, cartografia moderna, arquitetura militar de referência, superioridade de fogo, novos conceitos de geoestratégia e tática...), foram os primeiros a desenhar aquilo que, no mínimo, se poderá qualificar de «*esboço*» de uma potência global. O País protagonizava uma intervenção naval hegemónica em dois oceanos (Atlântico, mormente Sul, e Índico) e usufruía de oficiais a agirem ao mesmo tempo em quatro massas continentais (Europa, África, Ásia e América).

Sublinhe-se, como expressão magistral de todo este contexto, o célebre planisfério dito “de Cantino”, datado de 1502, sem dúvida uma das obras-primas da cartografia nacional e mundial. Por conseguinte, o Império Lusitano gozava de uma dispersão pluricontinental e pluriocênica, mas também de uma operacionalidade em rede. Em rigor, podemos até dizer que o mar correspondia a boa parte do corpo imperial e vingava como cimento unificador.

Fundadas a partir dos finais do século XV no Reino de Portugal, numa época pautada por inúmeras mudanças que afetavam profundamente a sociedade lusa, a dimensão multifuncional cultivada pelas Misericórdias era ajustada ao cenário em que eram erguidas, ainda que abraçando, naquilo que se julgava viável observar, o modelo da Misericórdia de Lisboa. Na verdade,

“*a flexibilidade estatutária de que gozavam, estava consagrada na utilização do compromisso da Misericórdia de Lisboa. Os monarcas enviavam os estatutos da Misericórdia da capital às suas congéneres, ressaltando que se aplicassem no que fosse possível. [...] Mesmo assim, e quando consideraram conveniente, algumas Misericórdias criaram os seus próprios compromissos, mais adaptados à sua realidade, embora inspirados nos estatutos da Misericórdia de Lisboa, de quem não se afastavam na essência*” (Araújo, 1999: 8). Aclara Maria Marta Lobo de Araújo que,

“*funcionando de forma interativa embora autónomas, as Misericórdias tinham como polos dinamizadores a Misericórdia de Lisboa, por onde passavam os assuntos das Misericórdias do império para as suas congéneres do continente, e a Misericórdia de Goa, que articulava o desempenho das Misericórdias do Estado da Índia [...]. Apesar da escala intermédia que Lisboa e Goa constituíam, nada obstaculizava a que Misericórdias do império estabelecessem diretamente ligação com as da metrópole [...]*” (1999: 8).

Em termos evolutivos, uma radiografia da trajetória das Misericórdias metropolitanas e coloniais denuncia que muitas registaram um processo de burocratização, ganhando, pois, dimensão e complexidade quer administrativa quer financeira e remunerando um número apreciável de funcionários.

As Misericórdias, que em Portugal tendiam a cobrir uma vasta panóplia de serviços de caridade, abrangência que lhes concedia alguma originalidade, e a centralizar quase por completo a assistência (cf. Araújo, 1999: 27), foram erigidas com a superior missão de cumprir as catorze obras de misericórdia, sete espirituais (ensinar os simples, dar bons conselhos, castigar com caridade os que erram, consolar os tristes desconsolados, perdoar as ofensas, sofrer com paciência as injúrias e orar a Deus pelos vivos e pelos mortos) e sete corporais (remir os cativos e visitar os presos, curar os enfermos, vestir os nus, dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, abrigar os peregrinos e enterrar os mortos). Por conseguinte, o espírito de misericórdia foi convertido em ação organizada em benefício dos mais desfavorecidos, isto é, do amor ao próximo.



As Misericórdias lusíadas manifestavam que possuíam uma função simultaneamente social e espiritual e, sem surpresa, os confrades viam nos serviços fornecidos aos pobres uma ótima maneira de satisfazer a Providência, logo de arrecadar, no imediato, recompensas de ordem terrena e, após o falecimento, de ordem celestial. Conforme aponta Isabel dos Guimarães Sá, a respeito da difusão das Misericórdias,

*“dos arquipélagos atlânticos ao Japão, do Norte de África ao Brasil, estas confrarias acompanharam os ritmos de evolução do Império e constituem uma das suas componentes institucionais mais marcantes. É igualmente bem sabido que funcionaram em moldes semelhantes à metrópole, e que reproduziram no essencial as suas características, embora existisse uma grande diversidade entre elas a nível de escala, composição social, património, chefias e serviços de caridade desempenhados”* (2000: 101).

Portanto, as Misericórdias acabaram por se espalhar rapidamente pelo território de Portugal continental e, a par do fenómeno da Expansão, pelas dispersas áreas ultramarinas de jurisdição lusa. Em relação ao Brasil, por exemplo, *“a honra da fundação da primeira Misericórdia [...] é disputada pelas capitãias de São Vicente e de Pernambuco”*, escreve Carlos d’Alge (2005: 710).

Quando analisamos a cronologia dos factos, constata-se que a implantação das Misericórdias nos espaços que integravam o além-mar administrado pelos nossos decorreu ao mesmo tempo da sua disseminação pela Metrópole, pelo que *“não se trata de um sistema que os portugueses tivessem ensaiado no reino e em seguida exportado para as colónias”*, esclarece Isabel dos Guimarães Sá (2000: 103). A mesma autora adverte que *“isto explica que muitas cidades e vilas do Império tivessem formado Misericórdias ainda antes de muitas das suas congéneres na metrópole”* (2000: 103; cf. Sá e Lopes, 2008: 29). A título de prova, subsistiam já no ano de 1502 Misericórdias em certas praças marroquinas, enquanto em numerosas cidades e vilas de Portugal estas instituições estavam ausentes. Não podemos também olvidar a instauração de Santas Casas fora do domínio lusíada, entre as quais a de Nagasáqui, até 1614, e a de Manila em 1606, ou mesmo a continuidade de organizações depois de sucederem mudanças na esfera da soberania política (cf. Cruz, 2005: 707-708; Sá, 2000: 101).

Por outro lado, urge ter em atenção que a feitura de uma lista detalhada das Misericórdias que brotaram nos palcos ultramarinos enfrenta, sem espanto, fortes desafios. Com efeito, *“não é fácil enumerar as Misericórdias que existiram no Império português: muitas delas deixaram apenas referências indiretas e a sua documentação perdeu-se; apenas sabemos que terão existido, sendo impossível estudá-las a nível individual”*, explica Isabel dos Guimarães Sá (2000: 104). Enfim, por vezes, apenas descortinamos pequenos sinais acerca daquilo que foi a existência precária de certas Misericórdias nos espaços de acolhimento do

Império. A propósito das Misericórdias localizadas nos recintos do processo expansionista lusitano, Isabel dos Guimarães Sá opina que,

*“embora nem todos esses territórios dispusessem ainda de uma misericórdia, quando chegamos a 1570 a sua área de expansão encontra-se definida: havia já algumas misericórdias no Brasil e a Misericórdia de Macau tinha sido criada no ano anterior, para não mencionar as numerosas misericórdias do subcontinente indiano e as dos arquipélagos atlânticos”* (1998: 360).

A citada investigadora acrescenta, de igual modo, que

*“em 1570 era já patente que o sistema português de criação de comunidades coloniais integrava a formação de misericórdias como uma das suas principais componentes institucionais”* (1998: 360).

Ou seja, as Misericórdias, objeto da nossa exposição, a par de outras entidades e estruturas, operavam já como acessórios de expressão da identidade nacional que desfrutavam de um lugar relevante na configuração do Império. No entanto, não devemos olvidar que os níveis de êxito, de esplendor e de dinamismo acumulados pelas Misericórdias variavam ao longo das diferentes zonas do Império. A principal explicação para cenários de menor vigor, ou inclusive para uma história marcada por uma implantação mais tardia no terreno, decorre muito provavelmente da mancha limitada que a presença/fixação portuguesa apresentava em determinadas regiões, como era o caso da costa ocidental de África (pelo menos até ao século XIX). Se o nosso olhar recair sobre o Oriente, veremos, por exemplo, que por essas bandas a realidade era bem distinta, vindo ao de cima, necessariamente, a alta vitalidade e até mesmo a centralidade ou *“relação de supremacia hierárquica”* estabelecida pela Misericórdia de Goa *“sobre as restantes Misericórdias do Estado da Índia”* (Sá, 2000: 110). Nada de surpreendente, posto que, conforme se sabe, Goa era *“a chave de toda a Índia”* (Santos, 1999).

No campo dos estudos mais conceituados sobre a Expansão Ultramarina, em particular no que toca à sociedade colonial lusa e ao Império, urge ainda fazer referência à conhecida posição sustentada por Charles R. Boxer, que chama a atenção para a circunstância de que *“entre as instituições que foram características do império marítimo português e que ajudaram a manter unidas as suas diferentes colónias contavam-se o Senado da Câmara e as irmandades de caridade e confrarias laicas, a mais importante das quais era a Santa Casa da Misericórdia”* (d.l. 1992: 267). Este reputado historiador afirma mesmo que

*“a Câmara e a Misericórdia podem ser descritas, apenas com um ligeiro exagero, como os pilares gémeos da sociedade colonial desde o Maranhão até Macau. Garantiam uma continuidade que governadores, bispos e magistrados passageiros não podiam assegurar. Os seus membros provinham de estratos sociais idênticos ou comparáveis e constituíam, até certo ponto, elites coloniais”* (d.l. 1992: 267).

Obviamente que uma narrativa deste género não faz tábua rasa dos episódios de competição ou de conflitualidade que ocorreram à escala local, inclusive entre as Misericórdias e as Câmaras. Com igual pertinência, a estudiosa Laurinda Abreu tem vindo a defender, e passamos a citar,

*“que, tal como no Portugal metropolitano, também no ultramar as Misericórdias foram instituições fundamentais como instâncias de garantia do sistema de assistência pública, instrumentos moralizadores das comunidades, núcleos de poder local e, portanto, estruturas homogeneizadoras de um império espacialmente descontínuo e com especificidades tão diversas como as que se refletem nos modelos institucionais e administrativos adotados”* (2001: 591).

Mas como explicar o retumbante êxito da dinâmica de aparecimento e difusão das Misericórdias quer por terras de Portugal continental quer por terras ultramarinas? Diga-se que a tarefa tem a sua complexidade, tanto mais que, independentemente dos assinaláveis estudos elaborados nos últimos anos sobre as Misericórdias, o processo que levou ao seu surgimento e multiplicação continua envolto em alguma névoa e várias dúvidas. De qualquer modo, sabe-se que o crescimento obtido pelas Misericórdias no século XVI não pode ser dissociado quer do processo de centralização do poder régio e da sua conexão com o domínio assistencial, quer da própria extensão conquistada pelo Império Português aquando dos reinados de D. Manuel I e D. João III (cf. Xavier e Paiva, 2005: 8). Concomitantemente, tendo por base certos autores consultados, e na linha do que já tivemos a oportunidade de frisar no decurso deste texto, é possível estabelecer que a atração que as Misericórdias despertaram junto do soberano, de que resultou um rol apreciável de privilégios e prerrogativas com que a monarquia as distinguiu, e o empenho que esta mesma demonstrou, no sentido de que em todas as cidades, vilas e lugares principais do Reino se instalassem semelhantes confrarias, terão ajudado a todo este sucesso, impulsionando um efeito bola de neve. De facto, como escreve Laurinda Abreu,

*“a rápida implantação urbana das Misericórdias e a insistência que D. Manuel I colocou no seu efetivo funcionamento [...] explicitam claramente a vontade da Coroa de responder de forma organizada às necessidades assistenciais do tempo, potenciando os recursos existentes e apelando para o envolvimento dos fiéis nesse processo. Retomando um dos valores essenciais do cristianismo – o que encara a assistência como uma das mais importantes manifestações da espiritualidade –, essas novas confrarias permitiam a integração de todos os que se quisessem unir no espírito da fraternidade e que por ele se sentissem compelidos ao exercício das obras de misericórdia”* (2001: 592-593).

Convém não esquecer que distintos aliciantes (e não apenas a intervenção de um só estímulo) exerceram um papel fundamental na hora do alastramento das Misericórdias. Na ótica defendida por Isabel dos Guimarães Sá, e amplamente aceite, o êxito da sua expansão

*“deve-se em boa parte a condições que colocavam as misericórdias acima das outras confrarias em matéria de constituição de património, capacidade assistencial e importância político-social dos seus membros. Essas condições foram sendo criadas ao longo do tempo, num processo que se estende desde o reinado de D. Manuel até ao reinado de D. Sebastião [...] e que não se esgotou com a integração da Coroa portuguesa na monarquia espanhola, uma vez que os Filipes continuaram a beneficiar as misericórdias. No entanto, as benesses que permitiram às misericórdias eliminar a concorrência de outras confrarias situam-se grosso modo entre a data da primeira fundação e a última sessão do Concílio de Trento [...]”* (1998: 360).

Indo um pouco mais longe na nossa exposição sobre as Misericórdias, escusado será dizer que fatores como os seus canais de autofinanciamento, a sua conhecida autonomia administrativa, o seu contacto com o poder central, a familiaridade prévia experimentada frequentemente pelos Portugueses com tais instituições ou até a adoção de uma cultura comum no domínio da assistência, entre outros pontos, facilitavam a sua transportação para os territórios de além-mar. Chegados aqui, é conveniente afirmá-lo, ninguém poderá ficar indiferente às competências atribuídas às Misericórdias ultramarinas, *“geralmente idênticas às da metrópole”* (Sá, 1998: 364). Com efeito, à semelhança do que sucedia no Reino, cuidavam dos presos pobres nas cadeias, aprontando assistência espiritual, corporal e judicial; ocupavam-se dos entevados e pobres envergonhados mediante apoio a domicílio; das donzelas pobres por via da concessão de dotes; dos defuntos através de cerimónias fúnebres ajustadas ao correspondente estatuto social; da ajuda a doentes através da administração de hospitais, etc. Refira-se, contudo, lembrando palavras de Isabel dos Guimarães Sá, que constam do primeiro volume da *História da Expansão Portuguesa, A Formação do Império (1415-1570)*, direção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, que *“não se deve exagerar a propensão das misericórdias para a assistência a não membros”*, visto que *“um dos seus traços característicos é a vocação para privilegiar os seus próprios irmãos”* (1998: 364). No âmbito das elites coloniais, *“a ajuda restringia-se a brancos, excluindo sempre que possível as comunidades locais, mesmo quando convertidas ao cristianismo”* (1998: 364). A grande exceção eram *“os escravos dos Portugueses”*, já que, *“naturalmente entendidos como prolongamentos da comunidade branca e elementos essenciais à sua própria sobrevivência, recebiam assistência”*, explica Isabel dos Guimarães Sá (1998: 364).

Em jeito de conclusão, à luz de algumas ideias descritas ou reproduzidas neste texto, fica evidente que a monarquia portuguesa demonstrou um forte interesse em que surgissem Misericórdias no Reino e nos espaços ultramarinos. Entre outras vantagens, as Misericórdias, cultivando um padrão que podemos

qualificar de comum, ajudavam a desenvolver o enquadramento da caridade, a alimentar a coesão social, a promover o alargamento da influência política do rei e a conservar a unidade da formação imperial. Compuseram, assim, instituições de relevo no que concerne ao funcionamento da sociedade colonial portuguesa, até porque desfrutaram de uma «ubiquidade», teia de contactos e matriz espiritual que favoreceram a sua transformação em aparelhos relativamente homogeneizadores de um Império que, do ponto de vista terrestre, apresentava evidente descontinuidade e conseqüentes singularidades, mormente no capítulo administrativo. O apoio régio, ou seja, a vontade política que lhe está associada, constitui, no mínimo, uma parte apreciável da explicação para a célere disseminação dessas instituições pelos domínios lusos (cf. Abreu, 2001: 595), sendo também de registar que largo quinhão da vivacidade que localmente as Misericórdias revelavam provinha desse valioso agasalho e, sem surpresa, fonte de capital simbólico. E se é irrefutável a ocorrência de excessos e de falcaturas, sobretudo quando se chega ao século XVIII, altura em que, por sinal, muitas Misericórdias caíram em agonia e notório descrédito, não podemos esquecer, como bem observa Charles R. Boxer, que, em termos genéricos, “as Misericórdias mantiveram padrões surpreendentemente elevados de honestidade e eficiência durante séculos” (d.l. 1992: 280).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, Laurinda (2001), “O Papel das Misericórdias dos ‘Lugares de Além-Mar’ na Formação do Império Português”. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII, n.º 3. Rio de Janeiro, 591-611.

Abreu, Laurinda (2004), “Misericórdias e Igreja no Império Através dos Tombos Gerais”, in *D. João III e o Império. Atas do Congresso Internacional Comemorativo do seu Nascimento*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 837-843.

Alge, Carlos d’ (2005), “Misericórdia no B.”, in Fernando Cristóvão (dir. e coord.), *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores, 710-711.

Araújo, Maria Marta Lobo de (1999), *Dar aos Pobres e emprestar a Deus: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (Séculos XVI-XVIII)*, tese de doutoramento, vol. I. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Boxer, C. R. (d.l. 1992), *O Império Marítimo Português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70.

*Cartas de Afonso de Albuquerque Seguidas de Documentos que as elucidam* (1884), direção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, vol. I. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Correia, Fernando da Silva (s.d.), “Misericórdias”, in Joel Serrão (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV. Porto: Livraria Figueirinhas, 312-316.

Costa, João Paulo Oliveira e (2005), *D. Manuel I*, in *Reis de Portugal*, direção de Roberto Carneiro, coordenação científica de Artur Teodoro de Matos e João

Paulo Oliveira e Costa. Lisboa: Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Cruz, Maria Leonor Garcia da (2005), “Misericórdias Portuguesas no Espaço Lusófono”, in Fernando Cristóvão (dir. e coord.), *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores, 707-710. Melícias, Vítor (2002), [Abertura], in José Pedro Paiva (coord. científica), *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. I, *Fazer a História das Misericórdias*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa e União das Misericórdias Portuguesas, 7-8.

Sá, Isabel dos Guimarães (1997), *Quando o Rico se faz Pobre: Misericórdias, Caridade e Poder no Império Português (1500-1800)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Sá, Isabel dos Guimarães (1998), “As Misericórdias”, in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, *A Formação do Império (1415-1570)*. Lisboa: Temas e Debates, 360-368. Sá, Isabel dos Guimarães (2000), “As Misericórdias no Império Português (1500-1800)”, in *500 Anos das Misericórdias Portuguesas: Solidariedade de Geração em Geração*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias Portuguesas, 101-133.

Sá, Isabel dos Guimarães (2002), “As Misericórdias: da Fundação à União Dinástica”, in José Pedro Paiva (coord. científica), *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. I, *Fazer a História das Misericórdias*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa e União das Misericórdias Portuguesas, 19-45.

Sá, Isabel dos Guimarães e Lopes, Maria Antónia (2008), *História Breve das Misericórdias Portuguesas (1498-2000)*, “Parte I – de 1498 a 1750”, da autoria de Isabel dos Guimarães Sá. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 7-64. Santos, Catarina Madeira (1999), “Goa é a chave de toda a Índia”. *Perfil Político da Capital do Estado da Índia (1505-1570)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Simões, Maurício (1999), *Santa Casa da Misericórdia da Covilhã. “Cibos para a sua História”*. Covilhã: Edição da Câmara Municipal da Covilhã.

Xavier, Ângela Barreto e Paiva, José Pedro (2005), “Introdução”, in José Pedro Paiva (coord. científica), *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, vol. IV, *Crescimento e Consolidação: de D. João III a 1580*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa e União das Misericórdias Portuguesas, 7-30.

#### SÓCIO AICL

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 20º E 22º SEIA 2013, E 2014, 23º FUNDÃO 2015, 25º MONTALEGRE

## 2. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES E AICL



**ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA]** 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.



Bragança 2009



Bragança 2010

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade. Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos),

tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Ponta Delgada.



Bragança 2009



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010 Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto do Cancioneiro Açoriano acompanhada pela Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de Ponta Delgada, de flauta e viola da terra.

## ATAS do 26º colóquio da lusofonia, lomba da maia 2016

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



IPM (MACAU) 2011



2011 STA Mª



2012 GALIZA

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano). No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina

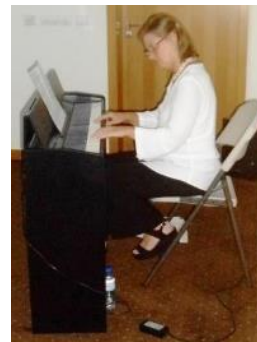
Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Faltou ao 21º colóquio, mas esteve presente no 22º, 23º e 24º tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos

Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



MACAU 2011

MONTALEGRE 2016



2015Graciosa

DESDE O COLÓQUIO DE BRAGANÇA 2007 (8º), LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM LAGOA 2008 (9º), BRAGANÇA 2008 (10º), LAGOA 2009 (11º), BRAGANÇA 2009 (12º), BRASIL (FLORIANÓPOLIS 13º), BRAGANÇA 2010 (14º), MACAU 201 (15º), VILA DO PORTO 2011 (16º), LAGOA 2012 (17º), OURENSE, GALIZA 2012 (18º), MAIA 2013 (19º), SEIA 2013 (20º), SEIA 2014 (22º), FUNDÃO 2015 (23º), GRACIOSA 2015 (24º). MONTALEGRE 2016 (25º)

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

- É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Dará RECITAIS com Carolina Constância (violino) e Henrique Constância (Violoncelo).

### 3. ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH, UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR - INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA E AICL ASARDO@IPG.PT

**Anabela Oliveira da Naia Sardo** é professora adjunta da Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda, Portugal.

É doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015. Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012. É, desde 2015, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH / IPG.

É membro integrado da Unidade de Investigação e Desenvolvimento do Interior (UDI) e faz parte da equipa fundadora do “Observatório de Turismo da Serra da Estrela”, com sede na ESTH / IPG. É também sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia. Faz parte da Comissão Científica Permanente desta associação internacional desde 2013 (triénios 2013 – 15 e 15 – 17).

É membro do Conselho Editorial Externo da revista *Millenium* do Instituto Politécnico de Viseu.

Para além da investigação que tem vindo a realizar na área da Literatura Portuguesa, especificamente acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural e Literário.



GRACIOSA 2015

MONTALEGRE 2015

**TEMA IMPRESSÕES EM JEITO DE COMEMORAÇÃO: OS 90 ANOS DA PUBLICAÇÃO DE AS ILHAS DESCONHECIDAS - NOTAS E PAISAGENS DE RAÚL BRANDÃO, ANABELA SARDO\* E ANA MARIA COSTA LOPES\*\* - \*ASARDO@IPG.PT - ORCID ID 0000-0002-2749-785X - UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR - INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA - \*\*ANACOSTALOPES@ESEV.IPV.PT - CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS E SAÚDE - INSTITUTO POLITÉCNICO DE VISEU**

Com o intuito de recordar os noventa anos da publicação do livro de Raúl Brandão *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* (1926), evocamos este admirável livro de viagens que transforma a impressionante geografia das ilhas portuguesas numa surpreendente e assombrosa geografia metafísica.

Num registo marcadamente poético, escrevendo ao jeito impressionista de quem pinta, Raúl Brandão esboça de forma deslumbrante as paisagens e a natureza dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, revelando-nos uma afeição vernácula à terra portuguesa e uma simpatia genuína pelo trabalho do povo. Numa policromia orgiástica, emergem apontamentos sobre as condições de vida em Portugal e nas ilhas no início das primeiras décadas do século XX.

Em textos repletos de espanto, entre o ‘esplendor da luz’ e o ‘abismo negro da dor’, o autor reflete, em última instância, sobre a luta pela sobrevivência e a fragilidade e efemeridade da Vida: “palpo a fragilidade dos nossos atos, sinto a tristeza da vida efémera” (Brandão, 2011: 83).

“Aos meus amigos dos Açores”<sup>12</sup>

#### NOTA INTRODUTÓRIA

Com o intuito de recordar os noventa anos da publicação do livro de Raul Brandão *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* (1926), evocamos este admirável livro de viagens que transforma a impressionante geografia das ilhas portuguesas numa surpreendente e assombrosa geografia metafísica.

#### RAUL BRANDÃO: O HOMEM E A OBRA

“Da minha vida não posso avançar mais nada, além do que aí está em farrapos nalguns dos meus volumes” Raul Brandão (2011), *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*, p. 204

Na edição que usamos para escrever este artigo<sup>13</sup>, figura uma “Biografia” de Raul Germano Brandão, redigida por Guilherme de Castilho, texto

<sup>12</sup> Pensamos que ninguém percebe esse ‘sentimento’ a que Vitorino Nemésio chamou, um dia, ‘Açorianidade’ (se é que alguma vez o entende completamente quem nos Açores não nasceu e/ou viveu), até ter ido uma e outra vez às Ilhas. Por isso, dedicamos aos nossos amigos do arquipélago encantado este texto, para tal usando, *ipsis verbis*, a dedicatória do livro belíssimo sobre o qual esquiçamos estas breves linhas.

originalmente composto para a edição das Obras Completas de Raul Brandão, publicada pelo Círculo de Leitores. Relembramos, aqui, apenas alguns aspetos biobibliográficos para conhecimento ou uma melhor compreensão da obra deste grande vulto da história literária portuguesa que nasceu na Foz do Douro em 12 de março de 1867. Este lugar bem como o ambiente físico e moral em que passou a sua infância e juventude delinearão a personalidade de homem e artista e revelar-se-ão na sua obra. Os seus primeiros estudos realizam-se na Foz Velha e, posteriormente, no Colégio de S. Carlos no Porto. Como refere Castilho, “O centro do mundo desloca-se então da Foz Velha para Leça e para o **Camanho**, que o mesmo é dizer para o ninho dos poetas e o antro fumarento dos nefelibatas” (Brandão, 2011: 202).

É sob o signo do nefelibatismo, no início dos anos noventa do século XIX, que o escritor desperta para o mundo da literatura. A sua adesão à nova corrente literária manifesta-se no opúsculo *Nefelibata* (1891/1892), escrito em coautoria, e *História de um Palhaço* (1986). Em 1891, publica dois escritos que são considerados marginais à sua bibliografia ‘significativa’: a coletânea de contos naturalistas *Impressões e Paisagens* (1890) e *Vida de Santos* (1891). Terminado o curso secundário e após uma breve passagem pelo Curso Superior de Letras, matricula-se, em 1891, na Escola do Exército por influência de seus pais, pois nada terá desagradado mais a Raul Brandão do que a carreira militar. Ainda estudante na Escola do Exército, em Lisboa, inicia a sua carreira de jornalista, tarefa que exercerá até ao fim da vida. Colabora no *Imparcial*, no *Correio da Noite*, no *Correio da Manhã* e em *O Dia*. E é a atividade jornalística que lhe permite contactar com realidades que até então desconhecia (os mundos da miséria, do vício e do crime) e lhe abre novas perspectivas. No livro *Os Pobres*, publicado em 1906, emerge uma tentativa de explicação da dor inerente à condição humana. Porém, como refere Guilherme de Castilho, “a solução metafísica que encontra não apazigua a sua consciência moral. A interrogação e a dúvida persistem no seu espírito e serão uma constante dentro da problemática que desenvolverá nas obras a escrever” (Brandão, 2011: 203).

O escritor divide a sua existência entre a sua casa em Nespereira, nos arredores de Guimarães, que mandou construir após o seu casamento, e Lisboa. Depois da reforma, em 1912, inicia-se a fase literária mais produtiva, com a publicação das obras principais. No plano novelístico, destacamos *A Farsa* (1903), a obra-prima *Húmus* (1917), dedicada ao amigo Columbano, que conheceu no final de Oitocentos e que lhe pintou dois retratos, e *O Pobre de Pedir* (1931, publicação póstuma). É também nesta fase de vida que escreve a sua obra dramática, como, por exemplo, *O Gebo e a Sombra*, *O Rei Imaginário* e *O Doido e*

*a Morte* (1923), textos compilados em *Teatro*. Em 1927, publicou *Jesus Cristo em Lisboa*, em colaboração com Teixeira de Pascoaes. Também nesse ano, vem a lume *Eu Sou um Homem de Bem* e, em 1929, *O Avejão*. Refiram-se, ainda, as obras históricas, como, por exemplo, *El Rei Junot* (1912) e *A Conspiração de 1817* (1914). Nos anos 20, Raul Brandão escreveu as obras impressionistas: *Os Pescadores*, em 1923, e aquela que é objeto de atenção neste texto, *As Ilhas Desconhecidas*, publicadas em 1926.

Concluindo, Raul Brandão seguiu, como referimos, uma carreira militar. Mas foi, principalmente, um grande jornalista e escritor, autor de uma vasta e diferenciada obra literária, que incluiu ficção, teatro e livros de viagem, demarcada pelas vertentes social, ética e religiosa e entrecruzada pelo patético e pelo trágico. Fez parte do grupo dos “Nefelibatas” e da “Geração de 90” do século XIX. Foi influenciado pelas correntes do Realismo, do Naturalismo e, também, do Simbolismo e do Decadentismo. Foi um homem imaginativo e talentoso, todavia passivo e, de certa forma, isolado, características que, na opinião de alguns investigadores, acabaram por fazer dele, muitas vezes, um incompreendido.

#### AS ILHAS DESCONHECIDAS - NOTAS E PAISAGENS: LITERATURA DE VIAGENS

“Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques”

Raul Brandão (2011), *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*, p. 9  
Estava já no fim a primavera de 1924 quando Raul Brandão enceta uma expedição aos arquipélagos portugueses da Madeira e dos Açores, a bordo do vapor S. Miguel, viagem que se desenrolará entre junho e agosto na companhia de outros intelectuais, de entre os quais se destaca Vitorino Nemésio.

Como se pode ler logo na página inicial de *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* (Brandão, 2011: 11), o autor considera que o navio onde seguia havia perdido “todo o interesse da antiga navegação à vela”. Para sua desilusão, afigura-se-lhe como “a vida a bordo do Hotel Francfort com porteiro e tudo” (*Id. Ibidem*). E remata: “Foi-se o encanto dos velhos navios (...)” (*Id. Ibidem*). *Depressa, contudo, o inicial desapontamento se transforma em “terror sagrado do mar”* (Brandão, 2011: 12) e em espanto filtrado pelo “*Ar lívido, água revolta e uma grandeza*” (*Id. Ibidem*) com a qual o escritor diz não poder “*arcar*” (*Id. Ibidem*). Logo na primeira manhã, o viajante sente-se invadido por impressões que o marcarão durante todo o percurso e ficarão averbadas no mais recôndito do seu ser e registadas em papel: “*Tudo isto, todo este azul, toda esta frescura, me entra em jorro pelos olhos e pela alma*” (*Id. Ibidem*).

O livro *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens* é publicado dois anos mais tarde, em 1926, e é tido por muitos como um dos mais belos exemplares da literatura de viagens portuguesa e uma maravilhada homenagem aos arquipélagos atlânticos. A obra é apresentada “Em três linhas”, pelo próprio escritor, num preâmbulo onde, desde logo, podemos perceber que, embora o percurso incluía

<sup>13</sup> BRANDÃO, Raul (2011), *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*. Lisboa: Quetzal Editores. ISBN: 978-972-564-939-8.

uma visita ao Arquipélago da Madeira, são as ilhas dos Açores que motivam a viagem. Neste texto inicial, Raul Brandão exalta a paisagem dos Açores, comparando-a à do Japão:

*Este livro é feito com notas de viagem, quase sem retoques. Apenas ampliei um ou outro quadro, procurando sempre não tirar a frescura às primeiras impressões. Tinha ouvido a um oficial de marinha que a paisagem do arquipélago valia a do Japão. E talvez valha... Não poder eu pintar com palavras alguns dos sítios mais pitorescos das ilhas, despertando nos leitores o desejo de os verem com os seus próprios olhos!...” (Brandão, 2011: 9).*

“Este livro é feito com notas de viagem”, esclarece Raúl Brandão (*Id. Ibidem*) no prómio que acabamos de citar. Como classificar esta viagem de Brandão? Como já referimos, o escritor concretizou, durante o verão de 1924, uma expedição que podemos classificar como “viagem erudita”, uma das categorias da tipologia de viagens proposta por Fernando Cristóvão no ensaio “Para uma Teoria da Literatura de Viagens” (2002)<sup>14</sup>. De acordo com essa categorização, o “*viajante de erudição, de formação ou de serviço*” visa ampliar a sua formação, viajar como diplomata, estudioso ou em missão. Dá como exemplo o *Grand Tour*, realizado pelos jovens aristocratas ingleses, desde os finais do século XVII, pela Europa Continental, e que culminava em Itália, bem como as viagens feitas por escritores e livres-pensadores como Goethe e Montaigne. Cristóvão (2002: 49) fala dessas viagens como aquelas em que a aquisição de conhecimentos é a preocupação principal, quer se trate de conhecimentos científicos ou de cultura geral, capazes de estimular novas ideias e hipóteses.

Os viajantes eruditos são diferentes. Raramente têm espírito de aventura. São normalmente príncipes, artistas, clérigos ou intelectuais críticos que não se identificam com a estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países. Desejam encontrar, fora de fronteiras, o que lhes falta dentro. Os seus escritos contribuem para a renovação cultural dos seus países. Como chama à atenção Luis Romano (2013: 42), apesar de Cristóvão considerar as viagens e as categorias de viajantes no contexto histórico em que admite que teria prosperado a Literatura de Viagens, ou seja, o período compreendido entre o século XV e o final do XIX, isso não parece impedir que usemos a sua tipologia para pensar os conceitos do viajante do século XX ou do contemporâneo. Partindo deste pressuposto, a figura do viajante de erudição, de formação e de serviços não está, pois, restrita aos livres-pensadores, artistas e poetas do Iluminismo e do Romantismo. Está presente, igualmente, em escritores-viajantes contemporâneos,

<sup>14</sup> Na sua tipologia de viagens, Cristóvão (citado por Romano, 2013: 39-41) fala em cinco categorias: a peregrinação; as viagens de comércio; as viagens de expansão (que se subdividem em expansão da fé, expansão política e expansão científica); as viagens eruditas, de formação ou de serviço e as viagens imaginárias.

grandes nomes da literatura universal do século XX e contemporâneos. Do mesmo modo, se descobre em nomes imortais da literatura nacional, como Raul Brandão, Vitorino Nemésio, José Saramago entre tantos outros, onde a viagem que descobrimos é, muitas vezes, dentro do seu próprio país, Portugal.

Fernando Cristóvão define a ‘Literatura de Viagens’ como um subgénero literário, “modalidade interdisciplinar do género narrativo” (2002: 35), *cujos textos, de caráter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã. (Id. Ibidem)*

O investigador refere que os textos de Literatura de Viagens são, pois, interdisciplinares, entrecruzando História, Antropologia e ficção e desvelando o olhar do viajante que forma uma imagem sobre o espaço e a cultura do Outro. A viagem não é apenas o percurso mais ou menos longo, mais ou menos árduo que se palmilha. Inclui o que se afigurou digno de apontamento pela novidade, raridade ou excecionalidade.

#### O OLHAR DO VIAJANTE E O REGISTO DA EXCECIONALIDADE

Efetivamente, em *As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*, encontramos uma “pintura com palavras”, tal como refere Raul Brandão no prefácio já mencionado. O escritor tinha ouvido elogiar os Açores e a sua viagem é motivada pelo desejo de descobrir “a paisagem do arquipélago”, a qual, segundo se dizia, “valia a do Japão” (Brandão, 2011: 9).

Num registo marcadamente poético, escrevendo ao jeito impressionista de quem pinta, Raul Brandão esboça de forma deslumbrante as paisagens, a Natureza e a essência do arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira. Assenta, essencial e demoradamente, o que se afigura como raro e excecional, revelando-nos, concomitantemente, uma afeição vernácula à terra portuguesa e uma simpatia genuína pelo trabalho do povo. Numa policromia orgiástica, emergem, por entre as descrições, apontamentos sobre as condições de vida nas ilhas (e em Portugal continental), nas primeiras décadas do século XX, e reflexões existenciais. Por vezes, a visão é naturalista, essencialmente quando o escritor relata a miséria do quotidiano das comunidades de algumas ilhas, o instinto animal do homem ou o meio ambiente agreste em que viviam os habitantes do Arquipélago dos Açores. Um bom exemplo encontra-se em “O Corvo”, a primeira ilha a quem o escritor dedica um capítulo do seu livro.

No primeiro capítulo, “De Lisboa ao Corvo”, para além do assentamento das primeiras e intensas impressões de viagem, o escritor faz uma deslumbrada e



embevecida referência breve à Ilha da Madeira, por onde passa e fundeia o navio e que merecerá as honras de um capítulo no final do livro. Depois, surgem as alusões às insulas que se começam a avistar “à luz delicada dos Açores” (Brandão, 2011: 19), sob um “céu carregado de humidade e forrado de nuvens” (*Id. Ibidem*): a Santa Maria, “esse torresmo de terra negra” (Brandão, 2011: 17), que o escritor fica conhecendo para o resto da sua vida “pela ilha que cheira bem...” (Brandão, 2011: 18); a S. Miguel e à Terceira, esta última onde o navio aporta. A ilha Terceira é outra terra perfumada, “quando vem o tempo do incenso dar flor” (Brandão, 2011: 23). Aí, onde Brandão confessa ter observado “as mais lindas figuras de mulheres dos Açores” (Brandão, 2011: 21), desde logo a atmosfera, as cores e os perfumes da terra atordoam o viajante que se sente invadido pelo “torpor açoriano” (Brandão, 2011: 23).

Na verdade, de imediato se instalam, segundo nos parece, sentimentos ambivalentes face às ilhas: a admiração maravilhada que se conjuga com as sensações de esmagamento, insularidade e solidão, que chegam a pesar “sobre o peito como um bloco” (*Id. Ibidem*), impressões que delimitarão todas as visitas e estadias nas ilhas e que farão Brandão revelar, no final da obra, a inquietação pelo regresso à “luz alegre, uma luz que vibra toda” (Brandão, 2011: 199) de “Portugal!...” (*Id. Ibidem*). Este final daria azo a interpretações que, todavia, não iremos tecer. O percurso permite o avistamento de panoramas únicos e assombrosos, tal como o que se observa quanto se depara com “quatro ilhas saindo do mar ao mesmo tempo” (Brandão, 2011: 24): a Graciosa, a Terceira, S. Jorge e o Pico. Depois, o Faial “dum azul quase violeta” (Brandão, 2011: 25). Na verdade, todo este caminho inicial é um “espetáculo imenso” que se desenrola diante dos olhos atónitos do viajante, como o próprio revela: “dá-me a impressão de que as ilhas nascem do mar e se vão formando à nossa vista pela mão do criador” (Brandão, 2011: 26). Desde cedo se instaura um clima de irrealidade que perdurará ao longo de toda a viagem e que culminará com a visão da paisagem na ilha de S. Miguel: “Há nesta ilha duas coisas maravilhosas: as Furnas e as Sete Cidades. Quase tenho medo de falar de uma paisagem que hoje, mais do que nunca me parece irreal...” (Brandão, 2011: 144); “luz e irrealidade” (Brandão, 2011: 145), levando o escritor a confessar a sua incapacidade para descrever o que vê e sente.

A chegada ao Corvo (segundo texto, após o prefácio, pp. 29 a 52) e as anotações finais da viagem de Lisboa a essa ilha confirmam os sentimentos paradoxais que assolarão permanentemente Brandão durante todo o verão de 1926: “É com apreensão que desembarco no sítio mais pobre e isolado do mundo” (Brandão, 2011: 35). Neste “grande rochedo a pique” (Brandão, 2011: 29), tudo é “Braveza, solidão e negrume” (*Id. Ibidem*). O Corvo é “Um penedo e vento na solidão tremenda”, sentimento que, mais do que nunca, macera o escritor: “sinto-me como nunca me senti, isolado no mundo” (Brandão, 2011: 27). Todavia, neste

lugar, onde as gentes foram moldadas “a pouco e pouco [pela] braveza e o silêncio” (Brandão, 2011: 35), não existe indignação, como nota Brandão na página 31: “— Na verdade, não vi andrajões nem miséria”.

Espanta-se, pois, o escritor com a excecionalidade da Natureza e do Homem corvino perante os quais se sente pequeno. Tudo assume proporções excecionais e desmedidas: uma Natureza implacável e as gentes que a enfrentam. No Corvo, existe um “extraordinário sentimento de igualdade. O Corvo é uma democracia cristã de lavradores” (Brandão, 2011: 36). Nessa ilha, onde não se pode fugir à solidão e “à sólida arquitetura dos montes que apertam e esmagam” (*Id. Ibidem*), “o tempo assume proporções extraordinárias” (*Id. Ibidem*) e o homem “foi condenado à solidão e ao trabalho” (Brandão, 2011: 37). Ali, pondera Brandão, o ser humano foi privado do essencial na vida: a capacidade de sonhar. Ali, só a religião o livra da solidão, da Natureza implacável e do inferno!

Ao longo do texto, abate-se sobre o escritor e o leitor a inquietação da ventania implacável, o peso do nevoeiro fantasmagórico, o silêncio da monotonia, o sentimento da solidão opressiva e o espanto da grandeza e benignidade dos corvinos, “um povo perdido no mar” (Brandão, 2011: 47), “cuja índole extraordinária de mansidão abrange os homens e os bichos, sujeitos às mesmas leis severas da vida natural” (Brandão, 2011: 43). Aqui, como subseqüentemente ao longo de toda a obra e tal como assinala Mágnia Pierini,

*Há um exercício de interlocução que conduz o leitor a uma representatividade cénica e poética, estabelecendo relações entre o macro e o micro espaços, a paisagem, o povo retratado e uma simbiose entre esses componentes, a pintura impressionista e escrita literária de Raúl Brandão. (Pierini, 2014: 99 - 100)*

Entrecortam as anotações momentos de reflexão filosófica sobre a natureza humana, a religião e a Vida que permitem a Brandão concluir que “o Corvo é um mundo” (Brandão, 2011: 51), onde imperam as nuvens e o vento e onde o “ruído eterno do mar (...) ecoa nos paredões e nas almas” (Brandão, 2011: 49). Sobressai, na descrição desta ilha, onde as leis da necessidade se impõem como em nenhum outro lugar, como afirma Raul Brandão, o caráter excecional do povo açoriano, mensurado, no caso concreto dos corvinos, pelo cunho extraordinário de uma Natureza implacável e excecionalmente agreste e brutal.

O impressionismo marca o texto, entendido a partir do seu binómio concetual e tal como definido por Giulio Carlo Argan: “Literalmente, expressão é o contrário de impressão. Impressão é o movimento do exterior para o interior: é a realidade (objeto) que se imprime na consciência (sujeito)” (Argan, 2004: 227). Num texto onde claramente as palavras são pinceladas de um exímio pintor, a presença de termos pertencentes ao campo semântico de outras artes, como a

escultura, por exemplo, é igualmente de notar. Note-se o excerto: “as fisionomias abertas a escopro por um escultor de génio que não chegou a concluí-las (...)”. (Brandão, 2011: 35). O capítulo seguinte ocupa as páginas 53 a 75, intitula-se “Floresta Adormecida” e é dedicado à lindíssima ilha “violeta e verde” (Brandão, 2011: 53), tão apropriadamente chamada Flores. Os textos sucedem-se, como as terras de que nos falamos: “As FLORES E O CORVO erguem-se uma defronte da outra, separadas por um canal de quinze milhas (...)” (*Id. Ibidem*), permitindo-nos perceber melhor a diferença abissal que separa as duas ínsulas. As primeiras impressões são de clareza em contraponto com o negrume do Corvo: “Entramos pelas rochas afiadas do porto de Santa Cruz”, onde a água verde-claro estremece (...)” (*Id. Ibidem*) e onde se vislumbram “Duas ou três ruas muito limpas, a igreja, a praça, o convento, e logo por trás uma colina esmeralda de formas regulares e perfeitas” (Brandão, 2011: 53-54). Ao contrário do Corvo, o “caráter desta ilha é de serenidade (...)” (Brandão, 2011: 54). O que mais parece sensibilizar o escritor, nesta “paisagem feminina (...)” (*Id. Ibidem*), são a luz e as cores do lugar, que o transformam numa “obra de arte” (Brandão, 2011: 55), e transparecem num excerto que não podemos deixar de transcrever:

*Tenho a impressão de que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores, a luz vaporizada que se sensibiliza a todos os momentos. É talvez da cor, que é única, do pó roxo, do verde dos pastos (...) – é talvez da mistura dos nervos do mar, da chuva de verão, do sol que se desfaz em oiro sobre tudo isto, e destas nuvens mágicas que intercetam a luz ruborizando-se como grandes velários de cor (...) ... Todas as cores se fundem (...) [num] cinzento colorido onde boiam cores húmidas (...) (Id. Ibidem).*

O contraponto com a ilha do Corvo continua, claramente assinalado pelo escritor quando regista, “De ilha a ilha – Corvo e Flores – vão quinze milhas – mas que distância as separa!...”, pois, ao contrário dessa, tudo é “menor esforço” (*Id. Ibidem*) e fartura nas Flores, numa natureza pródiga onde até “dão leite as crateras dos pacíficos vulcões” (Brandão, 2011: 56). Se o que mais assombra o escritor nesta viagem é a natureza excepcional das ilhas, registada desde logo nos três primeiros capítulos, também a análise etnográfica prende, como já mencionámos, a atenção do viajante conduzindo-o, inúmeras vezes a uma reflexão filosófica e política. Como aludimos anteriormente, separa o Corvo e as Flores uma dissemelhança abissal. Todavia, alguns aspetos são comuns, como, por exemplo, os costumes que, tal como nota o visitante, pouco mudaram numa e noutra ilha. O isolamento e uma espécie de tempo parado (“É aqui que o tempo assume proporções extraordinárias”, Brandão, 2011: 36) impuseram um conservadorismo arrasador que desperta diferentes sentimentos no escritor. Compreende o Corvo, onde a vida é tão “dura” (Brandão, 2011: 32) e tudo é “tão humilde, tão feio, tão só” (Brandão, 2011: 30). Não entende “os interesses

mesquinhos moídos e remoídos” (Brandão, 2011: 57) que observa nas Flores, comparando a ilha, nessa questão, ao Purgatório, chegando mesmo a escrever: “E na verdade aqui tanto faz estar vivo como estar morto e sepultado num jazigo de família” (*Id. Ibidem*). Repare-se, ainda, num novo antagonismo, observado nas Flores: o Purgatório social num Paraíso natural.

Em ambos os textos, a religião merece a atenção de Brandão. Aos corvinos, é a religião que os “livra da natureza e do inferno (...). É ela que, além da vida monótona, da vida horrível, lhes mostra outra vida superior.” (Brandão, 2011: 38). Nas Flores, ressalta aquela que é “a única devoção do povo açoriano, ou pelo menos a mais arreigada (...) o Santo Espírito, (...) culto remoto que vem do fundo dos séculos” (Brandão, 2011: 62), que se mantinha nos Açores e no sertão brasileiro e que apenas em pormenores varia de um lugar a outro. O que mais assombra o escritor e merece destaque é o “seu extraordinário caráter popular. Não é o padre que celebra o culto – é o povo que o celebra (...)” (*Id. Ibidem*). A festa merece uma detalhada descrição histórica, etnográfica e ritualística.

A sensação de ambivalência entre o êxtase do belo e a vaga apreensão ou receio mantém-se ao longo de todo o livro. As ilhas apresentam-se ora de uma beleza serena que encanta Brandão, como é o caso das Flores e do Faial, onde a terra se revela “numa fantasmagoria de azul” (Brandão, 2011: 86), ora como uma “imagem a negro e cinzento” (Brandão, 2011: 93), como é caso do Pico e do Corvo. O viajante admite: “de estonteado não reparo senão no azul que me deslumbra, em todos os tons do azul que me entram pelos olhos (...). Sob a pele que calcamos corre um rio azul inesgotável (...)” (Brandão, 2011: 86).

Do Faial, avista-se o “extraordinário” (Brandão, 2011: 89) e “estranho” (*Id. Ibidem*) Pico que os caprichos da luz, do tempo e das nuvens vão metamorfoseando. À maior ilha dos Açores dedica Brandão dezassete páginas, repletas de impressões, de cromatismo intenso e sentimentos avassaladores e ambivalentes que não deixam o leitor indiferente. A aproximação a terra revela uma imagem que “mete medo” (Brandão, 2011: 93) e o aspeto “é de um grande luto, duma grande desolação” (*Id. Ibidem*). De novo, entrecortam as soberbas descrições da natureza da ilha, que causa no viajante as mais paradoxais comoções, os registos etnográficos. Uma vez mais, sobressai o elogio ao povo açoriano: “Os picarotos são os mais destemidos homens do mar do arquipélago, tísidos, secos, graves e leais” (Brandão, 2011: 94). Entre “tanto negrume”, o azul é mais azul e o verde mais verde e o homem consegue prevalecer: “a vinha e o souto, neste grande deserto, entre a pedra devorada, representam o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza” (Brandão, 2011: 95).

Nesse “extraordinário Pico (...) presidindo, como uma grande figura no meio do oceano, a todo o arquipélago dos Açores” (Brandão, 2011: 108), onde tudo é “Severidade e negrume” (Brandão, 2011:105), descobre o escritor a mestria da luz na unissonância do cinzento:

É aqui que a luz dos Açores atinge talvez a perfeição. Nada que a distraia – só mesmo o tom no vasto quadro feito com a mesma cor, variada até ao infinito em nuances delicadas. Sobre o cinzento do mistério<sup>15</sup> paira o cinzento absorto do céu – sobre a pedraria escorre o cinzento das nuvens (Brandão, 2011: 107).

Do “panorama tremendo” da ilha, que é “um pesadelo” (*Id. Ibidem*), onde o mar exala o “horível cheiro a gordura [de baleia] que nunca passa (...)” (Brandão, 2011: 101), extrai o escritor um “prazer indefinido” (Brandão, 2011: 107). E a ilha negra apodera-se de todos os seus sentidos: “Tudo o que princípio me repelia (...) me seduz agora. O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, de uma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atração” (Brandão, 2011: 110). A viagem continua e os propósitos da mesma só poderão ficar cumpridos com a descrição de todas as ilhas, porque, tal como se lê na página 95, “o que as ilhas têm de mais belo e as completa é a ilha que está em frente – o Corvo, as Flores, Faial, o Pico, o Pico, S. Jorge, S. Jorge, a Terceira e a Graciosa... (Brandão, 2011). Deste modo, os textos seguintes irão continuar a descrição da natureza e do homem das ilhas, dos costumes, das tradições e das principais ocupações, com destaque para a pesca, como se pode ler nos capítulos “A Pesca à Baleia” (pp. 111 a 121) e “Homens e Barcos” (pp. 123 a 142). Neste último, faça-se notar a menção às características comuns a todo o homem açoriano que passou “a vida sempre no mar” (Brandão, 2011: 127); à emigração para a América: “Quase todos os homens, e até as mulheres, emigram para a América, e os que não emigram é porque não podem fugir” (*Id. Ibidem*); a alusão a algumas das ilhas às quais não dedica capítulos, como a Graciosa, “uma ilha ilustre e literária” (Brandão, 2011: 133), onde “quase todos são felizes” (*Id. Ibidem*); a S. Jorge, “a ilha trágica” (*Id. Ibidem*), onde se pode ouvir “a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores” (*Id. Ibidem*).

A S. Miguel, a ilha “abençoada” (Brandão, 2011: 149), “onde se produz tudo” (*Id. Ibidem*), dedica Raul Brandão o capítulo “AS Sete Cidades e as Furnas” (pp. 143 a 161), indo do apontamento rigoroso, sobre a altura das montanhas micaelenses (veja-se na página 148), à descrição sensorial marcada pelos sentimentos de assombro e surpresa. Em S. Miguel, mais propriamente num lugar que se situa nas “regiões inesperadas de sonho” (Brandão, 2011: 145), à vista de “as Sete Cidades escondidas entre montes” (*Id. Ibidem*), confessa o escritor, como já foi referido, ter perdido, pela primeira vez na vida, a capacidade de descrever o que via e sentia: “Existe ou sonhei (...) esta beleza estranha (...)?” (Brandão, 2011: 146). O cromatismo descritivo atinge o auge neste texto: “Há aqui, sobre

tudo, que eu quero notar, porque nunca o vi assim em parte alguma: o cinzento graduado até ao infinito (...)” (Brandão, 2011: 152). Parte deste capítulo é dedicado também ao esplêndido vale das Furnas, como logo o título deixava antever. Raul Brandão não termina a sua visita aos Açores sem nos presentear com um texto sobre as águas que envolvem as ilhas açorianas, um “oceano que tem uma fisionomia concentrada e séria” (Brandão, 2011: 163), com águas “sujeitas a cóleras súbitas” (*Id. Ibidem*), cujo caráter se junta ao da terra, “que treme quase todos os dias” (*Id. Ibidem*). A personificação dos elementos da Natureza é também uma constante, dando ainda mais peso ao caráter excepcional da mesma nessas paragens mágicas. Como ao longo da obra, quando fala de aspetos relativos à fauna e à flora, também para falar de “O Atlântico Açoriano” (pp. 163 a 178) o escritor se serve dos estudos de investigadores como o Príncipe do Mónaco e seus colaboradores, bem como de outros nomes célebres da altura. Nestas páginas, usa as referências do zoólogo Édmond Perrier (1844-1921), do geógrafo Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905) e do malacólogo Luís Germain (1878-1942), por exemplo, que entrecruza com as suas “impressões” sobre este “mar estranho” (Brandão, 2011: 169), onde se esconde talvez a Atlântida e se encontram “onde e onde alguns píncaros isolados” (*Id. Ibidem*), que são, nada mais, nada menos do que as ilhas dos Açores. Neste ponto, Brandão reforça a sua crença nos conhecimentos científicos, quando afirma: “O que está hoje ao certo lá em baixo não é uma civilização morta, é uma maravilha viva. Sabemo-lo pelos estudos organizados por (...)” (Brandão, 2011: 169).

#### O VANGUARDISMO BRANDONIANO NA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE UMA REGIÃO: O CASO DA ILHA DA MADEIRA

O título da obra aponta, desde logo, para o objeto de interesse do escritor: “pintar com palavras” (Brandão, 2011: 9) os Açores. O propósito confirma-se, se tivermos em conta o que já referimos na introdução, ou seja, que a estrutura do livro confirma a impressão que o arquipélago de “luz delicada” (Brandão, 2011: 19) causa no autor. Assim, nove dos dez capítulos do livro são dedicados às ilhas e ao Atlântico açoriano e só um, “Visão da Madeira” (pp.179 a 199), se demora inteiramente neste arquipélago onde o “ar é um perfume gordo” (Brandão, 2011: 182).

Neste lugar, onde a “vista falha” e “cheiro entontece” (*Id. Ibidem*), onde a “própria sombra é luminosa e palpita” (Brandão, 2011: 183), descobrem-se “léguas de fertilidade, de jardins, de campos e culturas” (*Id. Ibidem*) e vislumbram-se “os jardins dos palácios onde tudo se conserva alinhado e correto, e as casinhas rústicas” (Brandão, 2011: 184) que são o “enlevo” (*Id. Ibidem*) do viajante. Na Madeira, a “paisagem não se contenta com duas ou três árvores, o ar fino e pouco azul derretido: é exigente e pesada. É materialista e devassa. Ao mesmo tempo é bela” (*Id. Ibidem*). E a cidade é “branca e sensual” (Brandão, 2011: 183), numa ilha

<sup>15</sup> Brandão explica, na página 106, o que se entende pelo fenómeno geológico de “mistério”, ou seja, formações lávicas recentes: “O mistério é o resultado de erupções da base do Pico (...)” (Brandão, 2011).

onde “o principal (...) é a luz que cria e tanto amadurece o panorama como os frutos” (Brandão, 2011: 184). E a “noite é uma volúpia e o ar deste clima tropical uma carícia logo que o Sol desaparece” (Brandão, 2011: 185).

A Madeira é, para Brandão, um lugar onde “se assiste ao espetáculo extraordinário do mar e da serra, num cenário luxurioso e sensual. (...) é um panorama, Éden da volúpia, que nos entra pelos olhos e pelo nariz ao mesmo tempo” (Brandão, 2011: 188); é, em certos pontos, uma criação de artistas, região onde as paisagens são de “Doré – sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos com pormenores líricos” (Brandão, 2011: 191).<sup>16</sup> O enlevo do escritor, perante esta terra áurea e pródiga, leva-o a reforçar a singularidade e a perfeição da paisagem madeirense: “Há fios de oiro suspensos sobre esta natureza, que talvez seja única no mundo. (...) Isto é completo e perfeito” (Brandão, 2011: 194).

Contudo e apesar da exaltação, o “sentimento da realidade” (Brandão, 2011: 192) atinge-o “passado o primeiro entusiasmo” (Brandão, 2011: 194). E é em cinco páginas (pp. 194 a 199), numa anotação datada de “24 de agosto” de 1924, que se revela o vanguardismo brandoniano, vertido na consciência ambiental das considerações que tece sobre o desenvolvimento turístico da Madeira e na distinção que estabelece entre os conceitos de Turismo e Hospitalidade. Já na década de vinte do século XX, e de acordo com a opinião do escritor, a Ilha da Madeira era “um cenário e pouco mais” (Brandão, 2011: 194-195), “tudo preparado e maquinado para inglês ver” (Brandão, 2011: 195). Já nessa altura, a “joia voluptuosa que voga suspensa no azul” (Brandão, 2011: 196) era “uma estação de inverno com alguns magníficos hotéis” (Brandão, 2011: 195).

Raul Brandão convida-nos, então, “a ver o cenário pelo lado de trás” (Brandão, 2011: 196). Terá sido, provavelmente, o facto de se ter dedicado ao jornalismo desde muito cedo que lhe terá proporcionado a propensão para a observância da atualidade política e social, base das suas reflexões filosóficas, como as que vai fazendo ao longo do livro e que culminam neste capítulo com a crítica à situação da Ilha da Madeira nesse tempo, a qual, em muitos aspetos, parece não diferir da atual: “Turismo, álcool e açúcar têm empobrecido o povo e enriquecido alguns felizes da terra. O homem do Funchal, em contacto com o progresso, transformou-se em hoteleiro, engraxador e chauffeur” (Id. *Ibidem*). Alguns, poucos, enriquecem enquanto a maioria se afunda “numa abjeção que tem aumentado sempre” (Brandão, 2011: 197). Contundentemente, o escritor afirma: “O que se faz neste país é um crime que havemos de pagar muito caro” (Id. *Ibidem*).

## CONCLUSÃO

<sup>16</sup> O escritor alude neste excerto ao pintor, desenhista e ilustrador francês de meados do século XIX, Gustave Doré.

*As ilhas desconhecidas - Notas e paisagens* é muito mais do que um livro de viagens. Obra emblemática, teve grande influência na formação da imagem interna e externa dos Açores. Nela se inspira, por exemplo, o código de cores das ilhas açorianas: Terceira, ilha lilás; Pico, ilha negra; S. Miguel, ilha verde... Por outro lado, as anotações críticas que Brandão faz sobre a questão turística da Ilha da Madeira revelam a atualidade do seu pensamento.

Vitorino Nemésio escreveu, em 1956, que “Há escritores que fazem, com os bicos da pena, o que pintores conseguem com pelo de pincel e espátula. Raul Brandão era desses” (61).

Não podíamos estar mais de acordo com o expoente máximo da literatura portuguesa e símbolo maior da literatura de matriz açoriana. Os “bicos da pena” de Brandão convidam-nos a ler e ver as pinturas de paisagens extraordinárias. Mas levam-nos, acima de tudo, em textos repletos de espanto, entre o esplendor da luz e da cor e o abismo negro da dor, a refletir com ele sobre a luta pela sobrevivência e a fragilidade e efemeridade da Vida: “palpo a fragilidade dos nossos atos, sinto a tristeza da vida efémera” (Brandão, 2011: 83).

## BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, G. C. (2004), *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRANDÃO, Raul (2011), *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*. Lisboa: Quetzal Editores. ISBN: 978-972-564-939-8.
- COELHO, Jacinto do Prado - Direção (1985), *Dicionário de Literatura*. 3.ª edição, Porto: Figueirinhas.
- CRISTÓVÃO, Fernando (2002). “Para uma Teoria da Literatura de Viagens”. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.
- LOOCWOOD, A e S. Medlik (Org). *Turismo e hospitalidade no século XXI*. Tradução Eliana Keeling, John Keeling. Barueri: Manole, 2003.
- NEMÉSIO, Vitorino (1956), *O Corsário das Ilhas*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- PIERINI, Mágna Tânia Secchi (2014), “Entre tintas e palavras: tonalidades impressionistas em *Os Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas*”, in RIOS, Otávio (org.), *Raul Brandão, um intelectual no entre-séculos (Estudos para Luci Ruas)*. 1.ª edição, Rio de Janeiro: Letra capital.
- ROMANO, Luís Antônio Contatori (2013). “Viagens e Viajantes, uma literatura de viagens contemporânea”, *Estação Literária*. Londrina, Volume 10B, p. 33-48, jan. ISSN 1983-1048.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (1999). *Turismo e qualidade, tendências contemporâneas*. São Paulo: Papyrus.
- VIÇOSO, Vítor (2016), *Raul Brandão*. Camões, Instituto da Cooperação e da Língua..

4. ANNA KALEWSKA, INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS DA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA, POLÓNIA



**Anna Kalewska** nasceu em Varsóvia (Polónia), em 3 de julho de 1962. Vive na capital polaca, sendo professora universitária (Universidade de Varsóvia), tradutora juramentada de Português, intérprete e horticultora.

Investigador Correspondente do CHAM, Centro de História D'Aquém e D'Além-Mar Faculdade De Ciências Sociais E Humanas, Universidade Nova De Lisboa,

Professor Catedrático Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Uniwersytet Warszawski (Universidade de Varsóvia), Polónia

**BIBLIOGRAFIA**

[A literatura polaca traduzida em Portugal](#) Revista De Letras Tom 10 # 2 r. 2011, pp. 165-182 [A Loja do Ourives de Andrzej Jawień \(Karol Wojtyła\) – o drama filosófico sobre o amor humano na tradução e realidade cultural portuguesas](#) Acta Philologica Tom 39 r. 2011, pp. 294-301 [Camões, Pessoa, Saramago i inni. O literaturze portugalskiej w Polsce po 1989 r.](#) Revista De Estudios Hispánicos Tom 16 r. 2010, pp. 81-89

[Czy Mariana Alcoforado napisała listy portugalskie? Mit portugalskiej zakonnicy w powieści okresu oświecenia](#) Lamus - Posmo Kulturalno-Artystyczne # 1 / 5 [21] r. 2010, pp. 22-25 [Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy](#) Studia Iberystyczne Tom 9 r. 2010, pp. 201-219

[Baltasar Dias – o dramaturgo quinhentista português revisitado e o Teatro do seu nome como espaços culturais polivalentes](#) Acta Philologica # 35 r. 2009, pp. 184-195

[O Brasil entre a experiência da realidade e a imaginação humanística](#) Projeções. Revista De Estudos Polono-Brasileiros # 19 r. 2009, pp. 19-40

[A cultura jesuítica do Barroco em Portugal e na Polónia representada pelos padres António Vieira e Piotr Skarga](#) Revista de Letras # 7 r. 2008, pp. 265-281

[Brazília między doświadczeniem rzeczywistości a humanistyczną wyobraźnią. 'História da Província de Santa Cruz' \(1576\) Pêro de Magalhães de Gândavo jako pierwsza panorama Ziemi sw. Krzyża w renesansowym źródle portugalskim](#) Ameryka Łacińska # 61-62 r. 2008, pp. 5-17 [Bruno Shulz e Fernando Pessoa ou os dois discípulos de Fausto: O pacto «meio-texto, meio-imagens» contra as sensações da realidade](#) Diacrítica. Revista De Centro De Estudos Humanísticos Tom 21 # 3 r. 2007, pp. 267-286 [Entre o texto e a palavra em cena: nos confins do discurso dramaturgico lusófono](#) Acta Philologica # 33 r. 2007, pp. 12-20 [O tchiloli santomense – o "chamado de deuses" luso-africano – nas pinceladas teatrais e literárias](#) Itinerários. Revista De Estudios Lingüísticos, Literários, Históricos Y Antropológicos # 5 r. 2007, pp. 35-54

[Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro](#)

Itinerários. Revista De Estudios Lingüísticos, Literários, Históricos Y Antropológicos # 6 r. 2007, pp. 175-193 [Przesłanie](#) Twórczość # 8 (741) r. 2007, pp. 128-130 [Głos poetów polskiego pochodzenia w poezji brazylijskiej](#). Ameryka Łacińska # 47 r. 2005, pp. 45-59 [O tchiloli - uma metamorfose do discurso dramaturgico lusófono. Algumas propostas de abordagem](#) Acta Philologica # 31 r. 2005, pp. 195-203 [Od \(eks\)-obcego w wieży Babel do emigranta-współbrata – droga bohatera lirycznego Tomazsa Łychowskiego](#) Ameryka Łacińska # 45-46 r. 2004, pp. 45-50

[Był tłumacz](#) POLITYKA # 42 r. 2002, pp. 96-96 (Inne) [Czesław Miłosz \(1911-2004\) O Poeta do êxtase e transitoriedade na tradução luso-brasileira](#). Veredas Revista Da Associação Internacional De Lusitanistas Tom 5 r. 2002, pp. 7-23 [Eduardo Lourenco: "księga niepokoju" - tekst samobójca](#) Literatura Na Świecie # 10-12 r. 2002, pp. 64-79 [Fernando Pessoa: List do Ophelii](#) Literatura Na Świecie # 10-12 r. 2002, pp. 10-12 / 5-7 [Fernando Pessoa: Uwagi do estetyki niearystotelesowskiej](#) Literatura Na Świecie Tom 4 # 10-12 r. 2002, pp. 43-51 [As modalizações antiépicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio](#). Veredas Revista Da Associação Internacional De Lusitanistas Tom 3 / II r. 2000, pp. 371-387 [Discursos lusófonos sobre a literatura comparada](#). Acta Philologica Tom 27 r. 2000, pp. 133-143

**TEMA** LUDWIK IDZIKOWSKI (VARSÓVIA, 24.08.1891 - GUADALUPE, GRACIOSA, 13 DE JULHO DE 1929) – PIONEIRO DA TRAVESSIA DO ATLÂNTICO ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA DO NORTE POR VIA AÉREA. ANNA KALEWSKA, INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS E IBEROAMERICANOS, UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA (POLÓNIA)

O artigo dedicado a *Ludwik Idzikowski (Varsóvia, 24.08.1891 - Guadalupe, graciosa, 13 de julho 1929) - pioneiro da travessia do Atlântico entre a Europa e a*

*América do Norte por via aérea* propõe uma breve incursão pela história da Polónia, focalizando os seus líderes espirituais, políticos, diplomatas e homens das armas, as alianças geoestratégicas, triunfos e quedas de um país varrido do mapa da Europa pelos seus vizinhos na época das «partilhas» (1795 – 1918).

Apresenta também um breve esboço da história da aviação entre a Europa e a América do Norte, na ótica da política mundial e regional.

O malgrado pioneiro polaco das travessias do Atlântico aparece na terceira parte do artigo – no subcapítulo dedicado aos pilotos Kubala e Idzikowski; o último dos valentes viajadores polacos morreu em 13 de julho de 1929 na ilha açoriana da Graciosa, no resultado da catástrofe do avião Marechal Pilsudski (o Amiot 123). Ludwik Idzikowski mereceu a patente póstuma de major, as ordens da Virtuti Militari e da Polónia Restitua, o cortejo fúnebre no porto marítimo de Gdynia, uma sepultura no Cemitério dos Beneméritos em Varsóvia e meia dúzia de artigos na imprensa portuguesa inspiradas pelo acidente diplomático entre o Governo Regional dos Açores e o Governo da República Portuguesa em julho de 2015. Mais um passo, na abordagem histórica e cultural, para um melhor conhecimento das relações luso-polacas, revisitadas nesses últimos anos pelos obreiros e amadores da História.

*In 1929, Idzikowski and Kubala undertook a fresh attempt to fly the Amiot 123 aircraft across the Atlantic. On 13 July 1929, due to a breakdown of the machine, Idzikowski and Kubala attempted an emergency landing on the island of Graciosa in the Azores. They did not want to land in the ocean so as not to destroy the aircraft. However, there was a stone wall that was hidden from sight in the field where they attempted to land, which made the aircraft flip head over heels. The aircraft was destroyed by fire. Idzikowski died while Kubala suffered minor injuries. Jan S. Ciechanowski, Portugalio, dziękujemy! Obrigado, Portugal! Thank You, Portugal! (2015:87)*

## 1. A HISTÓRIA DA POLÓNIA ATRAVÉS DOS SEUS TEMPOS CONTURBADOS

A Polónia foi fundada em meados do século X, pela dinastia Piast. O primeiro governante polaco historicamente verificado, Miecislau I, foi batizado em 966 e adotou então o catolicismo como religião oficial<sup>17</sup>.

No século XII, a Polónia fragmentou-se em diversos estados menores, que foram posteriormente devastados pelos exércitos mongóis da Horda Dourada em 1241, 1259 e 1287.

Em 1320, Ladislau I tornou-se rei de uma Polónia reunificada. Seu filho, Casimiro III da Polónia, é lembrado como um dos maiores reis polacos da história.

A peste negra, que afetou grande parte da Europa de 1347 a 1351, não chegou à Polónia. Em Portugal, a peste entrou em 1834, matou um terço da população, propiciando a crise de interregno após a morte de D. Fernando e a crise dinástica de 1383-85, descrita por Fernão Lopes.

Sob a dinastia Jaguelônica, a Polónia forjou uma aliança com seu vizinho, o Grão-Ducado da Lituânia. Começou então, após a União de Lublin (um ato político assinado em 1 de julho de 1569 que transformou o Reino da Polónia e o Grão-Ducado da Lituânia em um estado, a República das Duas Nações, governada por um único monarca eleito que continuou com as funções do rei da Polónia e Grão-duque da Lituânia governado juntamente com o Senado e o parlamento), uma idade do ouro que se estendeu ao longo do século XVI e que deu origem à Comunidade Polaco-Lituana.

A nobreza (*szlachta*) da Polónia, muito mais numerosa do que nos países da Europa Ocidental, orgulhava-se de suas liberdades e de seu sistema parlamentar, em que a fidalguia polaca tinha o direito de votar os reis eleitores.

Em meados do século XVII, uma invasão sueca (o chamado "dilúvio") e a revoltas cossacas devastaram o País. A gradual deterioração da República das Duas Nações, que passou de potência europeia a uma situação de anarquia e da ineficiência governamental causada pelo *liberum veto* (segundo o qual cada um dos membros do parlamento tinha o direito de dissolvê-lo e de vetar projetos de lei) controlada pelos vizinhos, foi marcada por diversas guerras contra os países limítrofes. As tentativas de reformas foram frustradas pelas três partilhas da Polónia (1772, 1793 e 1795) que condenaram o país a desaparecer do mapa e seu território a ser dividido entre Rússia, Prússia e Áustria. Em 1795, a Polónia foi varrida do mapa da Europa por mais de cem anos. As tentativas para restaurar a independência foram infrutíferas e a Polónia iria readquirir a sua soberania em 1918.

Os polacos ressentiram-se desta situação e rebelaram-se em diversas ocasiões contra as potências que partilharam o país, levantando ressurreições patrióticas ao longo do século XIX. Em 1807, Napoleão restabeleceu um estado polaco provisório, o ducado de Varsóvia, mas em 1815, após as guerras napoleónicas, o Congresso de Viena tornou a partilhar a Polónia. A parte oriental do País (inclusive a cidade da capital, Varsóvia) coube ao czar russo, e era regida por uma constituição liberal. Entretanto, os czares logo trataram de restringir as liberdades polacas e a Rússia terminou por anexar *de facto* o país. Posteriormente, no século XIX, a Galícia (então governada pela Áustria) e, em particular, a cidade de Cracóvia, tornaram-se um centro da vida cultural polaca.

<sup>17</sup> Cf. Beata Cieszyńska, *1050 anos da presença da Polónia na comunidade Cristiana. As comemorações do aniversário do batismo polaco nas perspetivas europeias e ibero-eslava*, comunicação proferida em 16 de junho de 2016 na Universidade de Coimbra aquando do Congresso Internacional do Espírito Santo. Génese, Evolução e Atualidade da Utopia da Fraternidade Universal. A perspetiva metodológica que adotámos na nossa comunicação também é ibero-eslava, assim como histórica e comparatista.

Durante a primeira guerra mundial, os aliados concordaram em restabelecer a Polónia, conforme o ponto treze dos Catorze Pontos do presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson. Pouco depois do armistício alemão de novembro de 1918, a Polónia recuperou sua independência, numa fase histórica conhecida como "Segunda República Polaca"; nesta altura, **Ludwik Idzikowski** ingressou no recém-formado exército polaco. A independência foi reafirmada após uma série de conflitos, em especial a guerra polaco-soviética (1919 -1921), quando a Polónia infligiu uma derrota ao exército vermelho.

O golpe de maio de 1926, por **Józef Piłsudski**<sup>18</sup>, entregou as rédeas da República da Polónia ao movimento de "sanação" (*sanacja* - uma coligação pluripartidária em busca da "limpeza moral" da política do país). Este movimento controlou a Polónia até à eclosão da segunda guerra mundial, em 1939, quando tropas alemãs nazis (em 1 de setembro) e soviéticas (em 17 de setembro) invadiram o País. Conforme o pacto Ribbentrop-Molotov (assinado em 23 de agosto de 1939), a Polónia foi partilhada em duas zonas, uma ocupada pela Alemanha e outra, a leste, ocupada pela União Soviética. Este tratado decidiu que a Polónia deveria deixar de existir, passando o seu território para a Alemanha nazista e para a URSS. De todos os países envolvidos na segunda guerra mundial, a Polónia foi o que mais perdeu em vidas, proporcionalmente à população total: mais de seis milhões de habitantes morreram, incluindo quase toda a sua população judaica, exterminada nos campos de concentração alemães nazi<sup>19</sup>. Foi da Polónia a quarta maior contribuição em tropas para o esforço de guerra aliado, após a URSS, o Reino Unido e os Estados Unidos, além de ter sido o primeiro país a lutar contra a Alemanha nazista. Ao final do conflito, as fronteiras do país foram movidas na direção Oeste, de modo a levar a fronteira oriental para a linha Curzon. Entrementes, a fronteira ocidental passou a ser a linha Óder-Neisse. Após a guerra mundial, em 1945, a nova Polónia emergiu 20% menor em território (menos 77.500 km<sup>2</sup>). O redesenho dos limites

<sup>18</sup> **Józef Klemens Piłsudski** (1867 - 1935), primeiro chefe de estado (1918) e ditador (1926-1935) da segunda República da Polónia; foi uma das mais proeminentes figuras políticas polacas e é considerado o "libertador da Pátria" ou o responsável pelo ressurgimento da Polónia após os 123 anos da sua partição pela Áustria, Prússia e Rússia; chamado Avô (*Dziadek*), Marechal (*Marszałek*) ou o Comandante (*Komendant*). Entre 21 de dezembro de 1930 até 23 de março de 1931 o marechal Piłsudski passou uma temporada na Quinta de Bettencourt, nos arredores do Funchal (Madeira), tratando da saúde ameaçada pela tuberculose, facto esse que passou a ser severamente criticado pelos deputados da oposição ao então governo polaco (*Kalewska, 2010: 225; Ciechanowski, 2015: 102-115*).

<sup>19</sup> "Em maio de 1940, o gueto de Łódź foi selado, e o mesmo aconteceu em Varsóvia e noutras cidades. A partir de 1942, as pessoas encurraladas nestes guetos começaram a sair deportadas para campos instalados em Treblinka, Majdanek, Sobibór, Bełżec, Auschwitz-Birkenau e noutros locais, para serem exterminadas. Ao todo foram assassinados 2,7 milhões de cidadãos polacos de origem judaica" (*Zamoyski, 2010: 295*).

forçou a migração de milhões de habitantes da Polónia, principalmente polacos, ucranianos, judeus e alemães.

No período pós-guerra, a conferência de Ialta (4 -11 de fevereiro de 1945) em que Franklin D. Roosevelt, Winston Churchill e Josef Estaline decidiram sobre a repartição das zonas de influência sobre o Oeste e o Leste, determinando boa parte da ordem mundial durante a guerra fria (até, na prática, da queda da União Soviética em 1991) sancionou a formação de um novo governo polaco provisório e pró-comunista em Moscovo, que ignorou o governo polaco no exílio em Londres. Este novo pacto político enfureceu muitos cidadãos da Polónia que o consideraram uma traição por parte dos aliados. Estaline teria feito garantias a Churchill e Roosevelt de que iria manter a soberania da Polónia e permitir eleições democráticas; no entanto, após alcançar a vitória em 1945, as autoridades soviéticas de ocupação organizaram uma eleição que constituiu nada mais do que uma farsa e foi usada para reivindicar a "legitimidade" da hegemonia soviética sobre os assuntos polacos. A União Soviética instituiu um novo governo comunista na Polónia, análogo a maior parte dos governos do resto do Bloco de Leste.

Como em toda a Europa do antigo Bloco Leste, a ocupação soviética da Polónia enfrentou uma resistência armada desde o seu início, que continuou na década de 1950. Apesar das objeções generalizadas, o novo governo polaco aceitou a anexação soviética das regiões orientais do pré-guerra da Polónia (em particular as cidades de Víliaus e Lúóvia) e concordou com a presença de guarnições permanentes de unidades do exército vermelho no território polaco. O alinhamento militar no âmbito do pacto de Varsóvia (1955 - 1991) durante a guerra fria surgiu como um resultado direto dessa mudança na cultura política polaca e no cenário europeu veio a caracterizar a integração da Polónia na política realizada pela ex-União Soviética na Europa Oriental, em contrapartida à OTAN.

A República Popular da Polónia (*Polska Rzeczpospolita Ludowa*) foi oficialmente proclamada em 1952. Em 1956, após a morte de Bolesław Bierut, o regime de Władysław Gomułka tornou-se temporariamente mais liberal, libertando muitas pessoas da prisão e expandindo algumas liberdades civis. Uma situação semelhante se repetiu nos anos 1970 sob o governo de Edward Gierek, mas na maior parte do tempo havia perseguição contra grupos de oposição anticomunista. Apesar disso, a Polónia era na época considerado um dos Estados menos opressivos do bloco soviético. As agitações trabalhistas de 1980 levaram à formação do sindicato independente "Solidariedade" (*Solidarność*) que, com o tempo, tornou-se uma força política. Em 1989, após às conversações à mesa redonda, em que a oposição democrática negociou com as autoridades

comunistas a legalização do sindicato a Solidariedade, **Lech Wałęsa**<sup>20</sup>, um líder sindicalista do mesmo movimento, venceu as eleições parlamentares. Foi mesmo no ano de 1989 quando, depois das ocupações alemã nazi e soviética comunista, a Polónia tornou-se democrática. O movimento Solidariedade prenunciou o colapso do comunismo na Europa Oriental, simbolizado pela queda do muro de Berlim nessa mesma altura (9.11.1989). Como bem reparou Adam Zamoyski,

*"A destruição das elites intelectuais, espirituais e sociais da Polónia pelos nazis e pelos soviéticos, entre 1939 e 1956, e o seu continuado enfraquecimento até 1989, colocaram a Igreja na posição de único repositório e guardião dos valores prezados por essas mesmas elites. A missão de os defender e transmitir acarretou uma grande maturidade moral, mas esta autoridade foi muito dissipada depois de 1989".* (2010: 374)

Depois de 1989, - o ano em que o País se tornou democrático - na Polónia foi implementado um programa de "terapia de choque", iniciado por Leszek Balcerowicz que permitiu ao país transformar a economia planificada de estilo socialista para uma economia de mercado. Mais visivelmente, houve várias melhorias em direitos humanos, como liberdade de expressão, liberdade na internet, liberdades civis e direitos políticos. Em 1991, a Polónia tornou-se membro do Grupo de Visegrado e juntou-se a aliança da Organização do Tratado do Atlântico do Norte (OTAN), em 12 de março de 1999, juntamente com a República Checa e a Hungria – uma data muito significativa e um importante ato político que anulou em definitivo os acordos de lalta ao colocar inequivocamente a Polónia fora da esfera de influência da Rússia. Segundo Adam Zamoyski,

*"A Polónia levou a sério a sua adesão à NATO e ofereceu grandes contingentes para todas as suas operações, incluindo, no Iraque, onde o GROM (Grupo de Reação Móvel Operacional – Grupa Reagowania Operacyjno-Manewrowego, uma unidade das forças especiais polacas) desempenhou um papel vital com a conquista do terminal petrolífero de Bassorá numa operação arrojada. Esta postura valeu-lhe o reconhecimento de Washington – em janeiro de 2003, o presidente George W. Bush disse ao seu homólogo polaco, Aleksander Kwaśniewski, que a Polónia era o melhor amigo da América na Europa – nas não em Paris, onde o presidente Chirac descreveu o comportamento da Polónia como infantil".* (2010: 369). Os polacos votaram então para aderir à União Europeia em referendo em junho de 2003, sendo que o país

<sup>20</sup> **Lech Wałęsa** (n. em 29.09.1943) é um político polaco e ativista dos direitos humanos; foi um dos fundadores do sindicato Solidariedade (Solidarność) e presidente da Polónia (1990 – 1995), sendo o primeiro após a derrocada do comunismo; agraciado com o prémio Nobel da Paz (1983) e com o Grande-Colar da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal (18.10.1994).

se tornou um membro pleno em 1 de maio de 2004. A Polónia aderiu ao Espaço Schengen em 2007 e, como resultado, suas fronteiras com outros estados-membros da União Europeia foram desmanteladas, permitindo total liberdade de circulação dentro da maior parte da Europa. A fronteira oriental da Polónia que agora compreende a fronteira externa da UE com Bielorrússia, Rússia e Ucrânia, tornou-se cada vez mais bem protegida e levou, em parte, para a cunhagem da expressão "Fortaleza da Europa". Em 2012, o país aderiu a Agência Espacial Europeia e ao Comité de Ajuda ao Desenvolvimento. Em 8 e 9 de julho de 2016, Varsóvia acolheu a cimeira bienal da OTAN. Os debates incidiram sobre a projeção da estabilidade para o Leste o Sul, bem como no Afeganistão. À margem da cimeira, Donald Tusk e Jean-Claude Juncker encontraram-se com o Presidente dos E.U.A., Barack Obama. A UE e a OTAN assinaram uma declaração conjunta, visando o restabelecimento da segurança na Europa Oriental e, entre outros, a cooperação operacional no mar e em matéria de migração. Sempre segundo Adam Zamoyski (2010: 374), enquanto estado,

*"...a Polónia vê-se confrontada com desafios geopolíticos muito semelhantes aos que enfrentou nos últimos quatro ou cinco séculos. Enquanto sociedade, tem pela frente as mesmas influências e ameaças globalizantes à identidade e à coesão que qualquer outra comunidade, desde as mais desenvolvidas e sofisticadas aos povos mais recentemente descobertos na Amazónia. Dados os seus problemas sociais e sistémicos, seria irrefletido prever a forma como a sociedade irá enfrentar estes problemas e se será capaz de os ultrapassar com tanto sucesso como sobreviveu às acometidas de outrora. No entanto, a maioria das respostas encontra-se decerto no passado".*

De um modo igual (aliás não sempre parecido) como o passado de Portugal tem influído nos planos geoestratégicos e na política levada a cabo pelas sucessivas governações portuguesas.

## 2. A AVIAÇÃO NOS AÇORES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX – BREVE ESBOÇO

Encontrando-se o arquipélago dos Açores em posição estratégica no oceano Atlântico, entre a Europa e a América do Norte, assumiu papel fundamental desde o início da navegação aérea transatlântica. No contexto da primeira guerra mundial, a cidade da Horta, na ilha do Faial, sofreu bombardeamento por parte da Alemanha, em dezembro de 1916. No ano seguinte, em 4 de julho de 1917, a cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, foi bombardeada pelo submarino alemão *Deutschland*.

Desse modo, já em 1918, tendo os Estados Unidos ingressado no conflito, Ponta Delgada recebeu uma base aeronaval da US Navy, guarnecida pela 1<sup>st</sup>. Marine Aeronautical Company, equipada com duas peças de artilharia de costa, navios, submarinos e doze hidroaviões Curtiss HS2L, com a missão de



patrulhamento antissubmarino: identificar e combater os U-Boats da marinha da Alemanha que incursionavam em águas do arquipélago.

Os aparelhos chegaram a Ponta Delgada no navio de transporte *USS Hancock* no dia 23 de janeiro de 1918, e foram montados na rampa do Porto Santo, junto ao Forte de São Brás. As primeiras aeronaves teriam levantado voos entre 16 e 23 de fevereiro de 1918. O público pode testemunhar a experiência ao assistir, no Coliseu Avenida, a projeção das imagens filmadas pelo tenente Matson C. Terry durante um voo de reconhecimento. Com a assinatura do armistício (11 de novembro de 1918) deu-se início ao processo gradual de desmobilização da Base Naval Americana, comandada pelo almirante Omar Herbert Dunn.

Ainda no contexto do conflito, e nos anos subsequentes, a Marinha Portuguesa projetou instalar na Horta um Centro Aeronaval, que, entretanto, jamais chegou a se materializar. Do mesmo modo, em 1919, a Real Força Aérea britânica projetou adquirir uma ilha nos Açores, para instalação de uma base terrestre para prover apoio às operações aéreas no meio do Atlântico.

No período entre guerras, teve lugar uma verdadeira corrida pela travessia aérea do Atlântico, graças ao incentivo de periódicos como o londrino *Daily Mail*, que promoveu um concurso com um prêmio de dez mil libras esterlinas ao aviador que conseguisse fazer o primeiro voo sem escalas, em menos de setenta e duas horas, entre os Estados Unidos, o Canadá, ou a Terra Nova e as Ilhas Britânicas.

Nesse contexto, uma esquadrilha de três hidroaviões quadrimotor da Marinha dos Estados Unidos da América intentou a primeira travessia do Atlântico Norte, por etapas. Para esse fim partiu de Nova Iorque para a Terra Nova, de 16 para 17 de maio de 1919. Duas das aeronaves (NC1 e NC2) necessitaram fazer uma amargem de emergência na altura da ilha das Flores. A NC1 acabou por ficar completamente danificada e a NC2 logrou alcançar o porto de Ponta Delgada, a 19 de maio, mas estava incapacitada para prosseguir o voo. Apenas a NC4, batizada como *Liberty*, sob o comando do capitão-tenente Albert Cushing Read, conseguiu completar o percurso, tendo feito escala na baía da Horta a 17 de maio, seguindo para Ponta Delgada, onde três dias mais tarde fez escala. Após uma semana de repouso, partiu na madrugada do dia 27 de maio em direção a Lisboa, tendo fundeado nessa noite nas águas do rio Tejo.

Ainda nesse ano (1919), um hidroavião que viajava entre a Inglaterra e os Estados Unidos da América, fez escala na baía da Horta. A partir de então, as travessias oceânicas passaram a suceder-se com frequência cada vez maior, utilizando as ilhas dos Açores como escala, nomeadamente com amargens na baía da Horta.

Com o advento do avião dirigível, o arquipélago foi sobrevoado em 1924, e, sucessivamente, em 1927 e 1930, pelos *Zepelins* que faziam a ligação entre a Alemanha os Estados Unidos.

Em abril de 1926 partiu de Lisboa o voo do hidroavião *Fokker*, batizado como Infante de Sagres, pilotado pelos tenentes da Marinha Portuguesa, Moreira de Campos e Neves Ferreira, às ilhas da Madeira e dos Açores, tendo chegado a Ponta Delgada em 9 de maio do mesmo ano.

No ano seguinte (1927), o marquês Francesco de Pinedo, coronel da Força Aérea Italiana, foi forçado a amarar a cerca de 200 km da ilha das Flores, após ter partido da Terra Nova. O hidroavião Savoia-Marchetti S. 55, batizado como "Santa Maria II", foi rebocado para a Horta, onde chegou a 13 de maio de 1927 e sofreu reparações.

No mesmo ano, em novembro, um hidroavião Junkers D 1230, pilotado pela austríaca Lilly Dillenz (primeira mulher a voar sobre o Atlântico) e um Heinkel D 1220 fizeram escala também na Horta, onde encontraram a pioneira da aviação estadunidense Ruth Elder, que tentava imitar o feito de Charles Lindbergh pilotando o monoplano *American Girl*, acompanhada pelo piloto, capitão George Haldeman, que fora forçada a amarar na costa norte da ilha Terceira devido a problemas mecânicos, tendo a aeronave se incendiado.

Em 1928 escalam na Horta o inglês Frank T. Courtney, pilotando um Dornier Wal G-CAG e o tenente da Marinha de França, num pequeno hidroavião, o *La Frégate*.

Na Graciosa, registou-se um acidente fatal quando, ao anoitecer de 13 de julho de 1929 um biplano Amiot 123 capotou durante uma aterragem de emergência, tentada nuns campos próximos do lugar da Brasileira. A aeronave, tripulada pelos aviadores polacos **Ludwik Idzikowski** e **Kazimierz Kubala**<sup>21</sup>, tinha descolado na madrugada daquele dia do campo de Le Bourget, nos arredores de Paris, com destino a Nova Iorque, na segunda tentativa polaca de fazer o primeiro voo transatlântico de leste para oeste.

O major Idzikowski faleceu no acidente e o copiloto, Kazimierz Kubala, sofreu apenas ferimentos ligeiros. A aeronave foi consumida pelas chamas durante a operação de resgate quando alguém aproximou um archote dos destroços.

<sup>21</sup> **Kazimierz Kubala** (1893 – 1976), formado em farmácia, foi major piloto das forças aéreas da Polónia. Participou como navegador nas tentativas de atravessar o Atlântico por via aérea lideradas em 1928 e 1929 por Ludwik Idzikowski. No acidente que ocorreu na Ilha Graciosa em 13 de julho de 1929 sofreu apenas ferimentos ligeiros, apesar do avião ter capotado e subsequentemente ardido. Foi acusado pelo desastre aéreo nos Açores por coronel Ludomił Rayski (1892-1977), então chefe do Departamento de Aviação do Ministério dos Assuntos Militares da Polónia, condenado a 7 meses de prisão, degradado e expulso da ordem dos oficiais. Em 1933, emigrou para o Brasil (São Paulo), onde trabalhou como empresário e viveu até 1976 (*Zatyka, 2015; Ciechanowski, 2015: 96*).

Atualmente uma lápide comemorativa marca o lugar do acidente de que adiante falaremos.

Entre 1930 e 1933, a companhia de aviação estadunidense Pan American World Airways (PanAm) realizou testes na baía da Horta para a implantação de uma base de apoio para a operação de uma rota comercial transatlântica. Nesse contexto, Charles Lindbergh acompanhado por sua esposa, Anne Morrow, a serviço da PanAm, aí amarou a 21 de novembro de 1933, com um monoplane Lockheed 8 Sirius. Na base que aí foi implantada, de 1937 a 1944, foram atendidos os Boeing 314 Clipper (*Flying Boat*) que faziam a rota Nova Iorque - Marselha - Nova Iorque - Londres, ambas com escala em Lisboa. Nesse período entre as décadas de 1930 e década de 1940, diversas companhias aéreas passaram a utilizar as águas das ilhas, nomeadamente o canal entre as ilhas do Pico e do Faial, como ponto de apoio para as suas rotas entre a Europa e a América do Norte.

Em 1933, sob o comando do Marechal Italo Balbo, realizou-se um *raid* destinado a mostrar o vigor da Força Aérea Italiana aquando da Exposição Mundial de Chicago, nos EUA. A esquadrilha era composta por 24 hidroaviões Savoia-Marchetti S.55 X, que descolaram de Orbetello. Na rota de regresso à Itália, fizeram escala nos Açores para repouso e reabastecimento, tendo nove amarado na baía da Horta, seguindo os restantes para Ponta Delgada. Em ambos os portos se encontravam navios italianos de apoio à esquadrilha, e nas duas cidades organizaram-se recepções oficiais de boas-vindas. No final da escala em Ponta Delgada, na altura da descolagem, o I-RANI embateu numa pequena onda e capotou, resultando na morte do piloto, o tenente Enrico Squaglio.

Anos mais tarde, em 19 de maio de 1938, amarou nas águas do porto de Ponta Delgada uma esquadrilha francesa de quatro trimotores de reconhecimento aéreo Breguet-Bisert, pertencentes à 1ª Esquadra Ligeira do Atlântico. De Ponta Delgada uma aeronave partiu rumo à Horta e outra rumo a Angra do Heroísmo.

Com a eclosão da segunda guerra mundial, a Marinha Portuguesa instalou um Centro aeronaval em Ponta Delgada. Ao mesmo tempo, ao norte da ilha, foi implantado o Aeródromo Militar de Santana, o primeiro aeroporto na ilha de São Miguel, no lugar de Santana, em Rabo de Peixe, no Concelho da Ribeira Grande. Operou como aeroporto militar, de 1939 a 1945, quando constituiu a Base Aérea número 4. Na primavera de 1941, quando era iminente um avanço das tropas alemãs nazi sobre a Península Ibérica, António Oliveira Salazar ponderou a retirada do governo português para os Açores, com o apoio da Grã-Bretanha. Foi nesse contexto que se constituiu o grupo de trabalho luso-britânico com a incumbência de estudar e projetar a construção de bases aéreas no arquipélago.

O primeiro-ministro britânico, Winston Churchill desejava a instalação destas bases - essenciais para o controlo das rotas Central e Meridional no oceano Atlântico e subsidiárias às operações de abastecimento às forças aliadas em operação no norte de África e no Mediterrâneo -, antes que a Alemanha nazi fizesse ("Operação Félix"/"Projekt Amerika"). As bases fechariam este setor do Atlântico, denominado estrategicamente de "*Azores gap*", permitindo que o Atlântico Norte ficasse abrangido pela proteção aérea.

O efetivo deslocamento para o arquipélago atingiu os trinta e dois mil e quinhentos homens e as bases aéreas eram apoiadas por elementos de Infantaria e de Artilharia. Com a mesma finalidade de apoio, ainda em 1941 foram estabelecidos três postos de rádio do Exército: um no Comando Militar dos Açores (CMA), um no aeródromo de Santana e um no das Lajes, sendo estudada a instalação de um quarto, na Horta.

A missão da Aeronáutica Militar nos Açores assentava nos reconhecimentos à distância, com a finalidade de informar acerca da presença e dos movimentos de forças navais ou aéreas, da sua nacionalidade, natureza e direção, bem como da atuação contra aviões que sobrevoassem as ilhas ou as suas águas territoriais e que não respeitassem os sinais de identificação. Para esse fim, era necessário que, nos aeródromos, uma patrulha de aeronaves estivesse permanentemente em prontidão para levantar voo, seguindo-se, no estado de alerta, a mobilização de toda a aviação e pessoal em terra, de forma a descolar de imediato com todo o material disponível.

Em situação de alarme, as aeronaves deveriam estar em condições de assegurar as comunicações entre o CMA e os comandos militares subordinados.

Em termos estratégicos, no caso específico da ilha de São Miguel, após o porto de Ponta Delgada, a infraestrutura mais importante a ser defendida era o aeródromo militar de Santana. Seria a partir desta base que, em caso de um ataque à ilha (considerado iminente entre os finais de 1940 e 1943), deveria ser ativado um dos vários sistemas de alerta à população em geral: o voo de um caça.

Sobrevoando toda a ilha, este deveria dar, com uma determinada sequência, um ciclo de tiros de metralhadora de modo a avisar toda a população: militares aos seus postos, civis às respetivas áreas de segurança.

A defesa do aeródromo foi inicialmente constituída pela 5ª Bateria, equipada com peças Vickers-Armstrong de 94 mm, unidade reinstalada em 1942 em Belém, nos arredores de Ponta Delgada.

Foi então melhorada com a instalação de defesa antiaérea composta por canhões Bofors 40 mm, e reforçada, a partir de 1943, por peças de artilharia apoiadas por metralhadoras pesadas.

O ataque ao Pearl Harbour, por parte de forças do Japão (dezembro de 1941), levou a rever as diretrizes portuguesas em estudo com os britânicos, paralisando temporariamente as atividades do grupo de trabalho.

Em 1942, Humberto Delgado foi nomeado representante do ar para as negociações com a Grã-Bretanha para a cedência de bases nos Açores. Por sua eficiência nessa comissão, o governo britânico, mais tarde, veio a condecorá-lo com a Ordem do Império Britânico.

Em maio de 1943 teve lugar a Conferência Trident, na qual foi aprovada a estratégia dos aliados para os Açores. Nesse mesmo ano, teve lugar a 1ª Conferência de Queber na qual o presidente estadunidense Franklin Delano Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill concordaram em que a Grã-Bretanha entraria nos Açores com a autorização de Portugal, seguida dos Estados Unidos. Nesse contexto, a 18 de agosto de 1943, Portugal assina um acordo que concede à Grã-Bretanha facilidades na Base Aérea nº 4 (Campo da Achada) e na das **Lajes**, visando utilizá-las como bases para a luta antissubmarina no Atlântico Norte, recebendo em troca a cessão de seis esquadrilhas de caças Hawker Hurricane.

Em 8 de outubro de 1943 desembarcou no porto de Pipas, em Angra do Heroísmo, um contingente de três mil militares ingleses, rumando para as Lajes, onde iniciaram imediatamente os trabalhos de terraplenagem da pista de aviação, no lugar de Terra Chã. Antes do fim desse ano, o Grupo de Esquadrilhas nº 247 da Royal Air Force Coastal Command, afundou o primeiro submarino alemão na região.

Ainda ao final de 1943 foi assinado o acordo provisório que permitiu aos Estados Unidos utilizar a **base aérea das Lajes**. Embora criada no contexto da segunda guerra mundial, a importância da base das Lajes está ligada à influência dos Açores no controlo do Atlântico, assim como o seu uso se prende ao interesse dos Estados Unidos no cenário de redefinição das predominâncias político-militares no pós-guerra.

Nesse sentido a utilização da base permitia o rápido acesso à Europa, à África e ao Médio Oriente, constituindo-se num instrumento utilitário no contexto do confronto este-oeste protagonizado pela ex-URSS e pelos Estados Unidos durante a guerra fria. Desde a década de 1940, A TAP (Transportes Aéreos Portugueses) opera voos regulares para os Açores. Entretanto, a operação regular civil dos aeroportos construídos no arquipélago durante a segunda guerra mundial – na Terceira, em São Miguel e em Santa Maria – iniciou-se a partir da entrada em operação da SATA (Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos)<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Fonte: *Velharias com História. O colecionismo como fonte histórica e cultural* (s.d.), "A aviação e correio nos Açores (breve história da sua origem). Página consultada em 6.07.2016, [http://philangra.blogspot.com/p/aco-res-correio-aereo\\_27.html](http://philangra.blogspot.com/p/aco-res-correio-aereo_27.html).

## 2. LUDWIK IDZIKOWSKI - o pioneiro polaco das travessias do Atlântico



Fot. 1 – Ludwik Idzikowski (Varsóvia, 23.08.1891 – Graciosa, 13.07.1929).

Ludwik Idzikowski nasceu em **Varsóvia, Polónia** em 24 de agosto de 1891 depois de estudos preparatórios na sua cidade natal iniciou um curso de engenharia de minas em Liège, Bélgica.

Dado que a Polónia se encontrava então repartida entre os impérios austríaco, alemão e russo, quando se iniciou a primeira guerra mundial Ludwik Idzikowski foi recrutado para o exército russo, sendo escolhido para prestar serviço na aviação militar. Completou o curso de pilotagem na escola de aviação de Sebastopol (hoje: o maior porto naval da Ucrânia, no Mar Negro) e entre 1916 e o final da Guerra serviu como piloto em várias unidades de combate russas.

Quando ocorreu a Revolução de **outubro** (24 - 26.10.1917), Idzikowski conseguiu atingir Varsóvia e em novembro de 1918 ingressou no recém-formado exército polaco, recebendo então o posto de piloto segundo-tenente (*Podporucznik Pilot*). Em 1919, o nosso protagonista foi transferido para a Força Aérea Polaca e durante a guerra polaco-soviética voou inicialmente com o Esquadrão Kościuszko (a 7.ª Esquadrilha de Caças), composta maioritariamente por voluntários norte-americanos, e depois como piloto da 6.ª esquadrilha de reconhecimento (*Dywizjon Rozpoznawczy*).

Depois da primeira guerra mundial, de 1921 a 1923 Idzikowski foi instrutor na Escola Avançada de Pilotagem de Grudziądz (*Wyższa Szkoła Pilotów w Grudziądzu*), da qual foi comandante. Entre 1924 e 1926 comandou uma esquadrilha e depois uma esquadra do 1.º Regimento de Aviação, estacionado em Varsóvia.

Durante a sua carreira, Ludwik Idzikowski ganhou fama de excelente piloto, sendo uma das figuras mais conhecidas da aviação polaca e europeia, razão

pela qual quando se começou a desenhar a grande corrida aos *recordes* da aeronáutica das décadas de 1920 e 1930 foi uma das figuras cimeiras na apresentação junto da opinião pública de propostas de voos pioneiros.

Em resultado dessa fama e das condições criadas com o restabelecimento da Polónia como estado nacional, que exigia a afirmação de créditos na cena internacional que permitissem a sua legitimação, em abril de 1926 Idzikowski foi enviado para França chefiando uma missão aeronáutica polaca destinada a testar um avião que o governo polaco adquirira para testar voos de longo curso.

O avião era uma versão de longo curso do bombardeiro **Amiot 123** preparado para voos longos sem reabastecimento. Adquirido o aparelho, a opinião pública polaca, encorajada pelo governo nacionalista do marechal Józef Piłsudski, começou a aventar a hipótese de ser tentada uma travessia aérea transatlântica, no sentido leste-oeste, feito conseguido em julho de 1922 por Gago Coutinho e Sacadura Cabral em 1922, num voo pioneiro entre Lisboa e Rio de Janeiro<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> A primeira travessia aérea do Atlântico Sul foi concluída pelos aeronautas portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1922, no contexto das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. A viagem iniciou-se em Lisboa, às 7:00h (hora GMT) de 30 de março de 1922, empregando um hidroavião monomotor Fairey F III, especialmente concebido para a viagem, equipado com motor Rolls-Royce e batizado *Lusitânia*. Sacadura Cabral exercia as funções de piloto e Gago Coutinho as de navegador. Este último havia criado, e empregaria durante a viagem, um horizonte artificial adaptado a um sextante, a fim de medir a altura dos astros, invenção que revolucionou a navegação aérea à época. A primeira etapa da viagem foi concluída, no mesmo dia, sem incidentes em Las Palmas, nas Ilhas Canárias, embora tenha sido notado, por ambos, um excessivo consumo de combustível. No dia 5 de abril de 1922, os pilotos portugueses partiram rumo à Ilha de São Vicente, no Arquipélago de Cabo Verde, cobrindo oitocentos e cinquenta milhas. Lá se demoraram até 17 de abril para reparos no hidroavião - que fazia água nos flutuadores -, tendo partido das águas do porto da Praia, na Ilha de Santiago, rumo ao Arquipélago de São Pedro e São Paulo, em águas brasileiras, onde amararam, sem o auxílio do vento, no dia 18 deste mês. O mar revoltou naquele ponto, entretanto, causou danos ao *Lusitânia*, que perdeu um dos flutuadores. Os aeronautas foram recolhidos por um Cruzador da Marinha Portuguesa, e os conduziu a Fernando de Noronha. Apesar de exaustos pelo voo de 1.700 quilómetros e pelo pouso acidentado, comemoraram o achamento, com precisão, daqueles rochedos em pleno Atlântico Sul, apenas com o recurso do método de navegação astronómica criado por Gago Coutinho. Com a opinião pública portuguesa e brasileira envolvida no feito, o governo português enviou outro hidroavião Fairey, batizado como *Pátria*, a partir de Fernando de Noronha, pelo navio brasileiro *Bagé*, que chegou no dia 6 de maio de 1922. Tendo o hidroavião sido desembarcado, montado e revisado, a 11 de maio descolaram de Noronha. Entretanto, nova fatalidade acometeu os aeronautas, quando, tendo retornado e sobrevoando o arquipélago de São Pedro e São Paulo para reiniciar o trecho interrompido, uma avaria motor obrigou-os a amarar de emergência, tendo permanecido nove horas como naufragos, até serem resgatados por um cargueiro inglês - o *Paris City*, em trânsito na região. Reconduzidos a Fernando de Noronha, Sacadura Cabral e Gago Coutinho aguardaram até 5 de junho, quando lhes foi enviado um novo Fairey F III-D (o n.º 17),

Estava ainda por conquistar a travessia entre Paris e Nova Iorque, trajeto transatlântico este ambicionado pelo piloto polaco. Seria de acrescentar que “os pilotos polacos tencionavam ser os primeiros a fazer a travessia aérea do Atlântico da Europa para a América, em direção ao ocidente e contra os ventos”. (Ciechanowski, 2015: 78)

Depois de considerável hesitação, o governo polaco, pressionado pela imprensa e pela opinião pública, resolveu autorizar a arriscada aventura e mandar preparar o bombardeiro Amiot 123, a que foi dado o nome de *Marszałek Piłsudski* em honra do ditador Józef Piłsudski, que então governava a Polónia.

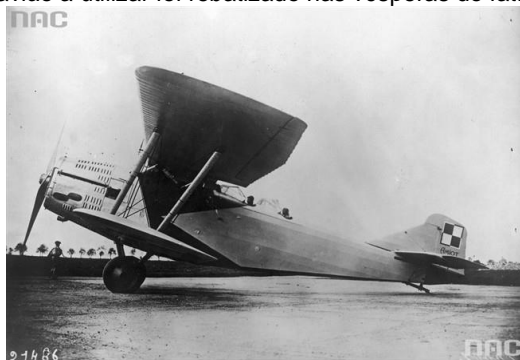


Fot. 2 – Idzikowski e Kubala, os pilotos polacos que tentaram a travessia do Atlântico

batizado pela esposa do então Presidente do Brasil, Epitáfio Pessoa (1919-1922), como *Santa Cruz*. Transportado de Portugal pelo navio Carvalho Araújo, foi posto na água do Arquipélago de São Pedro e São Paulo, tendo levantado voo rumo a Recife, fazendo escalas em Salvador, Porto Seguro, Vitória e dali para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde, a 17 de junho de 1922 amarou em frente à Ilha das Enxadas, nas águas da baía de Guanabara. Aclamados entusiasticamente como heróis em todas as cidades brasileiras onde amararam, os aeronautas haviam concluído com êxito não apenas a primeira travessia do Atlântico Sul, mas pela primeira vez na história da aviação, tinha-se viajado sobre o Oceano Atlântico apenas com o auxílio da navegação astronómica a partir do aeroplano. Embora a viagem tenha consumido setenta e nove dias, o tempo de voo foi de apenas sessenta e duas horas e vinte e seis minutos, tendo percorrido um total de 8.383 quilómetros. A viagem serviu de inspiração para os raids posteriores de Sarmento de Beires, João Ribeiro de Barros e de Charles Lindbergh, todas realizadas em 1927.

Depois de ter sido promovido a major-piloto a 1 de janeiro de 1928, Idzikowski foi escolhido para comandar o voo transatlântico, no qual seria acompanhado pelo major piloto **Kazimierz Kubala** que teria as funções de segundo-piloto e de navegador. A tentativa de voo transatlântico iniciou-se pelas 4:45 horas da madrugada de 3 de agosto de 1928 com uma descolagem do aeroporto de Le Bourget, nos arredores de Paris, dirigindo-se o avião diretamente para oeste ao longo da costa norte da Península Ibérica.

A primeira parte do voo decorreu sem incidentes, mas depois de percorridos cerca de 3 200 km e já sobre a região central do Atlântico do Norte detetaram uma perda de óleo do motor, causada por uma fissura no tanque de óleo. Apesar de já estarem no meio do Atlântico, decidiram regressar para a costa europeia, já que estavam a voar contra o vento, o que lhes dificultaria atingir a costa norte-americana. Depois de 31 horas de voo e já sem óleo, Idzikowski decidiu tentar uma amargem de emergência junto a um navio que avistou. A amargem decorreu bem e foram recolhidos, pilotos e avião, pela tripulação do navio mercante alemão Samos, que navegava a cerca de 70 milhas náuticas a noroeste da cidade do Porto já próximo da costa da Galiza. O avião, que já não tinha préstimo, foi reenviado para o fabricante para recondicionamento, ficando decidido que nova tentativa seria feita no verão imediato. Reparado o avião, Idzikowski e Kubala prepararam-se para repetir a tentativa. Apesar de algumas fontes apontarem para um segundo avião, um Amiot 123 (comprado em França, com o dinheiro oferecido voluntariamente pelos representantes das comunidades polacas nos Estados Unidos) que se chamaria *Águia Branca* (*Orzeł Biały*) - em honra da heráldica nacional polaca -, a imprensa da época, e as fotos do avião são disso testemunho, notícia que era novamente o Marechal Pilsudski (*Marszałek Pilsudski*), recondicionado após o acidente anterior, o nome com que o avião a utilizar foi rebatizado nas vésperas do fatídico voo.



Fot. 3 – O avião Amiot 123

Para a sua segunda tentativa da travessia transatlântica, os pilotos polacos descolaram às 3:45 hora da madrugada do dia **13 de julho de 1929**, novamente do campo de Le Bourget. Depois de terem voado 2 140 km, já sobre o Atlântico Norte central, por volta das 17:00 horas, o motor começou a perder rotações e a emitir ruídos e vibrações anormais. Os pilotos decidiram então aterrar na **ilha do Faial, Açores**, em cujas proximidades estariam. Iniciaram então a aproximação à ilha, com bom tempo, mas visibilidade reduzida.

Já quando anoitecia, por volta das 21:00 horas (19:00 horas locais), a situação piorou e Idzikowski decidiu fazer uma aterragem de emergência o mais próximo de terra que lhe fosse possível. Depois de terem sobrevoado por diversas vezes a **ilha Graciosa**, a maioria do tempo entre nuvens, Ludwik optou por tentar uma aterragem de emergência nessa ilha, junto ao lugar da Brasileira, na freguesia do Guadalupe, na zona central da ilha.

Estando já a anoitecer, o local escolhido foi inadequado, já que um conjunto de muros de pedra solta (os típicos muros de pedra solta nos campos de milho nos Açores), alguns deles escondendo desníveis de mais de um metro, constituíam obstáculos que o avião dificilmente poderia atravessar.

Segundo Jan Ciechanowski,

*” A 13 de julho de 1929, em resultado de uma avaria no aparelho, Idzikowski e Kubala tiveram de aterrar de emergência na ilha açoriana da Graciosa. Não quiseram amargar para não estragar o avião. Não previram, no entanto, que no campo onde iam aterrar se encontravam sebes de pedras, invisíveis, que fizeram com que o avião capotasse. O aparelho incendiou-se: Idzikowski morreu e Kubala sobre ligeiros ferimentos”.* (2015: 87).



Fot. 4 – Os pilotos polacos Idzikowski e Kubala

Em resultado da catástrofe aérea, o avião embateu num dos muros e capotou, ficando com os rodados para o ar. De facto, na colisão Idzikowski do Marechal Pilsudski na ilha Graciosa ficou gravemente ferido e encarcerado nos destroços do avião enquanto Kubala sofreu apenas ferimentos ligeiros, saindo dos destroços pelos seus próprios meios. A população local, então empenhada na ceifa e debulha do trigo, tinha visto o avião circundar a ilha várias vezes e apercebeu-se do acidente. Acorreram então em socorro dos pilotos, mas no processo de tentar desencarcerar Idzikowski, já noite escura, trouxeram um archote, o qual incendiou o avião, incinerando o piloto, apesar de esforços endividados no sentido para salvar o piloto.



**Fot. 5 – O avião Marechal Pilsudski (Marszałek Pilsudski)**

O corpo de Idzikowski foi levado para Santa Cruz da Graciosa onde aguardou a chegada do veleiro ORP Iskra, que precisamente se encontrava na ilha do Faial, que o transportou para a Polónia (a cidade e o porto no Mar Báltico de Gdynia). O valente piloto polaco sepultado com honras de Estado a 19 de agosto de 1929 na Alameda dos Beneméritos (*Aleja Zasłużonych*) do Cemitério de Powązki de Varsóvia (*Cmentarz Powązkowski w Warszawie*), onde uma lápide funerária o recorda.

Na Graciosa, junto ao local onde ocorreu o acidente, nas proximidades da Brasileira, um cruzeiro, construído em 1939 com parte dos destroços, e uma lápide também recordam o valente piloto natural da Polónia. Passadas as solenes exéquias (e sendo ambos os pilotos nomeados majores) o assunto dos voos transatlânticos foi silenciado e postergado pelas autoridades da Polónia (Danilewicz Zielińska, 2005: 133), passando à atenção do governo português

representado pelo coronel-piloto Cifka Duarte<sup>24</sup>, que investigou o caso e passou os pormenores para o *Diário de Notícias* e à imprensa britânica; detalhes esses, como a infrutífera comunicação dos camponeses com o piloto moribundo e a explosão de petróleo foram relatados pelos estudiosos polacos (*Idem*, 2005: 133-135; Zatyka, 2015; Ciechanowski, 2015: 78 - 97).



**Fot. 6 – Destroços do avião Marechal Pilsudski na ilha Graciosa (Açores)**

O major Ludwik Idzikowski recebeu a condecoração *Virtuti Militari* de 5.ª classe, a Cruz dos Valentes, a Cruz Dourada de Mérito e a cruz de oficial da Ordem da Polónia Restituta (*Krzyż Oficerski Orderu Odrodzenia Polski*).

O local da tragédia do avião *Marechal Pilsudski* mereceu uma lápide comemorativa e foi visitado em 1979 pelo embaixador polaco em Portugal, **Wojciech Chabasiński**, numa cerimónia que assinalou os cinquenta anos do acidente; depois, em 1989 e 2013 junto do monumento comemorativo à morte de Idzikowski decorreram cerimónias solenes com a participação dos elementos do Ministério das Relações Estrangeiras da Polónia.

Em 2015, a homenagem a Ludwik Idzikowski causou um incidente protocolar entre o Governo da República Portuguesa e o Governo Regional dos Açores e o seu presidente, Vasco Cordeiro, que teria sofrido um “desrespeito institucional” por ser postergado pelo governo de Lisboa nas comemorações da morte do piloto polaco, previstas para o dia 17 de julho, na presença dos representantes da Embaixada da República da Polónia e de **Jan Ciechanowski**, o chefe do Gabinete dos Assuntos dos Combatentes e Vítimas de Repressão da República da Polónia.

<sup>24</sup> Salvador Alberto du Courtills Cifka Duarte (1882 – 1964, também conhecido por **Cifka Duarte**), foi um oficial da cavalaria, pioneiro da aviação em Portugal. Foi o primeiro comandante da Base Aérea de Sintra.

À laia da conclusão, vale a pena constatar que a primeira (única e derradeira) travessia do Atlântico empreendida há oitenta e sete anos por pilotos polacos Idzikowski e Kubala, em direção ao Ocidente e contra os ventos da História, inscreve-se no vasto tópico chamado "Os refugiados polacos em Portugal durante a segunda guerra mundial", assim como nos tempos que precederam o grande fluxo de cidadãos dos países europeus que fugiam do terror nazi, porque "foi precisamente aqui, em Portugal, que os polacos se depararam, no dia-a-dia, com a maior cordialidade e esperança no âmbito dos contactos com os representantes da sociedade portuguesa" (Ciechanowski, 2015: 19)<sup>25</sup>.



Fot. 7 – Enterro de Ludwik Idzikowski em Gdynia (17.08.1929)



Fot. 8 – Sepultura de Ludwik Idzikowski no Cemitério Powązki em Varsóvia

<sup>25</sup> Fragmento do discurso proferido por Jan Stanisław Ciechanowski, no exercício da função do chefe do Gabinete dos Assuntos dos Combatentes e Vítimas de Repressão da República da Polónia, no dia da inauguração da exposição, intitulada "Os polacos em Portugal nos anos de 1940-1945", no Espaço Memória dos Exílios, no Estoril, a 29 de setembro de 2011.

Mais um trecho sobre a história das relações luso-polacas e dos fascinantes destinos de políticos e diplomatas, valentes militares e artistas de renome antes e depois da guerra, decorrida nos confins ocidentais do continente europeu como um exemplo de atividades heroicas, úteis e proveitosas para as gerações seguintes.

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Ciechanowski, Jan S. (2015), *Portugalia, dziękujemy! Polscy uchodźcy cywilni i wojskowi na zachodnim krańcu Europy w latach 1940-1945/ Portugal, obrigado! Os refugiados polacos, civis e militares, nos confins da Europa ocidental nos annos de 1940-1945/ Thank You, Portugal! Polish civilian and military refugees at the western extremity of Europe in the years 1940-1945*. Warszawa: Oficyna Wydawnicza RYTM.
  2. Czerniewicz-Umer, Teresa, (ed.), (2006), *Polónia. Guia American Express*. Porto: Civilização.
  3. Danilewicz Zielińska, Maria (2005), *Polonica portugalskie*. Warszawa: Biblioteka „Więzi”.
  4. Danilewicz Zielińska, Maria (2005), "Katastrofa samolotu polskiego Marszałek Piłsudski na Azorach w 1929 roku", in *idem Polonica portugalskie*. Warszawa: Biblioteka „Więzi”, 132-136.
  5. Kalewska, Anna (2010), "Ladislau III de Varna – um rei polaco refugiado na Ilha da Madeira (século XV). Mistério do Cavaleiro de Santa Catarina em pinceladas históricas", in Petar Petrov (org.), *Lugares da Lusofonia. Atas do Encontro Internacional. Por ocasião dos 25 anos da fundação da Associação Internacional de lusitanistas*. Lisboa: Colibri, 207-227.
  6. Milewska, Elżbieta (1991), *Związki kulturalne i literackie polsko-portugalskie w XVI-XIX wieku*. Warszawa: CESLA.
  7. Sayers, David (2015 [2001]), *Azores*. With a foreword by Ben Fogle. Guilford: The Globe Pequot Press Inc. Schimitzek, Stanisław (1970), *Na krawędzi Europy: wspomnienia portugalskie, 1939 – 1946*. Warszawa: PWN.
- Zamoyski, Adam (2010), *História da Polónia*. Lisboa: Edições 70.

### 4. INTERNET:

- Amiot 123: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Amiot\\_123](https://pt.wikipedia.org/wiki/Amiot_123), em 6.07.16.
- *Jornal de Notícias* (2015), "A história do piloto polaco que causou incidente protocolar em Portugal", 11 de setembro. Página consultada em 6 de julho de 2016 <http://www.jn.pt/mundo/interior/a-historia-do-piloto-polaco-que-causou-incidente-protocolar-em-portugal-4771603.html>, em 6.07.16.
- Kazimierz Kubala: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Kazimierz\\_Kubala](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kazimierz_Kubala), em 6.07.16.
- Ludwik Idzikowski, disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwik\\_Idzikowski](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwik_Idzikowski), em 6.07.16.

- Portugalia: 40 rocznica nawiązania stosunków dyplomatycznych. Página consultada em 15.07.16 [http://www.msz.gov.pl/ministerstwo/historia/wydarzenia/portugalia\\_40\\_rocznica\\_nawiazania\\_stosunkow\\_dyplomatycznych](http://www.msz.gov.pl/ministerstwo/historia/wydarzenia/portugalia_40_rocznica_nawiazania_stosunkow_dyplomatycznych)

- *Velharias com História. O colecionismo como fonte histórica e cultural* (s.d.), “A aviação e correio nos Açores (breve história da sua origem). Página consultada em 6.07.2016, [http://philangra.blogspot.com/p/acoes-correio-aereo\\_27.html](http://philangra.blogspot.com/p/acoes-correio-aereo_27.html).

Zatyka, Marcin (2015), “Polska katastrofa, która poróżniła Portugalczyków”. *Dzieje.pl – Portal historyczny*, 15.10. Página consultada em 6 de julho de 2016, <http://dzieje.pl/artykulyhistoryczne/polska-katastrofa-ktora-poroznila-portugalczykow>.

#### **PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

#### **5. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012, APOSENTADO) E AICL**

**António Callixto**, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico. Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012)

António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira.



MONTELEGRE 2016

Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e

alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe).

Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco.

Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução.

Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.



GRACIOSA 2015



#### **TEMA UNIÃO EUROPEIA, A BABEL ORGANIZADA DOS NOSSOS DIAS.**

Trata-se de uma apresentação em PowerPoint, sendo os tópicos projetados no ecrã e desenvolvidos oralmente, sem que exista propriamente a leitura de uma “comunicação” formal. Por essa razão, sugiro que das atas conste a seguinte sinopse.

O título pretende explicar que a enorme diversidade linguística (“Babel”) existente na União Europeia não é de modo algum um “caos” desorganizado, mas uma engrenagem bem rodada visando permitir que, numa tão vasta área geográfica, a qualquer cidadão assista o direito de se exprimir, em toda e qualquer circunstância, na sua própria língua materna.



Depois de mostrar os sítios internet multilingues das várias instituições europeias, apresento o texto integral do Regulamento nº 1, de 1958, “que estabelece o regime linguístico da Comunidade Económica Europeia” (vulgo “regulamento linguístico”), nas suas versões original e consolidada.

O corpo principal do trabalho é constituído por um relato cronológico do modo como a União Europeia passou das quatro línguas oficiais iniciais, em 1952, às atuais 24, em resultado dos sucessivos alargamentos. São referidos factos e curiosidades de várias línguas, por exemplo o luxemburguês, o turco e o russo, que são oficiais em determinados Estados-Membros (Luxemburgo, Chipre, Letónia), mas nunca o foram na União Europeia, o irlandês, que apenas se tornou oficial 34 anos após a adesão da Irlanda, ou ainda o norueguês e o islandês, cujos países, apesar de várias tentativas, nunca aderiram nem provavelmente o farão.

A exposição termina com uma referência às línguas dos atuais países candidatos à adesão e com a dúvida sobre o que o “Brexit” poderá representar para a eventual permanência do inglês como língua oficial da União.

São atualmente (2016) línguas oficiais da União Europeia o alemão, o búlgaro, o checo, o croata, o dinamarquês, o eslovaco, o esloveno, o espanhol, o estónio, o finlandês, o francês, o grego, o húngaro, o irlandês, o inglês, o italiano, o letão, o lituano, o maltês, o neerlandês, o polaco, o português, o romeno e o sueco.

#### É SÓCIO DA AICL

**TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESSE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA.**

**TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015 E 25º EM MONTALEGRE 2016**

#### **6. BRITES ARAÚJO, GRACIOSA, NAV E AICL**

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense.

Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na Ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas. Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.

Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena Antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.

#### BIBLIOGRAFIA

1979, Nós palavras, com Eduardo Bettencourt Pinto, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt, Tipografia Gráfica Açoriana

2014, in Antologia no feminino: 9 ilhas 9 escritoras, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 ilhas 9 escritoras, in Atas do 21º colóquio da lusofonia, Moinhos de Porto Formoso, S Miguel, Açores

2014, Apresentação da obra (antologia no feminino) 9 ilhas 9 escritoras, no pavilhão multiusos da ilha Graciosa, org Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa

2015, O traço insular em Cecília Meireles, in Atas do 24º Colóquio da Lusofonia, Graciosa 2015, Açores



MOINHOS 2014

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#426-cadernos-e-suplementos-de-estudos-acorianos>

VER VÍDEO HOMENAGEM DA AICL EM <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#426-cadernos-e-suplementos-de-estudos-acorianos>

TEMA O LIVREIRO DE SANTIAGO, O CORVINO CARLOS GEORGE NASCIMENTO

O filme conta a história do açoriano Carlos Jorge Nascimento, da sua vida desde a ilha do Corvo, Açores, até Santiago, Chile, e a sua influência na cultura literária chilena. Carlos Jorge Nascimento saiu da pequena ilha do Corvo para

ganhar a vida na caça à baleia. Filho e neto de baleeiros, deixou a ilha com 20 anos, em 1905. As voltas da história fizeram com que acabasse por comprar uma livraria em Santiago do Chile, que fora de um tio, e dedicar-se à edição. Foi o primeiro editor de Pablo Neruda. Crepuscúlio foi o primeiro livro do futuro Nobel da Literatura que saiu da Editorial Nascimento.

Esta história é contada com detalhe no filme *O Livreiro de Santiago* realizado por José Medeiros, músico e realizador açoriano. Natural de São Miguel, Medeiros é um dos protagonistas desta "narrativa ficcional baseada na vida e na obra do editor corvino": faz de Nascimento. Tal como o seu filho, David Medeiros, que veste a pele do livreiro enquanto jovem. A atriz Maria do Céu Guerra e os músicos Filipa Pais, Carlos Guerreiro e Jorge Palma também integram o elenco do filme.

**Realização, Argumento e Música:** José Medeiros

**Elenco:** David Medeiros, Sara Almeida, José Medeiros, Maria Botelho, Nelson Cabral, Frederico Amaral, Marta Andrinho, Bruno Correia, Anabela Morais, Raul Resendes. E com a **participação especial** de Maria do Céu Guerra, Carlos Guerreiro, Filipa Pais e Jorge Palma.

**Trailer** de "O Livreiro de Santiago": [https://www.youtube.com/watch?v=FQnrU\\_bdhZQ#action=share](https://www.youtube.com/watch?v=FQnrU_bdhZQ#action=share)

**Trabalho final não recebido nos prazos**

**SÓCIO DA AICL.**

**ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014, 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015 E 25º EM MONTALEGRE**

## 7. CARLA SOFIA LUÍS, UBI (UNIV BEIRA INTERIOR) / LABCOM, IFP, COVILHÃ E AICL



SEIA 2014

• Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977. É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura

Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição. É Professora Auxiliar, com nomeação definitiva, no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LabCom.IFP. É Coordenadora de Mobilidade do DL (Português / Espanhol, 1.º Ciclo) da UBI, Membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, Membro da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia* e Membro da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Da lista das suas publicações, destacamos os **livros** *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio* (Vila Real, CEL e UTAD, 2011, (Fundão, Grafisete), os **capítulos de livro** Mário Cláudio: Nauta e Guardiã da Portugalidade, Alfragide, Caminho, 2011, Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*, Covilhã, UBI, 2012 Um Breve Olhar Sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio (Lisboa, CLEPUL – no prelo),

- Rostos da Portugalidade na Escrita de Mário Cláudio: os Casos das Trilogias da *Mão*, da *Árvore* e das *Constelações*, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, apoio FCT, 2015, Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal e ainda os **artigos** Algumas Singularidades Linguísticas na Obra Narrativa de Mário Cláudio (*Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, Praia, 2014, Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos (UBI, Portugal, e a Universidade da Bahia, Brasil 2015, Universidade da Beira Interior,

- A Escrita de José Leon Machado: o caso das obras *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia Fundão (Portugal), 2015,

- Valorizar o português como língua científica internacional: uma orientação estratégica elementar (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, Seia, 2014) Um breve olhar sobre a génese da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), *Revista de Letras*, Vila Real, CEL, Departamento de Letras, Artes e Comunicação da UTAD, 2014

**TEMA ALGUMAS PÁGINAS SOBRE PEREGRINAÇÃO DE BARNABÉ DAS ÍNDIAS DE MÁRIO CLÁUDIO - CARLA SOFIA GOMES XAVIER LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, LABCOM.IFP E AICL, CXAVIER@UBI.PT**

Foi em 1998, próximo das comemorações dos 500 anos da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, que Mário Cláudio publicou *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Este romance, que do ponto de vista cronológico remonta a acontecimentos vividos no século XV, pela especificidade da matéria narrada, a descoberta das Índias pelo anti-herói Barnabé, mantém, sem surpresa, um forte diálogo intertextual com duas peças monumentais da literatura de viagens dos

Descobrimentos Portugueses: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Estas obras, embora envergando estilos diferentes e complementares, são unânimes em destacar o papel pioneiro de Portugal no desenvolvimento do fenómeno da globalização, aspeto lapidar da nossa definição como povo.

Ora, também Mário Cláudio vem, por via de *Peregrinação de Barnabé das Índias*, como refere Maria Alzira Seixo, “num esforço decisivo e dramático de olhar o mundo, o passado e a nossa complexa identidade, e de fornecer a tremenda e sedutora floresta de tantos e tão diversos enganãos”, sinalizar um período absolutamente vital para o complexo exercício de repensar a identidade lusitana, aspeto tão relevante nos seus escritos. Com efeito, procuramos com este trabalho, de olhos postos nessa constante necessidade de busca do seu/nosso rosto, apresentar uma breve leitura do romance de Mário Cláudio em destaque, desdobando alguns fios de intertextualidade com duas incontornáveis obras da literatura de viagens não só portuguesa, mas também universal.

“[...] A ideia que tenho é que Portugal nessa altura seria um país que andava um pouco em busca do seu rosto. Ao contrário de hoje. Não anda em busca de rosto, anda desesperado por o ter perdido” (Cláudio, 1999: 18). “[...] O Romance é o único meio de compreender a História, se ela lhe fornecer a informação dos sucessos que igualmente a alimentam. Por isso, Mário Cláudio reforça a História de Portugal com este escrito heterodoxo e brilhante, e escreve aqui [*Peregrinação de Barnabé das Índias*] um dos seus melhores romances, num esforço decisivo e dramático de olhar o mundo, o passado e a nossa complexa identidade, e de deles fornecer a tremenda e sedutora floresta de tantos e tão diversos enganãos” (Seixo, 1999: 34, acrescento nosso).

Mário Cláudio, pseudónimo literário de Rui Manuel Pinto Barbot Costa, figura de referência no panorama literário português contemporâneo, tem vindo a construir uma obra<sup>26</sup> de apreciável valor estético e histórico-cultural, sendo objeto de variados estudos (livros<sup>27</sup>, teses<sup>28</sup>, artigos), bem como de inúmeras

<sup>26</sup> Desde as suas primeiras obras publicadas, *Ciclo de Cypris* (Porto, Edição do Autor, 1969 – Poesia) e *Um Verão Assim* (Lisboa, Quetzal, 1974 - Romance), até aos últimos textos dados à estampa, *Astronomia*, (Lisboa, Dom Quixote, 2015 – Romance), que Mário Cláudio tem vindo a produzir uma obra ficcional com um fundo histórico-cultural deveras relevante. Note-se ainda que trouxe recentemente à luz *Dezassete Sonetos de Tiago Veiga* (Lisboa, Dom Quixote, 2016), escritos, como Mário Cláudio refere na introdução, nos derradeiros anos de vida de Tiago Veiga (p. 7).

<sup>27</sup> Veja-se, a título de exemplo, a obra coletiva Luís, Carla Sofia Gomes Xavier, Luís, Alexandre António da Costa e Real, Miguel (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*, Setúbal (Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 2015), resultante de um evento realizado a 12 de abril de 2013 na Biblioteca

homenagens. Com efeito, a já vastíssima produção textual (distinguida por variados prémios<sup>29</sup> e uma condecoração), acumulando os mais distintos géneros, como a poesia, o romance, o teatro, o conto, a crónica, a novela, a literatura infantil, o ensaio, a biografia, é, a dada altura, considerada por Carlos Reis “*uma das mais consistentes, continuadas e coerentes obras ficcionais que nos últimos 20 anos entre nós se manifestou*” (2005: 24), comentário que, apesar de proferido há já alguns anos, continua a fazer sentido. Com efeito, “*o seu estilo pode mesmo associar-se ao padrão do mosaico, visto que, apesar de espartilhado, é sistemático, harmonioso, continuado, estabelecendo uma ligação íntima com os seus congéneres e conseguindo almejar um efeito visual consistente e interdependente*” (Luís, 2011: 393) que, por seu turno, cocorre para edificação de uma “*enciclopédia do essencial da portugalidade – Os Lusíadas de uma epopeia portuguesa estritamente literária e artística*” (Magalhães, inédito: 4). Como já dissemos numa outra ocasião a propósito das *Trilogias da Mão*, da *Árvore* e das *Constelações*, apreciação que se pode estender a toda a sua obra, “*«ao contar o que somos enquanto literatura e arte» (Magalhães, inédito: 5), mediante uma engenhosa sobreposição de identidades, urdidas num estilo que produz o efeito de «rendilhado vernacular» (Real, 2012: 64), Mário Cláudio busca, através de cada livro, o seu «próprio rosto» (Cláudio in Castro, 1999: 17)*” (Luís, 2015: 131-132). Enfim, “*de Camões a Pessoa, passando por Camilo, Eça, e António Nobre, entre outros, é um itinerário da literatura portuguesa que se lê, mas são também as marcas culturais que encenam uma identidade portuguesa que se reconhecem nas páginas deste escritor que, por sua vez, as reconheceu nas de seus homenageados*” (Alves, 2015: 179).

Não obstante, e apesar de merecer a atenção de variados académicos, muitos são ainda os mistérios da sua obra por desvelar, não só pela espessura do labor já produzido, mas também pelo fator continuidade, posto que estamos, felizmente, ante um escritor ainda em plena atividade. Prova disso mesmo é, além da já citada *Astronomia*, autobiografia ficcional (2015) e dos *Dezassete*

Municipal Eduardo Lourenço que teve a presença do próprio escritor. Adiante-se, igualmente, que está a ser preparado mais um volume que reúne as comunicações proferidas numa grande homenagem feita na Universidade da Beira Interior a 12 e 13 de novembro de 2016 e que, além do próprio escritor, contou com vários especialistas da obra claudiana de diversas universidades de Portugal, Brasil e Itália.

<sup>28</sup> Além de algumas teses de mestrado, referimos, a título de exemplo, a primeira tese de doutoramento feita em Portugal sobre este escritor: Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís, *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio* (prefácio de João Malaca Casteleiro e de Gabriel Magalhães), Coleção Linguística 7, Vila Real, Centro de Estudos em Letras e Departamento de Letras, Departamento de Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2011, com o apoio da FCT, 445 páginas.

<sup>29</sup> Ver lista de prémios angariados exposta em (Luís, Luís e Real (org.), 2015: 8).

*Sonetos de Tiago Veiga* (2016) que fez publicar, a sua última trilogia que apelidámos de *Trilogia dos Afetos*<sup>30</sup>, composta por duas novelas e um romance<sup>31</sup>, a saber: *Boa Noite, Senhor Soares* (Dom Quixote, 2008 – novela), *Retrato de Rapaz* (Dom Quixote, 2014 – romance) e *O Fotógrafo e a Rapariga* (Dom Quixote, 2015 – novela), centrada em relações entre pessoas de idades muito diferentes.

Posto isto, e tal como Ernesto Guerra da Cal refere em relação à obra queirosiana, não temos de todo a veleidade de encontrar “a rosa, de que falava Gourmont, na sua fragrância; mas se conseguirmos rodeá-la, examinar algumas pétalas e aproximarmo-nos do «sanctum» inacessível e inexpugnável do seu segredo vivo, consideremos isso mais que suficiente, e ficaremos satisfeitos” (Cal, 1981: 55). Assim, propomo-nos tão-somente neste artigo, de olhos postos nessa constante busca do seu/nosso rosto, apresentar uma breve leitura do romance de Mário Cláudio em destaque, desdobando alguns fios de intertextualidade com duas incontornáveis obras da literatura de viagens não só portuguesa, mas também universal: *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, que ostenta um estilo mais erudito, e *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, que enverga uma escrita mais popular. Como muito bem frisa Maria Theresa Abelha Alves, “A literatura sempre se fez de empréstimos<sup>32</sup>, seu caráter dialógico é prática que a nossa época tem exacerbado e a que Mário Cláudio não permanece alheio, pois vem trabalhando o lugar da biblioteca na construção e arquivamento do saber e na formação de novos escritos” (2015: 179).

Dito isto, não poderíamos deixar de principiar o labor anunciado sem tecermos algumas considerações quer sobre o título da obra em análise quer acerca do seu protagonista, Barnabé, a quem, ao sabor da já mencionada metaficção pós-modernista, foi inculcada a descoberta das Índias: “«Deus te abençoe, meu rapaz, que foste tu, foste tu, e mais ninguém, quem essas Índias na verdade descobriu»” (Cláudio, 1998: 278). Naturalmente, de tão óbvio que é dispensaria comentários o facto de Mário Cláudio se ter inspirado em *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto para o título da sua obra. E a justificação é simples: estamos, em jeito metaficcional, a reler a história de um viajante, um anti-herói judeu, um simples e “pobre diabo feito grumete” (Teixeira, 1998: 8) que,

expondo-se a perigos, a sacrifícios de vária ordem, enfrentando medos e obstáculos, não tanto em busca de riqueza, de fama, de glória, ou de chegar a uma terra santa, intentos de Vasco da Gama, mas mais com o objetivo de se penitenciar, de purgar os seus pecados, busca “não o oriente, mas o norte assinalado por uma bússola interna” (Perim, 2013: 22). Assim, ao contrário da “ideologia da navegação exploratória, substitui-se a busca material pela espiritual; outras são as Índias e as conquistas, outros os heróis, o pequeno subjuga o grande, a viagem dá lugar à travessia, à peregrinação” (idem, ibidem: 22). Barnabé, representante do povo comum, usando uma linguagem conforme à sua condição é o eleito, sendo agraciado com a visita do arcanjo e recebendo o novo batismo, “sobre ele uma chuva de penas lentamente caía” (Cláudio, 1998: 201), liberta-se, finalmente, dos pecados pretéritos. Quando surge a terceira aparição, espécie corolário da sua caminhada espiritual, recebe inclusive uma espécie de beatificação:

“Rafael te chamas, e me chamo, e eterno serás como eterno sou, e agora em definitivo nasceste, porquanto em ti nasci eu e, saldadas que se encontram as contas que devias prestar, caminharás pelo meu carreiro, e desvendarás as minhas Índias, as quais mais altas se mostram do que conheceste, e de substância diversa, e se de ouro se não edificam, nem de especiarias, da claridade a que as cores se resumem constam elas” (Cláudio, 1998: 242).

Enfim, após um enorme rol de trapalhadas e iniquidades cometidas no passado, Barnabé enriquece o seu espírito de tal forma que, no alto da proa da nau São Rafael, assume mesmo o papel de protetor dos nautas lusíadas, facultando-lhes conselhos sensatos, a fazer lembrar o Velho do Restelo camoniano. Eis que, a dada altura, “devotava-se Barnabé ao auxílio dos camaradas, ora nas canseiras da maréação os suportando, ora lhes diminuindo o receio dos perigos que adiante se lhes deparassem” (Cláudio, 1998: 246). De tal forma evolui o espírito, de pecador a santo, de Barnabé, que, tendo sido inclusivamente convidado a pousar para o mestre de pintura Gaspar Vaz, desafio que aceita de imediato, se deixa impressionar profundamente com as semelhanças físicas que tem com S. Pedro:

“[...] em ti havendo topado eu com o semblante que me convém, desejo que com franqueza me declares se em câmbio de satisfatório passado e uma saca de moedas te apetece, ou não, postares-te como exemplo por onde se ordene a grandeza desse em quem fixou Jesus Cristo a sua pedra eclesial”. Não cogitou de mais o antigo nauta da Índias, porque perfiladas se lhe antolhavam as razões para que acesse [...]” (Cláudio, 1998: 273-274). Esta aproximação faz-nos recordar a afeição de Fernão Mendes Pinto por São Francisco Xavier, tendo-se inclusivamente sentido impelido a seguir os seus passos.

De uma forma bem mais esbatida, sem a violência e a maldade de um ou a pureza total do outro, mas, de algum modo, Vasco da Gama e Barnabé nos

<sup>30</sup> Esta designação foi pela primeira vez apresentada durante a comunicação “Mário Cláudio: a vida, a obra e o estilo biográfico”, proferida numa grande homenagem feita na Universidade da Beira Interior a Mário Cláudio, *Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio*, Anfiteatro da Parada da Universidade da Beira Interior, 12 e 13 de novembro de 2015. Brunello de Cusatis, outro especialista da obra claudiana, neste mesmo evento, a propósito do mesmo conjunto, propôs também a designação de *Trilogia das Gerações*.

<sup>31</sup> Note-se que as outras três trilogias são todas compostas por romances.

<sup>32</sup> Já Michel de Montaigne declarava: “Il y a plus [...] de livres sur les livres que sur tout autre sujet: nous ne faisons que nous entregloser” (*Essais*, III, 13).

fazem lembrar as duas personagens mais importantes de *Peregrinação*: o pirata António Faria e o missionário Padre Francisco Xavier, respetivamente, que, por sua vez, ilustram a presença lusa no Oriente, em particular, e em territórios ultramarinos, no geral.

António de Faria e São Francisco Xavier, se bem que este último seja oriundo de uma família de Navarra, materializam o que de pior e de melhor o povo lusíada e até a humanidade tem na sua materialidade e espiritualidade: o primeiro, é pirata, ladrão, frio, calculista, sem escrúpulos ou sentimento de culpa, mas que, por contradição, invoca constantemente o santo nome de Deus em vão (cf. Coelho, 2001: 197-222); o segundo, representante da Companhia de Jesus e dos mais profundos preceitos “do cristianismo em terras distantes, surge como o vigoroso pregador da Boa Nova e o homem santo, de cuja morte e enterro Fernão Mendes Pinto irá dar conta” (Lopes, 2015: 87).

Por analogia, Vasco da Gama é um católico fervoroso, fingido, ocultando até do próprio irmão os seus medos, artiloso, tirando partido das circunstâncias, como acontece no episódio com o Samorim, sendo que, na igreja, chega mesmo ao ponto de derramar lágrimas falsas, interesseiro, intolerante e cruel com o outro, aspeto visível aquando da tortura que inflige ao piloto muçulmano, desencadeando o sentimento de repulsa dos restantes mareantes, sendo que até “se punham de pé os cabelos da maioria dos embarcados” (Cláudio, 1998: 193).

Barnabé, que parte com devoção, sente, ao longo da viagem, o encontro com o sagrado, na sua ânsia de viver, buscando “um lugar que suspeita ter-lhe sido atribuído” (Cláudio, 1998: 49). O resultado final é que Vasco da Gama não realiza verdadeiramente a “travessia – apenas a viagem – porque não consegue enfrentar os riscos inerentes à vida, dos quais o maior é a própria morte [...], não efetivou a aprendizagem inerente aos fracassos e às tempestades” (Perim, 2013: 24), ao passo que Barnabé é quem “ao nível da narrativa dobra o Cabo das Tormentas [...] porque antes já o transpusera dentro de si mesmo” (idem, ibidem: 25), “nos ocultos de si” (Cláudio, 1998: 177), ao vencer a morte, completando a travessia espiritual, que culmina com a sua beatificação e a sua recompensa. Por isso, é ele quem encontra o verdadeiro caminho, é ele que, metaforicamente, e a fazer lembrar as *Canterbury Tales* de Geoffrey Chaucer, vai na direção certa, salvando a sua alma, descobrindo verdadeiramente as Índias. Após ter sobrevivido à tempestade que se abateu sobre a sua nau, no capítulo intitulado “Os Peixes”, Barnabé é contemplado com a visita de um libertador “anjo perfeitíssimo” (Cláudio, 1998: 173) que, em jeito de metáfora, assegura que “neste instante preciso terás sido maravilhosa e realmente batizado” (idem, ibidem: 174). Sem dúvida, “buscando uma alternativa à sua arrastada podridão, consumindo-se na tessitura de um imenso sonho salvífico” (idem, ibidem: 84), acaba por enfrentar os perigos e medos vários e embarcar na nau da descoberta, iniciando a caminhada em direção à purificação, à libertação dos seus pecados,

simbolicamente representada pela água (cf. Chevalier e Gheerbrant, d.l. 94: 41-46) pura usada no sacramento do batismo: “*pelas águas do batismo nos convertêssemos*” (idem, ibidem: 79). Enfim, após tantas trapalhadas, vem a catarse libertadora alcançada por via das dificuldades a que se submeteu enfrentando o misterioso e tenebroso mar.

Mas, como já havíamos também referido, o seu passado conta com vários pecados. É no capítulo “*Os Demónios*”, redigido em primeira pessoa, emergindo uma voz, sem surpresa, popular, arcaica, revestida de uma simplicidade que condiz com o sujeito de enunciação, um simples grumete<sup>33</sup>, que nos é dada a oportunidade de acompanhar algumas travessuras de infância, que vão desde o assalto aos “*pomares alheios*” (Cláudio, 1998: 47), o “*roubo de uma galinha*” (idem, ibidem: 53), os urros de júbilo (idem, ibidem: 56) estridentes que tanto irritavam os vizinhos, “*mandou-os calar com ameaças um vizinho, berregando da sua casa de escancaradas janelas, a transferir para os jovens o esgotamento da insónia*” (idem, ibidem: 57), que apreciamos o caráter rebelde de Barnabé.

Mas é em “*As Chagas*”, dando continuidade ao episódio descrito no final do capítulo anterior, que tais comportamentos desviantes ascendem a um patamar inigualável, atingindo o clímax, por assim dizer, uma vez que, devido ao envolvimento amoroso com Revocata, Barnabé acabou por carregar às suas costas três mortes: “*que não entendo como te arreberto, que me desgraçaste, e àquela pobrezinha que Deus arrebatou, e mais ao menino que por tua culpa foi forçada a parir, e é que morreram ambos por causa de ti [...] a minha mulher, tua prima [...] faleceu logo a seguir*” (Cláudio, 1998: 78). O próprio nos confessa que “*decorreu um par de anos, e havia sido eu cabouqueiro e moço de taberna, pedinte e ajudante de calafate, criado de um boticário e surrador, coveiro dos mortinhos da Misericórdia, e por cinco vezes penara numa enxovia*” (idem, ibidem: 76). Esta última passagem faz-nos, sem margem para dúvidas, lembrar Fernão Mendes Pinto, designadamente no âmbito do contexto que de seguida apresentamos:

“*Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte do tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me a maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome, e de grande glória: porque vejo que não contente de me pôr na minha pátria, logo no começo de minha mocidade, em tal estado, que nela vivi*”

<sup>33</sup> Assim, nos discursos em primeira pessoa, quando Barnabé ergue a sua voz, a linguagem é popular, mais próxima de *Peregrinação*, ao passo que, quando temos um discurso em terceira pessoa, é evidente a elevação do estilo que se aproxima mais do tom grandiloquo d’ *Os Lusíadas*.

*sempre em misérias e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da Índia, onde em lugar do remédio que eu ia buscar a elas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos*” (Pinto, 1996: 179).

Enfim, também Barnabé explica o que passou em sua “mocidade neste reino até que me embarquei para a Índia” (Cláudio, 1996: 13). Como já foi dito, é graças à entrega total do nosso grumete às águas turbulentas que esta personagem dá um novo rumo à sua vida. Deste modo, desintoxicando-se paulatinamente das misérias e excessos do passado, inicia um processo de purificação: “*E atirava Barnabé o olhar para o Atlântico que à sua frente se estirava, e pressentia que só dele haveria de lhe resultar a purificação da carne conspurcada, e que no vento respirara a saúde, e que no horizonte se situara a redenção*” (idem, ibidem: 86). Por isso mesmo, anseia pela partida. Isto é, crente no poder curativo das ondas do mar, posto que a “*agitação das ondas que saram as chagas do espírito*” (idem, ibidem: 114), um “*incalável desejo de abalar apodera-se-lhe das vísceras*” (idem, ibidem: 86).

E, finalmente, parte. Maria Theresa Abelha Alves explica que “*a população que se junta em Belém à partida das três naus reproduz a cena do Restelo, quando o épico soube tão bem dar a dimensão da dramática dualidade que ainda dilacera a nação portuguesa entre o fascínio perene pelas Índias e a sua perene execração*” (2000: 413). De facto, em *Peregrinação de Barnabé das Índias* podemos, entre outros momentos, achar o seguinte trecho que nos dá efetivamente conta da agitação produzida em torno da partida dos marinheiros: “*Encontrava-se a bordo a inteira tripulação quando do lado do cais se espalhou grandíssimo arruído de chamarelas e de cornetas, e perceberam que chegava el-rei Dom Manuel com a sua comitiva, e que não restara quem dignamente o acolhesse [...]. Ia abrindo alas o povo, a fim de que progredisse o séquito real*” (Cláudio, 1998: 115). Entre outras afinidades com *Os Lusíadas*, por assim dizer, a anti-epopeia claudiana explora igualmente aspetos como o escorbuto, a tempestade, o adamastor, a traição do falso piloto, as figuras do Samorim e do Catual, sem esquecermos o episódio em que são mencionadas as ninfas desnudas que às águas nascentes se vão banhar (cf. Kalewska, 2000: 382) e ainda o encontro amoroso com uma nativa que em ambos os casos acontece numa Ilha, “*configurando-se espaço de libertação e vigência da paixão*” (Perim, 2013: 21). Vejamos, em seguida, algumas passagens que sustentam estas afirmações. No que diz respeito ao escorbuto, temos nota do estado deplorável que desgastava os marinheiros, provocando ou o padecimento ou um atroz sofrimento, prolongado e agonizante. Por via de uma linguagem sinestésica, que junta visão, tato, olfato e audição, neste último caso, através da aliteração dos sons [j], [R] e [p], concretamente na segunda frase, somos colocados ante um

cenário, diríamos mesmo, algo moribundo. Tais marcas são visíveis na passagem que se segue:

*“Um a um iam-se-lhe os dentes desprendendo das gengivas, e uma áspera supuração invadia-lhe os alvéolos de que a inteira dentadura se lhe destacara. Cuspia a mistela arranhante da garganta, e cobria-se-lhe o peito de pústulas que até aos ossos lhe esburacavam a lassidão das carnes. E uma disseminada podridão cobria-lhe os membros emagrecidos, e ofegava sem descanso, e não encontrava local onde repousasse a cabeça”* (Cláudio, 1998: 169).

Além desta descrição altamente realista, onde impera a cultura do detalhe que desemboca num visualismo arrepiante, damos igualmente conta de uma outra passagem, desta feita referente à tempestade que se abateu sobre os nautas lusos, também ela sensorialmente bem estimulante, senão vejamos:

*“Ergueu-se o mar de repente como que puxando por força sobrenatural, unindo-se ao céu pejado de negrume. E a toda a volta da gigantesca coluna estrugiam as águas em torvelinhos que para trás e para a frente giravam, e que pela haste descomunal iam sendo absorvidos. Tomaram-se os homens de extraordinário susto, suspeitosos de que significasse aquela alteração da comum engrenagem dos elementos, surgida do que se lhes afigurava o breu das regiões infernais, artimanha dos demónios, determinados a impedir-lhes a difusão do evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”* (Cláudio, 1998: 170).

Atentemos em mais alguns contextos que representam momentos difíceis, decorrentes das tempestades enfrentadas pelos mareantes: “[...] *de supetão se soltou uma doida ventania, encapelaram-se as águas, e tombou a noite em plena tarde, tragando os homens e seus artefactos num turbilhão que se ia enrolando e desenrolando*” (Cláudio, 1998: 198); “*E um poderosíssimo raio deflagrou, a meio escachado a mezena, e eis que se abateu sobre o de Ucanha o pau com as velas rasgadas e as cordas num sarilho, e se quedou o moço como que despido da existência, e de frente empapada em salsugem e sangue*” (idem, ibidem: 198).

E à medida que avançavam no tempo, tudo se tornava mais difícil, “já que inúmeros tinham partido, levados por naufrágios e pestilências, maior esforço se exigia dos sobreviventes, unindo as parcas energias face ao inimigo comum” (Cláudio, 1998: 198). Com efeito, em várias passagens desta anti-epopeia claudiana fica visível o “*quão custosa era a vida da maraço*” (idem, ibidem: 126), narrando-se, por diversas vezes, não a “*valia e a velocidade do acontecido, mas bem ao contrário, a lentidão dos ritmos vividos, a dificuldade das adaptações à grande aventura que foi aquela*” (Teixeira, 1998: 8).

Damos conta de um trecho que marca o terror exercido pelo monstro marinho de “*muitas cabeçorras*”, a fazer lembrar o sobejamente conhecido “*adamastor*” d’ *Os Lusíadas* (“*mostrengo*” em a *Mensagem* de Fernando Pessoa), que, como não podia deixar de ser, atormenta Barnabé e seus companheiros, sendo

inclusive o seu nome, à cautela, pouco verbalizado para não acicatar os seus maus instintos: “*Mas de um especial segredo se murmurava com cautela permanente, e atreviam-se poucos a proferir o nome que a todos aterrorizava, e apenas nos referíamos às «muitas cabeçorras», e com pânico de que nos ouvisse quem não pretendíamos*” (idem, ibidem: 135). O medo deste monstro marinho é de tal ordem marcante que “*nem as neves que persistem em fustigar o Alentejo bastam a reprimir o grito que se expande na alma do que se encolhe de frio, e pela translucidez de uma alforreca perdida é que observa o mostrengo ali figurado, a mais profusa das hidras das sete cabeçorras do medo*” (idem, ibidem: 22).

E damos continuidade ao presente labor académico explorando, desta feita, o paralelismo evidente entre o falso guia de *Peregrinação de Barnabé das Índias*, que afastou os nautas lusos da rota que haviam projetado, e o falso piloto d’ *Os Lusíadas*. Recapitulamos a célebre passagem desta magnânima obra:

“*E sendo a ela [Mombaça] o Capitão chegado, / Estranhamente ledado, porque espera / De poder ver o povo batizado, / Como o falso piloto lhe dissera, / Eis vêm batéis da terra, com recado / Do Rei, que já sabia a Gente que era; / Que Baco muito de antes o avisara, / Na forma doutro Mouro, que tomara. / O recado que trazem é de amigos, / Mas debaixo o veneno vem coberto, / Que os pensamentos eram de inimigos, / Segundo foi o engano descoberto [...]*” (Camões, 2002: 51).

Com efeito, tal como acontece nesta última, também em *Peregrinação de Barnabé das Índias* os portugueses esperavam passar por terras cristãs, mas foram, ao engano, desviados do trajeto que tinham em mente. Eis o contexto que espelha essa mesma realidade:

“*Mas para os recifes os ia empurrando o malvado, no intuito de que sem remédio naufragassem, concluindo por tecer meios de os arredar de Quíloa, facto de que se aperceberam os burlados, três léguas vencidas para além da Cidade. Impossibilitando-se-lhes o retrocesso, por soprarem muito fortes os ventos a isso adversos, e por no mesmo sentido investirem as correntes, viu-se o capitão-mor na necessidade de desistir da visita ao porto onde lhe asseveravam morar alguns cristãos, e de prosseguir, consoante se adivinaria pretenderem os Céus e os elementos, rumo à ilha de Moçambique*” (Cláudio, 1998: 192).

As referências a Samorim e Catual, que surgem interligadas, e de entre as quais retiramos apenas um breve, mas sugestivo exemplo, grassam no capítulo oito intitulado “As Cidades”. Após a chegada a Calecute, “*e tendo estacionado nós defronte da Calecute no memorável domingo, vinte de maio de mil quatrocentos e noventa e oito*” (idem, ibidem: 2007), os nautas lusos foram, a dada altura, tratados como prisioneiros, a fazer lembrar as artimanhas do Catual d’ *Os Lusíadas* que, ao proibir o comércio com os feitores das naus, tenta demorar os portugueses com a intenção de permitir a chegada das armadas

muçulmanas. Vejamos o contexto de *Peregrinação de Barnabé das Índias* que nos dá precisamente conta dessas incompatibilidades: “*E despedidos nós do Samorim, cuidou de manobrar por tal forma o Catual que nos retinha com mentiras inúmeras de regressemos às naus, e de facto nos conservava debaixo do seu arbítrio como se prisioneiros fôssemos acirrado contra nós pelos árabes*” (idem, ibidem: 213).

Não poderíamos olvidar o episódio do envolvimento físico consentido entre Barnabé e uma nativa. “*E sucedeu que havendo desembarcado com grande parte do pessoal, lhe caiu o instinto nos artelhos de uma mulher que adiante lhe seguia, e neles chocalhavam, e bem assim nos pulsos da que por feitiço o encantara, argolas e argolas e argolas de marfim*” (Cláudio, 1998: 179). Damos, por conseguinte, conta da tal perseguição consentida exposta no capítulo intitulado “Os Anjos” e que culmina com o envolvimento físico de Barnabé com uma nativa, descrito de uma forma altamente sensual (cf. Luís, 2012: 45-47).

“*E habituando-se-lhe o olhar ao peso da escuridão, detetou o volume de um almude de barro e o lampejo de uma bacia de metal, e deu com uma certa forma onde as pupilas brilhavam. E estendeu a mão direita, e outra mão lha tomou, e rufaram os braceletes, e de inquietude maior se lhe aceleraram as batidas do coração, e quase chorava de desejo, ou de ternura, ou dessa tristeza que assalta os que das distâncias aportam [...]* e de uma mancha de cinza renascem, e entre as pernas se lhes ergue um animal de serventia. Desceu sobre a fêmea, e despiu-se das bragas que eram as suas melhores, e alteara, ela já os panejamentos em que se enrolava, e no aperto das coxas o hospedou sem que consentisse que lhe desvendasse ele a face, e através da alvura do tecido o ia beijando. E galopava Barnabé devagarinho, e sob si era a respiração do mar que reencontrava, acalmado das tormentas que por léguas e léguas viajam, habitado pela floresta das algas e dos limos [...]. E antes que chegasse a frota ao termo da travessia, arfando nas ondas que constituem sobressalto e descanso, afogamento e batismo, sepulcro e ressurreição, na largueza do oceano se expandia a luminescência da ilha, e no centro dela um ventre baixava e se soerguia” (Cláudio, 1998: 181-182).

Além deste episódio, como já se disse, sensorial e sensual, somos transportados para o universo das “ninfas nuas, nas nascentes se balhando” por intermédio de uma conversa levada a cabo entre Barnabé, que reconhece o espetro do seu dileto amigo Leonardo, e uma segunda pomba. Vejamos, pois, o contexto a isso atinente: “*e neste corpo palpitante, Leonardo te reconheço, que tão achegado vivias à fantasia dos sentidos, inventando mulheres de formosura que à noite, e pelo escuro, avançavam a entreter-te, e há dias deste tu de amalucar, com uma ilha empreendendo que ninguém distingua, e juravas que*

*nela se andavam divertindo magotes de ninfas nuas, nas nascentes se banhando*” (idem, ibidem: 253).

Paralelamente a tudo quanto foi dito acerca do percurso rubricado por Barnabé, devemos igualmente frisar uma outra valência desta personagem, na medida em que pode ser perspectivada como uma figura do Antigo Testamento, designadamente quando, já envelhecida, visita Vasco da Gama em sua casa e lhe recorda a viagem que ambos empreenderam (cf. Machado, 1998). Aliás, os motivos religiosos e as intertextualidades com textos sagrados longe de uma novidade, são uma constante quer em *Peregrinação de Barnabé das Índias* quer em muitas outras obras de Mário Cláudio, como é o caso de *A Fuga para o Egito*. Aliás, uma das bandeiras da caravela das descobertas era exatamente a cristianização dos povos. Mas vejamos, em seguida, um episódio revelador quer do bom acolhimento dos nativos no seu templo de devoção, da tolerância religiosa, quer da curiosidade de alguns marinheiros e da tacanhez de outros em torno da exploração destes locais sagrados:

*“Curioso de esmiuçar como se organizavam por dentro os sítios de devoção da que se lhe entregara, e cuja lembrança nos escaninhos da alma entesourara, afoitou-se o moço a ingressar com uns quantos companheiros numa das casas de oração. E não os escorraçando os fiéis, mas de bom-grado os acolhendo, tão-só lhes impuseram que se descalçassem, e que não conversassem de mais como constava que tinham por usança fazer nos seus templos os que professavam a divindade de Jesus Cristo, e até os próprios judeus. [...] Mas uns tantos houve que, aferrados a teorias de que não pretendiam despojar-se, recusaram a visita, protestando que não consistia aquilo em mais do que obra do Demónio, e que, se tinham navegado para quejandas latitudes, sofrendo os reveses com que os experimentara a Providência, seria para propagar a mensagem do Evangelho, e não para de semelhante jeito vergonhosamente a esquecer”* (Cláudio, 1998: 184-185).

De facto, a missão da propagação da fé católica é bem vincada em *Peregrinação de Barnabé das Índias*, a fazer lembrar também neste domínio quer *Peregrinação* quer *Os Lusíadas* que, em variados momentos, nos dá conta da luta contra os muçulmanos na difusão da fé cristã<sup>34</sup>. É também de registar que, do ponto de vista macroestrutural, fazendo lembrar os dez cantos d’ *Os Lusíadas*, a obra em estudo se encontra igualmente dividida em dez capítulos temáticos, todos eles bem sugestivos, envoltos numa carga simbólica fortíssima, a saber: “*As Neves*”, “*Os Demónios*”, “*As Chagas*”, “*Os Loucos*”, “*As Cordas*”, “*Os Peixes*”, “*Os Anjos*”, “*As Cidades*”, “*As Pombas*”, “*As Luzes*”. Note-se que este é o número do “*sentido de totalidade, de conclusão, de regresso à unidade*”

(Chevalier e Gheerbrant, d.l. 94: 261), sendo inclusivamente para os Pitagóricos “o mais sagrado dos números, o símbolo da criação universal” (idem, ibidem: 262). De resto, o fascínio pela simbologia dos números, especialmente dos três (cf. Luís, 2011: 331), acolhe na obra claudiana um papel de extrema importância. Enfim, não há dúvida de que a propensão dos portugueses para o estatuto de viajantes, de emigrantes, de aventureiros, exilados, uns em busca de riqueza, de fama e de glória, outros em fuga a perseguições políticas ou religiosas, constitui uma temática recorrente em vários textos. No que concerne ao conjunto de escritos de viagens debuxados por autores lusos nos séculos XVI e XVII, urge necessariamente destacar *Os Lusíadas*, datado de 1572, da autoria de Luís de Camões, que surge com o desejo de reabilitar o género épico e a necessidade de se dar a conhecer os feitos heroicos dos Portugueses, que seriam capazes de suplantar a eterna fama dos Gregos e dos Romanos, e a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, publicada pela primeira vez em Lisboa, em 1614, 31 anos após a morte do seu redator, que nos dá conta das andanças do seu autor por terras do Oriente, território, por aquela altura, ainda muito desconhecido. Em suma, como se sabe, *Os Lusíadas* constituem o poema épico nacional por excelência. Se é verdade que a imortalidade dos famosos que, por via da obra legada, “*se vão da lei da morte libertando*” encontra forte expressividade, não é menos certo que o efusivo apanágio aos feitos gloriosos da personagem coletiva que empresta o nome a esta obra, constitui uma perene realidade, tão entusiasticamente cantada. De *Peregrinação* destacamos a relevância da filosofia moral e religiosa nela contida, constituindo uma obra que contempla um encontro de culturas diversificadas, requisito fundamental no âmbito da dinâmica de aproximação da Humanidade. No caso de *Peregrinação de Barnabé das Índias*, é feita uma nova descoberta não por Vasco da Gama, mas por Barnabé, não comercial, material, mas espiritual, existencial. Como sabiamente Maria Theresa Abelha Alves explica:

*Aos “que se vão da morte libertando” é negada a imortalidade que Camões lhes concedera, o Gama, quanto a isso, é figura exemplar, pois é apresentado na decrepitude da velhice. Aos “barões assinalados” é negada a glória das descobertas, em contrapartida, aos judeus, não assinalados, é devolvida a glória que a intolerância religiosa lhes negara, pois eles foram os financistas das descobertas, os sábios que fizeram avançar os conhecimentos náuticos que as tornaram possíveis, os que tripularam as caravelas* (Alves, 2015: 188). Contrariando a tirania dos factos históricos que nas crónicas reservam lugar cativo aos nobres como os heróis de tamanha gesta, Mário Cláudio reescreve a descoberta da Índia invertendo as peças do tabuleiro. Somos efetivamente da opinião de que o nosso anti-herói Barnabé, judeu, oriundo de Ucanha, representa a larga fatia do grémio português, dos milhares de bravos marinheiros sem berço, desconhecidos, portanto, que heroicamente contribuíram para o sucesso

<sup>34</sup> Veja-se, por exemplo, entre outros casos, logo o início do capítulo VII d’ *Os Lusíadas*.



das expedições, muitos deles com prejuízo da sua própria vida. A relevância e o reconhecimento imprimidos, em jeito metaficcional, a esta figura constituem uma espécie de homenagem a todos aqueles que, independentemente da origem, credo religioso, modo de vida, e apesar de não terem voz, nem eco na História, contribuíram para levar as caravelas da descoberta a bom porto.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, Maria Theresa Abelha (2000), “A Peregrinação iniciática de Barnabé das Índias”, *Veredas* 3-II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 411-418.

Alves, Maria Theresa Abelha (2015), “Textos Sob Textos: Efigie e Murmúrios de Camões em Mário Cláudio” in Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Alexandre António da Costa Luís e Miguel Real (org.), *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT, 177- 192. Arnaut, Ana Paula (2002), *Pós-Modernismo no Romance Português Contemporâneo. Fios de Ariadne. Máscaras de Proteu*. Coimbra: Almedina.

Cal, Ernesto Guerra da (1981), *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, 4.ª ed. Coimbra: Livraria Almedina.

Camões, Luís Vaz de (2002), *Os Lusíadas*, edição comentada e anotada por Henriques Barrilouro Rwas. Lisboa: Editora Rei dos Livros.

Castro, Laura (coordenação e recolha de textos) (1999), *Mário Cláudio – 30 anos de trabalho literário (1969-1999)*, Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto: Livraria Modo de Ler.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, (d.l. 94), “Água”, “Dez” in *Dicionário dos Símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*. Lisboa: Teorema, 41-46 e 261-262, respetivamente.

Cláudio, Mário (1999), in Castro, Laura (coordenação e recolha de textos) (1999), *Mário Cláudio – 30 anos de trabalho literário (1969-1999)*, Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, Fundação Engenheiro António de Almeida. Porto: Livraria Modo de Ler, 19.

Cláudio, Mário (2015), *Astronomia*. Lisboa: Dom Quixote.

Cláudio, Mário (2008), *Boa Noite, Senhor Soares*. Lisboa: Dom Quixote.

Cláudio, Mário (2016), *Dezassete Sonetos de Tiago Veiga*. Lisboa: Dom Quixote. Cláudio, Mário (2015), *O Fotógrafo e a Rapariga*. Lisboa: Dom Quixote. Cláudio, Mário (1987), *A Fuga para O Egito*. Lisboa, Quetzal Editores.

Cláudio, Mário (1969), *Ciclo de Cypris*. Porto: Edição do Autor.

Cláudio, Mário (1998), *Peregrinação de Barnabé das Índias*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Cláudio, Mário (2014), *Retrato de Rapaz*. Lisboa: Dom Quixote. Cláudio, Mário (1974), *Um Verão Assim*. Lisboa: Quetzal. Coelho, Eduardo Prado (1984), “Pós-

Moderno, o Que É?”, in *A Mecânica dos Fluidos. Literatura, Cinema, Teoria*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 295-305.

Coelho, António Borges (2001), *Política, Dinheiro e Fé – Questionar a História* – V. Lisboa: Caminho.

Kalewska, Anna (2000), “As modalizações antiépicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio”, *Veredas* 3-II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 371-387.

Lopes, Marília dos Santos (2015), *Identidade em Viagem. Para uma História da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Universidade católica editora. Luís, Carla Sofia Gomes Xavier (2012), “Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*”, Cristina Vieira, Alexandre António da Costa Luís, Domingos Nzau, Henrique Manso e Carla Sofia Gomes Xavier Luís (coord.), *Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 27-51.

Luís, Carla Sofia Gomes Xavier (2011), *Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio* (prefácio de João Malaca Casteleiro e de Gabriel Magalhães), Coleção Linguística 7. Vila Real: Centro de Estudos em Letras e Departamento de Letras, Departamento de Artes e Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com o apoio da FCT, 445 páginas. Luís, Carla Sofia Gomes Xavier (12 e 13 novº 2015), “Mário Cláudio: a vida, a obra e o estilo biográfico”, proferida numa grande homenagem feita na Universidade da Beira Interior a Mário Cláudio, *Colóquio Internacional Vida e Obra de Mário Cláudio*, Anfiteatro da Parada da Universidade da Beira Interior.

Luís, Carla Sofia Gomes Xavier, Luís, Alexandre António da Costa e Real, Miguel (org.) (2015), *Mário Cláudio e a Portugalidade*. Setúbal: Edições Fénix, Universidade da Beira Interior, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Universidade Federal Fluminense e Università degli Studi di Perugia, com o apoio da FCT. Machado, Jorge Leon Machado (julho de 1998), *Jornal de Letras e Letras*.

Magalhães, Gabriel (inédito), “O Romance como Utopia. Notas de um Percorso Claudiano” (bibliografia facultada pelo próprio autor, encontrando-se esta em vias de publicação), 1-10.

Perim, Regina Silva Michelli (2013), “Demanda e Peregrinação: buscas e (des)encontros, viagens e travessias na configuração de ser”, *Letras em Revista*. Teresina, V. 04, n.º 2 jan./jun.

Pinto, Fernão Mendes (1996), *Peregrinação I*. Lisboa: R.B.A. Editores, S.A.

Real, Miguel (2012), *O Romance Português Contemporâneo – 1950-2010*, 2.ª ed. Alfragide: Editorial Caminho.

Reis, Carlos (22 de dezembro a 4 de janeiro, 2005), “Páginas Goyescas”, *Jornal de Letras*, 24.

Seixo, Maria Alzira (1999), in *Mário Cláudio. 30 Anos de Trabalho Literário (1969-1999)*, coordenação e recolha de textos de Laura Castro. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, Livraria Modo de Ler, 24.

Teixeira, Ramiro (2 de agosto de 1998), "A 'Outra' Viagem à Índia...", *SETE, Letras*.

**É SÓCIO DA AICL**

**JÁ TOMOU PARTE NO 18º COLÓQUIO (GALIZA 2012), 20º E 22º SEIA 2013, E 2014, 23º FUNDÃO 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016**

**8. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO CONVIDADA**



**ANA CAROLINA CONSTÂNCIA** – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993. Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna. No curso básico de violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Atualmente completou a

licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, continuando a manter uma prática regular do violino.

**TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA TENDO SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO E GRACIOSA 2015. MONTALEGRE 2016**



FUNDÃO 2015

GRACIOSA 2015



MONTALEGRE 2015

**ATUARÁ COM ANA PAULA ANDRADE EM DOIS RECITAIS E COM RAFAEL CARVALHO SA SESSÃO DA VIOLA DA TERRA**

8. CAROLINA CORDEIRO, ESCRITORA, UNIV DOS AÇORES E AICL



Montalegre 2016



**Carolina Cordeiro** é licenciada em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade dos Açores. Desde 2005 que tem vindo a aproximar a sua profissão de professora e formadora à escrita criativa. Leciona e dilucida as mais diversas dúvidas nas áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Literatura Portuguesa, Literatura Inglesa e Linguagem e Comunicação. Publicou os seus primeiros poemas na Coletânea *The International Who's Who in Poetry* (International Library of Poetry, 2004). Mais tarde, em 2012, publicou o seu primeiro livro de poesia *Invictas Brotassem*, sob o pseudónimo Clarice Nunes-Dorval, com a chancela da Chiado Editora.



Seia 2014



Seia 2014

Em 2013, participou na *Antologia de Poesia Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho"*, Vol IV (Chiado Editora) bem como na *Antologia Nós Poetas Editamos -*

*PARTE V* (2014). Em dezembro de 2013, editou o primeiro volume da trilogia Tempo, com o seu romance histórico *No Meu Tempo* (Pastelaria Estudios).

Em junho de 2015, apresentou segundo volume, o romance *Naquele Tempo* (Letras Lavadas). Tem participado, regularmente, em diversas revistas e jornais literários bem como ministrado vários *Workshops* de escrita criativa, a públicos de diversas idades. Entre 2013 e 2015, representou e colaborou com o programa EscreViver (n)os Açores; foi vencedora do concurso de poemas *Calendário Artelogy 2014*.

Tem participado e dinamizado vários eventos, em diversas escolas, com pequenos contos infantis e projeção da leitura como "bem essencial à vida".

Participa ativamente no *Azores Fringe Festival*. Presentemente é responsável pela área cultural da Casa do Povo de S. Vicente Ferreira.

Encontra-se a finalizar o Mestrado em Língua Portuguesa - Investigação e Ensino (Universidade Aberta), com intenção de interligar a escrita de Daniel de Sá à componente multicultural da escrita açoreana.

TEMA A INDELÉVEL PRESENÇA DO MUNDO NOS ESCRITOS DE DANIEL DE SÁ, CAROLINA CORDEIRO

*"As palavras não têm assim um valor próprio: certas palavras não levam imediatamente a certas sensações. Há, portanto, uma mistura entre Situação e Palavras dessa mistura resulta uma sensação."*

— Gonçalo M. Tavares

A literatura é mãe de inúmeras vivências e "é sempre uma resposta à arte e à vida." (Dores, 2016: 75)

Cada espaço está intimamente ligado à criação artístico-literária de cada autor/a às suas próprias experiências empíricas ou pseudoimaginárias. Nenhum(a) criador(a) literário(a) se desvia das suas vivências geográfica e histórica; nenhum(a) criador(a) literário(a) se esconde da sua infância, da sua juventude e das suas experiências adultas, mais ou menos felizes. Nenhum autor, nenhuma autora, se separa do seu para falar do todo, por muito que se mascare de outrem. O impulso artístico é a arte de transformar o "lugar comum" em espaços de intimidade, o tempo e o espaço, entre as palavras do quotidiano autoral e o espaço empírico da interpretação, é a raiz pela qual uma obra nasce, vive e prevalece o passar dos tempos.

É assim que observamos a influência das obras de Daniel de Sá, nos leitores do nosso tempo, dado que "*Daniel de Sá é o homem de seu tempo, mas que tem a sua cultura ancorada solidamente na tradição humanística*" (Fagundes, 2016: 18)

Numa leitura abrangente pelas das obras de Sá, entre as que são mais conhecidas e as que são menos apreciadas, a nossa visão implica a argumentação de que, a partir da exígua morada da sua escrita, desde o seu espaço na Maia, há uma unicidade face ao tema (que perpassa todas as suas

obras) e, em simultâneo, há uma multiplicidade de lugares que lhe/nos são tão próximos e, concomitantemente, tão distantes. Há no escritor Daniel de Sá uma indelével presença do mundo.

Mónica Serpa Cabral afirma que

*“[c]onhecer Daniel de Sá e a sua escrita é viajar no tempo, mergulhar no imaginário, conhecer o processo histórico açoriano, marcado sobretudo pelo fenómeno da emigração, mas não só, pois Daniel de Sá e, igualmente, um escritor além-fronteiras. De facto, a sua obra revela um olhar que não se circunscreve ao espaço geográfico açoriano, percorrendo outros lugares, outros tempos e outras culturas. Com um estilo incomparável, linguagem contida e simples, ironia subtil, é, sem dúvida, um escritor sem limites, interessado essencialmente na reflexão sobre a condição humana, tendo-se inspirado na História, na psicologia das emoções, no tempo, no espaço geográfico e social para contar histórias de forma criativa e autêntica Assim, a sua escrita tem como pano de fundo realidades tão distintas como Espanha, Portugal continental, Açores, Estado Unido, Brasil, Polónia, cobrindo assuntos tão variados como a expansão ultramarina, a Inquisição, o Holocausto, a guerra civil espanhola, a ameaça nuclear, os dilemas existencialistas do homem moderno, entre outros. Parece evidente a tendência do escritor para transportar para a ficção elementos do real, construindo narrativas a partir de factos históricos e, por vezes, tornando difusas as fronteiras entre géneros.”* (Cabral. 2016: 230-231)

Com estas palavras de Cabral é-nos fácil embarcar nas obras de Daniel de Sá, pois corrobora a nossa opinião sobre este nosso escritor da Maia. Ou seja, os símbolos paternos e maternos das ilhas da sua existência, a voz criadora de Daniel de Sá não se cinge às suas viagens (poucas quando em comparação com outros autores considerados mais conhecedores do mundo), mas dá-nos razão no mote a que nos propomos exemplificar, nomeadamente a referência de que, nas obras de Daniel de Sá, há uma forte marca do mundo e que nas suas margens literárias, geográficas e históricas, há na escrita nascida a partir da freguesia da Maia, elementos que as tornam universais.

Durante largos anos, a escrita vinda dos Açores era marcada pela crença em algo superior, divindade ou não. Era ponto assente na vivência das gentes das ilhas que, estas mesmas ilhas eram marcadas pelo contínuo chamamento das forças ditas celestiais. Mas, também é inegável a presença da crença, muitas vezes credices, em algo que suportaria o queixume do que haveria de vir numa manhã, tarde ou noite de nevoeiro. Crescemos pensando que somos ilhéus propensos a dores, a queixumes e a suicídios, face à vivência num isolamento brumoso. Eis que, por isso ou não só por isso, nos aparecem à mão uma

panóplia de escritores, nascidos e criados por uma geografia que condicionou e, de certa forma, ainda condiciona, o nascer de uma palavra num papel.

Em Daniel de Sá não precisamos recuar muito tempo para discernir a força que uma palavra pode ter, numa determinada leitura. Esse recuo, infelizmente, não poderá ser feito empiricamente, mas podemos-nos apegar às suas palavras e fazer delas jus à condição de se ser ilhéu num mundo totalmente globalizante e englobador. Não é contrassenso. É um facto. Podemos ser, e muitos de nós o somos, filhos destas pedras que nos marcam para todo o sempre, quer cá nasçamos ou não. Daí que ser ilhéu é apenas um elemento de uma produção artística, seja ela a que nível for. E, não é condição castradora! De todo! Acreditamos, até, que nos adiciona mundos e que nos faz caminhantes para fora dos seus tradicionais eixos. O nascer-se ilhéu é um extra na experiência de vida. Poderia ser egoísta da nossa parte tal asserção por não termos nascido noutros belos locais deste mundo, mas é nosso entender que só podemos falar do que sabemos. E sabemos que, destas ilhas, muito talento nasceu e estamos aqui, novamente, para vos falar de um que nos apraz, particularmente e que muito cedo nos deixou: Daniel de Sá.

Conhecemos o Daniel de Sá dos livros que deixou. Não entraremos em comparação com a possível interpretação da sintaxe e da semântica das suas frases, mas sim, concentrar-nos-emos no fator da sua criação, abraçando-a como ponto de partida, numa terra abençoada e, *ad aeternum, abensenhada*, como nos ensinou Mia Couto. As palavras de Sá recorrem ao que caracterizamos como o mundo adentro da ilha descrita. Ele cria mundos (como é apanágio da literatura) para fora de si enquanto escritor, para o interior do leitor fazendo com que este sinta, mesmo no espaço mais recôndito do país, mesmo no tempo mais recuado da sua vontade, a presença da palavra que se transforma em terra, em mar, em casa, em amor, em conflito e em tantas mais palavras e emoções comuns a todos nós que vivemos a vida. Sá desdobra a palavra e marca-a não só com laivos de insularidade açoriana que, olhando mais profundamente conseguimos quase que absorver os sentidos da vida dentro de cada ilha, mesmo que distintas, mas não deixa que essa mesma palavra faça do seu texto um texto unicamente insular açoriano. Pelo contrário: a sua palavra marca uma vivência tão insular como universal e foge da cedência aos lugares-comuns. Nas palavras de Luiz António de Assis Brasil e Gabriela Silva, *“Daniel de Sá cria um universo que existe: os Açores, ou mesmo Portugal continental, mas se trata de um microuniverso de relações que tem as ilhas como ponto de visada.”* (Fagundes. 2016: 20) até porque, e segundo o próprio Sá *“o mundo inteiro vem ter cá com a gente.”*

O escritor João de Melo refere que *“nenhuma cultura tem apenas um molde pois é na sua substância que ela existe”* (Almeida. 1983: 167). Por muito que a

literatura açoriana tenha sido marcada pelos registos de “ilha”, “pedras negras”, “mar”, “regresso” entre tantas e tantas mais, não há um medidor, um molde por onde nós possamos enquadrar e moldar uma literatura já que esta é tão diversa quanto a diversidade do ser humano. É por isso que não há regras, mas sim substância.

Muitos são, e incluímo-nos nesse grupo, que acreditam que desde Nemésio “o regional universalizou-se (Almeida. 1983: 47). Quer-se dizer, nas palavras de Eduíno Borges Garcia, que

“(…) o escritor fale de um homem particular, vivendo em determinadas circunstâncias, mas que o faça de modo a que a sua criação artística fale por si própria. O conto, a novela, o romance, a peça de teatro quer se passem nos Arrifes ou na Ribeira Quente, se realmente valerem, tantos serão compreendidos e sentidos por qualquer San-Miguelense como por qualquer japonês ou italianos.” (Almeida. 1983: 52)

José Martins Garcia, em 1987, afirmou que “Julgar-se que a literatura açoriana se resume num espaço geográfico seria condená-la a fronteiras que ela jamais reconheceu.” (Garcia. 1987: 113). Ainda segundo Garcia, note-se que

“[t]orna-se hoje visível que a literatura açoriana deixou de acatar as normas da estreiteza regionaliza para abordar os mais variados problemas da condição humana. Não é uma literatura caracterizada por uma temática porque, muito simplesmente, nenhuma literatura o é. Pode caracterizar-se, isso sim, pelo modo como os escritores açorianos (dentro ou fora dos Açores; nascidos nos Açores ou algures) tratam o material que esteia as suas obras. Determinar-se esse modo, essa forma específica de elaboração de tais obras, constitui provavelmente o único método suscetível de fornecer uma base à conceção duma literatura açoriana.” (Garcia. 1987: 114)

É neste mote que nos baseamos.

Na obra de Daniel de Sá, “que são de todos os tempos e lugares” (Dores. 2016: 69), nos contos (*Sobre a Verdade das Coisas* (1985), *A Longa Espera* (1987), *O Deus dos Últimos* (2011)), na crónica (*Crónica do Despovoamento das Ilhas* (1995)), no ensaio (*A Criação do Tempo, do Bem e do Mal* (1993)), na novela (*Génese* (1982), *O Espólio* (1987), *Um Deus à Beira da Loucura* (1990), *E Deus Teve Medo de Ser Homem* (1997), *O Pastor das Casas Mortas* (2007)), na poesia (*As Rosas de Granada* (2011)), no romance (*Ilha Grande Fechada* (1992), *As Duas Cruzes do Império - Memórias da Inquisição* (1999), *A Terra Permitida* (2003)), no teatro (*Bartolomeu* (1988)) ou noutros escritos (*Açores-Colecção Monumental e Turística* (2003), *Santa Maria-A Ilha-Mãe* (2007), *São Miguel* (2009), *Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres* (2009), *Terceira-Terra de Bravos* (2009) e *Velhas Energias para um Mundo Novo* (2010)) denota-se uma “mentalidade açoriana afinada ao diapasão universal” (Almeida. 1983:

57), uma literatura onde “[o] homem açoriano tem os seus direitos à cidadania do mundo. [ Tem o direito de] [f]azer literatura regional, mas uma literatura regional que se integre nas literaturas do mundo!” (Almeida. 1983: 54); onde o “homem, é açoriano (...), e pese embora a especificidade da sua insalubridade, acaba por revestir-se de universalidade.” (Costa. 2016: 44). Para Daniel de Sá, a sua ilha era aberta. Disse ele, algures numa entrevista, que “[q]uando combato a ilha fechada é precisamente porque estou convencido que não estou fechado nela. O escritor normalmente vai contra aquelas coisas que ele usufrui, mas que os outros não usufruem.”

O nosso foco, nesta comunicação, é mostrar que em algumas obras de Sá há um conjunto de referências que tanto nos marcariam pela ilha como por qualquer outra parte do globo.

Começamos, brevemente, por uma sumarização breve de obras já referenciadas noutras comunicações. Fazemo-lo por entender que converge para a nossa visão de universalidade e multiculturalidade da escrita de Daniel de Sá. Assim sendo, falamos de *O Espólio* (1987) onde é sobremaneira marcante a presença de uma luta, de um derramar de vida, tão vívidos, que nos fez sentir que éramos

“[u]m oficial que transforma em números para a vitória os corpos que não se mexem, os cérebros que nada sentem. A conquista. De uma aldeia tão destruída que nem servirá para o refugio de feras. Punhos fechados. Contra uma cara que se vê pela primeira vez. Pés que machucam corpos. No seu primeiro encontro. O ar incendiado de cheiros, todos os cheiros da morte. O mato percorrido por fugas. Povoado de cadáveres. A fúria. O medo. A fúria sem razão. O medo com toda ela. Muitos sem amanhã. Sem um logo sequer. Tudo é agora. E o agora é tão breve que nem existe. É bom ser breve um tempo destes. Eternamente longo para quem segura as tripas com as mãos. Para quem tapa os olhos que já não tem. Para quem aperta uma ferida sem mãos para apertá-la. O silêncio. O banquete das hienas. Dos chacais. Dos abutres. O espetáculo dos músculos desfeitos que não doem. Dos ossos triturados que já não martirizam. Do sangue que nada se sabe. Sem gritos de dor. Sem protestos. O que sobrar do festim será podridão. Se se dar conta dos vermes. E o que foi feito festim se há de tornar excrementos. Excrementos do que foram corpos. Corpos que fugiram ao medo sem ter para onde fugir. Matéria bruta sem vida. Sem saber que viveu.” (Sá, 1987: 34)

Continua a impressionar-nos a forma poética com que o autor descreve a dor, o vagar do suspiro, a realidade de um confronto e de um ciclo de vida. As palavras de Sá inebriam-nos os sentidos e coloca-nos em qualquer parte do mundo, sem que tenhamos a necessidade de nos vermos ou de sermos seres de

um arquipélago, onde a ilha sempre foi (literariamente e empiricamente) condicionante da partida e da chegada; do querer e do perder. As palavras de Daniel de Sá expõem apenas a sua capacidade em se outrar numa voz tão nacional como internacional.

Outra obra a que referiremos sucintamente é a obra *O Espólio* (1987). Ao lê-la, consecutivamente se nos afigurava a voz que sobressai do papel toma vida de tal guisa que parece que as letras ganham perspectivas e formas, parecem marchar à nossa frente numa inconfundível parada onde o nosso saber treme e se confunde com a nossa inquieta insatisfação por nunca antes ter presenciado tamanha beleza. As palavras de Daniel de Sá têm o poder de nos colocar no nosso lugar e de nos vermos em todos os recantos do universo. É tão particular como é geral; é tão insular como é continental; é tão pequeno como é enorme. É o poder da boa Literatura.

Uma outra obra já anteriormente referenciada, se bem que superficialmente, é aquela que é uma das mais lidas obras de Sá: *O Pastor das Casas Mortas*. Neste romance, o autor mostra “os problemas fundamentais da condição humana e as linhas definidoras da escrita de Daniel de Sá: a vida, o amor, a morte, a reconciliação da vida e da morte através do amor.” (Dores. 2016: 80). Vemo-lo no contar da desertificação das casas de pedra, da aldeia remota onde a eletricidade custou a chegar; vemo-lo nas descrições da amada Maria da Graça e nos recatos exagerados de uma geração também ela marcada pela mão pesada e déspota da imposta autoridade, quer paternal quer política; vemo-la no desejo incansável da procura de algo melhor, para si e para a sua família; vemo-lo na perda da memória de um local, desertificando paulatinamente há medida que a idade de Manuel Cordovão avança; e, vemo-lo no ressoar de uma guerra (que poderia ser qualquer guerra já que todas crescem e disseminam-se da mesma forma, espalhando medo e insegurança):

*“Confinadas à serra, vivendo a solidão e isolamento de uma sociedade fechada sobre si mesma, a contas com inquietações sociais e políticas e angústias existenciais e metafísicas, as personagens estabelecem entre si relações de afetividade e solidariedade, de surpresa e contemplação e, em estado latente, há nelas um desejo de evasão, viagem, sonho e felicidade. Porque sabem que a infância lhes comandará a vida inteira. E depois vivem um tempo em que é de ignorância e intolerância, de penúria e penumbra. O quotidiano é penoso e banal.”* (Dores. 2016: 79)

As obras que, agora, nos debruçamos com um pouco mais de atenção são as obras *Um Deus à Beira da Loucura*, *E Deus teve medo de ser Homem*, *Ilha Grande Fechada* e, ainda, *Terra Permitida*.

Nas duas primeiras obras, as duas novelas, o escritor da Maia faz reviver a história do Holocausto, dando-nos a sentir uma realidade pela qual as ilhas

açorianas não vivenciaram, em primeira mão, mas que conhecem o desenrolar do real. As duas narrativas suscitam a visão crítica da vinda daquele salvador que, nesse contexto de conflito armado e nesse contexto de total desrespeito pelo outro e contexto extremo de desumanidade, regressou do seu etéreo lugar duvidando da sua própria criação e de lha ter concedido o benefício do livre arbítrio e, também, ao regressar, sentiu-se vítima da sua própria criação. É um mundo fora das ilhas que ensina ao mundo uma estória distinta. Nestas narrativas de Sá, tem-se a noção de que “[o] homem é coautor e, por isso, é, pelo menos, corresponsável por si mesmo, pelo mundo, e até pelo próprio Deus, pois Deus também evoluiu com o homem.” (Ferreira. 2016: 179). Nas palavras de José Francisco Costa,

*“O personagem, sem nome, ao mesmo tempo que conta a história do seu encontro, vai refletindo sobre as grandes questões que desde sempre têm afligido a humanidade, relatando o continuo questionar-se de Deus, agora seu companheiro, sobre o sofrimento e a maldade que grassam no mundo. Um Deus humanizado, que enlouquece perante o horrível espetáculo dos fornos crematórios, que chora e se interroga sobre como é possível que o homem tenha sido capaz de ter criado o seu próprio inferno. Um Deus que não entende a sua própria criatura. (...) Um homem que acredita profundamente num verdadeiro ressurgir do mundo através da esperança para sempre semeada na alma dos homens. A história termina com o regresso do companheiro de Aharon ao campo de concentração de onde tinha tentado fugir. Vai ser morto ao som de um “concerto” preparado pelo amigo violinista, que narra os unimos instante de vida do “Deus [que] teve medo de ser homem.”* (Costa. 2016: 39-41)

Por um lado, temos nestas duas novelas um afastamento das ilhas, onde nesse mesmo distanciamento, conseguimos discernir o sempre tom crítico, direto, lógico, por vezes quase seco e por vezes poético e quase sentimental por parte do seu autor. Por outro lado, temos a obra *Ilha Grande Fechada*, já tendo sido lida por muitos — quer do lado de cá, quer do lado de lá do oceano, a noção de clausura, quer pela própria vicissitude de ilha quer pela questão emocional do personagem principal.

*“Porque a Ilha nasceu de um bastardo amor, pois aqui não se fez Portugal para ser feito, mas para rir a rota que caravelas e naus iam cumprindo de porto em porto, onde houvesse água e pão, até à viagem completa, que só haveria de o ser para além de própria Índia.”* (Sá. 2010: 36)

Nesta última obra, podemos ver que, por muito que se retrate o romeiro, tipicamente micalense, há especificidades que tornam essa mesma obra numa obra que vai muito para além da ilha — vai até ao cerne do ser humano, não importando a sua origem. “No caso de *Daniel de Sá*, é verdade que o autor não

*nega os temas e a cor local. Não foge à vocação regionalista açoriana, mas fá-lo com o talento artístico e a sensibilidade humana de quem consegue problematizar os tipos humanos.”* (Amaral. 2016: 314).

E, por falar nisso, quem nunca iniciou uma viagem, real e/ou metafísica onde o objetivo último era estar em paz consigo próprio/a e conhecer-se a si mesmo/a, mais ou melhor do que antes? Poucos, estamos em crer. Mas temos de dar o seu a seu dono: esta obra de Daniel de Sá, mesmo que a sua ação se situe em S. Miguel; mesmo que a sua ação esteja subdividida em capítulos que possuem um título de uma obra de nove escritores açorianos (marca clara de intertextualidade, de géneros e de evocação à memória de um lugar); mesmo que fale das freguesias por onde estes romeiros caminham, por que não esta obra ser uma obra do mundo?

No nosso entender, por muito comum que seja, qualquer obra literária é concebida para alhear o leitor do real, para fazê-lo entrar no mundo criado pelas palavras expressas e, também, para que este se reconheça nessas mesmas palavras escritas, muito para além do significado básico de cada uma. Foi o alcançado por Daniel de Sá, nesta obra, já que **“Ilha Grande Fechada centra-se na história de João, um homem em peregrinação pela ilha de São Miguel, em cumprimento a uma promessa que fizera enquanto soldado da guerra colonial, em África: caso voltasse vivo à sua terra, cumpriria a penitência em agradecimento por sua salvação. A caminhada é realizada em vésperas da partida para o Canadá, destino de tantos açorianos. (...) Percorrer a ilha, sobretudo em tempo santo, (...) cumpre-se como uma forma de deslindamento do espaço original e, ao mesmo tempo, como a última oportunidade para a absorção da força da terra, antes da ida para o novo espaço, desconhecido e inexplorado. (...) Nele fundem-se a ilha, o homem e a escrita desse universo, possibilitando que se reconheça a fundação do espaço, a instituição do homem e a formação da prosápia literatura açoriana. (...) Os pensamentos que povoam sua cabeça, no último dia em que percorre a terra, são sintomáticos do seu conflito e da incapacidade que ele tem de vencer seu drama pessoal. A ilha, enfim, pesa e se a terra não dá mais nada, dá saudades, pensa ele, e mesmo a saída da ilha é entendida como a “pior maneira de ficar nela”. O drama de João, é, pois, o drama do homem moderno. (...) João poderá compreender que a sua casa (ou sua terra) é a língua que ele fala e a terra que ele habita; que deve haver, sim, um povo que diga paz ou casa quando diz ilha e que mesmo longe, em um lugar distante do mundo, a ilha está dentro dele mesmo.”** (Moreira. 2016: 84-102) Numa outra visão, desta feita de Carmen Ramos Villar, *“Ilha Grande Fechada* sai dos limites das ilhas, fornecendo uma contribuição valiosa de uma outra forma de ver o mundo, a história, e o passado colonial.” (Villar. 2016: 121). Ainda segundo Villar, *“Ilha Grande Fechada* contribui também para a renovação

de temas-chave na literatura açoriana mediante novos tratamentos de certas mestiças, tais como a atração e efeitos da emigração no ilhéu.” (Ibid.)

Nestas breves incursões na escrita de Daniel de Sá, podemos aferir que o autor enforma o seu conhecimento em prol da literatura já que *“[!]er para entender é, certamente, o desejo do autor, e a sua dedicatória ao leitor [A todos aqueles que queriam entender esta novela, ou simplesmente a leiam.] funciona como um apelo à tentativa de entendimento.”* (Ferreira. 2016: 164).

No prefácio a uma outra das suas obras marcantes, *A Terra Permitida*, Luiz António de Assis Brasil afirma:

*“Daniel de Sá é um dos escritores portugueses mais ativos, e sua perspectiva estática simboliza e significa o atual modo açoriano de enxergar o mundo: sem sair emocionalmente da terra, e profundamente ligado a ela, sabe-se integrante de uma realidade maior que, sendo portuguesa, é europeia e, por consequência, universal. Já começam a ficar distantes, na literatura praticada nos Açores, as representações meramente folclóricas e turísticas, que, por autocentradas, são limitastes e, em geral, realizadas com discutível arte.”* (Sá. 2003: 9). Blanca Martín-Calero Medrano reforça a ideia de que *“Daniel elege o espaço restrito e a casa grande da humanidade.”* (Medrano. 2016: 335). Na mesma senda, verificamos que Vamberto Freitas, acerca deste nosso autor, afirma: *“Daniel de Sá é talvez o mais isolado escritor açoriano e um dos mais abertos aos mundos que a ficção deste arquipélago historicamente contempla.”* (Freitas. 1998: 141). E, se mais afirmações necessitássemos para fortalecer a nossa teoria de que em Daniel de Sá encontramos o universo a partir da freguesia da Maia, poderíamos citar, novamente, Mónica Serpa Cabral:

*“Daniel de Sá diz muito em poucas palavras. Numa escrita escurrita e poupada, aborda importantes questões e problemas com que o espírito humano desde tempos imemoriais se debate, fruto de uma atitude de desassossego e de introspeção. Estamos, sem dúvida, perante um grande escritor, que, com o dom da palavra, abala a alma, instiga a mente e estremece os corações de todos quanto o leem.”* (Cabral. 2016: 247) e João de Melo confirma:

*“A vida e obra literária de Daniel de Sá convergiram entre si para a mesma idiosincrasia e para uma só unidade pessoal. Ambas derivaram de uma arte de viver e de criar que sempre pretendeu estar em sintonia com a essência dos seus valores éticos e sociais. Por isso mesmo, não faço grande distinção entre o homem criador de linguagem e o bom cidadão dos Açores e do mundo que nele reconhecemos e recordamos.”* (Melo. 2016: 484)

A propósito de um outro grande escritor açoriano, João de Melo, Vamberto Freitas afirma:

“É-se o maior escritor do mundo (...) quando se é reconhecido por quem lê como aquele que melhor escreve ou escreveu a história da criação, as paixões dos deuses e a memória pública e privada dos homens. (...) O mais fiável mecanismo dimensor da qualidade, na escrita de coração literal, é aquele que de num lugar e do todos os lugares, ou seja, a sua verdadeira ‘dimensão da universalidade’” (Freitas. 1998: 125).

e é neste exato ponto em que concluímos a nossa comunicação.

Daniel de Sá é tudo o que afirmamos acima, por nossa direta conceção ou por citação de outrem. Ele é uma personalidade que muito ainda há de dar que falar, não só acerca do seu desempenho como político que foi, mas principalmente, pela forma como soube transmitir a condição humana em diversos aspetos, em diferentes narrativas. Ainda não explanamos a poesia de Daniel de Sá por acreditarmos que esta merece um estudo muito mais direcionada à condição de poesia que achamos que o autor demonstra ter não apenas, obviamente, nos seus poemas, mas como também nas suas narrativas.

Nas obras mencionadas nesta comunicação, a nossa maior preocupação foi fazer passar a mensagem de que, quase em uníssono, Daniel de Sá é considerado, por muitos escritores, críticos, professores e não só, como um humanista. Enquanto homem, soube espelhar, indubitavelmente, a sua magistral faceta de criador de mundos fictícios, a partir da sua Maia. Foi neste pressuposto que encetamos o nosso estudo, apesar de saber que, por se tratar de literatura, poderá haver (e há, por certo!) diferentes interpretações àquelas que propusemos.

Munimo-nos de obras recentes sobre Daniel de Sá, pois está na moda lê-lo. Agradecendo o manancial de estudos acerca de Sá, não entramos por modas. Entramos por leituras que nos dão prazer e concomitantemente nos presenteariam com estórias, histórias e História do mundo que nos rodeia. Não pretendemos convencer ninguém de que ele é o melhor de todos entre os que da ilha brotaram. Ele é um grande que da ilha nasceu e a quem a ilha deve respeito por ele a ter retratado tão fielmente, mesmo quando não se referia diretamente ao pedaço de pedra rodeado de mar por todos os lados. Ele é um grande que da ilha nasceu e a quem os ilhéus deveriam conhecer, não só por ser seu conterrâneo, mas como alguém que viu para além do mar em frente, da ilha fechada ou das casas que vão morrendo.

Ser-se escritor é, antes de mais, conhecer-se a si mesmo e conhecer o que o rodeia. Conhecer não apenas o redor mais próximo, mas também o ser mais perto de si e o ser mais longínquo de si, também. Ser-se escritor é saber das suas raízes e delas construir caminhos até aos mais inimagináveis pontos do querer. Ser-se escritor é criar, a partir da palavra pensada, da palavra escrita e entregue aos demais, aquilo que sabemos e aquilo que queremos dizer e que, muitas vezes calamos; aquilo que queremos mudar e não nos alcança a

possibilidade. Ser-se escritor é ser-se um pedaço de si mesmo e muito do que o resto do mundo é. E isso aprendemos com as leituras que vamos fazendo de outros escritores. Isto alimentei com o grande escritor como é Daniel de Sá.

Esta comunicação, um pouco mais sentimental do devia, prende-se com o estudo, ainda preliminar da obra deste autor. Mas prende-se também em fazer mostrar que o mais ínfimo recanto do chão em que pisamos é digno de se aventurar e de ser (re)conhecido aqui e além-mar, sempre e quando nesse chão houver vontade.

#### BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Mónica Serpa. “Entre a dúvida e a fé: um olhar sobre *As Duas Cruzes de Império (Memórias da Inquisição)*, de Daniel de Sá”, Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 230 - 255.

COSTA, José Francisco. “O lugar de Deus no espaço do Homem”, in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 66 - 82

DORES, Vítor Rui. “Daniel de Sá ou o destino da vida humana”, in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 32 - 65

FAGUNDES, Francisco Cota. “Um olhar ético sobre a História: *As duas cruzes de Império (Memória da Inquisição)*, in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 189 - 229

FERREIRA, António Manuel. “O martírio de Deus: uma novela de Daniel de Sá”, in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 163 - 188

FREITAS, Vamberto. *Mar Cavado - Da literatura açoriana e de outras narrativas*. Lisboa: Edições Salamandra. Coleção Garajau nº 46. 1998. ISBN: 972-689-125-6.

GARCIA, Eduíno Borges. “Por uma autêntica literatura açoriana”, in Onésimo Teotónio Almeida. *A questão da literatura açoriana - recolha de intervenções e reavaliação*. Coleção Gaiivota 32. Angra do Heroísmo: Secretaria regional da educação e cultura. 1983, 43-67

GARCIA, José Martins. Para uma Literatura Açoriana. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1987. 113-114

MEDRANO, Blanca Martín-Calero. “Génese e *O Pastor das Casas Mortas*”, in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 337 - 347

MELO, João de. “Há ou não uma literatura açoriana?”, in Onésimo Teotónio Almeida *A questão da literatura açoriana - recolha de intervenções e reavaliação*.



Coleção Gaivota 32. Angra do Heroísmo: Secretaria regional da educação e cultura. 1983.. 162-172

\_\_\_\_\_. "Amigo do meu amigo Daniel de Sá", in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 484 - 488

SÁ, Daniel de. *A Terra Permitida*. Lisboa: Salamandra. Coleção Garajau. Prefácio Luís António de Assis Brasil. Abril 2003, 9. ISBN: 972.689-223-6.

SÁ, Daniel de. *O Espólio*. Ponta Delgada: Brumarte, C. R. L, 1987.\_\_\_\_\_. *Génese*. Angra do Heroísmo: 1982. União Gráfica Angrense.

\_\_\_\_\_. *O Pastor das Casas Mortas*. Ponta Delgada: VerAçor, Lda., 2007. ISBN 989-95141-8-8

\_\_\_\_\_. *Ilha Grande Fechada*. Ponta delgada: Ver Açor, 2010. ISBN 989-8123-20-6

TAVARES, Gonçalo M — *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Editorial Caminho, 2013. ISBN 9789722126564. 256-257

VÁRIOS. Portuguese Literary & Cultural Studies 11 - Vitorino Nemésio and the Azores. Center for Portugueses Studies and Culture. University of Massachusetts Dartmouth. 2007. ISBN: 1-933227-11-7

VILLAR, Carmen Ramos. "A Ilha grande assombrada de Daniel de Sá", in Francisco Cota Fagundes e outros (coord.) *Rememorando Daniel de Sá: Escritor dos Açores e do Mundo*. Ponta Delgada: VerAçor, 2016, 105 - 123

**SÓCIO DA AICL.**

**VER CADERNO AÇORIANO Nº 31**

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

**PARTICIPOU EM SEIA NO 22º COLÓQUIO, 2014, E NO 25º COLÓQUIO EM MONTALEGRE 2016**



Montalegre 2016

## 9. CHRYS CHRYSTELLO, AUSTRÁLIA, AÇORES, UTS, SYDNEY / NAATI, CAMBERRA, AUSTRÁLIA E AGLP E AICL

Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro paterno, Português e marrano materno.



POESIA, GRUTA DE CAMOES MACAU 2011 BRAGANÇA 2008



Montalegre 2016

Publicou o seu primeiro livro "Crónicas do Quotidiano Inútil" (poesia) em 1972). O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor, antes de ir à Austrália adotá-la como pátria. Dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) desde 1967 e escreveu sobre o drama de Timor Leste (1975-06).Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82).

Foi Redator, Apresentador e Produtor para a TDM / RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong Kong. Depois, em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista no Ministº Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários. Foi Tradutor e Intérprete no Ministº da Imigração e no de Saúde (NSW)

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses 1521-25, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português. Membro Fundador do AUSIT e do júri da NAATI, lecionou tradutologia na Universidade UTS, Sydney, sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa, Austrália Council (1999-05).

Foi orador em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau, Hong Kong, etc.), Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012); Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012); Consultor do Programa REMA da Univ. dos Açores. (2008-12). Proferiu uma Palestra na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça. Em out.º 2012 foi admitido como **Académico Correspondente** da Academia Galega AGLP.



RIO 2010



SEIA 2014

#### ALGUMAS OBRAS do autor:

1. **Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto 1972, (esgotada)** <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> **Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) Díli, Timor Português, abril 1974 ed. do autor (esgotada)** **Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 1973-81 (poesia)** <https://www.scribd.com/doc/77870240/cronica-do-quotidiano-inutil-cqj-vol-2> **Crónicas Austrais - 1978-1998 (monografia) – ed. 2000** <https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais> **Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 / Timor Leste O**

- Dossiê Secreto 1973-1975, ed. 2000** <https://www.scribd.com/doc/39958581/Timor-Leste-1973-1975-o-dossie-secreto>
- Timor-Leste: 1973-1975 - O Dossiê Secreto - Ed. 2000-2012** <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf>
- East Timor - The Secret Files 1973-1975 ed. 2000-2012,** <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>
- Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Sta C. Misericórdia Bragança,** [http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005\).pdf](http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf)
- Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter - DVD – ed 2005-2012** <https://www.scribd.com/doc/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992> - <http://worldpubliclibrary.org/eBooks/WPLBN0000714409-Timor-Leste-Historiografia-Dum-Reporter-Volume-2-1983-1992-by-Chrystelllo-J-Chrys.aspx?&Words=chrystelllo>
- Crónica Açores: uma circum-navegação, vol 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 ed 2009**
- Crónica Açores: uma circum-navegação, vol 1, 2010 online :** <http://youtu.be/pOwrZ2nwxGQ> - <https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA>
- Crónica Açores uma circum-navegação, vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Editora Calendário de Letras**
- Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) Ed. 2012** <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>
- Crónica do Quotidiano Inútil (Obras completas de poesia em 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed Calendário de Letras 2012 ISBN 9789728985646 Trilogia da história de Timor ed Colóquios da Lusofonia, 2012 ISBN: 978-989-95641-9-0** <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf>
- Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) edição 2013,** <http://www.lusofonias.net/images/pdf/CRONICAS%20AUSTRALS%201978-1998%204%20edicao%202015.pdf>, <https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>
- prefácio do livro O voo do Garajau, 2014, Rosário Girão & Manuel Silva, Ed Calendário de Letras** [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

- 13. **Trilogia da história de Timor ed Colóquios da Lusofonia, 2ª edição 2015** ISBN: 978-989-95641-9-0 <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf> /
- 14. **A condição de ilhéu, 2016**, Cap. do livro A condição de ilhéu, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa Universidade Católica Lisboa
- 15. **A língua portuguesa na Austrália, 2016**. Capítulo do livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição da Universidade da Beira Interior, organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP,  
ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP  
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.  
MODERA SESSÕES –**



Montalegre 2016



GRACIOSA 2015

Graciosa 2015



Fundão 2015

Moinhos 2014

**É SÓCIO DA AICL.ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010**

**10. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, CONVIDADA PRESENCIAL**



GALIZA 2012

MONTALEGRE 2016

**11. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESC. SEC. DAS LARANJEIRAS, P. DELGADA, AÇORES, ASSISTENTE PRESENCIAL CONVIDADA AICL**



LAGOA 2012

**PARTICIPOU COMO PRESENCIAL NA LAGOA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, FUNDÃO 2015**

12. **CONCHA ROUSIA, AGLP E AICL, GALIZA**



PDL 2013



LAGOA 2009



Gruta de Camões MACAU 2011



LAGOA 2012 -



VILA DO PORTO, STA MARIA 2011

**CONCHA ROUSIA** (CONCHA Rodríguez PÉREZ), Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza) Psicoterapeuta e escritora. Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008.

Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza

- Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição. Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa. Em 2011 fez parte da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.

Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, Out.º 2011. Atualmente ocupa o cargo de Bibliotecária-arquivista da Academia Galega da Língua Portuguesa

**PUBLICAÇÕES:**

**Se os carvalhos falassem**, 2016, poesia, Através Editora, Santiago de Compostela

**Blasfêmeas, mulheres de palavra. Antologia de poesia contemporânea, 2016.** Editora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e será apresentada no o VII Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada. O e-book será publicado no site do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade e ficará disponível para consulta e impressão. Este trabalho é uma homenagem ao trabalho de Hilda Hilst e ali publico vários poemas.

**Mudança de Narrativa Linguística na Galiza**, 2016. Capítulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório. **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012. Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.

**As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (portal atualmente inativo) Arcos de Valdevez, Portugal.

"**Dez x Dez**" 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza). "**Cem Vagalumes**" Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.

**Herança**. Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.

**Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.

**Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.

Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.

**Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza. IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Ed. Folheto, Leiria, Portugal.

Volume 7 da Coleção “**Poesia do Brasil**”, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Escrever nas Margens.** Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza. **150 Poemas para Rosalia.** Antologia poética. 2015, Galiza. Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Litero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade. **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita,** Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.

**Um dia,** publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género. **Mudança de Narrativa Linguística,** Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008. **Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos,** Colóquios da Lusofonia, 2010

**Se Os Carvalhos Falassem,** 2016, Através Editora, Santiago de Compostela, Galiza. **Blasfêmeas. Mulheres de Palavra,** antologia de poesia contemporânea, 2016. Editora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e será apresentada no o VII Colóquio Internacional Sul de Literatura Comparada. O e-book será publicado no site do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade e ficará disponível para consulta e impressão. Este trabalho é uma homenagem ao trabalho de Hilda Hilst. Onde publica vários poemas. **Mudança de Narrativa Linguística na Galiza,** 2016. Capítulo no livro "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Edição organizada por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório. **PRÉMIOS** Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim,** 2004, Galiza. Prémio de poesia do Concelho **Ames,** 2005, Galiza.

- Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado,** 2006, Galiza. Com o romance “A Língua de Joana C” Administradora do blogue ‘República da Rousia’: republicadarousia.blogspot.com É vice-secretária da Comissão Executiva da Academia Galega da Língua Portuguesa, do Conselho de Redação e Administração do Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP)

TEMA APRESENTAÇÃO OFICIAL DO DOCUMENTÁRIO “PORTA PARA O EXTERIOR

APRESENTAÇÃO OFICIAL DO DOCUMENTÁRIO “PORTA PARA O EXTERIOR”, na locução e nas entrevistas efetuadas para a elaboração de um documentário de divulgação do movimento reintegracionista, lançado em <https://en.goteo.org/project/proxima-estacao-galego-portugues>



O primeiro é que queremos que saibas que o nome final do documentário é “Porta para o exterior”. Nesta experiência dialogada coletiva na qual participam mais de setenta pessoas tivemos como objetivo último a divulgação não especializada da estratégia do reintegracionismo.

O segundo é que este documentário não seria possível sem ti, e voltamos a dizer, não seria possível sem ti. O terceiro é que no dia 19 de maio, no mesmo lugar em que Carvalho Calero deu a primeira aula de galego na história, ali, na Faculdade de Filosofia, apresentaremos às 19:00 o documentário com a presença dos realizadores e roteiristas: Sabela Fernández e José Ramon Pichel.

E já agora, a viagem não acaba, mas começa, porque estamos convencidos de que os e as galegas destes próximos 30 anos viverão a cada vez mais a língua não só como nossa, mas também como uma língua internacional e com tantas possibilidades e paisagens como os que nos permitem as viagens em comboio. EDITORAS AGAL e AXOUXERE.

**TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS, NA SESSÃO DA AGLP É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. MODERA SESSÕES**

**PRESENTE NOS COLÓQUIOS DESDE A LAGOA 2008 (9º), BRAGANÇA (12º) E (11º) LAGOA 2009, BRASIL (13º) E BRAGANÇA 2010 (14º), MACAU (15º) E SANTA MARIA 2011 (16º), LAGOA (17º) E GALIZA 2012 (18º), SEIA 2013 (20º), SEIA 2014 (22º), FUNDÃO 2015 (23º), GRACIOSA 2015 (24º), MONTALEGRE 2016 (25º)**

**13. DELMINDA RODRIGUES, ASSISTENTE PRESENCIAL,  
CALIFÓRNIA, EUA**

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**14. EDUÍNO DE JESUS, POETA, DECANO DOS ESCRITORES  
AÇORIANOS, CONVIDADO. PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO DE  
LISBOA DA “ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU  
ANTERO DE QUENTAL” E PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL  
DA CASA DOS AÇORES EM LISBOA – CONVIDADO AICL**

**EDUÍNO (Moniz) DE JESUS** nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada. Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário. Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura.

Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.



LAGOA 2012

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade. No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados. Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na

Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde). Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Paralelamente dedicou-se à Literatura desde a adolescência. Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).



LAGOA 2012

**PUBLICOU AS SEGUINTE OBRAS:**

**1. POESIA:**

- Caminho para o Desconhecido, Coimbra, col. Arquípedago, 1952;
- O Rei Lua, Coimbra, ed. do Autor, 1955;
- A Cidade Destruída durante o Eclipse, Coimbra, Coimbra Editora, 1957;
- Os Silos do Silêncio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

**2. TEATRO**

- Cinco Minutos e o Destino. Comédia em 1 Ato. Ponta Delgada, ed. Açória, 1959

### 3. ENSAIO

#### 3.1 EM PREFÁCIOS E POSFÁCIOS:

- In Antologia de Poemas de Armando Côrtes-Rodrigues, Coimbra, col. Arquipélago, 1956 (tem 2ª ed.);
- In Virgílio de Oliveira, Rosas que Vão Abrindo. Coimbra, col. Arquipélago, 1956: (Tem outras eds);
- In Maria Madalena Monteiro Férin, Poemas, Coimbra, col. Arquipélago, 1957;
- In António Moreno, Obra Poética, Coimbra, col. Arquipélago, 1960;
- In António Manuel Couto Viana, Pátria Exausta, Lisboa, Editorial Verbo, 1971. (tem outras eds.);
- In Natércia Freire, Os Intrusos, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1971 (tem outras eds.);
- In António Manuel Couto Viana, Teatro Infantil e Juvenil, Lisboa, Nova Arrancada, 1997;

#### **-In António Manuel Couto Viana, 12 Poetas Açorianos. Lisboa, Salamandra, col., 200 etc.,3.2 EM OBRAS COLETIVAS:**

- Costa Barreto (dir.), Estrada Larga, 3 vols., Porto, Porto Editora, s / d;
- Onésimo Teotónio Almeida (org.), A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983;
- In António Manuel Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.), Vitorino Nemésio, Vinte Anos Depois, Lisboa / Ponta Delgada, Ed. Cosmos, 1998.

#### 4. ANTOLOGIAS POÉTICAS EM QUE ESTÁ SELECIONADO:

- Maria Alberta Menéres e E. M. de Mello e Castro, Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa, Lisboa, Morais Ed., 1ª ed. 1959, 2ª ed. 1961;
- António Salvado, A Paixão de Cristo na Poesia Portuguesa, Lisboa, Polis, 1969;
- Orlando Neves e Serafim Ferreira, 800 Anos de Poesia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1973;
- Pedro da Silveira, Antologia de Poesia Açoriana do Século XVIII a 1975, Lisboa, Liv. Clássica Ed., 1977;
- Ruy Galvão de Carvalho, Antologia Poética dos Açores, 2 vols., Angra do Heroísmo, col. Gaivota, 1979-80;
- Onésimo Teotónio Almeida, The Sea Within. A selection of Azorean Poems (trad. de George Monteiro), Providence, 1983;
- Maria de Lourdes Hortas, Poetas Portugueses Contemporâneos, Recife (Brasil), 1985;
- Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha, Pai, a sua Bênção! (Antologia de Textos de Autores Açorianos), Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1994 (Edição comemorativa do Ano Internacional da Família);

- Eduardo Bettencourt Pinto, Os Nove Rumores do Mar, Seixo Publishers, Canadá, 1996; 2ª ed. (aumentada), Lisboa, Instituto Camões, 1999 e 3ª ed (corrigida), Lisboa, Instituto Camões, 2000;
- Ivan Strpka e Peter Zsoldos Zakresl'ovanie do mapy. Azory a ich básnici, Bratislava (Eslováquia), Kalligram, 2000;
- Adozinda Providência Torgal e Clotilde Correia Botelho, Lisboa com seus Poetas, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.
- valter hugo mãe, O Futuro em Anos-Luz / 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas, Porto, Edições Quási, 2001.
- Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira, Encantada Coimbra, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003.
- Diniz Borges, On a Leaf of Blue Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry, Berkeley, Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2003.
- António Manuel Machado Pires, 20 Poemas (volume integrado no álbum XX3x20 - 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas), Angra do Heroísmo, Direção Regional da Cultura, 2003.
- Diniz Borges, Nem Sempre a Saudade Chora, Horta, Direção Regional das Comunidades, 2004.
- Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt, Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense, Blumenau, Santa Catarina (Brasil), 2005.
- Maria Aurora Carvalho Homem e Urbano Bettencourt (sel.) e Diana Pimentel (org.), Pontos Luminosos. Açores e Madeira, Antologia de Poesia do Século XX. Porto, Campo das Letras, 2006.
- John M. Kinsella, Voices from Islands. An Anthology of Azorean Poetry, Providence, R. I., Gávea-Brown, 2007:
- Leons Bredis e Urbano Bettencourt, Azoru Salu. Dzejas Antologija, Riga (Letónia), Minerva, 2009.
- Amadeu Baptista, Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música. Viseu, Tip. Guerra, 2009

#### 5. VÁRIA

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1072-1974).

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contravento. (Lisboa, ed. Contravento, 1968-1971) e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana (Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 1989-1991).

Tem colaboração na enciclopédia de literatura Biblos (da Editorial Verbo) e no Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura (Publicações Europa-América).

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica).



LAGOA 2012

Assim:

- Fez crítica de teatro durante vários anos na revista Rumo (Lisboa, 1960-67) e organizou a secção de teatro da Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura 'Verbo', de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes àquela secção e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar). Além disso, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e de S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

- Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso fez parte de vários júris de Salões de Arte e representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil (1969).

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições de cultura em Portugal (incluindo os Açores), nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil.

VER CADERNO AÇORIANO Nº 12,

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

OUVIR POEMA CAIS DA SAUDADE EM

<https://www.youtube.com/watch?v=G5iWY8Rltmw>

VER VIDEO HOMENAGEM EM <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

## TEMA PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUENTAL: ANTERO E O DIVINO PARADOXO -, EDUÍNO DE JESUS

Em carta ao poeta António de Azevedo Castelo Branco, Antero de Quental manifestou em 1885 o desejo de "[se] concentrar todo na redação das [suas] doutrinas filosóficas, por [se] persuadir de que não [mereciam] morrer com [ele]". Todavia, esse projeto não se concretizou. Aliás, logo depois de publicar o seu último e mais longo e bem estruturado ensaio filosófico – as *Tendências Gerais da Filosofia na 2ª Metade do séc. XIX*, no início de 1890 –, o Poeta apressou-se a advertir Oliveira Martins de que, embora tivesse exposto ali as "[suas] ideias", aquilo não era a "[sua] filosofia [...], com o seu método e teorias particulares". "Essa", dizia, "desisto de a expor, porque está acima das minhas forças fazê-lo, e, depois, *ninguém me entenderia*", sic. "De sorte que, ainda depois de publicar um livro de filosofia" – estou a citar de novo –, "ficarei sempre *um filósofo inédito*."

Assim, felizmente, não aconteceu, não só porque muitas das suas ideias, ele mesmo, ao longo da vida, as foi passando à imprensa, embora parcimoniosamente e em artigos e ensaios avulsos, mas também porque aquelas que expandiu nas inúmeras cartas que escreveu, muitos dos destinatários, certamente a maioria, cónscios da importância desses preciosos documentos, não as destruíram nem deixaram extraviarem-se e acabaram por lhes dar, ou outros o fizeram por eles, o destino da imprensa, em que foram e continuam surgindo e deste modo enriquecendo, passo a passo, até hoje ainda, a riquíssima bibliografia anteriana ativa.

A falta, porém, de uma exposição global e sistemática da *filosofia* de Antero por ele mesmo, "com o seu método e teorias particulares" como fora porventura seu desejo em algum tempo, faz com que as ideias, dispersas como ele as deixou em artigos e ensaios e na escrita ocasional das cartas – e até, relevantemente, na poesia –, se mostrem a muitos dos estudiosos da sua obra como expressão de uma "consciência" (aqui cito Óscar Lopes) "nem sempre (diacrónica e mesmo sincronicamente) coerente, por vezes até claramente conflitual".

Nessa incoerência e nesse conflito, de que o Poeta foi o primeiro a dar-se conta e a que frequentemente fazia alusão na sua correspondência com os amigos, não se tem buscado outra coisa senão "contradição", jamais se havendo reconhecido, ou questionado ao menos, o ponto de partida para o que seria, afinal, uma *filosofia de Antero* – essa *contraditória* filosofia para cuja redação lhe faltavam as forças e que, mesmo que a redigisse um dia, ninguém o ia entender. Apenas salientarei aqui que a "incoerência" que se reconhece em Antero e que chega a ser "por vezes, conflitual" (como comecei por dizer, citando Óscar Lopes) não resulta tanto de causas exógenas (embora também em parte, porventura), como da sua própria natureza, "dos aspetos quase inesgotavelmente variáveis desta



singular fisionomia de homem, desta mistura excecional de pensamentos e de temperamento num mesmo indivíduo”, como disse, descrevendo-o, Oliveira Martins. Ora bem. Creio que é aí, nessa superabundância e diversidade da compleição espiritual do poeta, que se deve principalmente perscrutar a matriz genética daquilo que se nos apresenta, à superfície, como contradições.

António Sérgio procurou, e fê-lo com mestria, reduzir a pluralidade do perfil psicológico de Antero a uma dualidade, que designou de *Antero noturno* e *Antero diurno*. O próprio poeta, de resto, ter-se-ia revisto nessa dualidade. Com efeito, numa carta a Oliveira Martins, já havia situado a sua instabilidade moral e intelectual (digo *instabilidade* à falta de melhor) na “incrível desarmonia que [havia] entre a [sua] razão e o [seu] sentimento”. Mas uma sistematização binária neste caso não pode deixar de ser redutora, porque o certo é que, dentro dos paradigmas “espírito noturno” e “espírito diurno”, as variáveis, no caso do carácter de Antero, ainda se diversificam noutros e sucessivos paradigmas, tais como, citando do epistolário do próprio poeta, o “sentimento” e a “razão”, a “imaginação” e a “paixão”, o “sentimento moral”, etc., onde é preciso ir buscar as causas das “contradições eternas do [seu] espírito” e, logo, dos “problemas insolúveis” do seu “credo filosófico”.

Anotemos duas ou três das citadas contradições. Não, por enquanto, no plano filosófico (isso farei mais adiante), mas, por exemplo, no religioso e no revolucionário.

Exemplificaremos a primeira (no plano religioso) com um dos seus mais tocantes poemas, o soneto *À Virgem Santíssima*, em confronto com a tão desabusada quanto dolorosa sátira ao “Velho Jeová”, no díptico que Antero intitulou *Disputa em Família*. Dificilmente se reconhece o mesmo poeta nos dois textos. Ouçamos primeiro e apreciemos a sincera comoção religiosa (não digo confissão religiosa) que nele se nos comunica.

*À Virgem Santíssima*  
N'um sonho todo feito de incerteza,  
De noturna e indizível ansiedade  
É que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

*Não era o vulgar brilho da beleza,  
Nem o ardor banal da mocidade...  
Era outra luz, era outra suavidade,  
Que até nem sei se há na natureza...*

*Um místico sofrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...*

*Ó visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira!*

E agora, contrariamente, aprecie-se a expressão sarcástica do poeta ao referir-se à (em sua opinião, no momento) ilusão religiosa.

*Disputa em Família*  
I

*Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta  
O que dizem teus filhos rebelados,  
Velho Jeová de longa barba hirsuta,  
Solitário em teus céus acastelados:*

*— Cessou o império enfim da força bruta!  
Não sofreremos mais, emancipados,  
O tirano, de mão tenaz e astuta,  
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!*

*Enquanto tu dormias impassível,  
Topámos no caminho a liberdade,  
Que nos sorriu com gesto indefinível...*

*Já provámos os frutos da verdade...  
Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível.  
Não passas duma vã banalidade! —*

II  
*Mas o velho tirano solitário,  
De coração austero e endurecido,  
Que um dia, de enjoado ou distraído,  
Deixou matar seu filho no Calvário,*

*Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário  
Tumultuoso coro e alarido  
Do povo incipiente, que, atrevido,  
Erguia a voz em grita ao seu sacrário:*

*— Vanitas vanitatum! (disse). É certo  
Que o homem vão medita mil mudanças,  
Sem achar mais do que erro e desacerto.*

*Muito antes de nascerem vossos pais  
Dum barro vil, ridículas crianças,  
Sabia em tudo isso... e muito mais! —*

Outra contradição, vamos exemplifica-la com o confronto de dois sonetos. Num, Antero incita os poetas, que vivem serenos, isolados dos grandes problemas da sociedade, ignorantes “voluntários” do mundo que se agita e prepara para uma nova era, a entrarem na luta, a porem em prática, pela revolução, o “sonho puro” que há de conduzir a essa nova era. No outro, incita-se a si mesmo, eivado do negativismo da época, a assistir sem intervir, com serenidade estoica, à catástrofe para onde o mundo caminha.

*A um Poeta*

*Tu, que dormes, espírito sereno,  
Posto à sombra dos cedros seculares,  
Como um levita à sombra dos altares,  
Longe da luta e do fragor terreno,*

*Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,  
Afugentou as larvas tumulares...  
Para surgir do seio desses mares,  
Um mundo novo espera só um aceno...*

*Escuta! é a grande voz das multidões!  
São teus irmãos, que se erguem! são canções...  
Mas de guerra... e são vozes de rebate!*

*Ergue-te, pois, soldado do Futuro,  
E dos raios de luz do sonho puro,  
Sonhador, faze espada de combate!*

*Estoicismo*

*Tu que não crês, nem amas, nem esperas,  
Espírito de eterna negação,  
Teu hálito gelou-me o coração  
E destroçou-me da alma as primaveras...*

*Atravessando regiões austeras,  
Cheias de noite e cava escuridão,  
Como num sonho mau, só oiço um não,  
Que eternamente ecoa entre as esferas...*

— *Porque suspiras, porque te lamentas,*

*Cobarde coração? Debalde intentas  
Opor à Sorte a queixa do egoísmo...*

*Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores  
A esperança vã, seus vãos fulgores...  
Sabe tu encarar sereno o abismo!*

Mais importante, porém, do que estes paradoxos são, naturalmente, os propriamente filosóficos.

Estes, Antero, ele mesmo, atribuía-os, não tanto, digamos, à razão, mas à “imaginação”. Ainda aqui, portanto, a interferência do poeta no distrito do filósofo. (Sempre a “incrível desarmonia”, segundo ele mesmo, “entre a [sua] razão e o [seu] sentimento”). A natureza tinha-lhe dado, “por singular contradição”, *razão* e *sentimento moral* bastantes (são palavras suas a Magalhães Lima) e “daí conflito, guerra civil, luta interior”. “O que venceu em mim”, confessou na mesma carta, “foi a *razão* e o *sentimento moral*, mas a *imaginação* e a *paixão*, embora vencidas, não se submeteram” (“a *imaginação* e a *paixão* que fazem [afinal] o poeta”, diria também).

Era, pois, a *imaginação* (a *imaginação* recalcitrante do poeta) que, segundo Antero, provocava as suas contradições filosóficas. Disse-o nestes termos a João de Deus: “É a *imaginação* a causa única das contradições eternas do meu espírito, deste rodopiar em volta dos mesmos problemas insolúveis, e da incapacidade de fixar uma vez por todas, o meu *credo* filosófico”.

Não se deduza daqui que a Filosofia de Antero seja, afinal, feita de contradições, que lhe falta unidade ou que, tão-pouco, dados os seus paradoxos, não se pode falar com propriedade de *uma* Filosofia de Antero. Se eu dei a entender tal coisa, é urgente que o retifique. Não será, é certo, difícil reunir afirmações dispersas na sua obra filosófica que estejam em contradição, mas é por isso mesmo que Antero não foi um filósofo como Descartes, ou Kant, ou Hegel, por exemplo, que foram criadores de métodos e de sistemas, mas um pensador, um espírito que questiona mais do que responde, que se embrenha sem mapa na floresta dos problemas do mundo e da existência e que se defende das emboscadas da Lógica, da Fé, etc. com meios próprios. Ele mesmo o deu a entender em carta a João de Deus, acerca deste seu vagabundear pelos domínios da Filosofia: “Quanto mais caminho, mais perspectivas, mais horizontes novos se abrem diante de mim. Sou positivamente o Ashavero da Filosofia!”.

Todavia, daí a concluir que Antero é um filósofo contraditório, a inferência precisaria explicada. De resto, poderíamos questionar-nos se o que se nos afigura paradoxal na filosofia anteriana se reconhece também no mundo, na realidade de que se ocupam os materialistas. O próprio Antero o disse a Oliveira Martins, a propósito do papel da “inteligência” e do “coração” na indagação do “problema da existência”: “Afinal” (são palavras suas) “o que está, está bem; o que vai, vai bem.

A nós, o que nos cumpre é descobrir o como e o porquê deste paradoxo universal das coisas – na certeza de que é um divino paradoxo”.

Ora o que me parece é que a pedra fundamental em que assenta toda a construção filosófica de Antero se contém, ela mesma, num paradoxo. Refiro-me à antítese: Determinismo/Liberdade.

Na indagação do problema da existência, Antero confrontou-se com estes dois polos, entre os quais o homem se define.

Demorando-se na reflexão sobre um ou outro, Antero reagiu como poeta emocionalmente de forma diversa em cada momento e, se as aproximarmos uma da outra, essas formas, inevitavelmente, não podem deixar de nos parecer em antifonia. Exemplifiquemos com dois sonetos.

No primeiro, *Ad Amigos*, Antero apresenta-nos o homem, aspirante à liberdade e antevisando-a, mas debatendo-se, impotente, nas malhas do impassível destino, como um herói da Tragédia grega: *Ad Amigos*

*Em vão lutamos. Como névoa baça,  
A incerteza das coisas nos envolve.  
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,  
Nas suas próprias redes se embarça.*

*O pensamento, que mil planos traça,  
É vapor que se esvai e se dissolve;  
E a vontade ambiciosa, que resolve,  
Como onda entre rochedos se espedaça.*

*Filhos do Amor, nossa alma é como um hino  
À luz, à liberdade, ao bem fecundo,  
Prece e clamor d'um pressentir divino;*

*Mas num deserto só, árido e fundo,  
Ecoam nossas vozes, que o Destino  
Paira mudo e impassível sobre o mundo.*

No outro soneto, o IV do políptico dedicado a *A Ideia*, o homem é-nos apresentado – ainda, porque ser natural – limitado pelos “muros da cadeia” da causalidade em que se explica o Determinismo, mas ao mesmo tempo abandonado dos “celestes guias”, isto é, a si mesmo entregue sobre a “terra ignota” e, portanto, senhor de si mesmo. Se os “muros da cadeia” ainda o detêm, é porque essa é a condição humana; a questão agora não é a de derrubar esses muros, mas de se assumir fechado neles, na plenitude de se ser o que se é.

*A Ideia - IV  
Conquista pois sozinho o teu futuro,  
Já que os celestes guias te não deixado,*

*Sobre uma terra ignota abandonado,  
Homem—proscrito rei—mendigo escuro!*

*Se não tens que esperar do céu (tão puro,  
Mas tão cruel!) e o coração magoado  
Sentes já de ilusões desenganado,  
Das ilusões do antigo amor perjuro:*

*Ergue-te, então, na majestade estoica  
D'uma vontade solitária e altiva,  
N'um esforço supremo de alma heroica!*

*Faze um templo dos muros da cadeia,  
Prendendo a imensidade eterna e viva  
No círculo de luz da tua Ideia!*

Mas a contradição filosófica, irreduzível, que estes dois sonetos representam – num, o homem entoando um hino à Liberdade, mas com o Destino pairando impassível sobre o mundo; no outro, o homem preso nos “muros da cadeia” do mesmo mundo, mas abandonado dos “celestes guias” e, portanto, entregue a si mesmo – resulta é da reação emocional do poeta a esse “divino paradoxo”.

A reação filosófica é diferente. Perante o paradoxo, o filósofo procurou (ao contrário do que fez o poeta) o *como* e o *porquê* desse paradoxo e chegou a uma espécie de síntese: A conciliação dos contrários que formam os termos do paradoxo (aliás já apontados, como veremos, no segundo dos sonetos acabados de citar).

A demonstração desta tese é, talvez, a parte mais interessante e principal da sua Filosofia e na qual o que parece contraditório no seu pensamento encontra explicação.

Mas, claro, Antero sabia que enveredar por uma tese desse género tinha, na altura, a sua dificuldade. Por isso dizia que, se chegasse a escrever a sua Filosofia, com os seus métodos e doutrinas, ninguém o entenderia. Só não disse porquê, mas a razão era a seguinte:

Que, no seu tempo, a Metafísica estava fora de moda. Os positivistas detinham o primado do pensamento moderno, bebendo em Comte, Littré, Taine, e ainda Stuart Mill, Spencer, etc., a ideia de que o conhecimento legítimo é o que se fundamenta nos factos (“O positivismo”, dizia Höffding, “procura atingir a unidade do pensamento a partir dos dados reais”), assim rejeitando toda a especulação metafísica. Ora para Antero “a Filosofia não [era] mero ajuntamento ou ainda o quadro empiricamente ordenado dos factos do universo”, mas antes, dizia, era “a compreensão e explicação racional e total desse grande quadro”. Ora, não a

ciência, que tem por objetivo o *saber*, mas a metafísica, que conduz ao *entendimento*, é que seria, em sua opinião, apta a uma tal compreensão e explicação: “Sem metafísica”, afirmava o poeta, “não há verdadeira compreensão racional nem verdadeira e total explicação” dos factos.

Além disso, Antero considerava que o Positivismo pecava ainda por, fundamentando o conhecimento exclusivamente nos factos, excluir a consciência humana, “esquecendo ou ignorando – “por uma singular aberração”, dizia – “que a consciência humana é um facto, que a sua atividade, expressa e objetivada em milhares de manifestações, desde os códigos até à poesia, e através de milhares de anos, constitui uma ordem de factos tão positivos e tão irrecusáveis como os da física ou da astronomia”; e mais: que os factos da consciência “não [eram] só positivos e evidentes” mas “ainda culminantes”, na medida em que “os fenómenos sociais e morais, tendo atrás de si todas as outras ordens de fenómenos e apoiando-se nelas, constituem o ponto mais alto da série evolutiva das coisas”.

Sendo este o conceito que fazia do Positivismo, isto é, como sendo uma Filosofia que se detém onde a detém o saber científico, conseqüente era a sua parcialidade pela especulação, que, passando pelo conhecimento científico como por uma “região média” do conhecimento (“média”, entenda-se, entre o senso comum, de um lado, e o conhecimento metafísico, do outro), não se detém nos seus limites e atinge assim a compreensão e a explicação dos factos. Antero sabia que caminhava “de encontro à onda dos positivistas, materialistas, empíricos *tutti quanti* (estou a citar), convencido [porém] de que não se [passaria] muito tempo sem que, constituída a metafísica positiva, a Filosofia da Natureza, [entraria] no verdadeiro caminho”. Esta convicção, porém, levava-o a suspeitar de que, sendo um metafísico entre positivistas, a sua filosofia estaria destinada à incompreensão dos contemporâneos.

Não foi bem assim como ele pensava, pois não faltou quem, no seu tempo, lhe reconhecesse o génio (e não só na sua roda, mas no país inteiro e até fora dele), mas é também possível que a admiração que lhe tributaram os coevos não significasse sempre um entendimento perfeito das suas ideias.

Como quer que seja, a sua Filosofia assentava (se bem a interpreto) no paradoxo *Determinismo/Liberdade* e o seu escopo era a conciliação desses contrários. O primeiro termo deste paradoxo – o Determinismo – isolado da relação com o seu contrário, não destoava da concepção do universo (e *inclusive* do homem) dentro de uma condicionalidade causal e universal, que era, no fim de contas, a concepção positivista, mas esta, Antero rejeitava-a *in limine* enquanto e por isso que não incluía a *ideia de finalidade*, sendo esta, em seu entender, “a pedra angular de toda a construção filosófica no terreno da natureza”, sem a qual positivismo e mecanismo se indistinguiam. Quanto ao segundo termo – a Liberdade – estava simplesmente fora do campo do Positivismo, por ser um mero facto da consciência e não um dado real; isto, embora os positivistas, em resultado

da abolição da transcendência, se vissem compelidos pela lógica a aceitar a espontaneidade da matéria, sem a qual a ideia de movimento ficaria inexplicável no âmbito da sua concepção (positivista) do Universo.

Ora é precisamente “no terreno da ideia da espontaneidade”, e da própria “espontaneidade da matéria” (a qual Antero considerava – e é, obviamente – uma “ideia puramente especulativa”), que o poeta dos *Sonetos* procura “ [resolver] a antítese determinismo-liberdade”.

E como?

Reconhecendo “em tudo uma vontade própria” e que essa “vontade [é a de] realizar o próprio fim”.

Vistos à luz deste postulado, *Determinismo* e *Liberdade* não se lhe afiguram termos de uma oposição. Isto, claro, distinguindo duas formas de Determinismo – uma, mecanicista, segundo a qual cada fenómeno é produto dos que o precedem e acompanham – forma que Antero repudiava – e outra, perfilhada por Antero, em que se distingue aquilo que é a condição para que um fenómeno se produza daquilo que é a causa que propriamente o determina, sendo que esta (a causa do fenómeno e não a condição) “está”, segundo Antero, “na mesma natureza do ser onde ele se dá, ou antes, do qual [ser] ele [o fenómeno] é essencial modalidade”.

Segundo esta concepção de Determinismo, “há [...] alguma coisa de espontâneo e um acordo do ser com a sua verdade profunda e com a sua infinita virtualidade ainda nos fenómenos mais elementares da matéria”. “A pedra”, diz o poeta, “que cai para o centro da terra, a molécula que se une a outra molécula, a gota de água que se vaporiza, o vapor que se condensa, não obedecem passivamente às condições que determinam essas formas de atividade, porque não são as condições que criam essa atividade em si mesma, nem ainda modalidade alguma dela, mas é a natureza autónoma dos seres que, em dadas condições, produz aquela forma de atividade que a elas corresponde, e está de acordo consigo mesma”.

Há aqui duas ideias subjacentes que é preciso destacar: uma é a de *força-causa*, a outra a de *finalidade*, indissociáveis do que Antero considerava a “espontaneidade da matéria” e a “espontaneidade plena” ou liberdade.

À concepção dualista do Universo, em que tudo era redutível a *matéria* e *força*, concebidas, estas, como essências autónomas, e a *força* atuando sobre a *matéria* e produzindo o movimento e, logo, o desenvolvimento (e para os evolucionistas *evolução* era isso), Antero opunha, na esteira de Leibniz, a noção de *força* como “essência comum da matéria e do espírito” e considerava que “todas as *forças* do Universo [eram], no fundo, análogas ao espírito (à força-espírito) e participantes, em grau mais ou menos pleno, da sua essência”. Desde aí, em seu entender, “todas as *forças*, sem exceção, [tinham] de ser concebidas como, essencialmente, *forças-causas*”.

A ideia de *força* como “essência comum da matéria e do espírito” conduz, obviamente, já por si, a uma síntese da oposição *materialismo* vs *espiritualismo*, na medida em que concilia o dinamismo mecânico da filosofia científica da natureza com o dinamismo psíquico do espiritualismo (ou, se quisermos, da metafísica da natureza), ao mesmo tempo que a de *força-causa* conduz ao princípio universal da imanência, porque (e agora isto textualmente:) “dizer *força-causa* é dizer força cujas determinações partem radicalmente da sua mesma natureza e têm, para dentro da esfera dos motivos externos, aparentes e mecânicos, por verdadeiros motivos estados íntimos; é dizer, por conseguinte, *força espontânea*”.

Quanto à ideia de *finalidade*, Antero concebe-a a partir do processo *força-causa/logo movimento/logo evolução*, processo que o Poeta condiciona à imanência (a *força-causa* espontânea), ao desenvolvimento (o movimento hierarquizado) e ao progresso (o desenvolvimento implicando a “ideia de um tipo” de que as formas saídas umas das outras, em consequência do desenvolvimento, tendem a realizar, de onde a evolução: progresso para um fim que não surge como produto de, mas se realiza no *phylum* da série evolutiva, que está em cada ponto que se queira considerar do *continuum* dessa série e é a sua razão de ser, a sua causa final.

É nestes parâmetros que a concepção determinista do Universo tem sentido para Antero de Quental, isto é, na medida em que a sua matriz genética é a ideia da espontaneidade da matéria, espontaneidade da matéria que evolui das “determinações mais elementares” até à verdadeira liberdade que só se realiza no homem como ser culminante da evolução.

De facto, segundo Antero de Quental, o ser, que “é sempre causa” e tende à “afirmação plena de si mesmo”, *evolui* desde a matéria-força “apertada no círculo mais estreito da condicionalidade exterior” até à *força-espírito* onde a liberdade plena se realiza. No soneto que vamos ouvir a seguir, o poeta resume a trajetória dessa evolução:

*Evolução*

*Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo  
Tronco ou ramo na incógnita floresta...  
Onda, espumei, quebrando-me na aresta  
Do granito, antiqússimo inimigo...*

*Rugi, fera talvez, buscando abrigo  
Na caverna que ensombra urze e giesta;  
Ou, monstro primitivo, ergui a testa  
No limoso paul, glauco pascigo...*

*Hoje sou homem - e na sombra enorme*

*Vejo, a meus pés, a escada multiforme,  
Que desce, em espirais, da imensidade...*

*Interrogo o infinito e às vezes choro...  
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro  
E aspiro unicamente à liberdade.*

Temos, porém, de recorrer à sua prosa para se entender bem como é que o filósofo concilia a ideia de Determinismo com a de Liberdade, porque, seja como for que a sua intuição vislumbra a evolução da “espontaneidade inconsciente da matéria” até à “espontaneidade plena” ou “verdadeira liberdade”, a consideração de uma finalidade tendente à realização do ser como causa-final da evolução deixa-nos a suspeição de que, reduzida à sua expressão mais simples, uma causa final pressupõe sempre, inevitavelmente, um Destino (ou como se queira chamar) presidindo àquela realização.

A explicação de Antero é a seguinte:

*“A liberdade, no rigoroso sentido da palavra, é, pois, a espontaneidade quando plena, isto é, quando o ser, não já espontâneo apenas na sua atividade exteriormente condicionada, (...), o é ainda nessa mesma condicionalidade, criando conscientemente os motivos das suas determinações e criando-os em vista do próprio fim. Neste ponto culminante, o motivo da determinação identifica-se com a essência e o fim do ser que se determina: este, conformando-se com o motivo, conforma-se exclusivamente consigo mesmo. A sua determinação é agora um facto absolutamente seu, é ele mesmo, na plenitude da sua essência, refletindo-se na realidade, é essa essência, substituindo-se a todas as leis exteriores, feita lei única da sua atividade. Agora, quanto mais se determina, mais livre é, porque as suas determinações, motivadas pelo seu próprio fim, não envolvendo elemento algum estranho à sua substância e tirando dela a sua matéria e a sua forma, são atos perfeitamente adequados à sua potência e outras tantas realizações da sua mesma unidade”.*

Definida assim a sua ideia de liberdade, Antero de Quental não fechou aí, nesse ponto de encontro do Determinismo com a espontaneidade plena, a cúpula da sua construção filosófica. Na síntese Determinismo/Liberdade encontrou, sim, a explicação do homem como o *lugar onde* da epifania da liberdade, mas em todo o caso não da liberdade absoluta, dada a sua imperfeição enquanto e porque destacado do ser universal. Porque no homem “o indivíduo natural subsiste ainda”, embora “como o ponto em que se dá [o] processo espiritual” da conciliação do Determinismo com a Liberdade, ou seja, da epifania da Liberdade, como acabei de dizer. A evolução, porém, não para nesse processo, mas quando “o *eu* limitado, refluindo, se assim se pode dizer, para o seu centro verdadeiro” (tomo aqui o próprio texto anterior), “se dissolve nalguma coisa de absoluto, não já

individualizado, mas ainda ligado ao indivíduo: a transição do ser para o não-ser, que equivale, quanto cabe na realidade, à plenitude e perfeição do ser”.

Sublinho: *quanto cabe na realidade*. Na *realidade*, entenda-se, do real da existência, temporária e material, do homem concreto, singular, pessoa. Porque há ainda um último passo, que é o que permite ao homem concreto, singular, pessoa, franquear os “muros da cadeia” que o cercam na sua individualidade, separando-o do ser absoluto, universal. Esse passo chama-se Morte.

Daí, para Antero, a razão metafísica da Morte. “Os seres são necessariamente relativos, limitados e imperfeitos, por isso que são seres *reais*, visto que a *realidade* exclui o absoluto e a perfeição”, diz o poeta, para quem o *absoluto* e a *perfeição* “não se podem conceber senão como tipo ideal e não como *atualidade* e *realidade*”. E acrescenta: “Mas [...] a tendência desses seres relativos é realizarem, nos limites das suas condições, aquele tipo ou ideal, e como essas condições são limitadas, limitada é essa realização, donde resulta que, realizado esse fim nos limites possíveis, o ser estaciona, deixa, pois, de ser apto para continuar a realizar o seu fim e perde, por conseguinte, a sua razão de ser”. “A morte”, conclui o poeta, “não é mais do que a manifestação física desta necessidade metafísica”.

Conclusão filosófica que levou o poeta a elogiar a morte em verso numa série de sonetos de que vamos ouvir recitar um, em que veremos como Antero deu expressão poética à sua ideia de “transição do ser para o não-ser”, considerando este, o não-ser, a “plenitude e perfeição do ser”.

*Elogio da Morte VI*

*Só quem teme o Não-ser é que se assusta  
Com teu vasto silêncio mortuário,  
Noite sem fim, espaço solitário,  
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...*

*Eu não: minh'alma humilde mas robusta  
Entra crente em teu átrio funerário:  
Para os mais és um vácuo cinerário,  
A mim sorri-me a tua face adusta.*

*A mim seduz-me a paz santa e inefável  
E o silêncio sem par do Inalterável,  
Que envolve o eterno amor no eterno luto.*

*Talvez seja pecado procurar-te,  
Mas não sonhar contigo e adorar-te,  
Não-ser, que és o Ser único absoluto.*

Faltou-me dizer, acima, que Antero aproximava por comparação o Não-ser

de aquilo que, “na linguagem do misticismo, se chama a união da alma com Deus”. Nesta convicção, escreveu o admirável soneto com que fecho esta longa e, certamente, maçadora divagação. Mas antes de o ouvirmos recitar, saliento o seguinte: Que o soneto que ides ouvir não tem de ser interpretado apenas como uma reconciliação do iconoclasta com as suas origens católicas, mas sim como uma interpretação, tanto emocional como filosófica, do que, para o filósofo, era a transição do ser para o não-ser, e, para o místico, o regresso do ser individual (a alma) ao ser absoluto (Deus). Duas coisas que, afinal, eram a mesma coisa, expressas, apenas, em linguagens diferentes.

*Na Mão de Deus*

*Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.*

*Como as flores mortais, com que se enfeita  
A ignorância infantil, despojo vão,  
Depus do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.*

*Como criança, em lóbrega jornada,  
Que a mãe leva no colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,*

*Selvas, mares, areias do deserto...  
Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!*

**TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2012**

**15. EMANUEL DE MELO, UNIVERSIDADE DE TORONTO, TORONTO, ONTÁRIO, CANADÁ –**

EMANUEL MELO, tradutor e escritor, é natural de Ponta Delgada, São Miguel, Açores, e emigrou, com nove anos, para o Canadá. Reside em Toronto, Ontário, onde formou-se na Universidade de Toronto e trabalha como administrador no Victoria College da Universidade de Toronto por mais de 25 anos. As suas crónicas e contos foram publicados em *Cleaver* (“The Weekly Visit”, “Tiago”), *Mundo Açoriano*, (*TWAS*) *Toronto Arts Scene*, e nos sítios web das Comunidades (RTP) e do Canadian Centre for Azorean Research and Studies. O seu conto “The Cottage Visit” foi incluído em *Writers of the Portuguese Diaspora in the United States and Canada: An Anthology* [2015], e “Avó lives Alone” foram publicados em *MEMÓRIA: An Anthology of Portuguese Canadian*

Writers [2013]. Criou e atualiza o seu próprio sítio web <http://thetorzorean.com>



(com crónicas e fotos).

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

**16. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, PRESENCIAL**



MOINHOS 2014

MONTELEGRE 2016



Vila do Porto 2011

**TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO em 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, 25º MONTELEGRE 2016**

**17. FILINTO ELÍSIO CORREIA E SILVA, ACADEMIA CABOVERDIANA DE LETRAS, CONVIDADO AICL**

Filinto Elísio de Aguiar Cardoso Correia e Silva nasceu em 24 de janeiro de 1961, na cidade da Praia, Ilha de Santiago. Tendo feito estudos primários e secundários na sua cidade natal, fez formação superior no Brasil e nos Estados Unidos.

Filinto Elísio foi bibliotecário, professor, assessor, conselheiro e consultor em diferentes organizações e serviços, bem como em diversas entidades nacionais e



estrangeiras.

Em 1986, cofundou e participou ativamente no Movimento Pro-Cultura e na criação da folha literária Sopinha do Alfabeto. Dos livros publicados, alistam-se os seguintes títulos:

- Do lado de cá da rosa (Poesia), editado pelo Instituto Cabo-verdiano do Livro
- Prato do dia (Crónicas), editado pela Visão News
- O inferno do riso (Poesia), editado pela Biblioteca Nacional
- Das Hespérides (Miscelânea de Poesia, Prosa e Fotografias), editado pela Universal Frontier
- Das frutas serenadas (Poesia), editado pela Biblioteca Nacional
- Li cores e Adinhos (Poesia), editado por Letras Várias
- Outros saís da beira mar (Romance), editado por Letras Várias
- Me\_Xendo no baú. Vasculhando o U (Poesia e Pintura), editado por Letras Várias

Zen Limites (Poesia), editado pela Rosa de Porcelana

Filinto Elísio ainda coordenou a publicação de “Cabo Verde: 30 anos de cultura”, por ocasião do 30º aniversário da independência e é um dos organizadores de “Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena: a outra face do Homem”.

É membro-fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras, ocupando a cadeira/cátedra Mário Fonseca. Igualmente é membro-correspondente da Academia Cearense de Letras, da Academia de Artes e Letras do Nordeste e da Academia Imperatrizense de Letras.

É coeditor da Rosa de Porcelana Editora.

**TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ e ASSINARÁ PROTOCOLO DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS DE ASSOCIAÇÃO COM A AICL SESSÃO DAS ACADEMIAS**

## TEMA OS FAZERES ESTÉTICOS INSULARES NO QUADRO DA LUSOFONIA: O CASO DE CABO VERDE

O enfoque que Filinto Elísio pretende na sua comunicação sobre o tema "Os fazeres estéticos insulares no quadro da lusofonia: o caso de Cabo Verde", será o seguinte:

A insularidade da lusofonia, especialmente aquela pressentida nos arquipélagos atlânticos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe têm fazeres estético-literários comuns e semelhantes (especialmente em torno das temáticas das migrações, dispersões e diaspóricidades, a par dos percursos históricos), como aqueles singulares e diferenciais (ao se considerar cada arquipélago isoladamente).

Pretende-se com esta comunicação, não só reerguer os "fatores comuns" das várias literaturas insulares em língua portuguesas, equacionando um sistema literário complementar e tendente a ambicionar-se "literatura-mundo", como destacar o caso da Literatura Cabo-verdiana que, com a sua originalidade (leia-se, criouliidade), agrega valor conceitual e estético aos fazeres literários nas ilhas de expressão oficial portuguesa.

A Literatura Cabo-verdiana é abordada aqui como um processo de criouliização permanente, iniciado desde o século XVI, como amálgama antropológica e cultural da Europa e da África no Atlântico Médio, numa recriação singular e a erigir-se desde os primórdios, pela antropofagia de todas as influências culturais, como um caso único. O paradoxo das influências vai resultar numa nova singularidade, em que a África e a Europa (e mais tarde, os vários Mundos), sem perderem os seus traços, ganham novos paradigmas estético-literários de uma terceira dimensão.

No caso cabo-verdiano, descortina-se nessa redefinição cultural, autónoma e independente, a sua consubstanciação e consolidação pela força da diáspora cabo-verdiana e pelo fato de a Nação viver em permanente dupla insularidade – a das ilhas dispersas que compõem o Arquipélago de Cabo Verde e a da emigração, irradiada em comunidades espalhadas pelo mundo, determinando modos e formas de expressão literária, tanto oral (sobretudo, no cancionero) como escrita.

### 18. FRANCISCO F MADRUGA, DIRETOR E EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA E AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL

#### FRANCISCO FERNANDES MADRUGA

Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos,

Foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*.

Foi colaborador regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRO* a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.



PDL 2013

Foi Fundador da *Calendário de Letras*, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras.

Editou os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Crónica Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)





Macau 2011



FLORIPA 2010

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.  
PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.  
MODERA SESSÕES  
TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL  
E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012,  
MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014, SEIA 2014, FUNDÃO 2014, GRACIOSA  
2015 E MONTALEGRE 2016**



Graciosa 2015



Montalegre 2016

**19. GRUPOS DE DANÇA TIMOR FURAK E LE ZIAVAL, TIMOR-LESTE**

**JÁ ATUARAM (LE ZIAVAL) EM 2014 EM SEIA. DESLOCAM-SE PROPOSITADAMENTE PARA ESTE COLÓQUIO, DIAS 28, 29 E 30 GRAÇAS AO GENEROSO APOIO DO GOVERNO DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE E DA DIREÇÃO REGIONAL DE TURISMO**

- 1) Divia Graça Marinella Soares Fernandes Maria Antónia Do Carmo Santos Almeida Joana da Silva Borges João Paulo Baptista Da Costa Arcanjo Barreto Lay Francijo Antonio De Deus De Carvalho Oliveira António Da Silva Ximenes
- 2) Ivanyo Da Costa Fernandes Marília Maria Da Glória De Carvalho

Caldas Lizete Ilda Amaral Cardoso Amélia Augusta Da Costa Sales Luís

- 3) Bakhita Emília De Jesus Lourdes Afonso Paulo Godinho Araújo Cardoso

- 4) Hendry Junior Viegas Da Costa Ximenes Olívio Euclides dos Santos Olívia Julita Sarmento Ribeiro Pricila Maria Gusmão Dos Santos



TIMOR FURAK



LE ZIAVAL

**20. HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO E AICL**

**(MÁRIA) HELENA ANACLETO-MATIAS** é licenciada (1988), mestre (1997) e doutora (2015) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem duas pós-graduações em Estudos Americanos (Smith College, EUA) e Interpretação de Conferências (Universidade de Genebra).

Foi bolsista do DAAD, do Instituto Goethe, da Comissão Fulbright, do Parlamento Europeu e dos Programas de Formação de Docentes do Ensino Superior do PRODEP, do PROTEC e do PRODOC.

Fez uma mobilidade na Universidade de Torun, na Polónia, e lecionou português como Língua Estrangeira no Porto, em Matosinhos e em Bruxelas.

Publicou “Emma Lazarus, Vida e Obra” em 2008 pela Editora Cão Menor, baseada na sua tese de mestrado e uma tradução de um manual de inglês para português que está online num projeto de âmbito europeu.

Tem participado em conferências nacionais e internacionais e publicado nas áreas da tradução, linguística e estudos literários e culturais ao longo da sua carreira de leitora de inglês, assistente e professora adjunta no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, costumando participar assiduamente nos Encontros da Lusofonia desde 2003. Terminou o seu doutoramento em 2015.



MAIA 2013

VILA DO PORTO 2011

### TEMA DE UNHOLY GHOSTS A COSSACOS INVISÍVEIS – UMA TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS HELENA ANACLETO-MATIAS, INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO

Propomos refletir sobre uma tradução enquadrada no nosso projeto de doutoramento concluído em 2015 com uma perspetiva dos Estudos Descritivistas da Tradução, dos Estudos do Género e dos Estudos Culturais. O presente artigo proposto tece reflexões como a não secundariedade da autoria do tradutor, a emancipação do translato em relação ao seu texto original e a importância que a divulgação de um texto “Maldito” (no sentido dos numerosos temas tabus que aborda com seriedade) *Unholy Ghosts*, do escritor Richard Zimler, poderá vir a ter num público lusófono. Esta Tradução para Português, *Cossacos Invisíveis*, pretende contribuir para colocar o escritor na senda dos autores luso-americanos estudados pela academia.

Com este trabalho pretendemos também enquadrar *Unholy Ghosts* no contexto da obra zimleriana apontando brevemente as temáticas dominantes que caracterizam a sua escrita: o judaísmo e a homossexualidade. Após termos

elaborado a tradução *Cossacos Invisíveis* do romance *Unholy Ghosts* passámos à reflexão sobre o próprio processo tradutivo em si baseada em críticos como Lawrence Venutti, Gideon Toury, George Steiner e outros Descritivistas dos Estudos da Tradução.

Entre 2008 e 2015 levamos a cabo um projeto de doutoramento do qual resultou a tradução de um romance de Inglês para Português, à data ainda não publicado em Portugal, cujo autor, Richard Zimler, é Luso-Americano. O romance a que nos referimos, *Unholy Ghosts* foi traduzido para *Cossacos Invisíveis* na sua versão comercial.

Com esta comunicação, pretendemos destacar alguns dos contributos que este trabalho de doutoramento poderá eventualmente vir a trazer à comunidade científica, no que respeita, neste caso mais concreto, aos Estudos da Tradução – com uma sustentação cultural predominantemente anglo-americana e contributos concetuais dos Estudos do Género e dos Estudos Pós-Coloniais – por forma a dar igualmente a conhecer a referida obra ainda não publicada em português até aos meados de 2016.

Ainda que não sendo uma leitura totalmente inovadora, propomos ao longo da nossa dissertação o princípio da defesa da igualdade de importância de dois textos na sua relação translatória. Esta relação translatória está dependente da ideia básica que assenta na consideração de que se um translato for bem elaborado em nada é subalterno ao texto de partida. Por outras palavras, o tradutor é o autor de uma versão que o texto encontra na língua de chegada – uma versão que desejavelmente manterá uma relação de respeito criativo com o texto de partida. Salientamos a consideração crítica dessa relação que se pautou predominantemente, nos últimos trinta anos, por critérios descritivistas. Um estudo assente em tais critérios não deixará de atender às particularidades estilísticas, de estrutura formal e conteúdo semântico de um texto em trânsito interlinguístico, mas tal atenção incidirá muito em especial em componentes contextuais, com destaque para o enquadramento ideológico-cultural do processo translatório. De ressaltar também que os Estudos Descritivistas da Tradução propõem igualmente um estudo pós-translatório, ou seja, um estudo do impacto que a tradução teve no público leitor em termos de aceitação, adoção ou, por outro lado, rejeição, se for este o caso, fase em que nos encontraremos brevemente, se a tradução vier a ser publicada.

A noção de idêntica valia criativa de autor e tradutor, que defendemos ao refletirmos sobre a prática translatória à luz de perspetivas decorrentes da vertente descritivista dos Estudos de Tradução, pode encontrar também consequências nos termos em que a crítica literária considera os textos e as respetivas traduções; conforme Marilyn Gladdis Rose defende: “... *in literary criticism there should be potentially equal standing for original texts and their translations*” (Rose, 1997: 71).

Alguns autores chegam mesmo a sugerir a possibilidade de o translato se superiorizar ao texto de partida, na medida em que incorpora já as reflexões e esclarecimentos trazidos pelo tradutor. Mário Vilela, por exemplo, propõe, a respeito da relação entre T1 (texto de partida) e T2 (texto de chegada), considerações marcadas por alguma ambivalência:

*Como conclusão da relação texto: tradução poderemos dizer que há constante adaptação do texto original ao texto ponto de chegada (= do autor ao leitor), de que resulta, evidentemente, o empobrecimento de T1, com a tentativa de compreensão por parte do tradutor por meio de explicações – interpretações e paráfrases inseridas no T2 (Vilela, 1994: 34).*

Oferecendo ostensivamente um diagnóstico de “empobrecimento”, Vilela não deixa de sugerir que as “interpretações e paráfrases” de T2 lhe poderão conferir um estatuto metatextual que comporta, potencialmente, um acréscimo de possibilidades de significação. Quanto a nós, a tradução é uma forma de comunicação. George Steiner em *After Babel: Aspects of Language and Translation* defende que se chame “tradução” a toda e qualquer forma de comunicação (Steiner, 1998: xii)<sup>35</sup>.

Comunicar é partilhar valores, ideias e *Weltanschauungen* – mundividências –, tentando veicular um conteúdo temático, uma ideologia e um quadro de sistemas possíveis. A comunicação é usada para uma melhor compreensão dentro de uma sociedade, entre povos, nações e civilizações. A tradução enquanto comunicação eficaz pode somente ocorrer quando há uma base comum, um relacionamento com simpatia entre o texto de partida e o seu translato ou, pelo menos, empatia entre os leitores do texto literário e os leitores do texto traduzido. Uma comunicação ineficaz pode ser a causa e a consequência, simultaneamente, de divergências e conflitos entre indivíduos e grupos. Além disso, a tradução fomenta o respeito e a proximidade entre culturas; para Sylvia Vlaeminck, “*communicating is not only using the same words, above all it wants to approach comprehension and respect by other cultures, their values and habits*” (Vlaeminck, 2003: 58). Isso implica observar, no entanto, que muitas obras têm sido aceitas na língua de partida, mas que, devido a valores ideológicos diferentes, ou interpretações abusivas motivadas por fundamentalismos, são muito mal recebidas numa outra língua de chegada.

Sendo a tradução uma forma de comunicação, a mesma pode, e deve constituir uma ponte de entendimento entre a cultura de partida e a cultura de chegada e contribuir para o respeito entre culturas diferentes numa relação produtiva de interculturalidade. Também o multilinguismo de certos tradutores

poderá ser visto, assim, como contribuindo para o diálogo construtivo num contacto intercultural. Ainda de acordo com Jandt (2003), “*uma comunicação intercultural está relacionada não só com a comunicação entre indivíduos, mas também com a comunicação entre grupos.*” (nossa tradução). Esta afirmação significa que a comunicação está presente em qualquer processo translatório e poderá envolver um diálogo educativo de tolerância e de respeito mútuo.

Pretendemos aqui defender que essa tolerância tem como princípio o respeito no contexto das nações, nomeadamente das europeias e, apesar do passado colonialista destas, no quadro das respetivas relações com os novos países da era pós-colonial. Num livro de topo de vendas de 2005, de Tom R. Reid, lê-se o seguinte: “*Europe is a more integrated place today than at any time since the Roman Empire*” (Reid, 2005: 1). Com efeito, a Europa é hoje uma amálgama de países diferentes, mas na diversidade há, no entanto, unidade.

Os fundamentos da União Europeia representam-se adequadamente através da máxima *Unidade na Diversidade*. Concomitantemente, a comunicação intercultural consolida o caminho para a paz estável e duradoura, o que é tranquilizante, se pensarmos em todas as disputas que dilaceraram a Europa nos séculos mais recentes. E numa era Pós-BrEXIT, em que o terrorismo na Europa conta já muito numerosas vítimas, urge aos Europeus compreender que continuamos a estar unidos. .

Gostamos de pensar que o emprego da língua portuguesa, na tradução *Cossacos Invisíveis* também contribui para uma maior compreensão duradoura, se se aprender mais sobre a problemática que *Unholy Ghosts* propõe, pois é um contributo para que se compreenda melhor uma minoria, já que existe a necessidade de respeito por todas as minorias numa sociedade que se diz democrática. Numa comunidade em que o poder é legitimado por escolhas de uma maioria, as minorias devem ser respeitadas, para que não haja discriminação nos direitos relativos à representação e visibilidade a que todas as minorias têm direito.

Ao traduzirmos uma ficção dos anos 90 focada em personagens homossexuais, num quadro de transculturação entre os Estados Unidos da América e Portugal, tentámos dar maior visibilidade a uma comunidade marcada pela problemática da infeção pelo VIH e da SIDA; e, ao debatermos os desafios colocados pelo texto de Zimler, procurámos apoio em recursos concetuais desenvolvidos nos Estudos do Género e, mais concretamente, nos Estudos Gay.

Explicar a escolha do título traduzido é talvez desvendar uma das mensagens essenciais que o romance foca: tal como noutras eras o Cossacos empunhavam as suas espadas, também o vírus da SIDA, invisível, é implacável nas marcas de esvaziamento de uma comunidade Gay em Nova Iorque e Los Angeles nos anos 80 e, a um nível menos numeroso na comunidade Gay da cidade do Porto, pano de fundo de parte da narrativa de *Unholy Ghosts*. Esses Cossacos

<sup>35</sup> “*After Babel postulates that translation is formally and pragmatically implicit in every act of communication, in the emission and reception of each and every mode of meaning, be it in the widest semiotic sense or in more specifically verbal exchanges*” (Steiner, 1998: xii).

Invisíveis dilaceram a vida de um seu Portador, se não tiver uma hipótese redentora, como é o caso de António, protagonista do romance, no qual liberta raiva ao saber-se portador, mas que não desiste de viver acabando por continuar a perseguir o seu sonho de ser concertista de guitarra clássica.

Mas não só nos inspirámos nos Estudos Gay dentro dos Estudos do Género; também fomos beber à Antropologia Cultural conceitos como a transculturação (herdado dos Estudos Culturais, e em particular do legado de Raymond Williams)<sup>36</sup>

Será útil proceder a um decalque desse conceito para uma área linguístico-tradutiva, no entendimento de que existe uma transtextualidade translatória que vincula o enunciado de partida à sua tradução. Cumulativamente, articulámos o trânsito cultural e linguístico com a transgressividade que marca, discursivamente, as representações da sexualidade em *Unholy Ghosts*.

Este romance mostra-nos um universo abordável segundo o princípio de que a transgressão está nas margens e que o Establishment representa o centro. Por outras palavras, o romance convida à percepção de que o sistema institucionalizado, representando perspetivas maioritárias, mas responsável por práticas de respeito pelas minorias, tem o dever de compreender que a margem é tão importante como o centro – num entendimento de tendências e orientações como estruturas concêntricas organizadas.

Ora a obra *Unholy Ghosts* é uma longa carta constituída por uma narrativa perpassada de reflexões algo filosóficas em estilo sarcástico ou, pelo menos, bastante irónico, por um Narrador que, ocasionalmente, apresenta aforismos colocando-os nas suas reflexões ou nos diálogos de António e do Professor. É curioso notar que essas mensagens “universais” contendo reflexões sobre a Morte e sobre a importância de viver a Vida com esperança, dirigidas a um público leitor mais ou menos interessado em verdades que o levam a refletir, são apoiadas pela linguagem coloquial, por vezes marginal e até obscena que povoa as páginas de *Unholy Ghosts*.

De facto, o discurso eminentemente transgressivo de *Unholy Ghosts* torna-se um modo de conferir saliência e pungência ao seu objeto de representação – das cenas homoeróticas à devastação física e emocional de uma doença que tanto marcou as décadas de 80 e 90 do século XX. Nessa ordem de ideias, Richard Zimler afirmou que pretendeu criar diálogos realistas, por vezes, com uma escrita ilógica, pois o impulso para a escrita está mais diretamente ligado à criatividade do que aos designios da racionalidade

Traduzir *Unholy Ghosts* comportou desafios por vezes consideráveis, tendo em conta as referidas especificidades do texto e a pungência da sua temática.

<sup>36</sup> Leia-se Williams, Raymond. (1958). *Culture and Society*. London: Chatto and Windus ou, do mesmo autor (1982). *The Sociology of Culture*. New York: Schocken.

Tais desafios foram suplantados com o apoio de modelos conceituais predominantemente filiados nos Estudos Descritivistas da Tradução – o sentido de norma de Gideon Toury, a teoria do polissistema,<sup>37</sup> entre outros. A caracterização do percurso translatório a que assim se procedeu teve em conta as contingências do processo, as circunstâncias que justificaram a escolha de determinadas estratégias em detrimento de outras, o difícil compromisso entre o respeito pelo texto de partida e a (relativa, possível) autonomia do texto de chegada – reflexo do exercício interpretativo da tradutora:

*The idea of translation as ‘shadow’ [chaya, a Sanskrit word for ‘shadow’] means not only that a translation should follow its original, but also that, like a shadow, depending on the intensity and on the angle of the light falling on it, a translation may assume a form different from that of the original in accordance with the changing circumstances and the translator’s interpretation (Gopinathan, 2006: 236).*

Na realidade, a tradução não só é um trabalho de língua, como também é um trabalho de interpretação textual produtiva, para além de ainda estar dependente da experiência linguístico-cultural de cada tradutor: “*Translation is not only a matter, however, of what we do with other languages. It has, also, pointedly, to do with how we experience and think of our own*” (Cronin, 2006: 30).

As alterações verificadas nos Estudos de Tradução nas últimas décadas consolidaram o reconhecimento de que a tradução não é secundária nem é apenas uma atividade de reprodução associada a uma autoria menor;<sup>38</sup> é pois, não uma forma minorizada de texto subalterno, mas antes um texto em pé de igualdade com o seu original, não menosprezando, como é óbvio, a qualidade e o mérito desse mesmo texto. Este resgate da tradução de um estatuto de subalteridade, implicando a perspetivação do texto de chegada como interventivo (que não passivo) e questionador de poderes instituídos, justificou acrescidamente a invocação de nexos argumentativos provenientes dos Estudos de Género e dos Estudos Pós-Coloniais – ou seja, modelos de inquirição que interpelam as relações de poder entre oprimidos e opressores. Juntámos, assim, a tradução com o princípio básico de que as minorias, numa relação de poder com a maioria, têm o direito à visibilidade e ao respeito.

<sup>37</sup> Veja-se Toury, Gideon. (1980). *IN SEARCH OF A THEORY OF TRANSLATION*. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University ou de 1995, *The Nature and Role of Norms in Translation*. In *Descriptive Translation Studies and Beyond* (pp. 53-69). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

<sup>38</sup> Relembramos: “*And since translation has traditionally been coded as a secondary, reproductive and even ‘traitorous’ activity, associated with misogynist stereotypes of women, their work as silent, passive, transparent interpreters who do not threaten the male establishment, has at times been tolerated*” (Von Flotow, 1997: 76).

Quanto aos Estudos Culturais em particular, a forma como nos habituaram a entender o seu objeto como constituído por todos os elementos que integram o modo de viver de uma dada comunidade, num dado tempo, contribuiu para o tratamento que demos aos diferentes âmbitos da experiência que perpassam por *Cossacos Invisíveis*. Aí se integram, por exemplo, componentes etnográficas nas representações de Portugal.

Referimo-nos mais em concreto à menção ao folclore minhoto, com o *leitmotiv* da canção “O Marinheiro Noivo” e que aparece em diferentes circunstâncias na narrativa. Quando António se está a aproximar do pai, Miguel, socorre-se dos seus conhecimentos musicais, acabando por compor uma obra de sua autoria e que tem o intuito de fazer o seu pai e o Professor cantarem no carro durante a viagem de descoberta através de três países, de forma a descobrir relações possíveis entre os três.

Uma outra representação de Portugal com relevância antropológica neste romance é a que se prende com o culto dos mortos fora das grandes cidades. Referimo-nos mais concretamente aos episódios de Monsaraz e ao de Almeida. Em Monsaraz, na parte inicial da obra, quando se fala na relação do Narrador com Carlos, o antigo namorado a quem é dedicada toda a obra sendo esta uma longa carta, assistimos a um velório em casa de um senhor de idade. Fortuitamente, o Narrador encontra um camponês idoso típico, completamente diferente dos habitantes da década de 90 dos grandes centros. Este camponês de temperamento sensível leva o Narrador a refletir sobre o significado da Vida ao expô-lo à morte da esposa e, sobretudo, ao lhe falar na metáfora da alma como a borboleta que voa para o céu, significando o ar e o Paraíso.

Quanto ao episódio do cemitério em Almeida, não está tão relacionado com a noção da Vida após a Morte, mas sim com a Vida que se leva até à Morte. Partindo de uma inscrição numa lápide funerária numa campa, onde se diz “Um bom Pai e Jardineiro”, fazem-se reflexões quanto à vida que o senhor teria levado e que causou a plantação de um tomateiro na sua campa por parte dos descendentes. A reflexão estende-se à vida de António após saber que é portador de VIH, levando-o a declarar que não sabe se a sua vida terá o mesmo significado, uma vez que se esqueceu do “sabor a tomate”.

Uma outra representação de Portugal marcada pela reflexão sobre a morte ocorre a propósito da citação (bilingue) de um passo de “*Song of Myself*”, de Walt Whitman. O passo adquire também um significado simbólico na narrativa, pois António quer que seja o Narrador a encontrá-lo após a sua morte. Quando estiver morto, António continuará a desejar bem àqueles que são deixados nesta Vida após ele já ter morrido, nomeadamente o Professor.

Ora, *Unholy Ghosts* tenta não só incutir no leitor uma consciência da Vida e da Morte, mas também fazer refletir sobre o significado de ambas, sobretudo porque

se trata de um jovem promissor que poderá morrer de uma doença que na altura em que *Unholy Ghosts* foi escrita ainda poderia ser fatal a breve trecho.

Outra dimensão da cultura portuguesa que adquire presença significativa no romance, merecendo especial atenção da tradutora, é a que se prende com a gastronomia e as ocasiões sociais que proporciona. De notar o comentário do Narrador que se sente pouco à vontade à mesa com Miguel e António, quando ambos estão amuados e recusam conversar entre si. Além disso, essas ocasiões sociais também, por outro lado, reforçam a relação do Narrador com Fiama, a colega de apartamento, com a qual partilha algumas refeições, nomeadamente de bacalhau que a própria confeccionava.

Tipicamente portuguesas são as postas de bacalhau que o Narrador recusa comer, já que lhe parecem dicionários salgados, por ficarem “de molho em bacias durante dois dias”, preferindo lascas de bacalhau com cebola. A representação de Portugal no “consumo do fiel amigo” alia-se ao consumo do vinho do Porto, que pareceu ao Narrador, mas já em Espanha, uma “bebida licorosa enjoativa”, quando este se encontrava sob o efeito de calmantes.

A nível simbólico, estes dois elementos mostram que o Narrador gosta de hábitos culinários portugueses e que em Espanha está com saudades do seu Porto (igual a porto) de abrigo que tinha deixado para trás antes de empreender a viagem arriscada envolvendo um trio que se não conhecia bem inicialmente e que no final são a “família do Professor”, no dizer do Narrador.

A consciência das adversidades resultantes de uma identidade minoritária tem grande saliência na obra de Richard Zimler. O seu ponto de partida identitário, como judeu norte-americano, reflete-se na atenção dada ao legado judaico na maior parte dos seus romances: o Ciclo Sefardita com as reflexões quanto à Família Zarco – em *O Último Cabalista de Lisboa, Goa ou O Guardião da Aurora e Meia-Noite ou o Princípio do Mundo* – e a preocupação quanto aos Judeus Asquenazes em *Os Anagramas de Varsóvia*. Paralelamente Zimler revela-se alerta para os desafios enfrentados pela minoria Gay, cuja importância é mais significativa em *Unholy Ghosts*.

De uma outra perspetiva, não expressamente desenvolvida ao longo do nosso trabalho de doutoramento, mas relevante para o entendimento de *Cossacos Invisíveis*, o lema inspirador de muitas das obras de Richard Zimler, segundo o próprio autor no vídeo a que tivemos acesso através do YouTube, aquando dessa apresentação em Pernambuco, é “Continuar a lutar depois de uma perda”. Zimler mostra personagens que, após uma perda traumática, têm a capacidade de continuar. Baseado na sua experiência de vida com o trauma da perda do irmão, uma personagem como Eric Cohen de *Os Anagramas de Varsóvia*, que perde a esposa, o filho e o sobrinho-neto no Gueto polaco, continua apesar de

tudo a viver, mesmo no tempo da ocupação nazi. Estas são temáticas presentes em quase todas as obras Zimlerianas.

A perda em *O Último Cabalista de Lisboa* é simbolizada no massacre de 2500 Judeus portugueses no Auto-de-Fé no Rossio no ano de 1506. Quanto a nós, a perda em *Goa ou O Guardião da Aurora* é simbolizada na traição familiar da irmã de Tiago. Por sua vez, em *Meia-Noite ou o Princípio do Mundo*, para completar a noção de perda na Trilogia Zarco, Zimler constrói o enredo criando a aparente morte do bosquimano Meia-Noite. O impacto destas representações de perda na ficção de Zimler comprovou-se com um testemunho de uma leitora que declarou ao autor, durante uma sessão na Biblioteca Municipal do Porto, que “fez luto” quando chegou à parte do romance em que o protagonista se viu privado do seu professor africano de Botânica, após um encenado acidente de caça com o pai da personagem principal, pois a mãe tinha-se envolvido com o convidado da família luso-escocesa. A morte daquela personagem é simbolizada na perda física de um braço de John, mas a sua capacidade de continuar é simbolizada no reencontro com Violeta em Nova Iorque, a sua amiga de infância que fugiu para os Estados Unidos.

Já em *À Procura de Sana* a experiência de perda é logo marcada no início do romance, quando é descrito que o escritor Richard Zimler (personagem autoral) vê cair ao seu lado, na esplanada de um café na Austrália, durante um encontro de escritores em Perth, no meio de estilhaços de vidro, o corpo de uma bailarina de 50 anos que se suicidou atirando-se de um prédio.

Quanto a *A Sétima Porta*, a perda manifesta-se a em vários níveis: por um lado, a jovem berlinense perde a confiança no regime comunista, quando o pai se filia no partido nazi, com medo de retaliações à família, por outro lado, a perda do amigo do grupo do Círculo assassinado é causa da investigação policial por parte dela; no entanto, a perda maior é a do irmão Hansi que foi morto nas câmaras de gás por ter uma deficiência mental. A este respeito, foi precisamente a cena da morte de Hansi aquela que o escritor Richard Zimler confessou ter sido a mais difícil de escrever em toda a sua carreira literária.

Mas falar de perda nos romances com a componente judaica não impede que se apontem características de sentimento de perda nas relações em romances cuja temática central é a Homossexualidade. A perda em *Ilha Teresa (Strawberry Fields Forever)*, por exemplo, é evocada quando Angel e Teresa fazem a romagem ao Central Park, aquando da sua fuga, no dia 8 de dezembro, data em que o Beatle John Lennon foi assassinado. Esta perda reflete-se, no entanto, na separação cultural da experiência de emigração de Lisboa para os Estados Unidos da América, na qual a adolescente é protagonista.

Finalmente, em *Angels of Darkness (Trevas de Luz)*, a perda do protagonista consoma-se com a saída de casa da sua esposa, com o facto de o seu irmão não o apoiar, para além de o seu psicanalista não resolver o seu complexo de

perda e depressão, a não ser com a sugestão de aluguer de um quarto na sua casa. O hermafrodita que se muda para a sua habitação significa simbolicamente o reencontro, tal como o de Violeta com o protagonista de *Meia-Noite ou o Princípio do Mundo*.

Em *Cossacos Invisíveis*, contudo, o sentimento de perda adquire uma presença dominante, assume mesmo um valor alegórico – uma vez que perpassa toda a obra como um dispositivo metafórico extenso, decorrente da morte provocada pelo VIH. Desde Carlo Foggia, o basquetebolista a quem o Professor dá três Valiums, assistindo-o na morte, até aos amigos que “caíam como tordos” em Los Angeles em resultado da pandemia finissecular mais grave, passando pela morte anunciada de António, quando tem de descobrir uma nova vida com esperança, toda a obra *Unholy Ghosts* é marcada pelo sentido de perda.

Outro tipo de perda é a perda de esperança, que resulta da notícia da confirmação da infeção, a qual é compensada em *Unholy Ghosts* com a noção da viagem. Esta, corporizada na deslocação no Batmobile estrada fora em direção ao Nascente para a cidade luz de Paris onde decorreria a audição, simboliza a descoberta de uma nova vida.

O pai Miguel descobre a sua hipotética bissexualidade e concretiza a fantasia sexual de estar com o pai dele numa relação incestuosa com António; António descobre que afinal a vida poderá continuar com a oportunidade de poder descobrir que afinal está vivo e, sobretudo, que na vida há sabor (simbolizado no comer de tomate-cereja no mercado parisiense). Por último, o próprio Professor, que é o condutor principal, tutela a missão-descoberta como se fosse um Espírito, Não-Santo, evocando a Santíssima Trindade com o Trio: Pai, Filho e Espírito (Não-)Santo.

Nesta obra existe tensão entre perda e esperança, bem como ao longo de *Cossacos Invisíveis* que se entrecruza com os percursos e aspirações da minoria Gay. A qual usa a linguagem Camp, direta e hipermasculinizada, que serve uma estética crua na representação das cenas homoeróticas; mas salientámos também como essa linguagem pontua o discurso autoirónico e sarcástico do Professor e de António, um humor cáustico e ao mesmo tempo espirituoso, sensível e triste, assombrado pela obsessão com a morte.

Em suma, no ano de 2015, o Supremo Tribunal de Justiça dos EUA decretou inconstitucional a proibição de casamentos entre pessoas do mesmo sexo existente em alguns estados.

*In a landmark opinion, a divided Supreme Court ruled on June 26th that states cannot ban same-sex marriage. The U.S. is now the 21st country to legalize same-sex marriage nationwide. Married same-sex couples will now enjoy the same legal rights and benefits as married*

*heterosexual couples and will be recognized on official documents such as birth and death certificates.*<sup>39</sup>

Assim atravessamos o momento histórico durante o qual o órgão supremo da justiça federal possibilitou pela primeira vez a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo a nível nacional nos Estados Unidos da América do Norte. No final de um trabalho que tem *Cossacos Invisíveis* como o seu centro textual, é adequado que se saliente que os avanços na medicina relativamente aos diversos medicamentos e às posologias eficazes no tratamento da SIDA têm sido enormes. Este facto poderia levar-nos a achar que organizações cívicas, ou iniciativas no domínio da criação artística ou literária, determinadas pelo propósito de alertar as consciências para a infeção do VIH (que tanto vitimou a minoria homossexual) teriam perdido a sua razão de ser.

No entanto, pensamos que, mesmo após 30 anos de luta para reduzir as mortes ligadas àquele flagelo dos inícios dos anos 80 do século passado, essas obras serão sempre fundamentais para que ninguém esqueça que as minorias existem – e por vezes sofrem de modos peculiares. Que uma consciência mais aguda disto mesmo possa ser o contributo da leitura de *Cossacos Invisíveis* para um entendimento enriquecido da experiência humana.

Compreender uma tradução como *Cossacos Invisíveis* centra-se no entendimento de que não existem temas tabus num romance que ponham em causa a receção dessa mesma obra, mas numa língua de chegada diferente: a morte assistida, a homossexualidade, o homoerotismo, o incesto, a doença mental, a doença física, a arte como libertação regeneradora, a perda psicológica ou física, a discriminação de minorias...

Todos esses temas tabus enriquecem soberbamente *Unholy Ghosts*; numa relação transcultural embebida de inspirações nos Estudos do Género, particularmente Gay, nos Estudos Culturais e, sobretudo, nos Estudos Descritivistas da Tradução. Só nos resta desejar que a sua tradução, *Cossacos Invisíveis*, venha a chegar proximamente a um público vasto Lusófono.

## BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

- Zimler, Richard. (2006). *À Procura de Sana*. Lisboa: Gótica.  
 \_\_\_\_ (2009). *Os Anagramas de Varsóvia*. Alfragide: Oceanos, Leya.  
 \_\_\_\_ (2000). *The Angelic Darkness*. London: Arcadia Books.  
 \_\_\_\_ (2008). *Confundir a Cidade com o mar*. Alfragide: Oceanos, Leya.  
 \_\_\_\_ (2005). *Goa ou o Guardiã da Aurora*. Lisboa: Gótica.

<sup>39</sup> Leia-se a notícia em <http://edition.cnn.com/interactive/us/map-same-sex-marriage/> (consulta: 09/jul/2015).

- \_\_\_\_ (2005). *Guardian of the Dawn*. New York: Bantam Dell, Random House, Inc.  
 \_\_\_\_ (2011). *Ilha Teresa*. Alfragide: Don Quixote.  
 \_\_\_\_ (2000). *The Last Kabbalist of Lisbon*. Londres: Arcadia Books.  
 \_\_\_\_ (2006). *Meia-Noite ou O Princípio do Mundo*. Lisboa: Gótica.  
 \_\_\_\_ (2007). *A Sétima Porta*. Lisboa: Oceanos, Asa Editores.  
 \_\_\_\_ (1998). *Trevas de Luz*. Lisboa: Quetzal Editores.  
 \_\_\_\_ (1999). *O Último Cabalista de Lisboa*. Lisboa: Quetzal Editores.  
 \_\_\_\_ (1991). *Unholy Ghosts*. New York: Gay Men's Press.

## BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

- Cronin, Michael (2006) *Translation and Identity*, London and New York: Routledge.  
 Gopinathan, G. (2006) "Translation, Transcreation and Culture. Theories of Translation in Indian Languages". In Theo Hermans (ed.) *Translating Others* (Vol. 1, 236-256). Manchester, UK and Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing.  
 Jandt, Fred E. (2003) *Intercultural Communication: Identities in a Global Community*, London: Sage Publications Inc.  
 Reid, Tom R. (2005) *The United States of Europe – The Superpower Nobody Talks About – From the Euro to Eurovision*, UK: Penguin Books Press.  
 Rose, Marilyn Gaddis (1997) *Translation and Literary Criticism*, Manchester: St. Jerome Publishing.  
 Steiner, George (1998) *After Babel: Aspects of Language and Translation*, Oxford and New York: Oxford University Press.  
 Toury, Gideon (1980) *IN SEARCH OF A THEORY OF TRANSLATION*, Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University.  
 \_\_\_\_ (1995) "The Nature and Role of Norms in Translation". In *Descriptive Translation Studies and Beyond* (53-69). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.  
 Venuti, Lawrence (1995) *The Translator's Invisibility. A History of Translation*, London and New York: Routledge.  
 \_\_\_\_ (Ed.) (1998) "Translation and Minority" In *The Translator Studies in Intercultural Communication* (Vol. 4, no. 2). Philadelphia: Temple University.  
 \_\_\_\_ (1999) *The Translator's Invisibility*, London and New York: Routledge.  
 \_\_\_\_ (Ed.) (2004 & 2012). *The Translation Studies Reader*, USA and Canada: Routledge.  
 Vilela, Mário (1994) *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*, Lisboa: Editorial Caminho.  
 Vlaeminck, Sylvia (2003) "A European Strategy for Linguistic Diversity and Language Learning" In Rüdiger Ahrens (Ed.), *Europäische Sprachenpolitik – European Language Policy*, Heidelberg: Universitätsverlag Winter GmbH.

Von Flotow, Luise (1997) *Translation and Gender*, Manchester: St. Jerome Publishing.

Williams, Raymond (1958) *Culture and Society*, London: Chatto and Windus.

\_\_\_ (1982) *The Sociology of Culture*, New York: Schocken.

#### WEBGRAFIA

English Dictionary. *Collins Dictionaries*. Consulta em várias datas em <http://www.collinsdictionary.com/>.

Fliporto. (3 de abril de 2011). 2010: *Richard Zimler, na Fliporto* [Youtube]. Consultável em <http://youtu.be/ovVP-3AFVT4>.

Map: Same-sex marriage in the United States. (26 de junho de 2015). *CNN*. Consulta a 9/jul/2015 em <http://edition.cnn.com/interactive/us/map-same-sex-marriage/>.

One Archives Foundation. Consulta a 26/nov/2014 em <http://www.onearchives.org/>.

SIDA – Estatísticas e Números em Portugal. *Roche*.

**É A VIGÉSIMA PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (DESDE 2003 EM BRAGANÇA).**

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL e**

**SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL**



MAIA 2013



LAGOA 2012

#### 21. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL

**M<sup>a</sup> HELENA DINIZ FERREIRA DA COSTA SIMÕES CHRYSTELLO**, Vice-Presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos Colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e Mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema ***Da Língua à Interculturalidade***: um estudo de caso, pela Universidade Aberta. Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e

Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse - Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional - Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lecionou, desde 1976 - 1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP - Prova de Aptidão Profissional).



Sta. Maria 2011

2013 (Gouveia na cadeira de Vergílio ferreira)



SEIA 2014



MAIA 2013

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 - 2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 - 1988). Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT - CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).





PDL 2013



Montalegre 2016

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) 2007 a 2009 e 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – Judite Jorge. Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”.

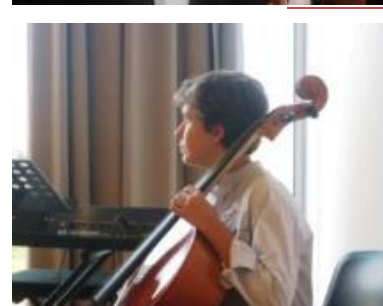
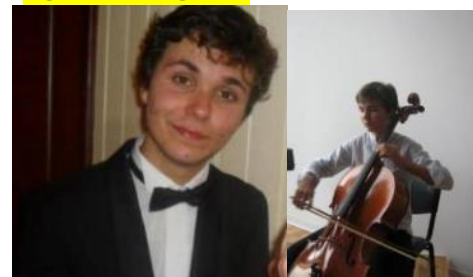
Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.



MAIA 2013

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO FAZ PARTE DO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL. LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. TOMOU PARTE EM TODOS OS 25 COLÓQUIOS. MODERA SESSÕES**

**22. HENRIQUE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA**



VILA DO PORTO 2011

SEIA 2014





PORTO 2011

VILA DO PORTO 2011

VILA DO

**HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA** - Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão. Aos 10 anos iniciou o estudo do Violoncelo e frequenta presentemente o 7º grau do curso de violoncelo, em regime articulado, na classe da professora Teresa Carvalho. Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana. Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira. Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

Em 2013 e 2014 atuou em dezenas de concertos, nomeadamente no acompanhamento de iniciativas da Viola da Terra

**JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO EM 2011.**

**EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CRÓNICAÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA, NO 20º EM SEIA 2013, NO XXIII FUNDÃO 2015.**

**ATUARÁ NUM DOS DOIS RECITAIS.**

### **23. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, ENTA (ESC. DE NOVAS TECNOLOGIAS DOS AÇORES), ASSESSOR TÉCNICO, SONOPLASTIA, LUMINOTECNIA, APOIO INFORMÁTICO**

Membro supranumerário dos Colóquios. Frequenta ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias / Instº Inovação Tecnológica dos Açores). Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas / Anais em

CD / DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que ele consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas ao roaming dos telemóveis / celulares).

Desde então desempenha funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem cartazes, ilustrações, capas, gravações dos CD / DVD e grande parte dos filmes e vídeos de homenagem aos autores açorianos.



BRAGANÇA 2009 AOS DOZE ANOS



RIO 2010



FLORIANÓPOLIS 2010



FLORIPA 2010



MACAU 2011

**JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO** (n. 1996)

[VEJA AQUI A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2010 PELO JOÃO PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL](#)

**PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO**

**PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, moinhos 2014, FUNDÃO 2015. POR MOTIVOS DISCENTES FALTOU NA GALIZA 2012, SEIA 2014, GRACIOSA 2015 E MONTALEGRE 2016**



MAIA 2013



FUNDÃO 2015

**24. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL) - AICL, PATRONO DESDE 2007**

**JOÃO MALACA CASTELEIRO** Licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa. É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É Professor Convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de Mestrado. Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986. A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à

lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*

Foi o coordenador do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991. Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como *Português Fundamental*, *Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo*, o *Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo* ou o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento. Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. **É patrono dos Colóquios da Lusofonia** desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado **ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA** em outubro 2012.



MACAU 2011



SEIA 2013

Graciosa 2015



MOINHOS 2014

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.  
PRESIDE à ASSEMBLEIA-GERAL.  
TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA.  
INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS**



Graciosa 2015



MAIA 2013



Montalegre 2016

**25. JOÃO PAULO CONSTÁNCIA, VICE-PRESIDENTE INST<sup>º</sup> CULTURAL DE PDL, ASSOCIAÇÃO ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUENTAL, AÇORES - CONVIDADO AICL**



GRACIOSA 2015



FUNDÃO 2015



Seia 2013

**João Paulo Alvão Serra de Medeiros Constância** é biólogo (Vice-Presidente e membro da Ordem dos Biólogos), professor universitário e há vários anos Vice-Presidente do Instituto Cultural de Ponta de Ponta Delgada, além de ter sido Diretor do Museu Carlos Machado, e membro ativo da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental.

O ICPD graças ao financiamento da Junta Geral e, a partir de 1976, aos subsídios do Governo Regional, bem como ao trabalho generoso das suas direções e de alguns dos seus sócios, o Instituto editou, ao longo dos anos, numerosas obras de autores açorianos, algumas de grande valia para o conhecimento da história dos Açores.

Não podendo enumerar todas, referimos algumas das mais importantes: *As Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso; *Crônicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, de frei Agostinho de Monte Alverne; *Margarida Animada*, de Francisco Afonso de Chaves e Melo; *Antero de Quental, subsídios para a sua biografia*, de José Bruno Tavares Carreiro; *Coleção de Documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, de Manuel Monteiro Velho Arruda; *Um Inverno Nos Açores e Um Verão No Vale Das Furnas*, de Joseph e Henry Bullar, tradução de João Anglin; *Os Capitães Donatários e Os Capitães Gerais*, de Francisco de Attayde Machado de Faria e Maia; *Romanceiro Popular Açoriano*, de Armando Côrtes-Rodrigues; *Escavações*, de Francisco Maria Supico; *Instituições Vinculares e Notas Genealógicas*, de João de Arruda Botelho e Câmara; *Era Uma Vez o Tempo*, de Fernando Aires (1º e 2º volumes); *Poder Municipal E Oligarquias Urbanas*, de José Damião Rodrigues; S.

*Miguel no Século XVIII, casa elites e poder*, de José Damiano Rodrigues; *Pêro Annes do Canto*, de Rute Dias Gregório; *Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, de *Celestino Sachet*; *Cartas particulares de José do Canto a José Jácome Correia*, pelo marquês de Jácome Correia. Tem inúmeros trabalhos publicados em conferência se em livros.



Bragança 2007

É o novo responsável pela Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja e é o primeiro leigo a ocupar este cargo na Diocese de Angra. João Paulo Constância, que já era um dos braços direitos do Pe Duarte Melo que pediu para sair da presidência desta comissão por motivos de natureza profissional, é técnico superior do Museu Carlos Machado e tem sido um dos agentes mais empenhados na inventariação do património cultural açoriano, com particular destaque para o património religioso móvel e imóvel existente no arquipélago dos Açores. João Paulo Constância vai manter toda a equipa que com ele vinha a trabalhar na anterior comissão e que é composta por vários elementos, todos eles leigos e profissionais da área da cultura e do património, nomeadamente, Ana Maria Raposo Fernandes, Igor Espínola de França, Isabel Soares de Albergaria, João Paulo Constância, José de Almeida Mello, Rute Dias Gregório e Susana Goulart Costa. João Paulo Constância foi nomeado no início de janeiro 2015 pelo Bispo de Angra depois da saída do Pe Duarte Melo, pároco de São José e Diretor do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel.

TEMA HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUINTAL: OS LIVROS DE ANTERO

**Não enviou trabalho final dentro dos prazos**

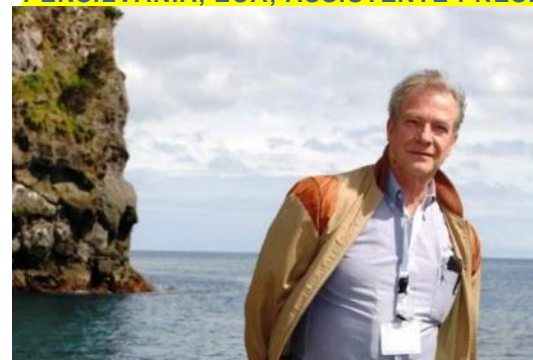
**TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 8º EM BRAGANÇA 2007, TENDO ESTADO EM SEIA 2013 (20º), FUNDÃO (23º) E (24º) GRACIOSA 2015**

110



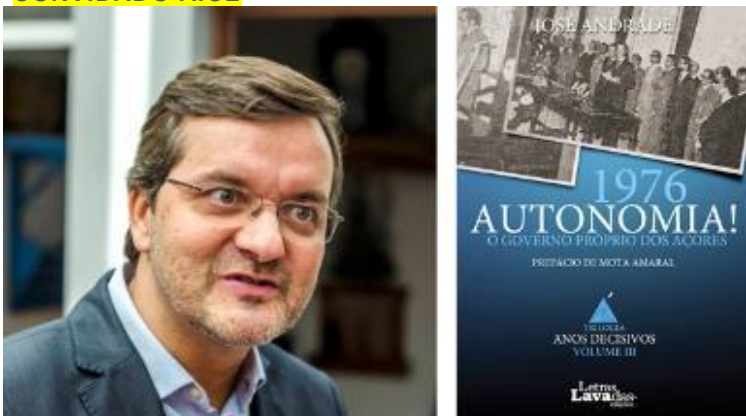
GRACIOSA 2015

**26. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL**



**JÁ TOMOU PARTE NO 17º NA LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, (25º) GRACIOSA 2015**

**27. JOSÉ ANDRADE, PARLAMENTO AÇORIANO – ALRA, ASSOCIAÇÃO ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUENTAL E ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, ESCRITOR – CONVIDADO AICL**



MAIA 2013

**JOSÉ MARIA DE MEDEIROS ANDRADE** Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (Cultura, Comunicação Social, Comunidades Açorianas), ex-vereador da Câmara de Ponta Delgada. Nascido em Ponta Delgada a 7 de fevereiro de 1966. Profissional da RDP Açores desde 1988. Licenciado em Ciências Sociais (Especialidade de Ciência Política). FUNÇÕES ATUAIS• Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma

dos Açores, especialmente dedicado aos assuntos da Cultura, Comunidades Açorianas e Comunicação Social (Desde 2012)

• Secretário da Comissão Permanente dos Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho da ALRAA

**PRÉMIO**

• "Personalidade do Ano 2012 nos Açores", na categoria de Cultura, eleito pelos leitores da Revista SABERFUNÇÕES ANTERIORES

• Vice-Presidente do PSD Açores (2009 / 2013)

• Diretor da Federação Portuguesa das Associações de Desenvolvimento Local (2010 / 2012)

• Vereador da Cultura, Ação Social, Desporto, Juventude e Cooperação Externa da Câmara Municipal de Ponta Delgada (2009 / 2012)

• Presidente da Comissão Executiva da Sociedade Coliseu Micaelense (2009 / 2012)

• Presidente da Direção da ARDE - Associação Regional para o Desenvolvimento (2009 / 2012)• Vogal do Conselho de Administração da Sociedade Coliseu Micaelense (2008 / 2012)

• Presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada (2002 / 2012)

• Presidente do Lyons Clube de S. Miguel (2010 / 2011)

• Chefe de Gabinete da Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (1999 / 2004 e 2008 / 2009)

• Diretor-Geral da Sociedade Coliseu Micaelense (2005 / 2008)

• Adjunto do Grupo Parlamentar do PSD na Assembleia Legislativa Regional dos Açores (2004)

• Secretário Geral Adjunto do PSD Açores (1999 / 2001)

• Adjunto do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada (1997 / 1999)

• Assessor de Imprensa do Presidente do Governo Regional dos Açores (1995 / 1996)

• Adjunto do Subsecretário Regional da Comunicação Social (1988 / 1995)

• Secretário-Geral da JSD Açores

• Presidente da Comissão Política da JSD da Ilha de S. Miguel• Presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Antero de Quental

**LIVROS PUBLICADOS**

• 1976: Autonomia! – O Governo Próprio dos Açores, 2016

• 1975 Independência. 2015 1974: Democracia, o 25 de abril nos Açores (2014)

• Senhor Santo Cristo dos Milagres - De Ponta Delgada para o Mundo (2013)

• A Festa do Senhor no coração dos Açores (2011)

• Coliseu Micaelense - Símbolo duma Geração (2004)

- Aqui Portugal - Os primeiros anos da telefonia nos Açores (2003)
- Concelho de Ponta Delgada: 500 anos de História - Cronologia de Figuras e Factos (2002) A Face Humana da Toponímia de Ponta Delgada (2001)
- Guia Política dos Açores (2000)
- História(s) do PPDA – Partido Popular Democrático Açoriano (1ª edição 1999) (2ª edição 2009)
- Semente – Prosas & Poesias (1984)

### JÁ TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO NA MAIA EM 2013

#### TEMA 1, DOIS LIVROS COM MÚSICA DENTRO, JOSÉ ANDRADE, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA

Hoje é o Dia Mundial da Música.

A música e os livros são determinantes para a afirmação da lusofonia.

Por isso trazemos aqui dois livros com música dentro.

Foram ambos editados este ano.

O primeiro é sobre a Rádio, o meio mais difusor da música nas nossas ilhas. Intitula-se **“Aqui Portugal” – Os Primeiros Anos da Rádio nos Açores** e foi lançado em maio para assinalar os 75 anos da Rádio Pública no arquipélago.

O segundo é sobre Filarmónicas, a expressão mais representativa da música nas nossas ilhas. Intitula-se **Banda da Relva & Filarmónicas dos Açores** e foi lançado em agosto para comemorar os 150 anos da Filarmónica de Nossa Senhora das Neves.

A Rádio e a Filarmonia são tópicos adequados para o Dia da Música no Colóquio da Lusofonia.

Dedico este texto a Chrys Chrystello, presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, para agradecer o honroso convite que me fez e para enaltecer o persistente esforço que faz.

Comecemos então, cronologicamente, pelas Filarmónicas.

#### I AS FILARMÓNICAS DOS AÇORES

Consta que a primeira vez que se ouviu uma Banda de Música no arquipélago dos Açores foi a 22 de fevereiro de 1832 na ilha de São Miguel. Desembarcou dos navios de D. Pedro que passavam por Ponta Delgada a defender o trono de Portugal para a sua filha D. Maria. Era composta por 13 elementos: um mestre, oito músicos, um tambor-mor, um cabo de tambores e dois pífanos.

Treze anos depois, em 1845, nasce em Ponta Delgada a primeira filarmónica das ilhas açorianas – a “Sociedade Phylarmonica Michaelense” – por especial influência do jornalista continental aqui radicado Francisco Maria Supico.

No ano seguinte, em 1846, volvida uma década sobre a instituição das charangas militares em Portugal, é criada em São Miguel a “Charanga Militar do Batalhão de Caçadores nº4 de Ponta Delgada”.

A sua estreia ocorreu a 29 de abril de 1847, no funeral no 1º Barão das Laranjeiras, Manuel de Medeiros da Costa Canto e Albuquerque, à época presidente da Junta Governativa da Província Oriental dos Açores.

No mesmo ano de 1846, a “Banda Harmónica Recreio dos Artistas Michaelenses” foi a segunda corporação musical de carácter civil instituída na cidade de Ponta Delgada, embora com arranque atribulado que obrigou a reorganizar-se em 1848 sob a designação de “Harmónica Michaelense”.

Foi a primeira banda a executar o popular “Hino do Divino Espírito Santo”, composto por Jacinto Inácio Cabral, e a primeira a animar os arraiais do Senhor Santo Cristo dos Milagres na cidade de Ponta Delgada, em 1851.

Entretanto, em 1849, surge a primeira banda filarmónica fundada na vila da Ribeira Grande e, em geral, na costa norte da ilha de São Miguel – a “Sociedade Escholastica Philarmonica”.

Depois de Ponta Delgada e da Ribeira Grande, também a vila da Lagoa tem a sua primeira filarmónica, a “Banda Lyra Lagoense”, fundada em 1850 na freguesia do Rosário.

No ano seguinte, em 1851, organiza-se em Ponta Delgada uma terceira filarmónica – a “Banda Marcial Estímulo” – e dois anos depois, em 1853, a antiga capital micalense, Vila Franca do Campo, assiste ao nascimento da sua primeira agremiação musical, inicialmente designada como “Banda Timbre” e mais tarde denominada “Banda Amizade”, sob proteção do 1º Marquês da Praia e Monforte.

Duas outras filarmónicas surgem também na cidade de Ponta Delgada – a “Banda Triunfo”, em 1853, e a “Banda Marcial dos Artistas”, em 1856.

Curiosamente, segundo Joaquim Maria Cabral na sua obra “Filarmónicas da Ilha de São Miguel”, considerava-se então assim o carácter das três resistentes agremiações citadinas:

*“Da ‘boa roda’ da nossa sociedade micalense se formava a ‘Estímulo’; na ‘meia-tigela’ da mesma (empregados do comércio e da indústria) recrutava-se os músicos para a ‘Triunpho’; e da ‘laranjinha do chão’ se enchia esta ‘Marcial dos Artistas’”.*

Ainda assim, participou esta última no lançamento da primeira pedra da cadeia da cidade no Bairro da Calheta, logo em 1856, e no lançamento da primeira pedra para a construção do Porto Artificial de Ponta Delgada, já em 1861.

Mas as bandas filarmónicas começavam a disseminar-se um pouco por toda a ilha de São Miguel – em Água de Pau, com a “Banda União” em 1859; na Povoação, com a “Banda Marcial Tropheo” em 1860; no Nordeste, com a “Banda Edificante” em 1861; de novo em Água de Pau, com a “Banda Estímulo Artístico” em 1863 (depois denominada como “Fraternidade Rural”); e até nos Mosteiros,



com a “Banda Recreio dos Mosteiros” também em 1863 (atualmente identificada como “Fundação Brasileira”).

Ainda em 1863, com o desaparecimento das filarmónicas de Ponta Delgada, improvisa-se uma banda que ficaria conhecida como “Música do Tamborinho”, para animar as procissões paroquiais e os arraiais do Espírito Santo, que deu lugar à “Banda Marcial Progresso” fundada na cidade em 1864.

No mesmo ano, surge a primeira de sucessivas filarmónicas na freguesia dos Fenais da Luz – a “Banda Marcial da Luz”, depois denominada “Banda Luz e Glória” – com a proteção material do Barão da Fonte Bela e do Visconde das Laranjeiras. Também em 1864, nasce no vale das Furnas a “Banda Harmónica Furnense”.

É assim que chegamos ao ano de 1866 e à fundação da Filarmónica de Nossa Senhora das Neves, popularmente conhecida como Banda da Relva, que agora comemora 150 anos de atividade ininterrupta.

Foi a primeira filarmónica açoriana a assumir a designação da padroeira local, embora tenha sido denominada como “Banda Popular Progressista Relvense”, desde 1879 e até ao centenário, em reconhecimento do apoio prestado pelo Partido Progressista.

Era a 11ª filarmónica do concelho de Ponta Delgada, a 19ª da ilha de São Miguel, a 25ª do arquipélago dos Açores. É uma das 8 filarmónicas açorianas que contam mais de 150 anos de existência, conjuntamente com a Filarmónica União Popular (da Calheta de São Jorge), a Filarmónica Artista Faialense (da cidade da Horta), a Filarmónica Eco Edificante (do Nordeste), a Filarmónica Fraternidade Rural (de Água de Pau), a Banda Fundação Brasileira (dos Mosteiros), a Filarmónica Liberdade Lajense (das Lajes do Pico) e a Banda Harmónica Furnense (das Furnas).

Estas 8 filarmónicas com mais de um século e meio de existência integram um conjunto de 40 bandas açorianas que já comemoraram o seu centenário.

Em todas as ilhas, em quase todos os concelhos, na maioria das nossas freguesias, os Açores contam hoje com mais de 100 filarmónicas que mobilizam mais de 4.000 músicos amadores.

Existem exatamente 105 filarmónicas ativas – 37 em São Miguel, 25 na Terceira, 15 em São Jorge, 13 no Pico, 8 no Faial, 4 na Graciosa e 3 em Santa Maria, Flores e Corvo – numa população insular de 246 mil açorianos.

E existem oficialmente cerca de 600 bandas numa população continental de 10 milhões de portugueses. Ou seja, se no continente há uma filarmónica por cada 17.000 habitantes, nos Açores temos uma por cada 2.000. E se há ilhas onde subsiste uma única filarmónica – como Santa Maria, Flores e, notavelmente, o Corvo – outras há que conseguem uma cobertura integral – como, por exemplo, a Graciosa, com quatro filarmónicas nas suas quatro freguesias.

Mas há casos ainda mais impressionantes de localidades com duas filarmónicas em atividade simultânea – como, por exemplo, Mosteiros e Rabo de Peixe. E há também o caso extremo de duas pequenas freguesias do concelho da Calheta de S. Jorge – Topo e Santo Antão – que somam pouco mais de 1.000 habitantes e conseguem manter quatro filarmónicas ativas.

As bandas filarmónicas são, assim, a expressão mais representativa da cultura popular açoriana. Hoje, como ontem.

Desde a pioneira “Sociedade Phylarmonica Michaelense” em 1845, foram fundadas nos Açores quase 200 bandas de música e mais de metade ainda consegue resistir. Estamos, portanto, perante um fenómeno cultural com dimensão e com tradição.

Mais de 4.000 músicos, de ambos os sexos e de todas as idades, correspondem, por si só, à população de algumas ilhas dos Açores. E poucas instituições culturais açorianas serão tão antigas como muitas das nossas bandas de música.

Para além da sua representatividade e da sua antiguidade, as filarmónicas dos Açores assumem e exercem uma verdadeira função social a par da sua reconhecida importância cultural.

Nalgumas freguesias, a sociedade filarmónica é a principal – e até, por vezes, a única – instituição capaz de envolver e ocupar a juventude local num convívio intergeracional saudável e proveitoso. A filarmónica é o dinamizador social e o embaixador cultural das nossas freguesias, mas é também um “conservatório do povo” e uma escola de vida para as novas gerações.

Na freguesia, no concelho e na ilha, como nos Açores em geral, as filarmónicas cumprem uma missão cultural, exercem uma função social e até servem uma dimensão económica, designadamente no âmbito da animação turística.

As nossas filarmónicas merecem, por isso, a homenagem que assim prestamos neste Colóquio da Lusofonia em Dia Mundial da Música.

Uma homenagem extensiva à rádio açoriana, também ela reunindo, identificando e afirmando as nove ilhas do arquipélago, essencialmente, através da música. Neste ano das “bodas de diamante” da Rádio Pública dos Açores, vale a pena recordar como tudo começou.

## II A RÁDIO NOS AÇORES

A nossa história começa em 1896, na Itália, quando Guilherme Marconi regista a patente do primeiro aparelho de telegrafia sem fios. Vinte e sete anos depois, a rádio chega a Portugal. Em 1923, é criada em Lisboa a Sociedade Portuguesa de Amadores de Telefonia Sem Fios. E cinco anos depois, a rádio chega aos Açores.

No dia 15 de julho de 1928, um auxiliar do laboratório de física do Liceu Nacional Antero de Quental, de seu nome Jacinto Pedro Ribeiro, realiza em

Ponta Delgada a primeira emissão radiofónica de que há notícia nestas ilhas, com um aparelho que ele próprio construiu.

Nos anos seguintes, outros pioneiros da rádio açoriana inauguram em Ponta Delgada os seus postos emissores: João Soares Júnior e José Manuel Gomes em 1929, Henrique Pereira da Costa em 1930, Francisco Noronha Moniz e Manuel António de Vasconcelos Júnior em 1931, aos quais se junta Fernando Bettencourt em 1933 na ilha Terceira.

Só mais tarde, em 1935, é criada na metrópole a Emissora Nacional, emitindo também para as ilhas adjacentes com a regularidade que as condições atmosféricas permitiam. Entretanto, no final dos anos 30, o poder oficial cala as vozes privadas e os açorianos atravessam um deserto radiofónico até ao oásis de 1941.

Estamos agora em plena segunda guerra mundial.

Cumprindo o plano estabelecido pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, depois de instalados os postos de retransmissão de Porto, Coimbra e Braga, a Emissora Nacional anuncia para breve o Posto Regional de Ponta Delgada. O engenheiro Edmundo de Abreu e Melo, chefe dos Serviços Exteriores da rádio oficial, desloca-se a São Miguel para montar e dirigir “a grande obra do Estado Novo” na vivenda da Avenida Gaspar Frutuoso que era propriedade do advogado Augusto Rebelo Arruda.

A primeira emissão experimental realiza-se logo a 28 de maio de 1941, quando Ponta Delgada comemora o 15º aniversário da Revolução Nacional com uma parada militar de homenagem a Óscar Carmona e Oliveira Salazar.

E repete-se todos os dias, das 20 às 22 horas, ao som de uma moderna grafonola eletrónica, com o mesmo indicativo de abertura: “Aqui Portugal, Ponta Delgada, Emissor Regional dos Açores da Emissora Nacional”.

A boa receção das suas emissões em onda curta é sucessivamente confirmada na Madeira, no continente português, na América, na Austrália.

Durante a década de 40, por aqui passam as reportagens da visita do Presidente Carmona aos Açores e do centenário do nascimento de Antero de Quental; as palestras de Francisco Carreiro da Costa, Ruy Galvão de Carvalho, Agnelo Casimiro e Diniz da Luz; os programas da Mocidade Portuguesa e os ciclos de conferências eleitorais; a “Hora da Saudade para o Expedicionário” e até um “Curso de Ginástica Radiodifundida”.

Por aqui passam também o conjunto de Licínio Costa, a orquestra de Teófilo Frazão, o Orfeão da Academia Musical de Ponta Delgada e a música dos “Coriscos da Rádio”, enriquecendo uma produção própria agora dirigida por Carlos de Lima Araújo, que tem como primeiros locutores oficiais Fernando Pereira de Almeida e Sílvio do Couto, entre importantes colaboradores regulares como António Horácio Borges e Victor Cruz. Estas e outras figuras e factos

marcam a primeira década do Emissor Regional dos Açores, que culminaria com as primeiras emissões do Clube Asas do Atlântico, em 1947, em Santa Maria, e do Rádio Clube de Angra, em 1949, na ilha Terceira.

Mas outros acontecimentos são dignos de registo nos anos iniciais da Rádio Pública dos Açores: Em dezembro de 1941, a primeira participação direta do Emissor Regional na programação da Emissora Nacional;

Em janeiro de 1942, o aumento de potência do Emissor Regional de 1 para 10 quilovátios e a primeira campanha eleitoral realizada na rádio açoriana;

Em maio de 1943, a primeira transmissão das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres em Ponta Delgada assegurada para o estrangeiro;

Em fevereiro de 1945, a primeira transmissão de discos ortoacústicos e a estreia do primeiro reproduzidor duplo de discos;

Em março de 1945, a transmissão da primeira reportagem radiofónica previamente gravada;

Em julho de 1945, a introdução da “Revista da Imprensa” na rádio açoriana;

Em janeiro de 1947, a primeira transmissão direta de um espetáculo de ópera;

Em outubro de 1948, o início do primeiro magazine informativo do Emissor Regional;

Em janeiro de 1949, a primeira mensagem radiofónica de Ano Novo, pelo Governador do Distrito de Ponta Delgada, e a primeira transmissão de uma sessão de propaganda eleitoral;

Em maio de 1949, a primeira crónica quinzenal sobre Desporto e a transmissão da primeira reportagem radiofónica da ilha do Faial;

Em novembro de 1949, o início da transmissão de “Notícias do País” da Emissora Nacional pelo Emissor Regional;

Em dezembro de 1949, a transmissão do primeiro programa de Natal produzido pelo Emissor Regional e, no dia 31, o primeiro prolongamento extraordinário da sua programação para além da meia-noite.

O “Emissor Regional dos Açores da Emissora Nacional”, depois “Centro Regional dos Açores da Radiodifusão Portuguesa” e agora “Antena 1 Açores” iniciava desta forma, há 75 anos, o serviço público de rádio que traz o mundo ao arquipélago, reúne as nove ilhas entre si e projeta a região além-fronteiras.

Mas a prova maior do seu contributo para a própria lusofonia ficou desde logo confirmada pela correspondência recebida no Emissor Regional dos Açores durante os anos 40, que fomos encontrar no arquivo histórico da empresa.

Aqui ficam alguns exemplos representativos.

Uma carta de novembro de 1941, proveniente da Inglaterra:

*“A vossa estação de onda curta de Ponta Delgada é recebida aqui com bom sinal. Hoje ouvi o anúncio “Here is the Portuguese National transmitter Ponta Delgada” (em português), seguido de música popular portuguesa.”* (Don Tilly – Bristol, Inglaterra)

Uma carta de janeiro de 1943, proveniente da Suécia:

*“Estou a enviar-vos algumas linhas de agradecimento pelos vossos esplêndidos programas. A vossa coleção de discos de gramofone é excelente. Espero que continuem com a vossa excelente estação.”* (Sven Dahlberg – Vasteras, Suécia)

Da Europa para a África, com uma carta de julho de 1943, proveniente de Cabo Verde:

*“Escutei por vezes as vossas emissões no comprimento de onda de 27 metros e sempre em boas condições. Modulação boa, ouvindo-se com nitidez noticiários e música. Isto acima foi observado na zona de todo o nosso arquipélago de Cabo Verde.”* (Almeida Neto – Cabo Verde)

Uma carta de junho de 1942, proveniente de Angola:

*“É com o mais vivo prazer, que diariamente ouço, desde o início, os programas irradiados por esse emissor. Apenas uma hora; mas uma hora de prazer espiritual, o que nem sempre sucede com as emissoras portuguesas. E, tem mais valor para mim, porque abre com um quarto de hora de música portuguesa, depois, sem saltos bruscos, passa a música ligeira, quasi sem nos apercebermos da mudança, bem como desta para a clássica. Não massa; distrai, entretém o espírito e deixa-nos sempre com uma vaga saudade do ‘terminou o nosso programa’. Bom volume de som, boas condições de audibilidade e bela locução, que sobressai, sem destoar. Por todos estes motivos, estou inteiramente grato.”* (A. Costa e Silva – Luanda, Angola)

Outra carta também de 1942 e também proveniente de Angola:

*“É com imenso prazer que lhe comunico que esse posto emissor se ouve em Angola. (...). Ouve-se com alguns ruídos, mas como é muito forte ouve-se tão bem como a de Moçambique e muito melhor que a Emissora Nacional.”* (Antenor da Silva Carranca – Sá da Bandeira, Angola)

Da África para a América, com uma carta de setembro de 1941, proveniente dos Estados Unidos:

*“Julgo que a vossa estação é recente, porque nunca antes a tinha escutado. Estou muito surpreendido com o vosso bom sinal e por isso tenho curiosidade de saber qual a potência que utilizam. As mais potentes estações de rádio da Europa captadas aqui são, respetivamente, Londres, Berlim, Roma e Moscovo.”* (Chas. M. Robison – Waterloo, Iowa, EUA).

Outra carta dos Estados Unidos da América, em outubro de 1941:

*“Escrevo para informar que escutei a vossa estação ‘Ici Portugal em Ponta Delgado’. Tenho escutado as ondas curtas há dois anos e recebo cartões de confirmação das estações de muitos países, mas ainda nenhum dos Açores, o que gostaria muito. Tenho 15 anos de idade.”* (Allan Moser – Illinois, EUA).

Mais uma carta dos Estados Unidos, datada de novembro de 1941:

*“Tive o prazer de ouvir a estação ‘Radio Ponta Del Gada’ pela primeira vez. (...) Gostei muito do programa e espero voltar a ouvi-lo mais vezes.”* (Stanley Borowski – Brooklyn, New York, EUA).

Finalmente e surpreendentemente, da América para a Oceânia, agora com uma carta de janeiro de 1942, proveniente da Austrália:

*“Há algumas semanas a receção da vossa estação, ‘Portuguesa Ponta Delgada Emissora Nacional’, foi referida no ‘Radio Journal’ aqui de Sydney. Tendo tentado, sem sucesso, captar algumas das vossas transmissões, fiquei muito satisfeito quando finalmente consegui, ontem de manhã, ouvir aqui parte da vossa transmissão. (...) Nas minhas escutas anteriores, só muito raramente consegui captar qualquer estação portuguesa de onda curta, pelo que envio agora, com muito prazer, este relatório de receção da vossa estação. As ilhas dos Açores não são muito conhecidas neste país e julgo mesmo que a estação de rádio de Ponta Delgada nunca teria sido captada por qualquer ouvinte australiano.”* (R. K. Clack – Sydney, Austrália)

E uma carta de janeiro de 1942, proveniente da Nova Zelândia:

*“Tenho o prazer de enviar o relatório de receção da vossa estação, emitindo em 7.305 megaciclos. (...) A vossa estação emite em boas condições, sofrendo por vezes interferências que dificultam a audição. A confirmação deste relatório seria muito apreciada.”* (Arthur T. Cushen – Invercargill, Nova Zelândia)

Nos antípodas dos Açores, como expressão máxima da força da lusofonia, terminamos assim esta viagem pelos 88 anos da rádio açoriana, a propósito das “bodas de diamante” do Emissor Regional, e pelos 171 anos das nossas filarmónicas, a pretexto do século e meio da Banda da Relva.

Dois factos comemorados, dois temas inter-relacionados, dois livros recém-editados.

Em todos os casos, uma única certeza – a lusofonia em geral e a açorianidade em especial, que nos identificam culturalmente e nos distinguem mundialmente, foram sempre e sempre serão a nossa valia maior.

#### TEMA 2 HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUENTAL: A(S) CIDADE(S) DE ANTERO, JOSÉ ANDRADE, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUENTAL

Entendeu a “Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia” convidar e honrar a “Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental” para organizar e apresentar um painel evocativo dos 125 anos da morte física do nosso poeta imortal. Depois e melhor do que eu falarão os colegas de direção Maria João Ruivo e João Paulo Constância e, sobretudo, o ilustre presidente da nossa Delegação de Lisboa, Doutor Eduíno de Jesus, também ele um poeta conhecido e reconhecido por todos.

Enquanto presidente da Associação, cumpre-me uma comunicação inicial de enquadramento geral, que prefiro centrar na notoriedade pública e perene de Antero de Quental dentro e fora da sua cidade de Ponta Delgada. Sabemos todos que a Cidade de Antero, onde o poeta nasceu e morreu, presta merecida homenagem à sua memória com uma escola, uma avenida, um jardim, monumentos, bustos e placas. Mas nem todos sabemos que Antero de Quental é igualmente homenageado na toponímia e na estatuária de dezenas de outras cidades em Portugal e no estrangeiro.

Confesso-me surpreendido pelo resultado final da pesquisa realizada, ainda assim certamente incompleta. Consagrado desde sempre e para sempre como a mais importante personalidade cultural de Ponta Delgada e dos Açores, o poeta-filósofo dissemina o seu nome pelos espaços públicos da lusofonia, desde logo no nosso país, mas também, por exemplo, no Brasil.

É isso que vamos aqui conhecer ou recordar.

Faremos, primeiro, uma viagem ao encontro de Antero nas outras cidades.

Teremos, depois, uma visita guiada pela cidade de Antero.

## I ANTERO NAS CIDADES

Para além da cidade de Ponta Delgada, há outras localidades açorianas com o seu registo toponímico, como o “Largo Antero de Quental” em Vila Franca do Campo e em Vila do Porto. Também por terras madeirenses temos a “Rua Antero de Quental” na freguesia de Santo António da cidade do Funchal.

Mas é no continente português que vamos encontrar uma “Rua Antero de Quental” em mais de duas dezenas de cidades, como Albufeira, Amadora, Cantanhede, Coimbra, Évora, Faro, Gaia, Lagoa, Lagos, Lisboa, Loures, Macedo de Cavaleiros, Matosinhos, Odivelas, Oeiras, Ovar, Palmela, Porto, Seixal, Sesimbra e Sintra.

Na capital portuguesa, por exemplo, nove anos depois do falecimento do nosso poeta maior, a Câmara Municipal de Lisboa designou como “Rua Antero de Quental” o arruamento compreendido entre o Largo do Intendente e o Largo do Conde do Pombeiro. E na “cidade invicta”, a primitiva “Travessa do Campo Lindo”, depois designada como “Rua da Rainha”, é hoje a “Rua Antero de Quental” – onde, curiosamente, se encontrava o primeiro campo do Futebol Clube do Porto.

Se há mais de duas dezenas de ruas com o nome de Antero noutros tantos centros urbanos do continente português, existem também, pelo menos, cinco “Avenidas Antero de Quental”, designadamente, nas cidades de Braga, Fafe, Montijo, Setúbal e Vila Franca de Xira. E vamos ainda encontrar um “Largo Antero de Quental”, por exemplo, nas cidades de Almada, Benavente e Vila do Conde.

Aliás, em Vila do Conde, a Câmara Municipal adquiriu e restaurou o imóvel onde Antero viveu durante dez anos, de 1881 a 1891, como sua última residência

no continente português, inaugurando este polo cultural em 2013 também para acolher o Centro de Estudos Anterianos – uma associação fundada em 1994 por Guilherme d’Oliveira Martins e Ana Maria Almeida Martins.

Para além de avenidas, ruas e largos de norte a sul de Portugal continental, Antero está imortalizado também em monumentos, estátuas e bustos.

Em Lisboa, vamos encontrar um Memorial a Antero de Quental na Praça do Príncipe Real e uma estátua sua no Jardim da Estrela, esculpida em mármore por Barata Feyo e inaugurada em 1951 pela câmara municipal. Neste jardim havia sido colocado em 1929 um busto da autoria de Diogo de Macedo, por iniciativa do “Diário dos Açores”, que foi depois oferecido pela Câmara de Lisboa à Câmara de Coimbra, encontrando-se desde 1953 instalado no Parque Dr. Manuel Braga da “cidade do Mondego”.

Um Monumento a Antero de Quental, da autoria do escultor micalense Álvaro Raposo de França, foi recentemente instalado no “Parque dos Poetas” da cidade de Oeiras.

E outra estátua de Antero, da autoria de Rodrigo Baeta, foi inaugurada pela Câmara Municipal de Torres Vedras, em 2009, junto à praia de Santa Cruz, onde o nosso poeta passou férias no verão de 1870.

Se já é notável o reconhecimento nacional ao “maior de todos nós”, como lhe chamou Ruy Galvão de Carvalho, é ainda mais impressionante a importância atribuída a Antero de Quental, no outro lado do Atlântico, pela toponímia das terras brasileiras.

Rio de Janeiro e São Paulo, duas metrópoles da lusofonia à escala global, são o expoente máximo dessa universalidade de Antero.

Na “cidade maravilhosa”, vamos encontrar uma grande “Praça Antero de Quental” em pleno Leblon, o bairro nobre da zona sul entre Ipanema e Copacabana, onde, inclusivamente, está a ser ultimada a construção da Estação de Metro “Antero de Quental”.

No Estado do Rio de Janeiro há ainda uma “Rua Antero de Quental” em Botafogo, no município de Nova Iguaçu, mas é no Estado de São Paulo que se encontram, pelo menos, cinco ruas com o nome do poeta.

Há uma “Rua Antero de Quental” na própria cidade de São Paulo e outras nas cidades de Atibaia, Santo André, Santa Bárbara d’Oeste e Itaquaquecetuba.

Mas se formos ainda a outras terras brasileiras, encontramos uma “Rua Antero de Quental” em Fortaleza, capital do Estado de Ceará, e em duas cidades do Estado do Paraná – Curitiba e Ponta Grossa.

É curioso constar como a universalidade de Antero vai de Ponta Delgada a... Ponta Grossa. Regressemos agora à primeira.

## II A CIDADE DE ANTERO

Por muito importante que seja a vivência nacional de ontem e a projeção internacional de hoje, Ponta Delgada é o berço e o túmulo de Antero de Quental.

A nossa cidade assume essa honra de forma pública e perene, num roteiro anteriorano que importa absorver e promover.

Façamos uma breve visita-guiada pelas marcas de Antero na sua cidade.

Partimos da casa onde nasceu, a 18 de abril de 1842, na freguesia de São Sebastião, em pleno centro histórico de Ponta Delgada. Localiza-se na então designada “Rua do Lameiro”, a que a câmara municipal atribuiu a atual toponímia de “Rua do Castilho”, em 1886, para homenagear o pedagogo António Feliciano de Castilho. Está esta casa identificada desde 1832 com uma placa municipal alusiva ao nascimento de Antero.

Seguimos para o Solar do Bom Sucesso, da família Quental, onde Antero viveu de agosto de 1867 a outubro de 1868, no lugar do Ramalho da freguesia de Santa Clara. Prosseguimos para a antiga Rua de Santa Catarina de Baixo e atual Rua José Bensaúde, na freguesia de S. José, a visitar a casa do importante industrial micaelense José Bensaúde, que foi a última morada de Antero de Quental, desde agosto de 1887, da qual saiu para pôr termo à vida. E terminamos no emblemático Campo de S. Francisco, onde Antero se suicidou no banco de madeira junto à cerca do Convento da Esperança, a 11 de setembro de 1891, e onde a “Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental”, com a Câmara Municipal de Ponta Delgada, colocou a 11 de setembro uma placa alusiva do 125º aniversário.

A estes quatro marcos da vida de Antero em Ponta Delgada juntam-se agora muitos outros registos monumentais e toponímicos de homenagem póstuma na sua cidade. Desde logo, o monumento funerário da sua última morada na entrada sul do Cemitério de S. Joaquim, onde foi colocado em 1894 um poema de João de Deus: “*Aqui jaz pó. Eu não. Eu sou quem fui – raio animado d’essa luz celeste à qual a morte as almas restitui, restituindo à terra o pó que as veste*”.

Próximo do cemitério de Ponta Delgada encontra-se a “Avenida Antero de Quental”, com a atual toponímia atribuída pela câmara municipal, em 1971, à antiga “Rua do Papa Terra”. Curiosamente, “Avenida Antero de Quental” foi também a designação inicial do aterro destinado à construção da avenida litoral da cidade, denominada como “Avenida Infante D. Henrique” desde 1960.

Entre a antiga e a atual “Avenida Antero de Quental” encontra-se o “Jardim Antero de Quental”, com um importante monumento ao nosso poeta que inclui um busto de bronze da autoria do escultor micaelense Canto da Maia, ladeado pelos sonetos “Solemnia Verba” e “Contemplação”, no âmbito de um projeto arquitetónico de Soares Branco inaugurado pelo centenário de 11 de abril de 1942.

É próximo deste jardim que se ergue o antigo Palácio de Fonte Bela, construído em meados do século XIX pelo barão Jacinto Inácio Rodrigues da Silveira, para onde foi transferido em 1921 o Liceu Central de Ponta Delgada,

depois Liceu Antero de Quental e agora, desde 1979, “Escola Secundária Antero de Quental”.

No “Largo dos Mártires da Pátria”, que lhe fica fronteiro, encontramos mais um busto público de Antero, da autoria do escultor Diogo Macedo, e no jardim interior da própria escola reencontramos um Baixo-relevo de Xavier Costa e Júlio Cascais com a reprodução de um soneto anteriorano que está gravado também no coração dos antigos alunos do nosso liceu:

*“As fadas... eu creio nelas!  
Umam são moças e belas,  
Outras, velhas de pasmar...  
Umam vivem nos rochedos,  
Outras, pelos arvoredos,  
Outras, à beira do mar...”*

Começa assim este poema e termina assim este texto. Na Escola de Antero e no Colóquio da Lusofonia.

## 28. JOSÉ DO COUTO RODRIGUES, PORTUGUESE HERITAGE PUBLICATIONS OF CALIFORNIA, CALIFÓRNIA



**José do Couto Rodrigues** (na foto à esquerda) é um emigrante com milhares de horas dedicadas ao trabalho voluntário em inúmeras associações culturais e beneficentes de expressiva importância para o desenvolvimento das

comunidades portuguesas daquele estado americano que tem na sua história a forte presença do emigrante açoriano.

Nascido na Ilha de São Miguel, na freguesia da Lomba da Maia, na costa norte, Concelho da Ribeira, cursou até ao sexto ano do Liceu Nacional Antero de Quental em Ponta Delgada e, com 19 anos, emigrou para a Califórnia percorrendo o difícil caminho de todo o emigrante que cedo é apartado da família para correr atrás da sua estrela guia, do seu amanhã.

Na bagagem, toda uma história de vivências e mundividências. *“Naqueles anos os mais pequenos eventos tinham um significado enorme nas nossas vidas: a festa da padroeira da freguesia, a matança do porco, a passagem dos romeiros pela Páscoa, o bailinho no terreiro pela festa de São João, as vindimas...”*, memória mítica de um tempo findo, arquivos de um passado não tão distante, abertos e partilhados com simplicidade.

Deixou para trás a singela freguesia que se esgueira na alongada elevação, debruçando-se sobre o Atlântico Norte. Uma paisagem magnífica que alinda o olhar a cada regresso, desde a praia da Viola com seus antigos moinhos de água, e embala a saudade da terra de pertença. Certo estava William Faulkner ao dizer que *“todo o homem é a soma do seu passado”*.

Nos Estados Unidos, o filho do senhor José e da dona Albina Bento Rodrigues, completou sua formação educacional, os cursos de Bacharelato em Marketing e Master of Business Administration MBA na Universidade Estadual de San Francisco (SFSU).

Construiu na Califórnia sua vida familiar e profissional de sucesso, desde 1963, trabalhando na defesa e na promoção social do emigrante na terra de acolhimento, na preservação e difusão dos valores e tradições culturais de Portugal, dos Açores – seu mundo Ilha – *“Não devemos continuar a pensar que nascemos num arquipélago. Somos é de uma ilha com nove nomes,”* recomenda sabiamente o escritor Daniel de Sá.

José do Couto Rodrigues é um cidadão atuante, sempre à frente, numa liderança inegável em dezenas de atividades comunitárias. Um amigo leal, um ser humano admirável, merecedor de todas as homenagens como o Prémio “Community Service” que em 2012 recebeu na Califórnia – a sua terra de adoção. (texto de Leila Nunes).

AUTOR, COAUTOR E INVESTIGADOR DE The Holy Ghost Festas: A Historic Perspective of the Portuguese in California 2003, Portuguese Heritage Publications of California

Power of the Spirit – A Portuguese Journey of Building Faith and Churches in California, 2012, Portuguese Heritage Publications of California

Portuguese in California Oral History Project, The Bancroft Library of the University of California, Berkeley

Untamed Dreams – Faces of America 2016, Portuguese Heritage Publications of California

**TEMA** PHPC PORTUGUESE HERITAGE PUBLICATIONS OF CALIFORNIA, (PUBLICAÇÕES HERANÇA PORTUGUESA), – A EDITORA DA COMUNIDADE PORTUGUESA DA CALIFÓRNIA. UNTAMED DREAMS – FACES OF AMERICA SONHOS INDOMÁVEIS – ROSTOS DA AMÉRICA, JOSÉ DO COUTO RODRIGUES

Como país de imigrantes, a história e a literatura dos Estados Unidos estão indelevelmente repassadas pela saga migratória. A nova vivência daqueles que um dia procuraram, para além do horizonte, a realização das suas capacidades, as lutas para ultrapassar os novos obstáculos na América, a coragem sem limites, a esperança inviolável de alcançar sucesso e os relatos das conquistas dos recém-chegados e dos seus descendentes – em geral moldados pelo trabalho árduo, sacrifício e solidão – surgem, com frequência, como pano de fundo da história nacional.

Tal como já havia acontecido com outros grupos étnicos, histórias de dezenas de imigrantes portugueses e seus descendentes na Califórnia, que ilustram o contributo prestado ao país de acolhimento, estão agora compendiadas na nova publicação **Untamed Dreams – Faces of America** (Sonhos Indomáveis – Rostos da América) da editora comunitária Portuguese Heritage Publications of California, sob a coordenação de Francisco Henrique Dinis e José do Couto Rodrigues. Esta coletânea recolhe e imortaliza as histórias de personagens que, pelo seu trabalho, dedicação, altruísmo e caráter, personificam a indomável vontade de vencer do imigrante Português.

Num momento em que o tema da imigração domina a discussão política mundial, mas muito especialmente nos Estados Unidos, onde as eleições presidenciais aguçam posturas políticas extremadas, **Untamed Dreams – Faces of America** vem enriquecer esse debate com a divulgação de exemplos de portugueses que deram o seu precioso contributo para a criação deste rico matizado americano, o denominado *melting pot*. A editora Portuguese Heritage Publications, uma iniciativa de voluntários, dedica-se exclusivamente à pesquisa, preservação e disseminação da história da presença dos portugueses na Califórnia. Fundada há cerca de uma década, a PHPC conta com trabalhos de pesquisa aprofundada sobre as festas do Divino Espírito Santo, o contributo luso-americano na agricultura e agropecuária, caça da baleia, onda migratória pós-Capelinhos, igrejas e clero português, um livro bilingue para crianças, e ainda 17 títulos de temática de imigração por autores da diáspora e dos Açores, entre os quais, Álamo Oliveira e Vasco Pereira da Costa.

Embora a Califórnia tivesse sido descoberta em 1542 por João Rodrigues Cabrilho, navegador português ao serviço de Espanha, é o desembarque de António José Rocha na cidade de Monterey em 1814 que marca o início da

comunidade portuguesa no estado da Califórnia. Desde então, em vagas sucessivas, consequência dos mais diversos acontecimentos – a descoberta do ouro na Califórnia, a caça à baleia costeira, a situação da economia portuguesa no início do século XX, a erupção do vulcão dos Capelinhos, entre outros eventos, a comunidade portuguesa da Califórnia tem vindo a crescer e a distinguir-se como uma das mais importantes comunidades daquele estado, atualmente com mais de 38 milhões de habitantes e a sexta maior economia do mundo.

A necessidade premente de pesquisar, preservar e disseminar estes 202 anos da nossa história está na origem da criação da editora comunitária, Portuguese Heritage Publications (Publicações Herança Portuguesa), uma organização sem fins lucrativos dirigida por 24 indivíduos que constituem o Conselho Administrativo o qual representa o enorme leque de organizações portuguesas de carácter cultural na Califórnia.

Os reconhecidos atributos da nossa comunidade - ordeira, trabalhadora e de integração fácil – foram a inspiração para a mais recente publicação da nossa editora, *Untamed Dreams-Faces of América* (Sonhos Indomáveis – Rostos da América), publicado em junho deste ano.

Untamed Dreams, uma coletânea de histórias de gente da nossa comunidade que pelo seu trabalho, dedicação, altruísmo e carácter, personificam a indomável vontade de vencer do imigrante Português. O lançamento desta obra aparece na altura exata em que o debate nacional, neste ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos, para não se falar da discussão mundial, enfocam precisamente as ondas migratórias, o drama por vezes associado com as mesmas, como ainda os seus futuros contributos para as novas sociedades.

Este livro narra nas suas 360 páginas a história destes novos imigrantes e seus descendentes que venceram desafios, ultrapassaram dificuldades da mais diversa ordem, adotaram nova língua, um novo sistema social e profissional e novas maneiras de pensar. Na agropecuária, nos sindicatos laborais, na agricultura, na pesca do atum, na imprensa, nas sociedades de socorros mútuos, nas mais variadas indústrias, estes indivíduos deram do seu melhor para ajudarem a criar este matizado norte-americano - o *melting pot* que todos admiramos.

Untamed Dreams revela-nos a história de Frank Sousa, descendente da vizinha freguesia da Achada, um homem que guiado pelo respeito pelo trabalho e pelo trabalhador, leva-o à presidência de um dos maiores sindicatos laborais da costa oeste dos Estados Unidos.

Ou Agnelo Clementino, um filho desta Lomba da Maia, que apesar da tragédia da emigração para San Domingos em 1940, onde a fome e os maus tratos patronais obrigaram quase todos a regressarem aos Açores, inspirou-o a procurar novas avenidas e não a derrota do regresso. Anos mais tarde, depois de

trabalhar na Venezuela e em Washington DC, Agnelo emigrou para a Califórnia e ali fundou um programa radiofónico diário que durou por quase trinta anos, tornou-se importador e apresentador de filmes e artistas portugueses, foi reconhecido líder comunitário, e benfeitor de várias organizações regionais desta ilha.

Ou o conjunto de instrumentos de cordas, Point Loma Strings de San Diego, formado por quatro emigrantes - 3 picoenses e um ilhavense - dedicados líderes na indústria da pesca do atum que por dezenas de anos utilizarem o seu enorme talento de músicos amadores para espalharem o melhor da música do nosso folclore por todo o estado e até mesmo no Museu Nacional da Smithsonian Institute em Washington.

A história desta jornada de dezenas de imigrantes portugueses e seus descendentes na Califórnia, e o seu contributo para o engrandecimento dos Estados Unidos, fica agora documentada nesta nova publicação **Untamed Dreams – Faces of America** da editora comunitária Portuguese Heritage Publications.

Sob a coordenação de Francisco Henrique Dinis e minha, dezenas de voluntários dedicaram o melhor do seu esforço para recolherem, em toda a dimensão geográfica da Califórnia, exemplos de indivíduos, na sua maioria desconhecidos pela comunidade, cujas lutas e conquistas refletissem a esperança inviolável em alcançar sucesso e de uma coragem sem limites para enfrentarem a nova vida num país de imigrantes.

Logo nos primeiros anos da nossa comunidade, a festa ao Divino Espírito Santo, a grande tradição trazida dos Açores pelos nossos baleeiros, dá o seu primeiro passo em 1850 pela mão da colónia de baleeiros na cidade Monterey. A primeira coroação realiza-se na igreja da missão histórica de Carmelo fundada pelo missionário espanhol Jupinero Serra. Ao longo dos anos esta devoção ao Divino alastra-se a todos os cantos do estado onde bate um coração português, tornando-se na mais importante manifestação religiosa, social e cultural da comunidade portuguesa da Califórnia, na sua esmagadora maioria de origem açoriana.

Durante este século e meio, foram fundadas quase duas centenas de irmandades na Califórnia, das quais 89 ainda celebram a festa anual ao Divino. No dia da festa, do ano de 2001, estas irmandades serviram, grátis, nos seus próprios edifícios, mais de 186 mil refeições, tudo oferecido pela comunidade e confeccionado por voluntários.

E foi precisamente a necessidade de documentar esta enorme manifestação popular que deu origem ao primeiro livro da Portuguese Heritage Publications, **The Holy Ghost Festas**, um empreendimento coordenado por António Goulart e para o qual contribuíram mais de 200 pesquisadores, fotógrafos e historiadores.

No cumprimento da sua missão – pesquisar e disseminar a história da experiência dos portugueses na Califórnia - Portuguese Heritage Publications publica em 2002 **The Portuguese Californians**, o estudo definitivo sobre os portugueses na agricultura e agropecuária, indústrias que dominam, por completo.

No verão de 2002, a Califórnia tinha aproximadamente um milhão e 500 mil vacas de leite, das quais 45%, ou quase 700 mil pertenciam aos lavradores portugueses da Califórnia, e destes a maioria eram emigrantes açorianos. Em termos económicos, a produção de leite e carne destes lavradores portugueses atingiu o valor de quase 8 biliões de dólares naquele ano.

E claro há que adicionar os resultados da produção de mais de mil agricultores portugueses, donos de enormes explorações agrícolas ao longo do todo o Vale de San Joaquin.

Aquando do quinquagésimo aniversário da erupção do vulcão dos Capelinhos, a nossa editora, com a colaboração de dezenas de pesquisadores e historiadores, dos Açores e dos Estados Unidos, publica um estudo profundo do impacto da enorme onda migratória dos Açores para os Estados Unidos, a partir de 1957, influxo emigrante que veio dar nova vida a uma comunidade então envelhecida e isolada pelas leis de imigração dos Estados Unidos, que limitavam o número de emigrantes portugueses a pouco mais de 3 centenas por ano.

Mas Portuguese Heritage não podia ficar alheia à importante história dos portugueses na caça à baleia costeira, entre 1850 e 1890. Tirando partido da energia e dos muitos anos que David Bertão dedicou à sua pesquisa, publicamos o mais completo estudo daquela indústria dominada pelos portugueses. **The Portuguese Shore Whalers of California** inclui ainda uma pequena resenha histórica sobre cada um dos 262 baleeiros portugueses e 64 de outras nacionalidades, uma achega de enorme valor para todos aqueles que procuravam os seus antepassados e o impacto destes baleeiros nas comunidades locais ao longo de toda a costa do Estado da Califórnia.

Na diáspora, como já era tradição nos Açores, a presença das igrejas portuguesas por todo o estado da Califórnia é um marco indelével da obra e da capacidade empreendedora dos portugueses e do seu espírito de abnegação e boa vontade.

O livro **Power of the Spirit** narra nas suas 320 páginas a história de 40 comunidades de fé e igrejas, muitas delas construídas pelos portugueses, captando também a história de dezenas de igrejas em que os portugueses, dada a sua forte presença demográfica, em determinados períodos da sua religiosidade profunda e da sua força de vontade, desempenharam um papel fundamental na sua construção, expansão, e na disponibilização da liderança necessária para transformar a igreja *edifício*, em Igreja *Apostólica*.

Esta publicação inclui ainda mais de uma centena de resenhas biográficas de todo o clero português e luso-americano que acarinhou a vivência religiosa dos portugueses na Califórnia desde 1850 até aos nossos dias.

Pouco tempo depois publicamos um livro intitulado **A Vestibule to Heaven**, dedicado exclusivamente à história, detalhada, da Igreja Nacional Portuguesa das Cinco Chagas em San José, o mais importante templo da comunidade Portuguesa da Califórnia, cujos elementos artísticos e arquitetónicos tornaram aquele templo no mais reconhecido símbolo da nossa comunidade.

As qualidades do caráter da comunidade portuguesa da Califórnia estão refletidas no número e qualidade dos membros das legislaturas federal e estadual. A publicação de **California's Portuguese Politicians**, um projeto concebido e financiado pela Fundação Luso-americana - FLAD, aborda mais de um século de serviço cívico nos parlamentos estadual e federal por políticos californianos de ascendência portuguesa.

Desde João Matos, imigrante natural da ilha do Faial, eleito para a Assembleia do Estado da Califórnia em 1900, até David Valadão, eleito para o Congresso dos Estados Unidos em 2012, este valioso estudo ilustra o importante papel desempenhado pelos ILuso-Californianos na vida política dos Estados Unidos.

A nossa editora, para além destas publicações de enorme valor histórico, foi também veículo para a publicação de 17 títulos de temática de imigração por autores da diáspora:

Maria das Dores Beirão, Dr. Décio Garcia Oliveira, José Luís da Silva, Dr. Fernando Silva, Francisco Fagundes e muitos outros, e também autores dos Açores, entre os quais, Álamo Oliveira e Vasco Pereira da Costa.

Após o sucesso do primeiro livro bilingue para crianças, **Maria e a Bezerrinha Perdida**, está em produção o segundo livro para crianças, **Linda Menina**, também bilingue.

#### LISTA COMPLETA DAS PUBLICAÇÕES DE PORTUGUESE HERITAGE PUBLICATIONS OF CALIFORNIA HERITAGE COLLECTION

1. The Holy Ghost Festas: A Historic Perspective of the Portuguese in California (2<sup>nd</sup> Ed.) – Out of print, Tony Goulart, Coordinator. (Available in digital format)
2. The Portuguese Californians: Immigrants in Agriculture (2<sup>nd</sup> Ed.) — Out of print, Alvin Ray Graves, Ph. D. (Available in digital format)
3. The Portuguese Shore Whalers of California: 1854–1904 — David E. Bertão
4. Capelinhos, A Volcano of Synergies: Azorean Emigration to America (English)  
Capelinhos, As Sinergias de um Vulcão (Portuguese translation)  
O Vulcão dos Capelinhos – Vídeo por António da Rosa Furtado, Tony Goulart,5. Power of the Spirit: A Portuguese Journey of Building Faith and



- Churches in Calif. Joe Machado, Ferreira Moreno, José do Couto Rodrigues  
 6. California's Portuguese Politicians: A Century of Legislative Service — Alvin Ray Graves, Ph. D. 7. IES of San José: A Century of Devotion to the Holy Spirit and Community Service - Maria Ascensão Cunha Carty  
 8. Vestibule to Haven: Five Wounds Portuguese National Church – Miguel Ávila  
 9. Untamed Dreams: Faces of America - José do Couto Rodrigues e Francisco Henrique Dinis, Editores

### COLEÇÃO DÉCIMA ILHA PROSA/FOTOGRAFIA

1. Perspetivas — Fernando M. Soares Silva, Ph.D.
2. Tradições Portuguesas — Francisco Cota Fagundes and Irene Blayer, Ph.Ds., Editors
3. América — Fátima Martins
3. IV International Holy Ghost Conference – Presentations (Digital format) - Tony Goulart
4. IV International Holy Ghost Conference – Photo Memory – Miguel Ávila
5. Portuguese Athletic Club – 50<sup>th</sup> Anniversary Edition

### POESIA

6. Beijo de Abelha — Maria das Dores Beirão
7. Pó — Machado Ribeiro
8. Retalhos da Alma — Machado Ribeiro
9. My Californian Friends — Vasco Pereira da Costa
10. Sol Posto — Machado Ribeiro
11. Cântico do Silêncio — José Luís Pereira da Silva

### PIONEER COLLECTION

1. Footprints in the Soil: A Portuguese-Californian Remembers — Rose Peters Emery
2. A Barrelnful of Memories: Stories of My Azorean Family — Pauline C. Stonehill
3. The Egg in the Water Glass — Olivia Andrade-Lage
4. The Portuguese Presence in California —Eduardo Mayone Dias, Ph.D.

### FICTION COLLECTION

1. I No Longer Like Chocolates — Álamo Oliveira
2. A Cow for the Holy Spirit — Rose Silva King

### CHILDREN'S COLLECTION

1. Maria and the Lost Calf — Kate Morejohn; Dwight Morejohn (illustrator)
2. Pretty Girl/Menina Linda - Ângela Simões; Hélia Sousa (ilustrador) no prelo!

Portuguese Heritage Publications é uma editora comunitária<sup>40</sup>, sem fins lucrativos, gerida por voluntários, que se dedica á pesquisa e disseminação da experiência dos portugueses no Estado da Califórnia, para fins educativos.

Numa comunidade que se distingue pela sua integração fácil é necessário que esta experiência seja recolhida e disseminada, em inglês, para que as gerações vindouras jamais se esqueçam das qualidades de caráter, trabalho, dedicação e da indomável vontade que guiaram os seus antepassados na sua nova pátria.

### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

#### 29. JOSÉ F VENTURA, ASSOCIAÇÃO CÍVICA DOS AÇORES, ASSISTENTE PRESENCIAL



MAIA 2013

#### JÁ TOMOU PARTE NO 17º NA MAIA 2013

#### 30. JOSÉ RAMOS HORTA, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1996, EX-PRESIDENTE E EX-PRIMEIRO-MINISTRO DE TIMOR-LESTE – CONVIDADO DE HONRA AICL

**JOSÉ RAMOS HORTA** Nascido de mãe timorense e pai português (exilado em Timor), foi educado numa missão católica em Soibada. Devido à atividade política pró-independência, esteve exilado por um ano (1970-1971) durante a época colonial em Moçambique.

<sup>40</sup> Para mais informações sobre esta editora Portuguese Heritage Publications (Publicações Herança Portuguesa), importante veículo na preservação da nossa história e na disseminação dos valores literários da comunidade, favor consultarem o website [www.PortugueseBooks.Org](http://www.PortugueseBooks.Org)

Porta-voz internacional da causa de Timor-Leste, José Ramos-Horta nasceu a 26 de dezembro de 1949, em Timor. Incansável embaixador da causa timorense desde 1975, aos 46 anos foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz, juntamente com D. Carlos Ximenes Belo, outro defensor dos direitos humanos e da autodeterminação do povo de Timor-Leste.

Em 1974 fundou a ASDT, Associação Social-Democrata Timorense, que pouco tempo depois passaria a FRETILIN, onde desempenhou a função de Secretário para Relações Externas e Informação

No ano seguinte, durante o breve período de independência de Timor-Leste, declarada unilateralmente pela FRETILIN, foi Ministro das Relações Externas e Informação. Considerado como moderado, ocupava o cargo de Ministro das Relações Exteriores no governo autoproclamado em 28 de novembro de 1975, apenas com 25 anos de idade. Deixou Timor-Leste apenas três dias antes da invasão indonésia, - uma história imortalizada no filme de produção australiana "Balibó", de Robert Connolly - em viagem até Nova Iorque para apresentar às Nações Unidas o caso timorense. Aí expõe a violência perpetrada pela Indonésia na ocupação do território, tornando-se o representante permanente da Fretilin na ONU nos anos seguintes. Esta sua estadia em Nova Iorque está igualmente bem descrita no documentário "Buried Alive / Enterrados Vivos" de Gil Scrine (de que Chrys Chrystello foi Consultor e Assessor de guião). Foi o mais jovem diplomata que alguma vez discursou no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Existe um outro documentário sobre este período datado de 2000 *The Diplomat*, realizado por Tom Zubrycki, que segue os passos de Ramos-Horta de 1998 até ao seu regresso a Timor em 2000. Durante 10 anos, Ramos-Horta foi o representante permanente da FRETILIN na ONU. Quando Xanana Gusmão reorganizou a componente armada da Resistência em 1978, Ramos-Horta passou a ser o homem de confiança no exterior. Em 1990 foi viver para a Austrália, onde passou a dirigir o Centro de Formação Diplomática na Universidade de Nova Gales do Sul, em Sidney, lecionando o Sistema das Nações Unidas e Direitos Humanos. De 1991 a 1998 foi o representante do CNRM (Conselho Nacional de Resistência Maubere) e em 1998 passou a vice-presidente do CNRT (Conselho Nacional de Resistência Timorense). Após a prisão de Xanana Gusmão, presidente do CNRT, em 1992, Ramos-Horta tornou-se seu representante.

Durante os seus anos de exílio, Ramos-Horta divulgou o caso de Timor-Leste nos mais altos tribunais e instituições internacionais. Em 1992 apresentou perante o Parlamento Europeu um plano do CNRM para a paz em Timor-Leste, onde se previa um processo faseado de transição para a autodeterminação do povo timorense

Em dezembro de 1996, José Ramos-Horta partilha o Nobel da Paz com o compatriota bispo Carlos Filipe Ximenes Belo. O Comité Nobel laureou-os pelo

contínuo esforço para terminar com a opressão vigente em Timor-Leste, esperando que *o prémio despoletou o encontro de uma solução diplomática para o conflito em Timor-Leste com base no direito dos povos à autodeterminação.*

José Ramos Horta estudou Direito Internacional na Academia de Direito Internacional de Haia, nos Países Baixos (1983) e na Universidade de Antioquia (Estados Unidos) onde completou o mestrado em Estudos da Paz (1984), bem como uma série de outros cursos de pós-graduação sobre a temática do Direito Internacional e da Paz. Desde 1996 foi também professor visitante de Relações Internacionais na universidade de Oxford, além de ser Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Pontifícia de Campinas (Brasil) e pela Universidad de Antioquia (Ohio, Estados Unidos).

A 9 de junho de 1998 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade de Portugal. Em outubro de 2000 foi investido, juntamente com D. Ximenes Belo e Xanana Gusmão, como doutor «Honoris causa» pela Universidade do Porto (por proposta da respetiva Faculdade de Letras).

Nesse mesmo mês foi-lhe atribuído o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo de transição em Timor-Leste. A tomada de posse para o cargo foi presidida por Sérgio Vieira de Mello, administrador transitório das Nações Unidas naquele país. Ocupou este cargo até junho de 2006. Candidato às eleições presidenciais de 2007, foi eleito e assumiu o cargo de presidente da República de Timor-Leste a 20 de maio. No ano seguinte, a 9 de fevereiro, foi vítima de um atentado levado a cabo por um grupo rebelde. Embora tenha ficado gravemente ferido, recuperou após ser sujeito a algumas intervenções cirúrgicas. O líder terrorista, major Alfredo Reinaldo, foi morto pela escolta presidencial quando do ataque à residência do chefe de Estado.

No fim de junho de 2006, renunciou ao cargo de Ministro de Negócios Estrangeiros e da Defesa altura em que apresentou a sua demissão por incompatibilidades com o primeiro-ministro Mari Alkatiri, que se demitiu pouco tempo depois. Após a crise que culminou na renúncia de Alkatiri, assumiu em 8 de julho de 2006 o cargo de primeiro-ministro, junto com Estanislau da Silva como vice-primeiro-ministro e Rui Araújo como segundo vice-primeiro-ministro.

José Ramos-Horta era apontado pela imprensa portuguesa como um dos sucessores de Kofi Annan no cargo de secretário-geral da ONU. Ramos-Horta não confirmou o seu interesse no cargo, mas também não excluiu a hipótese.

Na segunda volta das eleições de 9 de maio de 2007, Ramos-Horta foi eleito Presidente da República de Timor-Leste, em disputa com Francisco Guterres Lu Olo, sucedendo a Xanana Gusmão no cargo.

Em 2013, Ban Ki-Moon secretário-geral da ONU nomeia-o Representante Especial da ONU para a Guiné-Bissau.

Foi agraciado a 13 de novembro de 2007 com o Grande-Colar da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal, Prémio Rafto 1993, com a Medalha da

Universidade de São Francisco, Califórnia; a Medalha de Ouro da Universidade de Coimbra; the First Hague Peace Appeal Award; a Medalha de Ouro do Presidente da Itália; e o Hollywood Film Festival Humanitarian Award, Doutor Honoris Causa pela Universidade de Dublin.

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre e Infopédia



com Obama e Michele



1975

**Línguas:** fala tétum, português, inglês, francês e está a aprender mandarim. Também compreende duas outras línguas faladas em Timor-Leste.

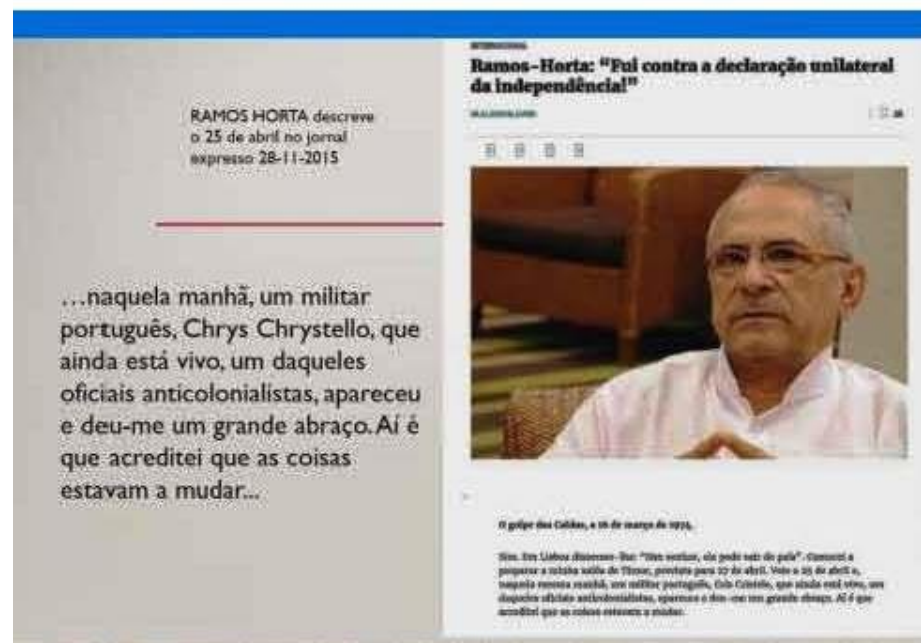
**Viagens:** já passou por todos os países da Europa Ocidental e Escandinávia, para além do Canadá, EUA, México, Brasil, Guiana, Barbados, Cuba, a maioria dos países sul-africanos e alguns da África Ocidental. Na Ásia visitou a China, Hong Kong, Tailândia, Índia. Passou também pela Nova Zelândia, pelas Fiji e Vanuatu. Tem um conhecimento sólido da sociedade e política americanas, bem como um conhecimento razoável da política de Portugal, Reino Unido, França, China e Japão.

**Passatempos:** vai regularmente ao cinema, aprecia sobretudo música clássica e jazz, adora o campo e as vilas pequenas. Viveu mais de dez anos em Nova Iorque e detesta grandes cidades. Faz exercício frequentemente e gosta de ténis.

Está divorciado de Ana Pessoa Pinto, ex-ministra de Estado e da Administração Interna de Timor-Leste, da qual tem um filho Loro, nascido em

Moçambique, que é atualmente Embaixador de Timor em Cuba depois de ter sido consultor de United Nations Regional Centre for Preventive Diplomacy for Central Asia (UNRCCA) e conselheiro da *Embaixada* de Timor-Leste na República Popular da China, entre outras posições de destaque.

RAMOS HORTA RECORDA ASSIM O 25 de abril EM TIMOR



#### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

#### 31. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO E AICL

**José Soares** (de Abrantes Reis) nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História. Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque. Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.



Montalegre 2016



SEIA 2014

MAIA 2013

Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCÕES DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageada pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César. Publicou em 2014 o livro de crónicas "Barcos de Palha".

**SÓCIO DA AICL.**  
**ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL**  
**VOGAL DO CONSELHO FISCAL DA AICL**

**PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2007, 11º LAGOA 2009, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS 2014 E 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015 e MONTALEGRE 2016**



2014



MOINHOS

**32. KATHARINE F. BAKER TRADUTORA, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA**



MAIA 2013



**KATHARINE F. BAKER**, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno. Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland - College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia. Com Diniz

Borges traduziu para inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álamo Oliveira [2006], o livro de poemas *My Californian Friends* de Vasco Pereira da Costa [2009] e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Álamo Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007]. Escreveu dois capítulos no livro *Untamed Dreams – The Faces of America* de Portuguese Heritage Publications of California [2016].

Com Dr. Chamberlain ela traduziu o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, Ph.D., ser publicado por Tagus Press, e acabam o terceiro rascunho da tradução do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Reinaldo A. Silva, Ph.D., e Emanuel Melo).

Acaba de começar a traduzir o romance *Marta de Jesus (a verdadeira)* de Álamo Oliveira. Contribui de vez em quando à página “Maré Cheia” no jornal Californiano *Tribuna Portuguesa* e ao sítio web das Comunidades (RTP). Criou e atualiza os sítios web <http://www.inolongerlikechocolates.com> e [Maia\\_2013](http://www.maia2013.com).

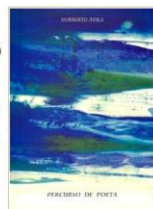
**TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012, 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 24º GRACIOSA 2015**

**Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia**

**XXVI colóquio ~ São Miguel, Açores, Portugal ~ 29 Set – 2 Out 2016**



**Traduzir para inglês o ciclo de poesia “Açórico roteiro abreviado” [A Brief Azorean Tour] do livro *Percurso de Poeta* [Poetic Journey] de Norberto Ávila**



Katharine F. Baker ~ University of Pittsburgh, PA. ~ USA

Emanuel Melo ~ University of Toronto, ON. ~ Canada

[katharine.f.baker@gmail.com](mailto:katharine.f.baker@gmail.com) ~ [emanuelmelo2006@yahoo.ca](mailto:emanuelmelo2006@yahoo.ca)

**TEMA TRADUZIR PARA INGLÊS O CICLO DE POESIA “AÇÓRICO ROTEIRO ABREVIADO” [A BRIEF AZOREAN TOUR], DO LIVRO *PERCURSO DE POETA* (POETIC TOUR) DE NORBERTO ÁVILA LISBOA: 2000, PP. 41-69. TRANS. KATHARINE F. BAKER (UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, EUA) & EMANUEL MELO (UNIVERSIDADE DE TORONTO, CANADÁ)**

Ávila, Norberto. “Açórico roteiro abreviado.” In *Percurso de poeta*. Lisboa: 2000, pp. 41-69. Trans. Katharine F. Baker (Universidade de Pittsburgh, EUA) & Emanuel Melo (Universidade de Toronto, Canadá)

**SANTA MARIA: Santa Maria, depois de certo incidente SANTA MARIA: Santa Maria, After a Certain Incident**

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem:  
As casas, as pessoas, as gaivotas.*

Now all is well. Once again, all well:  
The houses, the people, the seagulls.

*Já Cristóvão Colombo, finalmente submisso,  
se desfez em desculposos argumentos.  
Ele não é – tão-pouco os que com ele viajam –  
desses que andaram pairando nas costas da Guiné,  
pirateando as caravelas portuguesas.  
Aconteceu, e muito simplesmente,  
que o genovês,  
depois de haver oferecido, em vão, seus préstimos  
ao Rei de Portugal, D. João II,  
achou-se (por acaso) navegando  
no litoral de um novo continente,  
Índias Ocidentais, ao que parece.*

Already Christopher Columbus, his spirit finally broken,  
has come undone in apologetic arguments.  
He is not – like those who travel with him –  
among those who sailed hovering off the Guinea coast,  
pirating Portuguese caravels.  
It happened, and very simply,  
that the Genoan,  
after having, in vain, offered his services  
to Portugal’s King John II,  
found himself (by chance) sailing  
along the shore of a new continent,  
the West Indies, so it seems.

*E então, muito depois, fugindo à tempestade,  
(exausta a marinagem, desesperada),  
surgiu no retorno aquela ilha hospitaleira  
Santa Maria! E até calhava bem,  
porquanto ele e seus homens,  
sentindo a morte arrastá-los para os abismos oceânicos,  
haviam feito voto de rezar,  
e mais ainda: ouvir missa  
numa primeira igreja que aparecesse  
à Santíssima Virgem consagrada.*

And then, much later, fleeing the storm,  
(the sailing crew exhausted, desperate),  
on the return voyage, that hospitable island came into view,  
Santa Maria! And it actually turned out well,  
because he and his men,  
feeling death dragging them down to the ocean’s depths,  
had taken a vow to pray,  
and even more: to hear mass  
at the first church they encountered that  
was consecrated to the Most Blessed Virgin.

*Patenteou Colombo seus húmidos, salgados documentos,  
com o timbre orgulhoso e mui real de Espanha;  
exibiu os índios pardacentos que com eles tinham,  
por certo nunca vistos em terras de cristãos.*

Columbus proffered their dank, salty documents  
bearing the proud and mui royal heraldic insignia of Spain;  
he displayed the brown-skinned Indians they had with  
them,  
surely never before seen in Christian lands.

*Agora está tudo bem. Já podem ir à igreja próxima, da Senhora dos Anjos. E entretanto, porque uma coisa não impede a outra, já lhes é permitido abastecerem-se de uma fresquíssima água (fácil de encontrar), também de vinho, carne, queijo e pão, confortos de viagem no regresso à pátria, (via Lisboa, infelizmente, que é sempre Portugal a atravessar-se no caminho).*

*Agora está tudo bem. Outra vez tudo bem: As casas, – num rosário de brancura, dispersas entre vinhas e socacos, com suas chaminés quase algarvias. Suas janelas de vidros pequeninos, barras de almagre, vermelhão, azul cobalto;*

*as pessoas, – arando a terra, fiando a lã;*

*as gaivotas, – persistentes, sobrevoando os miradouros, desejosas de ver bem as praias, as baías, as falésias, na ânsia de poder contemplar esta beleza de mais alto.*

**SÃO MIGUEL: Sete Cidades**

*Acontece que às vezes, chegados finalmente ao cimo da montanha, nos surpreende uma cortina subtilíssima de névoa rarefeita.*

*Dai-nos, Senhor, a paciência de aguardar um breve instante, talvez mais longo tempo, só até que a paisagem se desperte e se revele, mesmo assim impalpável e quase imaterial.*

*Já então as lagoas, geminadas, pudicamente embora, se desnudam, porém esplendorosas, num delírio supremo verde e azul.*

Now all is well. Now they can go to the next church, that of Our Lady of Angels. And yet, because one thing does not preclude the other, they are now allowed to replenish their supply of the freshest water (easy to find), also wine, meat, cheese and bread, travel comforts for the return trip to their homeland, (via Lisbon, unfortunately, because Portugal always must be crossed on the way).

Now all is well. Once again, all well: The houses – like a string of white rosary beads, scattered among vineyards and terraces with almost Algarvean-style chimneys. Their windows with tiny glass panes, framed in ocher, rust-red, cobalt blue;

the people – plowing their land, spinning their wool;

the seagulls – persistent, flying above the lookouts, straining to see clearly the beaches, bays, cliffs, in their eagerness to be able to contemplate this beauty from on high.

**SÃO MIGUEL: Sete Cidades**

It sometimes happens, after finally reaching the mountain top, that we are surprised by the subtlest curtain of scattered fog.

Lord, grant us the patience to wait a brief moment, maybe longer, just until the landscape awakens and shows itself truly impalpable and almost ethereal.

Already the twin lakes undress, albeit modestly, although splendidly, in a supreme delirium of green and blue.

*Repousam lado a lado, num silêncio antigo. Na luz tranquila respiram (ousaria dizê-lo) a inefável serenidade abandonada pelos deuses.*

**TERCEIRA: Fernando Pessoa, menino, no seu passeio em Angra**

*Senhora de muitos dons, de muitas prendas, que sabe tricotar conversações brilhantes em pontos de Francês, Inglês, Alemão, D. Maria Madalena, há bem pouco chegada de Durban e Lisboa, sai da casa paterna, em passeio matinal, a recobrar lembranças da infância e juventude. Não vai porém sozinha: acompanhada, sim, de Fernando (Pessoa), o seu filho menino.*

*A cidade é pequena, reclinada à beira-mar, diversamente histórica, de muitos heroísmos carregada. E Fernando (treze anos) pergunta mais e mais, que tudo quer saber. A mãe responde, evocando figuras, apontando os lugares.*

*João Corte-Real, donatário de Angra (que alguns afirmam precursor de Colombo nas Américas); outros do mesmo sangue, também daqui seguiram, buscando as terras verdes do Norte Ocidental. Vasco da Gama e quantos, na sequência, foram à Índia e por aqui voltaram.*

*Nas águas da baía acolhedora dir-se-ia haver... recados de outras eras: um rebrilhar de luzes submarinas, talvez sinais de malogrados capitães de navios naufragados. A menos que se trate justamente dos tesouros de Filipe de Espanha, segundo de seu nome,*

They rest side by side in an ancient silence. In the tranquil light they inhale (would one daresay it) the ineffable serenity abandoned by the gods.

**TERCEIRA: Fernando Pessoa, as a Boy, on his Tour Around Angra**

A lady of many talents and many gifts, who knows how to knit brilliant conversations in stitches of French, English, German, Dona Maria Madalena, quite recently arrived from Durban and Lisbon, sets out from her ancestral home on a morning walk, reclaiming memories of her childhood and youth. She does not go alone, however: she is accompanied, in fact, by Fernando (Pessoa), her young son.

The city is small, sloping downward to the waterfront, historically diverse, filled with great heroism. And Fernando (thirteen years old) asks more and more questions, wanting to know everything. His mother replies, evoking figures, pointing out the sights.

João Corte-Real, Angra's donatário (who some claim preceded Columbus in the Americas); others of the same blood, also followed from here, seeking the verdant lands to the Northwest. Vasco da Gama and so many others thereafter went off to India and returned through here.

In the bay's warm waters there are what one would call remnants from other eras: a glint of underwater lights, perhaps signals from doomed captains of wrecked ships. At least it corresponds precisely to the treasures of King Philip of Spain, in his name

– ouro e prata –, no México e no Peru arrebatados,  
em galeões altíssimos trazidos,  
por corsários famosos cobilhados:  
um Francis Drake, ou mesmo o Conde de Essex.

Após a resistência a rendição.  
Agora um forte, filipino abraço de pedra escura,  
fortaleza maior do mar Atlântico,  
aperta para sempre aquele monte,  
a suave península estrangulada:  
Prisão de um fraco rei, Afonso VI,  
e do régulo vátua Gungunhana.

Nas ruas amplas da cidade  
parecem ressoar ainda os passos  
decisivos  
das tropas liberais de Pedro IV.  
Com elas vai Garrett, soldado, militante  
da Liberdade,  
porque na ilha Terceira, sua pátria adoptiva,  
venerada desde a infância,  
sentiu a vez primeira a voz da Poesia.

Angra do Heroísmo,  
com sua arquitectura harmoniosa,  
regorgita de festas  
consagradas ao Divino Espírito Santo,  
com seus “impérios” coloridos  
e touradas à corda.  
Tudo tão vivo, e afinal tão nosso!  
E o menino Fernando parece aborrecer  
a vitoriana ambiência de Durban, longinquo desterro.  
Recebe então do além-tempo a secreta Mensagem  
de cantar Portugal e os seus destinos.

– gold and silver – snatched from Mexico and Peru,  
brought in the tallest galleons,  
coveted by famous corsairs:  
Sir Francis Drake, or even the Earl of Essex.

After resistance, surrender.  
Now a strong embrace of dark stone from Philip's reign,  
the largest fortress in the Atlantic Ocean  
squeezes that mountain forever,  
the gentle, strangled peninsula:  
Prison for a weak king, Afonso VI,  
and the Vátua tribal chief from Angola, Ngungunyane.

In the city's wide streets  
there still seem to resonate  
the decisive steps  
of Pedro IV's liberal troops.  
With them goes Garrett, soldier, militant  
of Freedom,  
because on the island of Terceira, his adoptive homeland,  
revered since childhood,  
he first felt the voice of Poetry.

Angra do Heroísmo,  
with its harmonious architecture,  
erupts with festas  
consecrated to the Divine Holy Spirit,  
with their colorful fraternal impérios  
and bullfights by rope.  
Everything is so alive, and ultimately so much ours!  
And the boy Fernando seems bored  
by the Victorian ambience of Durban, a distant exile.  
He then receives from beyond time the secret Message  
to sing of Portugal and its destinies.

**GRACIOSA: Furna do Enxofre**

*Cem anos haverá que Alberto  
o tão famoso Príncipe de Mônaco,  
– Inquiridor de oceânicos mistérios –,  
bem seguro por cordas,  
foi descendo o abismo,  
susto a susto,  
até ter pé  
no solo aspérrimo  
da catedral vulcânica,  
até soltar a exclamação do assombro.*

*Bem mais feliz fui eu,  
homem moderno e tanto mais seguro,  
descendo passo a passo  
a longa escada  
em caracol  
(uns duzentos degraus, ou pouco menos).*

*Houve um rio de lava tormentoso.  
Há um pequeno lago sossegado.*

*E lá do alto,  
por uma clarabóia  
de natural, espontânea construção,  
desprende-se uma luz inebriante,  
para bem descrever:  
indescritível.*

**SÃO JORGE: Setembro de manhã**

*Setembro vai,  
desliza devagar  
na maciez do Verão que é quase Outono.  
Já não me surpreende a madrugada:  
janela iluminada e pássaros cantores.*

*Abro tranquilamente o sacrário de pinho  
em que se guarda o pão artesanal e denso.*

**GRACIOSA: Furna do Enxofre (Sulphur Cavern)**

A hundred years ago Albert,  
the world-famous Prince of Monaco  
– investigator of oceanic mysteries –  
secured tightly by ropes,  
went rappelling down into the abyss  
jump by jump,  
until he set foot  
on the rugged terrain  
of the volcanic cathedral,  
and let out an exclamation of awe.

It went much better for me,  
a modern and far more self-assured man,  
descending step by step  
down the long spiral  
staircase  
(some two hundred steps, or slightly fewer).

Where once had been a river of twisted lava,  
there is now a small placid lake.

And from above,  
through a skylight  
of natural and spontaneous creation,  
an intoxicating light shines,  
best described as:  
indescribable.

**SÃO JORGE: September Morning**

September passes,  
gliding slowly  
into the summer softness that is near-autumn.  
No longer do the early morning hours surprise me:  
a lighted window and singing birds.

I gently open the pine tabernacle  
where dense artisanal bread is stored.

*Dele retiro um pouco  
e busco acolhimento  
sob os ramos da árvore mais frondosa:  
a figueira ancestral e fidelíssima,  
que parece infinita nos seus frutos.*

I take a little of it out  
and seek shelter  
under the branches of the leafiest tree:  
the ancestral and faithful fig,  
that seems to bear fruit infinitely.

*Logo uma pedra bruta em mesa transformada;  
logo as folhas de vinha, justapostas,  
me servem de toalha.  
(Que diriam alguns amigos meus  
de Lisboa e Paris  
a esta persistência de voltar  
sempre e cada vez mais à Natureza?)*

Soon a rough stone is transformed into a table;  
soon grape leaves substitute  
as my tablecloth.  
(What would some of my friends  
from Lisbon and Paris say  
about this persistence in always returning  
every time back to Nature?)

*É saboroso e raro o pão caseiro,  
acompanhando os figos.  
Refrescou-os a noite sossegada,  
e bem dispensam qualquer pequeno estágio frigorífico.*

It is tasty and exceptional homemade bread,  
to complement the figs.  
The still night refreshed them,  
yet took away their chill.

*Entre esta ilha e a outra  
(tão vizinha que bem se vê brilhar o sol  
nos vidros das janelas)  
lá vai, rompendo o azul do mar, um transatlântico.*

Between this island and the next  
(so close that sunshine can be seen  
glinting off window panes)  
a transatlantic liner sails, slicing through the blue of  
sea.

*De subito imagino os passageiros  
ainda reclinados,  
talvez atordoados  
do champanhé inocente e enganador.  
Presumo que haverá um viajante ao menos,  
mais matinal, preparado  
para um pequeno-almoço de abundância.*

Suddenly I imagine its passengers  
still lying in bed  
perhaps hungover  
from innocently deceptive champagne.  
I imagine there must be at least one traveler,  
more of a morning person, ready  
for a hearty breakfast.

*Em pensamento (e é fácil cortesia)  
meu coração envia para bordo  
um simples telegrama.  
Mensagem que é bem pouco, sendo muito.  
Um voto de prazer equivalente ao meu:  
o deste veraneante  
recolhido à placidez duma figueira antiga,  
saboreando o pão artesanal,  
com estes figos doces de Setembro!*

Upon reflection (and it is an easy courtesy)  
my heart sends aboard  
a simple telegram.  
A message that is quite short, yet profound.  
A wish for pleasure equivalent to mine:  
that of this summer vacationer  
found under the placidity of an old fig tree,  
savoring artisanal bread,  
with these sweet September figs!

**SÃO JORGE: Sanguinhal**

*Adolescente ainda, o meu prazer maior  
– aqui desembarcado nesta ilha altaneira de São Jorge –  
era trilhar caminhos ignorados  
e conhecer recônditos lugares.  
Mas nunca aconteceu descer a encosta abrupta  
e visitar-te, Sanguinhal,  
enquanto a vida serenamente circulava  
em teus caminhos remotos, quase bíblicos,  
entre vinhas e casas tão dispersas.*

*Agora, que dez anos são passados,  
sobre o sismo tremendo, Sanguinhal,  
sismo destruidor dos bens e assustador das almas,  
já o teu nome, Sanguinhal, se ouve  
como uma voz de sombra  
subitamente despertada  
num silêncio antigo.*

*Trago comigo o remorso de não ter ido ver-te,  
como se fosses um parente velho  
cuja visita, por simples negligência,  
se foi, ano após ano, retardando  
e se deixou morrer.*

*Agora desembarco na deserta praia de calhau redondo  
e vejo estas ruínas dolorosas,  
estes telhados interminavelmente despejando as telhas,  
estas janelas consternadas, desmedidamente abertas  
como olhos de espanto.*

*Agora me comovo e quase choro,  
eu, um intruso nesta casa anónima,  
esta casa pequena de que nada sei  
e que tanto me deixa imaginar,  
nos percursos que vão do nascimento à morte,  
com demoradas passagens pelo amor.  
(Rejeito a malquerença. E muito mais o ódio.)*

**SÃO JORGE: Sanguinhal**

While still in my youth, my greatest pleasure  
– disembarked here on this steep island of São Jorge –  
was hiking rarely taken trails  
and getting to know hidden places.  
But I never got around to descending the steep slope  
to visit you, Sanguinhal,  
while life was meandering about serenely  
on your remote paths, almost biblical,  
between such sparsely located vineyards and houses.

Now that ten years have passed  
since the tremendous earthquake, Sanguinhal –  
an earthquake destroying possessions and frightening  
souls –  
again your name, Sanguinhal, is heard  
like a shadowy voice  
suddenly awakened  
in an ancient silence.

I carry with me regret over not having gone to see you,  
as if you were some elderly relative  
whose visit, simply out of neglect,  
was, year after year, postponed  
and left to die.

Now I reach the deserted beach of rounded pebbles  
and see these sorrowful ruins,  
these tiles endlessly falling off roofs,  
these distressed windows, gaping immeasurably open  
like eyes wide in amazement.

Now I am moved almost to tears,  
I, an intruder in this anonymous house,  
this tiny house of which I know nothing  
and that lets me imagine so much,  
along the paths that run from birth to death,  
with lingering excursions through love.  
(I reject malevolence. And, furthermore, hatred.)



*Este é o forno, agora escuro e frio,  
por certo a contragosto aposentado.  
Esta é a mesa de jantar, partida.  
Sobre ela, os pratos fundos, de cerâmica,  
cujo missão na terra terminou.  
Esta é a cama, exígua, do amor vigiado  
por um anjo-da-guarda entretanto fugido.  
Este é o berço pequenino, estreito,  
sem menino  
para embalar.*

*E ali está na parede musgosa o relógio parado.  
Não à hora do sismo. Ainda teve alento  
para um pouco mais.  
(Com que lágrimas na voz não terá ele  
chorado a solidão!)*

*Oh quem pudesse agora, Sanguinhal,  
gritar teu nome  
e assim ressuscitar-te!*

**FAIAL: Café Sport, café dos navegantes**

*A luz primaveril atreve-se  
discreta,  
pelas janelas, pela porta franqueada.  
Nas paredes, no tecto, em toda a parte,  
profusão de bandeiras, auriflomas, galhardetes,  
gratas memórias de marítimos visitantes.*

*Rodam os dias  
e com eles vão chegando ao porto  
mais veleiros, iates de recreio...  
E desde há muito este espaço hospitaleiro  
é o ponto de encontro,  
em terra firme,  
dos que procuram um pequeno parêntese de convívio  
após a longa solidão nos caminhos do mar.*

Here is the oven, now dark and cold,  
doubtless retired against its will.  
Here is the dining table, broken.  
On top of it, the deep ceramic bowl  
whose mission on earth has ended.  
Here is the bed, tiny, watched over with love  
by a guardian angel who has fled.  
Here is the narrow little cradle,  
with no child  
to rock.

And there on the mossy wall is the stopped clock.  
Not at the hour of the earthquake. It still had strength  
to run a bit longer.  
(All choked up, it did not  
cry out its solitude!)

Oh, who could now, Sanguinhal,  
shout your name  
and thus resuscitate you!

**FAIAL: Peter Café Sport, the Sailors' Café**

Spring light ventures  
discreetly  
through the windows, through the wide-open door.  
On the walls, on the ceiling, everywhere,  
a profusion of flags, coats-of-arms, pennants,  
mementos of gratitude from seafaring visitors.

The days roll by  
and with them are arriving in port  
more sailboats, pleasure yachts...  
And for a very long time this hospitable space  
is the meeting point,  
on terra firma,  
of those looking for a brief interlude of conviviality  
after the long solitude of their sea journeys.

*Àquele, com seu cabelo cor de fogo,  
(não me seja negada a fantasia!)  
hei-de chamar Willem, ou Claus,  
holandês de nação.  
Ao outro, americano certamente.  
Michael. De Nova Iorque.  
E diz o holandês (suponho),  
pretendendo ascendência e predominio  
no amor deste Arquipélago,  
que o pai – isto há-de haver 70 anos –  
foi dos que andaram por ali, naquele mesmo porto,  
ligando as pontas dos cabos submarinos  
que tomaram possível o diálogo  
entre os vários países da Europa e América.  
E o outro,  
agitando levemente o copo de gin tónico,  
responde que o avô, hábil piloto da Pan Am,  
levava o hidroavião, em 1920,  
de Port Washington a Lisboa,  
e no percurso inverso,  
e a escala era infalível no Faial.*

*Sentado à mesa do café,  
engendro estas poéticas mentiras,  
até por ser o dia 1 de Abril,  
a elas tão propício.*

*Olho através da janela o nosso Fujijama,  
quero dizer: o Pico, lá na ilha fronteira,  
e ele, superior a tudo isto,  
envia-me um sorriso complacente e cúmplice,  
e mais:  
traça no ar o seu cachecol de nuvens brancas.*

One, with his flame-colored hair,  
(my fantasy must not be denied!)  
I shall call Willem, or Claus,  
Dutch by nationality.  
Another, surely American,  
Michael. From New York.  
And the Dutchman says (I imagine),  
intending oneupmanship  
in his love for this archipelago,  
that his father – this must have been seventy years ago –  
was one of the men who walked around there in that very  
same port,  
linking the ends of the underwater cables  
that made conversation possible  
among the various nations of Europe and America.  
And the other man,  
gently swirling his glass of gin and tonic,  
replies that his grandfather, a skilled Pan Am pilot,  
flew the seaplane in 1920  
from Port Washington to Lisbon,  
and back,  
and his descent to Faial was flawless.

Sitting at the breakfast table,  
I concoct these poetic lies,  
fit for April 1st,  
so appropriate for them.

I gaze out the window at our Fujijama,  
I want to say: Mount Pico, over there on the neighboring  
island  
and its peak, rising above all this,  
sends me a complacent and complicit smile,  
and more:  
it limns in the air its scarf of white clouds.

**PICO: Observação de baleias**

*Volumosa, enormíssima,  
a cabeça do cetáceo mergulha no azul das águas,  
e subito se levanta a cauda enérgica,  
formando um T,  
T de Telmo,  
visível um instante;  
e o velho baleeiro reconhece  
o veloz, impressionante monograma,  
em negro forte,  
que sempre julga ser a sua marca,  
a sua identidade,  
espargindo no ar uma chuva subtil e luminosa.*

*Mil vezes noutros tempos  
e noutras circunstâncias,  
contemplou com assombro a maravilha.  
Remador bem poucos anos,  
ainda jovem o fizeram  
trancador de arpão certoiro,  
admirado por isso, e festejado,  
não só no Pico, mas nas ilhas próximas.*

*Tempos de glória, a que seguiram anos  
de tristezas tamanhas!  
Já Mestre Telmo lamentava a falta  
de firmes vocações apaixonadas  
em tão nobre domínio,  
depois a morte de um filho muito amado  
(herdeiro das funções de risco extremo)  
num trágico acidente baleeiro.  
Em todo o caso, agora – e não por isso,  
naturalmente, mas porque diz quem sabe:  
que as baleias escasseiam já um tanto –  
foi a caça interdita,  
num desespero de salvar-lhe a espécie.*

**PICO: Whale Watching**

*Massive, colossal,  
the whale's head dives into the blue waters,  
and suddenly its energetic tail rises,  
forming a T,  
T for Telmo,  
visible for an instant;  
and the old whaler recognizes  
its swift, impressive initial,  
in vivid black,  
that he always deems to be its trademark,  
its identity,  
as it blows a subtle and luminous shower into the air.*

*On a thousand other occasions  
and in other circumstances,  
he gazed with wonder at the marvel.  
A rower for only a few years  
when still young, they trained him to be  
an unerring harpooner,  
thus admired and celebrated  
not only on Pico but also the neighboring islands.*

*Times of glory, followed by years  
of immense sorrows!  
Now Master Telmo lamented the lack  
of firm, passionate careers  
in such a noble field,  
after the death of a much loved son  
(heir to the job of extreme risk)  
in a tragic whaling accident.  
In any case, now – and not on account of this,  
naturally, but because one who knows says it:  
since whales were already quite scarce –  
hunting them was forbidden,  
in a desperate move to save the species.*

*De quando em quando,  
sempre que o neto o convida  
para um passeio no barco que possui  
(moderno e muito bem apetrechado),  
vai Mestre Telmo,  
com seus binóculos de longo alcance,  
sentado entre turistas políglotas,  
multícores.  
Vai ver,  
acompanhar de longe os belíssimos gigantes,  
resfolgando,  
felizes porventura,  
nas ondas do Atlântico.*

*Chamam a isto, agora,  
"observação de baleias",  
vulgo Whale watching.*

**FLORES: Resumido inventário de belezas naturais**

*Em tempos medievos, creio, foi chamada  
ilha dos Corvos-Marinhos.  
Revelada, porém, a um Diogo de Teive,  
outro nome lhe puseram – e mais certo:  
ilha das Flores.*

*Acidentado território  
circunscrito por ondas rendilhadas,  
com seu secreto interior de suaves pastagens  
e profundos vales,  
de fetos, cedro e musgo revestidos.  
Altos rochedos de basálticas estrias verticais,  
como se fossem bordões abandonados  
de gigantes, ciclópicas figuras;  
outros rochedos  
com sombrias, misteriosas grutas escavadas.  
De falésias abruptas, de uma lava escura,  
despenham-se no mar cristalinos fios de água,*

*From time to time,  
whenever his grandson invites him  
for a ride in his boat  
(modern and very well-equipped)  
Master Telmo goes,  
with his high-powered binoculars,  
seated among the polyglot tourists  
of many colors.  
He goes out to see,  
and to be with, although from afar, the most beautiful  
leviathans,  
breathing deeply,  
happy perhaps,  
in the Atlantic waves.*

*Now they call this  
"Whale observation,"  
plain old Whale watching.*

**FLORES: Inventory of Natural Beauty**

*In medieval times, I believe it was called  
island of great cormorants, Corvos-Marinhos.  
However, once discovered by a certain Diogo de Teive,  
another and more accurate name was bestowed upon it:  
Flores, isle of flowers.*

*Rugged terrain  
circumscribed by lacy waves,  
with its secret interior of gentle pastures  
and deep valleys,  
bedecked with ferns, cedar and moss.  
Tall cliffs of vertically grooved basalt,  
as if they were the abandoned walking sticks  
of giant Cyclopsian figures;  
other cliffs  
with dark, mysterious hollow caves.  
From steep cliffs of dark lava  
crystalline ribbons of water crash into the sea,*

ou, em declives bastante mais suaves,  
propalam-se, festivas, rumorosas ribeiras,  
onde saltam, ressaltam azougadas trutas.  
E, para as sete crateras de vulcões extintos  
(que optaram pela paz e pelo silêncio,  
tomando-se lagoas de safira e esmeralda),  
vão infinitamente deslizando  
hortênsias,  
rios de azul riscando o verde verde.

Por tudo isto e muito mais direi  
ser esta ilha das Flores,  
discreta e manifestamente sedutora,  
espontâneo jardim do mar Atlântico,  
pequeno paraíso  
do mundo ocidental.

**CORVO: Ilha do Corvo**

Serenamente declinando, a tarde.  
Sentados alguns velhos, lado a lado,  
no longo banco de pedra do Largo do Outeiro,  
bem junto à Casa do Divino Espírito Santo.  
E eu, discreto forasteiro,  
começo por saudá-los,  
e com eles me decido a conviver um instante,  
porque é bom escutar o seu falar antigo.

Ilha pequena, por certo, – digo eu –,  
(de quatrocentas almas)  
porém não tão pequena  
que não pudesse ter um outro povoado  
algures, mais ao norte da costa oriental.  
E mais ainda, coisa estranha:  
Por que foram ali as casas construídas  
naquele extremo sul,  
todas tão abraçadas,  
mutuamente amparadas? –  
Pergunto eu depois.

or, on gentler slopes  
babbling brooks flow cheerily,  
where quicksilver trout leap and glint.  
And, to the seven craters of extinct volcanoes  
(that opted for peace and quiet,  
becoming lakes of sapphire and emerald),  
are infinitely stretching  
hydrangeas,  
streams of blue streaking the greenest green.

For all this and more I must say  
that this island of Flores,  
discreetly yet manifestly seductive,  
is a spontaneous garden in the Atlantic Ocean,  
a little paradise  
in the Western world.

**CORVO: Corvo Island**

A serenely fading afternoon.  
Some old men seated side by side,  
on the long stone bench at Largo do Outeiro plaza,  
near the House of the Divine Holy Spirit.  
And I, a discreet outsider,  
start to greet them,  
then decide to join them for a moment,  
because it's good to hear their old way of speaking.

Sure is a small island, I say,  
(of four hundred souls)  
although not so small  
that it couldn't have another village  
elsewhere, over on the northeast coast.  
And furthermore, a strange thing:  
Why were the houses built there  
on the far south,  
all so braced against one another,  
mutually supported –  
I ask later.

Medos de outrora, – me respondem.  
Dos piratas de Argel e outros mais,  
contra os quais era urgente defender  
as pessoas e os bens,  
em ligação fraterna e solidária.

Mas falamos depois de valentias.  
Um corvino, por exemplo,  
foi intrépido, brioso marinheiro  
do veleiro "Alabama",  
isto nos tempos difíceis de intenção divisória  
dessa tal Guerra Civil Americana.

E o céu, todo vermelho a ocidente,  
mostra bem a direção do território imenso,  
pátria segunda de muitíssimos ilhéus  
e sólido país unificado.

**SÃO JORGE: União de músicos**

Para o Luís Bettencourt

Vão entrando na sala  
do moderno edifício escolar.  
Um após outro,  
sem qualquer fardamento especial.  
Homens, mulheres,  
em plena juventude alguns, outros chegados à matura  
idade.  
Sem pressas, conhecendo cada qual  
o seu lugar.  
E, com eles entrando, os instrumentos  
vários de tamanho e forma e sentimento,  
necessários  
à suprema arquitetura imaterial dos sons,  
trazidos na modéstia de quem traz  
apenas uma enxada, uma serra mecânica,  
um ferro de passar, uma máquina de escrever.  
E se há orgulho em carregar  
utensílios tão nobres, que provocam  
a unânime harmonia dos que escutam,  
esse orgulho é discreto, interior.

Fears of yore – they answer me.  
Of Barbary pirates and others,  
against whom it was urgent to defend  
their people and possessions,  
in a fraternal bond and solidarity.

But then we speak of bravery.  
One Corvino, for example,  
was an intrepid, daring sailor  
on the sloop-of-war *Alabama*  
during the difficult secessionist times  
of the American Civil War.

And the sky, all red to the west,  
clearly shows the direction of the vast territory,  
a second homeland to so many islanders  
and a solid, unified country.

**SÃO JORGE: The Massed Band**

For Luís Bettencourt

They are filing into the room  
of the modern school building.  
One after another,  
with no special uniform.  
Men, women,  
some in the fullness of youth, others having reached  
maturity.  
Unhurried, all of them knowing  
their assigned seats.  
And they bring in their instruments,  
of various sizes, shapes and timbres,  
necessary  
for supremely intangible sonic architecture,  
borne modestly by people who work with  
a humble hoe, miter saw,  
pressing iron or word processor.  
And if there is pride in bearing  
instruments so noble that they inspire  
the unanimous harmony of those who are listening,  
that pride is discreet, internalized.

*Fico a saber que provêm estes músicos  
das nove ilhas dispersas neste mar  
que nos separa e nos une  
para sempre.*

I am learning that these musicians hail  
from the nine islands scattered in this ocean  
that divides and unites us  
forever.

*Descanso o meu olhar em cada rosto  
e descubro que são de origens bem diferentes:  
– louros de Flandres, morenos de Alentejo –  
açorianos todos como eu.  
(Quantas raças de Europa existem neste povo!)*

I rest my gaze on each face  
and find that they are of quite different origins:  
blonds from Flanders, brunettes from Alentejo –  
all Azoreans like me.  
(How many European lines exist in our people!)

*Há três dias apenas se encontraram no seu todo,  
pela primeira vez.  
Trabalharam em grupo, dirigidos  
pela mão industriosa do maestro,  
um convidado de mais longe ainda,  
que assim os fez improvisada filarmónica.*

Only three days ago they all met  
for the first time.  
They have worked as a group, conducted  
by the industrious hand of the maestro,  
a guest from even farther away,  
who has fashioned them into a special *filarmónica*.

*E com que fluidez e alegria  
produzem esta música,  
que se ergue e ressoa  
primeiro em cada ouvinte,  
digamos que depois em toda a Ilha,  
e em todo o Arquipélago!*

And with such fluidity and joy  
they produce this music  
that rises and resonates,  
first in each listener,  
then, we must declare, throughout the island,  
and finally the entire Archipelago!

*Na verdade,  
como é bom poder alguém orgulhar-se  
deste povo!*

In truth,  
how great it is to be able to take pride  
in these people!

### 33. LUCIANO PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL E AICL

- **LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA**, [luciano.pereira@ese.ips.pt](mailto:luciano.pereira@ese.ips.pt), Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português / Francês)
    - Mestre em Literaturas Medievais Comparadas
    - Doutor em Línguas e Literaturas Românicas
- PUBLICAÇÕES**

## 1.COMUNICAÇÕES E ARTIGOS:

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
  - *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
  - *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
  - *Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
    - *O mau-olhado na cultura popular*

## 2. ENSAIOS: A FÁBULA EM PORTUGAL

## 3. UNIDADES DIDÁTICAS PARA ALUNOS DO ENSINO COMPLEMENTAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ALEMANHA (EM COLABORAÇÃO): A CIDADE

## 4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2016)
  - Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995) Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
    - Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
    - Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2016)
    - Presidente dos Júris das Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2016).
    - Presidente do Júri das Provas de ingresso para os estudantes com mais de 23 anos nos cursos da ESE Setúbal (2016).
  - 3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração): A cidade
    - O mundo das línguas
    - Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982 / 1986)
    - Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986 / 2010)

- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990 / 1995) Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995 / 1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002 / 2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008) Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014 / 2015)



• SEIA 2013

FUNDÃO 2015



FLORIPA 2010

- **DISCIPLINAS LECIONADAS:**
- Língua portuguesa, Globalização das expressões, Literatura para a infância, Introdução à Literatura comparada, Retórica e argumentação, Culturas populares, Comunicação e património literário, Língua e cultura portuguesas para estrangeiros, Língua e Literatura portuguesas, ...



FLORIPA 2010

## TEMA A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS OU A INFINITA PAIXÃO DE NORBERTO ÁVILA - LUCIANO PEREIRA, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL (ESE)

### 1. O AUTOR, AS ORIGENS DO GÉNERO E AS OBRAS

Norberto Ávila afirma-se no panorama do teatro português, de forma inequívoca, como um dos mais reconhecidos e representados autores da nossa pós-modernidade aquém e além-fronteiras. Cultivou vários géneros literários desde a poesia à prosa, donde se destaca o conto e em particular o romance “dramático” género que alarga os hábitos e as estratégias de leitura, derrubando muros e preconceitos formais e estruturais, numa procura incessante de uma depurada estética e criatividade linguística.

A sua extensa obra dramática recria a história do teatro, faz luz sobre momentos de sombra do nosso teatro nacional, lembrando que existiram representações sagradas e profanas antes de Gil Vicente, revisita o imaginário universal dos temas mais clássicos que escorreram pelas margens dos rios onde se formaram as primeiras sociedades que recorreram aos ritos como primeiras representações dos primeiros mitos e onde se afirmariam os primeiros dramaturgos em honra das grandes divindades protetoras e dos heróis fundadores.

Norberto de Ávila convoca os antigos dramaturgos gregos e latinos, Gil Vicente, Shakespeare, Molière, assim como um grupo bastante variado de autores contemporâneos de onde se destacam os de expressão anglo-saxónica e alemã. As “paixões” são referidas como uma das primeiras formas de representação medieval em espaço francês desde o século XII, atestada uma Confraria própria para as suas representações no século XIV (Moussinac: 1957, 90. Com fortes indícios posteriores na península Ibérica, bem documentadas a partir do renascimento em Portugal (Rebello:1967,31-32) e em algumas das suas praças-

fortes além-mar, com destaque para as da Índia (Martins: 1975), e para as representações quinhentistas nas naus que a demandavam (Martins: 1973).

Norberto não se limitou a escrever uma paixão (1972 e 1978). Norberto escreve uma segunda paixão (2011) em que o enredo se desenvolve em torno da história da sua pretensa representação. O seu narrador é o seu pretense autor, João Mateus, cantor popular, com um nome de ressonâncias bíblicas voluntariamente reforçadas. *Alia jacta est*. Os evangelhos tornam-se o testemunho da vida de um povo que sonha e que sofre sob o domínio de um poder distante que ajuda uma classe sacerdotal a sujeitar toda as energias criadoras de um povo cerceado da sua liberdade e do seu verdadeiro e único pastor.

A tragédia torna-se tragicomédia, a divina paixão torna-se paixão humana. Os pequenos e grandes sofrimentos tornam-se os pequenos e grandes erros da vida e da condição humana; os pequenos e grandes erros da representação da vida do quotidiano tornam-se os erros de uma paixão divina que leva quase à loucura e à descrença: Pai porque me abandonaste?

## 2. A PAIXÃO NO PENSAMENTO CRISTÃO E NA HISTÓRIA DA LITERATURA EM PORTUGAL

A Paixão de Cristo inscreve-se no âmago da fé cristã. Para o cristão, trata-se do acontecimento mais radical da humanidade, assim como o acontecimento mais radical da sua própria existência terrena: *“Para muitos é mesmo o momento central da sua História; para todos, um dos momentos mais marcantes da vida da humanidade”* (Neves: 2015, 7). Ela é a boa nova, é ela a salvação. Mais do que a vivência de uma morte, trata-se da radical afirmação de uma ressurreição: *“Claro que Deus, o único e verdadeiro deus, não pode morrer. Ele é o ser em si mesmo, quem dá o ser a todas as coisas.”* (Neves: 2015, 29) Ela é a manifestação mais radical do amor de Deus para com a sua criação, e em particular para com o seu povo. O povo escolhido que, ao longo da sua história, escolheu a traição, o orgulho e a ingratidão. A Paixão está anunciada desde o pecado original e desde a consequente expulsão do paraíso. A serpente teria que ser vencida, e com ela a morte teria que ser esmagada, como expressão do mais puro amor divino. Deus enviará o seu filho, feito homem, por intermédio do Espírito Santo, para proclamar a mais extraordinária relação de afeto e de amor: O amor de Deus pela humanidade, o amor de Deus por cada um de nós que mudou todo o decurso de uma história de barbárie naquela tarde de uma sexta-feira do mês de Abib.

Deus sacrificou-se pela humanidade. Pregado numa cruz, como a mais vil das criaturas, julgado por um poder religioso que não podia tolerar a afirmação da sua essência divina, o seu radical amor pela humanidade, tal como a boa nova que nos trazia. O reduzido círculo dos sumos-sacerdotes não podia suspeitar as trágicas consequências da sua intolerância e incompreensão: a profunda cissão de um povo que depositava todas as suas esperanças num messias que o orgulho dos seus dirigentes não podia reconhecer. O poder político, um poder invasor,

conquistador e militar, embora frio e distante, não podia deixar de expressar uma profunda estranheza por tanto ódio, tanta irracionalidade, tanta incompreensão. Ouvia Jesus proclamar a sua realeza divina. Ouvia-o proclamar que era a própria verdade encarnada, mas não soube ir para além da sabedoria que os gregos lhes ensinaram e limitaram-se a permanecer na dúvida filosófica que mal lhes possibilitava afastar-se de uma visão mítica da existência. Mas, o que é a verdade? Pilatos lavou-se, publicamente e ostensivamente, as mãos. Nenhum dos protagonistas romanos poderia suspeitar que aquele corpo que desrespeitariam, feririam e flagelariam, que aquelas roupas que sorteariam eram as provas físicas do Deus vivo que um dia viriam a adorar, as provas físicas de um Deus que viria a garantir a coesão de um Império que só, em Cristo, poderia sobreviver e encontrar a sua razão de ser.

A representação da paixão perde-se no tempo. Se é verdade que a cruz não consta de os primeiros símbolos de reconhecimento dos primeiros cristãos, sabemos que a sua presença na iconografia se intensifica a partir do século quarto. Os autos da paixão celebram-se desde a idade média, os prantos de Nossa Senhora, inicialmente com autonomia própria, integram-se nas representações da paixão. Se é verdade que só incidentalmente o tema foi retomado por Gil Vicente no final do auto da Alma e no breve sumário da história de Deus, reencontramo-lo em Baltazar Dias e no Padre Francisco Vaz, assim como no auto da ressurreição de D. Francisco da Costa. Em letra renascentista, datado de meados do século XVI, existe na biblioteca da Ajuda um devocionário manuscrito que deriva de forma evidente da tradição medieval. Contém, em prosa, uma ressurreição do senhor, quase igual a que foi descoberta num missal em Saragoça, impresso em 1485 e cantava-se em Girona, conforme consta de um manuscrito musicado da biblioteca central de Barcelona, embora com menos versos:

**“Prosa da ressurreição:**

**[Chorus]**

*Surgit Christus cum trofeo,  
Iam ex agno factos leo,  
Solemni victoria.  
Mortem vincit sua morte,  
Reseravit seram porte  
Sue mortis gracia.*

*Hic est agnus qui pendebat  
Et in cruce redimebat  
Totum gregem omnium.*

*Cui cum nullus condolebat,*

*Magdalenam consumebat  
Doloris incendium.”*

**Coro**

*“Ergue-se Cristo com o troféu, já de cordeiro feito leão, com solene vitória. Vence a morte com a sua morte, correu o ferrolho da porta, por graça da sua morte. Este é o cordeiro que estava suspenso e, na cruz, redimia toda a multidão dos homens. E como ninguém se compadecia dele, um incêndio de dor consumia a Madalena.*

**Anjos**

*Dize, Maria, que viste no caminho, olhando para a cruz de Cristo?*

**Maria**

*Vi Jesus ser despido e levantado na cruz, por mãos de pecadores.*

**Anjos**

*Dize, Maria...*

**Maria**

*Vi a cabeça coroada, o rosto sujo de escarros e cheio de dores.*

**Anjos**

*Dize, Maria...*

**Maria**

*Vi os cravos perfurar as mãos e a lança ferir-lhe o lado, que se tornou uma fonte viva.*

**Anjos**

*Dize, Maria...*

*(...)* (in Martins:1969, 27-33)

Teriam sido os monges de Gand, cidade flamenga, que no século X teriam, pela primeira vez, representado o Sepulcro. Em França, no século XI, os autores de Mistérios, muitas vezes juristas profissionais, procuram satisfazer as novas exigências de um público, que sem acesso ao latim, necessitam de ver expressos os seus sentimentos, as suas emoções e a sua cosmovidência, numa mistura entre o sagrado e o profano, o presente e o passado, o trágico e o cómico, a delicadeza e a grossaria, características próprias da mentalidade medieval. A Paixão de Mercadé, de Arras (1420) e os Mistérios de Arnoult e Simon Gréban, de Mans, entre os quais o Mistério da Paixão, são exímias ilustrações dessas novas formas de expressão e de representação do mundo. O primeiro teatro permanente está intimamente relacionado com a representação da Paixão, foi construído em 1402, em Paris, mercê de privilégios concedidos por Carlos VI à confraria da Paixão. No início do século XVI, relata-se, em Mons, um *Mystère de la Passion* com cenários polivalentes e bastante sugestivos:

*“No Mystère de la Passion, de Mons, por exemplo, representado em 1501, os carpinteiros e os pintores levaram a cabo cenários por vezes polivalentes, mais sugestivos do que exatos, mas capazes de situar a ação dramática no tempo e no espaço, principalmente com a ajuda de letreiros explicativos.”* (Martins: 1973).

Hoje, em Portugal continuam-se a celebrar os autos da paixão, nos domingos de ramos, ou durante a semana santa, sobretudo na quinta-feira e na sexta-feira da Paixão (tal como acontece em Santo António de Monforte ou em Chaves). As representações ininterruptas chegam a durar cerca de três horas, efetuam-se geralmente no grande largo das aldeias onde se erguem cenários compostos por pequenas construções reconstituindo o Sinédrio, a casa de Herodes, de Pilatos e o próprio Monte das Oliveiras. Por vezes a representação tem lugar no salão de festas. Em Miranda do Corvo o Alto do Senhor dos Passos ou a celebração do martírio de Cristo, representada de dois em dois anos, constituiu uma das mais complexas dramatizações do género atraindo grande número de visitantes:

*“Organizado pela Irmandade das Almas, evoca os momentos mais significativos da paixão de Cristo, correspondendo cada passo a um altar, cuja montagem é tradicionalmente atribuída a uma família da terra. São dezassete as figuras que tomam parte da representação, entre crianças e adultos, além da figuração de Cristo, de sua Mãe e de Verónica – a quem cabe entoar os versículos, ao mesmo tempo que desdobra o sudário e o exhibe perante os espetadores. Após o Sermão do Pretório, Cristo encontra-se com sua mãe, momento que ocorre na praça principal da vila, ocasião sempre de grande dramatismo, embora o ponto mais alto da representação seja o da encenação da Crucificação. Em espaço adequado ao efeito assiste-se à morte de Cristo, enquanto os espetadores escutam o sermão da soledade. As condições naturais do cenário em muito contribuem para o efeito alcançado nesta encenação: as antigas ruas da vila e o local conhecido pelo calvário, uma pequena elevação outrora coberta por oliveiras, onde agora se ergue um grande altar da construção recente.”* (Barros, J. e Costa, S. M.: 2002, 98-99)

### 3. A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS, FUNÇÃO DEDICADA AO POVO DA ILHA TERCEIRA

#### 3.1. A CONSTRUÇÃO DO NARRADOR E A AFIRMAÇÃO CARNAVALESCA DAS BEM-AVENTURANÇAS

Norberto Ávila lança mão da paixão de Cristo para reconstruir perante nós uma das figuras mais populares da sua terra materna, a ilha Terceira de Jesus Cristo, o poeta popular:

*“desses que felizmente se encontram hiperativos, digladiando-se amistosamente nas cantorias ao desafio ou escrevendo cada ano os novos textos (em verso, pois com certeza) que hão de constituir o suporte das danças dramáticas que animam o período carnavalesco. [É porque nem sempre são jocosos os temas escolhidos (por vezes até extraídos da História de Portugal, das Sagradas Escrituras ou dalgum tratado de santos], pareceu-me o assunto bíblico particularmente interessante para uma recriação literária da linguagem popular terçeirense.” (Ávila: 2009,19)*

João Mateus, de seu nome, o poeta surge-nos como uma encarnação de uma das dimensões do próprio autor, alguém que se inscreve totalmente na sua existência do quotidiano, alguém que se comove com as pequenas histórias de cada um de nós, alguém que se ri, que procura a comicidade do irrisório, das pequenas tragédias e das contradições da vida, alguém que se indigna, que sofre e que padece com as injustiças dos prepotentes, dos grandes deste mundo, alguém que se entrega com amor e alma às suas gentes e aos mistérios gloriosos, gozosos, dolorosos e luminosos da sua língua.

O poeta que se afirma como o verdadeiro autor do seguinte texto dramático não se assume apenas como um dos muitos poetas populares que nos deixam embevecidos pelas suas artes da palavra repentina e discursos jocosos, mas também exhibe uma subtil, mas evidente cultura filosófica e literária de dimensão universal. O facto de reunir o nome de dois dos evangelistas também faz dele uma espécie de arquétipo evangelista, dando à sua paixão uma dimensão ainda mais eterna porque ainda mais presente. Se a comicidade irrompe de múltiplas formas, sobretudo associada a ridicularização dos poderosos (Herodes, Simão de Betânia, 1º Pontífice, Pilatos, soldadesca romana, ...) é impossível ignorar a mensagem nuclear de toda a obra que talvez se possa resumir à simples e sábia afirmação do conjunto das bem-aventuranças:

*Jesus “Bem-aventurados são  
Os mansos. Esses serão  
Donos da Terra e da luz  
Que vem da face de Deus.  
Tamém bem-aventurados  
Os que chórur. Cunsolados  
Serão um dia nos céus,*

[...].” (2009: 134)

O poeta prossegue segundo o modelo de Lucas e de Mateus, no começo do *Sermão da Montanha*:

*“Felizes os pobres...  
Felizes os mansos...  
Felizes os que sofrem...  
Felizes os que têm fome e sede e de justiça...  
Felizes os misericordiosos...  
Felizes os de coração puro...  
Felizes os pacíficos...  
Felizes os que são perseguidos por causa da justiça...” (Mt 5,3-10)*

O final da função ou da peça, cantado pelos Anjos, acompanhados pelos músicos, parece a afirmação da mais radical ideologia humanista que norteará, até ao final dos tempos, os que uns chamam o infinito amor de Deus e outros apelidam do mais puro ideal socialista e revolucionário: Justiça, igualdade e fraternidade:

*“Jesus Cristo combatente,  
Co’a baandeira da verdade,  
Grita a palavra Igualdade  
E cai morto à nossa frente.*

*Cristo ofendido e ultrajado,  
Im tantas prisões cativo;  
Cristo morto, Cristo vivo,  
Renascido ò nosso lado.” (2009: 225)*

### **3.2. O CONJUNTO DAS DIDASCÁLIAS E A SUA ESTRUTURA POÉTICO-NARRATIVA**

Toda a estrutura da peça é perfeitamente perceptível a partir das suas didascálias. Não se limitam a fornecer informações, de forma objetiva, sobre os cenários, sobre os adereços, sobre o fundo musical ou sobre as representações, mas contribuem, de forma sugestiva, para a poeticidade, para o dramatismo ou para a comicidade da obra. Elas constituem uma primeira narrativização do núcleo mítico e sagrado da peça. Funcionam, simultaneamente, de forma independente e complementar às falas ou réplicas. Constituem um elemento estético essencial para o conjunto da obra. Funcionam de forma dialógica com os restantes elementos.

O texto dramático toma uma verdadeira dimensão polifónica. A *Paixão segundo João Mateus, Romance quase de cordel* é outra das possibilidades da criatividade literária que esta primeira narrativização permite. Atentemos nas suas características estéticas e saboreemos as suas diversas potencialidades, tanto



poéticas, quanto narrativas e dramáticas. Esta ostentação dos mistérios da criação é apanágio de uma pós-modernidade tão culta quanto virtuosa, tão cómica quanto trágica, tão coloquial quanto erudita. Não estamos perante um arquitepo, nem tão pouco perante um conjunto de fragmentos vagamente paraliterários, com exclusiva função teatral, mas perante um texto com características pragmático-semânticas literárias que apresenta uma tessitura suficientemente coesa para dar origem a vários outros textos de modos e géneros variados e que se assume como verdadeiro hino, tanto ao realismo contemporâneo, quanto à criatividade e imaginação intemporal, sempre verosímil:

*“Ao entrar no teatro, o público deve encontrar a cena aberta, já devidamente preparada para o espetáculo. No fundo recorda-se o dispositivo cénico. Este poderá ser uma estrutura muito simples, de tubos metálicos, por exemplo, com dois pisos. O piso de baixo será utilizado para as diversas cenas de interior, com jogos de cortinas em vários planos. Lateralmente, alguns bancos corridos, onde se sentarão os músicos e os atores, apenas perceptíveis do público, aguardando o tempo de atuação.*

*Um estrado, com um alçapão à frente, cobre completamente esta área de representação.*

*No segundo piso levanta-se um pequeno quadro cénico, cuja cortina abre à italiana. É o «paraíso».*

*Duas escadas de mão tornam comunicantes os dois pisos. Só a cortina da frente, no piso inferior, se encontra aberta.*

*O espetáculo poderá iniciar-se com a entrada dos músicos e dos atores, que, passando por entre a assistência, se dirigem lentamente para o palco. Vão os músicos tocando, e os atores que usarem cabeleira poderão levá-la dependurada na mão. Dão uma volta ao dispositivo cénico e ocupam os lugares que lhes estão destinados. Afastando a cortina principal, aparece João Mateus, que avança para o público e faz uma vénia. E logo surgem os Anjos. Dois deles trazem uma capa e, quase ritualmente, a colocam nos ombros do poeta popular, antes de subirem também, pelas escadas de mão, ao piso superior.*

*Reunidos todos os Anjos além da cortina do «paraíso», João Mateus levanta o braço para trás,*

*num sinal aos músicos, que deixam de tocar.” (Ávila: 2009, 129-130).*

*“(Na cortina do «paraíso» espreitam as cabeças dos Anjos.) (Idem: ibidem, 132)*

*(Os Anjos escondem-se, precipitadamente.) (p. 132)*

*(Com o mesmo gesto de há pouco, faz um sinal para trás.) (p. 132)*

*(Afastando a cortina apenas o necessário, os Anjos vêm colocar-se à frene dela, lado a lado. Cada um segura, com ambas as mãos, uma vela apagada.*

*Afastando a outra cortina, em baixo, entra o último, com um acendedor de vara. Dirige-se para João Mateus.) (p. 132)*

*(João Mateus tira do bolso uma caixa de fósforos e acende o pavio do acendedor. Volta a guardar a caixa.” (p. 132)*

*“(O Anjo dirige-se para junto do dispositivo cénico e, pela esquerda, vai acendendo as velas dos outros Anjos, regularmente dispostos à beira do «paraíso». Começa por cantar sozinho; mas cada um dos outros sucessivamente e à medida que a sua vela é acesa, vai juntando a sua voz, formando-se assim um coro.*

*Apenas a rabeca os acompanha. Depois de cada quadra, uma pancada no tambor.*

*Quando tiver acendido todas as velas, o anjo apagará o acendedor. Entregá-lo-á depois a um ator e subirá ao «paraíso». Surgirá pelo fundo, afastando a cortina, trazendo também uma vela apagada. E, acendendo-a noutra, voltará a cantar com os outros Anjos. Virado para eles, João Mateus rege o coro.)” (p. 133)*

*“(Os Anjos colocam as velas numas bocas de castiçal que haverá na beira do estrado.*

*Entretanto, Jesus e alguns discípulos levantam-se e vão para trás da cortina.)*

*(Os atores abrem a cortina principal.*

*Jesus e os seus discípulos avançam até ao proscénio. Judas traz o tradicional saco do dinheiro; Pedro, uma grande chave. João Mateus acompanha-*

os com o olhar e fica voltado para o público. Os atores fecham a cortina principal.)” (p. 134)

“(Judas afasta-se para um lado e fica de costas por algum tempo.)” (p. 135)

“(Dos bancos reservados aos atores levantam-se quatro soldados romanos, que marcham dois a dois. Trazem calçados tamancos ou galochas. O seu matraquear representa uma espécie de ameaça.

Ouve-se o tambor, que os acompanha no lugar dos músicos.

Os soldados dão uma volta ao dispositivo cénico e regressam aos bancos.

Enquanto isto, Jesus ficará impassível, sem olhar para eles. Alguns discípulos afastar-se-ão para os lados e só voltarão a reunir-se a Jesus quando os soldados se tiverem ido.)” (p. 137)

“(Entra, por um lado, a Cananeia, que se tinha levantado pouco antes. Aproxima-se de Jesus.)” (p. 139)

“(Lança-se aos pés de Jesus.)” (p. 141)

(Chorando.)” (p. 141)

“(Depois de beijar-lhe a fímbria do vestido, Levanta-se, ajudada por Jesus, e diz, enquanto se retira: [...] (p. 142)

(Entretanto a luz foi baixando em cena.) (p. 142)

(A Cananeia volta ao lugar dos atores. Jesus Cristo e os discípulos também, mas por lados diferentes. Durante esta saída, breve solo de trompeta. A luz cresce no «paraíso».

João Mateus levanta os braços e prepara-se para reger o coro dos Anjos, que finalmente canta.)” (p. 142)

“(Abre-se a cortina da frente.)” (p. 143)

(Aparece o palácio de Herodes, simplesmente sugerido. Recortando-se na cortina do fundo, fechada, que duas colunas ladeiam, ergue-se o trono, em que está sentado, sonolento, o ator que interpreta Herodes. As luzes concentram-se neste lugar.) (p. 143)

(Breve solo de trompeta.

O ator sobressalta-se ligeiramente, levanta-se e põe-se a passear de um lado ao outro.) (p. 143)

O ator esboça um gesto tímido, que é como um pedido de desculpa.

João Mateus volta-se para o público.) (p. 143)

(Finalmente, o ator entra na pele de Herodes.) (p. 143)

(Afastando a cortina do fundo, aparece Salomé.) (p. 143)

(O ator que interpreta Herodes parece ter-se esquecido do papel. Olha aflitivamente para João Mateus.) (p. 144)

(Salomé ensaia uns passos de dança, alcançando os braços, saracoteando o corpo. A rabeca e o pandeiro acompanham.) (p. 145)

(O ator volta a esquecer-se do papel. Põe-se a olhar para João Mateus.) (p. 146)

(Novamente se esquecer o ator do seu papel. Põe-se a olhar para João Mateus.) (p. 147)

(Herodes deixa-se amparar por Salomé e prepara-se pra sair.) (p. 148)

(Afastando-se a cortina do fundo, Salomé deixa passar o rei, e segue logo atrás. Fecha-se a cortina da frente.

Levantam-se Jesus e alguns discípulos. Dirigem-se para o proscénio.

Segue-os a pouca distância um pequeno grupo de homens e mulheres.) (p. 149)

(Os homens e as mulheres do grupo mimam apanhar pedras do chão e prepara-se para atirá-las a Jesus.)

(Um após outro, os homens e as mulheres mimam deixar cair as pedras no chão; e vão-se retirando, à exceção do 2.º Homem, que se aproxima de Jesus.) (p. 150)

(O 2.º Homem afasta-se e regressa ao seu lugar.) (p. 151)

(Breve silêncio.

O apóstolo Mateus aproxima-se de Jesus.) (p. 154)

*(Jesus vai saindo. Vão logo atrás os discípulos, exceto Judas.) (De novo os quatro soldados romanos, ao ritmo do tambor, afirmam a sua autoridade, marchando dois a dois, numa volta ao espaço cénico. E regressam aos seus lugares. Judas segue-os a certa distância e a passos cautelosos.*

*João Mateus faz sinal aos Anjos.) (p. 155)*

*(João Mateus vai até junto da cortina da frente e, levando a mão à orelha, põe-se à escuta. E diz, depois.)*

*(Abre-se a cortina.*

*À volta da mesa está reunido o Sinédrio. Mas Caifás está de pé, a fumar. Ao ver abrir a cortina, apaga precipitadamente a cigarro numa coluna e deita-o para o chão. Entretanto diz João Mateus.) (p. 156)*

*(A cortina fecha-se, num rompante.) (p. 156)*

*(Volta a abrir-se a cortina principal.*

*Desta feita está o Sinédrio em pleno conselho. Caifás, ao centro, em cadeira de espaldar mais alto, preside. A uma banda e outra, pontífices, escribas e fariseus.) (p. 157)*

*(Caifás mete a lima das unhas num estojozinho, que guarda em seguida.*

*Ao mesmo tempo, os Anjos abrem cautelosamente o alçapão que há no sobrado do «paraíso» e espreitam para o Sinédrio.*

*Caifás levanta-se.) (p. 158)*

*(Os Anjos fazem o possível por conter o riso.) (p. 158)*

*(Caifás puxa do bolso um pesado cebolão de prata, preso a uma corrente. Consulta-o. Leva-o depois ao ouvido. Sacode-o.) (p. 159)*

*(Caifás guarda o relógio.) (p. 159)*

*(Riem-se os outros membros do sinédrio.) (p. 159)*

*(Os Anjos fecham o alçapão.*

*Ao ouvir bater o alçapão, João Mateus, que estava voltado para o público, vira-se repentinamente para trás.*

*Os Anjos endireitam-se e põem-se de mãos postas, seráficos, mas não por muito tempo.*

*Como se afinasse a garganta, João Mateus parece recomendar-lhe que se comportem ajuizadamente.) (p. 160)*

*(Afastando-se a cortina do fundo, aparece um Soldado, que, batendo as galochas uma na outra, logo se põe em sentido.) (p. 161)*

*(Afastando a cortina do fundo, entra o Soldado Bartolomeu e dá passagem a Judas Iscariotes. Este, como sempre, traz a bolsa do dinheiro.) (p. 163)*

*(O soldado vai saindo.) (p. 163)*

*(Dirige-se para aquele lado.) (p. 165)*

*(Todos os membros do Sinédrio se levantam.) (p. 167)*

*(Sai primeiramente Caifás. Quando os outros começam a sair, cerra-se a cortina da frente.*

*Breve interpretação musical.*

*Já no exterior, a um dos lados, reaparecem dois fariseus. Um deles é Simão de Betânia, que oculta o rosto com uma ventarola.*

*Por outro lado, entra Jesus, com alguns discípulos.) (p. 167)*

*(Os fariseus partem, apressados. Judas segue-os a alguns passos, enquanto Jesus e os outros discípulos se voltam para o público.) (p. 168)*

*(Surgem de novo os quatro soldados romanos, marchando dois a dois, ao ritmo do tambor. Depois de uma volta ao espaço cénico, regressam aos seus lugares.*

*Judas segue-os, a certa distância e a passos cautelosos.*

*Jesus e os restantes discípulos saem, pelo lado oposto.*

*Fecha-se a cortina da frente.) (p. 169)(Entra o fariseu. Traz um terço a tiracolo, cujas volumosas contas vai passando monotonamente. Passeia de um lado ao outro.) (p. 169)*

*(No lado oposto aparece uma sua criada.)*

*(Põe-lhe a mão na anca, que ela sacode com uma enérgica pancada.)*

*(Tira do bolso um estojozinho de caracterização.) (p. 171)*

(Contemplando-se ao espelhinho.) (p. 173)  
 (Aplica a tinta nas faces.) (p. 173)  
 (Guarda o estojozinho.) (p. 173)  
 (Breve intervenção musical.  
 Abre-se a cortina.  
 Noite. Mesa posta para a ceia, em casa de Simão de Betânia. Lázaro está sentado a um canto.) (p. 172)  
 (Lázaro levanta-se. E logo entram Jesus e alguns discípulos: Pedro, João, Tiago, Judas, Tomé e Mateus. Seguem-nos Simão e a mulher.) (p. 173)  
 (Com o seu sorriso postiço, dirige-se a Lázaro.) (p. 173)  
 (A Mulher sai.) (p. 174)  
 (A mulher do fariseu senta-se à mesa.  
 Entra a criada, trazendo um jarro e uma bacia de prata, e uma toalha de linho. Dirige-se para os convidados, a começar por Jesus. Cada um lhe apresenta a mão direita, sobre a qual ela lança um pouco de água, enquanto o diálogo prossegue. A mulher do fariseu começa a servir os convidados.) (p. 174)  
 (Sai a criada.  
 Do lado oposto ao que se encontra Jesus, surge Maria Madalena, com um vaso de alabastro. Cruzam-se os olhares das duas figuras.) (p. 175)  
 Atravessa a sala e dirige-se Jesus. Derrama-lhe depois sobre a cabeça o bálsamo do vaso. E, banhada em lágrimas, lança-se-lhe aos pés, que beija e enxuga com os seus cabelos.) (p. 175)  
 (Maria Madalena beija-lhe os pés e levanta-se.) (p. 177)  
 (Maria Madalena vai para sair.) (p. 177)  
 (Fecha-se a cortina.  
 Escureceu, entretanto.) (p. 178)  
 (Faz sinal aos músicos, que começam a tocar. Pouco depois, voltado para os Anjos.) (p. 178)  
 (Faz-lhes idêntico sinal. Eles cantam.) (p. 179)  
 (Os músicos continuam a tocar.  
 Descobre-se o espaço que representa uma rua de Jerusalém, a cujos lados estão homens, mulheres e crianças, com palmas e outros ramos.

Ao fundo, a luz vai crescendo de intensidade.  
 Aparece Jesus, no extremo da rua, acompanhado de em alguns discípulos, incluindo Judas. Pouco a pouco, vai-se o povo juntando a eles, e todos caminham em direção ao proscénio.) (p. 179)  
 (Agitam-se ainda os ramos nas mãos de Jerusalém.) (p. 180) [...]

Não alonguemos este verdadeiro exercício de escrita que nos projeta, de forma tão natural para o *Romance Quase de Cordel*, com o mesmo tema e provocatoriamente, com o mesmo título.

#### 4. A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS. ROMANCE QUASE DE CORDEL

##### 4.1. A LINGUAGEM, AS MEMÓRIAS E O NÚCLEO NARRATIVO DA PAIXÃO

O conjunto das didascálias da Paixão torna-se o núcleo narrativo em torno do qual se desenvolvem reflexões, e episódios relacionados com as suas pretensas representações. Abundantes são as falas ou réplicas que reencontramos, referências aos autores, ao seu desempenho e à sua vida privada. Mas é o narrador, tal como em Brecht, já tão presente na primeira paixão, que se declina quase até à exaustão:

*“Nã sei que direi de mim. Dalguns serei conhecido... Cantador pouco instruído, nã sei que direi de mim.*

*“Naci na ilha Treceira, chumada de Jasus Cristo. Dês que nasci, dês qu’inzisto, tem sido uma vida inteira a cantar e a oivir cantar.*

*“Mê pai era cantador. Minha mãe, essa, por môr de me fazer sessegar, semp’ um rimance cantava. Antão podia dromir. De tantos versos oivir já quãise in verso falava.*

*“Ô depois fui folião nas festas do Espír’to Santo. E hoje im dia ainda canto nas festas de todo o V’rão.*

*“Isto, ò redol da Treceira e nos açores im jaral. E nã só im Portugal. Foi inda na quarta-feira, chiguei d’Amér’ca do Norte, adonde vou há uns anos cantar, prós açorianos que lá prècurum a sorte.”*

*(Isto dezia (i)eu naquele ano de 72, q’ando iscrevi a peça, sò pra que todos sòbèssim qu’è me deslocava cum frequêcia òs Istados Unidos. O que num era mintira. E a quadra ficou mêm’assim, pra nã dar mais trabalho. Naquel’ano, pra falar mais dereitamente, os*

*últ'mos meses tñhum sido mãs era d'iscrita e d'insaios apretados, inté à istreia. – Adiente.)*

*“Também iscrevi enredos pràs danças de Carnaval. Essa (i)arte, bem ò mal, pra mim já nã tem segredos. Mãs quis agora iscrever alguma coisa mais grave, mais fermosa e mais suave. Ora o que haverá de ser? Foi tamanha hesitação! Depois de muntos cunseelhos, pus-me a ler os Avangeilhos: Saiu-me esta Paixão.” (Ávila: 2011, 38-39)*

Mergulhamos no universo literário das memórias. Género literário bastante específico que permite, de facto, uma maior revelação do seu narrador, assim como uma maior proximidade e intimidade com o seu interlocutor, presumivelmente um espetador privilegiado da primeira representação da paixão que se torna o fio condutor de episódios ora dramáticos ora cómicos ou hilariantes. Confessa-nos o autor que foi na Califórnia (por ocasião do lançamento do seu álbum fotográfico sobre as fajãs de São Jorge, em 1993, que lhe ocorreu a ideia de ficcionar um encontro com o poeta polar, João Mateus, personagem que havia imaginado como autor da sua Paixão, agora com os seus propectos oitenta anos e radicado em Tulare. O romance não podia, portanto, deixar de ser a história de uma escrita e da concretização cénica de um drama. A paixão que se enraíza na vida e na representação crua de uma realidade de emigração. João Mateus relembra episódios comoventes e graciosos, alguns pícaros a propósito dos atores que deram vida às suas inolvidáveis figuras bíblicas. Trata-se de um romance narrado na primeira pessoa num tom bastante coloquial, sem dizer uma só palavra, sentimos o autor sempre presente, os seus afetos, as suas emoções...

A figura de João Mateus aproxima-se muito mais do seu interlocutor e dos seus virtuais leitores, mais humana, mais divertida, mais marota, mais gozona, mais compreensiva e mais sábia e com João Mateus é Norberto que se comove e que se espanta com a força da vida é ele que troça dela, é ele que troça de si próprio: *“Com este livro Norberto Ávila reincide n’A Paixão, abrindo-a a novas vias, e na arte de se movimentar hábil e inventivamente por diferentes estruturas discursivas, colocando em paralelo os planos distintos da representação e da vida, que aqui se tocam e se misturam, para reflexão e divertimento do leitor.*

*Romance Quase de Cordel, conjuga, com invulgar mestria, a segurança da tradição com uma perturbante modernidade. Como um Jano de duas*

*faces, o autor volta-se para a cultura popular, mergulha nas suas raízes açorianas e nas falas de sabor antigo, para logo regressar à superfície, vivo e de olhar apontado às conquistas da ficção pós-moderna, sem ceder à tentação do fragmento.*

*Pela capacidade de harmonizar uma grande elaboração formal com a prática digressiva da oralidade; pela sua magnífica paleta de cores, a oscilar entre o roxo da via crucis e os tons indistintamente jocosos da glória de existir; pela capacidade de estabelecer cumplicidades com o leitor; pelo modo singular de infringir a própria norma romanesca, A Paixão Segundo João Mateus apresenta-se como um romance sem equivalente. E sem a possibilidade do espinho da desilusão.”* (Carvalho, in Ávila 2011)

A nossa leitura não ficaria completa se não aludíssemos às características particularmente sugestivas da linguagem utilizada pelas personagens, tanto as da peça teatral, quanto as do romance quase de cordel. Trata-se de mais uma das estratégias para reforçar a verosimilhança, a comicidade e uma humildade que apenas sublinha o virtuosismo linguístico e literário. Encontramos algumas características fonéticas próprias das pessoas iletradas, tais como as inversões (prêguntar – perguntar, treminava – terminava, carpicho – capricho, ...), as omissões ou supressões (‘távum – estavam, ispectá’clo – espetáculo, ...), e as substituições (vurmeilha – verme[i]lha, fezera – fizera, chigar – chegar, ...).

Os regionalismos atribuem aos textos um colorido e uma graça inequívoca (almairo, eizempro, doairo, ...), a ortografia reproduz as características mais marcantes do falar terceirense, a palatalização e velarização das consoantes quando precedidas respetivamente de um som palatal ou velar, resultando o aparecimento de um [j] ou de um [v] epentéticos (expedido – expedido, milhor-melhor; oitros – outros; augua – água, cunservar – conservar, respunde - responde). *“Na Terceira, nomeadamente em Angra, também é muito característica a terminação [e] em vez de [o]”* (Barcelos: 2008, 25), característica que não nos pareceu significativa na presente recriação da linguagem popular.

Algumas expressões recorrentes reforçam a sua pseudo-pertença da Paixão ao corpus tradicional, assim como a verosimilhança das personagens e a comicidade das situações (Dês le dê Céu! Adiente. Crotina!)

#### 4.2. A COMICIDADE

É de facto a relação entre o dramatismo do tema e a comicidade dos episódios e das expressões que atribui à obra a sua inequívoca identidade, e todo o seu

interesse filosófico e literário. Por vezes a comicidade chega a ser hilariante mesmo se, por vezes com laivos lúgubres ou horripilantes:

*“Pois aí vai o resto, prò senhor rir mémo inté às lágremas.*

*Mal a Olívia Cananeia havia expedido estas notícias, chega uma carta da prima (cuijo nome era Daisy). Antre oitras revelações e divagações de semenos importância, pidia-le a de Monterey munta desculpa por, na sua últ’ma missiva, iscrita im tã doloroso momento, nã se ter alebrado de dezer-le que, comã agora ia sendo hábito nos Istados Unidos, a tia Graziela nã fora sepultada, mãs cremada, e, pra melhor entendimento, queimada num forno especial. E que, tendo im cunsid’ração o mundo afeto de Olívia pla tia Graziela, fezera quistã de rupartir cum a sua q’rida prima as cinzas funerárias. “Se nã chigárum ainda, dévim d’istar a chigar”, acrescentava a Daisy; “mandei-as numa daquelas latinhas de farinha...” (e lá dezia a marca, de que nã m’arrecordo nim é preciso).” (Ávila, 2011, 34-35)*

Percebemos os sentimentos que terão passado pela cabeça de Olívia e as consequentes reações digestivas. O realismo é levado até à irrisão, sem perder a sua verosimilhança.

Acompanhar os remorsos de Herodes, a sua pequenez humana, juguete das suas paixões, juguete do destino torna-se um exercício bem-disposto de reflexões filosóficas que não podem ir muito além de um trágico sorriso repleto de contradições:

*“E o Herodes, aleviado: “Tudo q’anto desejassem. Cudei que não abusasses, usando tal regalia. Inté te podia dar deste mê reino ametade.”*

*Responde a Salomé: “Não hoive q’alquer maldade, bem podeis acarditar. Prêguntei a minha mãe q’al a sua ponião. ‘A cabeça de João Bautista é que nos cunvém’: foi a conselho que deu.”*

*“Nã vias que era contráiro à minha fé?”*

*“Mãs que almáiro de vertudes!, Pai do Céu!”*

*“Mandei-o descabeçar descuntra a minha vuntade.”*

*“E agora tendes soidade de vê-lo aí a penar no cativoiro?”*

*“Cunfesso: Caiiste no meu agrado. ‘Té fiquei arrelampado cum tanto grande sucesso. O vistido que botaste, - qu’ê te dei naquele dia -, mais ninguém regeria senão a ti. E dançaste comã nunca vi dançar.”*

*Ora a nossa espampanante e espiritada Salomé, sentindo-se apapricada cum tais ref’rências, insaia uns passos de dança, alcançado os braços, saracoteando o corpo. Por uma migalha de tempo, a rabeça e o pandeiro acumpânham. Inté que o Herodes arremata o espiche estonteante: “Todos fezêrum repairo e gavárum o doairo desse tê corpo no ar. Incantaste a nossa vista. Pois que uma prenda pedisses... Nunca julguei qu’inzegisses o fim de João Bautista.” “Minha mãe é qu’infruiu essa morte im meu esprito.”*

*“Foi um martele bem-dito que deste mundo partiu. Mãs se calhar quis voltar, para vingar-se de nós. Inda escuito a sua voz, semp’ e semp’ a cundenar a tua mãe e a mim, por nos temos ajuntado...” (Idem: Ibidem, 59)*

O fariseu, pela sua hipocrisia, arranca sorrisos contraditórios. Espelho coletivo. Invoca-nos, convoca-nos provoca-nos e diverte-nos:

*“E agora sim: cá o João Mateus introduz a cena divertida do Simão Labandeira (sabe a quem me refiro), e cum estas palavras: “Istranho palco da vida! No decurso da tragédia vem de rumpante a comédia, fazer a sua investida! Aquel’ hóme d’abanico, que vimos aqui há pouco, pois nã le falta descoco para voltar! Certifico que tem por nome Simão. De Betânia. Tem assento no Sinédrio, o cão nojento! – Mãs peço a vossa atenção.” Lá vem, pois, o fariseu, no seu andar miudinho. E traz um grande terço a tiracolo, cujas volumosas conturas vai passando monot’namente. Passeia dipois dum lado ò oitro. E diz: “É pro mim, sou fariseu. De corpo e alma, acrecento. Este terço é o alimento mais melhor que Deus me deu.” [...]*

*“Agora, no lado cuntrário, aparece uma Criada. É munto espevitada. E diz: “O papa-terços! Só vendo! Cuntado, nã s’acardita! A devina graça habita um tal horror mais horrendo? Naquele rosto, a doçura é a másc’ra da maldade.” E, a modes que se recompondo*

da sua indignação, lá se derige ò fariseu: “Eu ando à vossa prècura.”

E ele antão, untuoso: “Cum que fim, minha beldade, meu alfenim, minha rosa?” Põe-le a mão na (i)anca (gesto que ela sacode cum uma valente pancada). E o patrão desabafa: “Causa das minhas desditas!” (p. 76-77)

A desconstrução da peça é uma das estratégias que pretende ir para além da sua verosimilhança, sem abrir mão da sua dramaticidade, reforçando a sua dimensão cômica e hilariante:

“Há de reparar que, lá de vez im quando, ê lanço a minha deixa òs atores, assim cumo se eles estivéssim predidos no mar do texto e precisássim duma tábua de salvação. Nã digo qu’isso nã fosse necessário nos ensaios, ainda munto ò princípio. Mãs depois, achando graça às atrapalhações do pessoal, resolvi cunservá-las, cumo se fizéssim mêmo parte da peça. E assim ficárum, pra divertimento nosso e dos ispectadores. (p. 45)

Os anacronismos são outros dos ingredientes que tentam matizar a dimensão trágica da representação. Telefones e cigarros provocam sorrisos e gargalhadas: “E vamos a oitra cena, talvez das mais engraçadas.

Crotina carrada. Este João Mateus, junto a ela, leva a mão à orelha e faz minção d’escuitar o que dentro se passa. Logo dipois: “Ist’ aqui é o Sinédro. Tem pessoal reunido. Ô meio, munto intoirido, numa cadeira de cedro, ‘ stá o Sumo Saçardote, Caifás, sigundo le chãum...”

Aberta a crotina, vê-se que à volta da mesa está reunido o sinédro. Mãs o Caifás está de pé, a fumar um cigarro. Tanto que se apercebe do percalço im que se vê involvido, apaga precipitadamente o cigarro numa c’luna e deita-o prò chão.” (p. 66)

#### 4.3. REALIDADE, FICÇÃO E VEROSIMILHANÇA

A verosimilhança exige uma sólida tessitura contextual. A ficção cruza-se com a realidade histórica. A Paixão de Cristo cruza-se com as nossas pequenas paixões do quotidiano: “ Aiinda mêmo há instante alomeei Florival, o mê filho do meio, que Dês

tenha num bum lugarinho. É cum ele que tem a ver toda esta hestória.

Alcançado o tempo da tropa, lá foi ele pra Angra do Hiroísmo. (Bem bum que semp’ vinha ver-nos òs fins de somana.) Corria tudo munto bem – tanto q’anto é possível im tais judiarias própias da instrução melitar – e veio-nos certo dia cum a notiça de que ele e mai’ nã sei quantos da nossa ilha Treceira havíum de seguir dentr’im pouco pra Lisboa. Bem se dezia, à socapa, que o destino mais cuncreto era a Guiné.” (p. 38-39)

A verosimilhança faz, de facto, apelo aos acontecimentos que foram determinantes na vida de João Mateus. A voz emociona-se e embarga-se com as dolorosas memórias de quem tudo perdeu. O sismo de 1980 chegou sem se fazer anunciar e tudo levou:

“E o senhor há de ‘sculpar que, assim num repente, tenha de ser testemunha destas minhas lágremas. Isto são coisas im que ninguém governa bem dereitamente. Farto istou eu de olhar estas fetografias, do noss’ispectác’lo, e agora, bem descuntravuntade, é o que se vê. Fraquezas a quem um home nã resiste. Nã semos tanto fortes q’anto nos parece. É que me viérum à alembança aquelas oitras fetografias, munto mais antigas e relacionadas cum os veelhos tempos da minha família. Refiro-me a uma dúzia delas, muito estimadas e que, inf’lizmente, lá ficárum tamém nos escombros da nossa casa da Serrata. Aquilho é que foi mêmo uma disgrácia! Mãs paciência! Haija vida e saúde.” (p. 85)

As referências ao contexto histórico reforçam a ilusão do realismo da matéria narrada, assim como a dimensão crítica e interveniente de uma obra que interpela os prepotentes e glorifica os bem-aventurados:

“Mãs, à últema da hora, cunstou que o Oldemiro já nã dev’ria fazer parte do nosso grupo. Isto porque havíum chigado òs oividos de nã sei qu’autoridade, certamente um desses mês-sinhores da (i)alta polít’ca, uns zunzuns sobre uma quadra que o Oldemiro tinha improvisado, uns días antes, numa cantoria do Porto Judeu. (Isto porque o Oldemiro soibera da vinda do Nixon à Treceira e também porque, tendo vesitado ultimamente os Istados Unidos, cumo cantor

*afamado que todos q'rium oivir, conhecia certas indróminas da governação amaricana.) A quadra – nunca m'há-de esquecer – dezia assim: “Lá lóinge a guerra perdura,*

*Ó Nixon, de modo infame!  
Nã queiras matar os teus  
Nesse infernal Vietname!”*

*(E, cumo nã podia deixar de ser, uns quantos desses soldados inté seríum de sãingue açoriano, o que tronava a quadra deveras pertinente.)” (p. 97)*

*“E agora, pra treminar este desvío, mãs ainda porque vem a prepósito: Para as festas do Intruído de 1975 (q'ando já todos os Portuguese havíum recup'rado im pleno a sua libardade d'ixpressão), alembrei-me do Nixon oitra vez. Isto porque os noss' jornais falávum munto do escanduloso caso Watergate, im que o dito figurão se viu envolvido, numa indecente espionice. De mode qu'iscrevi um inredo para uma dança sobre o assúinto. E quem hav'ria (i)eu de cunvidar – e cum munto gosto – prò papel do Nixon? O Oldemiro, pois antão!*

*“É já 'stive na Treceira,”  
(cantava o Nixon)*

*“E nã 'stou arrependido.  
Mãs fiz a Dês uma prece.  
O médo era qu'hoivesse  
Um microfone iscundido  
No rebordo do bidé.”*

*E o Ratão, que era (i)eu:  
“Quem te pode ultrapassar?*

*Nós nã q'remos afinar  
Sigundo o teu lamiré!” (p. 98-99)*

#### **4.4. A BOA NOVA, O SAGRADO E O PROFANO**

A boa nova não se consegue, todavia, dissolver, nem no jogo dramático, nem na dimensão cômica que apenas lhe evidencia a solidez dos seus alicerces:

*“Proclamo cumo eizempro, e tanta vez,” respunde o Devino Mestre, “que é vosso dever amar-vos uns ós oitros. Quero dar-vos este cunseilho, talvez diente de mim dos prumeiros: Não ameis só os amigos; amai vossos inimigos por amigos verdadeiros.”*

*Mãs o Tomé mostra-se banzado, e mêmô esparvoado, zonzo de todo cum semelhante preposta: “Isso parece cuntráiro à natureza dum hóme.”*

*E o Pedro, abespinhado: “Quer's insinar – Santo Nome! – o padre-nosso ò vigáiro?”*

*“Já cá nã 'stou,” diz o Tomé, e afasta-se uns três passos, um pouco de beíça caída.” (p. 49)*

O sagrado e o profano articulam-se tão natural e maravilhosamente que é com a maior das benevolências que chegamos a conceder a Cristo o privilégio de saborear, em plena Páscoa, uma alcatra lé no alto da serreta:

*“(Isto de nesta refeição de Betânia ser servida alcatra foi um piqueno carpicho da minha fantasia, cunfesso. E um mê-sinhor da cidade mandou-me inté dezer, por intrepоста pessoa, que dev'ria ser crodeiro. E ê mandei-le cumo reposta que aquilho num era ainda a refeição pascal, e que, de q'alquer modo, naquele momento, era (i)eu que escolhia a ementa im casa de Simão e de q'alquer oitro fariseu. E quer saber o mais ingraçado? Um desses jornais d'Angra do Hiroísmo botou logo na prumeira págena, im grandes letras: “Jasus Cristo ceou onte uma alcatra na Serreta.” – Aquilho há de ter sido coisa do Sr. João Afonso. – Munto me diverti cum essa hestória.)” (p. 79-80)*

A Paixão é uma infinita história de amor. João Mateus afirma até à exaustão o seu entendimento. Maria Madalena e Simão Fariseu constituem dois dos polos dessa dinâmica interminável:

*“Julgaste bem, cum rezão. – Vês esta mulher, Simão? Dir-te-ei que s'apressou a prestar-me esta homenagem porque pressente o mê fim. – Depois da longa viagem, nã me deste águia prós pés. Esta mulher, no intanto, trouxe lágrimas de pranto, amargo sal das marés. E enxugou, co'os cabelos, os mês pés. Tu, aliás, nem o ósculo da paz incluíste nos desvelos de quem cunvida e arrecebe. Esta mulher quis trazer-me o sê bálsemo, e of'recer-me a ixtrema-unção, pois precebe que ninguém mais o faria. Assim, são-le predoados os sês erros, sês pecados. Doitro modo ê nã diria a quem tanto amou:” – e volta-se prà Maria Madalena – “Mulher, eis que te dou solvição. Vai im paz.” (p. 82)*



A referência à última ceia funciona como um ritual preparatório ou, posteriormente, como um ritual comemorativo do supremo ato de amor, a Paixão Suprema, reforçada pelo perdão concedido ao traidor. Nesta cena, nem a estranheza da linguagem lhe concede qualquer tipo de comicidade provocatória:

*“Jasus móilha um pedaço de pão no prato. E diz: “Esse a quem é der o pão, sigundo o hábito antigo, esse há de ser o treidor. E im breve tempo.” Istende o pedaço de pão ô Judas ‘Scariotes.*

*“Eu, Senhor?”*

*“Tu o disseste.” Judas aceita aquela nisca de pão e fica a olhar para ela, atarantado.*

*E o Devino Mestre: “Oive, amigo: Isso que tens a fazer, fáze-o depressa. Depressa.”*

*O ‘Scariotes sai antão, cabisbaixo e cambaleante.*

*Uma vez mais s’intreólhum os apóst’los, confundidos.*

*E Jasus, serenamente:” Para que tudo acunteça comâ quis istab’lecer Deus, no seu alto sentido. – Ei-lo que se vai embora, rastejante. Milhor fora que não hoivesse nacido.” Pega im seguida no pão e ruparte-o plos companheiros. “Tomai e comei o pão, corpo do mê sacrifício. Num simples gesto, o indício que, ao cumprir-se esta missão, restará de mim. Serei, despois do mê passamento, vossa força e mantimento.” Cuntinuando a srimónia, faz circular o cales antre os descíp’los. “Tomai todos vós, bebei este vinho d’amargura, sãingue da minha Paixão. Neste pouco, vinho e pão, a minha vida perdura. E lembro aquel’ mandamento, o prumeiro de guardar: Vosso dever é amar, tal comâ ‘té ô momento vos amei.” (p. 89-90)*

Os pequenos dramas do quotidiano dos atores repetem o arquétipo da Paixão representada e não deixam de provocar o repúdio dos espetadores/leitores, mesmo que, com alguma cumplicidade divertida: *“E chega antão a prumeira das cenas im que o Lisuarte, no desempenho impressionante da fegura do Cristo, bem pod’ria*

*imaginar e sentir a cumplicidade daquela Guadalupe, porque – dezia ela na sua carta cheia de malina perversidade – “q’ando te gølgeárim e esbofeteárim (...) fica sabendo que por’í tamém andarâ a minha mãozinha. E q’ando te cuspírim, tamém o mê cuspo te há de iscorrer plas fácias.” (p. 100)*

As necessidades e vicissitudes da vida irrompem, com delicadeza, embora sem menosprezar a significação da Paixão e o quanto ela continua tão presente em todos nós, na nossa radical individualidade:

*“Inda istou pra saber como é que o senhor, despois de tantas horas de viagem e tão pouco descanso, cunsegue manter os olhos abertos, oivindo todas estas peripécias da nossa Paixão campesina. Inté parece qu’este assúinto (seija Dês loivado) le toca particularmente, le diz dereitamente ruspeito, como algo que semp’ furvilhasse no sê espír’to, na sua ‘magação! Mês adiente. Já bem pouco nos falta pra nos assantarmos à mesa, a cunversar cum a Deonilde, que certamente nos pruparou um jantarinho cundigno, a alambrar a nossa querida terra.” (p.120)*

O clímax da ação, o momento mais trágico da paixão resiste à subtil intrusão de alguns gracejos bastante contidos:

*“Segue-se que o Prumeiro Sòldado insòpa uma ispõinja no vinaigre, ispeta-a numa lança e chega-a ô lábios de Jasus: “Aí tens!”*

*Cum um rápido movimento de cabeça, o Cruceficado rejeita o vinaigre. (Na vredade, tratava-se sempre de água pura e simples.)*

*Jasus: “Mê Deus! Mê Deus! Por que razão m’abandonas?” E diz o Treceiro Sòldado ô inocente supremo: “Cum tal gritar desmoronas o mais ateu dos ateus!”*

*E o Sigundo Sòldado: “Agora vai-se ‘spedir deste mundo.”*

*Jasus: “Tudo está cunsumado.” (p. 127)*

A obra termina virando as costas ao sagrado e à arte para poder apreciar coisas bem mais prosaicas da Vida:

*“Mês o senhor desculpe. Nã vamos isp’rar pla Ressurreição. (Dês me predoe!) Vamos mäs é lá pra dentro, trocar umas palavrinhas amáveis cum a Deonilde. Parece-me que já a oiço a cirandar na*

cozinha. E também, devo confessar, já vou sentindo umas fraquezas d'expressão. E pra isso num há melhor rumédio: a prometida alcatra, bem à nossa maneira terceirense.” (p. 129)

## 5. BIBLIOGRAFIA

- Ávila, Norberto (2009) *algum teatro I. Apresenta-se o autor com as suas peças. As Histórias de Hakim. A Paixão segundo João Mateus. As cadeiras celestes. O Rosto levantado*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Ávila, Norberto (2011) *A Paixão segundo João Mateus. Romance Quase de Cordel*. Lisboa: Instituto Açoriano de Cultura.
- Alves, Herculano (2001) *Símbolos na Bíblia*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- AAVV (1971) *Jesus*. Paris: Hachette.
- Barcelos, J. M. Soares de (2008) *Dicionário de Falares dos Açores*. Coimbra: Almedina.
- Barros, Jorge; Costa, Soledade Martinho (2002) *Festas e tradições Portuguesas. Março e abril*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Dias, Maria Alice Borba Lopes (1982) *Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia*. Açores: Secretaria Regional de Educação e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais.
- AAVV, trad. Antunes, José David (1996) *Dicionário cultural da Bíblia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Martins, Mário (1969) *Estudos de Cultura Medieval*. Braga: Editorial Verbo.
- Martins, Mário, J. S. (1973) *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia*. Cacilhas: Edições «Brotéria».
- Martins, Mário, J. S. (1975) *Teatro Sagrado nas cristandades da Índia Portuguesa (séc. XVI)*. Coimbra: Separata de *Didaskalia* (vol. V).
- Moussinac, Léon (1957) *História do teatro. Das origens aos nossos dias*. Amadora: Bertrand.
- Neves, João César das (2015). *As figuras do Calvário*. Cascais: Lucerna.
- Rebello, Luiz Francisco (1967) *História do Teatro Português*. Mira-Sintra – Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Régio, José (1952) *Cristo. Tal como os Pintores, Escultores e Poetas Portugueses O viram, sentiram e entenderam*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, limitada.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1982) *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina (vol. I).

**SÓCIO FUNDADOR DA AICL –**

**MEMBRO DO CONSELHO FISCAL -**

**TOMA PARTE (QUASE ININTERRUPTAMENTE) NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002**

## 34. MÁRCIA SOUTO, ROSA DE PORCELANA EDITORA, CONVIDADA AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



**Márcia Souto** é escritora, professora e editora. Exerceu funções profissionais no Brasil, em Cabo Verde e em Portugal, respetivamente como professora, diretora dos serviços de edição e bibliotecas da Universidade de Cabo Verde. É editora - responsável da Rosa de Porcelana. É colunista em jornais de Cabo Verde e Macau. É licenciada em Letras e Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa. Coordenadora, editora e organizadora do livro “Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena: a outra face do Homem” (2016) e autora de “Fenestra” (crónicas, 2013).

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ**

## MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, E AICL



**Margarete Isabel de Almeida Silva** nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos. Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilinguístico por excelência. Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano. Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016).

Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998). Tradutora / Intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro. Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEFP, desde 2001. Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015. Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, desde 2016. Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques. Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma.

Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.

#### **TEMA A TRADUÇÃO COMO VEÍCULO TRANSMISSOR DE UMA LÍNGUA, MARGARETE SILVA, TRADUTORA/INTÉRPRETE FREELANCE**

A comunicação pretende, ainda que de uma forma muito sucinta, abordar a importância da tradução como veículo transmissor de uma língua. Nesta linha de pensamento, o enfoque recai sobre a língua portuguesa, transmissora da cultura histórica singular do mundo lusófono.

Traduzir não é mais do que transmitir, numa língua diferente da original, a riqueza linguística de um povo através dos seus regionalismos, das suas insularidades, das suas tradições e costumes, da sua escrita poética, literária e jornalística e, até mesmo, paradoxalmente, da sua intraduzibilidade em determinados contextos multilinguísticos.

Recriar a língua portuguesa é transpor fronteiras marítimas e terrestres com o objetivo de dar a conhecer uma parte do que de melhor se faz e escreve neste idioma, recorrendo a um grupo de profissionais: os tradutores.

A tradução revela-se, pois, fundamental para que outras culturas e outros povos se interessem e acarinhem este “saber-fazer” português. É neste contexto da universalidade da língua portuguesa que europeus, sul-americanos, africanos e asiáticos reconhecem um património cultural comum.

É, por excelência, uma língua viva na história, na sociedade e no mundo e, que, por si só, vale um olhar por parte e para as diferentes perspetivas culturais e formas de pensar no espaço lusófono. Num cenário de globalização,

predominantemente dominado pelas tecnologias da informação, as lusofonias surgem como âncora à construção de uma comunidade geocultural transnacional e transcontinental lusófona. Questionamos muitas vezes as políticas da língua e da comunicação como símbolos pela afirmação de uma comunidade plural e multicolor, na diversidade dos povos e culturas lusófonas. Questionamos, também, a complexidade do movimento de interpenetração das culturas, muito por causa do colonialismo. Questionamos, ainda, a interpretação identitária de nós com o Outro, movida pela expansão portuguesa dos séculos XV e XVI.

O português, enquanto língua e povo europeu, modelou a história e a cultura de diferentes povos estabelecendo-se como fator de identidade num tempo e num espaço que o situa histórica e culturalmente além-fronteiras.

Numa comunidade lusófona, com mais de 250 milhões de falantes<sup>41</sup>, apenas uma minoria concebe a sua pertença com base numa língua comum – o português. Continuamos a questionar-nos se o conceito “Lusofonia” é meramente uma questão económica e financeira, comandada pelas tecnologias da informação, ou se a centralidade portuguesa tem alguma influência no relacionamento dos países que têm o português como língua oficial ou nacional.

Prefiro ver a questão da “Lusofonia” no plural – lusofonias – através duma globalização multiculturalista, aquela que reúne os povos de áreas geoculturais alargadas, aquela que promove e respeita as diferenças, dignificando as línguas nacionais sem menosprezar as línguas locais e autóctones.

Nesta minha visão, a globalização multiculturalista é feita pela mistura, pela miscigenação de etnias e tribos, línguas, memórias e tradições.

E é neste contexto, inserido no XXVI Colóquio da Lusofonia, aqui neste arquipélago também ele diversificado por falares e maneiras distintas de ser-se português, que gostaria de inscrever a ideia de Lusofonia: um movimento multicultural de povos que falam a mesma língua; uma rede multicolor de pessoas e texturas, de sabores e de saberes tão distintos e tão iguais, simultaneamente.

Mais do que uma questão histórico-linguística ou histórico-cultural, a ideia de Lusofonia é tema que suscita ora paixões, ora controvérsia. O conceito de Lusofonia não pode ser concebido como unicidade. É plural, é múltiplo, é diferente. O imaginário lusófono é Portugal, Galiza, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Dar sentido à Lusofonia é entendê-la como indistinguívelmente portuguesa, galega, brasileira, angolana, moçambicana, guineense, cabo-verdiana, são-tomense e timorense, bem como todas as diásporas destes povos.

Falamos de lusofonia é dizermos e pensarmos “nós”, da Galiza a Timor, sem dar hipótese à fragmentação do espaço lusófono, um não-lugar numa esfera global. Unida pela mesma língua, a comunidade lusófona deve trabalhar em prol

<sup>41</sup> Eurocid, in *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Luís RETO (2012)

da preservação e da divulgação do idioma português e da sua cultura, (re)criando dinâmicas diversificadas em várias frentes: através da promoção da aprendizagem/ensino do Português e da sua cultura no ensino superior, nos centros de línguas – públicos ou privados –, nos centros culturais, nos institutos portugueses espalhados mundo fora; através da organização de eventos culturais; através da coordenação das negociações no âmbito dos acordos bilaterais; e, finalmente, através de atividades diversas com apoio à edição de livros e à tradução.

A promoção e a expansão da língua e da cultura portuguesa e lusófona são, pois, uma opção estratégica. Sabemos que a visibilidade e a influência de uma língua dependem em muito da notoriedade das suas obras: literatura, música, dança, teatro, arquitetura, cinema, património material e imaterial, artes plásticas, fotografia, poesia, etc. Serve, então, esta pequena nota introdutória como mote ao tema que me traz aqui, hoje, e cujo tema é “*A Tradução como veículo transmissor de uma língua*”.

Iniciaria o tema em torno da língua, veículo das culturas.

Uma língua “*não é apenas um código que permite com que uma mensagem chegue ao seu destino. Ela é, antes de mais, uma forma de cultura onde cada um de nós pode elaborar a sua identidade, a sua história e projetar-se no futuro*” (Sayed et al., 2005). O uso da língua carrega as impressões digitais de um conjunto de valores e de práticas sociais. A língua, enquanto organismo vivo, está em constante evolução, emprestando vocábulos a outras línguas e lembrando-nos de que, através dela, nos é dada a possibilidade de inovar a nossa forma de pensar e de expressar-nos.

A língua desempenha um papel primordial na construção da identidade individual e coletiva, já que é indissociável do pensamento. O lugar onde nascemos é determinante na construção da identidade. A língua é, então, um indicador de identidade: os locutores duma mesma língua pertencem ao mesmo grupo, compreendem-se mutuamente e são facilmente identificados pelos outros. O facto de falarmos um dialeto ou um falar regional define com precisão a identidade do locutor, já que a sua forma de falar denuncia a sua origem territorial ou regional. São exemplo os falares açoriano, madeirense, minhoto, beirão, etc.

A língua e a atitude do locutor estão em perfeita sintonia e influenciam-se mutuamente.

Mas a língua não é apenas uma ferramenta de comunicação, um sistema de signos e sons. A língua permite formular o pensamento e exprimir a visão do mundo de um povo. É, pois, impossível dissociar uma língua da sua cultura e do contexto social onde ela é praticada.

Sendo que cada língua tem estruturas próprias, significa que o pensamento dos locutores de línguas diferentes não é o mesmo. Em cada língua existem expressões que não podem ser traduzidas literalmente para outra língua. As

expressões figuradas e populares refletem a visão do mundo de um determinado povo, pelo que não podem ser equivalentes numa outra língua, mesmo quando exprimem o mesmo conceito. Assim, a pluralidade das línguas implica uma pluralidade de visões do mundo.

Mas onde cabe a tradução e o papel do tradutor?

Antes de responder à questão, gostaria de fazer uma breve incursão pelo vocábulo “Tradução”.

A tradução constitui uma das condições (necessária, mas não suficiente e não única) para podermos ultrapassar a questão da identidade. A tradução oferece possibilidades de confrontação entre as diferentes realidades culturais e permite levantar um conjunto de questões respeitantes ao funcionamento dos campos de produção cultural e às trocas internacionais – questões demasiadamente debatidas do ponto de vista da globalização. Assim sendo, a tradução é uma forma de negociação das diferenças e não como oposição entre o universal e o local. Trabalhar na tradução das culturas não é apenas questionarmos o que estamos a traduzir, o porquê, ou a forma como traduzimos. É, sobretudo, questionarmos a intraduzibilidade e, desta forma, termos consciência da incompatibilidade linguística, entre original/de origem e entre tradução/traição. Em suma, traduzir é pensar a cultura como ponto de ligação entre as culturas.

A tradução não se ocupa apenas de palavras e estas não existem num espaço vácuo. Muitas vezes, um mesmo termo apresenta significados e conotações muito distintas consoante o contexto sociocultural em que são utilizadas. A língua é o sangue vital da cultura e a cultura é o caminho pelo qual se forma e se desenvolve a língua (Hongwey, 1999: 122). A língua funciona como espelho de outros elementos da cultura e, simultaneamente, funciona como mecanismo de desenvolvimento da mesma. Quanto mais uma língua for marcada culturalmente, mais complexo se torna o processo de tradução.

Sabemos que a “prática tradutória é uma atividade que envolve sempre, e pelo menos, duas línguas e duas tradições culturais” (Toury, 1995: 56). A tradução ocupa-se não só dos aspetos linguísticos, mas também dos aspetos culturais que se refletem a nível textual. A língua é parte integrante da cultura, na medida em que é uma forma de expressão da mesma e da individualidade de cada pessoa. A potencialidade que um texto apresenta para ser traduzido depende do quão ligado ele está à cultura que o acolhe e qual a distância que existe entre o contexto cultural de partida e o contexto cultural de chegada. Assim, ao realizar-se uma tradução é necessário ter em conta os contextos culturais de partida e de chegada, pelo que o tradutor terá de funcionar como mediador entre duas realidades distintas.

Num mundo em que o processo de globalização se torna cada vez mais visível, o contacto entre pessoas de diferentes culturas é praticamente inevitável. A emigração e a imigração, os casamentos mistos e, principalmente, os meios de

comunicação de massas, com especial destaque para a internet, são exemplos de fenómenos que estreitam a ligação entre os diferentes povos tornando próximo o que é distante, e familiar o que é desconhecido.

A Comunicação Intercultural desempenha, neste campo, um papel preponderante. Ela corresponde a uma consequência lógica de todo este processo de tradução. É possível dizermos que a “comunicação intercultural ocorre quando um membro de uma cultura produz uma mensagem para que outro membro de outra cultura a possa processar e consumir” (Samovar et al., 2010: 8). Digamos que toda a comunicação é intercultural.

Obviamente, a tradução é um elemento essencial num contexto global e cada vez mais caracterizado pela multiculturalidade: “a tradução é um meio de troca interlingual e de contacto intercultural, de comunicação e de transferência” (Kittel, 1998: 3). As traduções desempenharam, através dos séculos, um papel relevante na história cultural de muitas nações.

Do ponto de vista dos tradutores, o objetivo principal da tradução é “melhorar as relações interculturais com as quais estão a trabalhar” (Pym, 1992: 169). Sabemos, também, que todo o processo comunicativo acarreta vários desafios por parte dos elementos que nele participam e que esses desafios aumentam significativamente quando o ato comunicativo ocorre entre duas culturas diferentes, cada uma delas com características e particularidades distintas.

Todo o processo de comunicação intercultural depende do empenho e da disponibilidade demonstrados pelos seus intervenientes para encontrarem um meio-termo que facilite e torne possível a existência de comunicação (Novinger, 2001). Contudo, quando não é possível estabelecer um compromisso entre os intervenientes, o processo comunicativo pode ficar comprometido. Por exemplo, se um dos intervenientes apresentar uma visão ou opinião pouco abonatória ou satisfatória em relação a uma determinada cultura ou determinado grupo, tal facto irá construir um forte obstáculo ao processo de comunicação intercultural. Estes obstáculos surgem, muitas vezes, devido à incapacidade de se compreender uma cultura, frequentemente muito distante da do indivíduo em questão, e com padrões e normas com as quais não se identifica. Quanto mais distantes se encontram as culturas, mais difícil se torna para um indivíduo se rever na cultura do “outro”.

A noção de cultura é especialmente importante no âmbito da tradução devido à influência que tem na prática da tradução. A língua como parte integrante da cultura é uma noção defendida por vários estudiosos e teóricos.

A cultura é uma “forma de vida e das suas manifestações intrínsecas a uma comunidade que utiliza uma determinada língua como forma de expressão” (Newmark, 1988: 94). Assim, e para a tradução em particular, podemos retirar a ideia de que cada comunidade apresenta características específicas e particulares a nível dos costumes, regras, hábitos e normas, o que leva a que estes elementos sejam expressos de diferentes maneiras, de acordo com a cultura em questão. A

língua é, assim, um elemento que reúne em si muitas características próprias de cada cultura, constituindo uma representação da mesma. A língua é, pois, uma expressão de cultura.

Os tradutores são constantemente confrontados com problemas causados pelos aspetos de índole cultural presentes no texto de partida e esforçam-se constantemente por encontrar o método mais adequado para os transmitir no texto de chegada, já que as “diferenças entre culturas poderão causar mais complicações graves para o tradutor do que propriamente as diferenças ao nível da estrutura da língua” (Nida, 2000: 130).

Da mesma forma que a cultura atua sobre a tradução, também a tradução pode ter uma forte influência na cultura: a tradução tem o poder de construir representações das culturas estrangeiras. A escolha de textos estrangeiros e o desenvolvimento das estratégias de tradução podem estabelecer cânones domésticos para a literatura estrangeira, cânones esses que se conformem aos valores estéticos e, por isso, revelam exclusões ou admissões, centra ou põe à margem (Venuti, 1998).

A prática da tradução pode ser particularmente útil se estivermos perante uma cultura que apresente uma literatura considerada periférica ou pouco desenvolvida, pois constitui uma forma de enriquecimento da mesma, ao ser mais permeável a influências exteriores. A tradução permite que passem a fazer parte dessa cultura novas tendências literárias e novos autores.

E neste ponto gostaria de introduzir o conceito de “tradução cultural”.

Tradução cultural são as “práticas de tradução literária que medeiam as diferenças culturais, ou que permite dar a conhecer uma outra cultura através da tradução” (Sturge, 2009: 67). A tradução cultural surge em contraponto à tradução gramatical ou à tradução linguística.

A tradução cultural pode ser entendida como um processo no qual não existe nem texto de partida nem, geralmente, texto de chegada, sendo que o seu enfoque se dirige para os processos culturais e não tanto para os produtos (Pym, 2010). A necessidade de tradução cultural advém, em grande parte, mais da circulação de pessoas do que da circulação de textos. A tradução cultural obriga a que, ao se interpretar uma cultura, que provavelmente não será a nossa, haja necessidade de se possuir um conhecimento profundo dos elementos integrantes dessa mesma cultura, tal como aconteceria se estivéssemos a elaborar uma tradução linguística. Visto que, tal como referi, o conceito “tradução cultural” pode ser entendido de várias formas, dependendo da perspetiva teórica adotada, muitas outras áreas se debruçam sobre esta problemática, nomeadamente a antropologia cultural.

Não é de estranhar que a antropologia apresente um lugar de destaque quando se fala de tradução cultural pois, “qualquer aproximação a uma determinada cultura envolve sempre um processo de tradução” (Carbonnel, 1996:

81). Pode-se assim afirmar que ocorre “tradução cultural” sempre que uma experiência que não nos é familiar é interiorizada e, de seguida, reescrita na cultura que irá ser a recetora dessa mesma experiência.

O termo “tradução cultural” foi utilizado pela primeira vez no âmbito da antropologia para descrever “o que acontece em encontros culturais quando cada um dos lados tenta fazer sentido dos atos do outro” (Burke, 2007: 8). A nível antropológico, a problemática da tradução é analisada tendo em conta aspetos semióticos ou hermenêuticos, em vez de se centrar em questões linguísticas ou na noção de fidelidade, tal como ocorre na tradução de um texto.

A tradução cultural tenta responder a questões como de que forma se deve interpretar as outras culturas e como compreender o Outro, que é exótico e estranho de acordo com os nossos padrões e ideias culturais, e ainda como encontrar uma forma de construir a nossa própria fronteira cultural. Por esse motivo, a função da tradução é oferecer “um indicador profundo da transformação da antropologia em antropologia das relações globais” (Bachmann-Medrick, 2006: 40).

Mas também a etnografia tem como objetivo registar “os mundos complexos dos outros de forma a se tornar inteligível na cultura recetora” (Sturge, 2009: 69). Para os antropólogos, é de extrema importância ressaltar que língua e cultura “filtram” e condicionam a nossa visão do mundo, pelo que se torna possível compreender e assimilar as particularidades de forma completamente imparcial, sem que sejamos influenciados por elas.

Assim sendo, é possível estabelecer um paralelismo entre o papel do tradutor/intérprete e o papel do etnógrafo, que é o responsável pela recolha de dados na área da antropologia. Tal como o tradutor/intérprete, o etnógrafo tem como função descodificar o que é diferente, o “estrangeiro”, tornando assim o que é estranho familiar, ao mesmo tempo que tenta preservar essa mesma diferença/estranheza. O etnógrafo apresenta também semelhanças com o tradutor literário, uma vez que tem de encontrar um equilíbrio entre o respeito pela especificidade cultural do texto original e a tentativa de o tornar inteligível para o público-leitor.

Não será exagerado afirmar que o tradutor representa uma peça fundamental no processo de comunicação intercultural, na medida em que facilita o entendimento entre indivíduos que apresentam diferentes contextos socioculturais. Se a tradução for entendida como uma produção textual que tem como base um texto de partida, que será de seguida reproduzido numa outra língua, este processo constituirá sempre uma forma de comunicação intercultural (Schäffer, 1997). A principal função do tradutor é estreitar o fosso, seja ele grande ou pequeno, entre duas culturas. O tradutor tem, assim, de ser simultaneamente “bilingue e bicultural” (Snell-Hornby, 1995: 42).

O trabalho do tradutor não pode ser circunscrito simplesmente à mera construção de frases e as atividades tradutórias deverão ser encaradas com significação cultural (Toury, 1995). Assim, a tradução (ou *translatorship*, segundo Toury), tem como principal objetivo desempenhar um papel social que é definido pela sociedade, de acordo com as próprias regras e com o que esta considera apropriado.

O tradutor (ou intérprete) deve ser encarado como mediador cultural, capaz de conciliar perspetivas não-convergentes do mundo, sendo assim possível que os participantes cooperem da forma que lhes parecer mais apropriada (Katan, 1999). Os tradutores medeiam entre culturas (incluindo ideologias, sistemas morais e estruturas sociopolíticas), procurando transpor incompatibilidades que possam surgir aquando da transferência de significado (Hatim e Mason, 1990). Nesta abordagem está demonstrado que o tradutor não tem um papel passivo, agindo sobre o texto, desconstruindo-o para que este se torne acessível ao público-leitor.

Mediar entre culturas é uma tarefa árdua, tendo em conta que o tradutor não é uma “folha em branco”, sendo ele próprio um produto da cultura a que pertence. O tradutor tem de fazer um esforço para que as suas próprias perceções do mundo não interfiram no seu trabalho, o que nem sempre é fácil.

Sabemos, no entanto, que durante muito tempo o papel do tradutor não foi devidamente reconhecido visto que a própria atividade de tradução era entendida como uma mera transferência linguística, pelo que não era dada importância aos aspetos culturais presentes em vários textos. Só após o chamado “cultural turn” (termo introduzido pelos teóricos da área dos Estudos da Tradução, baseando-se nos Estudos de Cultura, para se referirem à análise da tradução no seu contexto cultural, político e ideológico) (Hatim e Munday, 2004), é que se começou a ter maior consciência que os textos não existem por si só, num vazio, mas sim que fazem parte de um determinado contexto sociocultural com características específicas, às quais deve ser dada a devida importância aquando da prática tradutória.

Além de um conhecimento abrangente das línguas de trabalho, o tradutor deve também conhecer a cultura de partida e de chegada, pelo que o processo de transmissão da mensagem poderá ficar comprometido.

O tradutor precisa de ser sensível não só em relação à realidade linguística, mas também em relação aos aspetos culturais, cuja influência e força não podem ser de todo desprezados. É preciso notar que muitas vezes o leitor não tem acesso ao texto de partida ou não domina a língua em que ele foi escrito, pelo que o tradutor será responsável pela imagem que o público-leitor vai formar da obra, do autor, do contexto em que a obra teve origem e da mensagem presente na obra.

De certa forma, o tradutor é responsável por criar a imagem do “Outro”, a quem está a tentar dar voz.

Visto estes pontos, resta lembrar que o contacto cada vez maior entre os povos leva a que, por um lado, as diferenças culturais e linguísticas pareçam mais acentuadas, mas, por outro, sejam reconhecidas e valorizadas na sua especificidade.

O sucesso ou insucesso da comunicação entre culturas está dependente de uma série de fatores. Ter consciência desses fatores é um elemento essencial para um bom entendimento entre os membros de diferentes realidades linguísticas e culturais. A língua é um aspeto essencial da cultura, mas o conhecimento linguístico por si só não garante que o processo comunicativo seja frutífero e feliz para ambas as partes. Um conhecimento abrangente da realidade extralinguística é uma condição *sine qua non* para o entendimento entre indivíduos de diferentes contextos socioculturais. Sendo a tradução uma forma de comunicação intercultural, é imprescindível que o tradutor domine a língua de chegada e, simultaneamente, conheça o público para o qual está a traduzir, bem como a função e o propósito do texto que está a traduzir, de modo a ultrapassar dificuldades comunicacionais e tradutórias de ordem pragmática. No entanto, para quem não conhece o mundo (estranho e mágico) da tradução, o único pré-requisito necessário é conhecer a língua de partida e a língua de chegada, ignorando-se os aspetos culturais e a especificidade que é ditada pelas características que cada texto apresenta.

A tradução não é uma mera transposição linguística. Ao dar-se maior relevo aos aspetos culturais está-se também a valorizar o papel do tradutor enquanto profissional e enquanto mediador linguístico e cultural. Sendo um elemento fundamental no processo comunicativo, o tradutor permite que a comunicação intercultural possa ser concretizada, facilitando assim o contacto e o entendimento entre culturas. O facto de os indivíduos estarem cada vez mais próximos, devido ao desenvolvimento das novas tecnologias, faz com que a figura do tradutor/mediador seja cada vez mais necessária nesta Babel em que todos nós habitamos.

Falamos em língua, falamos em cultura e falamos do tradutor e da sua atividade como mediadora de culturas em contextos comunicativos e sociais. Falemos agora do Português, essa língua que nos une à escala mundial e que se encontra repartida pelos cinco continentes. - O português é uma língua internacional.

De acordo com dados recentes, mas sempre inconclusivos, o português é a quarta língua<sup>42</sup> europeia mais falada no mundo. É a quarta língua mais falada no mundo, com cerca de 250 milhões de falantes.

O português é uma grande língua europeia de comunicação internacional fazendo parte do mundo político e económico atual. É falada nos cinco continentes, com estatuto de língua oficial, nos países que compõem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O português é língua oficial no seio da União Europeia, enquanto língua de comunicação internacional, ao lado do francês, do inglês e do espanhol.

O idioma encontra-se presente na SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), onde o português desempenha, ao lado do inglês, uma das línguas oficiais, assegurado por Angola e Moçambique garantindo, assim, a presença da língua portuguesa.

Na Organização da Unidade Africana (OUA), o português é reconhecido como uma das línguas oficiais, sendo Portugal um parceiro privilegiado dos países africanos de expressão lusófona, com os quais mantém laços históricos, culturais e linguísticos profundos.

Também é língua oficial no MERCOSUL, representado pelo Brasil.

A língua portuguesa é falada em países em grande crescimento (Brasil, Angola e Macau, uma das portas de entrada da China). O Brasil constitui neste momento um dos grandes mercados emergentes com 206 milhões de habitantes<sup>43</sup>, logo falantes do português, além de ser um grande país de consumo e uma grande porta de entrada para os restantes países da América Latina<sup>44</sup>.

Em forma de síntese, a língua portuguesa enquanto língua nacional, encontra-se espalhada da seguinte forma: *Portugal, 10 milhões de habitantes/falantes*

*Açores, 250 mil habitantes/falantes*

*Madeira, 260 mil habitantes/falantes*

*Brasil, 206 milhões de habitantes/falantes* Angola, 21 milhões de habitantes/falantes Guiné-Bissau, 1 milhão de habitantes/falantes Moçambique, 25 milhões de habitantes/falantes

*Cabo Verde, 500 mil habitantes/falantes* São Tomé e Príncipe, 190 mil habitantes/falantes

A este panorama linguístico devemos acrescentar Timor-Leste, Goa, Damão e Diu, Malaca e Macau (com reminiscências linguísticas). Sabe-se, de acordo com fontes credíveis, que cerca de 200 milhões de pessoas falam a língua portuguesa, das quais cerca de 185 milhões como língua materna. Estima-se que em 2050<sup>45</sup>, a população lusófona no mundo terá um crescimento de 50% (previsão de 335 milhões de pessoas). Estima-se, ainda, que cerca de 4,5 milhões seja o número de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo (com maior incidência

<sup>43</sup> Fonte: Folha de São Paulo, edição de 02 de setembro de 2016

<sup>44</sup> Fonte: [www.ilcp.net](http://www.ilcp.net)

<sup>45</sup> Fonte: Público. Edição de 25 de março de 2010.

<sup>42</sup> Fonte: Eurocid, in *Potencial Económico da Língua Portuguesa*, Luís RETO (2012)

no Canadá, Estados Unidos, Venezuela, Argentina, Reino Unido, França, Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, África do Sul e Austrália).

Geograficamente e somando o leque das línguas, o português diferencia-se enquanto língua de uma imensa riqueza, atualmente falada por mais de 250 milhões de pessoas em todo o mundo. Ocupa por direito próprio um lugar de destaque enquanto língua global, com relevância estratégica e com projeção no futuro. Não é uma língua de emigração, como muitos pensarão. Pelo contrário, possui um elevado potencial económico e cultural, não apenas para Portugal, mas também para outros países.

A língua de Fernando Pessoa, a minha língua, a vossa língua, está repartida por todo o mundo. É falada na Europa, na América, em África, na Ásia e na Oceânia. É falada no Brasil, em Angola, em Moçambique, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe, na Guiné-Bissau, em Timor-Leste, em Macau, na Índia, em Goa, Damião e Diu, e na Malásia, em Malaca.

A língua portuguesa é, por excelência, um fator culturalmente determinante para a promoção e divulgação dos povos lusófonos e, de acordo com o Observatório da Língua Portuguesa, na voz de Proença Filho, presidente da Academia Brasileira de Letras, um “fator de promoção da amizade entre povos”<sup>46</sup>.

É, então, através da língua, da cultura e da arte de saber traduzir que confluem tradições, saberes, sabores, e formas de pensar e de estar. Portugal sempre foi um país de conquistas, conquistados e conquistadores. Trouxe o doce aroma das especiarias, levou vocábulos e artefactos, leu poemas e narrativas, enfrentou tempestades e desbravou terras. Impôs a sua língua. É um povo com uma longa história de miscigenação. Mas é, sobretudo, um espaço onde convergem identidades culturais partilhadas por países unidos por um passado vivido em comum e por uma língua que, enriquecida na sua diversidade, se reconhece como uma só. Para reforçar o tema apresentado, entende-se que a tradução se revela como uma das atividades necessárias, mas não a única, na promoção e divulgação da cultura lusófona à escala global, de maneira a que outros povos e outras culturas se aproximem e acarinhem esta forma de ser e de estar tão genuína, mas tão diversificada.

Resta relembrar também que o objetivo do tradutor não é propriamente compreender, mas fazer com que os outros compreendam. Enquanto a tradução é uma atividade linguística de mediação, o papel do tradutor é o de mediador. É no contexto da universalidade da língua portuguesa que europeus, sul-americanos, africanos e asiáticos reconhecem um património cultural comum. A língua portuguesa é, por excelência, uma língua viva na história, na sociedade e no mundo e, que, por si só, vale um olhar por parte e para as diferentes perspetivas culturais e formas de pensar no espaço lusófono. Concluo, lembrando

Vergílio Ferreira, que dizia que da nossa língua se via o mar. É, pois, claro que sim. Mas também se vê o cacimbo angolano, o sol nascente timorense, o verde açoriano, o colonialismo guineense e os poemas de Vinícius de Moraes. Da nossa língua também se vêm as ilhas perdidas de Cabo Verde, a poncha e o bolo de mel madeirense e o catembe moçambicano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Abdel Sayed Edris, Christophe Marcel, Martin Claudette, et al. *La langue, véhicule des cultures*. Chaumont : Ed. Initiales, 2005.

Bachmann-Medrick, Doris. *Meanings of Translation in Cultural Anthropology*. Translating Others. Vol. I. Ed. Theo Hermans. Manchester: St. Jerome, 2006.

Burke, Peter, and Ronnie Po-Chia Hsia. *Cultural Translation in Early Modern Europe*. Cambridge University Press, 2007.

Carbonnel, Ovidio. *The Exotic Space of Cultural Translation*. Translation, Power and Subversion. Ed. Román Alvarez and M. Carmen-Africa Vidal. Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters, 1996. Folha de São Paulo, Jornal on-line. Edição de 02 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/08/1808414-brasil-tem-mais-de-206-milhoes-de-habitantes-aponta-ibge.shtml>Hatim,

Basil and Ian Mason. *Discourse and the Translator*. London: Longman, 1990. Hatim, Basil and Jeremy Munday. *Translation: An Advanced Resource Book*. London and New York: Routledge, 2004. Hongwey,

Chen. *Cultural Differences and Translation*. Meta: Translator's Journal, 44, 1999. 121-132.

Katan, David. *Translating Cultures: An Introduction for translators, interpreters and mediators*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

Kittel, Harald. *Inclusions and exclusions: the “Göttinger Approach” to Translation Studies and Inter-Lineary History*. In: *Translating Literatures, Translating Cultures: New Vistas and Approaches in Literary Studies*. Ed. Kurt Mueller and Michael Irscher. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1998.

Newmark, Peter. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice-Hall International, 1988.

Nida, Eugene A. *Principles of Correspondence*. “The Translator Studies Reader”. Ed. Lawrence Venuti. London and New York: Routledge, 2000.

Novinger, Tracy. *Intercultural Communication: A Practical Guide*. Unites States of America: University of Texas Press, 2001.

Observatório da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://observalinguaportuguesa.org/lingua-portuguesa-fator-de-promocao-da-amizade-entre-povos/>

PÚBLICO. Jornal on-line. Edição de 25 de março de 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/falantes-de-portugues-irao-aumentar-para-335-milhoes-em-2050-1429372>

<sup>46</sup> Fonte: Observatório da Língua Portuguesa, 2016.



Pym, Anthony. *Translation and Text Transfer: An Essay on the Principles of Intercultural Communication*. Tarragona: Intercultural Studies, 1992.--- *Exploring Translation Theories*. London and New York: Routledge, 2010.

Reto, Luís. *O Potencial Económico da Língua Portuguesa*: Eurocid, 2012. Disponível em: <https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000057001-000058000/000057636.pdf>

Samovar, Larry, Richard E. Porter e Edwin R. McDaniel. *Communication Between Cultures*. Boston: Wadsworth, 2010.

Schäffer, Christina. *Political Texts as Sensitive Texts*. Translating Sensitive Texts: Linguistic Aspects. Ed. Karl Simms. Amsterdam/Atlanta:

Rodopi B.V., 1997. Snell-Hornby, M. *Translation as Integrated Approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

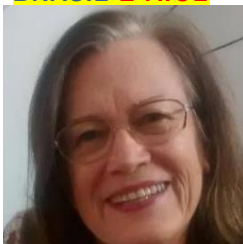
Sturge, Kate. *Cultural Translation*. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. Ed. Mona Baker and Gabriela Saldanha. London and New York, Routledge, 2009.

Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Venuti, Lawrence. *The Scandals of Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ  
É SÓCIA DA AICL**

**35. MARIA DA GLÓRIA JESUS DE OLIVEIRA, ESCRITORA,  
ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS RIO GRANDE DO SUL,  
BRASIL E AICL**



**MARIA DA GLÓRIA JESUS DE OLIVEIRA**, filha de Paulino Tomé de Oliveira e de Ana Maria Jesus de Oliveira, nasceu em 15 de agosto de 1943, em Parobé, distrito de Laguna-SC. É Promotora de Justiça – aposentada –Psicanalista Clínica e Didata, Filósofa Clínica e Advogada; artista plástica. Atriz de curtas em vídeo; diretora de curtas. Aos cinco anos de idade, trabalhou na descascação de camarões; aos dez, na plantação de cebola; aos onze, em casas de famílias. Aos quatorze, transferiu-se, com a família, para Porto Alegre, onde reside. Continuou

na profissão de doméstica; aos quinze, passou a trabalhar de “carteira assinada” (16.12.58), na Casa Sloper, na função de Auxiliar de copeira; em novembro de 1962, assumiu como Auxiliar de Escritório, na Casa Masson; após concursos públicos, assumiu a função de Monitor Penitenciário, no Instituto Psiquiátrico Forense “Dr. Maurício Cardoso; a função de Auxiliar Judiciário, na 10ª Junta de Conciliação e Julgamento; posteriormente, no TRT da 4ª Região, na função de Secretária Executiva e, em 08.6.82, o cargo de Promotora de Justiça, no qual se aposentou. cursou o ginásio e o clássico no Col. Mun. Emílio Meyer, estudando à noite durante os sete anos; cursou Ciências Jurídicas e Sociais, na PUC, pela manhã. Fez o Curso de Formação de Professores, da Faculdade São Judas Tadeu; cursou Filosofia no Instituto Packter.

Publicou os seguintes livros: “Despertar” – poesia;

“Ninho de Pedras” – romance; “Contos Transeuntes” – contos;

“Além do Jardim” – memórias;

“Nascidos do Coração” – infantil; “Estelinha” – infantil; “Contando Conto” – contos; “A Moça, a Bruxa e o Peixe” – infantil. Participa das antologias da AJEB-RS – “Palavras”;

- “Voo Independente”, da AGEI; “Autores Gaúchos”, antologia organizada por António Soares e Santa Inêze da Rocha, e da CAPORI.

Participou de “Eu pessoa, pessoas eu” e de “O Tempo Começa no Coração”, do Instituto Fernando Pessoa; de “102 que Contam”, “103 que Contam”, “104 que Contam” e de “brevísimos”, organizados por Charles Kiefer; da Revista Licungo, de Portugal, em 2014 e 2015. É membro da Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências ‘A Palavra do Século XXI’, ocupando a cadeira 37; da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, cadeira nº 3; da Sociedade Partenon Literário. É verbete do “Livro das Mulheres”, de Hilda Flores.

Em 2005, 2006 e 2012, atuou em curtas em vídeo, de Luca Risi, com o filme “Aparências”, no qual foi protagonista, de “Apenas Sofia” e de “Acredite nos seus Sonhos II”. Participou com duas obras no Salão Afro-brasileiro, no MARGS/2006. Em 2007, esteve em Cuba, onde participou com uma obra de arte na exposição Brasil de Norte a Sul; Em 2014, participou, com duas obras, no 3º Salão de Artes da Literarte, na Usina do Gasômetro. Membro Confraria da Arte Postal, tem postais pelo Brasil e exterior. Em 2012 iniciou a participação no grupo VIVAPALAVRA, lendo seus poemas e de outros em eventos culturais. É membro da Academia Rio-Grandense de letras, cadeira nº 5; da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, cadeira nº 3, Ocupa o cargo de vice-presidente; da Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências ‘A Palavra do Século XXI’, ocupando a cadeira 37; da Academia de Letras do Brasil - ALB - Seccional Suíça; do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais; da Associação Internacional dos Poetas del Mundo, como Diretora Jurídica; da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris/France; da International Writers and Artists - IWA

(EUA); da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, de Mariana-MG; da Academia de Letras, Ciências e Artes de Vitória-ES; Membro Correspondente da Academia de Letras Rio Cidade-Maravilhosa; dentre outras.

Recebeu os seguintes prêmios: Destaque Literário da AJEB-RS – 2004; Prêmio Destaque Literário AJEB-RS 2015; Prêmio Victória – Destaque 2015 – Uruguai; Prêmio Luso-brasileiro de Poesia - Melhores Poetas 2014; da Academia de Letras de Goiás-GO – Prêmio de Melhores Contistas 2014;

1º Prêmio Cidade de Porto Alegre de Belas Artes – 2014; Prêmio Excelência Cultural – 2013, da Associação Brasileira de Desenho e Artes Visuais; Prêmio Mulheres Notáveis – Troféu Cecília Meireles; VI Prêmio Missões – Segundo Lugar Estadual em Crônicas - 2003. Colabora com o Jornal RS Letras, do ICP. É destaque e capa da Revista CAOSÓtica, Ano X, Nº 36 – setembro/dezembro 2014.

### TEMA 2.9. AS MARCAS LINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A CONTRIBUIÇÃO DOS AÇORIANOS PARA A FORMAÇÃO DO GAUCHÊS. MARIA DA GLÓRIA JESUS DE OLIVEIRA

Início o trabalho situando o Brasil e o Rio Grande do Sul geograficamente. Conceitua o termo gaúcho e o dialeto gauchês e suas origens. Falo do surgimento das línguas e onde se enquadra o tema em estudo, acrescentando trechos de autores Rio-grandenses que empregam o gauchês. Concluo com a leitura de poesia de escritor tradicionalista.

#### OBJETIVO

O presente trabalho tem por fim difundir o regionalismo gaúcho, principalmente o linguajar – o gauchês – que é uma das características que mais enobrece o Rio Grande do Sul.

#### SITUANDO GEOGRAFICAMENTE

Se me permitem,

*Todos cantam sua terra, também vou cantar a minha...* Versos de João do Vale.

O Brasil é o maior país da América Latina. Localiza-se numa posição centro oriental da América do Sul e é banhado ao leste, em toda a extensão, pelo oceano Atlântico. O Estado do Rio Grande do Sul está localizado na Região Sul do Brasil. É o maior e mais populoso da Região; nele está um dos pontos extremos do país: o Arroio Chui.

#### QUEM É O GAÚCHO

A origem do habitante do Rio Grande do Sul é luso-brasileira e açoriana, acrescida de outras etnias. O que nasceu no extremo sul do Brasil, é chamado de gaúcho. Há controvérsia na origem do termo, não se tendo como certo de onde se formou.

*“Só o que se sabe mesmo é que o primeiro registro da palavra se deu em 1787, quando o matemático português Dr. José de Saldanha andou por aqui como*

*integrante da comissão demarcadora de limites na banda oriental do Uruguai.* Numa nota de rodapé em seu relatório de trabalho, esclareceu:

*"GAUCHE, - palavra espanhola usada neste País Para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros chimarrões, tiram-lhes o couro e vão vender ocultamente nas povoações".*

Embora as diversas pesquisas realizadas, não se encontrou uma etimologia plenamente convincente. No início, o termo tinha conotação depreciativa, designando o aventureiro, vagabundo, desregrado, ladrão, andarilho, o que andava de estância em estância. Com o andar da carruagem, o gentílico perdeu a acepção pejorativa e passou a ser qualidade de homem digno, valente, destemido, gentil, honesto, altaneiro e orgulhoso filho do Rio Grande do Sul.

O gaúcho canta, fala, faz poesias, crônicas, contos, romances e muita história, vangloriando-se de suas raízes e da açorianidade do seu linguajar. Presente entre nós está um exemplo vivo de rio-grandense na pessoa de Santa Inéze, que é incansável em mostrar ao mundo a contribuição dos açorianos na formação do gauchês, editando as antologias *Açorianos do Rio Grande do Sul*, Brasil, nos volumes I a III.

#### O SURGIMENTO DAS LÍNGUAS

Não posso, não quero e nem devo, neste trabalho, buscar a perfeição nem aprofundar-me no que pretendo argumentar. O objetivo é, tão somente, dizer o que é o dialeto gauchês, sua forma de uso, surgimento e expansão no falar, escrever e cantar do rio-grandense. Começo afirmando que há discordância de que seja um dialeto. Há votos para ambos os lados, de modo que ainda não está vencida a batalha.

Na Bíblia, João (1.1) disse que no princípio era o verbo e que o verbo era Deus; No Gênesis (1.3) há afirmação de que “Deus disse” ... Foi a manifestação do verbo. Genesis (1.1.) nos conta que o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras. Não era bem mais fácil. Comunicação universal, sem problemas, sem conflitos nem disparidade. Por que resolveram complicar?

Pois é. Porque os homens quiseram. Inventaram uma tal de torre. Com que objetivo? Puro exibicionismo. Queriam chegar perto do céu, tornarem-se poderosos. Deus estava observando e não gostou.

Pronto. Feita a complicação. Para castigo dos ambiciosos, Deus fez com que não mais se entendessem. Cada um deveria falar uma língua diferente. A situação ficou feia. Como se arranjaram, eu não sei. O que a internet me informou é que são 6912 idiomas em todo o mundo, segundo o compêndio Ethnologue, considerado o maior inventário de línguas do planeta. Uma delas é o português, que também é falado no meu Brasil.

No Rio Grande do Sul, falamos o mesmo português, acrescido do nosso regionalismo. E assim que chego ao ponto principal: o gauchês. Não é uma língua, deixo bem claro. E até há discordância de que seja um dialeto, conforme afirmou.

É um linguajar característico da região, é um falar das coisas das terras do Sul com um sotaque especial que revela seu amor pela terra que, no mapa, tem o formato de um coração.

Em 1752, os casais de Açorianos que vieram para Porto Alegre, e se espalharam pelo Estado, fizeram sentir a diferença linguística por onde se estabeleceram. A forma típica da fala insular foi a base para formar o português da região sul, principalmente nas terras dos pampas.

A açorianidade é destacada nos vocábulos e locuções peculiares, o que gerou dicionários de termos gauchescos, entre eles o criado pelos irmãos Zeno e Rui Cardoso Nunes:

*“O linguajar vivo e cotidiano da gente gaúcha no Brasil é, de fato, rico, cheio de características próprias, ligado fortemente à história, ao trabalho e à família sul rio-grandense. Nenhum outro, em nossa pátria, possui tantas variedades e fontes, tantos recursos e expedientes semânticos”* (in Dicionário de Regionalismo no Rio Grande do Sul, pag. 267).

#### O GAUCHÊS NA LITERATURA RIO-GRANDENSE

Com a fundação da sociedade Partenon Literário, em Porto Alegre, a identidade gauchesca começou a ser estudada, compreendida e difundida na literatura rio-grandense. Tenho orgulho de fazer parte do Partenon Literário e de frequentar seus saraus, que acontecem ao final do mês, reunindo grandes nomes da literatura pampeana.

Foi no Partenon Literário que surgiram os primeiros escritores e poetas valorizando o gaúcho, sua cultura e forma de falar. O primeiro romance publicado no Rio Grande do Sul, que é o segundo do Brasil, – A Divina Pastora – é criação do médico e escritor José Antônio do Vale Caldre e Fião, fundador e presidente honorário da Sociedade Partenon Literário. No livro, onde se acentua o linguajar da terra – o dialeto gauchês – a personagem central é açoriana, vivendo com os pais na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Destaco:

*“Por cima de pequenas elevações do terreno extenso estendia-se um tapete mole de verdura constante, que ia terminar debaixo das sombras... sobre os degraus do áureo trono de seu altivo Senhor, como um ginete que, acabrunhado da fadiga se prosterna à porta do guerreiro invencível do sul, do monarca das Coxilhas. Pág. 94.*

*“Um dia atravessou além dos marcos da divisa do campo de seu amo e penetrou na estância de um alemão. Não é isto um crime porque as possessões não são valadas nem muradas e dão livre trânsito aos viajores. Seu fim era recolher ao rodeio o gado de seu amo, cuja marca conhecia bem”.* Pág. 109

Nos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, de Simões Lopes Neto, publicado em 1912, está acentuada a linguagem dos pampas, que permanece até nossos dias. Cito alguns trechos:

*“Ah! Esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto e de boa vigia.”* (Ob.cit., p.18);

*“O Chico era domador e morava de agregado num rincão da estância das Palma; e vivia com uma pinguancha bem jeitosa, chamada Lalica”*(ob.cit.,p. 112);

*“Um dia um estancieiro regalou-me um pingo tordilho, pequenitate, mas mui mimoso. Quando ia sentar-lhe as garras, apareceu-me o Picumã, sempre esfrangalhado e com cara de sono e disse-me desembrulhando um pano sujo:”* (ob. cit., p. 83).

Alcione Sortica escreveu, em seu *Peneirando Estrelas*, 2012:

*“Um dia, o Senhor olhou, lá de cima, uma nesga de terra, maravilhou-se com a beleza e pensou: Vou botar um vivente ali. Amassou um monte de barro de onde viria surgir o primeiro guasca. Mas, já meio que sem prática, sovou a matéria demais. Sobrou barbaridade.”* (Pág. 68).

O mesmo Alcione Sortica, em *Um Ponto no Tempo*, 2015, relata assim:

*Assim, aquela pescaria, dez dias à beira d'água, fogo de chão, cusco dormitando ao lado, tem chegado aos nossos dias transmutada nos pegue e pague, locais onde se reúnem as famílias nos finais de semana, grupos alvorçados, sem conhecimento do métier.* (Pág. 97)

Coloquei apenas três exemplos de escritores do Estado Sulino e de suas escritas. Encontrei um conceito de lusofonia que me diz:

*“Lusofonia é o conjunto de algumas identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu e por diversas pessoas e comunidades em todo o mundo”.* (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lusofonia> ).

Portanto, Lusofonia é uma mistura, uma miscelânea de tudo o que constitui a cultura dos povos que falam a língua portuguesa; é a identidade cultural entre os falantes de língua portuguesa. Todos enriqueceram a Lusofonia com palavras, sons, sabores, cores, visões, modos de pensar e de viver, de acordo com sua geografia e sua característica.

No meu rincão, que fala o português, tido como a quinta língua mais falada do mundo, correspondendo a 250 milhões de falantes, a lusofonia adquire um colorido especial na voz de quem a usa. A sonoridade, os termos diferenciados, onde somente na terra dos pampas se pratica, fizeram com que eu ficasse

empolgada para dizer aos senhores como é a comunicação verbal e escrita no estado do sul, onde nasce o Brasil, o que, com humildade, dá glória e projeção ao gaúcho.

### O FALAR QUE ENCANTA

Quando um natural do interior da minha terra vai a uma região mais ao norte e diz:

– *Mas bah, tchê, que barbaridade! Me caiu os butiás do bolso.*

Não precisa dizer de onde é. Logo é identificado. Quando se encontram, o diálogo é assim:

- *Buenas, tchê! E a prenda?*

- *Minha chinoca está rengueando. Deixei no rancho.*

- *Bah! E o cusco velho te acompanhou.*

- *Capaz, chiru! Nem tinha visto o guaipeca.*

Na Capital, a comunicação verbal é suavizada, mesmo que não se deixe de usar o gauchês em nosso dia a dia. Para concluir, peço licença para ler um exemplo de poesia tradicionalista.

### DESCAMBAR DE UM TAURA

Darci Dárgen

*Olhar perdido de matear solito,  
Sob o silêncio do meu rancho triste.  
O Minuano a milonguear nas frinchas,  
Repontando a china, que não mais existe!*

*Vou ruminando com a seiva amarga  
Os meus recuerdos de taura arrojado  
Rondas de tropas de gelar a alma,  
Das gineteadas em potro aporreado*

*Fui peão campeiro de todas as lidas,  
De peão caseiro até aramador,  
Fui capataz e comandei peonada,  
fui de comparsa, como esquilador!*

*Fui um andejo de levantar poeira  
E marcar de cascos o lençol da geada  
Criei os filhos, domando de changas  
e tirei farturas da terra lavrada!*

*Peleei de adaga defendendo o pago  
Junto de Honório, lá por vinte e três,*

*Achava lindo combater chimangos,  
Sem paga alguma, para o fim do mês!*

*Fui carreirista de dar luz na raia,  
e trovador rude de sentar puaço,  
rechiei guaiacas nos tiros de tava  
e fui respeitado nos tiros de laço!*

*Ah!... Destes recuerdos, ao matear solito,  
Brotam lampejos de fim de jornada,  
de que valeu ser taura virtuoso  
e acabar num rancho com vida embretada!*

*Me vem a gana de taurear de novo  
e de novo engangalhar os meus aperos,  
mas sinto o peso do poncho encharcado  
pelas chuvas guasqueadas de janeiros!*

*Restou-me um rancho com tarecos velhos,  
Alguma esmola pra passar o dia,  
as madrugadas pra matear solito  
e as tardes largas, pra fazer poesia!*

### BIBLIOGRAFIA

- BERNARDI, Francisco. **AS BASES DA LITERATURA RIO-GRANDENSE**. Porto Alegre: AGE, 1999.
- CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. **A DIVINA PASTORA**. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- CORREA, Ênio Kersting. **LINGUAGEM GAUCHESACA**. Porto Alegre: Caravelas, 2010.
- DARGEN, Darci Éverton. **CAUSOS BARBARESCOS DO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Alcance. 2009.
- FLORES, Moacyr. **DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- FLORES, Moacyr. **COLONIALISMO E MISSÕES JESUÍTICAS**. Porto Alegre: Est, 1996.
- LOPES NETO, Simões. **CONTOS GAUCHESCOS & LENDAS DO SUL**. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- MIRANDA, Marcia Eckert. **CONTINETE DE SÃO PEDRO ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NO PERÍODO COLONIAL**. Porto Alegre: Corag, 2000.

- NUNES, Zeno Cardoso. **DICIONÁRIO DE REGIONALISMO DO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Martins Livreiros, 1982.
- OLIVEIRA, Maria da Glória Jesus de. **PENEIRANDO PALAVRAS**. Porto Alegre: RJR, 2016.
- RAMIREZ, Hugo. **PARADIGMA DA AÇORIANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL**. Porto Alegre: Caravela, 2005.
- ROCHA, Santa Inéze da. (Org.) **AÇORIANOS NO RIO GRANDE DO SUL BRASIL**, vol. III, Porto Alegre: Caravela, 2011.
- SCHAEFER, Sérgio. **O RIO DE HERÁCLITO**. Porto Alegre: Revolução Cultural, 2008.
- SORTICA, Alcione. **PENEIRANDO ESTRELAS**. Porto Alegre: Caravela, 2012.
- SORTICA, Alcione. **UM PONTO NO TEMPO**. Porto Alegre, Alternativa, 2015.

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/quantos-idiomas-existem-no-mundo>  
<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/sobre-a-lusofonia-a-cplp-e-a-lingua-portuguesa/1812>

<http://www.conexaluso.org/que-e-essa-historia-de-lusofonia/>

<http://www.infoescola.com/cultura/gaucho/>

<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/o-portugues-na-opinio-de-quem-vem-de-fora-2x3knlci9472tmbgfh16dgbim?ref=aba-mais-lidas>.

[http://www.orbilat.com/Linguagens/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian\\_Dialects-Gaucho.html](http://www.orbilat.com/Linguagens/Portuguese-Brazilian/Dialects/Brazilian_Dialects-Gaucho.html).

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lusofonia>.

### É SÓCIA DA AICL

### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

## 36. MARIA JOÃO RUIVO, ESCOLA SECUNDÁRIA ANTERO DE QUINTAL – CONVIDADA AICL



**Maria João Machado Ruivo** Amaral Sousa Franco nasceu em Ponta Delgada, São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quintal, onde lecionava há vinte e oito anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português / Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região, entre a crónica, o conto e a escrita memorialística. Sócia do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tem também publicados, na *Insulana*, revista desse Instituto, excertos do seu Diário, que pensa publicar em breve.



LAGOA 2012

Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – projeto que resultou da sua coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas Almeida. Dois anos depois, publicou, juntamente com o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia. No âmbito da atividade da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quintal, de que é vice-presidente, coordenou, em conjunto com dois outros membros da Direção, a publicação do Livro *Memórias do Nosso Liceu*, que foi apresentado na Casa dos Açores em Lisboa. Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia. Representa a Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quintal, na Homenagem a Antero.

TEMA HOMENAGEM A ANTERO - PAINEL EVOCATIVO DO 125º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ANTERO DE QUINTAL: ANTERO DE QUINTAL – ESBOÇO DE UMA ABORDAGEM PARA OS ALUNOS DE HOJE, MARIA JOÃO RUIVO, ESCOLA SECUNDÁRIA ANTERO DE QUINTAL (PONTA DELGADA), (ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU ANTERO DE QUINTAL)

Pensei muito no assunto a trazer aqui hoje, porque falar de Antero exige um enorme respeito e uma profunda reflexão. Quando nos foi lançado o desafio para estarmos aqui presentes (refiro-me a nós, representantes da Associação de Antigos Alunos do Liceu Antero de Quental), confesso que fiquei apreensiva. Nunca estudei Antero com a profundidade que ele nos exige e o tempo de que dispunha para preparar este contributo era muito escasso. Além disso, tendo o Dr. Eduíno de Jesus presente neste painel, o que poderia eu trazer aqui de muito relevante sobre o nosso poeta-filósofo?

A minha ideia inicial era, como professora do Ensino Secundário, exatamente naquele que foi o antigo Liceu Antero de Quental, fazer uma pequena resenha de como, ao longo dos anos, Antero foi estudado e abordado nos programas do ensino secundário. Mas, tendo em conta que o tempo era pouco e que essa abordagem exigia um estudo cuidado que o prazo curto não permitiria, em conversa com o Mestre Eduíno de Jesus, e que veio ao encontro de uma inclinação minha, decidi fazer uma breve reflexão de outra natureza.

Durante os últimos (vários) anos, Antero de Quental deixou de estar presente nos programas de Português do Ensino Secundário, sendo estudado apenas pelos alunos de Humanidades, na sua opção de Literatura Portuguesa, o que pressupõe que a maior parte deles, de há bastante tempo para cá, passou pelo ensino sem ouvir falar de Antero. Com a última reformulação dos programas, o poeta volta, este ano, a ser inserido na disciplina de Português do 11º Ano e, curiosamente, aparece também um soneto ou outro dele nos manuais do terceiro ciclo.

Sendo assim, pensei que teria algum interesse, como professora, fazer uma breve reflexão sobre uma possível forma de abordar Antero de Quental junto dos alunos deste nosso tempo. Todos entenderemos que é um grande desafio levar adolescentes de 16/17 anos, que pouco ou nada leem, a entenderem a poesia de Antero, com a complexidade que a caracteriza. Atendendo ao tempo de que disponho, optei por pegar sobretudo em dois aspetos, que, entre muitos outros, considero dignos de reflexão. Por um lado, mostrar-lhes Antero na sua grandeza e na força da sua busca incessante e, por outro, fazê-los refletir sobre a possibilidade de que o seu suicídio pode não ter sido, necessariamente uma desistência, mas uma entrega ao Absoluto que ele tanto procurou, uma reconciliação com a vida.

Sei, por experiência própria, que os nossos alunos pouco mais sabem ou associam a Antero do que a forma trágica como morreu. O suicídio é uma questão particularmente sensível entre os adolescentes, ainda mais neste tempo conturbado de viragem, em que vivemos. Penso até que, se por um lado os impressiona, por outro eles acharão que há uma espécie de heroísmo nesse gesto. Os que refletem, ainda que por alto, sobre as coisas, pensarão que, pelo

menos no caso de Antero, parece haver quase uma glorificação desse facto. Afinal, eles estudam numa escola que o tem como patrono e até se está, oficialmente, a tentar assinalar, de alguma forma, o lugar do Campo de São Francisco onde ocorreu a sua morte. Também por estes motivos, escolhi esta questão, que daria, evidentemente, para uma longa conversa, mas que trago aqui apenas como uma espécie de esboço destes aspetos que poderei abordar com eles. A ideia é levá-los a ver a morte de Antero como o culminar de uma vida plena, na sua busca e na sua criação, e como uma forma de redenção, de apaziguamento e de reconciliação com um percurso que, embora não muito longo em anos, o foi em estudo, reflexão, sentir e experiência.

Começarei, como sempre, por fazer uma breve contextualização para que os alunos entendam que a obra de um escritor, de um poeta, não surge desligada da sua vida e do seu tempo. Falar-lhes-ei da insularidade e da influência do ambiente físico e social de São Miguel na formação do espírito do jovem Antero. Eles entenderão, por exemplo, que, durante muito tempo, a luta diária dos homens da ilha pela sobrevivência e as condições adversas em que viviam, desviaram as pessoas dos interesses intelectuais, mas que durante a infância do poeta, a cidade desperta, em parte devido ao impulso de António Feliciano de Castilho, que organizou sociedades literárias e revitalizou a instrução, ao mesmo tempo que incrementou as publicações em jornais e revistas, ajudando a despertar um pouco o interesse pelas letras. Tendo a família Quental convivido tão de perto com Castilho, é muito natural que o pequeno Antero tenha beneficiado desse ambiente. Provavelmente frequentou o curso de Latim que Castilho regia para os filhos e é provável que tenha aprendido algum Francês, língua corrente na casa deste.

Depois dá-se a saída da ilha. Antero pouco mais era do que uma criança, quando se afastou de São Miguel e da família. O desabrochar deu-se em Coimbra. Na sua irreverência juvenil, ele procurou tudo o que fosse novidade, numa tentativa de quebrar as amarras da tradição, e, embora nas crises de pessimismo o seu tempo o desgostasse, ele pareceu também acreditar, noutras alturas da sua vida, que havia esperança para o homem e que este caminharia num sentido positivo, procurando o Bem, a Justiça e a Verdade, assim, com maiúsculas. Uma das suas grandes lutas foi pela justiça social, embora defendesse, utopicamente, que esta só seria possível a partir da consciência moral de cada indivíduo. Julgo que seria importante explorar isto junto dos alunos.

O nosso poeta-filósofo encarna, no fundo, as eternas angústias dos homens. Angústias que os jovens de hoje também sentirão, de alguma forma, ainda que não as estruturam em pensamento, como ele fazia; ainda que não consigam verbalizá-las. Tal como acontece com eles, Antero viveu uma época de profundas transformações, porém, e aí ele distingue-se da maioria, passou a vida

inteira a tentar interpretá-las. Seria muito interessante levá-los a entender até que ponto terá sido um deslumbramento, e, ao mesmo tempo, uma imensa angústia, o Antero rapazinho, quase criança ainda, sair do ambiente fechado e opressor da ilha de São Miguel do séc. XIX e embrenhar-se no núcleo coimbrão que começava a tomar contacto, através da leitura, com as profundas revoluções que se operavam no centro da Europa. Entenderem a luta que encetou e a influência que exerceu na sua geração. Seria importante que os jovens de hoje - que estão *conetados* (como é moda dizer-se) com todo o mundo (embora raramente com o melhor dele), e para quem as mudanças já aparecem feitas sem lhes darem sequer tempo ou instrumentos para refletirem sobre elas - entendessem em que medida é que este processo foi complexo e, ao mesmo tempo, fascinante, para a geração do nosso Poeta.

Isto poderá levar-nos à relevante questão da personalidade atormentada de Antero. Havia nele uma série de contradições que são, muitas vezes, a meu ver, próprias dos espíritos superiores e dotados de uma sensibilidade exacerbada. Ao longo da sua vida, ele é dominado por apelos que se opõem e que determinam, em boa parte, o seu percurso. Há nele, todos sabemos, um Antero “Apolíneo”, “diurno” e um “Antero noturno”, como o definiu António Sérgio. O primeiro exalta a Luz, a Razão e o Amor e evidencia a clarividência do espírito combativo, a avidez de reformas estruturais que coloquem um termo aos problemas sociais; enquanto o segundo é marcado pelo Pessimismo, pelas angústias existenciais, pelos hinos à Noite e à Morte, esse descanso final. A verdade é que ele teve consciência do declínio e da crise profunda que o seu tempo atravessava e, ao mesmo tempo, tentou ser a voz da Revolução intelectual e moral que se deu dentro dele e que se operava, também, nas capitais europeias. A profunda consciência que tinha das limitações humanas e, ao mesmo tempo, a sua busca constante de Absoluto que, julgo, ainda está por entender, são, creio, dois dos grandes polos em que se movimenta e que determinam muito da sua Filosofia.

De algum modo, é interessante ver a poesia de Antero como uma síntese do seu percurso, quer biográfico, quer literário. Não irei percorrer, aqui, esse caminho, evidentemente, mas julgo que será interessante revelá-lo aos alunos, ainda que isso tenha de ser feito de forma muito sumária, mostrando-lhes que, num primeiro momento, predomina o lirismo amoroso e a religiosidade; mais tarde, temos a fase de *As Odes Modernas*, marcada pela irreverência e pela ideia de *Revolução*. Não a que vinha ao encontro dos meros desejos políticos da altura, nem a simples revolução social, ou socialista, na sua interpretação mais comum e imediata. A sua mais séria revolução prendeu-se com uma busca profunda do Bem, da Liberdade e da Justiça ideal, aquela que vem da própria consciência moral e não a que é imposta pela sociedade ou pelas instituições.

Finalmente, a última fase, onde se evidencia a reflexão metafísica e o pessimismo, que poderíamos percorrer através dos seus sonetos, por exemplo.

Não há dúvida de que Antero buscou algo que o ultrapassasse, e o mais próximo que lá esteve terá sido pelas incursões que fez no mundo das ideias. Acho que essa é uma questão que se pode tornar muito pertinente. Sinto, cada vez mais, que os nossos jovens estão esvaziados. Pouco os move. Buscam, cada dia mais, o material, sobretudo na forma de tecnologia. Até nisso, o esforço que se lhes exige é mínimo. “Tudo está à distância de um Click”, como tanto se publicita. Nada que os obrigue muito ao esforço de pensar. Defender um ideal dá trabalho, exige abdicção, implica riscos. E é exatamente isso que está a fazer muita falta. Há uma grande ausência de perspetivas, por isso não se envolvem em nenhuma busca, de um ideal ou outra. Que pena eles não imaginarem que isso daria um sentido absolutamente valioso à sua existência!

Para Antero, a vida foi uma busca - a busca da Ideia, o Bem supremo, como diz nestes versos (e cito): *A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência, / Só se revela aos homens e às nações / No céu incorruptível da Consciência!*

Por outro lado, dá-se nele a constatação angustiada de quem conheceu temporariamente a Luz, mas regressou às sombras, comprovando, assim, a sua limitação humana, como o seguinte soneto ilustra:

*“Tormento do ideal”*

*Conheci a Beleza que não morre  
E fiquei triste. Como quem da serra  
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra  
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,*

*Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;  
Assim eu vi o mundo e o que ele encerra  
Perder a cor, bem como a nuvem que erra  
Ao pôr-do-sol e sobre o mar discorre.*

*Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,  
Tropeço, em sombras, na matéria dura,  
E encontro a imperfeição de quanto existe.*

*Recebi o batismo dos poetas,  
E, assentado entre as formas incompletas,  
Para sempre fiquei pálido e triste.*

Todos sabemos que cedo se abateram sobre o poeta estados de tristeza e pessimismo, a que vieram juntar-se os primeiros sintomas da doença que havia de atormentá-lo até ao fim da vida. Esta questão não será demasiado explorada

junto dos alunos, até porque o programa é extenso e o tempo que temos para dedicar a Antero é muito curto, mas é inevitável que dela se fale um pouco. Não são unânimes os diagnósticos da doença de Antero. Falou-se em muitas coisas, desde histeria, a distúrbios de personalidade ou neurastenia. Seja como for, parece que, em começos de 1874, ele toma uma maior consciência da sua fragilidade. Foi o próprio que confidenciou, em carta a Oliveira Martins, (e cito) *“apesar da alta filosofia moral, que me anima e robustece o espírito e infunde paciência e paz —, nem sempre se pode filosofar e moralizar: há horas más e tristes, e que as não houvesse, isto não é vida que preste...”*.

Por um lado, a doença, mas também o próprio temperamento faziam-no procurar um certo isolamento que, se o conduzia à reflexão e à criação, também o fazia sentir a angústia, o vazio, a ausência de respostas - “Sinto-me descer gradualmente”, confidenciava ao seu amigo Germano Meireles, em 1874. “Isto às vezes entristece-me, mas acabo sempre por me conformar. Afinal, a vida reduz-se a pouco e vale pouco. Pela minha parte, dava de boamente a minha por completa e concluída. Mas a natureza não me faz essa fineza, e o suicídio repugna a certos meus sentimentos morais. Deixo-me, pois, ir vivendo, sem bem perceber por que e para que”.

Sendo Antero um homem perseguido pela angústia, pela doença e por uma busca constante que o atormentou, é natural perceber-se que a ideia de Morte tenha ocupado um lugar importante na sua filosofia. Para ele, o homem, ser imperfeito, no seu percurso evolutivo, passa da realidade material da sua existência temporária e limitada para um outro estado que o aproxima do Absoluto. A Morte é essa passagem. Mas a verdade é que nem tudo é pessimismo em Antero. Ao lermos os seus sonetos, por exemplo, percebemos que, se muitos revelam as angústias e os estados depressivos, também há outros que confirmam a sua faceta lutadora e o apaziguamento, comprovando, mais uma vez, que este é um poeta caracterizado por uma série de contradições, sinal da sua profunda humanidade. É ele próprio que escreve ao seu amigo Francisco Machado de Faria e Maia, dizendo: “Estou resolvido a publicar a série completa dos meus sonetos, na sua ordem cronológica, de modo a formarem uma espécie de autobiografia, ou Memórias morais e psicológicas. Provavelmente, é tudo quanto ficará de mim”. (Quanto a esta última afirmação, o poeta enganou-se bastante).

Ele abre a sua seleção de sonetos com “Ignoto Deo” e termina-a com “Na Mão de Deus”, parecendo, assim, querer demonstrar que se fechou um ciclo de busca, dúvidas e ansiedade. Ao lermos os sonetos, percebemos, neles, uma parte do seu percurso filosófico (que veríamos muito mais aprofundado na prosa, como é natural). Percebemos as angústias e o pessimismo, mas também uma certa reconciliação. Apresentarei aos meus alunos ambos os polos, evidentemente, e eles refletirão sobre eles, com a minha ajuda. Já referi aqui a

busca de Absoluto, que foi constante na vida do Poeta, um Absoluto que assume a forma de Deus, de uma “eterna pátria”, de um Ideal, do que quer que seja que combata a angústia resultante da constatação da finitude e da imperfeição. E apresento aqui algumas passagens dos seus sonetos que podem ilustrar essa ideia:

*“Aspiração”*

*Minh'alma, ó Deus! a outros céus aspira:  
Se um momento a prendeu mortal beleza,  
É pela eterna pátria que suspira...*

*“Salmo”*

*Esperemos em Deus! Ele há tomado  
Em suas mãos a massa inerte e fria  
Da matéria impotente e, n'um só dia,  
Luz, movimento, ação, tudo lhe há dado.*

*(...)*

*Buscou quem o não quis; e a mim, que o chamo,  
Há de fugir-me, como a ingrato filho?  
Ó Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio!*

*“Noturno”E tu entendes o meu mal sem nome,*

*A febre de Ideal, que me consome,*

*Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!*

Na profunda construção do seu pensamento, o poeta-filósofo procura caminhar no sentido evolutivo, tentando libertar-se da matéria, em direção ao espírito, de certa forma contemplando esse percurso, lá do alto onde se encontra:

*“Contemplação”Sonho de olhos abertos, caminhando*

*Não entre as formas já e as aparências,  
Mas vendo a face imóvel das essências,  
Entre ideias e espíritos pairando...*

É a verdade é que, nessa caminhada que foi a sua vida, (sei que a metáfora não é original, mas por agora serve-me muito bem), apesar das angústias, do pessimismo e das dores profundas, não é subjetivo de todo dizer-se que houve lampejos de Esperança e de apaziguamento.

*“Solemnia Verba”(...)*

*Porém o coração, feito valente  
Na escola da tortura repetida,  
E no uso do penar tornado crente,  
Respondeu: desta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se é isto a vida,  
Nem foi demais o desengano e a dor.*



Termino esta brevíssima viagem pelos sonetos com os conhecidos versos de “Na Mão de Deus”: *Dorme o teu sono, coração liberto, / Dorme na mão de Deus eternamente!* Mas juntar-lhes-ia o último terceto de “Nirvana” (\*), porque acho que ilustra muito bem essa ideia de apaziguamento e de Esperança, que já defendi aqui mais de uma vez:

*Chegar onde eu cheguei, subir à altura  
Onde agora me encontro - é ter chegado  
Aos extremos da Paz e da Ventura!*

Pode parecer tendenciosa a minha escolha destas passagens dos sonetos anteriores. E é-o, em certa medida. Mas defendo-me, dizendo que não estou, aqui, a desenvolver uma tese. O assunto da minha intervenção, que aqui recordo, é uma proposta de abordagem de Antero junto dos meus jovens alunos. Claro que não a limitarei a esta visão parcial. Nem eles poderiam chegar aqui, se não se falasse das inúmeras contradições e do tormento que marcam o caráter e a obra deste poeta. Toda a sua vida foi uma indagação. Perseguido pelas dúvidas, pelas angústias, pela doença e pelo pessimismo, Antero buscou, inevitavelmente, o descanso, nesse seu gesto extremo da morte procurada. Mas o que pretendo, no fundo, é que os alunos tomem contacto com o perfil de Antero, com o percurso que fez, com um pouco da muita obra que deixou e com aquilo por que se debateu e que poderá servir de exemplo ainda hoje. Gostaria muito que eles chegassem ao fim da unidade sobre o poeta capazes de refletirem um pouco sobre a ideia de que a luta pelo Bem, pela Justiça e por uma Liberdade bem entendida é intemporal. Que Antero teceu essa luta recorrendo ao Pensamento e à força da Palavra poética. E que, apesar dos momentos de desânimo, terá, talvez, encontrado uma Paz que tanto procurou.

Finalizo, dizendo que há muito que penso não ter sido por acaso que Antero escolheu pôr fim à vida num local tão público como o Campo de São Francisco, precisamente junto ao Convento da ESPERANÇA, na sua cidade natal, e no banco que se situava por debaixo da âncora que ainda lá se encontra. Há uma mensagem, julgo eu, que ele nos querará transmitir com esta escolha da morte e do lugar onde ela se deu. Ele aproximava o conceito de morte à ideia do “não-ser”, uma forma de união com o transcendente – Deus - não necessariamente nos preceitos tradicionais que a sua educação religiosa, pela mãe, lhe ditara, mas numa conceção muito mais filosófica que ele terá elaborado e repensado a vida inteira. É como Eduíno de Jesus diz, de alguma forma, que (e cito) “ O Poeta (...), um dia, já cansado de tanta luta, [perdeu-se] de propósito, por fim, nessa mesma praia infinita do Não-Ser = Ser Único Absoluto.” E é como o próprio Antero diz, num soneto que dedica à Noite:

“Nox”

*Oh! antes tu também adormecesses  
Por uma vez, e eterna, inalterável,  
Caindo sobre o mundo, te esquecesses,*

(\*) Este soneto surge em *Sonetos de Antero*, na Edição Stênio (dezembro, 1861).  
*E ele, o mundo, sem mais lutar nem ver,  
Dormisse no teu seio inviolável,  
Noite sem termo, noite do Não-ser!*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Carreiro, José Bruno Tavares (1948), *Antero de Quental – Subsídios para a Sua Biografia* (vols. 1 e 2). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
2. Martins, Ana Maria Almeida (1986), *Antero de Quental – Fotobiografia*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda.
3. *Quental, Antero de (2016), Sonetos Completos. Açores: Artes e*

*Letras.*

**JÁ TOMOU PARTE EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA  
É SÓCIO DA AICL**

**36. MARIA JOSÉ DE SOUSA, IILP, CABO VERDE, CONVIDADA  
AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL**

Participa pela primeira vez

**37. MÁRIO MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO, INSTITUTO  
POLITÉCNICO DA GUARDA E AICL**

**MÁRIO JOSÉ SILVA MELEIRO.** Nasceu em Soutelo – Mogadouro (Trás-os-Montes), em 1974 e reside na Guarda, onde fez o estágio profissional na Escola Secundária Afonso de Albuquerque. Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Linguística Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade Católica – Polo de Viseu e doutorado em Linguística (Linguística Histórica) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é docente da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, desde 2000. Além da docência tem também desenvolvido a sua atividade como formador do Programa Nacional do Ensino do Português (PNEP), da Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário (TLEBS), do Acordo Ortográfico (AO 1990) e, mais recentemente, das Metas Curriculares de Português (MCP).

Com participação em diversos congressos, em alguns deles com apresentação de comunicação, a área de investigação centra-se na morfologia e no léxico da língua portuguesa.



TEMA VOCABULÁRIO CLÁSSICO NO LÉXICO DE RICARDO REIS.  
MARIO JOSE SILVA MELEIRO, (UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA)

As preocupações estilísticas de Fernando Pessoa são de há muito conhecidas. A importância que dava ao estilo era tal que o levou a afirmar que “ninguém deveria deixar atrás de si vinte livros diferentes, salvo se for capaz de escrever como vinte homens diferentes”. Ele soube transpersonalizar-se em, pelos menos, quatro homens, a quem incutiu, sobretudo a Ricardo Reis, um estilo muito *sui generis*.

Parece ser com Ricardo Reis que a sua lírica atinge uma maior harmonia ao nível da forma e do conteúdo, equilibrando os rasgos imparáveis e nervosos de um Álvaro de Campos, ou a escrita deliciosamente descuidada e livre de Alberto Caeiro. Para quem possua um conhecimento, ainda que superficial, do panorama da literatura portuguesa, o nome de Ricardo Reis surgirá, então, como um dos que mais fielmente interpretou e trasladou, para a poesia portuguesa, a forma e o conteúdo dos poetas latinos, nomeadamente o de Horácio.

No que respeita ao léxico, Ricardo Reis revitalizou inúmeros latinismos já com tradição literária desde Camões e, sobretudo, nos poetas do século XVIII. Mas foi mais longe. Exímio conhecedor de Latim, adaptou à língua portuguesa pela primeira vez, tanto quanto nos foi possível apurar, muitos termos latinos, cuja expressividade é inegável. A estes classificá-los-emos, como Herculano de

Carvalho<sup>47</sup>, na esteira de C. E. Corrêa da Silva<sup>48</sup> e de Epifânio da Silva Dias<sup>49</sup>, de “latinismos insólitos”.

Preferimos não lhe chamar neologismos, pelo simples facto de o não serem na verdadeira aceção da palavra. O que realmente se verifica em Ricardo Reis é uma adaptação à língua portuguesa, chegando mesmo ao puro decalque do termo latino.

Serão alguns desses termos, ainda sem entrada nos dicionários, nomeadamente no *Dicionário da Academia*, que procuraremos apresentar de seguida. Relativamente à sua organização, optámos por uma divisão em classes de palavras, nomeadamente substantivos, adjetivos e verbos, conscientes de agrupar latinismos de forma, como *morituros*, e de sentido, como *claro*.<sup>50</sup>

#### 1. SUBSTANTIVOS:

**Ergástulo** (lat. *ergastulum*, ‘prisão’)<sup>51</sup>

*No ergastulo de ser quem sou, comtudo,*

*De em mim pensar me livro, olhando no alto*

*Os astros que dominam,*

*Submisso de os ver bellos.*

(178.5)

Latinismo não referenciado pelo *Dicionário da Academia*. É, porém, referido por *Morais e Aurélio*, este com abonação de Guerra Junqueiro. Lembramos, todavia, que consta no nome arcádico de Gaspar Pinheiro da Camara Manuel (*Ergastulo Herculano*)<sup>52</sup>.

**Hemadryades** (lat. *hamadryas*, ‘ninfas da floresta’)

*E como as hemadryades constantes*

*Murmuram pelos rumos das florestas*

*E atrazam o deus Pan*

*Na atenção á sua flauta.*

(56.17-20)

<sup>47</sup> José G. Herculano de Carvalho, *Estudos Linguísticos*, III vol. (1984) 90.

<sup>48</sup> Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas, Carlos Eugénio Corrêa da Silva, p. 164. Corrêa da Silva utiliza ainda outras expressões, como latinismos lexicais de primeira mão, p. 163, e latinismos lexicais raros, p. 164, n. 1.

<sup>49</sup> Epifânio da Silva Dias, *Syntaxe Histórica Portuguesa*, p. 155.

<sup>50</sup> Acresce referir que seguimos a edição de Luiz Fagundes Duarte – *Poemas de Ricardo Reis* – designada por PRR, (Lisboa, INCM, 1994) e será por ela que todas as referências e localizações das odes serão feitas.

<sup>51</sup> Referido por J. do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (designado por DU), p. 131.

<sup>52</sup> *Sobre a lista dos Arcades e seus respetivos criptónimos*, vide Teófilo Braga, *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa – Os Arcades*, vol. IV, pp. 180-181.

A origem deste termo é, sem dúvida, *hamadryas*, utilizado pelos latinos sobretudo no plural *hamadryades*. Como o aparato genético não traz qualquer indicação, pusemos a hipótese de erro mecânico. Graças à preciosa informação do Professor Doutor Ivo Castro, que atenciosamente a confirmou no manuscrito de Pessoa, tais hipóteses ficaram excluídas: “trata-se de um dactiloscrito (51-100r), que ostenta claramente o *he-*; se era de esperar uma forma em *ha-*, então teremos de admitir que Pessoa cometeu um lapso, cruzando esta palavra com outras derivadas da raiz *hema-*. Também ponderei a hipótese de se tratar de um erro de digitação: de facto, este testemunho tem algumas letras trocadas e depois corrigidas, mas isso ocorre em palavras correntes que se escrevem com meia atenção. Dada a sua raridade, esta palavra teria sido escrita com atenção redobrada, o que afasta a explicação por erro mecânico”.

Acresce, no entanto, referir que, posteriormente a esta informação, encontrámos num dos textos em prosa de Ricardo Reis<sup>53</sup>, a forma correta *hamadryades*, o que demonstra o conhecimento da forma latina, deixando transparecer alguma distração na escrita do termo.

De referir ainda que estas ninfas figuram já num soneto de Camões, onde apenas lhe chama Driades<sup>54</sup>. Nesse mesmo soneto são ainda referidas as Náiades, ninfas que também aparecem em Reis (190.6).

O *Dicionário da Academia* apenas regista o termo simples nas formas *Driade* e *Driada*, apesar de o composto aparecer já no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, elaborado pela Academia das Ciências de Lisboa. Sugerimos, pois, a sua inclusão no *Dicionário da Academia*. Em *Morais* e *Aurélio* está registada a forma composta *hamadríada*.

**Pecureiro** (lat. *pecorarius* ‘guardador de gado, pastor’)

*Tudo lhe é nada, e o proprio pecureiro*

*Que passa, (...)*

(73.9-10)

Ao manter o radical latino<sup>55</sup>, não aplicando o processo da sonorização, Reis transforma um latinismo lexical, já utilizado pelos Arcades, como Garção<sup>56</sup>, Quita<sup>57</sup>

ou Filinto<sup>58</sup>, num latinismo insólito. Com esta grafia, só o encontrámos em *Morais*, a remeter para ‘pegureiro’ e com a indicação que aparece na écloga 15 de Bernardes.

**Proco** (lat. *procus*, ‘pretendente ao casamento’)<sup>59</sup>

*Inuteis procos do melhor que a vida,*

*Deixae a vida aos crentes mais antigos*

*Que Christo e a sua cruz*

*E Maria chorando.*

(50.25-28)

O verso é omissão, característico, aliás, do estilo de Reis. Aqui, os pretendentes desejam não o casamento, mas o melhor que a vida tem. Não encontrámos este latinismo referenciado em nenhum dos Dicionários. Provavelmente, é um decalque do termo latino *procus*, que Horácio emprega nas *Odes*<sup>60</sup> e *Sátiras*<sup>61</sup>. No entanto, e à semelhança de outros termos, está enunciado no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, elaborada pela Academia das Ciências de Lisboa. Mais uma vez, sugerimos a sua inclusão no *Dicionário da Academia*.

**Styge** (lat. *Styx* ‘Estige, rio dos infernos’)

*Não mais; e a prole a que, pensando, dera*

*A vida da razão, em vão o chama,*

*Que as nove chaves fecham*

*Da Styge irreversível.*

(14.9-12)

Reis aborda nesta ode as propriedades mágicas da água deste rio, que serviam para selar os juramentos dos deuses<sup>62</sup>. A quebra de tal juramento acarretava inúmeras provações, entre elas o afastamento, durante nove anos, do convívio com os deuses imortais. De referir ainda que foi nestas águas mágicas que Tétis mergulhou Aquiles, tornando invulnerável todo o seu corpo, à exceção do calcanhar.

Não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, mas em *Morais* é registado com uma abonação do poema *Ulissea*, de Gabriel Pereira de Castro. Registámo-lo em Camões<sup>63</sup>, Filinto<sup>64</sup> e Bocage<sup>65</sup>.

<sup>53</sup> Texto Preambular 04 – A Alberto Caeiro, *PRR*, p. 53, linha 26.

<sup>54</sup> Cf. *Rimas, soneto 73*, Náiades, vós, que os rios habitais. *As ninfas são as mesmas. A diferença para Hamadryades está em que estas ninfas tinham uma duração igual à da árvore. Morriam quando a árvore era cortada.*

<sup>55</sup> Sem dúvida que este radical vinca mais o estilo de Reis, até porque Pessoa utiliza a forma ‘pegureiro’, por exemplo, no fragmento 286 do Livro do Desassossego, vol. II, p. 11.

<sup>56</sup> Garção I, ode I.14. *Obras Completas, 2 vols., edição de António José Saraiva (Lisboa, 2 1982).*

<sup>57</sup> Quita I, écloga III.54.72; idílio XVII.73. *Obras Completas, 2 vols., edição de Ana Cristina Fontes (Porto, 1999).*

<sup>58</sup> Filinto IV, p. 64.9. *Obras Completas, 11 vols., edição de Fernando Moreira (Braga, 1998-2001).*

<sup>59</sup> Referido por M. H. Rocha Pereira, *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa (designado por Temas) Lisboa, 1972, p. 90.*

<sup>60</sup> Carm. III.10.11.

<sup>61</sup> Serm. II.5.7,78.

<sup>62</sup> Cf. *Hesíodo*, *Teogonia* 389-403.

<sup>63</sup> Lus. IV.80.6.

<sup>64</sup> Filinto IV, p. 51.19. *Filinto utiliza também Stix*, Filinto I, p. 92.33. Cf. nota do próprio autor.

## 2. ADJETIVOS:

**Atro** (lat. *ater*, 'negro')<sup>66</sup>

*Que me fará o mar que na atra praia  
Echoa de Saturno?  
(3.13-14)*

Este termo não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, porém está já registado em *Morais e Aurélio*.

Para Reis a praia adquire inúmeras qualificações. Talvez as mais dignas de registo sejam as da ode 3, onde utiliza qualificações opostas, como *atra* e *alva*<sup>67</sup>. A praia é ainda *plana* (56.27 e repetido na 73.7) e *eterna* (98.9). Horácio caracteriza o rio Cocito e o golfo do Adriático de *ater*<sup>68</sup>. Bocage, à semelhança do Venusino, diz "nuvens de atro fumo"<sup>69</sup>.

**Avito** (lat. *avitus*, 'antigo, que vem dos avós')<sup>70</sup>

<sup>66</sup> Bocage I, soneto Trastes cediços, móveis de outra idade, v. 7. Opera Omnia, 6 vols., direção de Hermâni Cidade (Lisboa, 1969 – 1979).

<sup>67</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 131 e M. H. Rocha Pereira, Temas, p. 90.

<sup>68</sup> Reis utiliza ainda o termo alva para caracterizar Lídia (cf. 54.1: Não porque os deuses findaram, alva Lídia, choro...) e para qualificar a spuma (sempre com aférese do 'e'), que, tal como a praia, também é classificada com estes antónimos, porém com o recurso aos respetivos sinónimos 'escura' e 'branca':

*Uma após uma as ondas apressadas  
Enrolam o seu verde movimento  
E chiam a alva spuma  
No moreno das praias.*

(83.1-4)

*Vós na alva praia lembrae, fazendo,  
Que scura a spuma deixa;*  
(6.5-6)

Na ode Vossa formosa juventude leda, Reis, com o recurso à hipálage, caracteriza ainda a spuma de branca:

*Quanta igual mocidade a eterna praia  
De Chronos, pae injusto da justiça,  
Ondas, quebrou, deixando á só memória  
Um branco som de spuma.*  
(98.9-12)

Também para Correia Garção a espuma é alva e branca. Cf. Garção I, ode I.78 e XIII.17, respetivamente.

<sup>69</sup> Carm. II.14.17 e III.27.18, respetivamente. Ater caracteriza ainda a morte (I.28.13) e as nuvens (II.16.2 e III.29.43).

<sup>70</sup> Bocage I, soneto Incense da Fortuna os vãos altares, v. 4.

<sup>71</sup> Referido por M. H. Rocha Pereira, Temas, p. 90.

*Caiam cidades, soffram povos, cesse  
A liberdade e a vida,  
Os haveres tranquillos e avitos  
Ardem e que se arranquem,  
(74.55-58)*

Este adjetivo não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, ao contrário do que sucede em *Morais e Aurélio*.

Apesar de ser um latinismo algo insólito, registámo-lo também em Filinto<sup>71</sup>. Pensamos que, erradamente, está grafado como proparoxítono neste verso da Carta a Brito: *e nós de ávitos bens herdeiros lídimos*<sup>72</sup>. Recordamos que tem algumas ocorrências em Horácio<sup>73</sup>, donde pode ser haurido.

**Estígio** (lat. *stygius*, 'relativo ao Estige, funesto')<sup>74</sup>

*Nem o filho lhe põe na boca  
O estygio obulo devido.  
(65.19-20)*<sup>75</sup>

O *Dicionário da Academia* não regista este vocábulo. É, porém, referenciado por *Morais e Aurélio*.

Os nossos autores recorreram a este termo para se referirem ao Inferno, ou ao que a ele está associado. Registámo-lo em Camões<sup>76</sup>, Filinto<sup>77</sup> e Bocage<sup>78</sup>, este para abordar a Morte, uma das temáticas base da sua poesia.

**Gestal**

*Não te destines. Tu não és futura.  
Cumprê hoje, e a gestal taça gosta  
A que prevês seguinte  
Não goses na que gosas.  
(17a.5-8)*

A ausência de registo desta palavra nos dicionários portugueses, bem como dum termo latino que a pudesse justificar, levantou-nos algumas dúvidas sobre a sua grafia. Mais uma vez, a resposta do Professor Doutor Ivo Castro, dissipou-no-las: "*gestal taça*: é inequivocamente o que diz o ms. 51-37r". Partindo da filosofia de vida defendida por Reis, que aconselha a viver o momento, sem

<sup>71</sup> Filinto IV, pp. 19.2; 46.19.

<sup>72</sup> Filinto I, p. 53.6.

<sup>73</sup> Carm. I.12.43; I.37.6; III.3.59.

<sup>74</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 131.

<sup>75</sup> Vide etiam PRR, 20.22 e 68.26.

<sup>76</sup> Lus. IV.40.1. Epifânio remete para Virgílio, Eneida, VI.323 (*Stygiamque paludem*); VIII.11.3.

<sup>77</sup> Filinto IV, p. 51.24.

<sup>78</sup> Bocage I, sonetos. Entre as tartáreas forjas, sempre acesas, v. 2 e Em deserta masmorra, ao Sol, odisa, v. 3.

pensar no futuro, esta taça que deve ser bebida, gostada<sup>79</sup>, afigura-se-nos, pois, como normal, simples, de uso diário. Nem vale a pena pensar que amanhã se poderá gozar outra diferente, porque não somos futuros. A transformação em adjetivo do substantivo neutro *gesta -orum*, hipótese mais remota, para classificar a taça como especial, como a taça recebida pelos 'feitos notáveis', não se coaduna com a linha orientadora de Reis.

**Infero** (lat. *inferus*, 'inferior')<sup>80</sup>

*Na occulta margem onde os lírios frios  
Da infera leiva crescem, e a corrente  
Não sabe onde é o dia,  
Sussurro gemebundo.  
(8.9-12)<sup>81</sup>*

Este latinismo não é referenciado pelo *Dicionário da Academia* como entrada isolada, mas sim em 4 compostos: ínfero-anterior, ínfero-exterior, ínfero-interior e ínfero-posterior. *Morais* e *Aurélio* registam-no como adjetivo, o primeiro com abonação de Gaspar Barreiros. Registámo-lo também em Filinto<sup>82</sup>.

**Inosculanda** (lat. *in* + *osculanda*, gerundivo de *osculare*, 'que não deve ser beijada')

*Triste, descora a inosculanda boca...  
(224b)*

É um verso único de um fragmento cancelado onde, com recurso ao prefixo e ao gerundivo, Reis consegue transmitir, de forma concisa, a ausência de beijos, caracterizadora do amor tranquilo. Este amor encontra expoente máximo na ode *Vem sentar-te commigo, Lydia, á beira do rio*<sup>83</sup>. *Aurélio* apresenta uma abonação de Eugénio de Castro para o verbo 'oscular'.

**Inscio** (lat. *inscius*, 'ignorante')

*Sentinellas absurdas, vigilamos,  
Inscios dos contendentes.  
Uns com o frio, outros a um ar bom, guardam  
O posto e a propria insciencia.  
(137.3-6)<sup>84</sup>*

<sup>79</sup> Sobre a possibilidade de 'gostar' com o significado de 'provar' ser um latinismo semântico, cf. Carlos Eugénio Corrêa da Silva, Ensaio sobre os Latinismos dos Lusíadas, p. 218. Com este significado também o encontramos em *Quita, idílio II.21*.

<sup>80</sup> Referido por J. do Prado Coelho, *DU*, p. 131.

<sup>81</sup> Vide etiam PRR, 12a.10.

<sup>82</sup> Filinto IV, p. 20.21.

<sup>83</sup> Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,

Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
(40.17-18)

<sup>84</sup> Vide etiam PRR, 137.4.

O *Dicionário da Academia* e *Morais* apenas registam *insciência* (v. 6) e *insciente*. No entanto, encontramos *inscio* enunciado em duas listas do vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Uma, o *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*, elaborada por A. R. Gonçalves Viana<sup>85</sup>, que o regista apenas como adjetivo. Na outra, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, elaborada pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1940, aparece como adjetivo e substantivo. Pelo facto, sugerimos a sua inclusão no Dicionário da mesma Academia.

Apenas aparece em Reis como adjetivo, ao contrário do seu sinónimo 'nécio', que ocorre umas vezes como substantivo (126.9), outras como adjetivo (51.11).

**Invito** (lat. *invitus* 'forçado')<sup>86</sup>

*Dois terços já, tam rapido, do curso  
Dado em declive deixo, e invito apresso  
O moribundo passo.  
(141.7-9)<sup>87</sup>*

Este vocábulo não é registado pelo *Dicionário da Academia*. É referenciado por *Morais*, com abonação de Padre António Vieira, e por *Aurélio*.

Só um conhecimento profundo de Latim permite a substituição de uma oração relativa<sup>88</sup> por um adjetivo com o mesmo significado, porém muito mais sintético. O adjetivo é utilizado por Horácio, quando, na *Arte Poética*, lembra que quem já conhece os escritos socráticos não tem dificuldade em encontrar *verba non invita*<sup>89</sup>.

**Múrmuro** (lat. *murmur*, 'que produz ruído')<sup>90</sup>

*Murmuro, o rio passa, e o som não passa,  
Que é nosso, não do rio.  
(162.3-4)<sup>91</sup>*

Não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, apesar de aparecer no seu *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*<sup>92</sup>. É referenciado por *Morais*, com abonação do poema *Elegiada* de Luís Pereira, e por *Aurélio*.

<sup>85</sup> Seguimos a 2ª edição, de 1913.

<sup>86</sup> Referido por M. H. Rocha Pereira, *Temas*, p. 90.

<sup>87</sup> Vide etiam PRR, 8.6.

<sup>88</sup> Cf. aparato genético do verso 8: que me é imposto.

<sup>89</sup> *Ars Poetica*, 311. Vide etiam *Carm. I.18.12 e III.11.22*.

<sup>90</sup> Para este vocábulo o Latim não tem um adjetivo. Apresenta apenas o substantivo *murmur* e o verbo *murmurare*.

<sup>91</sup> Vide etiam PRR, 194.3.

<sup>92</sup> Também registado no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*, elaborado por A. R. Gonçalves Viana.

**Volúteis** (lat. *volutilis*, 'que pode volver')

*Corõem-o pampanos, ou heras, ou rosas voluteis,  
Elle sabe que a vida  
Passa por elle e tanto  
Corta á flôr como a elle  
De Atropos a thesoura.  
(37.6-10)*

Para este adjetivo com que Reis caracteriza as rosas, só encontrámos o respetivo termo latino no *Lexicon Totius Latinitatis*, de FORCELLINI, com a indicação de que deveria ser retirada da língua e, de facto, não consta nos melhores dicionários de Latim de atualidade. Transcrevemos a sua justificação: "*adject. (volvo) qui volutari potest. Vox a lexico expungenda; occurrit enim tantum in Not. Tir. p. 124 volutat, volitilis, volubilis*".

Também aqui agradecemos a informação do Professor Doutor Ivo Castro: "*rosas volúteis: tratando-se de um dactiloscrito (51-12r), a leitura é muito clara e não oferece dúvidas*". Uma vez que este latinismo não é referenciado por nenhum dos Dicionários e tem na sua raiz o verbo *volvo*, e atendendo ainda a que, para Reis, também as rosas são vólucres e breves, o seu significado continuará relacionado com a efemeridade, ou seja, as rosas 'que voltam, que mudam', no fundo, 'que murçam'.

### 1.3. VERBOS:

**Adumbra** (lat. *adumbrare*, 'sombrear, delinear-se')

*O rastro breve que das ervas moles  
Ergue o pé findo, o eco que oco coa,  
A sombra que se adumbra,  
O branco que a nau larga –  
(24.1-4)*

Este verbo não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, mas aparece no seu *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*<sup>93</sup>. Consta em *Aurélio* e em *Morais*, mas neste com o significado de 'imitar'.

Pessoa emprega-o também com o sentido de 'vislumbrar' em *Erostratus*, a propósito dos precursores. Camões utiliza outro composto de *umbrar*, mas com o prefixo 'ob'<sup>94</sup>.

**Aurora** (lat. *aurorare*, 'brilhar')

*E as portas reabriste  
Por onde aurora o carro*

<sup>93</sup> Também registado no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*, elaborado por A. R. Gonçalves Viana.

<sup>94</sup> Lus. VI.37.5.

(205.7-8)<sup>95</sup>

Este verbo não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, mas aparece também no seu *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*<sup>96</sup>.

**Hausta** (lat. *hausta*, part. perfeito de *haurior*, 'esgotada, consumida')

*Ah, se o que somos será isto sempre  
E só uma hora é o que somos,  
Com tal excesso e furia em cada amplexo  
A hausta vida ponhamos,  
Que encha toda a memoria, (...)  
(105.10-13)*

É mais um dos participios passados que Reis vai esgaravatar ao Latim. Os Dicionários consultados só registam a entrada deste vocábulo como substantivo.

**Indos** (lat. *eundum*, gerundivo de *eo*, 'que deve ir')<sup>97</sup>

*Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,  
O ido aos indos. A lembrança esquece.  
Mortos, inda morremos.  
Lydia, somos só nossos.  
(24.5-8)*

Temos aqui presente um dos imbróglis com que Reis nos presenteia. J. do Prado Coelho apenas refere que um dos procedimentos típicos a que Pessoa e os heterónimos recorrem para exprimir o que há de vir é "adaptando o participio futuro latino (...) recorrendo ao gerundivo (...) ou utilizando a perífrase com *a, que* + infinito"<sup>98</sup>. Pela forma que apresenta, *indos* é um gerundivo. Ora, o verbo *eo*, porque é intransitivo, só aparece com as formas passivas na terceira pessoa do singular. Logo, o gerundivo será *eundum est*. Assim, a melhor justificação que encontramos para esta forma é Ricardo Reis, "latinista por educação alheia"<sup>99</sup>, ter transformado *eo* num verbo regular para formar o seu gerundivo, ou seja, ao tema do presente, 'i-', juntou-lhe a característica de gerundivo '-ndus', à semelhança dos gerundivos da 1ª e 2ª conjugações, '*lauda + ndus*' ou '*dele + ndus*'.

A interpretação da ode assim se nos afigura: os quatro versos iniciais, referentes ao sujeito composto, "o rastro, o écho, a sombra e o branco" não melhoram, nem alteram a alma às almas, nem o ido aos indos, ou seja, aquilo que se foi, que aconteceu, àqueles que se irão, que se devem ir. O passado é inalterável.

<sup>95</sup> Cf. ainda nesta ode o verso 17.

<sup>96</sup> Também está registado no *Vocabulário Ortográfico e Remissivo da Língua Portuguesa*.

<sup>97</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 144 e M. H. Rocha Pereira, Temas, p. 90.

<sup>98</sup> Cf. DU, p. 144.

<sup>99</sup> Cf. Correspondência 1923-1935, edição de Manuela Parreira da Silva, p. 345. Vide supra n. 7.

**Labento** (lat. *labens*, part. presente de *labor*, ‘que desliza’)

*Só spera ou desespera quem conhece  
Que há que sperar. Nós, no labento curso  
Do ser, só ignoramos.  
(113.4-6)*

Este termo não é referenciado por nenhum dos Dicionários. Parece, pois, ser mais uma das criações de Reis. De destacar é a formação deste participio presente. Em todas as edições consultadas aparece *labento*, exceto na de Silva Bélkior<sup>100</sup>, exímio conhecedor da língua latina, que regista *labente*. Sem dúvida que esta seria a forma correta, resultante da adaptação do participio presente latino, mas, uma vez mais, as informações do Professor Doutor Ivo Castro acerca deste vocábulo são esclarecedoras: “*labento curso*: também aqui se confirma a leitura da ed. crítica, pois não há dúvida que Pessoa escreveu deliberadamente -o no 52-18r. Mas o que a ed. não diz no aparato é que ele começou por escrever *labente* (é ms.), só depois retocando a vogal final para -o. Trata-se portanto de uma intervenção deliberada”.

Acresce referir ainda que este é um termo bastante utilizado pelos autores latinos, sobretudo por Virgílio, onde mais vezes o registámos com este mesmo significado de passagem do tempo, de vida<sup>101</sup>.

**Marcenda** (lat. *marcenda*, gerundivo de *marceo*, ‘que deve murchar, secar’)<sup>102</sup>

*E colho a rosa porque a sorte manda.  
Marcenda, guardo-a; murche-se commigo  
Antes que com a curva  
Diurna da ampla terra.  
(18.9-12)*

Nenhum dos Dicionários regista este vocábulo. Parece ser outra das criações de Reis. J. do Prado Coelho refere a tendência para a criação vocabular, comum à poesia ortónima e heterónima, através de neologismos de forma e de sentido. Inclui nos primeiros este gerundivo<sup>103</sup>. Mais uma vez a ideia do que vai acontecer, o murchar da rosa, é expresso por um gerundivo.

<sup>100</sup> Cf. Silva Bélkior, Fernando Pessoa – Ricardo Reis: Os originais, as edições, o cânone das odes, p. 234.

<sup>101</sup> Geórgicas, I.6; IV.366; Eneida, I.283; II.14.

<sup>102</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 141.

<sup>103</sup> Cf. DU, pp. 140-141.

Sobre este termo alguns esclarecimentos se impõem. É sabida a adaptação que José Saramago faz da vida do heterónimo pessoano Ricardo Reis, no seu romance O Ano da Morte de Ricardo Reis, que veio a público em 1984. As interpretações que desse romance se fazem, nomeadamente dos nomes das personagens, merecem alguns reparos. Vem este comentário a propósito de uma coleção de livros –Coleção Mil Folhas–, editada pelo jornal

**Morituro** (lat. *moriturus*, part. futuro de *morior*, ‘que há de morrer’)<sup>104</sup>

*Presa da pallida fatalidade  
De não mudar-me, me infiel renovo  
Aos propositos mudos  
Morituros e infindos.  
(111.9-12)*

Este participio não é referenciado pelo *Dicionário da Academia*, que, porém, regista o seu antónimo ‘nascituro’. É referenciado por Aurélio com abonação. Em Horácio encontramos algumas ocorrências<sup>105</sup>. Pelo conhecimento que constantemente demonstra da língua e cultura latinas, não será forçado supor que Reis conhecesse os hábitos e gostos dos Romanos, assim como as suas mudanças, bem expressas em Juvenal<sup>106</sup>. Na verdade, eles adoravam assistir a espetáculos verdadeiramente sangrentos, aos quais não faltava o imperador, a quem os gladiadores dirigiam a lúgubre saudação: “*Have imperator, morituri te salutant!*”<sup>107</sup>. De salientar é o facto de Pessoa, a propósito destes circenses referir em vez do latinismo *morituros* escrever ‘os que iam morrer’<sup>108</sup>.

**Mutada** (lat. *mutata*, part. perfeito de *mutare*, ‘mudada’)  
*Não me promette o incerto e vão futuro*

Público, onde se inclui o do referido Prémio Nobel, com alguns comentários. Refere o Público de 22 de maio de 2002, artigo assinado por M.T.S., e preparando a edição da semana seguinte, que “(…). Em ‘O Ano da Morte de Ricardo Reis’, a escrita de Saramago possui uma forte marca de intertextualidade, sendo que os nomes de Marcenda e Lídia derivam ambos das ‘Odes de Ricardo Reis’ de Pessoa, (...)”. Esta tem sido uma interpretação errónea do gerundivo *marcendo*, talvez pelo facto de estar em início de verso e, por isso, grafado com maiúscula. Em entrevista ao referido jornal, dada na semana da publicação do seu romance, a 29 de maio, o próprio Saramago, passados 18 anos da 1ª edição do seu livro e provavelmente avisado por alguns latinistas, retificou a confusão, em resposta à pergunta do jornalista: “(...) E quanto às personagens? Por exemplo as duas mulheres, Lídia e Marcenda, sendo figuras literárias [das ‘Odes’ de Ricardo Reis], onde foi buscar o corpo e os tiques que lhe deu? Marcenda não é uma ‘personagem literária’ de Reis, não é sequer um nome feminino com presença nos vocabulários onomásticos. A palavra aparece na ode ‘Saúdoso já deste Verão que vejo’ designando uma rosa emurhecida. (...)”. Já agora, só mais uma chega para a clarificação do termo. Este verso possui uma variante, cf. PRR, p. 240, “(Fananda) [↓ Fananda], guardo-a; fane-se commigo”, que vem refutar a interpretação de nome próprio e onde se nota o favoritismo de Pessoa pelo latinismo, em detrimento do galicismo.

<sup>104</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 144 e M. H. Rocha Pereira, Temas, p. 90.

<sup>105</sup> Cf. Carm. I.28.6 e II.3.4.

<sup>106</sup> Juvenal, Sátiras, X.78-81.

<sup>107</sup> Suetónio, Vita Divi Claudii, 21.

<sup>108</sup> Cf. Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho., p. 236.

*Mais do que esta iterada experiéncia  
Da mutada sorte e a condição deserta  
Das cousas e de mim.  
(112.5-8)*

Estamos aqui na presença de mais um participio perfeito latino sem a sonorização do [t] em [d]. De referir é que Reis apenas aplica este processo à desinência de participio e não à raiz do verbo, o que daria o normal participio passado do verbo mudar. O verbo ‘mutar’ não é referenciado por nenhum dos Dicionários. Existe, porém, o composto permutar, sem sonorização. Lembremos que este participio aparece na ode de Horácio a Pirra (I.5.6), bem conhecida de Pessoa<sup>109</sup>.

**Recumbente** (lat. *recumbens*, part. presente de *recumbere*, ‘que se reclina’)<sup>110</sup>

*Pan continúa a dar  
Os sons da sua flauta  
Aos ouvidos de Ceres  
Recumbente nos campos.  
(35.12-15)*

Recumbente não é averbado pelo *Dicionário da Academia*. Moraes e Aurélio registam o verbo recumbir, o primeiro com abonação de Mascarenhas. O termo é usado sobretudo no modo bucólico, para descrever o momento de descanso debaixo da fresca sombra. Virgílio utiliza o verbo *recubo*<sup>111</sup>. No segundo verso da écloga VI de Quita, Dorindo dirige-se ao amigo Alcino, que se encontra à sombra duma faia, mas utiliza o verbo recostar<sup>112</sup>, em vez de recumbir, que também Virgílio utiliza<sup>113</sup>.

<sup>109</sup> Pessoa, como Milton, traduziu para inglês a famosa ode de Horácio a Pirra, Carm. I.5. (Cf. *Fernando Pessoa: Coração de Ninguém* (Lisboa, 1985) p. 83). *Sobre mais pormenores acerca desta tradução vide M. H. Rocha Pereira*, *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa* (Lisboa, 1988), pp. 265-266. *De salientar ainda é que Pessoa leu Milton antes d’ Os Lusíadas*, (*Correspondência 1923-1935*, p. 258). *Ainda a propósito desta tradução, lembramos que para Costa Ramalho* (cf. “Horácio, Falcão de Resende, Milton e Pessoa”, *Humanitas XXIX-XL* (1987-1988) 267-274) *Pessoa está claramente a competir com Milton*. M. H. Rocha Pereira (Novos Ensaios, pp. 265-266) está, no entanto, convencida de que esta tradução teria sido mais um dos exercícios de Latim que o seu Headmaster Nicholas, exigentíssimo professor de Latim, lhe teria proposto, enquanto aluno da Durban High School. *De referir ainda é o facto de Pessoa, na cadeira de Latim, ter obtido a classificação de «Excellent»*. *Sobre o aproveitamento de Pessoa no liceu de Durban vide Eugénio Severino*, *Fernando Pessoa na África do Sul*, pp. 43-54.

<sup>110</sup> Referido por J. do Prado Coelho, DU, p. 143 e M. H. Rocha Pereira, *Temas*, p. 90.

<sup>111</sup> Bucólicas, I.1.

<sup>112</sup> *Quita I*, écloga VI.2.

<sup>113</sup> *Geórgicas*, I.401.

O recurso ao participio presente é uma constante de Reis<sup>114</sup>. Neste caso, a partir do participio presente latino *recumbens*, *-entis*, Reis forma o participio da língua portuguesa pela regra normal<sup>115</sup>.

**Senescer** (lat. *senescere*, ‘envelhecer’)

*Quer com amor, que sem amor, senesces  
Antes senescer tendo perdido que não tendo tido.  
(223s.1-2)*

Este verbo não é referenciado por nenhum dos Dicionários. O *Dicionário da Academia* e Aurélio registam *senescência* e *senescente*. É mais um decalque de Reis a partir do verbo latino<sup>116</sup>.

Após o levantamento destes vocábulos das *Odes* de Ricardo Reis, e apesar de também ocorrerem em várias obras literárias e lexicográficas, verifica-se que muitos não estão ainda registados nos Dicionários de Língua Portuguesa, nomeadamente no *Dicionário da Academia*, que se deve afirmar como uma referência. Impõem-se, pois, a sua inclusão, mais que não seja como homenagem àquele que para muitos, onde eu me incluo, é considerado o maior poeta português.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, “Sobre o sentido de a minha pátria é a língua portuguesa [Pessoa-B. Soares]”, *Colóquio/Letras* 97 (maio-junho 1987) 37-47.
- BÉLKIOR, Silva 1983. *Fernando Pessoa – Ricardo Reis: os originais, as edições, o cânone das odes*. Lisboa: INCM
- COELHO, Jacinto do Prado (1998). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo.
- DÉCIO, João, “O Heterónimo Ricardo Reis”, *Didática* 5-6 (1969) 189-193.
- Dicionário da Língua Portuguesa, recopilado por António de Moraes Silva 2<sup>o</sup> 1813. Lisboa, typographia Lacerdina, aqui designado por Moraes.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia das Ciências de Lisboa, 2001. Lisboa: Verbo.
- Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão 2.0), 2007.
- Dicionário Eletrónico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão 3.0), 2009.
- LEMOS, Fernando, “Contributo para a leitura de Odes de Ricardo Reis: da Aura Mediocritas à autoafirmação”, *Euphrosyne* XIV (1986) 165-173.
- Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa, 3<sup>o</sup> 1999. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, aqui designado por Aurélio.

<sup>114</sup> Cf. DU, p. 143.

<sup>115</sup> *Como é sabido, o acusativo do singular sofre a apócope do ‘m’: recumbente(m) > recumbente.*

<sup>116</sup> Cf. Horácio, Epist. I.7.85.



PEREIRA, Maria Helena da Rocha 1972. *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: Verbo

PEREIRA, Maria Helena da Rocha 1988. *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*. Lisboa: INCM.

Poemas de Ricardo Reis, edição de Luiz Fagundes Duarte. 1994. Lisboa: INCM.

RAMALHO, Américo da Costa, "A propósito de Fernando Pessoa", separata de *Humanitas XIII* (1961) 1-4.

REBELO, Luís de Sousa 1982. *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.

**É SÓCIO AICL**

**TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM SANTA MARIA 2011 E NO 22º SEIA 2014**



**38. MARISA MENDONÇA DIRETORA EXECUTIVA DO IILP – CPLP - CONVIDADA**



GRACIOSA 2015 Seguindo o princípio da rotatividade entre os Países da CPLP para a Direção Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), a Professora Doutora Marisa

Guião de Mendonça, nomeada na Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, Dili, 2014, foi empossada como diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, órgão da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A duração do seu mandato é de dois anos (2014-2016). Com vasta experiência em gestão, a nova diretora assume com muitos desafios pela frente, entre eles estão o de desenvolver as bases de trabalho, dar continuidade aos projetos e as ações iniciadas, na gestão anterior; iniciar e desenvolver, de forma inovadora as prioridades incluídas nos Planos de Ação de Brasília e de Lisboa; comunicar bilateralmente com o universo institucional mais amplo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e partilhar o seu mandato com as Comissões Nacionais (CN) dos diferentes Países que integram o IILP e a CPLP.



**Sobre a Diretora**

Nascida em Moçambique, Marisa Mendonça é Doutora em Educação, Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Foi Diretora da Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica, Moçambique (2003-2009). Atuou como Coordenadora Geral do Programa de Formação Contínua de Professores de Português - modalidade semipresencial (Programa Universidade Pedagógica, Instituto Camões), 2005-2013.



GRACIOSA 2015

Entre 2009 a 2012, assumiu como Diretora da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, Moçambique.

Diretora da Escola Superior de Contabilidade e Gestão da Universidade Pedagógica, Moçambique (2012-2014). Sua experiência na área de lecionação ao nível de graduação e pós-graduação concentra-se na Didática do Português, Supervisão Pedagógica em Ensino de Línguas; Análise e Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Língua, Produção de Recursos Didáticos para o Ensino de Português / Língua Estrangeira, Produção de Português Oral, Produção de Português Escrito. Já na área de investigação seus estudos focam as Metodologias de Ensino de Português, Língua Não Materna; Desenvolvimento Curricular em Línguas em contextos de diversidade linguística; Interculturalidade



Graciosa 2015



Graciosa 2015



Graciosa 2015

**Participa na sessão das academias**

**TOMOU PARTE A PRIMEIRA VEZ NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015**

**39. NORBERTO ÁVILA, CONVIDADO, TERCEIRA E AICL. AUTOR HOMENAGEADO AICL 2016**

**NORBERTO ÁVILA** nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.



GRACIOSA 2015



GRACIOSA 2015

[www.norberto-avila.eu](http://www.norberto-avila.eu) / [oficinadescrita@gmail.com](mailto:oficinadescrita@gmail.com)  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Norberto\\_%C3%81vila/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_%C3%81vila/)



SEIA 2013



MAIA 2013

#### BIBLIOGRAFIA

1960, *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.

1962 *O Labirinto*, inédito

1962, *O Servidor da Humanidade*. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama, 1965, *A Pulga*, inédito

1965, *A Ilha do Rei Sono*. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães, 1965 *Magnífico I*, inédito

1966, ***As Histórias de Hakim*** (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal,

Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça

1966, *A Descida aos Infernos*. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP

1968, *As Histórias de Hakim*. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.

1972, *A ilha do rei Sono*, Lisboa, Plátano Ed

1972, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. 1975, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. 1976, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora

1977, *O Rosto Levantado*. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.

1977, in *Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa. 1977, ***O Rosto Levantado*** (1977 e 1978). 1ª ed. *ALGUM TEATRO, IN-CM*, Lisboa, 2009.

1977, *A ilha do rei Sono*, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed

1978, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. 1979, *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito

1980, *Viagem a Damasco*, Ed SREC, Angra do Heroísmo, 1988 *Os Deserdados da Pátria*, 1ª versão, inédito

1982, *Do Desencanto à Revolta*. 1983, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.

1983, *A Paixão Segundo João Mateus*, Angra, Ed SREC

1985, *D. João no Jardim das Delícias* (1985).

1986, *Magalona, Princesa de Nápoles*

1986, *Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85 / 86, WLB*, 1986 -

1987, *D. João no Jardim das Delícias*. Ed. Rolim, Lisboa, 1988, *Viagem a Damasco*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988. 1988, *D. João no Jardim das Delícias*, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais 1988 *Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta*

1988, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, 1989, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, *As Viagens de Henrique Lusitano* (1989). 1990, *Viagem a Damasco*, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do

Heroísmo. 1990, As Viagens de Henrique Lusitano. Edição SPA, Lisboa, 1990, **A Donzela das Cinzas** (1990).

1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Angra, SREC

1990, **Uma Nuvem sobre a Cama** (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre

1990, Florânia ou A Perfeita Felicidade. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,

1990, A Donzela das Cinzas. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1990, Magalona, Princesa de Nápoles. Ed. SREC, Angra do Heroísmo. 1991, As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas), Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas

1991, Uma Nuvem sobre a Cama. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991. 1991-1993, O Marido Ausente. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países. 1992. **A Donzela das Cinzas** (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992

1992. Arlequim nas Ruínas de Lisboa. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,

1992, As Fajãs de São Jorge, Álbum. Fotografia e texto. Ed Câmara Municipal da Calheta, São Jorge, Açores, 1993, No Mais Profundo das Águas, romance. 1993, Os Doze Mandamentos (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre

1994, Os Doze Mandamentos. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1995, Fortunato e TV Glória. 1996, A Paixão Segundo João Mateus. 2º Prémio dos "30 Anos do Teatro Experimental do Porto". Estreada pelo Teatro "A Oficina", Guimarães.

1996, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, 1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, Ed Colibri

1997. Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, Ed Colibri

1997. O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro "A Oficina", Guimarães

1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)

1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,

1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra



GRACIOSA 2015

Montalegre 2016

1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. Ed autor, Lisboa, 1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfovelos, 2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas

2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,

2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito

2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa. 2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Ed Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, 2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008. 2008, Memórias de Petrônio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.

2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)

2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em Algum Teatro, Câmara Municipal de Lisboa, 2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora

2009, Algum Teatro, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011

2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia 2013. Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in Atas do 20º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

2014. Algum teatro na internet, in Atas do 22º colóquio da lusofonia, Seia, Portugal

ver caderno de estudos açorianos

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

ver vídeo homenagem AICL <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

É SÓCIO AICL.

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014., 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016

AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE

#### 40. PAULO MENDES, AIPA, AÇORES, CABO VERDE CONVIDADO

Licenciado em Sociologia, Pós-Graduado em Ciências Sociais e Doutorando em Sociologia.

Ativista social, é fundador e Presidente da Direção da AIPA – Associação dos Imigrantes nos Açores.

Tem publicado diversos artigos sobre as questões das migrações e diálogo intercultural, destacando a publicação do livro “Ponte Insular Atlântica – A Comunidade cabo-verdiana nos Açores.

A nível profissional é CEO da Competir-Açores – Formação e Serviços, unOffice – PDL – Business & Cowork Center e Competir- Cabo Verde – Formação e Serviços.



TEMA “DE CAIS DE PARTIDA  
PARA O CAIS DE CHEGADA - OS MIGRANTES NOS AÇORES”

Compreender os Açores, suas múltiplas dimensões, implica convocar o fenómeno da emigração açoriana que tem moldado, ao longo dos anos, a vivência, a história e a cultura do povo açoriano.

Porém, um espaço que tantas vezes foi porto de partida, transformou-se, com particular incidência a partir de 2001, num espaço de acolhimento de imigrantes. Hoje, são mais de 3500 cidadãos estrangeiros, provenientes de mais de 70 nacionalidade que, presentes em todas as ilhas do arquipélago imprimem um novo sentido de açorianidade.

A minha apresentação visa dar conta desta nova realidade migratória nos Açores, nomeadamente, o processo de imigração para os Açores, focando as condições concretas em que vivem as diferentes comunidades e o respetivo processo de integração.



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

Trabalho final não recebido nos prazos

#### 41. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES E AICL



SEIA 2014

PEDRO PAULO CÂMARA, Licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores, com Pós-Graduação em Estudos Interculturais – Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação – Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media. É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.



Montalegre 2016

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética *A Chama – Folhas Poéticas*. Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro, e, em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*.

É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística *Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural*, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que,

posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.



#### TEMA: ORPHEU: O ESTRANHO CASO DE VIOLANTE DE CYSNEIROS, PEDRO PAULO CÂMARA

Viver rodeado de textos, mesmo que a eles se ambicione ser indiferente, é uma circunstância inevitável. Na realidade, o ser humano é produtor e recetor de textos, mesmo que o faça involuntariamente, sendo que estes poderão surgir nas mais variadíssimas formas e nas mais diversificadas circunstâncias. Com quantos textos terá o indivíduo mantido contacto ao longo da sua existência e quantos terá ao seu dispor? O que assegurará a longevidade de um texto? Quantos textos acrescentará a humanidade a cada dia que passa? Destes, apenas alguns serão mediatizados, apenas uma parcela correrá de boca em boca ou conhecerá diversos olhos. O que possuem estes textos de especial? Enquanto depositária de textos aparentemente desirmanados, o que terá tido a revista *Orpheu* de único, para que, cem anos depois da sua publicação continue a acicatar a curiosidade de leitores e estudiosos? Diz-nos Pizarro que

*“parece-nos relativamente convencional – excetuando, é claro, os textos de Álvaro de Campos e de Mário de Sá-Carneiro e surpreende-nos que tenha agitado tanto o ambiente literário, como demonstram os recortes de imprensa que foram colecionados por Pessoa e Sá-Carneiro, atendendo a que: 1) alguns dos textos mais agressivos e provocadores de 1915 não foram publicados em Orpheu 1 ou Orpheu 2; 2) os temas sensíveis da guerra e da situação política em Portugal estiveram*

*ausentes da revista; 3) nenhum dos dois números publicados veio acompanhado de um programa ou manifesto.”*

Não é ambição deste trabalho esclarecer esta questão, mas apraz-nos referir que tal só poderá ser elucidada se tivermos em conta um conjunto de fatores, não apenas estilísticos, quanto ao seu conteúdo e forma, mas também sociais, culturais e espaciais. Seria necessário analisar, também, o percurso intelectual de todas as vozes que ousaram atacar os participantes de Orpheu.

Leiamos Pessoa, na carta dirigida a Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de abril, de 1915, pouco depois do lançamento do primeiro número da revista que pretendia romper com a cultura academizada e mumificada:

[...]

*“Ontem deitei no correio um Orpheu para si. Foi só um porque podemos dispor de muito poucos. Deve esgotar-se rapidamente a edição. Foi um triunfo absoluto, especialmente com o reclame que A Capital nos fez com uma tarefa na 1.ª página, um artigo de duas colunas. [...] Naturalmente não há números para irem para todos os nomes que v. indica. Vão para alguns. Naturalmente temos que fazer segunda edição. «Somos o assunto do dia em Lisboa»; sem exagero lho digo. O escândalo é enorme. Somos apontados na rua, e toda a gente — mesmo extraliterária — fala no Orpheu.*

*Há grandes projetos. Tudo na mala seguinte.*

*O escândalo maior tem sido causado pelo 16 do Sá-Carneiro e a Ode Triunfal. Até o André Brun nos dedicou um número das Migalhas.*

[...]

Se, por um lado, a revista Orpheu foi uma iniciativa fraturante, por outro consolidou um grupo de talentos, alguns deles pouco reconhecidos, uma ideia e uma visão. Na realidade, a revista foi a alternativa encontrada por um grupo de criativos, poetas, publicitários, filósofos, pintores, para manifestar a sua “não-identidade”, como diria Almada Negreiros, fruto, quiçá, do menosprezo que a vida lhes oferecia. Afirma Corpet que *“No nosso séc. XX. não há jovens talentos ou novas correntes estéticas que não tenham sido descobertas e conhecidas graças às revistas. Tudo o que conta, ou quase, na criação e na crítica literária começou a passar por elas.”* As revistas literárias funcionam, então, como “notáveis instrumentos de intercâmbios”, já que, para além da promoverem a divulgação e partilha de textos e de ideias, facilitaram a divulgação de autores e correntes artísticas, contribuíram para o esbater de fronteiras geográficas e, até, linguísticas. A Orpheu não foi exceção.

Assim, num país marcado pela instabilidade política e social, consequência da formação de uma jovem república, manchada por um regicídio nascido do ambiente de enorme pressão que agitava o sistema político português; num país marcado pela participação numa guerra internacional que teria elevados custos

humanos e financeiros; num país cuja unidade nacional estava fragilizada; numa Europa debilitada e esquarterada, cujas prioridades não estão, de forma alguma, relacionadas com a literatura, um murro na mesa, ou no estômago, dado por um conjunto de artistas, alimentado, mesmo que involuntariamente pela crítica e pelos media de então, acabaria por abalar a cultura portuguesa e dar origem ao movimento modernista.

Há que ter em conta que esta foi, também, uma revista de enganos e engodos, um carnaval, bem ao gosto do próprio Pessoa, seu impulsionador e artífice. Lembramos que, a título de exemplo, António Ferro foi escolhido para editor de Orpheu, sendo ainda menor de idade, sem o seu consentimento ou, sequer, conhecimento, sendo que este mesmo se afasta da revista e do grupo de órficos, fazendo e sofrendo, também, críticas diversas e ferozes. Se, para Mário de Sá Carneiro, numa carta para Pessoa, Ferro é um menino insuportável, o que ele chamaria de lepidóptero, Ferro, por sua vez, não se revê nas ideias de mudança (artística e política) que a Geração de Orpheu (ou alguns dos seus membros) reclamam e demarca-se publicamente de Pessoa, da revista e do grupo, alegando o seu republicanismo, isto após um evento em particular: a carta enviada por Pessoa, sob o nome de Álvaro de Campos, ao jornal A Capital, em que *“o poeta regozijava-se pelo grave acidente ocorrido dias antes com o chefe republicano António Costa.”* Confirma-se, pois, o que defende Corpet quando afirma que

*“as coleções de revistas e seus sumários fazem desfilar a história da literatura mais completa que se possa desejar, mostrando ao mesmo tempo os seus êxitos e os seus fracassos, as suas experiências mais ousadas, os seus contrastes mais fortes: uma história viva, feita de todas as turbulências e polémicas, convências e inimizades que marcam a vida das revistas.”*

A vida de Orpheu fica marcada, pois, pela chegada de participações oriundas do próprio país, do Brasil, de França; de várias áreas artísticas, mas todas elas masculinas. Então, por quê dar corpo a Violante? Por quê uma mulher? Por que não um pseudónimo masculino? No sumário do número 2 desta revista trimestral (abril, maio e junho), junto ao nome de Violante de Cysneiros surge um ponto de interrogação, justificado na página que antecede a sua colaboração “Poemas dum anónimo ou anónima que diz chamar-se Violante de Cysneiros”. A pressuposição “diz chamar-se” já aponta para a certeza, por parte dos diretores deste número, Pessoa e Sá Carneiro, de que Violante seria um nome fictício, utilizado como forma de camuflagem por parte de um determinado autor. Inicialmente considerámos que a opção pudesse ser, unicamente, uma afirmação literário-social de índole feminista, numa revista marcadamente masculina, e pudesse estar relacionada com o facto de anos antes, mais propriamente em 1911, Carolina Beatriz Ângelo ter sido a primeira mulher em

Portugal a poder usufruir do direito de voto, aproveitando uma brecha na legislação, recorrendo ao título de chefe de família, por ser viúva, maior de idade e autossuficiente, ou por, desde finais do século XIX, o país estar a lidar com uma corrente feminista de esclarecimento organizada, da qual faziam parte nomes como Ana de Castro Osório, escritora, Adelaide Cabete, médica, e Maria Veleda (pseudónimo), jornalista.

O Portugal do virar do século é um país em mutação e alvoroço, também no que diz respeito ao papel da mulher na família e na sociedade. Intensifica-se o movimento feminista e a forma como algumas mulheres, ainda que apenas de determinados quadrantes, e alguns homens, equacionam as suas funções, sejam estas familiares sejam sociais. Organizam-se debates e conferências, criam-se organizações, como o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1914, e discute-se, publicamente, os direitos e os deveres da mulher, mas também, e já, os seus valores e as suas ambições. A mulher, adquire, assim, uma importância social acrescida e afirma-se individualmente e coletivamente. Diz-nos Maria Tavares da Silva que *“[s]ão as mulheres escritoras e jornalistas membros das organizações feministas referidas – do Grupo de Estudos Feministas, da [...] – que, pela sua atividade literária, quer individual, quer integrada nos periódicos oficiais das suas organizações, repetidamente clarificam, definem, explicam, justificam e defendem os ideais feministas.”* Pelo exposto acima, justifica-se que esta fosse entendida, por nós, como uma das possíveis razões para a escolha de um heterónimo feminino.

O próprio Côrtes-Rodrigues, todavia, em 1960, numa das muitas entrevistas que deu, justifica a criação de Violante com o seguinte argumento: *“O interesse de um nome feminino que espicaçasse a curiosidade pública e quebrasse a monotonia da revista no aspeto da sua colaboração só masculina, fez com que Pessoa idealizasse esse heterónimo. Aceitei-o porque me agradava a sonoridade mediéevica do nome.”* Todavia, anos antes, um outro motivo, também esse evidentemente humano, escassamente literário, seria exposto pelo próprio. Bem sabemos que o medo, ou o receio, resulta da profunda consciência do indivíduo de que aquilo que verdadeiramente possui se reduz ao momento presente, ao Agora. O medo manifesta-se, pois, quando o ego se sente em perigo, quando se sente sob ameaça direta ou indireta, quer física quer psicologicamente. O medo não inferioriza o indivíduo; humaniza-o. É, pois, natural, que Côrtes-Rodrigues tentasse salvaguardar o seu bem-estar académico, e que, após ter recusado participar no segundo número da revista, tivesse enveredado na aventura de dar vida a Violante de Cysneiros.

*“Passámos a reunir no Café Mascote, onde se preparou o segundo número da revista. Colaborei nele com o pseudónimo Violante de Cysneiros. Tinha-me negado a dar qualquer poema, com receio de que isso me trouxesse complicações no exame de fim de ano. O dr. Adolfo Coelho, meu mestre, que*

*morava em Paço de Arcos, era meu companheiro de comboio entre Algés e Lisboa e, se vínhamos ao pé um do outro, levava toda a viagem a desancar impiedosamente os de Orpheu. Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a “duplicação da personalidade” (a frase era dele) sugeriu que arranjasse um pseudónimo de mulher, achando até excelente que aparecesse uma colaboradora entre tantos poetas, guardado e costumado sigilo, para provocar maior curiosidade. E foi ele que escolheu o nome.”* Se várias poderão ser as causas do medo, seguramente muitas serão, também, as suas consequências. O fantasma da destruição física, emocional ou psicológica afeta todos os aspetos da vida do indivíduo. Neste caso em concreto, o medo faria nascer uma outra entidade e ofereceria ao movimento modernista português, às letras portuguesas e à posteridade, como referiu Klobucka *“a mulher que nunca foi”*. Diz-nos Corpet que *“[e]m todas as situações, a história das revistas revela-se uma história das paixões literárias. E uma constatação impõe-se: com um mínimo de meios e de apoios e um máximo de exigências e criatividade, elas favoreceram mais e melhor que qualquer outro meio, a invenção permanente da literatura.”* É sabido que para publicar Orpheu os recursos económicos eram poucos: os autores tinham de co-custear a revista e contavam com o generoso apoio do pai de Sá Carneiro; todavia a dita paixão literária, porventura, também, a determinação de escandalizar e de criarem ou alimentarem correntes de vanguarda, rompendo com os cânones vigentes, bem como alguns laços de amizade, impeliram Côrtes-Rodrigues a alimentar Violante.

Violante endereça os seus poemas. Dedicar-os a outros grandes senhores de Orpheu. Desapropriado? Um elogio mútuo, porventura? Uma estratégia para espicaçar a curiosidade dos que duvidavam da qualidade do conteúdo exposto no primeiro número da revista? Uma estratégia de marketing literário? Uma provocação? A sequência, como se intempestiva fosse, surge na sua totalidade, datada de junho de 1915.

As duas primeiras composições poéticas, sonetizadas, são dedicadas a Álvaro de Campos, também ele real, mas nunca fisicamente, tal como lhe são dedicadas as próximas duas composições, constituídas, cada qual, por três quadras, bem ao gosto popular, e bem ao gosto do homem material por detrás de Violante, Côrtes-Rodrigues. Campos é o poeta do verso livre, impetuoso e caudaloso; todavia, os textos que lhe são dedicados apresentam-se organizados, metódicos, seguindo a estrutura do soneto italiano, em que, geralmente, o texto lírico abre com uma introdução e fecha com uma conclusão, presente no último terceto, no qual é, regra geral, descriptado o seu significado. Campos recebe o título de Mestre, embora o próprio Pessoa o descreva como um discípulo de Alberto Caeiro, sendo que, de todos os mencionados nas dedicatórias, é o que recebe maior e mais profunda atenção. Campos alimenta-se de sensações e expressa a necessidade de que estas sejam constantes e reais, focando toda a



sua atenção e insistência na possibilidade ou impossibilidade da sensação fazer parte do seu quotidiano. Aliás, em Campos, ganha sentido a existência palpável dos elementos da realidade e o que estes provocam no eu poético. Já o seu criador, afirmava nas suas reflexões “A única realidade para mim são as minhas sensações. Eu sou uma sensação minha. Portanto nem da minha própria existência estou certo. Posso está-lo apenas daquelas sensações a que eu chamo minhas.” Violante afirma, similarmente, no poema intitulado *II*, que “*Só sensações são Presente, / Só nellas vive a Verdade.*”

Violante escreve, ainda, na última quadra dos textos que dedica a Álvaro de Campos, “*Passado nunca passou / Futuro não o terei: Pois sempre Presente sou / No que Fui, Sou e Serei.*”. É notória a aproximação entre Violante e Campos, já que este também escrevera, em Ode Triunfal “*Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento, / O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro*”, confirmando o argumento com o acréscimo “*todo o passado dentro do presente! / Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!*”. Ambos vivem do instante presente, em busca de sensações profundas e plenas, absorvendo-as. Verifica-se a urgência de sentir. Se Campos é o exemplo da condição humana dilacerada, vacilante; se é o poeta da angústia existencial; se é aquele que oscila entre o Tudo e o Nada; em Violante encontra uma alma gémea. O engenheiro sensacionista recebe da discípula uma vénia final, expresso no prolongamento de um sentir comum.

Segue-se a marcha elogiosa até Mário de Sá Carneiro, um dos mentores do projeto, porventura umas das mentes mais inquietas. “Há pouco quando bordava” marca o início do poema. De facto, se bordar corresponde a ornar de traçados um determinado tecido, o poeta faz precisamente o mesmo: borda textos com a agulha das palavras num tecido virgem que é a página em branco. Mas o ato de criar, de decorar, nem sempre é pacífico e indolor e frequentes são as vezes em que a agulha-caneta “pic[a] a ponta dos dedos”, leia-se da alma.

Sá Carneiro suicidar-se-ia, em Paris, menos de um ano depois, em abril de 1916. Assumidamente insatisfeito e inconformado, como as “*papoulas rubras / [...] tão sós e tão alheias*” do poema que lhe dedicaria Violante, põe termo à vida, embora a correspondência com Fernando Pessoa pareça indicar uma energia criativa invulgar e assaz sentido de humor. O autor-génio é vítima do escárnio que ataca muitos precursores, e, na sua mente atribulada, segue o único caminho que encontra. Se em 1981, Gabriel Garcia Márquez escreveria Crónica de uma Morte Anunciada, em 1916, de Paris para o mundo, Sá Carneiro seria o autor da Carta de uma morte anunciada.

“*Meu Querido Amigo.*”

*A menos de um milagre na próxima segunda-feira, 3 (ou mesmo na véspera), o seu Mário de Sá-Carneiro tomará uma forte dose de estricnina e desaparecerá deste mundo. É assim tal e qual – mas custa-me tanto a escrever esta carta pelo ridículo que sempre encontrei nas “cartas de*

*despedida”... [...] Eu não me mato por coisa nenhuma: eu mato-me porque me coloquei pelas circunstâncias – ou melhor: fui colocado por elas, numa áurea temeridade – numa situação para a qual, a meus olhos, não há outra saída. Antes assim. É a única maneira de fazer o que devo fazer. [...]*

Mário de Sá-Carneiro,

Regressemos ao início do século XX e Violante coloca em texto a simplicidade pacata de uma tarefa feminina. Escapa, porém, ao rigor estrutural do soneto e oferece um poema de dez versos, onde possa surgir, também, “*inesperadamente, a metáfora da criatividade feminina*”, quer pela forma, quer pelo conteúdo. Os dedos que bordam e que criam são os mesmos que escrevem; e “*o corpo não se reduz aqui ao elemento pré-textual: é, literalmente, através dele que se produz a inscrição sangrenta, ele – ao mesmo tempo obstáculo e potencialidade de escrita.*” Se a tarefa da bordadeira carece de habilidade, até para que não pique os dedos, também carece da habilidade a tarefa da escrita.

O poema que se segue, “Nada em Mim é necessário”, é dedicado a Fernando Pessoa e retoma-se o soneto. É possivelmente neste poema que Violante mais se aproxima daquele que lhe deu voz – se é que alguma vez se afastou –, ou em que Armando Côrtes-Rodrigues mais se desmascara, invocando as “*contas do [s]eu rosário*”, referência religiosa tão típica do seu registo, ou invocando a ilha, mesmo que perdida. O sujeito lírico afirma que nada em si é necessário, mas introduz o pronome “Mim” com letra capital. Assume sensivelmente o papel de nome próprio, tão irreal quanto o autor Violante, tão concreto como quem lhe dá vida. O que foi sonhado não é necessário, sendo que tudo é o resultado do próprio sujeito.

Mas aproximemos o texto do homenageado. Sabemos que na panóplia das temáticas pessoanas, o passado é tido como um refúgio do presente e que a pouca alegria manifestada se encontra relacionada com a infância perdida, na lonjura do tempo. O dilema da realidade presente enquanto original e transitória é absorvido frequentemente pela necessidade de sonhar; sendo que a realidade é, também ela, fabricada e o próprio pensamento alicerça-se numa estratégia de fingimento.

No texto “O Marinheiro”, de Pessoa, presente em Orpheu I, a primeira veladora, no diálogo com as restantes donzelas veladoras questiona a irmã se “*Não desejais, [...] que nos entretenhamos a contar o que fomos. É belo e é sempre falso...*”, acrescentando, todavia, que “*é inútil*” pois “*[o] passado não é senão um sonho... De resto, nem sei o que não é sonho*”. Em alguns casos, verifica-se uma necessidade recorrente de recuperar os dias já idos, em outros, uma urgência extrema de dissimulação e invenção.

O texto supramencionado é um drama sobre a vida interior e a própria passagem do tempo, já que horas concretas e relógios, naquela sala, não

existem; o tempo vai passando, porém, e o galo cantante assinala essa passagem imutável, essa verdade inegável. Neste soneto de Violante “Só [o seu] meu longe de passado / É como um sonho sem fim” e, tal como o sonho, o passado não é palpável. A ilha, se perdida está (“Marinheiro! Ilha Perdida!”), não se encontra e mareantes vaguearão sem poiso fixo. Na verdade, “nada [...] é necessário” e a única “verdade da vida” e único “sentido” é sonhar; pois já afirmara a segunda veladora, em “O Marinheiro” que “... Só viver é que faz mal...”

No poema seguinte, dedicado a Alfredo Pedro Guisado, acérrimo divulgador da revista na Galiza, aquele que recebe largos elogios por parte de Pessoa, como é visível na sua correspondência “P.S. O Guisado tem feito ultimamente extraordinárias e inesperadas coisas, versos ofuscamente belos.”, reaparece a enigmática maiusculação de palavras-chave, sendo que, neste caso, capta a nossa atenção o -Me e a repetição do determinante. Outra, quando no poema anterior surgiu o pronome Outro. Todavia, o -Me surge aliado a dois verbos deveras pertinentes: Ver e Ser, um que exprime a ação de enxergar e/ou reconhecer(-Se) e o outro que exprime a noção de existência. De facto, escrever é estabelecer ligações. José Luís Peixoto afirma que

*“há poucas experiências tão interessantes como quando se lê um livro e se percebe “já senti isto, mas nunca o tinha visto escrito” [...] Trata-se de ordenar, de esquematizar, não só sentimentos como ideias que temos de uma forma vaga, mas que entendemos melhor quando os vemos em palavras. Trata-se também de construir empatia: através da leitura temos oportunidade de estar na pele de outras pessoas e de sentir coisas que não fazem parte da nossa vida, mas que no momento em que lemos conseguimos perceber como é. E isso faz-nos ser mais humanos. Na leitura e na escrita encontramos-nos todos naquilo que temos de mais humano.”*

Assim, Violante estabelece, não apenas pela leitura, mas essencialmente pela escrita, uma afinidade com Guisado. Mais, o sujeito poético transfigura-se em Salomé, não uma Salomé bíblica e distante, não a Salomé que Guisado apresentara no primeiro número de Orpheu, ou aquela sobre quem Mário de Sá-Carneiro também escrevera, mas uma outra Salomé (“Presente no meu olhar, / Eu fui Outra Salomé / Feita de mim a dançar.”), aquela que dança e a que é, uma Salomé na primeira pessoa, que existe e que se reconhece.

Violante, mulher, escreve sobre Salomé, que se manifesta viva e ser bailante em movimento, só assim completo, pois o ser-[S]e só se conclui perante o Ver-[S]e a dançar prolongadamente, continuamente, sincopadamente: “Dancei... Dancei... E o Ver-Me / Toda de curva e de pé / Era o sentido de Ser-Me.”. Afirma Koblucka que Violante “situando-se como Salomé [...], empenha o seu corpo dançante para nele próprio fazer representar os requebros da decomposição “sensacionista” [...] aceitando assim assumir-se abertamente [...] como uma

*estrutura ao mesmo tempo derivada e combinatória, modelo para montar – e desmontar [...]”, com cuja perspectiva concordamos, apoiando a nossa decisão num verso acutilante “Todo o meu corpo pedaços”, que será, também, para nós, a metafórica evidência física da fragmentação psicológica e emocional do eu.*

Todavia, os mistérios de Salomé são os mesmos e são já idos, quer esta seja percecionada e admirada por olhares alheios, quer seja analisada pelo seu próprio olhar. Restam-lhe, apenas, as curvas do seu corpo, espelho dos seus sentidos.

“Passo no mundo a vivê-lo” é o verso anafórico que estreia o poema dedicado a Armando Côrtes-Rodrigues, sendo que lhe sucede “Passo no mundo a senti-lo”, ambos derrubados pelo verso que inicia a segunda quadra deste terceto “Passo no mundo a sonhá-lo”. Acreditamos ser, pois, uma aproximação evidente à estética, ou à temática existencial, do seu amigo Pessoa, ou do seu semi-heterónimo Bernardo Soares, já que este último escreveria um trecho que viria a fazer parte do Livro do Desassossego (“Eu nunca fiz senão sonhar. Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da minha vida.”) Côrtes-Rodrigues, pela convivência e pela correspondência com o “seu Pessoa”, estava consciente das crises existenciais e depressivas deste, sendo que o senhor dos heterónimos lhe confessou, meses antes da publicação deste segundo número de Orpheu, que ele próprio já não existia “Eu já não sou eu. Sou um fragmento de mim conservado num museu abandonado.” e que estaria, portanto, a trabalhar num outro projeto literário desconexo e caótico “[o] meu estado de espírito obriga-me agora a trabalhar bastante, sem querer, no Livro do Desassossego. Mas tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”. O Livro do Desassossego nunca ficaria pronto, nem seria possível que tal acontecesse. Já dois meses antes, em setembro, Pessoa informa o seu amigo que

*“Mau grado a alguma depressão, constante desde que lá fora é guerra, tenho passado com razoável calma pela ilusão sucessiva dos dias. [...] O que principalmente tenho feito é sociologia e desassossego. V. percebe que a última palavra diz respeito ao «livro» do mesmo; de facto tenho elaborado várias páginas daquela produção doentia. A obra vai, pois, complexamente e tortuosamente avançando.”*

O tom das cartas que Pessoa troca com o escritor açoriano é sempre de profunda intimidade; também de intimidade profunda e intranquila é o tom de Bernardo Soares, no seu Livro, visível, por exemplo em “Nunca pretendi ser senão um sonhador. A quem me falou de viver nunca prestei atenção. Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser.”, fazendo lembrar a célebre canção “Estou Além”, de António Variações, de 1982,

[...]

*“Vou continuar a procurar  
O meu mundo*

*O meu lugar  
Porque até aqui eu só:  
Estou bem aonde eu não estou  
Porque eu só quero ir  
Aonde eu não vou”[...]*

Verifica-se um diálogo constante e manifesto entre os textos de Violante de Cysneiros e os textos publicados por aqueles que são alvo das suas dedicatórias, sendo este não só visível nas temáticas abordadas, mas também pelo reaproveitar de vocabulário, de expressões, de ideias. No número um da revista, Côrtes-Rodrigues escreveria “*Passo triste no mundo, alheio ao mundo. / Passo no mundo alheio, sem o ver, / E, místico, ideal e vagabundo, / Sinto erguer-se minh’Alma do profundo / Abismo do meu Ser.*”, ideia esta que seria retomada no poema agora em análise, dedicado ao próprio.

A produção textual possibilita um “procedimento narcísico”, em que Violante dedica o que escreve ao seu criador, não se tendo este “outrado” o suficiente. Klobucka afirma que “*o sujeito, com maior veemência do que nunca, declara-se idêntico a si mesmo no presente absoluto da sensação vivida*”.

Ora vejamos, no último terceto do soneto dedicado a Côrtes-Rodrigues pode ler-se: “*E sempre de Mim Presente, / Todo o meu ser se limita / Em Eu Me Ser Realmente.*” Na realidade, Côrtes-Rodrigues, autor físico de Violante, reconhece e assume a consciência de si mesmo, fortalecida pela maiusculização de todos os vocábulos do último verso.

De facto, Violante nunca escapou ao jugo de Côrtes-Rodrigues, ideia também defendida por Klobucka quando afirma que um “[...] conflito de lealdade [...] acabou por gerar um produto acessório: um simulacro de poetisa cuja verosimilhança existencial aparecia garantida pelo contexto epocal, mas cuja voz se deixaria docilmente manipular pelo seu autor, a quem se via assim devolvida, pelo menos, a ilusão de soberania criadora.”

Perante o “vazio biográfico” que é Violante de Cysneiros, esta cumpre-se nos seus escritos. Violante carnaliza a sua existência; invade o seu derradeiro poema em Orpheu com detalhes físicos pessoais, compondo o arranjo que havia urdido desde a primeira composição poética, já que havia inundado os textos com marcas da primeira pessoa gramatical, evidentes nos pronomes pessoais e também nos afixos verbais.

Mãos e unhas são tão autênticas que nelas se manifestam a ansiedade do sujeito lírico, como é evidente em “*Quando eu as [as unhas] fico polindo / perpassa nellas em ancia / A tua boca sorrindo...*”. Em “O Marinheiro”, a segunda veladora afirmaria, contudo, que “*As mãos não são verdadeiras nem reais. São mistérios que habitam na nossa vida...*” Em 1915, as mãos de Violante, e as do seu criador, seriam, para a maioria dos leitores, tão misteriosas quanto a sua identidade.

A sua existência aparentemente real é corroborada com a marca temporal que antecede o poema auto-dedicado “De há dois anos”; dois anos que se traduzem em fiasco e ausência. Neste poema, Violante encontra-se, e dá-se “*a jubilosa identificação de Violante consigo mesma*”, reafirmando (todavia) a sua solidão e isolamento, tão visível na “*contemplação narcísica das mãos, procurando pela circularidade das carícias reiteradas, eximir-se à dispersão diacrónica da personalidade, [que] desemboca contudo, irremediavelmente no fracasso*”, cujo último terceto expressa “*Mas os meus dedos em i / Dizem a longa distância / Que vae de Mim para ti.*”

Referindo-se às revistas, Corbet expunha que a longevidade destas é geralmente reduzida, já que devido à “[...] sua leveza e, ao mesmo tempo, fragilidade: as revistas raramente sobrevivem aos grupos e aos movimentos que as suportam.” De facto, apenas dois números de Orpheu foram publicados. Um terceiro foi pensado, organizado, montado, fizeram-se provas. Todavia, como já referimos, Orpheu não se cingiu à sua breve existência. O próprio Pessoa referiu, consciente, que “Orpheu acabou. Orpheu continua.”, e, se a revista se mantém viva, um século volvido, a única mulher participante na dita também não morreu com o seu encerramento, pois em 1916, de maio a dezembro, Violante de Cysneiros ainda escreveria, inserida na rubrica Azulejos, no jornal O Autônomico, em São Miguel, de que é exemplo o seguinte texto:

*Romarias*

*“Romarias... E a voz dos Romeiros é a Alma da Paisagem no espanto de se sentir acordada e vibrante. Andaram saudades nos meus olhos naquela entardecer em que a fila dos peregrinos era um rosário vivo no verde calmo dos montes e em que a ermida era mais branca sob o azul do céu que desmaiava.*

*E na paz religiosa da tarde os ecos acordaram para dizerem a anciã amargurada das orações que lá iam subindo.”[...]*

O leitor seguramente divide a sua atenção entre a pseudo-anonimidade do texto e o facto do nome que o assina ser do género feminino. A imprensa e a concretização do texto numa página, num livro, contribuíram para o crescendo de importância que a identificação do autor ganhou. O autor é, assim, uma identidade legal e institucional. É, pois, mágico o nome de cada autor; será, pois, mágico o nome de Violante.

Violante assinala a participação feminina na revista, ainda que falsificada, sendo que o seu papel foi o de unificar, ainda mais, o grupo de homenageados pelos seus poemas (e por consequência todo o grupo órfico) e o de alimentar, como diria Klobucka, a “atmosfera de expectativa, já antecipadamente irascível ou entusiasta [...] em que ia cair o segundo número da revista”. Em 1965, Almada Negreiros diria que “A Arte era a solução. A nossa solução comum; éramos em realidade muito estranhamente diferentes uns dos outros.”. Violante é a ponte

que aproxima os homens, os textos e as ideias. O próprio Pessoa, magíster da trupe órfica, na composição Nós os de «Orpheu», em 1935, ao justificar a organização do número 3 de Orpheu, regista que “Nada, porém foi possível incluir de Côrtes-Rodrigues, que é diretamente de Orpheu, e os poemas de cuja personalidade inventada, Violante de Cysneiros, são uma maravilha subtil de criação dramática.” Violante é, portanto, parte desse Nós unificador, tão parte como Álvaro de Campos, e o seu contributo é reconhecido como sendo um fenómeno criativo. Consideramos, pois, que o contributo de Violante, no segundo número da revista Orpheu, corresponde a um enriquecimento da mesma, não só pela implicação de múltiplos destinatários e pela dinâmica discursiva, como por todo o “jogo” literário que possibilitou.

#### Bibliografia

AIRES, Fernando (2002), (Prefácio e Notas) Armando Côrtes-Rodrigues e Eduíno de Jesus – Correspondência. Ponta Delgada: Museu Carlos Machado.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1983), A questão da literatura açoriana: recolha de intervenções e reavaliação. Angra de Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1989), Açores, Açorianos, Açorianidade – um espaço cultural -. Ponta Delgada: Signo. BARRETO, José (2011), “António Ferro: Modernismo e Política”; in Portuguese Modernisms: Multiple Perspectives on Literature and the Visual Arts, Londres: Legenda, p. 135-154.

BARRETO, José (2015), “O ano do Orpheu em Portugal”, in 1915 – O Ano do Orpheu, Lisboa: Tinta-da-China.

BÉRNARDEZ, Enrique (1982), Introducción a la Lingüística del Texto, Madrid, Espasa-Calpe

CARVALHO, Ruy Galvão de (1988), Poetas dos Açores. Angra do Heroísmo: Direção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura. CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando (1953), Horto fechado e outros poemas. Porto: Imprensa Portuguesa.

DIEGUES, António Carlos (1998), Ilhas e mares: simbolismo e imaginário. São Paulo: Hucitec.

ENES, José (1982), Estudos e Ensaio. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

FERREIRA, Manuel (1999), Açores: origens, raízes e história. Ponta Delgada. FERRO, António (Editor) (1915), Orpheu: revista literária. Volume 1. FISCHER, Gustave-Nicolas (1994), A psicologia social do ambiente. Lisboa: Instituto Piaget. FREITAS, Vamberto (1992), O imaginário dos escritores açorianos. Lisboa: Edições Salamandra.

JESUS, Eduíno (1956), de (seleção e prefácio) Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues. Coleção Arquipélago. Coimbra Editora: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

KLOBUCKA, Anna "A mulher que nunca foi: para um retrato bio-gráfico de Violante de Cysneiros" in: Revista Colóquio/Letras. Ensaio, n.º 117/118, set. 1990, p. 103-114. NEGREIROS, José de Almada (2015), Orpheu, 1915-1965, Lisboa, Ática.

NEMÉSIO, Vitorino (1929), O Açoriano e os Açores. [S. l.]: Renascença Portuguesa. PEIXOTO, José Luís (2003), Diário de Notícias. PESSOA, Fernando (Bernardo Soares) (1997), Livro do Desassossego, Lisboa, Assírio e Alvim. PIZARRO, Jerónimo, (2015). “Orpheu, uma revista-manifesto”, Revista Desassossego. RAPOSO, Hipólito (1942), Descobrimos ilhas descobertas. Porto: Edições Gama.

SÁ-CARNEIRO, Mário (2001), Cartas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Lisboa, Assírio e Alvim.

SACHET, Celestino (Org. e Notas) (1998), A Lição do Poema – Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. SERRÃO, Joel (intr.) (1985) Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues. Lisboa: Livros Horizonte.

<http://arquivopessoa.net/>

#### SÓCIO DA AICL

**PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014 E NO 25º EM MONTALEGRE 2016**

#### **42. RAFAEL CARVALHO, CONSERVATÓRIO DE PONTA DELGADA, VIOLA DA TERRA. CONVIDADO AICL**



Rafael Costa Carvalho aprendeu a tocar Viola da Terra na Ribeira Quente, em 1993, com o Mestre Carlos Quental. Após apenas um semestre de aulas, teve de tornar-se autodidata na continuidade dos seus estudos, até ao presente.

É atualmente professor de Viola da Terra no Conservatório Regional de Ponta Delgada e Formador de Viola da Terra na Escola da Viola da Terra da Fajã de Baixo.

É o responsável e Diretor Musical da Orquestra de Violas da Terra formada em fevereiro de 2010 e que conta com 47 elementos, todos tocadores de Viola da Terra da Ilha de São Miguel;

É o presidente da Associação de Juventude Viola da Terra, formada na Ribeira Quente em dezembro de 2010 e que tem organizado diversos encontros regionais, nacionais e internacionais com tocadores de Viola.

Lançou em de fevereiro de 2012 o seu primeiro trabalho a solo “Origens, e em outubro de 2014 o seu segundo CD “Paralelo 38”. Editou em novembro de 2013 o seu primeiro livro “Método para Viola da Terra – Iniciação” e que é o manual adotado pelo Conservatório Regional de Ponta Delgada para os alunos de Iniciação. Fez a edição do segundo volume desta coleção: “Método para Viola da Terra – Básico” em outubro 2015.



LAGOA 2009



MAIA 2013



MOINHOS 2014



**ATUOU PARA A AICL PELA PRIMEIRA VEZ NO 11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2009, E, POSTERIORMENTE, NO 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013 E 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014.**

**ATUA EM RECITAL A SOLO DIA 28/9 NA APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE DOM XIMENES BELO E COM CÉSAR CARVALHO E CAROLINA CONSTÂNCIA DIA 2/10**

#### 43. RAUL LEAL GAIÃO, AICL



Montalegre 2016

SEIA 2014

**RAUL LEAL GAIÃO**, é mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa. Lecionou *Filosofia* e *Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe*, *Semântica* e *Morfologia*, *Língua Portuguesa*, *Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior.

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014). Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.



MAIA 2013



SEIA 2014

#### TEMA AÇORIANOS EM MACAU: D. PAULO JOSÉ TAVARES, RAUL LEAL GAIÃO

##### SINOPSE

D. Paulo José Tavares, nascido a 25 de janeiro de 1920, em Rabo de Peixe (ilha de S. Miguel), orientou a sua ação religiosa, como bispo de Macau (1961-73), procurando consolidar, no domínio da educação e da assistência social, a obra dos seus antecessores (nomeadamente de D. João Paulino e de D. José da Costa Nunes, também açorianos), e implementar uma nova dinâmica pastoral e uma reorganização administrativa da diocese de Macau, inspiradas nos ventos renovadores do Concílio Vaticano II (62/65), concílio em que participou, ao mesmo tempo que defendeu a liberdade religiosa, perante as ameaças dos acontecimentos do 1.2.3., conflitos ocorridos em Macau, em 1966, resultantes do espírito da Revolução Cultural na China.

##### 1. Introdução

Embora já tenhamos abordados algumas figuras açorianas proeminentes em Macau, nesta introdução pretendemos dar uma visão panorâmica dos açorianos que mais se destacaram em Macau:

José Inácio de Andrade (Santa Maria, Açores, 1780-1863) empreendeu várias viagens à Índia e à China, como oficial da Armada, deixando publicadas as *Cartas escritas da Índia e da China nos anos de 1815 a 1835* e a *Memória sobre a destruição dos piratas da China e o desembarque dos ingleses na cidade de Macau e sua retirada*, memória

em que aborda a luta dos portugueses contra a pirataria e a tentativa de ocupação da concessão pelos ingleses.

Jaime de Sousa (Ponta Delgada, Açores, 1875-1946), imediato do cruzador *Adamastor*, na sua obra *Agonia de um herói – a derradeira viagem do cruzador Adamastor*, deixa-nos um relato vivo e uma descrição da vida dessa época em Macau.

Manuel de Arriaga (Horta, Açores, 1776-1824) chegou a Macau em 1802, para ocupar o lugar de Ouvidor, afirmando-se como grande paladino da autonomia do Senado e dos comerciantes de Macau; tornou-se uma personagem onipotente em Macau, “um dos paradigmas da diáspora açoriana, à procura das oportunidades que a terra natal não lhe deu”. (Sousa, 2010: 114). D. Manuel Bernardo de Sousa Enes (Ilha do Topo, S. Jorge, Açores, 1814-1887), bispo de Macau de 1873-1883.

D. João Paulino de Azevedo e Castro (Lajes, Pico, Açores, 1852-1918), bispo de Macau de 1902-1918<sup>117</sup>.

D. José, da Costa Nunes (Candelária, Pico, Açores, 1880-1976), bispo de Macau de 1920-1941.<sup>118</sup>

D. Paulo José Tavares (Rabo de Peixe, S. Miguel, Açores), bispo de Macau de 1961-1973.

Pe. Áureo de Castro (Candelária, Pico, Açores, 1917-1993), sacerdote em Macau, compositor musical.<sup>119</sup>

D. Arquimínio, da Costa (S. Mateus, Pico, Açores, 1924-2016), bispo de Macau de 1976-1988<sup>120</sup>.

José Silveira Machado (Velas, S. Jorge, Açores, 1918-2007), vivendo em Macau, professor, jornalista, escritor, publicando obras relativas a Macau: *Macau, Sentinela do Passado*, *Rio das Pérolas* (poemas), *Macau, Mitos e Lendas* (contos), *Macau na Memória do Tempo*, *O Outro lado da Vida* (retrato social de Macau).

Rodrigo Leal de Carvalho (Praia da Vitória, Terceira, Açores, 1932-), colocado em Macau como magistrado, viverá a maior parte da sua vida ativa no Território, cerca de quatro décadas, se bem que de forma não

continuada, e onde escreveu e publicou a maior parte da sua obra literária: *Requiem por Irina Ostrakoff* (1994), *Os Construtores do Império* (1994), *A IV Cruzada* (1996), *Ao Serviço de Sua Majestade* (1996), *O Senhor Conde e as Suas Três Mulheres* (1999). (Sena, 2010: 276-277).

## 2. Contexto sociocultural nos anos 60 (século XX)

Há dois acontecimentos nos anos 60 (século XX) que contribuíram para marcar a ação de D. Paulo José Tavares: os acontecimentos do 1. 2. 3. em Macau e a realização do Concílio Vaticano II.

Com a tomada do poder, em 1949, Mao Tsé Tung declara ser a religião uma ferramenta antipatriótica nas mãos dos imperialistas para subjugar o povo chinês, o que lhe permite justificar a expulsão dos missionários estrangeiros e encarcerar grande número de cristãos chineses que afirmavam a sua fidelidade ao Papa, atos seguidos da nacionalização das obras assistenciais e educativas. Após a campanha das “cem flores” (1956-57) e com o início da campanha “antidireitistas”, o Governo consegue a anuência da hierarquia chinesa para a fundação da *Associação Patriótica Católica Chinesa*, resultando numa cisão no interior da Igreja da China, seguindo-se sagrações de bispos sem o consentimento de Roma. (Carmo, 1997). Nos anos sessenta do século XX a Revolução Cultural imposta por Mao Tsé Tung espalha-se pela China, em consequência da qual as igrejas são fechadas, os padres e freiras presos e enviados para os campos de trabalhos forçados, e a maioria das Igrejas destruídas ou utilizadas para outros fins. (Ditema, I: XXXIII)

O pretexto para despoletar os motins em Macau (designados por 1. 2. 3.) ocorreu em 1966, quando os residentes chineses tentaram obter uma licença para a construção de uma escola privada na ilha da Taipa. Os residentes, na impossibilidade de obter a licença de construção, começaram, ilegalmente, a edificação da escola. No dia 15 de novembro de 1966, a polícia da Cidade utilizou formas violentas de prender os responsáveis da escola, os operários de construção, os residentes chineses aí presentes e os jornalistas. Após este acontecimento, a imprensa chinesa e as associações pró-comunistas começaram a atacar em força o Governo, não permitindo que o “incidente” da Taipa fosse esquecido. A partir daqui desencadeou-se uma série de acontecimentos, num braço de ferro entre os grupos maoistas e a administração portuguesa, crescendo a contestação e o sentimento de revolta dentro da comunidade chinesa:

- Alunos da escola “Hou Kong” entram, com outros manifestantes, no Palácio do Governo, e após serem expulsos, arremessam pedras,

<sup>117</sup> Gaião, “Açorianos em Macau – D. João Paulino: Da atividade pastoral à divulgação da língua portuguesa”. In *Atas XXII Colóquio da Lusofonia*, Seia, 25-29/10/2014.

<sup>118</sup> Gaião, “Açorianos em Macau – D. José da Costa Nunes: O missionário do Oriente – Evangelização e aprendizagem de línguas”. In *Atas XX Colóquio da Lusofonia*, Seia, 16-18/10/2013.

<sup>119</sup> Gaião, “Açorianos em Macau – Áureo de Castro: da atividade pastoral à criação musical”. In *Atas XVIII Colóquio da Lusofonia*, Ourense, Espanha, 5-7/10/2012.

<sup>120</sup> Gaião, “Açorianos em Macau – D. Arquimínio da Costa: da atividade pastoral ao diálogo com a Igreja da China”. In *Atas XVI Colóquio da Lusofonia*, Santa Maria, Açores, 30/9-5/10/2011.

quebrando vidros e procurando destruir material diverso. Seguidamente, atacam a estátua do navegador português Jorge Álvares, danificando-a; invadem depois o edifício do Leal Senado, destruindo documentos bibliográficos que continham parte da memória histórica luso-chinesa e saqueando tudo o que podem.

- A 30 de dezembro um grupo de alunos da escola “Hou Kong”, perto do Colégio D. Bosco, desfilou com os seus professores até ao Palácio do Governo; chegados ali, reuniram-se a ler em voz alta os pensamentos do “Livro Vermelho”, de Mao.

- Os revoltosos impõem sanções contra a comunidade portuguesa e macaense. A Comissão dos Treze faz exigências: não pagamento de impostos e a recusa da venda de quaisquer mantimentos e comestíveis às autoridades e funcionários portugueses; recusa de todos os serviços públicos, isto, é, água, eletricidade, gasolina e transportes, aos portugueses. Com receio de possíveis represálias das fações pró-Pequim, lojas e restaurantes chineses começam a recusar a venda de produtos e alimentos aos residentes portugueses e macaenses do Território. Encerra a maioria das mercearias. Fecham casinos, bancos, casas de câmbio, repartições públicas, reabrindo os bancos e mercearias a 7 de dezembro.

- É proclamado o estado de emergência.

- “Diversas famílias portuguesas e macaenses refugiam-se na Fortaleza do Monte e no Hospital Conde de S. Januário. Centenas de pessoas pretendem embarcar para se refugiarem em Hong Kong. Os incidentes do 1.2.3. (em 1966) provocaram confrontos violentos na rua com um saldo de 8 mortos e 123 feridos. O Governador, após várias diligências, assina os documentos com as exigências por parte dos chineses. Havendo diferentes relatos dos acontecimentos, não podemos deixar de transcrever algumas passagens do prefácio de um álbum de fotografias das manifestações e motins ocorridos, em Macau, durante o ano de 1966, que revelam o ódio contra a presença portuguesa e evidenciam o espírito da Revolução Cultural e a ideologia dos maoistas:

“Macau é uma península chinesa. O imperialismo português tem-na ocupada há mais de 400 anos e oprimido cruelmente a população chinesa. (Apêndice III).

Outro acontecimento dos anos 60, a nível mundial, foi a realização do Concílio Vaticano que vai romper com muitas atitudes tradicionais da Igreja, nomeadamente nas relações com as outras igrejas, com os povos e as suas culturas. O Concílio Vaticano II, ao contrário da maioria dos concílios anteriores empenhados em definir a doutrina da Igreja (criando novos dogmas), como era habitual, procurou uma renovação, adaptando-

se aos novos tempos e escutando os sinais dos tempos, o “aggiornamento”, orientando-se no sentido de uma nova abordagem, a pastoral. João XXIII entendia que o problema da Igreja não estava na indefinição da doutrina: o problema residia na receção da doutrina, uma vez que o mundo se tornou indiferente à doutrina da Igreja, seguindo o seu caminho sem dar-lhe a atenção que lhe dava outrora. Era urgente que a Igreja adaptasse a sua doutrina ao mundo atual, criando uma nova linguagem e novas formas para poder ser ouvida e entendida por um mundo cada vez mais indiferente; é neste sentido que vão os documentos principais do concílio: *Gaudium et Spes*, *Lumen Gentium* e *Ad Gentes*.

Pastoral, reorganização administrativa, ação educativa e social

Com a convocação do Concílio do Vaticano II (25 de janeiro de 1962), o bispo de Macau, D. Paulo José Tavares, numa carta pastoral (traduzida em língua chinesa) incentivou os seus diocesanos para a necessidade de uma renovação espiritual e de um rejuvenescimento das formas e métodos de apostolado, apelando à intensificação da atividade missionária nas paróquias e nas escolas, “trabalhando mais em profundidade no ministério da palavra e no ensino da doutrina cristã”, e lançando iniciativas como a organização de catecumenatos e de centros de assistência social, a construção das novas igrejas da Missão de Fátima e de São Francisco Xavier, em Coloane. De acordo com as orientações do Concílio, as missas e outros ofícios religiosos passaram a ser celebrados nas línguas vernáculas, ofícios que até aí eram rezados em latim, pelo que se tornava indispensável uma maior participação do clero chinês, uma vez que grande parte da população era chinesa e não falava português. Neste sentido, o bispo empreende uma política de localização da cúria diocesana, indicando para lugares de destaque no governo da Igreja o clero de língua chinesa, nomeando, por exemplo, António André Ngan para governador do bispado (1966) e vigário-geral (1966-1974), sendo o primeiro padre chinês a ocupar estes cargos, o que criou incompatibilidades com um setor influente do clero tradicional português de Macau. Membros do clero tradicional de Macau subscrevem uma carta ao núncio apostólico de Lisboa acusando o prelado de despesas exorbitantes na construção e reparação de igrejas e denunciando-o por entregar o bispado ao vigário geral, chantre António André Ngan e queixando-se da forma como tem tratado o clero local.

D. Paulo José Tavares conseguiu que o Governo de Macau aumentasse o subsídio dos sacerdotes chineses, para equipará-los aos sacerdotes europeus pertencentes à Missão do Padroado Português no Extremo Oriente.



Embora a legislação eclesiástica, no Direito Canónico 1917, permitisse casamentos entre católicos e não cristãos e entre católicos e cristãos de outras religiões (prevendo-se a possibilidade de dispensa dos impedimentos), em Macau não eram permitidos casamentos entre um católico e um chinês, a não ser que este se batizasse, fazendo-o apenas por necessidade e sem convicção. D. Paulo José Tavares fez cumprir a lei, autorizando os casamentos, contribuindo para um aumento significativo de casamentos. (Jorge, 1988). Durante o seu bispado, registou-se um desenvolvimento muito acentuado na área da assistência social aos necessitados e da educação da juventude dirigida pela Diocese de Macau. Mais concretamente, impulsionou a construção e ampliação de pelo menos vinte estabelecimentos assistenciais e de instrução católicos e criou o *Conselho das Escolas Católicas* (CEC), em 6 de março de 1967, no momento dos distúrbios do 1.2.3., para defesa da independência da educação sob a alçada da Igreja. Apesar do seu empenho na educação, o Seminário Maior de S. José (Macau) deixou de funcionar no verão de 1967, devido à falta de segurança em Macau. Reorganizou as paróquias de Macau e a sua respetiva divisão territorial, dando à paróquia de São Lázaro uma nova natureza jurídica. Procedeu à ampliação e à construção de novas igrejas. Visitou anualmente as missões portuguesas de Singapura e Malaca que estavam naquela altura dependentes da Diocese de Macau, apesar de ele e o Estado da Santa Sé serem pela reintegração nas comunidades nacionais. Acolheu novas ordens religiosas para poderem suprir as necessidades assistenciais e educativas em Macau, na dependência da Igreja. Liberdade religiosa e autonomia da Igreja

A revolta conhecida por “Um, Dois, Três”, que chegou ao rubro a 3 de dezembro, reflexo local da Revolução Cultural que se processava na China de Mao, também alastrou por Macau, como já referimos, atingindo a Igreja Católica.

Apresentamos alguns dos acontecimentos mais importantes para termos uma visão da posição do Prelado de Macau face às exigências dos maoistas e das pressões da administração portuguesa.

Os conflitos dos comunistas com a Igreja começaram no Colégio de S. José pelo facto de um padre, alegadamente, ter arrancado do peito de um aluno o distintivo do presidente Mao (10 de maio de 1967), tendo a *Associação Geral dos Estudantes Chineses*, pró-comunista, feito várias exigências: “1. Castigar severamente o Prof. Lam; 2. Não impedirem os alunos de usarem o referido distintivo; 3. O Colégio deve garantir a não proibição de nenhuma atividade patriótica dos alunos”. (O *Clarim*, 8-6-1967, apud Lima, 1999: 369). Apesar de reuniões entre representantes do Colégio e a Associação, não havendo acordo, o Conselho Escolar do Colégio comunicou que o Prof. Lam já se afastara, mas manteve-se intransigente quanto ao resto, pois dentro do Colégio, “os alunos tinham

de observar o respetivo regulamento a fim de se manter a disciplina necessária.” (Lima, 1999: 370). A *Associação Geral dos Estudantes Chineses* aprova formas de luta contra o Colégio de S. José e a diocese de Macau.

D. Paulo José Tavares que se encontrava ausente de Macau, no seu regresso urgente, veio encontrar uma situação bastante degradada (em finais de junho de 1967), mantendo também a sua atitude intransigente.<sup>121</sup> O bispo e os seus representantes recusam-se a assinar o pedido de desculpas, que lhes era exigido, bem como o documento das reivindicações da *Associação Geral dos estudantes chineses de Macau*. Simultaneamente há pressões da administração portuguesa para a Igreja ceder às exigências formuladas por parte dos estudantes maoistas.

Várias centenas de manifestantes maoistas realizam uma manifestação junto do Colégio de S. José a exigirem o ensino do pensamento de Mao nas escolas sob a tutela da diocese. Os representantes do clero são alvo de fortes pressões políticas por parte do governador Nobre de Carvalho, mas recusam-se a assinar qualquer documento imposto pelos maoistas locais. (Fernandes, 2000); o antagonismo entre o Governador e o bispo foi-se acentuando. O padre Benjamim Videira Pires apresenta um exemplar do novo *Regulamento Geral das Escolas Católicas* de forma a evitar que o pensamento de Mao seja lecionado nas escolas católicas, afirmando que “os católicos cumpriram a sua obrigação e não têm medo. Se acontecer o pior, isso será devido à fraqueza do Governo” (Fernandes, 2000: 296).

Como os confrontos continuam, estudantes maoistas visitam o Paço Episcopal para exigirem uma audiência com o Bispo de Macau, D. Paulo José Tavares, a fim de reivindicarem, mais uma vez, o ensino do pensamento de Mao nas escolas da Diocese. O bispo recusa a audiência, continuando firme e resolutivo na proibição do ensino do pensamento maoista nas escolas. Os jovens maoistas abandonam o Paço sem serem recebidos pelo Bispo, o que acirrou mais as manifestações dos estudantes chineses, recorrendo estes a uma linguagem violenta: “Abaixo o Tavares”, “Fritai em azeite o Tavares, morra a Virgem Maria, morra Jesus, morra o Papa”. (Lima, 1999: 375) O bispo publica no jornal católico, o *Clarim* e na revista *Religião e Pátria*, uma mensagem pastoral em que recusa o ensino do pensamento de Mao nas escolas católicas, dando por terminadas as negociações com os maoistas, recusa que leva o governador a proibir a publicação de ambos

<sup>121</sup> D. Paulo José Tavares foi um dos íntimos colaboradores do secretário de Estado da Igreja Católica, monsenhor Montini, futuro Papa Paulo VI.

os jornais. Em dezembro de 1967 o governador suspende a transmissão da mensagem natalícia na Emissora de Radiodifusão de Macau, pois alguns aspetos referentes à autonomia da Igreja não eram convenientes, na opinião da administração.

Mantendo-se intransigente, o bispo não cedeu às reivindicações dos maoistas locais e resistiu às pressões do Governador para que cedesse às pretensões dos maoistas. Esta posição custou-lhe a suspensão do *Clarim* (bissemanário) e da revista diocesana *Religião e Pátria*, havendo diligências várias para que fosse destituído das suas funções, o que não foi conseguido<sup>122</sup>. O bispo envia ao conselheiro eclesiástico da embaixada de Portugal junto da Santa Sé um ofício sobre as tensas relações entre a diocese e a administração portuguesa.

O bispo, em todos estes confrontos, afirma por um lado a autonomia em relação ao poder político e a liberdade e independência da Religião Católica face às exigências dos maoistas.

### 3. Conclusão

Durante a Revolução Cultural chinesa em Macau, entre 1966 e 1968, D. Paulo José Tavares resistiu com êxito aos ataques da elite político-comercial chinesa de Macau alinhada com Pequim, e às pressões da frágil administração portuguesa de Macau, chefiada pelo governador Nobre de Carvalho, defendendo intransigentemente a liberdade das escolas católicas e afirmando por outro lado a autonomia em relação ao poder político e a liberdade e independência da Religião Católica face às exigências dos maoistas, ação prosseguida por D. Arquimínio, na fase de transição, quando havia o receio de que a China procurasse integrar a Igreja Católica em Macau na Igreja da China.

### 4. Bibliografia

Carmo, António (1997). *A Igreja Católica na China e em Macau no Contexto do Sudeste Asiático Que Futuro?* Macau: Fundação Macau, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente.

Fernandes, Miguel Senna (2011). "Tavares, D. Paulo José (1920-1973)". In *DITEMA, Dicionário Temático de Macau*, vol IV. Macau: Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau, Universidade de Macau.

Fernandes, Moisés Silva (2006). *Macau na Política Externa Chinesa, 1949-1979*. Imprensa de Ciências Sociais.

Fernandes, Moisés Silva (2000). *Sinopse de Macau nas Relações Luso-Chinesas. 1945-1995*. Fundação Oriente.

Jorge, Cecília e Beltrão Coelho (1988). *A Fénix e o Fragão*. Macau: Instituto Cultural de Macau e Editorial Pública.

Lessa, Almerindo (1996). *Macau, Ensaios de Antropologia Cultural Portuguesa dos Trópicos*. Lisboa: Fundação Oriente, Instituto de Investigação Científica Tropical, Instituto Português do Oriente, Administração de Macau,

Lima, Fernando (1999). *Macau as duas Transições*. Macau: Fundação Macau.

Santos, Carlos Pinto e Orlando Neves (1996). *De longe à China, Macau na Historiografia e na Literatura Portuguesas*, Tomo IV. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Sousa, Acácio Fernando de (2010). "Arriaga, Ouvidor Miguel de". In *DITEMA Dicionário Temático de Macau*, vol I. Macau: Universidade de Macau, p. 112-114.

Teixeira Manuel (1976). *Macau e a sua Diocese, Bispos, Missionários, Igrejas e Escolas*, XII. Macau.

### 7. APÊNDICE I – Dados biográficos de D. Paulo José Tavares

- Nascimento: 25/01/1920, Rabo de Peixe.
- Frequência Seminário Angra: 1931-1941.
- Frequência da Universidade Gregoriana: 1941-1945.
- Ordenação em Roma, na Basílica de S. João de Latrão: 24/04/1943.
- Frequência da Academia Eclesiástica de Roma: 1945-1947.
- Adido, secretário, auditor e conselheiro de Nunciatura na Secretaria de Estado do Vaticano: 1947-1961.
- Nomeação como bispo de Macau pelo Papa João XXIII: 24/08/1961.
- Tomada de posse (por procuração): 22/11/1961.
- Chegada a Macau: 27/11/1961.
- Episcopado: 1961-1973.
- Participação no Concílio Vaticano II: 1962-1965.
- Falecimento: 12/06/1973

### 8. APÊNDICE II – Bispos Açorianos em Macau

D. Manuel Bernardo de Sousa Enes – Ilha do Topo, S. Jorge, Açores (1873-1883).

D. João Paulino de Azevedo e Castro – Lajes, Pico, Açores (1902-1918).

D. José, da Costa Nunes – Candelária, Pico, Açores (1920-1941).

D. Paulo José Tavares – Rabo de Peixe, S. Miguel, Açores (1961-1973).

D. Arquimínio, da Costa – S. Mateus, Pico, Açores (1976-1988).

### 6. APÊNDICE III -

*“Macau é uma península chinesa. O imperialismo português tem-na ocupada há mais de 400 anos e oprimido cruelmente a população chinesa. (Apêndice III)*

<sup>122</sup> “A minha primeira reacção foi mandá-lo embora, mas seria uma medida ostensiva, ilegal e que daria força ao sector esquerdista”, queixava-se Nobre de Carvalho. (Lima, 1999: 375).

No inverno de 1966, enquanto a grande revolução cultural proletária do nosso país entrou numa nova etapa, os imperialistas portugueses em Macau chegaram a servir de vanguarda precipitoso [sic] à contracorrente antichinesa, levantada pelo imperialismo norte-americano e pela camarilha dirigente revisionista soviética, e tiveram o atrevimento de pôr um fogo anti-chinês à porta sul do nosso país. Tendo provocado sucessivos incidentes sangrentos em que mataram e feriram um grande número de compatriotas chineses, numa tentativa vã de tatear o poderio do povo chinês e sabotar a nossa grande revolução cultural proletária. [...]

"[...] os compatriotas chineses de Macau [...] repeliram os repetidos ataques dos inimigos, desfizeram uma por uma as intrigas e acabaram por conseguir obrigar os imperialistas portugueses em Macau a baixar a cabeça para confessar os crimes e apresentar publicamente desculpas à população chinesa. [...]

Os compatriotas de Macau estão decididos a manter de futuro, ainda mais alto a grande bandeira vermelha do invencível pensamento de Mao Tsé Tung [...] e prontos a lutar e pela vitória da causa patriótica, anti-imperialista, antirrevisionista.

- Mais de 10000 compatriotas chineses de Macau, de todo vigorosos, empunham o retrato do Presidente Mao e gritam: agradecemos ao povo pátrio o seu forte apoio à nossa luta contra a perseguição...]

- Com um ódio infinito ao imperialismo, chineses patriotas trepam para a estátua de pedra de Jorge Álvares, agressor que há mais de 400 anos veio à China entregar-se a atividades agressivas, batem-lhe e cortam-lhe o braço direito.

- O fogo de ódio que os chineses patriotas têm ao imperialismo dirige-se ao Leal Senado, repartição portuguesa de Macau que ao longo dos anos tem oprimido e explorado a população chinesa. Eles retiram do salão todos os retratos dos opressores "Governadores" e os deitam para as ruas.

- Chineses patriotas lançam para a rua todos os armários de documentos, sofás e máquinas de escrever que se encontram no Leal Senado.

- Desencadeou-se um fogo de ódio no fundo dos chineses patriotas ao repararem na estátua de bronze de Mesquita, que há mais de cem anos comandou tropas portuguesas a invadir o

território chinês. Uns estudantes sobem para a estátua e desarmam-na, tirando-lhe a espada.

- Chineses patriotas executam à força a estátua de Mesquita, passando-lhe pelo pescoço cordas de aço e mobilizando camiões a puxá-la para o chão.

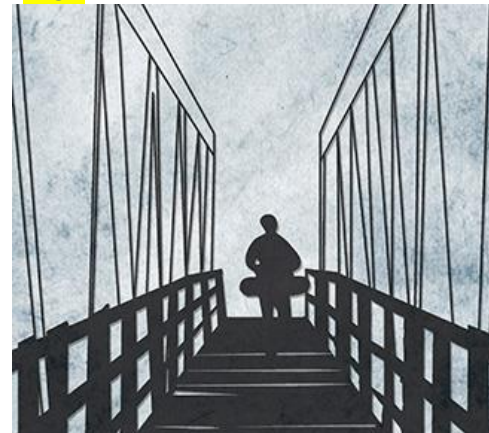
- Com as mãos a tremer, o "Governador" José Nobre de Carvalho apresenta o documento de confissão de crimes à Comissão Representativa." (Santos, 1996: 1514-1516).

#### É SÓCIO DA AICL.MODERA SESSÕES

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016

44. RICARDO DIAS LACERDA, PRODUTOR DE CINEMA, CONVIDADO AICL

45. FRANCISCO ROSAS, REALIZADOR DE CINEMA, CONVIDADO AICL



IDA NEBE FA'AN PULSA - O VENDEDOR DE PULSA

FILME DE FRANCISCO ROSAS E RICARDO DIAS

Francisco Rosas nasceu em Lisboa, em 1991. No mesmo ano viajou para São Miguel onde permaneceu até 2009, quando foi estudar Cinema para a Universidade da Beira Interior. Concluiu a licenciatura em 2012 realizando uma curta-metragem "Quimera". No seguinte ano regressa aos Açores realizando outra curta-metragem "Ser Ilhéu" e integra a equipa técnica da longa-metragem "Livreiro de Santiago", de José Medeiros, desempenhando a função de Operador

de Câmara. Em 2015 correaliza uma curta-metragem experimental com Paulo Lima, "Anamnese" e viaja para Timor-Leste para realizar "**Ida Nebe Fa'an Pulsa**" um documentário que procura as sementes deixadas por D. Jaime Goulart, natural da Ilha do Pico, numa jovem Nação fustigada por ocupações e lutas pela autodeterminação e independência, através dos olhos dum jovem timorense. Um filme sobre a Língua, a Religião, a Cultura e um Povo. No presente ano correaliza, com José Medeiros e Tiago Rosas, "Viola de Dois Corações", uma série de 11 episódios sobre a música produzida nos Açores. Atualmente encontra-se na equipa técnica de "Basalto", uma série de ficção de 5 episódios realizada por José Medeiros desempenhando as funções de Operador de Câmara e Realizador de Segunda Equipa.

#### **APRESENTAM DOCUMENTÁRIO IDA NEBE FA'AN PULSA**

D. Jaime Garcia Goulart, homem simples nascido na ilha do Pico parte para o outro lado do mundo sendo nomeado primeiro Bispo de Díli em 1945.

IDA NEBE FA'AN PULSA é um documentário que procura as sementes deixadas por D. Jaime numa jovem Nação fustigada por ocupações e lutas pela autodeterminação e independência, através dos olhos dum jovem timorense. Um filme sobre a Língua, a Religião, a Cultura e um Povo.

**Realização** Francisco Rosas

| **Produção** Palco de Ilusões | **Produção Executiva** Ricardo Dias | **Apoio à Produção** Sara Almeida e Daniel Carrolo

| **Edição** Tiago Rosas

| **Pós-Produção de Som e Gravação de Música em estúdio** Raul Resendes | **Correção de Cor** Carlos Azevedo | **Desenho Gráfico** Mariana Pereira Duração 110', sem intervalo | legendado em inglês

[VEJA AQUI O "TRAILER" DO FILME](#)

**Trabalho final não recebido dentro do prazo**

#### **46. ROLF KEMMLER, UTAD VILA REAL – ALEMANHA, E AICL ASSISTENTE PRESENCIAL**

Moinhos 2014

**ROLF KEMMLER**, Natural de Reutlingen (Alemanha) é professor na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real) e membro permanente do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto). Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014, é doutorado em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A *Academia Orthográfica Portuguesa* na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)»,

publicada

em

2007.



Montalegre 2016

Formou-se como Mestre (MA) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»). Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX. Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da LUSOFONIA. É sócio de um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, entre as quais é de destacar o Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), o Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores), da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza). É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL,  
PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2013-15 E 2015-2017  
FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.  
MODERA SESSÕES.**

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO, 22º SEIA 2014, 23º NO FUNDÃO 2015 E 24º NA ILHA GRACIOSA 2015, MONTALEGRE 2016



MACAU 2011

**47. SANTA INÊZE DA ROCHA NEIVA SOARES INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL E AICL - ASSISTENTE PRESENCIAL**



Bragança 2009



VILA DO PORTO 2011



GRACIOSA 2015

**É SÓCIA DA AICL.  
TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009  
SANTA MARIA 2011. FUNDÃO 2014, GRACIOSA 2015**

**48. TIAGO ANACLETO-MATIAS PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS E AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL**



GALIZA 2012



GALIZA 2012

**TIAGO ANACLETO-MATIAS**

é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do

Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004). As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil. Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.

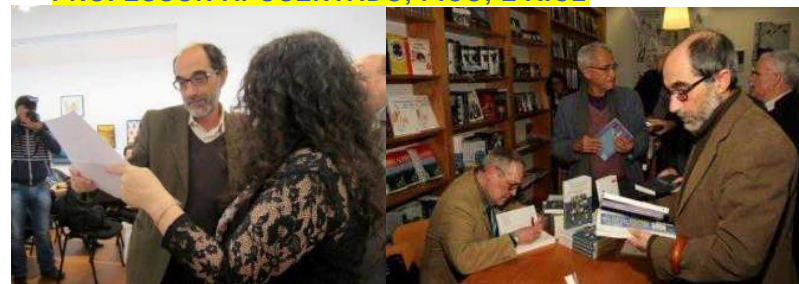
**É SÓCIO FUNDADOR DA AICL É SECRETÁRIO DA DIREÇÃO DA AICL MODERA SESSÕES**

**PARTICIPOU ININTERRUPTAMENTE DESDE O 1º COLÓQUIO AO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014. REGRESSOU EM 2016 NO 25º EM MONTALEGRE**



Montalegre 2016

**49. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO, PROFESSOR APOSENTADO, PICO, E AICL**



LAGOA 2012

PDL 2013

**URBANO MANUEL BETTENCOURT MACHADO, NASCEU NA Piedade, ilha do Pico, 1949). Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de**

Lisboa. Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, (1986-1990), a cujo quadro de professores pertence e onde voltou a lecionar nos anos letivos de 2014-15 e 2015-16. Aposentado do ensino desde o dia 1 de julho de 2016.

No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores. Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, *Português, Contrabandista*



LAGOA 2012

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana: *Caminhos do mar*. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.

*Pontos Luminosos*. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.

*Azoru Salu. Dzejas antologija* (com Leons Briedis). Riga, Letónia, 2009.

#### **BIBLIOGRAFIA**

1972, Raiz De Mágoa, Poesia, Setúbal, Ed. Autor

1976, Ilhas, narrativas; em parceria com Santos Barros. Lisboa, Ed. Dos Autores.

1980, Marinheiro Com Residência Fixa. Poesia e narrativas. Lisboa, Ed. Do Grupo De Intervenção Cultural Açoriano.

1983, O Gosto Das Palavras I. Ensaio sobre Antero de Quental e outros autores açorianos; o caráter cósmico de alguma poesia barroca, e os Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo. Coleção Gaivota, SREC, pp. 77-87

1983, Ensaio Sobre Antero De Quental E Outros Autores Açorianos; O Caráter Cósmico De Alguma Poesia Barroca; Os Apólogos Dialogais De D. Francisco Manuel De Melo. Angra Do Heroísmo, SREC.

1983, Antologia De Poesia açoriana in O Gosto Das Palavras I. Angra Do Heroísmo, Secretaria Regional Da Educação E Cultura, pp. 77-87

1984 com Costa Melo, Lúcia. [Rota sibilina; pref. Maria da Conceição Vilhena. Vila Franca do Campo: Ilha Nova Ponta Delgada, Câmara Municipal.](#) 1986 Rodrigo Guerra. Alguns olhares in Onésimo T Almeida Da literatura açoriana, para um balanço. Angra do Heroísmo, SREC, pp. 45-54

1987. Naufrágios / Inscrições. Poesia e narrativas. Ponta Delgada, Brumarte / Signo.

1987. Algumas palavras a propósito, in Terra, F. Agua de verão, Ponta Delgada, Signo.

1989 Emigração E Literatura, alguns fios da meada, (ensaio que aborda aspetos da emigração açoriana nalguns contistas açorianos do final do séc. XIX), Horta, Centro de Estudos e Cultura da Câmara Municipal da Horta

1989, Emigração E Literatura. Ensaio Que Aborda Aspetos Da Emigração Nalguns Contistas Açorianos Do Final Do Século XIX. Horta, Gabinete De Cultura Da Câmara Municipal.

1989 O Gosto das Palavras I. 2ª Ed, II [ensaios sobre autores açorianos e ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, entre outros], Ponta Delgada, Jornal de Cultura,

1991, Antero açoriano. Vozes em volta. Revista da História das ideias, vol. 13, Coimbra, pp. 221-229

1992 «Carlos Faria – de Nova Iorque às Fajãs de S. Jorge», in FÁRIA, Carlos, *São Jorge Ciclo da Esmeralda*, Signo, Câmara Municipal das Velas, 1992, pp. 3-8.

1993, “S. Jorge no Roteiro de Alguns Viajantes”, Revista Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1993, pp. 385-402.

1995, Algumas Das Cidades, poemas em prosa. Angra Do Heroísmo, Instituto Açoriano De Cultura, Coleção Insula.

1995, O Gosto Das Palavras II. Da Literatura Açoriana, Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, Ensaio Sobre Autores Açorianos E Ainda Maria Ondina Braga, Helena Marques, António Tabucchi, Raul Brandão, E Outros. Ponta Delgada, Jornal De Cultura, pp. 13-16

1995, Da Literatura Açoriana – Notas Muito Lacunares Para Uma Aproximação, In O Gosto Das Palavras II. Ponta Delgada, Jornal Da Cultura, pp. 13-16

1998, De Cabo Verde Aos Açores, À Luz Da «Claridade De S. Vicente. Ensaio sobre A Receção Açoriana Da Literatura Cabo-Verdiana.». Mindelo, Cabo Verde, Câmara Municipal

1998, O Gosto Das Palavras III, SREC, Angra, col. Gaivota, nº 31

1998, Bolos de mel, in Margem 2, Funchal, nº 10, dez. 1998, pp. 50-51

1998, A ilha de Fernão Dulmo em Mau Tempo no canal in Homem, M.A. Ed, atas do colóquio As ilhas e a mitologia, Câmara Municipal do Funchal: pp. 117 - 123

1999, O Gosto Das Palavras III. Ensaio Sobre Literatura Clássica Portuguesa, Literatura Açoriana E Cabo-Verdiana. Lisboa, coleção Garajau, Ed. Salamandra.

2000, Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, organizada por Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers

2001. Uma outra açorianidade, um texto esquecido de Vitorino Nemésio, in Vitorino Nemésio, 1º centenário do nascimento, 1901-2001, separata da Revista Atlântida, vol. XLVI, Angra, Instituto Açoriano de Cultura

2002, Introdução in Vitorino Nemésio, Paço do Milhafre, O mistério do Paço do Milhafre, obras completas, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-27

2002, Pedro da Silveira – escrita e o mundo, in *O Faial e a periferia açoriana*, nos 550 anos do descobrimento das Flores e Corvo, *Atas do III colóquio*. Horta, Núcleo Cultural da Horta: pp. 597-604

2003, Ilhas Conforme As Circunstâncias. Ensaio Sobre Literatura Açoriana, Cabo-Verdiana E São-Tomense. Lisboa, Ed. Salamandra.



FUNDÃO 2015

2004, José Martins Garcia, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. XIII, pp. 59-64

2004, José Martins Garcia: A Palavra, O Riso. Separata Da Revista Arquipélago -Línguas E Literaturas, vol. XVII. Ponta Delgada, Universidade Dos Açores.

2005, Lugares Sombras E Afetos (poesia e narrativas), com desenhos de Seixas Peixoto. Arganil, Ed Moura Pinto e Figueira Da Foz, Ed. Dos Autores.

2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo. Arganil, Editorial Moura Pinto 2005, Santo Amaro Sobre O Mar Com Desenhos De Alberto Pêssimo, 2ª edição revista, Câmara Municipal de São Roque do Pico

2005, In Caminhos do mar, antologia poética açoriano-catarinense com Lauro Junkes e Osmar Pisani, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

2006, *Manuel Lopes, escritor – Um cabo-verdiano nos Açores, 2006, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 15* 2006, Antero, com desenhos de Alberto Pêssimo (poesia). Arganil, Editorial Moura Pinto.

2006, Frases Para Ter Na Algibeira, Org. De Sara Pais. Lisboa, Livramento.

2006, Mística E Nuvens Do Vulcão Do Pico, com Victor Hugo Forjaz, Zilda Tavares Melo França, Lurdes Bettencourt E Oliveira, João José Fernandes. Ponta Delgada, Observatório Vulcanológico E Geotérmico Dos Açores.

2006, O guardador de freiras, in Margem 2, Funchal, nº 21, abril, pp. 44-46

2006, In Pontos luminosos, Açores e Madeira, antologia poética do séc. XX com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel, Ed Campo das Letras.

2007, Nas Lajes, Um Chá Imprevisível. Separata Da Revista Magma, 4. Lajes Do Pico, Ed Câmara Municipal.

2007, Entre Cabo Verde e os Açores, a literatura em viagem, in John Kinsella e Carmen Ramos Villar, eds. Lusophone Studies nº 5, Mid Atlantic Margins, Transatlantic Identities, Azorean Literature in context. University of Bristol, July 2007

2007, «Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo», in TUTIKIAN, Jane e BRASIL, Luiz António de Assis (org. de), *Mar Horizonte: Literaturas Insulares Lusófonas*, Porto Alegre, EDIPUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2007, pp. 11-22.

2008, com Lauro Junckes, coord Onésimo Almeida, Caminhos do Mar

2008, A afirmação de uma cultura própria, in Artur Teodoro de Matos, Avelino de Freitas Meneses, Guilherme Reis Leite, dir. de História dos Açores, do descobrimento ao séc. XX, vol. II, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, pp. 307-322

2008, O Tempo De Florêncio Terra. Separata Do Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta, vol. 17. Horta, Núcleo Cultural.

2008, Novas do Achatamento do Divino em terras brasileiras, in Jornal de Letras nº 114. Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, fevereiro 2008. Recensão ao livro Caminhos do Divino de Lélia Pereira da Silva Nunes

2008, Pedras Negras, Dias de Melo, in Jornal de Letras nº 119, Rio de Janeiro, Instituto Antares de Cultura, julho 2008

2008, Literatura açoriana – da solidão atlântica à perdição no mundo» in Jane Tutikian e Luiz António de Assis Brasil (org), *Mar Horizonte: Literaturas insularem lusófonas*. Rio Grande do Sul, EDIPUCRS [Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], Coleção Memória das Letras, n.º 22, 2008.

2009, Manuel Lopes, escritor – um cabo-verdiano nos Açores» in José Luís Hopffer Almada (org), *O Ano Mágico de 2006 – Olhares Retrospectivos sobre a História e a Cultura Cabo-Verdianas*. Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, 2009

2009, Signo Atlântico in José Martins Garcia, Português, contrabandista, seleção de contos, Lajes do Pico, Biblioteca Açoriana (Companhia das Ilhas)

2009, in Azoru. Dzejas antologija com Leon Briedis, Riga, Letónia

2009, Santo Amaro Sobre O Mar, com Desenhos De Alberto Pêssimo. 2.ª Edição Revista, Câmara Municipal De S. Roque, 2010. Que paisagem apagarás? Ponta Delgada, Ed Publiçor

2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia

2011, IN Antologia da Memória poética da Guerra Colonial, Roberto Vecchi, Margarida Calafate Ribeiro (Org.), Fotografias: Manuel Botelho, Notas biográficas: Luciana Silva e Mónica Silva, 1.ª ed. Porto: Afrontamento, 2011 (Poesia; Antologias, 2), ISBN 9789723611748, 648 págs.

2011, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (originalmente publicado na revista «Ponto Cardeal», n.º 4. Madalena, Pico, Açores, Escola Cardeal Costa Nunes, novembro de 2011)

2011, *Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal A Ilha, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta*

2012, Fernando Aires e a Geração de 40, in Atas do 17º colóquio da lusofonia, Lagoa, S Miguel, Açores

2012, África frente e verso, Ponta Delgada, Letras Lavadas

2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, de Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia

2013, O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens, IN revista Ponto Cardeal nº 4 Madalena, Pico, Escola Cardeal Costa Nunes, novº 2011. <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrbettencourt3.html> 2013. Outros nomes, outras guerras, Lajes do Pico, Ed Companhia das ilhas,

2014, Garcia Monteiro, autógrafos e algo mais, in Boletim do Núcleo da Horta, 2014, Inquietação insular e figuração satírica em José Martins Garcia, tese de dissertação



2015, José Martins Garcia. A linguística vai à guerra, in Atas do 23º colóquio da Lusofonia, Fundão

2015. Ser escritor nos Açores, in Atas do 23º Colóquio da Lusofonia, Fundão  
**VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS 11 EM**  
<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html>

**VER VÍDEO HOMENAGEM** <https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl.html>

#### TEMA GERMANO DE ALMEIDA: MEMÓRIAS E RISO

A vasta obra narrativa de Germano Almeida tem-se afirmado uma das mais consistentes no contexto literário de Cabo Verde após a independência. Sem romper com uma tradição de escrita com os «pés no chão» cabo-verdiano, Germano Almeida realiza, no entanto, uma viragem no ângulo de abordagem, em termos sociais e, sobretudo, a nível de um registo irónico, por vezes satíricas: uma perspetiva distanciada e crítica sobre a sociedade configurada na sua narrativa.

Atualizando alguns protocolos de leitura peculiares, Germano Almeida constrói no romance *As Memórias de um Espírito* o retrato da «pequena burguesia da cidade do Mindelo». Um retrato em que vida e morte, ficção e realidade se cruzam, num distanciamento (auto) irónico que é ainda uma homenagem à Literatura.

Trabalho final não recebido dentro dos prazos

**TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO, LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014 E NO 24º FUNDÃO 2015 SÓCIO DA AICL.**

#### **50. VERA DUARTE, PRESIDENTE DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS E AICL – CONVIDADADA AICL –**

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina (Mindelo, 2 de outubro de 1952) é uma jurista e escritora de Cabo Verde:

Estudou Direito na Universidade Clássica de Lisboa. De volta a Cabo Verde, foi juíza conselheira do Supremo Tribunal da Justiça e Conselheira do Presidente da República. Em 1995, recebeu o Prémio Norte-Sul do Conselho da Europa, em reconhecimento à sua luta na defesa dos direitos humanos. Integrou a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e a Comissão Internacional de Juristas.

Estreou na literatura em 1993, com o livro de poemas *Amanhã Amadrigada*, 2. ed. Praia: IBNL, 2008. Seu primeiro romance, *A Candidata* (2003), recebeu o Prémio Sonangol de Literatura. Foi ministra da Educação e do Ensino Superior.

Entre outros livros publicou

**Poesia**

- 1993 - *Amanhã amadrigada*
  - 2001 - *O arquipélago da paixão*
  - 2005 - *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança*
  - 2010 - *Exercícios poéticos*
- Romance** 2003 - *A candidata*  
**Ensaio** 2007 - *Construindo a utopia*



**AUSENTE, FAR-SE-Á REPRESENTAR POR FILINTO ELÍSIO E SERÁ EMPOSSADA COMO NOVA PATRONA DOS COLÓQUIOS**



**51. VILCA MARLENE MERÍZIO, INSTITUTO DE GENEALOGIA DE SANTA CATARINA, BRASIL E AICL**



**VILCA MARLENE MERÍZIO**, Vilca Marlene

Merízio, escritora, pesquisadora, conferencista, prefaciadora de obras literárias e acadêmicas, professora de Língua e Literaturas Brasileira e Portuguesa e artista plástica, desde 1963, vive em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.



LAGOA 2008

Doutorou-se em Literatura Portuguesa Contemporânea na Universidade dos Açores, Portugal (1992); é Mestre em Literatura Brasileira (1978) e graduada em Letras / Línguas e Literaturas – Português e Francês - (1973) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Reiki (1999).Cursou a Universidade Holística da Paz (1998-2000) e o Curso de Graduação de Naturologia da UNISUL (2001-2004, incompleto).

Há 53 anos exerce a profissão no magistério brasileiro, tendo sido professora de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa em escolas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior (Graduação e Pós-Graduação) em escolas e universidades públicas e particulares.

Em 1977, quando assumiu o ensino público universitário, idealizou e coordenou programas e projetos nos âmbitos da educação, cultura e arte, com especial relevo, da literatura, no Brasil e em Portugal. Participou de comissões de avaliação de redação no vestibular catarinense de 1978 a 2012 (UFSC e ACAFE) e continua a participar de júris de mestrado e doutorado (1992-2015); em universidades brasileiras e de outras comissões julgadoras em concursos públicos nacionais, como, por exemplo, da Olimpíadas da Língua Portuguesa e da Leitura nas escolas, promovido da RBS – Sul do Brasil, em todas as suas edições, com intervenções em diversos congressos, seminários, colóquios, encontros e painéis no Brasil e no exterior.



LAGOA 2008

Foi pesquisadora do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Portugal e da CAPES, Brasil. Ex-Presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos – ACAP. Cofundadora da Associação dos Poetas Livres de Florianópolis (1998). Ex-Vice-Presidente da Academia São José de Letras (2006-2012). Revisora, teve (e tem) sob sua responsabilidade a leitura crítica de obras literárias e científicas, de monografias, teses, ensaios, artigos e dissertações de professores e de estudantes universitários, bem como a organização de antologias, coletâneas literárias e de livros de poesia. Consultora, no domínio do ensino da gramática da Língua Portuguesa e da teoria das Literaturas Brasileira e Portuguesa, presta serviços a escolas públicas de ensino médio e fundamental e universidades, atendendo estudantes, professores, empresários e outros profissionais formados no ensino superior. É a idealizadora e coordenadora do programa Missão Açores (2001-2016).

Atualmente, dedica-se à escrita de livros (ensaios, poesia e contos), a pesquisas literárias e genealógicas, a estudos holísticos e a ministrar cursos, palestras e seminários, mantendo-se no mercado das artes com exposições em ambientes culturais, no Brasil e em Portugal. No âmbito das Letras, é membro efetivo, entre outras, da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, da Academia São José de Letras (1996-2016), da Academia Desterrense de Letras e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, Portugal (2007-2016).

Integra o quadro de membros com participação ativa do Instituto de Genealogia de Santa Catarina (2015-2016).

Artista Plástica, tem realizado desde 1993 exposições de pintura em Mostras de Arte, individuais e coletivas, nos Açores, Portugal e em Santa Catarina, Brasil. Foi Presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos - ACAP (Rua Conselheiro Mafra, 141, Prédio da ex-Alfândega, Centro, Florianópolis).

#### OBRAS PUBLICADAS

2013- *Dá ROSAS, ROSAS, a quem sonha rosas*. Sobre alguns poetas, escritores e artistas brasileiros e portugueses. Estudos Literários. Vol. II. Blumenau: Nova Letra. 403 p.

2012 - *Memorial Undime-SC no seu Jubileu de Prata*. Pesquisa, organização e texto. Florianópolis: UNDIME-SC / Sagrada Família, 192 p. 2011 - *Janelas da Alma*, livro de afetos e desejos. 25 anos de poesia. Florianópolis: Papa-Livro, 230 p. 2004 - *A História de Um Amor Feliz* (Estudo Literário). Florianópolis: Edição da Autora, 375 p.

2004 - *Açores... De memória* (Contos). Florianópolis: Edição da Autora, 122 p. (Esgotado) 1996 - *Quase... De Corpo Inteiro* (Poesia).

Poemas escritos nos Açores. Prefácio do Prof. Doutor A.M.B. Machado Pires, ex-Reitor da Universidade dos Açores. Florianópolis: Edição da Autora, 190 p. (Esgotado) 1979 - *Experiência de Ensino-Aprendizagem*, Premiado no Concurso Nacional de Ensino de Redação, Ministério da Educação e Cultura, Brasília. 1979 (1ª ed.); 1980 (2ª ed.), 180 p. (Esgotado).

Tem publicações em Antologias, Anais, Coletâneas, Jornais e Revistas Literárias e Revistas de Cultura do Brasil e de Portugal (1978-2016).

#### LIVROS PUBLICADOS:

*Janelas da Alma*: livro de afetos e desejos (2011). Florianópolis: Papa Livro. 230 p.

*A História de Um Amor Feliz* (2004). Estudo Literário. 375 p. *Açores... De memória*. (2004) Contos. 122 p.

*Quase... De Corpo Inteiro* (1996). Poesia. 190 p.

*Redação*: uma Experiência de Ensino-Aprendizagem. Brasília (1979; 1978). Prêmio Nacional do Ministério da Educação e Cultura. 180 p..

Tem publicações em Antologias, Coletâneas, Jornais e Revistas Literárias. Correio-e: [vilca\\_merizio@hotmail.com](mailto:vilca_merizio@hotmail.com) / [vilcamerizio@yahoo.com.br](mailto:vilcamerizio@yahoo.com.br) / [vilcamerizio44@gmail.com](mailto:vilcamerizio44@gmail.com)

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NO 7º COLÓQUIO NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º COLÓQUIO LAGOA 2008, 13º FLORIANÓPOLIS 2010, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013,



AGOA 2012



LAGOA 2008

#### TEMA QUANDO O DESCONHECIDO É SOBEJAMENTE FAMILIAR: SE OS CARVALHOS FALASSEM DE CONCHA ROUSIA, VILCA MARLENE MERÍZIO/ INSTITUTO DE GENEALOGIA DE SANTA CATARINA

Não conheço a Galiza e mal conheço o norte de Portugal, porque meu olhar, quando por lá passei, foi só o da turista encantada com pessoas, cultura, geografia... Mas, agora, daqui, do sul do Brasil, enquanto releio Nântia e a Cabrita d'Ouro, lembro de sua autora, tão presente nos Colóquios da Lusofonia e tão frequente nas redes sociais, que me pergunto: para além do que conheço, quem é Concha Rousia? Essa jovem mulher, poetisa e psicóloga, cosmopolita e campesina, defensora da língua Galego-Portuguesa, militante entusiástica a favor dos direitos políticos, culturais e linguísticos que identificam o seu país? Essa mulher guerreira e tímida compartilha seu espaço, suas flores, suas lembranças, sua poesia? O que mais escreve, o quanto mais diz?

Daqui, do outro lado do Atlântico, sinto essa irmã galega no seu respirar poético, nos seus sonhos, nas manifestações espontâneas que deixam entrever

um civismo combativo, o seu amor à família, o seu apego a Rousia... E nós, de cá, abraçamo-la com o olhar reeditado a cada novo clique virtual que nos leva àquela que vale-se da palavra e da imagem em perpétua saudação à Natureza, à Vida. O que mais é Concha Rousia, que nos afaga em oceanos poéticos, deixando-nos à margem da nossa própria praia, lúcidos para traçarmos nosso próprio caminho de água e de luz? Quais os mistérios que a envolvem e quase a mitificam, tanto pela ternura, quanto pelo verbo, e até mesmo pela forte presença imagética guiada na direção certa do nosso coração? É a partir desses questionamentos que passarei a estudar o que me for possível, em razão da distância física, sobre Concha Rousia e o encantamento do seu imaginário poético e mítico.

Saúdo a escritora Concha Rousia, baluarte destes Colóquios, poetisa galega e psicóloga por formação, apresentando-lhe, em nome do Instituto de Genealogia de Santa Catarina, INGESC, com sede em Florianópolis, felicitações pela recente publicação de *Se os carvalhos falassem* (2016) e por toda a sua obra literária e profissional.

Meu interesse pela Galiza vem da infância. Sensibilizo-me ao ouvir ou ler histórias semelhantes às contadas por minha mãe nas noites frias de Brusque, em Santa Catarina, quando tudo era aconchego, viagens a tempos e a espaços sagrados, imaginário que alimentou a minha formação e de onde partiram os meus primeiros arremedos de produção escrita. Naquela época, logo após a 2ª Grande Guerra, os livros eram raros. Até agora me pergunto como a minha mãe, filha e neta de portuguesas, nascida no final do século XIX, no sul do Brasil, longe dos centros culturais do eixo Rio/São Paulo/Bahia/Recife, tinha tanto para contar, incluindo nas suas narrativas fatos e anedotas históricas. Eram histórias que vieram da minha avó, provavelmente, que ouviu de sua mãe; e, assim, de avós, em avós, de geração em geração, o respeito e o gosto pela tradição de povos, que nem sabíamos se existiam de verdade ou se também eram fruto da história contada, era transmitida com a emoção que nos despertava para as delícias da poesia e o mistério dos contos de fadas.

Pessoalmente, nunca palmilhei terras e águas da Galícia, como dizia minha mãe. Nem vi seus bosques em fogo, nem minhas lágrimas umedeceram o seu chão. Meu conhecimento é apenas virtual, embora sua história me seja cara por sentir na carne a dor do falante que não pode comunicar-se em sua língua de origem em razão de decretos oficiais. Assim que me decidi pelo tema desta comunicação, procurei saber qual o significado de Rousia. Soube, então, que Rousia é o nome do pico mais alto da serra do Larouco – “nome de deidade celta” – visto desde a casa de Concha. A explicação vinha misturada com a lembrança da mãe que, da janela de casa, sempre o apontava: A Rousia é a montanha que une Portugal com a Galiza, dos dois lados da raia vivem as mesmas lendas sobre ela (...), mas o motivo da escolha (...) foi que não me

considero ‘proprietária’ do que escrevo. Só conto o que é de todos, reconto. Sou uma voz de vozes, e, portanto, não estaria bem assinar eu sozinha. Quando escrevo artigos profissionais do âmbito da psicologia eu assino como Concha Rodrigues, aí sim. (Sublinhado nosso).

Também em Concha Rousia o deslumbramento da infância continua vivo. O amor à família e à terra de origem, cantado em prosa e verso, é de nascença. O ânimo (Jung, 2016) voltado para a crítica social e política; a ânsia, criando metáforas e símbolos, recriando mitos e fazendo reviver arquétipos, vive em calorosa e aberta cumplicidade: “Tenho dentro um cavalo bravo/ eu sou um ser selvagem com aparência humana/ eu sou a natureza viva que se vê a morrer/ eu sou todos os seres humanos do planeta/ e sinto simultaneamente tudo o que me nega.” É como se dissesse invento, mas o que sinto e escrevo é de verdade porque faço literatura, e essa verdade poética emana de seus escritos revestida de simplicidade e espontaneidade que empolga e cativa.

Respeitando as teorias apregoadas por Aguiar e Silva (1986), Mikhail Bakhtin (1992), WelleK e Warren (199-) e outros, ao esclarecerem que “A relação entre a vida particular e a obra não é uma simplista relação e causa e efeito”, optei por não trazer, embora considere de alta relevância, a biografia de Concha, mãe da Nerea Rodrigues. Portanto, meu campo de pesquisa restringe-se ao universo literário que tenho em mãos: a ficção narrativa, aqui representada pelo romance *As Sete Fontes* (2005) e pela história infantojuvenil *Nântia e a Cabrita d'Ouro* (2012), a poesia de *Se os carvalhos falassem...* (2016), e mais algumas dezenas de poemas e crônicas postadas nas redes sociais pela autora, de abril a agosto deste ano.

Vamos a isso.

A produção literária de Concha Rousia me comove. A retomada de arquétipos e temas antigos, volvidos em lendas, símbolos e mitos, são tão próximos, que tenho a impressão de que é sobejamente familiar a emoção que sinto ao ler suas obras. Até mesmo as atitudes de alguns personagens e elementos coincidentes com a cultura de nosso tempo mais me persuadem que já “conheço isso...”, “que sei como é...”, que “já senti a mesma coisa...” Talvez não na mesma proporção descrita, mas com sentimento muito semelhante. Por isso, entristeço-me, com ela, quando, relata que “É noite, e os meus irmãos andam perdidos” (CR, 2016:62) e, mais me inquieto ao ouvi-la falar “de jardins condenados a morar nas mãos de jardineiros cegos que detestam flores”. E a partir daí, de onde o seu “texto me olha” (Durand, 199-:66) – homens à deriva em seu próprio chão natal – minha empatia aumenta porque pressinto que, o que a autora vai apontar a mim também deprime, ao mesmo tempo que me compensa o fato de sabê-la ligada à Terra, por vezes até fazendo me sentir a presença de Ísis, o eterno símbolo feminino da Terra-Mãe, pelo seu jeito (dela, da autora empírica enquanto “eu lírico”) de ser Natureza.

Concha se solidariza com homens e mulheres da sua Galiza. A maioria, “Corpo em agonia, barco à deriva governado por marinheiros cegos e doidos embriagados de rum e esquecimento” (CR, 2016:88). E o lamento doloroso não deixa passar despercebida a impotência que domina a voz que a escritora tomou para a construção de sua obra: “A Vida passa por mim/ como um rio de gente/ a me povoar// Hoje doem/ me os que já se foram/ Sinto também as dores dos que agora/ passam// E doem-me os que virão quando o meu rio secar” (CR, 2016: 53).

Contudo, o esforço vale a pena, quando a vontade de lembrar cria novos atalhos rumo a um futuro de possíveis mudanças. Mas, quando as lembranças, ao invés de conduzirem a um final feliz, continuam apenas memórias inúteis, como “barcos de papel... O livro da memória se fecha”, a tristeza invade a alma, porém, a boca não cala, porque o “mel” ainda ferve nas veias de quem se importa, queima-lhe a carne e só tranquiliza quando a dor converte-se em literatura. E aí, tal como a melra, a defender o seu território em tempo de primavera, a autora, como forma de preservação dos seus valores e princípios: “escreve/ escreve/ escreve/ fala/ diz/ liberta o verbo/ diz/ tudo/ tudo/ tudo...” (CR, 2016:19), mesmo angustiada pela impossibilidade de resolver o que tem de ser transformado, porque não é só em suas mãos que está tão significativa resolução.

Além, do retorno repetido em retrospectiva por um passado que deixou lembranças heroicas, quando Concha Rousia posta em sua página do Facebook (01/09/2016) a revelação de que, na sua voz: “Por vezes a poesia/ sou eu/ cheia de estrelas/ por dentro”, torna-se testemunha do poder de resiliência de que são sujeitos os seres fictícios a que tem dado origem. Em outros momentos, já dissera que sua poesia aporta uma “mensagem sagrada/ uma mensagem das deidades” (CR, 2016:71). Essa consciência que lhe permite apresentar-se como “cultivadora”, ao mesmo tempo em que é – e estabelece a ordem de importância – “(...) labrega, poeta, psicoterapeuta”, mostrando-se também singular na sua pluralidade de falas que se opõem e complementam: ora deusa “quase filha de um anjo”, ora guerreira, defensora dos ideais de sua pátria combatida por questões linguísticas, especialmente. Eu diria mesmo quase um Prometeu de saias e sem castigo.

Por isso, quando é para menos, argumenta: “sou assim/ mais triste do que a tristeza” (CR, 2016:72) e se define: “(...) sou nada e nem posso reter o que fui”; quando é para mais, espera cumplicidade advinda do desejo coletivo, simbiose que lhe permite declarar: “Não sei o teu nome.../ Intuo-te caído por dentro... (...) o nosso calor se junta. Se mistura, se irmana, e eu poderia/ talvez, chorar as tuas lágrimas e sentir que eu sou outra tu/ eu sou apenas outra tu escondida detrás da inconsciência...” (CR, 2016: 67). Portanto, para esse “eu lírico” ambivalente e plural, eu existo e tu existes, mesmo que de mim faço nada porque já nem sei

quem sou, nem quem tu és, mas ambos, sendo mortais, somos um nesta existência. E o testemunho de ser-se nada gera força naquela que sabe conjugar o verbo da coletividade: “...ser eu sem saber que sou eu/ mesmo ser tu sem saber que sou tu/ mesmo ser pó sem saber que sou pó (CR, 2016:26).

O “eu lírico” continua em desalento. Assume-se: “sou assim/ mais triste do que a tristeza” (CR, 2016:72). Em outros poemas, outras são as causas, mas o sofrimento é o mesmo. O contexto em que a autora empírica repousa o olhar, agora se volta para as consequências da perda do direito de ter a língua materna como língua usual. e, com a mesma resiliência pressentida pela maioria imersa no infortúnio social, os receptores ideais desse “eu lírico” solidarizam-se com aqueles em que já medrou a sofrida desesperança, embora restem-lhes ainda o desejo de recuperar o que é seu de direito, um direito agora renegado. E o futuro, prenhe de dúvidas só guarda a certeza do passado. E ouve-se a queixa: “Quem perde a sua língua/ algum dia no Olimpo das deidades/ tem, por força, de reencontrá-la” (CR, 2016:21). Por força e fé, lá, no além... E aí haveria a reconciliação na conciliação do que agora o poder é só imagem e símbolo.

Essa forma de dizer, esse olhar crítico ao que sucede em seu mais me toca diante da indignação confessa: “Podem prender os nossos corpos/ e prendem os nossos corpos// Podem tapar as nossas bocas/ (...) E tapam as nossas bocas// Podem deitar lixo nos nossos ouvidos/ (...) Podem, podem...”. Os que podem não temem. E os que temem sentem-se paralisados pelo mando de homens e mulheres imbuídos de decisões que não são respostas às necessidades populares. Esse é um “Tempo de se render não” (CR, 2016: 73; 74), clama a poetisa ao lembrar o passado imbatível de glórias. E cito, não, “... Nunca poderão entrar/ no sagrado da nossa memória// Nunca vencerão o nosso exército de árvores/ que erguido e Celta vive no nosso interior”. O cenário está pronto. Vamos à ação!

E, aqui, enquanto leitora, e acreditando no que ouço dessa voz ora trágica, ora cheia de ternura, torço para que a profecia revelada pelos versos se realize em razão da esperança que vibra nas fímbrias do desejo da recuperação bendita: “Nunca queimarão o nosso bosque de almas/ onde crescemos onde nos nutrimos/ (...) jamais nos renderemos// Jamais jamais/ jamais nos renderemos”. Essa afirmação, tão poderosa quanto eloquente, deixa sobressair a seiva evadida de patriotismo concentrada nas palavras que denunciam uma Galiza, “mãe viva” de “filhos mortos”: “os mortos que inçam as ruas/ não me falam/ cruzam-se comigo/ mas acho que não me veem// Cravam-me com a sua transparente indiferença/ (...) E a mim mata-me/ mata-me viver com estes mortos” (CR, 2016:29). O alheamento de uns, o empoderamento de outros, no geral, sempre o sofrimento dos que nem podem, na verdade, contar consigo mesmos.

Numa terra longeva, a escolha para o título de um livro, *Se os carvalhos falassem*, tem muito que dizer já que o título açambarca a semântica total da obra. Dessa forma, a condicional “Se” abre-nos um mundo de expectativas que se alongam através das reticências. E o sintagma verbal cria o mapa poético onde se desenham os roteiros de muitos entendimentos, mesmo que as linhas estejam apenas projetadas. E a antropomorfização do título patenteia o dizer de Concha Rousia em palavras poucas porque extenso é o seu significado. A fala é carregada de simbolismo e magia: o carvalho sustenta-se como o eixo do mundo (Chevalier;Guerbrant:1996), o holograma capaz de sustentar miríades de epifanias jorradas do interior da alma da poetisa em lances de memória e denúncia porque fruto da partilha da eterna complementaridade dos opostos (Jung: 2016), em gozo e solidariedade; em sofrimento e proteção; em sonho e na crua realidade onde se luta porque se valoriza e se quer a liberdade de expressão, e uma vida digna, justa e compartilhada com equanimidade por todos.

Ainda na capa do livro, *Se os carvalhos falassem*, sobre a foto de uma casa de pedra, destaca-se o título da obra que, por 99 páginas, enfeixa 55 poemas. Casa ou templo; carvalho ou árvore-da-vida, dupla simbologia que nos lega a junção perfeita entre a Terra-mãe, da qual nascem as pedras, e o céu para onde normalmente as pedras e as copas dos carvalhos apontam. Assim, pedra (resistência) e carvalho (regeneração), ao encabeçarem os poemas, podem levar-nos a interpretações tão dissemelhantes quanto são os sentidos de permanência os ligados à conotação de impermanência. A pedra, na sua solidez estática pode ser o ponto estratégico que ancora e protege nossos desejos, afirmações e ações concretas, enquanto o carvalho, pelo seu poder dinâmico de longevidade e de regeneração diante dos ciclos da vida e da morte, propulsiona a peremptória evolução da vida quando nada permanece fiel ao que já foi mudando a cada estação. Até mesmo o sentido dos benefícios da impermanência não nos garante sua perpetuidade. A eternidade é feita de momentos...

No entanto, chama atenção um elemento comum aos dois conjuntos de elementos pedra e casa e casa e carvalho: na mesma proporção que se complementam, pedra e casa se distanciam conforme o sentido que emprestamos às duas metáforas. A casa, templo, abrigo e segurança, também pode exprimir pobreza de horizonte, enclausuramento, contenção, assim como pedra, pode figurar com a aceção de segurança e durabilidade, mas também de dureza, estilhaçamento impossível de se recuperar, trabalho e luta penosa pela sobrevivência. A casa, continuando com o mesmo significado, pode ser corporificada como o lar, o ambiente acolhedor em que pai e mãe são os provedores e protetores naturais, um mais do corpo, outro, principalmente, de

espírito, como bem exemplificam os dois poemas iniciais da obra oferecidos um ao pai, o primeiro, e o outro, o segundo, à mãe.

Numa tentativa de se definir a identidade desse “eu lírico” que transita entre esses lugares antagônicos, citamos o poema *Todos os meus seres* (CR, 2016:85) onde a voz que fala, revela sentir-se carvalho, filha da mãe Terra e irmã das estrelas, com ascendência celestial: “Nasci no colo dessas montanhas (...) Quase filha de um anjo” quer dizer, esse “eu lírico” apresenta-se como meio humano, meio deidade, um arquétipo que, entre a liberdade e a escravidão, simplesmente é o que afirma e nega, diz e contesta. Assim, com a liberdade de fronteiras poéticas, tanto as de compreensão literal como as advindas pela literariedade, a leitura dos versos de Concha Rousia direciona o entendimento a extensos e variados territórios. Se não, vejamos: “Atravessei o mar/ e o meu cabelo/ ondulou-se para sempre / Estiquei os meus braços/ e senti que neles me nasciam penas/ e o ar me elevava ao céu/ Fechei os olhos/ e neles pousaram-se as estrelas// Andei descalça pola relva/ e a terra deu-me raízes/ e contou-me que eu sou dela”. Assim, terra, água, ar, madeira e metal, vivendo as sem-fronteiras de estado, na liberdade que os reinos da natureza permitem ao criador literário, forjam um “eu lírico” que consegue distinguir as máculas da infância, quando as lembranças gotejam dores que a tradição não engendra. Em Quando era miúda (CR, 2016: 86): a imposição institucional emanada de mentes pequenas marcava dolorosamente as lembranças que da dor fizeram bandeira. E hoje, na indignação não contida, a revelação não mais escamoteada: a escola, “cárcere sem janelas”; a “igreja fria, gélida e despiedada” uma “corte sem vacas”. E ambas: escola e igreja a violentar língua e espiritualidade por todo o transcurso de uma vida.

No poema *Ser* (CR, 2016:42), a VOZ, e aqui podíamos grafá-la em maiúscula, a voz do eu lírico assume-se como pertencente a uma “cultura milenar”: desde a dúvida de nada ser à certeza de ser múltipla naquilo que deseja compartilhado: “Sou chinesa/sou africana/sou japonesa// Sou galaica/ sou índia e sou malaia// Sou a terra/ sou mulher/ sou mãe/sou filha/ sou filha da filha// Sou infinita...”, até a certeza do que já foi e continua a ser, embora nem sempre tenha a convicção de que realmente já tenha sido. E é pela Lagoa de Antela que diz: (...) fui água repousada/ fui carícia da Terra...” Já não sou eu quem me define/ É só a minha inexistência a falar por mim... (CR, 2016:38). De todos os modos, a confissão inequívoca confirma o estado de desilusão que aflige o emissor: “sou ferida aberta” ...Ainda na sua voz, nos versos dedicados à rememoração dos antepassados povoadores, do povo que traçou o destino e lhe ensinou a coragem de soltar a voz, o compartilhamento:

Houve um tempo em que fui índia/ e corri descalça pelo campo/ sem saber que o campo era meu/ mas era/ sem eu saber e sem saber o campo// E era livre sem saber que era// Eu era... (...) Nesse tempo que era índia/ fui água/ fui rio/ e

fui lagoa.../ sem saber que era/ e agora que volto a esses lugares inexistentes/ e despovoam-me as minhas memórias/ e fui águia e amei a montanha/ .../ e fui lobo a encher de som a noite/ e fui lua que ama a terra/ sem saber que a ama/ e fui pessoa sem saber que era// E agora sou nada (...) . (CR, 2016:25, 26).

E por sentir-se “nada”, tudo tornou-se “areia no deserto” daquela memória.

E é nesse balanço onde o yang e o yin confluem para o enlace poético, a sua voz, sendo voz da vida, é dita para ser ouvida: A minha voz/ é uma frondosa árvore de sons (CR, 2016: 80). Então, a voz continua cantando não só comunhão, mas também sementeira, gestação e frutificação, tal qual como se ouve no poema Vozes da minha voz (CR, 2016:56), que clamam: “voz da chuva (...) voz da montanha/ (...) voz das pedras/ e a voz da madeira/ (...) voz da Terra/ voz das que cantam/ e a voz das sem voz/ das que já calaram/ e das que ainda não falam// Sou a voz da vossa voz/ da nossa voz... Sou Uxia Senlle”, que canta Espanha. Que canta Galiza.

Língua e cultura são pilares de nossa identidade. Este é o nosso modo de viver, estar e fruir o mundo. E a palavra é o veículo da nossa dor e da nossa esperança: A minha ortografia.../ é uma emigrante retornada (CR, 2016:24), diz Concha Rousia. Na Metalinguagem, o yang manifesta-se, com imagens fortes, carismáticas e masculinas: “Levo o mar na palavra” (CR, 2016: 80); e o yin corrobora tal força sendo corpo que engendra o poema: “Eu escrevo com sangue que me queima/ que me cicatriza as feridas que me causa o parto dum poema” (CR, 2016:48). E o léxico desse “eu lírico” confessa: “Quando fui pobre (...) fui rica e não sabia (CR, 2016:84); o pêndulo oscila entre palavras “fortes como troncos... outras mais leves como ramos” para dizer que “palavras que borboleteiam (...) como cócegas ao vento...” são folhas que voam” ... Mas, o que há tudo salva é que existe “(...) um passarinho (...) consola-me quando a saudade aperta/ contando-me contos que sabe ou inventa/ o meu passarinho tem dias que é pura fantasia” (CR, 2016:81)

Quanto aos mitos que transitam no subterrâneo da poética de Concha Rousia, repito-me ao dizer que sua lírica está constantemente voltada à sua língua de origem, mais precisamente à Galiza: Terra de homens e mulheres/ que viveram/ que amaram/ que existiram/ e morreram (CR, 2016:88;89). E à Galiza, Concha proclama com vigor ufanista: eu sou só tua”. No entanto, não termina aí, sabe olhar para os lados e ver até onde seu amor pela língua pátria se estende. Aproximamos a sua maneira de irmanar-se também ao nosso país, mesmo que seu coração esteja fielmente vincado nas terras de Compostela: Brasil, / sinto-te tão meu/ que a minha própria pátria/ deixa de doer-me” (CR, 2016:92). Entretanto, nem sempre sua observação é leve, deixando transparecer certa mirada de loba ferida: Galiza, “Maldigo a classe intelectual que te traiçoa sempre...! / acomodaticios preguiçeiros/ incapazes de levar à escrita/ o que o povo

transportou (CR, 2016:91;92) nas suas mãos e bocas/ ao longo de tantos séculos// Galiza...”

Por isso, talvez, a escolha pela dupla de signos que levam a múltiplos significados pode transmitir a ideia de que também o “eu lírico” de Se os Carvalhos Falassem pertencem ao panteão das deidades encarnadas neste planeta, aquela que, sendo única, é Una com o Cosmos. Ao identificar-se com a Totalidade, Concha Rousia, através do seu “eu lírico”, dá-nos a dimensão do que podem ser considerados mitos contemporâneos, alguns dos quais sustentam e dão peso à sua obra, tal como é a percepção da identidade nacional – a “língua é a minha pátria” – que, em determinado sentido encontra-se rota. Os méritos da reconquista, voltados para a justiça e para os direitos humanos, me parece ser o grito de alerta que flui da produção literária de Concha Roussia, sinal de que, pelo menos, durante a travessia por este continente planetário, ainda há tempo de se entender que literatura é lampejo de cujo manancial brota o conhecimento que pode curar a nossa psique: “Sou uma viagem/ que sabe do seu final/ incerto no tempo e no espaço.”

A universalização das imagens metafóricas de Se os carvalhos falassem é-nos oferecida em clima de renovo, redobrando a cada página e a cada leitura o jogo do encantamento pela riqueza de suas variações significativas, desde uma consciência racional até uma subjetividade poética que deixa extravasar uma “luminosidade, um reforçamento da coerência psíquica” (Bachelard, 1978:5). E esse sonho que Concha envolve em múltiplos acordes revela uma consciência forte e lúcida que crê no poder do sonho tanto quanto na força da palavra dita e escrita. E os sons da fala escrita abrem caminho para uma polifonia de sentidos capazes de gerar no leitor a vontade transcendental de transformar o mundo, criando espaço para a harmonia pessoal e paz coletiva. Pelo menos, é isso que se espera e, que provavelmente, Concha tenha desejado.

Assim, árvore, pedra e casa falam-nos dos dois aspectos arquetípicos da Vida: a estagnação e a mudança. Do ponto de vista literário, a submissão de uns por falta de conhecimento das forças internas e dos direitos intrínsecos; do ponto de vista sagrado, a passagem para a assunção da dignidade de uma vida com ética, conforto e valorização dos seus fazeres e saberes, resultado não só de uma escolha pessoal, mas de um trabalho plural de conscientização humana, política e social. Pedras, água, casa, árvore (carvalho e loureiro), receptáculos e veículos do sagrado, concretizam o dom espiritual que perpassa por toda a obra de Concha Rousia. Do feminino e do masculino conjugados, a liberação do jugo do inconsciente que escraviza.

Em suma, como se continuasse no propósito literário lançado em As Sete Fontes, Nântia e a Cabrita d'Ouro, seguindo o plano do lendário e mítico, Se os Carvalhos Falassem é o pulsar lírico do que a poetisa já fez manifestar-se por vozes várias na prosa de ficção, num desenho nítido do que ficou apenas e

metaforicamente subentendido nas dobras das páginas anteriormente editadas. Um dos exemplos que se pode apontar são os múltiplos sentidos das figuras de linguagem relacionadas à palavra pedra. São casa de pedra, pia de pedra, noite de pedra, memória de pedra; também “de pedra o horizonte/ com as suas lendas/ a escrever a nossa memória” (CR, 2016:52) de penedos, misérias, humilhações e injustiças. “Lá no fundo/ oculta/ apenas fica aquela grande pedra/ aquele perpianho/ que, “pesa (...) na lembrança isolada do teu existir” (CR,2016:31-33).

Também as personagens da ficção narrativa de Concha Rousia se defrontam com dificuldades e obstáculos de ordem moral provenientes de pessoas investidas de poder de representação cívica que agem, falam e decidem em nome da maioria. Assim, o sonho arquetípico de uma Terra-Mãe saudável e progressista, de uma Galiza dadivosa enquanto berço da cultura e da língua utilizada por mais de 261 milhões de falantes, a quarta do mundo, esfacela-se diante da tirania de uma minoria que têm nas mãos o destino da pátria. Assim, me parece ser. Por essa razão [e por outras], tenho vontade mesmo de, em eco, repetir uma das declarações da autora, quando, com valentia, fala da sua aldeia natal, “Covas: o meu mundo aí no colo das montanhas”. E com ela, ainda, em simbiose fraterna, admitir: Eu sou essa montanha preguiçeira/ (...) sou ventre de mar/ sou a Rousia (CR, 2016:40). E - por que não? - com ela, levantar o bastião defensor do uso da língua, que também é a nossa. “Quem perde a sua língua/ não tem mais deus/ não tem mais pátria/ não tem onde ir morrer...// (...) não tem verbo/ para fazer-se carne / para fazer-se casa dessa alma// ... Seremos ave fênix/ mortos que sempre renasçam...” (CR, 2016: 20;21). E assim, a cada produção, a cada enfeixamento de sua lírica ou de sua intervenção via ficção, Concha Rousia, também se ergue sob a forma de ave migratória que busca fugir, e calor em outras ambientações. Assim é sua prosa de ficção, se não vejamos:

As Sete Fontes, 2005: há nos versos do poema Tempos Duros, indicação de fato verídico, ocorrido com o pai da autora, que salvou da cobiça do clérigo o relógio de sol da sua aldeia. “o único que temos para medir / o tempo, pois vivemos num mundo no que outros nos mudam a hora”. Nos primeiros versos, Concha diz que “Na Galiza o tempo é de pedra, o sol é de pedra, a alma é de pedra” e até mesmo a sua memória é também de pedra... Então, parte-se do pressuposto que, realmente numa aldeia da Galiza, existiu numa aldeia, e era a de Covas, um relógio de pedra que marcava as horas e que foi salvo pela coragem de um campesino. Pois bem, esse assunto, essa “narrativa fundamentadora”, esse “núcleo mítico”, como diria Durand (199-:68) será retomado no romance, mas fica a indagação: O que será um mundo de pedra? “Memória de pedra”, tempo, sol e alma de pedra?

A princípio, quero crer que memória de pedra é aquela memória que não se apagará nunca: forte, resistente, que ficará para sempre... Perene. E que tempo, sol, e alma, seguindo o mesmo raciocínio, também são presenças eternas,

infinitas, sem começo e fim. Perene também é a presença do pai, a quem a autora oferece o poema cujo título encabeça seu livro de poesia, onde diz “Se os carvalhos falassem, não ficaria tão só”, confessando: nem os monólogos queimariam tanto a garganta.

Na minha leitura, o pai ausente se presentifica através da imagem do carvalho, metáfora de valoração, vigor, resistência e força (e a homenagem a ele está feita); também homenageia a mãe no segundo poema do livro no poema “De Madeira” (RC, 2016:11;12), da mesma forma, comparando-a com a firmeza e versatilidade da madeira – em oposição ao cortante metal : “De madeira tu que te sabes manter firme como o pau”, assim como “de madeira o sonho e o barco no qual foges/ Salvando o mundo das chamas”. Em outras passagens para relembrar os que já se foram, o “eu lírico” oferece, mediante um objeto cuja utilidade descreve, O Carro das Vacas (RC, 2016:60), o seu reconhecimento figurativo: “Não, não é um simples carro/ não é madeira que apodrece...// É um ser vivo que se rende”. A ideia também da madeira/carvalho como proteção, arquétipo ligado à mãe e ao pai, pode ser sentida em Galiza II (CR, 2016:89), “o deserto chegara/ às nossas almas// Desoladas ante a devastação/ começamos já/ a erguer dentro de nós/ um exército de árvores”.

O romance As Sete Fontes: em 188 páginas, desenrola-se a história a partir do desaparecimento de uma peça de arte sacra – pia batismal de pedra – do Museu Arqueológico de Ourense, sem que nenhuma pista denunciasse os autores do furto. O Prólogo do livro, assinado por Isaac Alonso Estraviz, indica que há um Glossário ao final do volume, orientando para a possibilidade de uso do dicionário eletrônico Estraviz [. Que bênção!]. No Limiar, um narrador indeterminado relata em terceira pessoa a notícia do furto veiculada pela imprensa local ao acompanhar as buscas, enquanto que os três homens “custeadores da pia”, sucedendo-se à frente de um carro [de bois] puxado por um de cada vez, aceleram o processo de devolução da pia à sua igreja de origem, caminhando apenas à noite, e em surdina. A travessia se estende por sete capítulos. Mais duas seções compõem o texto, à guisa de conclusão da história romanceada: “Descobrimto” e “Um ano depois”, a primeira, contende o final a que chegaram os cinco personagens, os três já citados e os dois investigadores; e a segunda, restaurando todos os malefícios cometidos por aqueles personagens representativos das instâncias ideológicas e sociais da região: a religiosa (Narciso, o ex-padre), a política (Ovídio, o ex-Alcaide), a econômica (Perfeito, o Racha-Pedras), a imprensa (Nuestra Región), o investigador 1(o bom campesino) e o seu acompanhante (pseudo investigador 2), afinal, pesquisador universitário, o povo e a família de camponeses. No primeiro capítulo, o leitor fica sabendo que a peregrinação acontecerá durante

(...) sete luas, que começarão a contar quando chegarem à primeira das sete fontes polas que há de passar a pia antes de arribar ao seu destino



*definitivo. (...) Sete são os pontos polos que a hão de levar, e cada um corresponde-se com uma das sete fontes das que darão de beber à pia antes de depositar no lugar que foi destinado a ela. (CR, 2005:13).*

Assim, a pia de pedra de 500 quilos, foi penosamente carregada, por montes e vales, pedra e lamaçal, no carro de madeira puxado e/ou empurrado pela força física dos três homens que, à medida do esforço despendido, vão se conscientizando da pequenez da sua existência. A pia, à medida que os homens mergulham no seu interior, agiganta-se na acepção de mais um elemento sagrado – o batismo, passagem para o mundo cristão – eixo capaz de, mitologicamente, devolver ao não-batizado a sua identidade original. A pia, durante a travessia [tão a gosto dos brasileiros Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Ariano Suassuna], aumentando seu peso pela sede saciada com a “Água Viva” de cada uma das Sete Fontes, fora objeto da cobiça de um padre corrupto antes de compor o acervo do museu de onde fora retirada. Agora, é a vez dos três carregadores, condenados pelas suas respectivas consciências, vivenciarem o rito de passagem que lhes cabe, cada qual saindo das trevas para o mundo da luz (CR, 2005:13). O caso é seguido pela comunicação jornalística e pela população. E é no silêncio de noites sucessivas, durante quarenta e nove dias, que os três homens vão vencendo o caminho e a si mesmos em peregrinação forçada, com cada qual dando asas à sua imaginação que, aberta ao inconsciente, lhes fará rever a conduta até então desregrada, momentos propícios para as lembranças, angústias e feridas existenciais até chegar ao arrependimento e logo, logo, ao desejo de reparação do erro cometido. O mito da perda de identidade, tanto dos carregadores quanto dos aldeões, é instalado com a devolução da pia às almas sofridas da aldeia abandonada pela sorte e pelas autoridades, castigada pela miséria, doença e morte. Com a possibilidade de renovação pelo batismo, a identidade dos aldeões se consubstancia e a esperança de paz e sossego se estabelece. Concretizou-se a regeneração.

Um dos pontos que considero de relevância na obra é a parte em que o ex-Alcaide, depois de longo tempo em atitude de recolhimento interno, retoma o seu primeiro nome: Ovídio. Num ato de transcendência – a dor do esforço físico e o tempo de estar sozinho [mesmo acompanhado pelos outros dois] abrem-se-lhe as portas do inconsciente, devolvendo-lhe a capacidade de julgar a conduta pregressa, levando-o ao arrependimento e às atitudes éticas que é por ele manifestada mais adiante quando se coloca como um cidadão solidário que quer recuperar o estrago social pelo qual foi o responsável. A primeira volta à essência, acontece diante de um carvalho, elemento de monumental simbolismo na obra de Concha Rousia.

Mircea Eliade (1989:13;14) considera que são a “visão religiosa do mundo e a ideologia que dela deriva que permitem ao homem fazer frutificar a sua experiência individual, abrindo-a em direção ao universal”. E mais: que a imagem

repetida da Árvore do Mundo, no caso de Concha Rousia, o carvalho [imagem que se repete nas três obras em estudo], ao significar a totalidade cósmica, sugerindo a compreensão metafísica do universo, transmuta a experiência individual desperta em ato altamente espiritualizado. Assim, a metáfora do carvalho, a exemplo dos símbolos gerados pelo inconsciente pode indicar a possibilidade de transformação dos fatores antagônicos que angustiam o homem, mudando o negativo em positivo, numa renovação capaz de regenerar todo o mal do mundo; geralmente esse processo se desencadeia em momentos em que parece o agente se abstrai do mundo real, como se sua consciência fosse abduzida. E é exatamente o que acontece com o Alcaide que, “teso como uma candeia”, “postava-se frente aos carvalhos” e “ali seguia cantado sem se trugar”, com “os olhares perdidos pela janela que mirava para o seu interior, na que ele se afincava desde havia uns dias. O que via deixava-o sem resposta possível” (...) “Ele queria que só o vissem os carvalhos” (CR, 2005:138-139).

Na sua busca inconsciente, o Alcaide,

*(...) tão feio (...) tão pobre (...) tão-pouca-cousa. (...) carvalho que (...) nem sequer se soubera carvalho. (...) E ali ficaria até que (...) olhasse a sua mão e visse os musgos prateados que sobem como se duma pôla de carvalho se tratasse. Deitou-se no chão e recebeu o abraço da terra almofadada que o acolhia sem críticas, com silêncio aceitador que só rompeu para lhe murmurar no ouvido o anúncio daquele renascer possível: ‘Tu também Ovídio, se o desejares, tu também podes ser meu filho’. (.) Ele quer ser filho da terra, como o carvalho... (CR, 2005: 143-144).*

E do ex-Alcaide, de alcunha Rebenta-Ruas, renasceu Ovídio, assim como renascia em Narciso, o ânimo de igualmente reparar o passado. Também pela água, em Concha representada pelas Sete Fontes, o milagre acontece: a história tem um final feliz. No romance, a água se avoluma em vertentes simbólicas, representando o infinito de possibilidades de ascensão humana em direção ao sagrado, depois de fases de regressão e de desintegração, expressamente vividas pelos três homens portadores das novas posturas éticas que se avizinhavam.

O valor de uma comunidade nasce, cresce e fortalece-se com a aceitação do batismo pelos fiéis, por isso, no retorno da pia de pedra ao seu local de origem, as aldeãs correm a batizar suas crianças, aquelas mesmas mulheres que haviam perdido filhos e parentes para a miséria e a doença; mulheres que sofrem a “tristura [que] enche os lares de Penacova” (CR, 2005:174-176), onde as “gentes se avelhentam (...), se transformam e se vão convertendo em estranhos (...) todos presos nesse caminho que leva à morte e à extinção... O cíclico dentro do cíclico na espiral que leva a nenhures, ou a algures”. Com a pia de volta, o “resplendor” que ofuscava o olhar de Narciso, racha-se em três direções, e de “cada raiola emanou sua imagem, uma para cada um”. E os três se viram tal qual

foram no passado, a vida rolando como um filme; e, caídos por terra, faziam promessas de emenda: “Narciso estava agora ajoelhado e prostrado ao pé da pia (...) agora sente as cutiladas da dor que noutrora lhe anestesiara o álcool. E em voz baixinha, só para ele e a pia, suplica ser perdoado... incansável e prostrado no chão repete: ‘nunca mais, nunca mais...’”

Fala-nos de Nântia, pediu o repórter; e Concha resumiu o seu pensar: “(...) é a minha filha literária mais jovem. Ela é tudo que eu quero ser, mas ainda não consegui. Nela posso-me projetar. (...) é um romance que tem lugar num mundo que vai ainda vivo. (...) Nântia vêm sendo os fantasmas em que nosso ser coletivo, nosso ser cultural, sobrevive”.

Nântia e a cabrita d’ouro, romance para jovens, caracteriza-se como pertencente à literatura fantástica. Nântia é filha do ferreiro Brigam, e enfrenta os perigos pertinentes ao mundo maravilhoso. Ajudada pela prima Illa e por Brath, que a ama e pelos seus animais de poder – os dois pássaros (rolas), o Cavalo Branco, Maro, e o lobo Paleug - têm a missão de recuperar a Cabrita d’Ouro, “o mais importante dos elementos de culto da gente deste vale” (CR,2012:13) que a poderosa Rainha-Loba tomou dos aldeões. O amuleto de ouro é o único objeto que pode conter a maldade de Cerne que exige dos campesinos uma vaca diária para o seu sustento. Em casos excepcionais, o animal do sacrifício é substituído por gente dos campos baixios.

Nântia aceita o desafio imposto por Ébora, a sábia do bem, rival de Cerne, a feiticeira Rainha Loba. Dentre os obstáculos a vencer, estão os ritos iniciais da passagem para a condição de feiticeira ou bruxa, entre eles, o enfrentamento às feras de olhar lucerino do bosque, a captação do Salmão da Sabedoria, a despedida dos seus – “o Elo se ressent na despedida” (CR, 2012:164), a viagem ao desconhecido, a obediência às ordens dadas e ao caminho escolhido pelos animais e objetos sagrados, a travessia das Terras Proibidas, o cruzamento do rio do esquecimento, a penetração até então impossível na lagoa de Límia, o enfrentamento à horrenda Cobra Gigante e aos demais obstáculos, a prontidão e a esperteza em criar novas formas de defesa. A coragem de assumir as provas fê-la vencer as armadilhas da terrível Rainha Loba. Nântia vale-se de Briona, a Espada-que-Vive e da torques, gargantilha/amuleto, feita em ouro pelo pai ferreiro, que lhe permite a transformação necessária na hora de fugir do perigo. Obedecendo a todos os cânones do conto fantástico proposto, Nântia e a cabrita d’ouro fornece uma leitura agradável onde nem mesmo os grandes perigos assustam o leitor. Há uma delicadeza intrínseca nos gestos da heroína que se desvencilha dos obstáculos com elegância, firmeza e sabedoria, incluindo as investidas de animais medonhos, como a Serpente Grande e a Serpente de Sete Cabeças da lagoa. Acredita-se em Nântia e no poder que nela está investido: “... Só somos realmente vencidos por aquilo que deixamos que nos vença dentro de nós”, ensina Nântia (CR, 2012:53).

Depois de Ébora ter vencido Cerne e, já de posse da Cabrita de Ouro, a jovem heroína, que havia perdido a memória, recupera-a quando é chamada por Ébora. Ainda sem plena consciência de si mesma, Nântia torce a torques e o ciclo se completa. Ébora, aflita com o que pode acontecer, “no desespero olhava para a copa dos carvalhos pedindo ajuda, estavam perto da Carvalha, onde Nântia superara todas as suas provas, e onde um dia o bosque a vira nascer...” (CR, 2012:327).

Nântia recupera-se e Ébora, numa tentativa explicar as provas por que passou e de a consolar pela mãe reencontrada e não reconhecida, o que vale dizer, perdida, para a jovem menina, profetiza: “(...) dia vai chegar em que todos julguem que foi uma lenda, deixarão de ouvir os bosques, os carvalhos ficarão sem poder falar como agora nos falamos, e a Cabrita d’Ouro deixará de ser escutada. Correrão os tempos em silêncio e um dia uma irmã de um clã de além dos mares irá vir” (CR, 2012:339). Seria Namay?

Mesmo diante da magnitude das outras obras, Nântia e a cabrita d’ouro destaca-se pela leitura prazerosa onde o bem sempre supera as emboscadas, as traições e as maldades impostas pelo poder. São valorizados trabalho, persistência, coragem, solidariedade, liberdade, capacidade de adaptação, generosidade e reconhecimento das pessoas, assim como inteligência, perspicácia, astúcia, segurança e independência continuam fazendo parte do rol de valores e princípios de concordância e paz entre os homens, bem assim como explica Luciano Pereira ao concluir seu estudo sobre o imaginário fabulístico que compõe as fábulas portuguesas; em Em Nântia e a Cabrita d’ouro todos esses valores e princípios estão presentes; mas ainda é preciso que as fronteiras se anulem para que isso verdadeiramente aconteça em nosso mundo real.

E assim, para honra dos galegos e satisfação dos seus leitores, mantém-se uma Concha Rousia que, aparentemente tímida, tem a força de mostrar o seu espírito amoroso, mas crítico, sua pujança frente aos temas linguísticos e sociais que ainda precisam de ajustes, sua feminilidade na escolha do cenário onde seu pensamento poético tem razão de ser. Na hora mágica do olhar as estrelas para sentir o cosmos, na hora em que “nem a melra voa, nem o galo canta, sua alma renasce, nova, sem passado e futuro e, ela, a autora pode-se sentir triste, mas “livre”, no seu sentido de “definitivamente libertada” (CR, 2012:97) pela poesia que conta dela o que foi: ora uma ora outra, em diversas “Biografias” que se encaminham para um desejo póstumo: que suas palavras retem “cinzas” como o corpo ficará no depois...

Apesar de imagem tão infecunda sobre sua própria existência, o que acredito sobrar do seu querer é a extinção dos “jardineiros cegos que detestam as flores” cultivadas nos jardins da Galiza e do mundo. Oxalá isso aconteça: uma pátria livre onde seus filhos em sã consciência e liberdade possam orgulhar-se, com Fernando Pessoa/ Bernardo Soares, de sua língua mãe, quebrando quebrar as

fronteiras que algemam corpo e da alma, permitindo a vida e o sonho, a emoção e os sentimentos de cada utente da língua que o identifica.

“Eu sou as escolhas que faço/ Eu sou a Natureza”, conclama Concha Rousia, o que vem confirmar a ideia de que tudo neste universo, em toda a Natureza, se integra, conecta, transcende... numa rede incomensurável de sentimentos, pensamentos, atos, fatos e acontecimentos sustentados pela tradição, pelas crenças, pela fé, pela imaginação, pela ciência, resultado de sucessivas existências de mundos paralelos- fictícios ou reais - que se interpenetram a fim de serem entendidos, compreendidos e compartilhados na sua essência. A polifonia e a multiplicidade dos elementos constitutivos do universo, embora por vezes embaralhem o sentido humano, na maioria das vezes, aproxima o diferente, o distante, o pouco usual. Há que se entender essa polissincronia universal para viver-se num mundo equânime mesmo com as fronteiras ideológicas, geográficas e até linguísticas.

Por tudo isso, e mais que isso, reforço, neste momento, a admiração pela capacidade literária - serpe em volutas, como que se quisesse tocar cabeça e cauda, mas que se abre em cada volta a uma nova e revigorante visão - tomada de consciência que, no meu entender, lança Concha para o pódio dos melhores escritores desta segunda década do século XXI.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Aguiar, Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1986), Teoria da Literatura. 7. Ed. Coimbra: Livraria Almedina.
- Bachelard, Gaston (1978). La Poétique de la Rêverie. Paris: Preses Universitaires de France. Bakhtin, Mikhail (1984). Esthétique de la création verbale. Paris: Galimard.
- Brunel, Pierre (org.), (1998), Dicionário de Mitos Literários. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Durand, Gilbert [199-]. Mito, Símbolo e Mitodologia. Lisboa: Editorial Presença.
- Chevalier, Jean; Gueerbrant, Alain (1996), Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva [et.al.]10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Eliade, Mircea (1989), Mitos, Sonhos e Mistérios. Viseu: Edições 70.
- Henderson, Joseph L. (2016), “Os mitos antigos e o homem moderno”. In O Homem e seus Símbolos, ~~conceção~~ ~~concepção~~ e organização de Carl G. Jung. Trad. Maria Lucia Pinho. 3.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil.
- Jung, Carl G. Jung (org.), (2016), O Homem e seus Símbolos. Trad. Maria Lucia Pinho. 3.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil.
- Pereira, Luciano [200-], “Recriação da Fábula”. In A Fábula em Portugal. Contributos para a História e Caracterização da Fábula Literária. Porto: Editora Profedições, Ida.

Peralta, José Jorge, “NOSSA PÁTRIA LUSÓFONA Num Mundo Multipolar”. In NOSSA PÁTRIA LUSÓFONA - I Acesso em agosto de 2016. Disponível em [www.patrialusofona.com.br](http://www.patrialusofona.com.br)

Rousia, Concha (2012). Tempos Duros. In Quintal d'Amaia. Acesso em 16/08/2016. Disponível em <http://republicadalousia.blogspot.com.br/>

Rousia, Concha (2005) As Sete Fontes Romance. Edições ArcosOnline/ Arcos de Valdevez. Acesso em 9 julho 2016. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/e-livros/1005744>.

Rousia, Concha (2012). Nântia e a cabrita d'Ouro. Galiza: Associação Galega da Língua. Através Editora.

Rousia, Concha (2016). Se os Carvalhos Falassem. Galiza: Associação Galega da Língua. Acesso em 9 julho 2016. Encaminhado pela autora meio do arquivo <http://www.recantodasletras.com.br/autores/rousia>

Wellek, René; Warren, Austin (199-), Teoria da Literatura. 5ª.ed. [s. local]: Publicações Europa-América.

**52 MONSENHOR (CARLOS FILIPE) XIMENES BELO, SÓCIO HONORÁRIO AICL, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1966 – CONVIDAD**



MAIA 2013

**DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO** (Uailacama, Baucau, Timor-Leste, 3 de fevereiro de 1948) é um Bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

Quinto filho de Domingos Vaz Filipe e de Ermelinda Baptista Filipe, Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu na aldeia de Uailacama, concelho (hoje distrito) de

Baucau, na costa norte do então Timor Português. O seu pai, professor primário, faleceu quando o jovem Carlos Filipe tinha apenas dois anos de idade.

Ingressou no Colégio Salesiano de S. Teresinha em Ossu, concelho de Viqueque a 2 de outubro de 1962, onde completou o ensino básico. Fez os estudos preparatórios no Seminário Diocesano de Dili, e no Instituto de S. João de Bosco em Mogofores (Anadia). Concluiu o ensino liceal na escola Salesiana de Manique de Baixo - Estoril, onde deu entrada no noviciado a 6 outubro de 1972 e professou pela primeira vez na congregação Salesiana de Lisboa. Foi ordenado definitivamente a 7 de dezembro de 1976.



4º Colóquio Bragança 2005)

Frequentou, também, o 1º e 2º anos do Propedêutico no ISET (Instituto Superior de Ensinos Teológicos) no curso de Filosofia. Fez o estágio no Colégio Salesiano de Fatumaca em Timor, em agosto de 1974. A guerra surpreendeu-o em Dili e impediu-o de regressar ao seu colégio, passando para o colégio Dom Bosco de Macau. Em 1980 veio a Lisboa e foi ordenado presbítero por D. José da Cruz Policarpo, Bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa. Excetuando um pequeno período entre 1974 e 1976 -- quando esteve em Timor e em Macau --, entre 1969 e 1981, Ximenes Belo repartiu o seu tempo entre Portugal e Roma, onde se tornou membro da congregação dos Salesianos e estudou filosofia e teologia. De regresso a Timor-Leste em julho de 1981, Ximenes Belo esteve ligado ao Colégio Salesiano de Fatumaca, onde foi professor e diretor. Quando em 1983 se reformou Martinho da Costa Lopes, Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico da Diocese de Díli, tornando-se chefe da Igreja em Timor-Leste, respondendo exclusivamente perante o papa. Em 1988, em LORIUM, Itália, foi consagrado como Bispo. A nomeação de Ximenes Belo foi do agrado do nuncio apostólico em Jacarta e dos próprios líderes indonésios pela sua aparente submissão. No entanto, cinco meses bastaram para que, num sermão na sé catedral, Ximenes Belo tecesse veementes protestos contra as brutalidades do massacre de Craras em 1983, perpetrado pela Indonésia. Na homenagem da cidade de Díli a Nossa Senhora de Fátima (1983) e na

Conferência Episcopal da Indonésia (1984), D. Ximenes Belo denunciou as atrocidades.

Vendo que os massacres e o genocídio não paravam, conhecendo bem o pensar da população, em fevereiro de 1989 Ximenes Belo escreveu ao Presidente de Portugal, Mário Soares, ao papa João Paulo II e ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, reclamando por um referendo sob os auspícios da ONU sobre o futuro de Timor-Leste e pela ajuda internacional ao povo timorense que estava "a morrer como povo e como nação". No entanto, quando a carta dirigida à ONU se tornou pública em abril, Ximenes Belo tornou-se uma figura pouco querida pelas autoridades indonésias. Esta situação veio a piorar ainda mais quando o Bispo deu abrigo na sua própria casa a jovens que tinham escapado ao massacre de Santa Cruz (1991) e denunciou os números das vítimas mortais. A partir desta data, D. Ximenes Belo tornou-se num porta-voz do povo timorense, assim como o seu protetor, dando apoio à causa da guerrilha e continuando a apelar interna e externamente à manutenção da Paz. A sua obra corajosa em prol dos timorenses e em busca da paz e da reconciliação foi internacionalmente reconhecida quando, em conjunto com José Ramos-Horta, lhe foi entregue o Nobel da Paz em dezembro de 1996. O ter sido laureado galvanizou o povo de Díli, numa calorosa recepção à sua chegada a Timor. Sempre cuidadoso nas suas opiniões, sobre a questão de Timor-Leste, D. Ximenes não deixou nunca, no entanto, de expor as arbitrariedades das autoridades indonésias. Em maio de 1998 foi doutorado Honoris Causa pela Universidade de Évora, e em agosto do mesmo ano o Presidente Jorge Sampaio condecorou-o com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Nos dias de ocupação, a Igreja era a única instituição capaz de comunicar com o mundo exterior, o que levou Ximenes Belo a enviar sucessivas cartas a personalidades em todo o mundo, tentando vencer o isolamento imposto pelos indonésios e o desinteresse de grande parte da comunidade internacional.



Montaigne 2016

A sua primeira entrevista a um órgão de comunicação, sob a ocupação indonésia, foi dada a Chrys Chrystello em agosto 1989 para a LUSA, RDP e TDM. Outras se seguiriam entre 1988 e 1993.

Após a independência de Timor-Leste, a 20 de maio de 2002, a saúde do bispo começou a esmorecer perante a pressão dos acontecimentos que tinha vivido. O papa João Paulo II aceitou a sua demissão como administrador apostólico de Díli em 26 de novembro de 2002. Após se ter retirado, Ximenes Belo viajou para Portugal para receber tratamento médico. No início de 2004, houve numerosos pedidos para que se candidatasse à presidência da república de Timor-Leste. No entanto, em maio de 2004 declarou à televisão estatal portuguesa RTP que não autorizaria que o seu nome fosse considerado para nomeação. "Decidi deixar a política para os políticos" - afirmou. Com a saúde restabelecida, em meados de 2004 Ximenes Belo aceitou a ordem da Santa Sé para fazer trabalho de missão na diocese de Maputo, como membro da congregação dos Salesianos em Moçambique. Posteriormente fixar-se-ia na paróquia do Bonfim, no Porto onde continua o seu trabalho. (in Wikipédia e outras).



4º colóquio BRAGANÇA 2005

**PRÉMIOS** Prémio Óscar Romero [Óscar Romero Award], Roma, Itália, 16 de maio de 1996.

Prémio John Humphrey [John Humphrey Freedom Award], Montreal, Canadá, 10 de dezembro de 1995.

Prémio Nobel da Paz, Oslo, Noruega, 10 de dezembro de 1996.

Prémio Della Pace, Taranto, Itália, março de 1997.

Prémio Della Pace, Ostuni, Bari, Itália, 28 de fevereiro de 1998.

Prémio Internazionale della Testimonianzia, Vibo Valentia, Calábria, Itália, 2 de maio de 1998.

Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, Chancelaria das Ordens da Presidência da República Portuguesa, 6 de agosto de 1998.

Prémio Personalidade Lusófona do Ano<sup>LI</sup>, concedido pelo MIL - [Movimento Internacional Lusófono](#), em 21 de fevereiro de 2010.

#### **DOCTORAMENTOS HONORIS CAUSA**

University of Yale, EUA, 26 de maio de 1997.

Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, Itália, 19 de fevereiro de 1998.

Universidade de Évora, 20 de maio de 1998.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 24 de abril de 2000.

Universidade Católica de Brasília, 25 de abril de 2000.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, 25 de abril de 2000.

Providence University (靜宜大學; Jingyí Dàxué), Taichung, Formosa, 19 maio de 2000.

D. Carlos Filipe Ximenes Belo é Doutor *Honoris Causa* pela [Universidade do Porto](#), por proposta da respetiva Faculdade de Letras (investido em 31 outubro de 2000, juntamente com [Xanana Gusmão](#) e [José Ramos-Horta](#)).

#### **BIBLIOGRAFIA**

- D. Ximenes Belo tem publicado diversas obras, prefaciado e feito posfácio a outras: *Demi Perdamaian da Keadilan* (Jacarta, 1997),

- *The Voice of the Voices* (Jacarta, 1997),



- [Timor Leste Nobel da Paz - Discursos...](#) Edições Colibri 1997 [Timor Leste Nobel da Paz: discursos proferidos na cerimónia de outorga do Prémio Nobel da Paz 1996 = East Timor Nobel Peace Prize: lectures delivered at the 1996 Nobel Peace Prize awarding ceremony / Francis Sejersted, Carlos](#)



[Filipe Ximenes](#) Paz: Nobel da Paz / D. Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto : Salesianas, 1998. ISBN 972-690-336-X. [Belo, José Ramos-Horta; pref. Jorge Sampaio; trad. Rosa Isabel Goreti Loro Sa'e. 1ª ed. Lisboa: Colibri, 1997. ISBN 972-8288-56-5.](#)

- [Subsídio para a bibliografia de Timor lorosa'e: uma listagem cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos desde 1515 a 2000](#)

[/ Carlos Filipe Ximenes Belo; apresentação de Vítor Melícias. Lisboa: CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2002.](#)

- [The Road to Freedom, Sydney: Caritas Austrália, New South Wales, 2001](#)

- [Nós somos peregrinos / Delfina da Silva Cardoso Ribeiro; pref. Carlos Filipe Ximenes Belo. Castanheiro de Ouro: Associação dos Amigos do Povo de Timor Lorosae, 2004.](#)

- [Gentio de Timor / Armando Pinto Corrêa; pref. Dom Ximenes Belo. 2a ed. Câmara de Lobos: Câmara Municipal, 2009. ISBN 978-972-8684-80-8.](#)

- [40 dias em Timor-Leste: uma interpretação: observações, percepções e análise de lusofonia emergente / Aires Gameiro; intro. D. Carlos Ximenes Belo. \[Lisboa\]: Pearlbooks, 2012. ISBN 978-989-9732-86-5.](#)

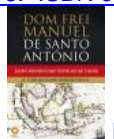
- [Vozes sem rosto: o mundo visto do lado dos mais pobres / Orbis - Cooperação e Desenvolvimento; pref. Ximenes Belo. 1ª ed. Parede: Sete Mares, 2009. ISBN 978-989-8128-09-6.](#)

- [Timor: a presença portuguesa, 1769-1945 / Fernando Augusto de Figueiredo; \[pref. Fernando de Sousa; posfácio Carlos Filipe Ximenes Belo\]. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da UNL, 2011.](#)



- [Os antigos reinos de Timor-Leste: Reys de Lorosay e Reys de Lorothoba, Coronéis e Dato / Dom Carlos Filipe Ximenes Belo. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. ISBN 978-972-0-09649-4.](#)

- [História da Igreja em Timor-Leste: 450 Anos de Evangelização \(1562-2012\) / Carlos Filipe Ximenes Belo. Lisboa: Fund. Eng. António de Almeida, 2013. ISBN 978-972-8386-94-8.](#)



- [Dom Frei Manuel de Santo António : bispo dominicano expulso de Timor / Carlos Filipe Ximenes Belo. Porto: Edições Salesianas, 2013. ISBN 978-972-690-820-3.](#)

- [Díli: a cidade que não era / Carlos Filipe Ximenes Belo. 1ª](#)



[ed. Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 978-972-0-06289-5.](#) [História da Igreja em Timor Leste](#) 450 anos de evangelização 1562-2012 Fundação Engenheiro António de Almeida 2014



- [Díli a cidade que não era, Porto: Porto Editora, 2014.](#) Domina várias línguas (tétum, português, inglês, italiano e bahasa indonésio), gosta de música clássica e de futebol.



com o Bispo de Angra no colóquio da maia 2013



MAIA 2013



GRACIOSA

Montalegre 2016

### SÓCIO DA AICL. (HONORÁRIO desde 2015).

TOMOU PARTE NO 4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005, 19º NA MAIA EM 2013, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016

Lança em 2016, em parceria com a AICL, UM MISSIONÁRIO AÇORIANO EM TIMOR, PADRE CARLOS DA ROCHA PEREIRA, com mecenato do MOINHO TERRACE CAFÉ



## INTRODUÇÃO

Tem este estudo o objetivo de perpetuar a ação Missionária do Padre açoriano Carlos da Rocha Pereira que passou 57 anos em Timor-Leste. O Padre Carlos foi um Missionário de extraordinário zelo pastoral e de total entrega à implantação do Reino de Deus nas terras de Timor.

Esteve no campo de concentração em Liquiçá durante a ocupação das tropas japonesas; passou anos terríveis no mato acompanhando as populações durante os três primeiros anos da invasão das Forças Armadas Indonésias, e só foi uma vez à sua terra natal, nos Açores, beneficiando da “licença graciosa” que lhe foi concedida pelo Estado Português. Depois de cinquenta e sete anos de convívio com os Timorenses que ele amara e servira, preferiu morrer em Timor, durante os tempos da “integração”.

Este estudo abrange uma breve biografia do Padre Carlos Pereira, uma breve síntese sobre a Circunscrição Civil de Cova-Lima, o Reino de Samoro na Soibada e o Hospital de Díli. A segunda parte apresenta as cartas por ele enviadas à redação da revista SEARA, Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli. As crónicas são de teor religioso, caracterizado pela descrição de Missas, procissões, administração de Sacramentos (batismos, primeiras comunhões e confissões); de visitas pastorais; descrição da vida dos Colégios, masculino e feminino, de Soibada. Nalgumas crónicas, faz o relato da agricultura, isto é o cultivo do milho e do arroz (o *néle*, ou *néli*, termo usado em Timor Português<sup>123</sup>).

O autor nunca se debruça sob o aspeto etnográfico, isto é, a descrição das regiões com os seus usos e costumes, das classes sociais, dos reinos existentes. Mesmo a nível da missiologia, sublinha pouco o papel dos professores e catequistas. Já na situação de “Missionário Ambulante pelas Missões e Estações Missionárias”, o Padre Carlos fornece, nas suas crónicas, alguns dados sobre o número de habitantes, de católicos e de catecúmenos, de escolas e de alunos e alunas.

Resumindo, podemos afirmar que as crónicas deste zeloso sacerdote espelham a práxis pastoral levada a cabo pelos Missionários de Timor Português nos primeiros 34 anos da Diocese de Díli (1940 a 1975).

Este livro consta de quatro partes: a Primeira trata da biografia do Padre Carlos da Rocha Pereira e da sua atividade Missionária na Missão de Cova-Lima, Soibada, Hospital e de Díli. Apresentamos nesta secção nove crónicas ou cartas que o Missionário escreveu de Cova-Lima. A Segunda Parte descreve a sua ação

<sup>123</sup> Na *Índia e Timor*. arroz em casca ou em planta. Do dravídico *nel*, *nellu*^ O termo é usado sobretudo em Macau e TIMOR e nos crioulos da Malásia. Ver também «O grosseiro *methodo de converter o NELLY em ARROZ neste paiz [TIMOR] é como se segue*» ... In *Annaes Marítimos*, 1843, p. 124, in Glossário Luso-Asiático, volume II, de Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado com introdução de Joseph M Piel, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

em Cova-Lima (Fohoren) na Missão de Fronteira. A Terceira Parte trata da sua ação pastoral na Missão de Soibada e no Colégio masculino do Beato Nun'Álvares e nas Estações Missionárias de Buburlaran, Fehuc-Rin, Fatuberliu, Fahi-Nehan e Lacluta. De Soibada, o Missionário mandou 30 crónicas para a revista SEARA. A Quarta Parte do livro apresenta as crónicas que como Missionário Ambulante mandava ao visitar as diversas Missões e/ou Estações Missionárias. São 14 crónicas.

**PREFÁCIO, POR J. CHRYS CHRYSTELLO, JORNALISTA (AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION – MEEA # 2977131) E PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL (ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)**

Quando em 11 de setembro de 1989<sup>124</sup> fui o primeiro jornalista em todo o mundo a conseguir entrevistar telefonicamente Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, em Díli, Timor-Leste – então sob a ocupação neocolonial indonésia – estava longe de imaginar-me a escrever esta nota de prefácio.

Tornaria a entrevistá-lo algumas vezes mais, ao longo dos anos negros de ocupação indonésia, mas nem sempre me deixavam falar com ele quando apertavam o cerco à sua ação em defesa dos Timorenses.

Vim a conhecê-lo e a entrevistá-lo pessoalmente, apenas em dezembro 1993, em Melbourne, aquando da sua primeira deslocação à Austrália.

Só nos tornamos a reencontrar em 2005 em Bragança no 4º Colóquio da Lusofonia, quando Timor já independente dava os seus primeiros passos, vencida a fase da luta em que ambos estivemos envolvidos durante décadas, em diferentes locais e de formas distintas.

Posteriormente, convidei Dom Ximenes Belo para o 19º Colóquio da Lusofonia em 2013 na Maia (S. Miguel, Açores) e para o 24º Colóquio na Ilha Graciosa em 2015, e foi aqui que surgiu a hipótese de se publicar este livro graças ao patrocínio do nosso associado e amigo José Soares, jornalista açor-canadiano.

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (Prémio Nobel da Paz, 1996, conjuntamente com José Ramos Horta) tem dedicado os seus últimos anos a estudar um tema que me fascina por ter vivido em ambos os locais: o da presença maciça de clero açoriano no Oriente, em Macau e Timor.

D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, têm em comum serem todos açorianos e Bispos de Macau.

Esta tradição de o clero açoriano se notabilizar fora do arquipélago vem desde os tempos remotos do povoamento. No século XVI, D. Frei João Estaco, foi bispo de Puebla de Los Angeles, no México. No século XVII, D. Frei Afonso Enes

de Benevides, foi bispo de Meliapor<sup>125</sup>; D. Frei Cristóvão da Silveira foi primaz do Oriente. No século XVIII, D. António Taveira Brum da Silveira, foi arcebispo de Goa e primaz do Oriente; D. Frei Bartolomeu do Pilar, foi bispo do Grão-Pará no Brasil; D. Manuel de Sousa Enes foi Prelado de Macau.

No século XX, novos açorianos contribuíram para a evangelização católica em especial no Oriente, como D. João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau; D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Prelado de Meliapor e de Nampula; D. José Vieira Alvernaz, Prelado de Cochim, arcebispo de Goa e Damão, e Patriarca das Índias Orientais; D. Paulo José Tavares, Bispo de Macau; D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau e D. Jaime Garcia Goulart, primeiro Prelado de Díli. Nos Estados Unidos da América, merece ainda alusão a figura de D. Humberto de Sousa Medeiros, cardeal de Boston.

Estes nomes mais destacados inserem-se no contexto mais abrangente de um movimento clerical que se perpetuava dentro das famílias, como é o caso da família Costa Nunes, pois José era sobrinho em segundo grau do Padre António da Glória, cura e vigário da Candelária de 1809 a 1856. Alguns dos familiares de Dom José da Costa Nunes foram atraídos para o sacerdócio. É o caso dos Padres Áureo da Costa Nunes e Castro; Manuel da Costa Nunes e António Maria Nunes da Costa, sobrinhos de D. José, e do bispo Jaime Garcia Goulart, seu primo.

Aliás, D. José da Costa Nunes não se limita somente a influenciar a rede familiar pois no decurso da sua estadia no Oriente leva onze jovens açorianos para o Seminário de Macau (oito terceirenses, dois picoenses e um faialense), nove dos quais seguiram a carreira eclesiástica.

Este livro traça, segundo as crónicas que o próprio deixou, o percurso do Padre açoriano Carlos da Rocha Pereira que passou 57 anos da sua vida em Timor (entre 1937 e 1994) onde viria a falecer. Lá sofreu as provações da Segunda Guerra Mundial num campo de concentração japonês em Liquiçá e mais tarde padeceu as agruras da ocupação indonésia. Regressou à Ilha Terceira natal apenas uma vez no decurso da sua vida (1952-53), passada em Cova-Lima, Soibada e Díli e em tantos outros locais que terão de consultar o mapa para os descobrirem nesses confins do Timor sempre esquecido e longínquo.

A maior parte destas crónicas foi publicada no jornal SEARA que nasceu como Boletim Eclesiástico da Diocese de Díli. No início dos anos 40, o futuro primeiro bispo da Diocese de Díli, D. Jaime Garcia Goulart queria criar um boletim próprio. No entanto, a iniciativa não foi concretizada por causa da Segunda Guerra Mundial (1942-1945) e só em 1948 foi possível reunir os elementos necessários para o boletim, cujo primeiro número surge “modestamente” em janeiro de 1949.

<sup>124</sup> [ao serviço da LUSA, jornal EUROPEU, RDP, Rádio Comercial e TDM-RTP Macau]

<sup>125</sup> São Tomé de Meliapor foi um antigo território de Portugal entre os anos de 1523 e 1662, e também entre 1687 e 1749. Está localizado na costa oriental da Índia.



Recordemos que a SEARA se definia no seu primeiro número como

*[...] a SEARA também terá de ser uma revista de caráter missionário, relato de tudo quanto se vai fazendo, de lés a lés da ilha, na árdua, mas divina tarefa de converter almas, de as ir transformando, elevando-as, chamando-as até nós, amoldando-as a uma nova conceção da vida, numa palavra, civilizando-as cristãmente no catecúmeno, na escola, na Igreja.* (SEARA, 1949, Ano 1 - nº 1, p. 11).

A SEARA, de periodicidade mensal, nasceu com uma tiragem de 500 exemplares, passou em 1955 a quadrimestral e durou na primeira fase até meados de 1964. O objetivo editorial da SEARA foi dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelos Padres e Missionários no território e difundir a cultura religiosa; ao mesmo tempo que se propunha ser um veículo de difusão cultural, tanto da cultura portuguesa como da timorense. Tornou-se, ao longo dos anos, um meio de divulgação de informação, formação, e entretenimento das elites timorenses.

Em 1966, após um interregno de quase dois anos, Dom Jaime Goulart decidiu reavivar esse Boletim Eclesiástico. Apesar das limitações decorrentes do controle estatal, nomeadamente da censura, o movimento nacionalista timorense utilizou o jornal, de 1970 em diante, como veículo de divulgação do pensamento político, designadamente através de artigos de opinião, comentários e análises sociais que continham já críticas à colonização portuguesa.

Muitos dos seus colaboradores timorenses ficaram conhecidos após 1964: Nicolau Lobato, José Ramos Horta, Francisco Xavier do Amaral, Francisco Borja da Costa, Mari Alkatiri, Manuel Carrascalão e Domingos de Oliveira.

Todavia, por ordem do Governador colonial coronel Alves Aldeia, o centro da publicação deste jornal foi fechado por agentes da *Policia Internacional em Defesa do Estado* (PIDE) a 10 de fevereiro de 1973<sup>126</sup>.

Para quem (como eu) viveu em Timor (1973-1975) e conhece a sua geografia uma noção sobressalta destas crónicas – que antecedem a minha chegada à Colónia - o espírito de sacrifício e de missão, sem um queixume nem uma mágoa. As condições primitivas de vida na maioria dos locais descritos faria desistir qualquer um, mas o Padre Carlos da Rocha Pereira até para as inclemências do clima é benévolo.

É isto que faz deste livro de crónicas uma narrativa de dedicação e abnegação. Durante a época das monções, as estradas - deixadas pelos ocupantes japoneses - em piso de terra batida tornavam-se ribeiras intransitáveis durante largos meses. Nos locais mais recônditos do território as populações

tinham de sobreviver apenas com os meios locais e sem comunicação com o resto do território.

Mesmo na cidade de Díli e na de Baucau, as condições não eram muito melhores, totalmente dependentes dos erráticos meios de transporte que transportavam os bens importados das outras colónias e do estrangeiro (Moçambique, Macau, Singapura, Hong-Kong, Austrália, etc.).

Se bem que estas crónicas se cinjam sobretudo a aspetos relacionados com o culto e a ação Missionária, há nelas alguns apontamentos sobre a vida nos locais onde ele desempenhava o seu múnus.

Algumas das celebrações aqui narradas da década de 1950 eram ainda tradição nos anos de 1970 quando lá vivi. Nada mudou até a Indonésia vir destruir o tecido humano tribal destes povos. Sobre este período não nos deixou infelizmente registo, ele que esteve no mato durante os primeiros anos da guerrilha e juntamente com a população sofreu essas agruras e a fome.

Tampouco nos narra a sua ação Missionária durante a ocupação indonésia quando lhe foi permitido continuar essa ação.

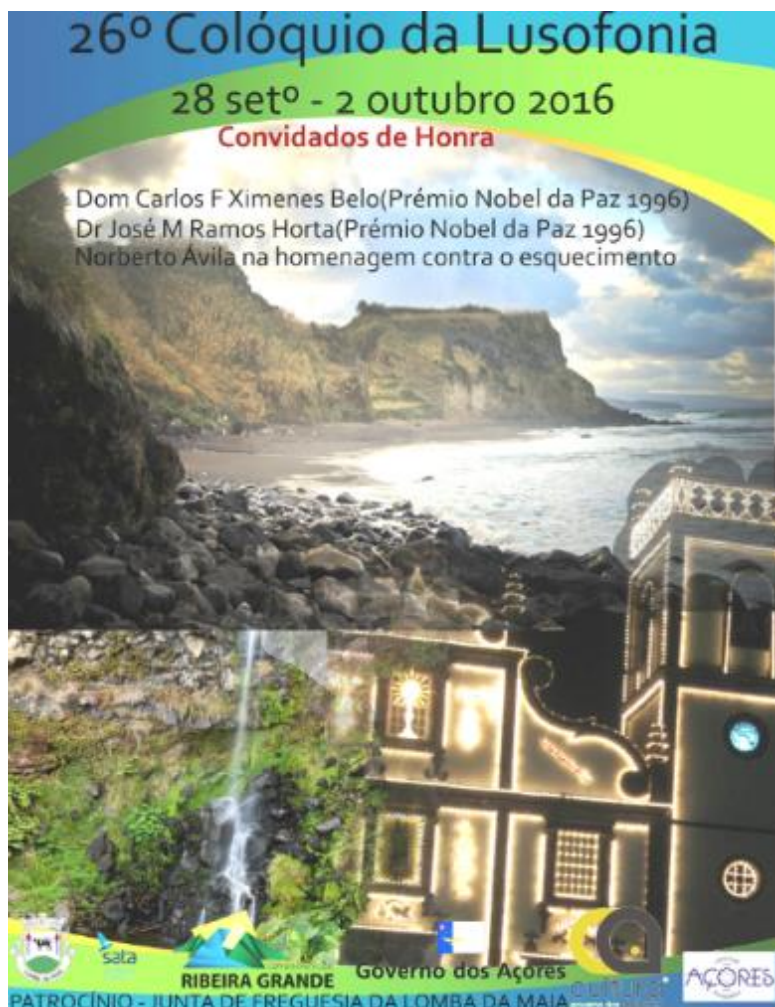
Para este Padre, a sua obra de Missionário não lhe permitia queixar-se de nada, embrenhado que estava na sua dedicada missão de vida, apascentando o seu rebanho terrestre em condições inóspitas. Uma lição de vida e um registo quase diarístico da sua devoção.

Lomba da Maia, S. Miguel, Açores, outubro 2012

ISBN 978 989 8607 08 9



<sup>126</sup> Jolliffe, Jill, 1978, p. 56- *East Timor: nationalism and colonialism*. St. Lucia: University of Queensland Press; e Gunn, Geoffrey, 1999, p. 57. *Timor Lorosae 500 anos*. Lisboa: Livros do Oriente



26º COLÓQUIO DA LUSOFONIA  
- LOMBA DA MAIA –28 setembro a 2 de outubro 2016

LIVRO DE ATAS – ANAIS  
26º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

- Lomba da Maia – 28 setembro a 2 de outubro 2016

